

3

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

- **LÍNGUA
PORTUGUESA**

**LINGUAGENS, CÓDIGOS
E SUAS TECNOLOGIAS**



**DOM
BOSCO**
by Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO



**MATERIAL DO
PROFESSOR**

- **Língua
Portuguesa**

**LINGUAGENS, CÓDIGOS
E SUAS TECNOLOGIAS**

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR 3
Linguagens, códigos e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Érica Antunes, Juliana Mello Souza, Umberto Cunha Neto
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz
Edição de conteúdo	Éverton Silva
Assistência de edição	Diogo Souza
Leitura crítica	Antônio Góes Neto
Preparação	Liane Pilon, Sérgio Nascimento
Revisão	Luzia Rodrigues
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Débora Lima
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Andrea Bolanho, Maricy Queiroz
Ilustrações	Carla Viana
Projeto Gráfico	Apis design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Apis design integrado
Imagem de capa	mvp64/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldim, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina, 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 4210-4450

www.pearson.com.br

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Extensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

SUMÁRIO



5

GRAMÁTICA



195

LITERATURA

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



MATERIAL DE LINGUAGENS
SISTEMA DE ENSINO DE LINGUAGENS DE EMBOSCO

GRAMÁTICA

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS



ORAÇÕES REDUZIDAS

- Orações reduzidas vs. orações desenvolvidas
- Subordinadas substantivas
- Subordinadas adjetivas
- Subordinadas adverbiais

HABILIDADES

- Reconhecer a importância da aplicação das formas reduzidas e desenvolvidas na construção das orações, de forma a fornecer mais recursos estilísticos à comunicação.
- Identificar as particularidades que nos permitem classificar uma oração como reduzida ou desenvolvida, compreendendo suas especificidades dentro das orações subordinadas.



BECK, Alexandre. *Armandinho*, 24 jul. 2017.

Na tirinha, ocorrem subordinadas reduzidas de infinitivo: "... superar o comodismo e o medo..." "... rever antigos conceitos..." e "... desenvolver empatia". Tais estruturas permitem que os conteúdos descritos sejam despersonalizados, a fim de que possam ser adequados a qualquer interlocutor.

As orações reduzidas são orações subordinadas que, diferentemente das chamadas desenvolvidas, não apresentam flexão de tempo, número ou pessoa, uma vez que possuem verbos nominais: infinitivo, gerúndio e particípio. Além disso, a subordinação dessas orações em relação às principais não ocorre por intermédio das partículas de cópula empregadas nas desenvolvidas: conjunções e pronomes.

Na tirinha, ocorre a estrutura composta "É preciso sensibilidade, informação, imaginação... superar o comodismo e o medo... rever antigos conceitos..."; assim como na estrutura "Desenvolver empatia não é para qualquer um!". Nesses dois casos, há o emprego de orações reduzidas.

É preciso sensibilidade, informação, imaginação... superar o comodismo e o medo...
... rever antigos conceitos

Período composto por subordinação

Oração subordinada reduzida

Desenvolver empatia não é para qualquer um!

Período composto por subordinação

Oração subordinada reduzida

Orações reduzidas vs. orações desenvolvidas



BOBMADEBOB/ISTOCK

É importante saber que, apesar de tanto as desenvolvidas quanto as reduzidas serem orações subordinadas, estas ocorrem geralmente não apresentando conjunção ou pronome como elemento de cópula, além de o verbo estar na forma nominal: infinitivo, particípio ou gerúndio.

Tais quais as orações desenvolvidas, as orações reduzidas também são subordinadas. Contudo, enquanto aquelas são iniciadas por um pronome ou por uma conjunção e apresentam verbos flexionados, sobretudo, em modo, tempo, número e pessoa, as reduzidas ocorrem não apresentando conjunções ou pronomes como elemento de cópula e com verbo na forma nominal: infinitivo, particípio e gerúndio.

Na construção das orações, em sua quase totalidade, é possível passar uma oração que esteja na forma reduzida para a forma desenvolvida e vice-versa.

[...] A égua pampa era um animal que não tinha aguentado ferro no quarto nem sela no lombo. Devia estar braba, metida nas brenhas, com medo de gente. Difícil topar na catinga um bicho assim. **Entretido**, esqueci o almoço e à tardinha descansei no bebedouro, **vendo** o gado enterrar os pés na lama. Apareceram bois, cavalos e miunça*, mas da égua pampa nem sinal. Anoteceu, um pedaço de lua branqueou os xiquexiques e os mandacarus, e eu me estirei na ribanceira do rio, de papo para o ar, olhando o céu, fui-me amadornando devagarinho, peguei no sono, com o pensamento em Cesária. Não sei quanto tempo dormi, sonhando com Cesária. Acordei numa escuridão medonha. [...]

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

*miunça: denominação dada pelos sertanejos ao gado caprino e ovino.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

No trecho destacado no excerto, “**Entretido**, esqueci o almoço e à tardinha descansei no bebedouro, **vendo** o gado enterrar os pés na lama.”, tanto “Entretido...” quanto “... vendo...” são verbos de orações reduzidas. Caso fossem desenvolvidas, o trecho ficaria “**Porque me entretive**/**Por ter me entretido**, esqueci o almoço e à tardinha descansei no bebedouro, **enquanto via** o gado enterrar os pés na lama.”

As orações subordinadas desenvolvidas **substantivas**, **adjetivas** e **adverbiais** podem ser classificadas como reduzidas.

Subordinadas substantivas reduzidas



LAERTE. Vocês tem filosofia barata?. *Fagundes, o puxa-saco*.

Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte>. Acesso em: jan. 2019.

No primeiro quadrinho, o período “Preciso reorientar minha vida.” apresenta oração subordinada substantiva reduzida de objeto indireto “... reorientar minha vida”. Como se percebe, ocorre o verbo nominal infinitivo “... reorientar...”: as substantivas reduzidas ocorrem apenas nessa forma verbal.

Orações que exercem função de sujeito, objeto direto ou indireto, complemento nominal, predicativo ou aposto, cumprindo a mesma função de substantivo na estrutura da oração principal, são classificadas como subordinadas substantivas.

Em geral, esses elementos são iniciados pelas conjunções integrantes **que** ou **se**.

A vendedora afirmou **que** precisava de mais produtos em estoque.

Período composto

Conjunção

Oração subordinada substantiva desenvolvida

Note que a oração subordinada à principal é substantiva e se inicia pela conjunção integrante *que*.

O verbo “precisar” está flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, “precisava”.

Diante dessa análise, pode-se dizer que esse enunciado é uma oração subordinada substantiva desenvolvida.

Sendo convertida para a forma reduzida, tem-se:

A vendedora afirmou **precisar** de mais produtos em estoque.

→ Período composto

Oração subordinada substantiva reduzida

Note agora que a oração subordinada não é iniciada por uma conjunção, mas por um verbo, “precisar”, que está expresso em uma de suas formas nominais: infinitivo.

Isso nos permite defini-la como uma **oração subordinada substantiva reduzida**.

Subordinadas substantivas	
Forma desenvolvida	Forma reduzida
Iniciada por conjunção ou locução conjuntiva	Não há conjunção ou locução conjuntiva, mas pode ocorrer preposição.
Possui verbo flexionado.	Verbo nominal infinitivo

Subordinadas adjetivas reduzidas

Observe o excerto:

Eram inseparáveis: Fogo dormia perto da cama do casal, e Alícia não suportava isso. Quando o cão trazia carrapatos para a cama, ela o enxotava, Jano protestava, o bicho soltava ganidos, ninguém dormia. Então Fogo voltava, quieto e mudo, e se aninhava no cantinho dele, **forrado com uma pele de jaguatirica**. Ela ia dormir no quarto do filho. Nos últimos meses da vida de Jano foi assim: Fogo e seu dono num quarto, e a mulher, sozinha, no quarto do filho ausente. O cachorro tinha na pelagem umas manchas amareladas que o menino detestava porque um dia o pai dissera: “Manchas que brilham que nem ouro. Aliás, Fogo é um dos meus tesouros”.

HATOUM, Milton. *Cinzas do norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

No trecho em destaque do excerto, “... forrado com uma pele de jaguatirica.”, o verbo nominal particípio “... forrado...” abre uma oração subordinada adjetiva reduzida de particípio, já que apresenta o predicado do substantivo “cantinho”, podendo ser substituída por “que estava forrado”.

Assim, são classificadas como adjetivas reduzidas as orações que exercem a função de adjunto adnominal de um termo da oração principal, cumprindo a mesma função de um adjetivo na sua construção.

Sendo desenvolvidas, essas orações, em sua maioria, são iniciadas pelo pronome relativo “**que**”.

Observávamos as crianças **que** brincavam no parque.

→ Período composto

Pronome relativo

Oração adjetiva desenvolvida

A oração subordinada é iniciada pela palavra *que*, empregada como pronome relativo. Além disso, a oração subordinada exerce a função de adjunto adnominal de “as crianças”; permitindo que seja classificada como oração subordinada adjetiva desenvolvida.

Sendo convertida para a forma reduzida, tem-se:

Observávamos as crianças **brincando** no parque.

→ Período composto

Oração adjetiva reduzida

Nessa nova formação, a oração subordinada é iniciada com um verbo nominal gerúndio, “brincando”, sem o emprego de pronome relativo (apesar de poder ser introduzida por preposição), o que permite que seja classificada como oração subordinada adjetiva reduzida.

Apesar de raramente orações subordinadas adjetivas apresentarem verbo no infinitivo, podem ocorrer em cada uma das formas verbais nominais:

INFINITIVO

*Um tesouro tão valioso não é coisa **de se achar facilmente**.*

PARTICÍPIO

*Os documentos **trazidos pela testemunha** serão analisados.*

GERÚNDIO

*Encontramos alguns turistas **andando perdidos no corredor do museu**.*

Subordinadas adjetivas	
Forma desenvolvida	Forma reduzida
Iniciada por pronome relativo.	Não há emprego de pronome relativo, mas pode ocorrer preposição.
Possui verbo flexionado.	Verbo no infinitivo, particípio ou gerúndio.

Subordinadas adverbiais reduzidas



GONSALES, Fernando. Rurais. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www2.uol.com.br/niquel/seletas.shtml>. Acesso em: jan. 2019.

No último quadrinho, o período "... [muitos cavalos dormem deitados!] usando o *sleeping alheio*" apresenta a oração subordinada adverbial de modo reduzida de gerúndio "... usando o *sleeping alheio*", uma vez que tal estrutura descreve como a personagem cavalo dorme: fazendo uso do saco de dormir da personagem humana.

Orações que cumprem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal, exercendo a mesma função de um advérbio, são classificadas como subordinadas adverbiais.

Essas estruturas podem conferir à oração principal circunstâncias de tempo, modo, finalidade, causa, consequência ou condição.

Quando desenvolvidas, são iniciadas por conjunções ou locuções conjuntivas.

Soube do resultado do jogo **assim que** cheguei ao estádio.

Período composto

Locução conjuntiva

Oração subordinada adverbial desenvolvida

A oração subordinada, neste caso, está cumprindo função de adjunto adverbial do verbo *saber* flexionado, "Soube...". Além disso, inicia a oração subordinada como com a locução conjuntiva "assim que".

Essas características permitem que a oração seja classificada como subordinada adverbial desenvolvida.

Sendo convertida para a forma reduzida, tem-se:

Soube do resultado do jogo **chegando** ao estádio.

Período composto

Oração subordinada adverbial reduzida

Após reduzida, a oração subordinada é iniciada por um verbo nominal no gerúndio "chegando", sem o emprego de conjunção ou locução conjuntiva, apesar de poder ser introduzida por preposição.

As reduzidas adverbiais podem ocorrer em cada uma das formas verbais nominais:

INFINITIVO

*Descansou alguns minutos para **continuar a caminhada**.*

PARTICÍPIO

***Terminada a apresentação**, a plateia estava emocionada.*

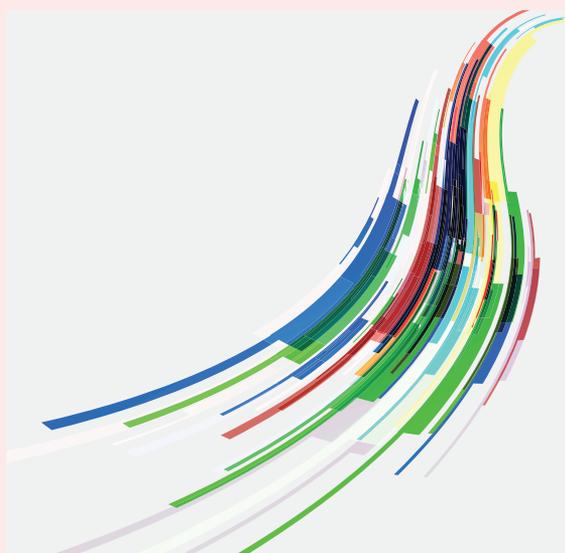
GERÚNDIO

***Notando seu desânimo**, pensei em desistir da viagem.*

Subordinadas adverbiais

Forma desenvolvida	Forma reduzida
Iniciada por conjunção subordinativa	Não há emprego de conjunção.
Possui verbo flexionado.	Verbo expresso no gerúndio, infinitivo ou particípio

LEITURA COMPLEMENTAR



NIKUNJ UMRETYA/ISTOCK

Ainda que sob uma análise diacrônica, percebe-se que nem todas as circunstâncias adverbiais podem ser expressas sob a forma de orações reduzidas de gerúndio, sendo privilegiadas as circunstâncias do espectro modo-temporal.

Nem toda as circunstâncias adverbiais podem ser expressas sob a forma de orações reduzidas de gerúndio

Além das propriedades de compor perífrases de verbos aspectuais e de apresentar-se como uma opção para estratégias de adjunção por relativização, igualmente às suas correspondentes sob forma de orações subordinadas desenvolvidas, as orações reduzidas permitem uma interpretação de suas propriedades semânticas pelas relações proposicionais de *tempo*, *modo*, *condição* e *causa*. Com algumas restrições que podem ser feitas quanto à sua interpretação, encontramos exemplos de *concessão*, *finalidade* e *consequência*. Expressas apenas sob forma de orações desenvolvidas ou reduzidas de infinitivo, não encontramos no *corpus* as seguintes relações, a saber: *comparação*, *conformidade* e *proporção*.

É necessário fazer uma ressalva a respeito da necessidade que se impõe no estágio atual de minha pesquisa em agregar ao estudo das reduzidas as orações conjuncionais desenvolvidas, com a finalidade de investigar se houve mudança sintática envolvendo a realização desta ou daquela circunstância adverbial. As mesmas restrições de ordem discursiva apontadas sobre a constituição do *corpus* valem para este questionamento e só poderei fazer o recorte necessário, uma vez que o mesmo esteja estabelecido satisfatoriamente. Permanece essa questão dentro da agenda de estudos que envolvem a gramaticalização das orações reduzidas.

Um olhar superficial sobre os dados revela a predominância de realização de orações adverbiais com matiz modal-temporal sob a forma de orações reduzidas de gerúndio:

(55) Na correspondência de São Paulo encontramos o seguinte período: “— Vossamercê me tem recommendado verdade e

moderação: eu quebraria seus conselhos se *escrevesse* **respeitando** prejuízos e conveniências mal entendidas do lugar, principalmente da imprensa abastarda do Correio.” (CJ-SP-497-CP-1855)

(56) Uma hora depois, indo avisar Dom Caralampio, do acordo, *encontrei-o* **altercando** com 3 meus empregados, que desde cedo havia mandado, para impedirem que a pedra fosse levada para outra casa, o que qualquer em meu logar faria, porque quem não tem pedras, não tem também a ousadia de imprimir em pedra alheia, e sem consentimento do proprietário. (CJ-SP- 535-OSP-1891)

Os exemplos (55) e (56) permitem tanto uma leitura modal como uma leitura temporal. Uma forma de analisar estas construções seria verificar no plano semântico o acúmulo de funções decorrentes da opção pela forma reduzida. Mais adiante iremos comentar o caráter discursivo das reduzidas do gerúndio e lá ampliaremos o raciocínio de que a redução, vista sob o prisma da sua discursividade, é uma forma de preservação da face, evitando a possível asseveração que a mesma estrutura poderia inspirar se realizada como uma oração desenvolvida.

No *corpus* selecionado para este trabalho, encontrei os seguintes exemplos de reduzidas de gerúndio, os quais irei comentando previamente, a título de amostragem do que pode ser futuramente analisado em meu estudo.

Adjetivas

(57) Os novos escriptores **possuindo** todos os elementos para discutirem convenientemente os interesses publicos, e livres da influencia do poder, encelão hoje a sua missão cheios de vida e confiança no concurso dos paulistas, afins de espancar-se a esterelidade que vae dominando a nossa época. (CJ-SP- 505-CP-29jul1857)

(58) Vi no Diario uma defesa, em favor da companhia, **dementindo** a primeira queixa publicada na Provincia, e não soube como decidir-me, o que acontece a quem vive no matto e não anda a par de todas as cousas. (CJ-SP- 514-APSP-12mar1857)

(59) O que sei é que ja foi juiz, cujas bravatas existem em cartorio onde exerceo esse cargo, **despachando** em um inquerito onde disem, era indiciado e hoje é representante da sociedade. (CJ-SP- 525-CP-22jul1893)

Os exemplos abaixo evidenciam as relações proposicionais que também podem ser expressas por reduzidas de gerúndio.

Temporais

(60) ... para mim quando eu passo muito tempo na cidade também arde **andando** de carro inclusive. (D2-RJ-147-1976)

(61) o Tabelião Bonifacio Joze Soares pertendia prendelo por cumprir com aobrigação [de] 1v seu officio, não So Senão ocultou, mas passando a mayor excesso otem procurado muitas vezes em Sua propria Caza, **eem contrando** o em outra desta villa publica mente lheaRemeçou acara com hum chapeo (C-BA-SFC-22fev1765)

Modais

(62) *cõ jsto se volueo bertolameu dijaz ao capitam eviemonos aas naaos acomer **tanjendo** tronbetas e gaitas sem lhes dar mais apresam e eles tornaramse aasentar na praya Easy por entam ficarã. (sécXVI-CPVC-5v29)*

(63) *Na correspondencia de São Paulo encontramos o seguinte periodo: “— Vossamercê me tem recommendado verdade e moderação: eu quebraria seus conselhos se **escrevesse respeitando** prejuizos e conveniencias mal entendidas do lugar, principalmente da imprensa abastarda do Correio.” (CJ-SP-497-CP-1855)*

Causais

(64) **Sendo** eu e Leyto no Pelouro, que fez o Dezembargador Ouvidor da Comarca por Juiz ordinario da Villa doMarauí, berto o arquivo, tomey posse dolugar de Juiz, que actualmente ocupo, enomesmo exercicio continuo, sem nota contraria a obom zello dajustiçca (C-BA-Mar-06out1763).

Condicionais

(65) [...] ora o Estudante pobre, **vento** que o rico pode campar assim; não se vexarã não podendo trazer se não uma calça de ganga, umas meias de lã ou de algodão? (CJ-SP- 389-FP-15mar1828)

(66) *seremos inda nisto novamente enquietados, não **bastando** para hisso outra de manda que inda resta com este homem, fora as mais que a sua fertil imaginação lhesugerir dar (CJ-SP- particular-PHPB-RJ-14dez1800)*

Os exemplos abaixo contêm gerúndios que podem, *a priori*, ser interpretados com o valor proposicional de concessão, finalidade e consequência, respectivamente.

Concessivas

(67) *Se mesmo **indo** de carro já é difícil, imagine a pé. [exemplo meu]*

Finais

(68) *Humildemente supplicamos a Vossa Excelencia que por sua | innata benignidade **attendendo** as nossas sinceras intençoens nos Releve e perdoe os ditos culpaveis desacertos. (C-BA-Jag16jan1797)*

Consequenciais

(69) *O pessoal da dogmática jurídica também faria a mesma coisa **pensando** sociologia é uma coisa, filosofia é outra. (EF-REC apud Braga, 2002:241)*

Assim como anunciamos anteriormente, as circunstâncias de *comparação*, *conformidade* e *proporcionalidade* parecem não ter correspondentes gerúndiais, como mostram os exemplos abaixo.

Comparativas

(70) *pero huu deles pos olho no colar do capitam e começou daçenar cõ amãõ pera aterra e depois perao colar **como que** nos dizia que avia em tera outro. (CPVC-3r3-séc.XVI)*

Conformativas

(71) *Easy seguimos nosso caminho per este mar delomgo ataa terça feira doitaus de pascoa que foram xxj dias dabril que topamosl algiiis synaaes de tera seemdo da dita jlha **seguno** os pilotos deziam obra de bjclx ou lxx legoas. (CPVC-1r32- séc.XVI)*

Proporcionais

(72) *À **medida que** avançavam, iam penetrando no coração da trovoada. (M.Torga, V, 195 apud Cunha & Cintra, p. 576)*

Assim, percebe-se que apenas algumas das circunstâncias adverbiais podem ser expressas sob a forma de reduzidas de gerúndio.

SIMÕES, José da Silva. Variação das orações reduzidas de gerúndio e orações desenvolvidas conjuncionais: sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no português brasileiro. In: LOBO, Tania et al (Org.). *Para a história do português brasileiro*: volume VI: novos dados, novas análises. Tomo I. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 335-386.

ROTEIRO DE AULA

ORAÇÕES REDUZIDAS

As orações subordinadas desenvolvidas

cumprem função sintática de substantivo, adjetivo ou advérbio em relação à oração principal, sendo iniciadas por um pronome ou por uma conjunção, além de apresentarem verbos flexionados, sobretudo, em modo, tempo, número e pessoa.

Já as orações reduzidas

em relação ao período composto

também são subordinadas e cumprem função sintática na estrutura da oração principal do período.

em relação à cópula

não apresentam conjunções ou pronomes como elemento de cópula, mas podem apresentar preposições.

em relação à forma verbal

seus verbos ocorrem na forma nominal: infinitivo, particípio ou gerúndio.

ROTEIRO DE AULA

podem ser classificadas como

subordinadas substantivas reduzidas

subordinadas adverbiais reduzidas

subordinadas adjetivas reduzidas

**caso, na oração,
ocupe a posição
sintática de um**

**caso, na oração,
ocupe a posição
sintática de um**

**caso, na oração,
ocupe a posição
sintática de um**

substantivo.

advérbio.

adjetivo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Imed-RS

Dia da Proclamação da República

Há exatos 125 anos, em 15 de novembro de 1889, foi proclamada a república do Brasil.

Na época, o país era governado por D. Pedro II e passava por grandes problemas, em razão da abolição da escravidão, em 1888.

Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados, o que gerou insatisfação nos proprietários de terras.

As perdas também foram grandes para os coronéis, pois haviam gasto uma enorme quantidade de dinheiro investindo nos escravos, e o governo, após a abolição, não pagou nenhuma indenização a eles.

A guerra do Paraguai (1864 a 1870) também ajudou na luta contra o regime monárquico no Brasil. Soldados brasileiros se aliaram aos exércitos do Uruguai e da Argentina, recebendo orientações para implantarem a república no Brasil.

Os movimentos republicanos também já aconteciam no país, a imprensa trazia politização à população civil, para lutarem pela libertação do país dos domínios de Portugal. Com isso, vários partidos teriam sido criados, desde 1870.

A Igreja também teve sua participação para que a república do Brasil fosse proclamada. Dois bispos foram nomeados para acatarem as ordens de D. Pedro II, tornando-se seus subordinados, mas não aceitaram tais imposições. Com isso, foram punidos com pena de prisão, levando a igreja a ir contra o governo.

Com as tensões aquecendo o mandato de D. Pedro II, o imperador dirigiu-se com sua família para a cidade de Petrópolis, também no estado do Rio de Janeiro.

Porém seu afastamento não foi nada favorável, fazendo com que fosse posto em prática um golpe militar, onde o Marechal Deodoro da Fonseca conspirava a derrubada de D. Pedro II.

Boatos de que os responsáveis pelo plano seriam presos fizeram com que a armada acontecesse, recebendo o apoio de mais de seiscentos soldados.

No dia 15 de novembro de 1889, ao passar pela Praça da Aclamação, o Marechal, com espada em punho, declarou que, a partir daquela data, o país seria uma república.

Dom Pedro II recebeu a notícia de que seu governo havia sido derrubado e um decreto o expulsava do país, juntamente com sua família. Dias depois, voltaram a Portugal.

Para governar o Brasil República, os responsáveis pela conspiração montaram um governo provisório, mas o Marechal Deodoro da Fonseca permaneceu como presidente do país. Rui Barbosa, Benjamin Constant, Campos Sales e outros foram escolhidos para formar os ministérios.

Jussara de Barros, <www.brasilecola.com>. Adaptado.

Em relação ao período:

Como os negros não trabalhavam mais nas lavouras, os imigrantes começaram a ocupar seus lugares, plantando e colhendo, mas cobravam pelos trabalhos realizados.

são feitas as seguintes afirmações:

- I. É um período composto, formado por orações subordinadas e coordenadas.

II. **plantando** e **colhendo** representam orações reduzidas de gerúndio.

III. **a ocupar seus lugares** poderia ser expandida, assumindo a forma *a ocupação de seus lugares*.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

A proposição III é incorreta, pois o segmento “a ocupar seus lugares” não admite conjunção subordinativa, ou pronome, que dê origem a uma oração desenvolvida.

2. FGV-SP

Do casamento

O casamento foi a maneira que a humanidade encontrou de propagar a espécie sem causar falatório na vizinhança. As tradições matrimoniais se transformaram através dos tempos e variam de cultura para cultura. Em certas sociedades primitivas o tempo gasto nas preliminares do casamento – corte, namoro, noivado etc. – era abreviado. O macho escolhia uma fêmea, batia com um tacape na sua cabeça e a arrastava para a sua caverna. Com o passar do tempo este método foi sendo abandonado, por pressão dos *buffets*, das lojas de presente e das mulheres, que não admitiam um período pré-conjugal tão curto. O homem precisava aproximar-se dela, cheirar seus cabelos, grunhir no seu ouvido, morder a sua orelha e só então, quando ela estivesse distraída, bater com o tacape na sua cabeça e arrastá-la para a caverna.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM. 1994.

O casamento foi a maneira que a humanidade encontrou de propagar a espécie **sem causar falatório na vizinhança**.

Assinale a opção em que a oração reduzida sublinhada está corretamente desenvolvida.

- a) [...]sem que cause falatório na vizinhança.
b) [...]sem que seja causado falatório na vizinhança.
c) [...]sem que causasse falatório na vizinhança.
d) [...]sem que tivesse causado falatório na vizinhança.
e) [...]sem causar-se falatório na vizinhança.

Deve haver conversão de uma oração reduzida para uma desenvolvida. Como as orações anteriores apresentam verbos no pretérito perfeito do indicativo (“foi” e “encontrou”), a combinação de tempo e modo verbal da próxima oração realmente é o pretérito imperfeito do subjuntivo “causasse”.

3. EsPCEEx (Aman)-SP

Noruega como modelo de reabilitação de criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam “Por quê?”. E eu pergunto: “Por que não?” O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas

nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no *ranking* do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia.

A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar.

A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

GOMES, Luiz Flávio. Disponível em: <<http://institutoavantebrasil.com.br>>. Acesso em: 17 de março de 2017. Adaptado.

No período,

Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia.

, as duas orações destacadas são subordinadas reduzidas de infinitivo e classificam-se, respectivamente, como

- a) substantiva apositiva e substantiva subjetiva.
- b) adverbial final e substantiva subjetiva.**
- c) adverbial final e substantiva completiva nominal.
- d) substantiva objetiva indireta e adverbial consecutiva.
- e) adverbial consecutiva e substantiva apositiva

No período "Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia", "oferecer muitas atividades" tem função de sujeito da oração "é a estratégia"; e "Para controlar o ócio" funciona como adjunto adverbial da oração principal, indicando a finalidade das atividades promovidas para os presidiários.

4. EsPCEEx (Aman)-SP (adaptada) – Em "A velha disse-lhe **que descansasse**", do conto Noite de Almirante, de Machado de Assis, a oração destacada, que está em sua forma desenvolvida, é uma subordinada

- a) substantiva objetiva indireta.
- b) adverbial final.**
- c) adverbial conformativa.
- d) adjetiva restritiva.
- e) substantiva objetiva direta.**

Na frase "A velha disse-lhe que descansasse", a conjunção integrante "que" inicia uma oração que exerce função de objeto direto relativamente à oração principal, expressa em sua forma desenvolvida.

5. EsPCEEx (Aman)-SP – Assinale a alternativa que apresenta uma circunstância de tempo.

- a) Varrendo o quarto, não encontraste nada.**
- b) Seguindo o hábito, passearam juntos.
- c) Sendo eu rei, não faria outra coisa.
- d) Voltando cedo, você pode sair.
- e) Sendo dos que correm, detesta o esporte.**

Todas as opções apresentam orações reduzidas de gerúndio, mas apenas na opção A existe noção de tempo, já que pode ser substituída por oração desenvolvida subordinada temporal: "quando varreste o quarto" ou "assim que varreste o quarto".

6. Fatec-SP

C8-H27

A oração destacada está em forma reduzida de infinitivo:

Apesar de só dizer a verdade, não lhe deram crédito.

Assinale a alternativa em que ela aparece desenvolvida de forma correta.

- a) Apesar que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.**
- b) Apesar que só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.**

- c) Visto que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
 (d) Embora só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
 e) Mesmo dizendo a verdade, não lhe deram crédito.

A oração exprime ideia de oposição, por isso, a forma desenvolvida deve conter uma conjunção que exprima ideia de adversidade (**em-bora**), para manter a coerência em sua construção. Além disso, é necessário que o verbo "dizer" esteja flexionado num tempo verbal que exprima um momento diferente ao do verbo na oração subordinada.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fatec-SP (adaptada)

É boa a notícia para os fãs da natação, vôlei de praia, futebol, hipismo, ginástica rítmica e tiro com arco **que buscam ingressos para os Jogos Olímpicos Rio 2016**. Entradas para catorze sessões esportivas dessas modalidades, que tinham se esgotado na primeira fase de sorteio de ingressos, estão à venda.

Disponível em: <<http://tinyurl.com/qapfdjt>>. Acesso em: 12.09.2015. Adaptado.

A oração subordinada destacada nesse fragmento é

- a) desenvolvida adjetiva restritiva.
 b) desenvolvida adjetiva explicativa.
 c) reduzida substantiva subjetiva.
 d) reduzida substantiva apositiva.
 e) desenvolvida substantiva predicativa.
- 8. Fatec-SP** – Considere o seguinte trecho para responder à questão:

Há o lado policial, ou de guerra, com os Estados Unidos **construindo** muros e **fortalecendo** a repressão em suas linhas de junção com o território mexicano. E há o lado político e econômico: o da imigração. Um homem mexicano de 35 anos, com nove de instrução, pode ganhar 132% a mais trabalhando nos Estados Unidos.

Newton Carlos. Narcotráfico corrói a estabilidade do estado mexicano. In: *Mundo* – geografia e política internacional. Edição 100, ano 17, n. 4, agosto/2009, p. 11. Adaptado.

As orações em cujo interior estão os verbos *construindo* e *fortalecendo*, destacados no trecho do texto, equivalem a orações subordinadas adjetivas (reduzidas de gerúndio). Assinale a alternativa em que essas orações encontram-se desenvolvidas adequadamente.

- a) ... Estados Unidos ainda que constroem muros e que fortaleçam a repressão...
 b) ... Estados Unidos, onde se constroem muros e se fortalecem a repressão...
 c) ... Estados Unidos, que constroem muros e que fortalecem a repressão...
 d) ... Estados Unidos logo que constroem muros e fortalecem a repressão...
 e) ... Estados Unidos no qual constroem muros que fortalecem a repressão...

9. EsPCEx (Aman)-SP

Noruega como modelo de reabilitação de criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam "Por quê?". E eu pergunto: "Por que não?" O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia.

A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o car-

go, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar.

A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

GOMES, Luiz Flávio. Disponível em: <<http://institutoavantebrasil.com.br>>. Acesso em: 17 de março de 2017. Adaptado.

A ideia de explicação, expressa na forma desenvolvida, está presente em apenas uma das orações sublinhadas, nas alternativas abaixo.

- a) ... detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.
- b) Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar.
- c) ... é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram.
- d) ..., tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão.
- e) ..., reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime...

10. EsPCEx (Aman)-SP (adaptada) – No período “Ninguém sabe **como ela aceitará a proposta**”, a oração grifada é uma subordinada

- a) adverbial reduzida comparativa.
- b) substantiva desenvolvida completiva nominal.
- c) substantiva desenvolvida objetiva direta.
- d) adverbial modal reduzida de gerúndio.
- e) adverbial causal reduzida de infinitivo.

11. Faculdade Albert Einstein-SP

Ode no Cinquentenário do Poeta Brasileiro

(...)

Certamente não sabias
que nos fazes sofrer.

É difícil de explicar
esse sofrimento seco (...)

Não é o canto da andorinha, debruçada nos telhados da
[Lapa,

anunciando que tua vida passou à toa, à toa.

Não é o médico mandando exclusivamente tocar um
[tango argentino,

diante da escavação no pulmão esquerdo e do pulmão
[direito infiltrado.

Não são os carvoeirinhos raquíticos voltando
[encarapitados nos burros velhos.

Não são os mortos do Recife dormindo profundamente na
[noite.

Nem é tua vida, nem a vida do major veterano da guerra
[do Paraguai,

a de Bentinho Jararaca

ou a de Christina Georgina Rossetti:

és tu mesmo, é tua poesia,

tua pungente, inefável poesia,

ferindo as almas, sob a aparência balsâmica,

queimando as almas, fogo celeste, ao visitá-las;

é o fenômeno poético, de que te constituíste o misterioso
[portador

e que vem trazer-nos na aurora o sopro quente dos mundos,
das amadas exuberantes e das situações exemplares que
[não suspeitávamos.

O trecho acima integra o poema “Ode no Cinquentenário do Poeta Brasileiro”, da obra *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade. Dele não é correto afirmar que

- a) utiliza construção que se faz por um jogo antitético consubstanciado por significativo uso de anáforas.
- b) indicia a figura do poeta Manuel Bandeira, objeto da Ode (homenagem), pelas citações de expressivos poemas que conformam seu universo estético.
- c) revela que o que importa não são os poemas nas particularidades de seus temas, mas o fenômeno poético mesmo em sua essência e que faz do poeta seu misterioso portador.
- d) apresenta uma quebra do ritmo poético motivada pelo uso reiterado do gerúndio e pela ausência de correlação sintática entre as orações que se mostram propositalmente incompletas.

Texto para as questões 12 e 13

Sobre o mar e o navio

Na guerra naval, existem ainda algumas peculiaridades que merecem ser abordadas.

Uma delas diz respeito ao cenário das batalhas: o mar. Diferente, em linhas gerais, dos teatros de operações terrestres, o mar não tem limites, não tem fronteiras definidas, a não ser nas proximidades dos litorais, nos estreitos, nas baías e enseadas.

Em uma batalha em mar aberto, certamente, poderão ser empregadas manobras táticas diversas dos engajamentos efetuados em área marítima restrita. Nelas, as forças navais podem se valer das características geográficas locais, como fez o comandante naval grego Temístocles, em 480 a.C. ao atrair as forças persas para a baía de Salamina, onde pôde proteger os flancos de sua formatura, evitando o envolvimento pela força naval numericamente superior dos invasores persas.

As condições meteorológicas são outros fatores que também afetam, muitas vezes de forma drástica, as operações nos teatros marítimos. O mar grosso, os vendavais, ou mesmo as longas calmarias, especialmente na era da vela, são responsáveis por grandes transtornos ao governo dos navios, dificultando fainas e manobras e, não poucas ve-

zes, interferindo nos resultados das ações navais ou mesmo impedindo o engajamento. É oportuno lembrar que o vento e a força do mar destruíram as esquadras persa (490 a.C.), mongol (1281) e a incrível Armada Espanhola (1588), salvando respectivamente a Grécia, o Japão (que denominou de *kamikaze* o vento divino salvador) e a Inglaterra daqueles invasores vindos do mar.

O cenário marítimo também é o responsável pela causa mortis da maioria dos tripulantes dos navios afundados nas batalhas navais, cujas baixas por afogamento são certamente mais numerosas do que as causadas pelos ferimentos dos impactos dos projéteis, dos estilhaços e dos abaloamentos. Em maio de 1941, o cruzador de batalha britânico HMS Hood, atingido pelo fogo da artilharia do Bismarck, afundou, em poucos minutos, levando para o fundo cerca de 1400 tripulantes, dos quais apenas três sobreviveram.

Aliás, o instante do afundamento de um navio é um momento crucial para a sobrevivência daqueles tripulantes que conseguem saltar ou são jogados ao mar, pois o efeito da sucção pode arrastar para o fundo os tripulantes que estiverem nas proximidades do navio no momento da submersão. Por sua vez, os naufragos podem permanecer dias, semanas, em suas balsas à deriva, em um mar batido pela ação dos ventos, continuamente borrifadas pelas águas salgadas, sofrendo o calor tropical escaldante ou o frio intenso das altas latitudes, como nos mares Ártico, do Norte ou Báltico, cujas baixas temperaturas dos tempos inverniais limitam cabalmente o tempo de permanência n'água dos naufragos, tornando fundamental para a sua sobrevivência a rapidez do socorro prestado.

O navio também é um engenho de guerra singular. Ao mesmo tempo morada e local de trabalho do marinheiro, graças à sua mobilidade, tem a capacidade de conduzir homens e armas até o cenário da guerra. Plataforma bélica plena e integral, engaja batalhas, sofre derrotas, naufraga ou conquista vitórias, tornando-se quase sempre objeto inesquecível da história de sua marinha e país.

CESAR, William Carmo. Sobre o mar e o navio. In: *Uma história das Guerras Navais: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.

12. Escola Naval-RJ – Leia o trecho a seguir:

[...] como fez o comandante naval Temístocles, em 480 a.C. ao atrair as forças persas para a baía de Salamina [...]

De acordo com a orientação argumentativa do texto, assinale a opção em que o significado discursivo da palavra destacada acima, indicando uma oração reduzida, está correto.

- | | |
|-------------------|--------------------|
| a) Comparação. | d) Exemplificação. |
| b) Generalização. | e) Confirmação |
| c) Explicação. | |

13. Escola Naval-RJ – Assinale a opção em que a oração subordinada reduzida está corretamente classificada.

- a) Subordinada adverbial final.
[...] ao atrair as forças persas para a baía de Salamina [...]
- b) Subordinada substantiva subjetiva.
[...] dificultando fainas e manobras e, não poucas vezes, [...]
- c) Subordinada adjetiva restritiva.
[...] atingido pelo fogo da artilharia do Bismarck [...]

- d) Subordinada adverbial causal.
[...] sofrendo o calor tropical escaldante ou o frio intenso [...]
- e) Subordinada substantiva completiva nominal.
[...] de conduzir homens e armas até o cenário da guerra.

14. EsPCEX (Aman)-SP (adaptada) – Assinale a alternativa que analisa corretamente a oração sublinhada, que está em sua forma desenvolvida, na frase a seguir.

Os animais que se alimentam de carne chamam-se carnívoros.

- a) A oração adjetiva sublinhada serve para explicar como são chamados os animais que se alimentam de carne e, portanto, por ser explicativa, deveria estar separada por vírgulas.
- b) Como todos os animais carnívoros alimentam-se de carne, não há restrição. Nesse caso, a oração sublinhada só poderá ser explicativa e, portanto, deveria estar separada por vírgulas.
- c) Trata-se de uma oração evidentemente explicativa, pois ensina como são chamados os animais que se alimentam de carne. Sendo assim, a oração adjetiva sublinhada deveria estar separada por vírgulas.
- d) A oração adjetiva sublinhada tanto pode ser explicativa, pois esclarece, em forma de aposto, o termo antecedente, quanto pode ser restritiva, por limitar o sentido do termo “animais”.
- e) A oração adjetiva sublinhada só pode ser restritiva, pois reduz a categoria dos animais e é indispensável ao sentido da frase: somente os que comem carne é que são chamados de carnívoros.

15. UEG-GO

O mundo como pode ser: uma outra globalização

Podemos pensar na construção de um outro mundo a partir de uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir uma globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.

Considerando o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos, em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças ao progresso da informação, a “mistura” de filosofia, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura

popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada pessoa. De tal modo, em mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2006. Adaptado.

Considere o seguinte parágrafo:

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

A oração reduzida de gerúndio “abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual” retoma como sujeito o seguinte sintagma:

- a) uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais.
- b) a população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra.
- c) descoberta pelas massas.
- d) o discurso da escassez.
- e) tais alicerces.

16. PUCCamp-SP

História da pintura, história do mundo

O homem nunca se contentou em apenas ocupar os espaços do mundo; sentiu logo a necessidade de representá-los, reproduzi-los em imagens, formas, cores, desenhá-los e pintá-los na parede de uma caverna, nos muros, numa peça de pano, de papel, numa tela de monitor. Acompanhar a história da pintura é acompanhar um pouco a história da humanidade. É, ainda, descortinar o espaço íntimo, o espaço da imaginação, onde podemos criar as formas que mais nos interessam, nem sempre disponíveis no mundo natural. Um guia notável para aprender a ler o mundo por meio das formas com que os artistas o conceberam é o livro *História da Pintura*, de uma arguta irmã religiosa, da ordem de Notre Dame, chamada Wendy Beckett. Ensina-nos a ver em profundidade tudo o que os pintores criaram, e a reconhecer personagens, objetos, fatos e ideias do período que testemunharam.

A autora começa pela Pré-História, pela caverna subter-

rânea de Altamira, em cujas paredes, entre 15000 e 12000 a.C., toscos pincéis de caniços ou cerdas e pó de ocre e carvão deixaram imagens de bisões e outros animais. E dá um salto para o antigo Egito, para artistas que já obedeciam à chamada “regra de proporção”, pela qual se garantia que as figuras retratadas – como caçadores de aves e mulheres lamentosas no funeral de um faraó – se enquadrassem numa perfeita escala de medidas. Já na Grécia, a pintura de vasos costuma ter uma função narrativa: em alguns notam-se cenas da *Iliada* e da *Odisseia*. A maior preocupação dos artistas helenísticos era a fidelidade com que procuravam representar o mundo real, sobretudo em seus lances mais dramáticos, como os das batalhas. A arte cristã primitiva e medieval teve altos momentos, desde os consagrados à figuração religiosa nas paredes dos templos, como as imagens da Virgem e do Menino, até as ilustrações de exemplares do Evangelho, as chamadas “iluminuras” artesanais. Na altura do século XII, o estilo gótico se impôs, tanto na arquitetura como na pintura. Nesta, o fascínio dos artistas estava em criar efeitos de perspectiva e a ilusão de espaços que parecem reais. Mas é na Renascença, sobretudo na italiana, que a pintura atinge certa emancipação artística, graças a obras de gênios como Leonardo, Michelangelo, Rafael. É o império da “perspectiva”, considerada por muitos artistas como mais importante do que a própria luz. Para além das representações de caráter religioso, as paisagens rurais e retratos de pessoas, sobretudo das diferentes aristocracias, apresentam-se num auge de realismo.

Em passos assim instrutivos, o livro da irmã Wendy vai nos conduzindo por um roteiro histórico da arte da pintura e dos sucessivos feitos humanos. Desde um jogo de boliche numa estalagem até figuras femininas em atividades domésticas, de um ateliê de ourives até um campo de batalha, tudo vai se oferecendo a novas técnicas, como a da “câmara escura”, explorada pelo holandês Vermeer, pela qual se obtinha melhor controle da luminosidade adequada e do ângulo de visão. Entram em cena as novas criações da tecnologia humana: os navios a vapor, os trens, as máquinas e as indústrias podem estar no centro das telas, falando do progresso. Nem faltam, obviamente, os motivos violentos da história: a Revolução Francesa, a sanguinária invasão napoleônica da Espanha (num quadro inesquecível de Goya), escaramuças entre árabes. Em contraste, paisagens bucólicas e jardins harmoniosos desfilam ainda pelo desejo de realismo e fidedignidade na representação da natureza. Mas sobrevém uma crise do realismo, da submissão da pintura às formas dadas do mundo natural. Artistas como Manet, Degas, Monet e Renoir aplicam-se a um novo modo de ver, pelo qual a imagem externa se submete à visão íntima do artista, que a tudo projeta agora de modo sugestivo, numa luz mais ou menos difusa, apanhando uma realidade moldada mais pela impressão da imaginação criativa do que pelas formas nítidas naturais. No Impressionismo, uma catedral pode ser pouco mais que uma grande massa luminosa, cujas formas arquitetônicas mais se adivinham do que se traçam. Associada à Belle Époque, a arte do final do século XIX e início do XX guardará ainda certa inocência da vida provinciana, no campo, ou na vida mundana dos cafés, na cidade. Desfazendo-se quase que inteiramente dos traços dos impressionistas, artistas como Van Gogh e Cézanne, explorando novas liberdades, fazem a arte

ganhar novas técnicas e aproximar-se da abstração. A dimensão psicológica do artista transparece em seus quadros: o quarto modestíssimo de Van Gogh sugere um cotidiano angustiado, seus campos de trigo parecem um dourado a saltar da tela. A Primeira Grande Guerra eliminará compreensões mais inocentes do mundo, e o século XX em marcha acentuará as cores dramáticas, convulsionadas, as formas quase irreconhecíveis de uma realidade fraturada. O cubismo, o expressionismo e o abstracionismo (Picasso, Kandinsky e outros) interferem radicalmente na visão “natural” do mundo. Por outro lado, menos libertário, doutrinas totalitaristas, como a stalinista e a nazifascista, pretenderão que os artistas se submetam às suas ideologias. Já Mondrian fará escola com a geometria das formas, Salvador Dalí expandirá o surrealismo dos sonhos, e muitas tendências contemporâneas passam a sofrer certa orientação do mercado da arte, agora especulada como mercadoria.

Em suma, a história da pintura nos ensina a entender o que podemos ver do mundo e de nós mesmos. As peças de um museu parecem estar ali paralisadas, mas basta um pouco da nossa atenção a cada uma delas para que a vida ali contida se manifeste. Com a arte da pintura aprendem as artes e técnicas visuais do nosso tempo: a fotografia, o cinema, a televisão devem muito ao que o homem aprendeu pela força do olhar. Novos recursos ampliam ou restringem nosso campo de visão: atualmente muitos andam de cabeça baixa, apontando os olhos para a pequena tela de um celular. Ironicamente, alguém pode baixar nessa telinha “A criação do homem”, que Michelangelo produziu para eternizar a beleza do forro da Capela Sistina.

BATISTA, Domenico. *Inédito*.

Desfazendo-se quase que inteiramente dos traços dos impressionistas, artistas como Van Gogh e Cézanne, explorando novas liberdades, fazem a arte ganhar novas técnicas e aproximar-se da abstração.

Considerada a frase acima, em seu contexto, comente-se com propriedade:

- a) As formas verbais de gerúndio “desfazendo-se” e “explorando” devem ser entendidas como correspondendo às seguintes ideias: “Quando se desfaziam” e “se exploravam”.

- b) Em “artistas [...] fazem a arte ganhar novas técnicas e aproximar-se da abstração”, “fazem ganhar” constitui uma locução verbal.
- c) Desenvolvendo as orações reduzidas presentes em “artistas [...] fazem a arte ganhar novas técnicas e aproximar-se da abstração”, obtém-se “artistas [...] fazem que a arte ganha novas técnicas, se aproximando da abstração”.
- d) O emprego associado de “quase” e “inteiramente”, palavras que se excluem mutuamente, afeta a clareza da frase, cujo sentido pode ser apreendido apenas pelo conhecimento prévio do leitor acerca dos impressionistas.
- e) É aceitável admitir que as ações expressas pelos verbos “desfazer” e “explorar” se realizem em concomitância.

17. **Fatec-SP** – Observe que o trecho destacado, a seguir, funciona como uma oração subordinada adjetiva que encerra uma explicação:

...deve ter sido minha mãe, **que era uma fumante** inveterada e acendia um cigarro atrás do outro com um pequeno isqueiro Ronson.

SACKS, Oliver. *Tio Tungstênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Adaptado.

Assinale a alternativa em que se encontra oração de mesma função sintática.

- a) Quem primeiro me falou sobre as terras-raras acho que deve ter sido minha mãe...
- b) Certo dia ela me mostrou a “pedra” do isqueiro, retirando-a do mecanismo, e explicou que não era realmente uma pedra...
- c) Esse “misch metal” – consistindo, sobretudo, em cério – era uma mistura de meia dúzia de metais, todos eles muito semelhantes, e todos eles terras-raras.
- d) Esse nome curioso, terras-raras, tinha algo de mítico, de conto de fadas...
- e) ... e eu imaginava que as terras-raras não eram somente raras e preciosas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. PUC-SP (adaptada)

C6-H18

Observe o emprego de orações reduzidas de gerúndio no trecho a seguir:

Um chiclete ou toco de cigarro jogado na rua atrai outro chiclete ou toco de cigarro. Uma garrafa pet atirada na pista pela janela de um carro induz a que outro cretino, **passando de carro(1)**, atire outra garrafa. Um monte de lixo não recolhido na calçada leva o indivíduo a despejar mais lixo na calçada, **achando que(2)** o ponto está liberado para vazadouro.

Folha de S.Paulo, Opinião A2. 19 de maio de 2008.

Entre as alternativas abaixo, assinale aquela que indica, respectivamente, as circunstâncias indicadas pelo gerúndio no trecho acima.

- a) Causa(1) e concessão(2).
- b) Tempo(1) e causa(2).
- c) Consequência(1) e conformidade(2).

- d) Conformidade(1) e tempo(2).
- e) Concessão(1) e causa(2).

19. UFSCar-SP

C8-H27

Assinale a alternativa em que não há correspondência adequada entre a oração reduzida e a desenvolvida de cada par:

- a) **Contendo as despesas**, o governo reduzirá a inflação. / **Desde que contenha as despesas**, o governo reduzirá a inflação.
- b) “Abomina o espírito de fantasia, **sendo dos que mais possuem**.” (Carlos Drummond de Andrade) / Abomina o espírito da fantasia, **embora seja um dos que mais o possuem**.
- c) **Equacionado o problema**, a solução será mais fácil. / **Depois que se equaciona o problema**, a solução é mais fácil.

d) “Julgando inúteis as cautelas, curvei-me à fatalidade.” (Graciliano Ramos) / **Como julguei inúteis as cautelas**, curvei-me à fatalidade.

e) **Tendo tantos amigos**, não achou quem o apoiasse. / **Visto que tivesse muitos amigos**, não achou quem o apoiasse.

20. EFOMM-RJ

C6-H18

O homem deve reencontrar o Paraíso...

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para se navegar. Puseram-se então a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco: manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse cero o poeta: *Navegar é preciso*, a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam *mais ou menos*. Assim, eles se tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento de grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os exóticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo quem quisesse navegar nas rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

De nada valiam, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar seu palpite, ficaram em silêncio. Os computadores não têm preferências – faltalhes essa sutil capacidade de *gostar*, que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde se estava indo.

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber *como as coisas funcionam*, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa preciosa. Disse certo poeta: *Viver não é preciso*. Primeiro vem o impreciso desejo. Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.

Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas. Ezra Pound inicia seus *Cânticos* dizendo: *E pois com a nau no mar/ assestamos a quilho contra as vagas... Cecília Meireles: Foi, desde sempre, o mar! A solidez da terra, monótona/ parece-nos fraca ilusão! Queremos a ilusão do grande mar / multiplicada em suas malhas de perigo. E Nietzsche: Amareis a terra de vos-*

os filhos, terra não descoberta, no mar mais distante. Que as vossas velas não se cansem de procurar esta terra! O nosso leme nos conduz para a terra dos nossos filhos... Viver é navegar no grande mar!

Não só os poetas: C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem novos, mais perfeitos. O ritmo da remadas acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: *O porto não nos importa. O que importada é a velocidade com que navegamos*.

C Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio duma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de para onde navegamos. Para onde? Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do para onde. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como *sonho impossível de ser realizado*. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direção.

Mário Quintana explicou a utopia com um verso: *Se as coisas são inatingíveis... oral/ não é um motivo para não querê-las... Que tristes os caminho, se não fora/ A mágica presença das estrelas!* Karl Mannheim, outro sociólogo sábio que poucos leem, já na década de 1920 diagnosticava a doença da nossa civilização: Não temos consciência de direções, não escolhemos direções. Faltam-nos estrelas que nos indiquem o destino.

Hoje, ele dizia, as únicas perguntas que são feitas, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é produzir o objeto) e pelo objetivismo da ciência (o importante é saber como funciona), são: *Como posso fazer tal coisa? Como posso resolver este problema concreto em particular? E conclui: E em todas essas perguntas sentimos o eco intimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo*.

Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz e sem rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso, sua polia, sua vela, seu mastro.

Dizem que seu dever é produzir conhecimento. Se forem bem-sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se lhes pergunta: *Para onde seu barco está navegando?*, eles respondem: *Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico*.

E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo. Não posso pensar a missão das escolas, começando com as crianças e continuando com os cientistas, como outra que não a da realização do dito poeta: *Navegar é preciso. Viver não é preciso*.

É necessário ensinar os precisos saberes da navegação enquanto ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação: *A terra dos filhos dos meus filhos, no mar distante...* Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com nave-

gar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas.

O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: *O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso*. O paraíso é o jardim, lugar de felicidade, prazeres e alegrias para os homens e mulheres. Mas há um pesadelo que me atormenta: o deserto. Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado *progresso*. Está na bandeira nacional... E, *quilha contra as vagas*, a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção. E é assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

ALVES, Rubem. *O homem deve reencontrar o Paraíso*. Por uma Educação Romântica. Campinas-SP: Papirus Editora, 2002.

E assim ficam os homens comuns abandonados por aque-

les que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo.

Nesse período, a oração sublinhada teria seu sentido alterado com a mudança de conectivo na alternativa

- a) E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, em razão de conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo.
- b) E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, em função de conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo.
- c) E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, em vista de conhecerem os mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo.
- d) E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, visto conhecerem os mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo.
- e) E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, em virtude de conhecerem os mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINANTE

TÓPICOS DE ORTOGRAFIA I

34

Ortoéπia e prosódia



Apesar de serem muito parecidos, prosódia e ortoéπia são recortes de diferente abordagem dentro da padronização da norma culta: enquanto na ortoéπia a pronúncia e a articulação de sons são caracterizadas quanto ao nível de registro dentro da língua, na prosódia são sistematizadas a entonação e a acentuação corretas das palavras, de acordo com a norma culta.

Para escrever bem é preciso ampliar o conhecimento das regras que compõem a escrita correta – ortografia, palavra de origem grega, composta de *óρθός* (*orthós*: reto, direito) mais *γράφως* (*graphos*: escrita).

Dois recortes dos estudos ortográficos fundamentais para a compreensão e o emprego da norma culta da língua portuguesa são a ortoéπia e a prosódia, áreas comumente confundidas, ainda que componham diferentes escopos de sistematização: aquela ligada à caracterização dos registros de fala de acordo com a pronúncia e a articulação de determinados sons, esta relacionada com a sistematização da entonação e da acentuação correta das palavras.

- Ortoéπia
- Prosódia
- Letras G e J
- Letra H
- Letra X e dígrafo CH
- Letras S e Z

HABILIDADES

- Reconhecer a relevância do uso da norma culta da língua portuguesa nas diversas situações de comunicação;
- Identificar as particularidades dos recursos que permitem o reconhecimento do uso da linguagem em suas múltiplas interações sociais;
- Diferenciar a origem dos fonemas e das palavras para a correta aplicação da escrita de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

ORTOÉPIA



MAN_HALF-TUBE/ISTOCK

Palavra derivada do grego *óρθός*, (*orthós*: reto, direito) mais *ἔπος* (*épos*: falar), a ortoépia ou ortoepia é a área responsável pela sistematização da pronúncia e da articulação de sons de acordo com a norma culta.

A pronúncia exata dos fonemas e grupos fônicos, com a articulação adequada entre a emissão das vogais e a articulação das consoantes, unindo de forma harmônica os vocábulos em uma oração é de que trata a ortoépia.

O impacto dessa área de estudo na escrita formal é de fácil percepção, uma vez que, se a palavra, no contexto informal, é pronunciada de forma incorreta e em desacordo com a norma culta, pode ser grafada com os mesmos vícios e incorreções.

Alguns desses desvios são conhecidos como cacoépia:

Inadequações	Em desacordo com a norma culta	De acordo com a norma culta
Pronúncia incorreta do timbre das vogais	alcova, crosta (ô)	alcova, crosta (ó)
Nasalização de vogais	sombrancelha, mendingo	sobrancelha, mendigo
Troca de posição de um ou mais sons	bicabornato, cardeneta	bicarbonato, caderneta
Substituição de som	trabesseiro, cabeçário	travesseiro, cabeçalho
Acréscimo de som	adevogado, bandeija, freiada, peneu	advogado, bandeja, freada, pneu
Omissão de som	revindicá, cantá, trabalhá	reivindicar, cantar, trabalhar

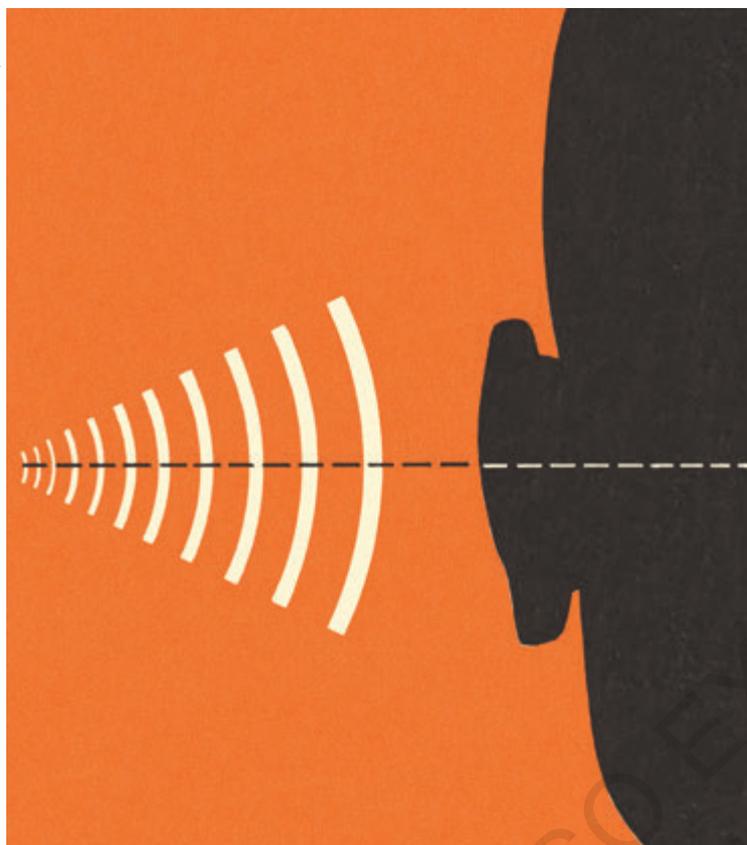
Plurais metafônicos

Algumas palavras têm o timbre de sua vogal tônica alterado ao sofrerem flexão de plural:

Singular	Plural
caroço (ô)	caroços (ó)
corvo (ô)	corvos (ó)
destroço (ô)	destroços (ó)
olho (ô)	olhos (ó)
morto (ô)	mortos (ó)
povo (ô)	povos (ó)
tijolo (ô)	tijolos (ó)

PROSÓDIA

CSA-PRINTSTOCK/ISTOCK



Palavra herdada do latim *prósōdia* (*prosodia*: tom ou o acento de uma sílaba), esta derivada do grego *προσῳδία* (*prosōidia*: acento), atualmente a prosódia é uma área interessada na sistematização da exata acentuação tônica dos sons de acordo com a norma culta da língua.

O surgimento da prosódia como área de interesse para estudiosos da língua ocorre com a ascensão da importância da metrificação dos versos dos gêneros poéticos na Antiguidade clássica. Atualmente, essa área está relacionada com a sistematização da exata acentuação tônica das palavras, de acordo com a norma culta.

É comum que surjam dúvidas de acentuação tônica de alguns vocábulos das línguas naturais, que geralmente apresentam léxicos extensos. Essas dúvidas existem porque pode ocorrer transporte indevido do acento tônico de uma sílaba para outra dentro de uma mesma palavra, transformando palavras proparoxítonas em paroxítonas e estas em oxítonas.

Seguem alguns exemplos de grafias que, apesar de validadas pelo VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) e por normas ortográficas de acentuação gráfica, costumam gerar dúvidas:

Oxítonas	Paroxítonas	Proparoxítonas
cateter	avaro	aeródromo
Eiffel	filantropo	álibi
hangar	gratuito	etíope
mister	ibero	ínterim
Nobel	juniores	lêvedo
ruim	rubrica	protótipo
	pudico	sílica
	recorde	

Dupla prosódia

Há ainda palavras que admitem duas formas escritas, igualmente aceitas:



acrobata	acróbata
beringela	berinjela
boemia	boêmia
hieroglifo	hieróglifo
Oceania	Oceânia
ortoepia	ortoépia
projétil	projétíl
reptil	réptil
safari	safári

A escrita e o som

Desde o surgimento dos primeiros sistemas alfabéticos de escrita (o sistema grego é considerado o mais antigo alfabeto de que se tem registro, datando do século XII a.C.), letras – sinais gráficos – funcionam como representações escritas dos fonemas – sons individuais emitidos por falantes na construção dos sentidos da fala.

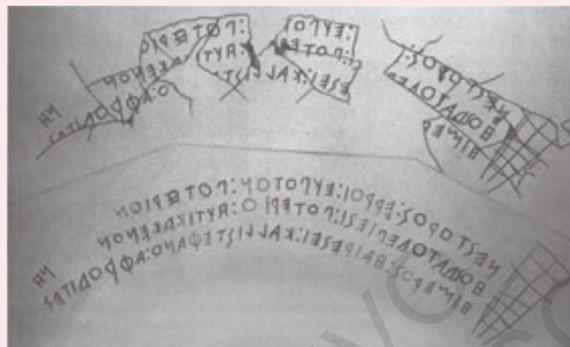
LEITURA COMPLEMENTAR

A taça de Nestor

Uma das mais antigas inscrições alfabéticas conhecidas é a da “taça de Nestor”, datada de 725-700 a.C. e encontrada na tumba 282 do Valle de San Montano, em Ísquia (antiga Pithecusas) [uma ilha no litoral de Nápoles, sul da Itália], o mais antigo estabelecimento grego da Magna Grécia. A taça é um *skyphos* [taça com duas alças laterais usada nos simpósios para servir e consumir vinho] com decoração do Período Geométrico recente [um dos períodos da história da Grécia antiga, situado entre 900 a.C. e 750 a.C.], importada da ilha de Rodas.

A inscrição da taça, muito fragmentada, compõe-se de três versos escritos no dialeto jônico, em estilo fenício, da direita para a esquerda e bem individualizados. Como todas as inscrições gregas antigas, os caracteres são maiúsculos, e não há nenhum outro exemplo de inscrição arcaica com versos tão claramente separados um do outro. A primeira edição dessa inscrição é a de Buschner e Russo, publicada em 1955.

Eis uma reprodução da inscrição, reconstituída até onde é possível, mais as transcrições para o grego clássico em maiúsculas e minúsculas e uma tradução básica:



RAYMOND V. SCHRODER

Transcrição de autoria do helenista Raymond V. Schroder para texto gravado na Taça de Nestor, item arqueológico datado entre 725 a.C. e 700 a.C., encontrado na tumba 282 do sítio arqueológico de Pithecusas (considerado o mais antigo assentamento grego da Magna Grécia), em Ísquia, ilha do litoral de Nápoles, sul da Itália.

ΝΕΣΤΟΡΟΣ: Μ[Η]Ν: ΕΥΠΟΤ[ΟΝ]: ΠΟΤΗΡΙΟ[Ν]:
 ΗΟΣ Δ·Α[Ν] ΤΟΥΔΕ Π[Ι]Η[ΣΙ]: ΠΟΤΗΡΙ[Ο]: ΑΥΤΙ[Κ]Α ΚΗΝΟΝ
 ΗΙΜΕΡ[ΟΣ] ΗΑΙΡ[Η]ΣΕΙ: ΚΑΛΛΙΣΤΕ[ΦΑΝ]Ο: ΑΦΡΟΔΙΤΗΣ

Νέστορος μ[η]ν: εὔποτ[ον]: ποτ[ηρι]ο[ν]:
 ὃς δ·ᾶ(ν) τοῦδε π[ι]η[σι]: ποτηρί[ου]: αὐτί[κ]α κήνον
 ἴμερ[ος] αἰρ[ή]σει: καλλιστε[φάν]ο: Ἀφροδίτες

*a taça de Nestor (era) boa de beber;
 aquele que beber desta taça, no mesmo instante
 será tomado pelo desejo de Afrodite da bela coroa*

[...] O formato das letras é muito, muito arcaico, e registra uma das primeiras ocorrências do sinal Φ. Os caracteres são os do alfabeto ocidental “vermelho” da Eubeia, provavelmente de Cumas.

Alguns autores reconstituem o primeiro verso com o texto ε[ι]μ[ί], em vez de μ[ε]ν; nesse caso, deve-se traduzi-lo para ‘eu sou a taça de Nestor, boa de beber’.

“Nestor” pode ter sido o proprietário da taça, ou é apenas uma referência a uma conhecida passagem da *Ilíada*, que menciona uma rica taça de propriedade do velho Nestor, rei de Pilos (Il. 11.632-7).

A taça está atualmente conservada no Museo Archeologico di Pitheculae, Villa Arbusto, Ischia, Itália.

RIBEIRO JR., Wilson Alves. A taça de Nestor.
Portal Graecia Antiqua, 6 jun. 2007.

Apesar do desenvolvimento de sinais gráficos com que se tenta a reprodução fidedigna, segundo critérios convencionais, dos sons naturais da fala, essa correspondência nem sempre é exata e regular. Fatores como etimologia (estabelecimento da origem e da evolução das palavras), transliterações e convenções ortográficas favorecem a ocorrência de diferentes grafias para certos sons idênticos ou semelhantes que, *grosso modo*, ocorrem em diferentes palavras.

LEITURA COMPLEMENTAR



MARCOS SANTOS/USP IMAGENS

Dicionário da língua portuguesa

A natureza preponderantemente fonêmica da ortografia da língua portuguesa contemporânea

O sistema alfabético deu origem a diferentes sistemas ortográficos. No caso do português, ao indagarmos sobre a natureza da ortografia veremos que ela é, sobretudo a partir do século XX, preponderantemente fonêmica. Queremos dizer com isto que a escrita procura representar aquilo que é funcional no sistema de sons da língua, isto é, aquilo que possui valor contrastivo. Quando falamos em funcionalidade, ou elementos que possuem valor contrastivo, falamos em fonemas. Os fonemas são definidos como aquelas unidades que contrastam funcionalmente com outras unidades e são, por isso, capazes de distinguir significado. Se tomarmos como exemplo palavras do português como 'pato', 'bato' e 'mato', poderemos observar que, exceto pelo primeiro som, a sequência que se segue é a mesma, 'ato', nos três exemplos citados; e que a simples mudança do elemento inicial resultará em mudança de significado e consequente configuração de uma nova palavra. Esses exemplos permitem-nos observar claramente o valor contrastivo das consoantes /p/, /b/ e /m/, as quais, ao serem substituídas uma pela outra, geram novos itens lexicais. Através da comutação dessas consoantes, podemos concluir então que /p/, /b/ e /m/, mais do que simples unidades de sons do português, representam fonemas da língua.

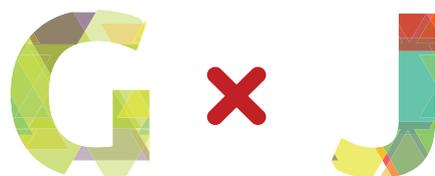
A natureza fonêmica da ortografia portuguesa, assim como a dos sistemas ortográficos de outras línguas, garante a unidade do sistema de escrita. Se a escrita fosse fonética, isto é, se representasse exatamente os sons da fala, teríamos uma diversidade tamanha que a unidade da língua ficaria comprometida. Isso porque a escrita reproduziria, não só a imensa variedade dialetal brasileira, mas também aquela que se verifica entre os falares do português europeu e africano. A escrita perderia, assim, o seu papel unificador. Uma palavra cuja forma ortográfica única é 'vestido', por exemplo, pode ser pronunciada no português do Brasil de, no mínimo, cinco formas diferentes, [ves'tido], [vis'tido], [vis'tidu], [vis'tòidu] ou [viô'tòidu], dependendo do dialeto do falante. Essa

variedade característica da língua falada, ilustrada por esse exemplo, só pode ser neutralizada graças à natureza essencialmente fonêmica da ortografia.

Ao ser referido o predomínio da motivação fonêmica da ortografia portuguesa, pode-se mencionar outros tipos de motivações que podem ser identificadas no sistema: a motivação fonética, a motivação lexical e a motivação diacrônica. O exemplo característico de uma forma ortográfica foneticamente motivada é o caso do uso do 'm' antes de 'p' e 'b'. Nesse caso, o uso do 'm' é determinado por ser esta uma consoante labial assim como são labiais o 'p' e o 'b'. Quando dizemos 'pompa' ou 'pomba', articulamos, em nosso aparelho fonador, a consoante nasal no mesmo lugar da cavidade oral em que são articuladas as consoantes plosivas 'p' e 'b', isto é, todas elas são bilabiais. A motivação lexical, segundo tipo apontado pela autora, é encontrada no sistema em formas que mantêm o mesmo grafema ainda que ocorra mudança no som. Podemos citar dois exemplos: a palavra 'medicina', a qual se escreve com 'c' por se tratar de uma derivação da palavra primitiva 'médico'; e a palavra 'sal' grafada com 'l' porque 'l' pode ser encontrado nas palavras derivadas 'saleiro', 'salgado' e 'salina'. As formas motivadas diacrônica ou etimologicamente, por seu turno, são aquelas em que a explicação para a grafia está na origem da palavra. As palavras 'homem' e 'hoje', por exemplo, são escritas com 'h' porque vêm das formas latinas 'homine' e 'hodie', respectivamente.

MEDINA, Sabrina Zitzke; MIRANDA, Ana Ruth Moresco; SILVA, Michelle Reis da. O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. *Linguagens & Cidadania*, v. 7, n. 2, jul./dez., 2005.

Serão apresentados os empregos de algumas letras diferentes que representam o mesmo som, ou semelhante, a fim de que a forma reconhecida pela norma culta seja mais facilmente reconhecida.



ROBUART; VANREEL/ISTOCK

Apesar de G e J em algumas circunstâncias representarem o som [ʒ], são signos empregados de formas diversas.

A letra G

É empregada na quase totalidade dos substantivos terminados em **-agem**, **-igem**, **-ugem**:

barragem, miragem, vertigem, origem, ferrugem

- Nas palavras terminadas em **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**:

estágio, colégio, prestígio, relógio, refúgio

- Em palavras derivadas de outras que já são grafadas com a letra G representando o som [ʒ]:

Vocábulo primitivo	Vocábulo derivado
<i>gesso</i>	<i>engessar</i>
<i>mensagem</i>	<i> massagista</i>
<i>vertigem</i>	<i>vertiginoso</i>

- Em algumas palavras, por razão etimológica: *algema, genuíno, auge, bege, estrangeiro, generosa, geadas, gengiva, gibi, gerar, germe, gilete, hegemonia, herege, megera, monge, rabugento, vagem*

A letra J

É empregada quando a conjugação dos verbos termina em **-jar** ou **-jear**:

arranjar: arranjo, arranje, arranjem

despejar: despejo, despeje, despejem

gorjejar: gorjeie, gorjeiam, gorjeando

enferrujar: enferruje, enferrujem

viajar: viajo, viaje, viajem (flexão de 3ª pessoa plural do presente do subjuntivo)

- Em palavras de origem tupi, africana, ou árabe: *acarajé, biju, jiboia, canjica, japiça, jerico, jiló, manjerição, pajé*
- Em palavras derivadas de outras que já apresentaram a letra J

Vocábulo primitivo	Vocábulo derivado
<i>laranja</i>	<i>laranjeira</i>
<i>loja</i>	<i>lojista</i>
<i>varejo</i>	<i>varejista</i>

- Em algumas palavras, por razão etimológica: *berinjela, cafajeste, majestade, jeito, jejum, laje, traje, jesuíta*



A letra H

Quando ocorre em início ou fim de sílabas, não corresponde a nenhum som, sendo conservado apenas o signo, por conta da etimologia, como a palavra *hoje*, por exemplo, que se escreve com H porque é derivada da palavra latina *hōdĭē*.

Emprega-se H no meio de palavras como elemento integrante dos dígrafos CH (que representa o som [ʃ]), LH (que representa o som [λ]), NH (que representa o som [ɲ]): *acanhado, bolha, boliche, broche, cachimbo, capu-*

cho, chave, chimarrão, cochilar, companhia, fachada, flecha, machucar, telha

- No começo e no fim de certas interjeições: *ah!, ih!, eh!, oh!, hem?, hum!*
- Em algumas palavras, pos, por razão etimológica: *hábito, hélice, herói, hérnia, hesitar, haurir, híbrido, hilário, hipopótamo, homologar, Horácio, hortênsia, humano*
- No início do segundo radical de palavras compostas unidas por hífen: *anti-higiênico, infra-hepático, pré-histórico, sobre-humano, super-homem*

Aprofundando

Também por questão etimológica, apesar de algumas palavras não serem grafadas com H, alguns de seus derivados exigem esse emprego:

Vocábulo primitivo	Vocábulo derivado
<i>Espanha</i>	<i> hispânico, hispano</i>
<i>erva</i>	<i> herbívoro, herbicida</i>
<i>inverno</i>	<i>hibernar</i>



A letra X e o dígrafo CH em algumas circunstâncias representarem o som [ʃ].

A letra X

É empregada nas palavras iniciadas pelas sílabas **me-** ou **en-**:

Me-	
Seguem a norma	<i>mexer, mexicana, México, mexilhão</i>
Exceção	<i>mecha</i> (de cabelo)

En-	
Seguem a norma	<i>enxada, enxame, enxaqueca, enxerido, enxerto, enxugar, enxurrada</i>
Exceção	<i>encher</i> (verbo derivado da palavra <i>cheio</i>)

- Após os ditongos, que são encontros vocálicos, em uma mesma sílaba, entre uma vogal e uma semivogal:

Seguem a norma	<i>ameixa, baixo, caixa, feixe, gueixa, queixo, paixão, peixe, rebaixado</i>
Exceção	<i>guache, recauchutar</i>

- Nas palavras de origem africana, tupi ou inglesas que foram aportuguesadas:
abacaxi, xampu, xavante, xerife, xingar
- Nas demais palavras grafadas com X representando som [ʃ].
caxumba, capixaba, faxina, laxante, lixo, relaxar, roxo, xarope, xaxim, xenofobia, xereta, xícara

X representando os sons [ks], [s] e [z]

Algumas palavras, ainda que escritas com X, podem representar sons distintos, como [ks], [s] e [z], além do [ʃ].

Som	Palavra
[ks]	<i>anexo, axila, boxe, complexo, fixo, látex, ortodoxo, reflexão, táxi, tóxico</i>
[s]	<i>expectativa, extensão, externo, extrair, máximo, pretexto, sexto, sintaxe, texto</i>
[z]	<i>exagero, exame, exato, exausto, êxito, exímio, exército, exercício, exótico</i>

X sem valor fonético [Ø]

Quando compõe o dígrafo XC, a letra X não apresenta valor fonético [Ø], sendo preservada por questão etimológica.

Som	Palavra
[Ø]	<i>exceção, excelente, excêntrico, excesso, exceto</i>

O dígrafo CH

Quando é convencionado o uso de dois sinais gráficos para representar apenas um som da língua, não se trata apenas de um encontro consonantal, mas de um dígrafo, como ocorre entre os sinais gráficos C e H, quando representam, juntos, o som [ʃ], tal qual ocorre em:

achado, desfecho, cachaça, chalé, chamado, chateado, cheiro, chocolate, chuchu, chute, inchado, machucado, pechincha, pichado, rancho, salsicha, tchau

Homófonos em que ocorrem X e CH

Palavras homófonas apresentam mesma pronúncia, apesar de diferirem na maneira como se escrevem e no seu significado.

Sinal gráfico	Homógrafos	Significado
X	broxa	pinel para aplicação de tinta
CH	brocha	pequeno prego
X	xale	acessório usado como cobertura para o frio
CH	chalé	casa campestre de estilo europeu
X	xequê	jogada de xadrez/vôlei
CH	cheque	ordem de pagamento
X	coxo	manco, capenga
CH	cocho	recipiente para alimentar animais
X	roxa	coloração
CH	rocha	mineral
X	taxa	imposto, tributo
CH	tacha	mancha, defeito; pequeno prego



ROBUART: VANREEL/ISTOCK

As letras S e Z em algumas circunstâncias representam o mesmo som: [z].

A letra S

É empregada nas palavras derivadas de outras que apresentam a letra S em seu radical:

análise: analisar, analisado
atraso: atrasado, atrasar
casa: casinha, casarão, casebre
pesquisa: pesquisar

- Nas palavras que designam origem, título ou nacionalidade, indicadas pelos sufixos **-ês** e **-esa**:

barão: baronesa
burguês: burguesa
chinês: chinesa
duque: duquesa
inglês: inglesa

francês: francesa

marquês: marquesa

- Nos sufixos **-oso** e **-osa** formadores de adjetivo amoroso, atenciosa, carinhoso, engenhosa, escandaloso, gasosa, generoso, gostosa, gracioso, horrorosa, malicioso, maravilhosa, pernicioso, saborosa

- Nas palavras indicadoras de função ou ocupação feminina em que é empregado o sufixo **-isa**:

papisa, poetisa, profetisa, sacerdotisa

- Logo após a ocorrência de ditongos **causa, coisa, deusa, faisão, mausoléu, náusea, ousar, pausa, repouso**

- Nas formas verbais e flexionadas dos verbos *querer, pôr e usar*

querer: quis, quisera, quisesse

pôr: dispuser, compusesse, pus, puser, pusesse, repuser

usar: usado, usariam, usasse

Emprego da letra S para representar o som [s]

Emprega-se a letra S com som de [s]:

- Nos substantivos derivados de verbos terminados em **-ender, -ndir, -pelir e -verter**
- Apreender: apreensão*
ascender: ascensão
confundir: confusão
fundir: fusão
inverter: inversão
repelir: expulsão
- Em todas as palavras derivadas de verbos terminados em **-ceder, -gredir e -mitir**, usa-se o dígrafo **-ss-**



agredir: agressão, agressor

conceder: concessão, concessionária

demitir: demissão

progredir: progressão, progresso

suceder: sucessão, sucesso

transmitir: transmissão

A letra Z

É empregada nas palavras derivadas de outras que apresentam a letra Z em seu radical:

deslize: deslizar

razão: razoável

raiz: enraizar

verniz: envernizar

- Quando a palavra é um substantivo abstrato formado a partir de um adjetivo, com o emprego dos sufixos

-ez ou **-eza**:

altivo: altivez

árido: aridez

avaro: avareza

certo: certeza

limpo: limpeza

nobre: nobreza

triste: tristeza

- Nos verbos e substantivos formados pelos sufixos **-izar** e **-ização**, ainda que derivados de palavras que não possuam a letra S em seu radical:

ameno: amenização, amenizar

atual: atualização, atualizar

civil: civilização, civilizar

colono: colonização, colonizar

hospital: hospitalização, hospitalizar

real: realização, realizar

útil: utilização, utilizar

ROTEIRO DE AULA

TÓPICOS DE ORTOGRAFIA I

Ortografia

é uma palavra de origem grega, composta de *ὀρθός* (orthós: reto, direito) mais *γράφω* (graphos: escrita), que refere-se a um grupo de normas gramaticais relativas à grafia correta das palavras, levando em conta sobretudo acentuação tônica e gráfica das palavras, assim como pontuação e demais processos estabelecidos por convenção.

Dois recortes dos estudos ortográficos fundamentais para a compreensão do emprego da norma culta da língua portuguesa são

a ortoépia:

a prosódia:

ligada à caracterização dos registros de fala de acordo com

relacionada com a sistematização

a pronúncia e a articulação de determinados sons.

da entonação e da acentuação (tônica e gráfica) correta das palavras.

ROTEIRO DE AULA

Desde o surgimento dos primeiros sistemas alfabéticos de escrita, as letras funcionam como

representações escritas dos fonemas.

Apesar do desenvolvimento de sistemas alfabéticos de escrita, nem sempre é exata e regular a correspondência entre.

letras e sons.

Muito por isso, é comum que diferentes sinais gráficos representem o mesmo som. Nesse sentido, destacam-se

G × J

H

X × CH

S × Z

que representam o som

que

que representam o som

que representam o som

[ʒ]

não tem correspondência fonética.

[j]

[z]

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FGV-SP

O administrador da repartição em que Pádua trabalhava teve de ir ao Norte, em comissão. Pádua, ou por ordem regulamentar, ou por especial designação, ficou substituindo o administrador com os respectivos honorários. Não se contentou de reformar a roupa e a copa, atirou-se às despesas supérfluas, deu joias à mulher, nos dias de festa matava um leitão, era visto em teatros, chegou aos sapatos de verniz. Viveu assim vinte e dois meses na suposição de uma eterna interinidade. Uma tarde entrou em nossa casa, aflito e esvaído, ia perder o lugar, porque chegara o efetivo naquela manhã. Pediu à minha mãe que velasse pelas infelizes que deixava; não podia sofrer a desgraça, matava-se. Minha mãe falou-lhe com bondade, mas ele não atendia a coisa nenhuma.

– Não, minha senhora, não consentirei em tal vergonha! Fazer descer a família, tornar atrás... Já disse, mato-me! Não hei de confessar à minha gente esta miséria. E os outros? Que dirão os vizinhos? E os amigos? E o público?

– Que público, Sr. Pádua? Deixe-se disso; seja homem.

Lembre-se que sua mulher não tem outra pessoa... e que há de fazer? Pois um homem... Seja homem, ande.

Pádua enxugou os olhos e foi para casa, onde viveu prostrado alguns dias, mudo, fechado na alcova, – ou então no quintal, ao pé do poço, como se a ideia da morte teimasse nele. D. Fortunata ralhava:

– Joãozinho, você é criança?

Mas, tanto lhe ouviu falar em morte que teve medo, e um dia correu a pedir à minha mãe que lhe fizesse o favor de ver se lhe salvava o marido que se queria matar. Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... Pádua obedeceu; confessou que acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe.

– Vontade minha, não; é obrigação sua.

– Pois seja obrigação; não desconheço que é assim mesmo.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. Adaptado.

Segundo o dicionário *Houaiss*, dígrafo corresponde a um "grupo de duas letras usadas para representar um único fonema". Essa definição é exemplificada com as seguintes palavras do texto:

- a) trabalhava, comissão, maluquice.
- b) administrador, designação, vergonha.
- c) aflito, desgraça, fechado.
- d) roupa, supérfluas, contentou.
- e) público, gratificação, desgraçado.

O encontro de "l" e "h" em *trabalhava* forma um único fonema, assim como as duas letras "s" em *comissão* e o encontro de "q" e "u" em *maluquice*, onde ocorre a omissão do fonema de "u".

2. UFRGS-RS

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, _____ um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que

se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos.

De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões _____; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. Segundo esta ordem de ideias, o ângulo sociológico adquire uma validade maior do que tinha. Em _____, não pode mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a importância de cada fator depende do caso a ser analisado. Uma crítica que se queira integral deve deixar de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do primeiro, segundo e terceiro parágrafo, nessa ordem.

- a) porque – dissociadas – compensação
- b) por que – dissossiadadas – compensação
- c) por que – dissociadas – compensação
- d) porque – dissociadas – compensação
- e) porque – dissossiadadas – compensação

A primeira lacuna é preenchida por "porque"; uma vez que se trata da conjunção sinônima de "pois"; a segunda é preenchida corretamente por "dissociadas"; a terceira, por "compensação".

3. EsPCEx (Aman)-SP

Ao responder pelo crime de _____, o acusado, surpreendido em _____, foi _____ em uma _____ que durou pouco mais de duas horas, após as quais deixou _____ a sua _____ em todas as folhas do depoimento.

As lacunas do período acima podem ser completadas, respectivamente, com:

- a) estupro – flagrante – inquerido – sessão – inserta – rubrica.
- b) estupro – flagrante – inquirido – sessão – incerta – rúbrica.
- c) estupro – fragrante – enquirido – seção – inserta – rúbrica.
- d) estupro – flagrante – inquirido – sessão – inserta – rubrica.**
- e) estupro – flagrante – enquirido – seção – incerta – rubrica.

As lacunas do período estão corretamente grafadas em D: *estupro, flagrante, inquirido, sessão, inserta e rubrica*.

4. EsPCEx (Aman)-SP – Assinale a sequência corretamente grafada.

- a) maizena – analisar – poetisa – faisão – balisa
- b) maizena – analisar – poetisa – faisão – baliza
- c) maisena – analisar – poetisa – faisão – baliza**
- d) maisena – analisar – poetisa – faizão – baliza
- e) maisena – analisar – poetiza – faisão – baliza

Segundo o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, apenas as palavras da alternativa C estão corretamente grafadas: *maisena, analisar, poetisa, faisão e baliza*.

5. EsPCEx (Aman)-SP – Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras está correta.

- a) Mulçumano é todo indivíduo que adere ao islamismo.
- b) Gostaria de saber como se intitula esse poema em francês.
- c) Esses irmãos vivem se degladiando, mas no fundo se amam.
- d) Não entendi o porquê da inclusão desses asterísticos.
- e) Essa prova não será empecilho para mim.**

As opções A, B, C e D apresentam termos cuja grafia é considerada incorreta pela gramática normativa e que deveriam ser substituídos por "muçulmano", "intitula", "digladiando" e "asterístico", respectivamente.

6. UFRGS

C8-H27

No século XV, viu-se a Europa invadida por uma raça de homens que, vindos ninguém sabe de onde, se espalharam em bandos por todo o seu território. Gente inquieta e andarilha, deles afirmou Paul de Saint-Victor que era mais

fácil prever o ____ das nuvens ou dos gafanhotos do que seguir as pegadas da sua invasão. Uns risonhos despreocupados: passavam a vida esquecidos do passado e descuidados do futuro. Cada novo dia era uma nova aventura em busca do escasso alimento para os manter naquela jornada. Trajo? No mais completo ____ : ____ sujos e púidos cobriam-lhes os corpos queimados do sol. Nômadês, aventureiros, despreocupados – eram os boêmios.

Assim nasceu a semântica da palavra boêmio. O nome gentílico de Boêmia passou a aplicar-se ao indivíduo despreocupado, de existência irregular, relaxado no vestuário, vivendo ao deus-dará, à toa, na vagabundagem alegre. Daí também o substantivo boêmia. Na definição de Antenor Nascentes: vida despreocupada e alegre, vadição, estúrdia, vagabundagem. Aplicou-se depois o termo, especializadamente, à vida desordenada e sem preocupações de artistas e escritores mais dados aos prazeres da noite que aos trabalhos do dia. Eis um exemplo clássico do que se chama degenerescência semântica. De limpo gentílico – natural ou habitante da Boêmia – boêmio acabou carregado de todas essas conotações desfavoráveis.

A respeito do substantivo boêmia, vale dizer que a forma de uso, ao menos no Brasil, é boemia, acento tônico em -mi-. É natural que assim seja, considerando-se que -ia é sufixo que exprime condição, estado, ocupação. Conferir: alegria, anarquia, barbaria, rebeldia, tropelia, pirataria... Penso que sobretudo palavras como folia e orgia devem ter influído na fixação da tonicidade de boemia. Notar também o par abstêmio/abstemia. Além do mais, a prosódia boêmia estava prejudicada na origem pelo nome próprio Boêmia: esses boêmios não são os que vivem na Boêmia...

LUFT, Celso Pedro. Boêmios, Boêmia e boemia. In: *O romance das palavras*. São Paulo: Ática, 1996.

Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas, nesta ordem.

- a) etinerário – desleicho – molambos
- b) etinerário – desleixo – mulambos
- c) itinerário – desleixo – molambos**
- d) itinerário – desleixo – mulambos
- e) itinerário – desleicho – mulambos

A única alternativa que não apresenta erros de ortografia é a C: *itinerário, desleixo e molambos*.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFPR – Assinale a alternativa em que todas as palavras ou expressões em negrito estão grafadas corretamente:

- a) É uma **perca** de tempo utilizarmos o trem numa longa viagem. Para tanto, é preferível um ônibus.
- b) De repente, começou a se interessar por **chapéis**.
- c) Ficou frustrado, pois chegou atrasado ao jantar **beneficente** e a comida já havia acabado.
- d) A partir da próxima, ele passará a **enchergar** melhor, pois começará a usar óculos.
- e) Com certeza, os **cidadões** gostariam de ter o **previ-légio** de ser valorizados pelas boas ações.

8. IFSC – Cacoépia é a pronúncia irregular, diferente da prevista ou postulada pela prosódia (acentuação e entonação adequada dos fonemas de acordo com a variedade pa-

drão da língua). Há palavras que admitem dupla pronúncia, como xérox e xerox; outras como a palavra "rubrica" aceitam apenas a pronúncia como paroxítona; dessa forma, pronunciar "rúbrica" (como proparoxítona) causaria uma inadequação. Com base nessas informações, assinale a única alternativa que não admite dupla pronúncia.

- a) homilia – homília
- b) acrobata – acróbata
- c) funil – fúnil
- d) projétil – projetil
- e) amnésia – amnesia

9. UFRGS-RS

Se, em um tempo futuro, muito distante, só tivessem sobrado de nós vestígios e alguns deles fossem encontrados, e entre esses, fotografias, pensemos que um fato seria possível: por meio delas, para os que as encontrariam, poderia se operar uma re-

velação. As fotografias diriam sobre quem fomos e como vivemos. Caso os habitantes do futuro encontrassem, por acaso, soterrado um arquivo de fotografias de guerra, quem sabe deduziriam a _____ condição daquela humanidade perdida e suspirariam de alívio pela nossa _____. Se, ao contrário, o que encontrassem fosse álbuns de uma prosaica família, apreciariam crianças fotografadas, ao longo dos anos, sempre tão divertidas, cenas de trivial alegria.

Por um lado, redução: há como superar a finitude. Por outro, castigo: não se esquecerá enquanto houver a fotografia. O que se lembra diante do retrato de um anônimo fotografado no séc. XIX? Há sempre um encanto imane nessas imagens do passado; são como pontos que não se cruzam, como caminhos indicados por setas que parecem levar a lugar nenhum.

Mas nos fazem desejar, pela expectativa do que se pode ver do outro lado, cruzá-los. Um postulado pode ser enunciado nos termos de que, se está na imagem, existe; ou, tratando-se de fotografia, se está na foto, existiu e pode ou não ainda existir. Na esteira dessa lógica, então, seria aceitável considerar que esquecer é humano e lembrar é fotográfico. Se remontarmos às nossas experiências, considerando o álbum de família, seguramente a maioria de nós dará como depoimento a surpresa do encontro com o passado. A palavra encontro talvez seja um superlativo do que realmente acontece, visto que o máximo que a fotografia nos oferece é a possibilidade de uma projeção do aproximar-se com o que foi. Há uma tendência em acreditarmos na foto, desde, é claro, que a informação nela contida não _____ nossas certezas projetadas em imagens mentais sobre o passado. Uma personagem de Virginia Wolf comenta: "Não possuímos as palavras. Elas estão por trás dos olhos, não sobre os lábios". E sem as palavras, o que contariam as fotografias? Talvez não possam contar, mas seguramente alguma coisa do passado vem evocada nelas, como a dúvida, ou no mínimo a nostalgia daquele fato fragmentado em imagem, na referência a outra pessoa em uma festa perdida na lembrança.

MICHELON, Francisca Ferreira. Introdução. In: MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira (Orgs.). *Fotografia e memória*. Pelotas, RS: EdUFPEl, 2008.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto na respectiva ordem.

- a) egnóbil – extinsão – dezestabilise
- b) ignóbil – estinção – desestabilize
- c) egnóbil – extinção – desestabilize
- d) ignobil – extinsão – dezestabilize
- e) ignóbil – extinção – desestabilize

10. EsPCEEx (Aman)-SP – Um mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes. A sequência de palavras que ilustra esse conceito é:

- a) taxa – máxima – afixar
- b) oficina – praça – cela
- c) presídio – lazer – execução
- d) exercício – inexorável – exórdido
- e) preso – sangue – asa

11. Ifal

Família

Três meninos e duas meninas, sendo uma ainda de colo.

A cozinheira preta, a copeira mulata, o papagaio, o gato, o cachorro, as galinhas gordas no palmo de horta e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira, a cama, a gangorra, o cigarro, o trabalho, a reza, a goiabada na sobremesa de domingo, o palito nos dentes contentes, o gramofone rouco toda noite e a mulher que trata de tudo.

O agiota, o leiteiro, o turco, o médico uma vez por mês, o bilhete todas as semanas branco! mas a esperança sempre verde.

A mulher que trata de tudo e a felicidade.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

As dúvidas sempre surgem ao se escreverem palavras como "agiota", "leiteiro" e "bilhete": é com "g" ou "j"? é com "i" ou sem "i" antes do "r"? é só com "l" ou com "lh"? Observe a grafia das palavras seguintes e assinale a alternativa em que todas estão corretas.

- a) tigela - cabeleireiro - empecilho
- b) tijela - cabeleireiro - empecilho
- c) tijela - cabelereiro - empecílio
- d) tijela - cabeleireiro - empecílio
- e) tigela - cabelereiro - empecilho

12. EsPCEEx (Aman)-SP – Assinale a alternativa em que o período está grafado corretamente.

- a) O aborígeni esperava com displiscência que a maré baixasse.
- b) O aborígene esperava com displisciência que a maré baichasse.
- c) O aborígine esperava com displicência que a maré baixace.
- d) O aborígine esperava com displicência que a maré baixasse.
- e) O aborígini esperava com displicência que a maré baixasse.

13. UFRGS-RS

À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, Chagas e Silva postava-se de palito à boca, como se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. Longe disso! A Rua da Praia que o diga, ou melhor, que o dissesse. O faz de conta do inefável personagem ligava-se mais à importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. Ele, que tanto marcou a rua, tinha franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e uns olhinhos apertados na _____ bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, era o toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas.

Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. Fixou-se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. Os estudantes tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro.

Não era de meu propósito ocupar-me do "doutor" Chagas e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto. Essas casas punham ao alcance dos *gourmets* virtuosíssimos “secos e molhados” vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e _____ período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados _____ maiores ou menores, tabernas ou simples tascas. A Cidade divertia-se também pela barriga.

RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009.

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas indicadas do texto.

- a) tes - florecente - recintos
- b) tez - florecente - rescintos
- c) tez - florescente - rescintos
- d) tes - florescente - recintos
- e) tez - florescente - recintos

14. IFSP – As alternativas abaixo apresentam trechos adaptados. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e com relação à pontuação e à ortografia, assinale a alternativa correta.

- a) Ler um livro deveria ser uma conversação entre você e o autor, presumidamente. Ele sabe mais sobre o tema do que você... Caso contrário você provavelmente, não deveria se importar com o livro dele. Mais compreensão é uma estrada de mão-dupla; o aprendiz tem que se questionar e questionar o professor, uma vez que ele entende o que o professor está dizendo; marcar um livro é literalmente uma expressão de suas diferenças ou concordâncias com o autor. É o respeito mais alto que você pode prestá-lo.
- b) Qualquer coisa que você aprende se torna sua riqueza, uma riqueza que não pode ser tomada de você. Seja se você aprende em um prédio chamado escola ou na escola da vida, aprender algo novo é um prazer sem fim e um tesouro valioso. E nem todas as coisas que você aprende são ensinadas a você mas muitas coisas que aprende, você percebe ter ensinado a si mesmo.
- c) A leitura depois de certa idade distrai excessivamente o espírito humano das suas reflexões criadoras. Todo homem que lê demais e usa o cérebro de menos adquire a preguiça de pensar.
- d) Faça sua própria bíblia, selecione e colhete todas as palavras e sentenças que em toda sua leitura, tiveram um impacto tão grande quanto a explosão de uma trombeta de Shakespeare.
- e) Eu leio um livro muito cuidadosamente escrevendo, nas margens tudo quanto é tipo de nota. Depois de algumas semanas, eu volto ao livro, trasfiro meus rabiscos, em cartões de nota, cada cartão representando um tema, importante no livro.

15. UFRGS-RS

Entre as situações linguísticas que o português já viveu em seu contato com outras línguas, cabe considerar uma situação que se realiza em nossos dias: aquela em que ele é uma língua de emigrantes. Para o leitor brasileiro, soar talvez estranho que falemos aqui do português como uma língua de EMIGRANTES, pois o Brasil foi antes de mais nada um país para o qual se dirigiam em massa, durante mais de dois séculos, pessoas nascidas em vários países europeus e asiáticos; assim, para a maioria dos brasileiros, a representação mais natural é a da convivência no Brasil com IMIGRANTES vindos de outros países. Sabemos, entretanto, que, nos últimos cem anos, mi-

tos falantes do português foram buscar melhores condições de vida, partindo não só de Portugal para o Brasil, mas também desses dois países para a América do Norte e para vários países da Europa: em certo momento, na década de 1970, viviam na região parisiense mais de um milhão de portugueses – uma população superior à que tinha então a cidade de Lisboa. Do Brasil, têm _____ nas últimas décadas muitos jovens e trabalhadores, dirigindo-se aos quatro cantos do mundo.

A existência de comunidades de imigrantes é sempre uma situação delicada para os próprios imigrantes e para o país que os recebeu: normalmente, os imigrantes vão a países que têm interesse em usar sua força de trabalho, mas qualquer oscilação na economia faz com que os nativos _____ sua presença como indesejável; as diferenças na cultura e na fala podem alimentar preconceitos e desencadear problemas reais de diferentes ordens.

Em geral, proteger a cultura e a língua do imigrante não é um objetivo prioritário dos países hospedeiros, mas no caso do português tem havido _____. Em certo momento, o português foi uma das línguas estrangeiras mais estudadas na França; e, em algumas cidades do Canadá e dos Estados Unidos, um mínimo de vida associativa tem garantido a sobrevivência de jornais editados em português, mantidos pelas próprias comunidades de origem portuguesa e brasileira.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português como língua de emigrantes. In: _____. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto.

- a) imigrado – incarem – exceções
- b) emigrado – incarem – exceções
- c) emigrado – encarem – exceções
- d) imigrado – encarem – excessões
- e) emigrado – encarem – excessões

16. IFSP – De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e com o contexto, quanto à ortografia, assinale a alternativa correta:

- a) Terminei minha pós-graduação a cerca de dez anos.
- b) Nunca me entendi com o meu padastro.
- c) Está tudo organizado para a cerimônia de encerramento.
- d) Ao ouvir a sirene, o meliante ficou paralizado de medo.
- e) Toda regra tem sua excessão.

17. UENP-PR

Nova reforma?

Mal se implantam as regras do recente acordo ortográfico entre países lusófonos e já surge um movimento para fazer outra reforma, que simplificaria a ortografia. Ela seria mais uniforme (por exemplo, prescreve escrita uniforme para o fonema /s/, que sempre seria grafado com a letra ‘s’, o que resultaria em escritas como ‘sesta’ para as atuais ‘sesta’ / ‘cesta’ / ‘sesta’); e seriam eliminadas algumas “contradições” (‘estender’ e ‘extensão’, por exemplo).

Ora, qualquer análise da escrita popular e da produzida nos primeiros anos de escola mostra que os erros de grafia se dividem em diversos tipos: a) erros como escrever ‘casa’ e ‘exemplo’ com ‘z’, ‘caça’ com ‘ss’, ‘jeito’ com ‘g’ etc.; b) erros ligados à pronúncia variável (‘mininu’ (= menino), ‘curuja’ (= coruja), ‘anzou’ (= anzol), sem contar a famosa troca entre ‘mal’ e ‘mau’); c) juntar palavras separadas (‘serhumano’, com ou sem ‘h’) e separar palavras (‘ante posto’); d) acrescentar (‘apito’ = apto) ou tirar (‘habto’ = hábito) letras; e) eliminar ditongos (‘vassora’, ‘otro’, ‘pexe’) ou criá-los (‘professoura’, ‘bandeija’) etc.

Ou seja: uniformizar a grafia com base em análise fonológica não resolve o problema que se pretende resolver, porque se parte de duas hipóteses sem nenhum fundamento: a) que todos os falantes adotam a mesma pronúncia; b) que o único problema é a relação letra/fonema. Ora, como os poucos exemplos mostram, os problemas são mais numerosos e nenhuma reforma pode resolvê-los. Se projetos de reforma como o que tramita em Comissão do Senado forem levados adiante, pouquíssimos problemas de escrita que se encontram na escola e nas ruas serão solucionados. Simplesmente porque suas principais causas – a diversidade de pronúncias e as hipóteses dos escreventes – não podem ser controladas por lei.

Se a solução é óbvia, os caminhos para chegar a ela são conhecidos dos especialistas. Mas, infelizmente, são com-

pletamente desconhecidos não só pela “sociedade”, mas mesmo por representantes das letras de alto gabarito.

POSSENTI, Sírio. O verdadeiro problema ortográfico. *Ciência Hoje Virtual*. 25 jul. 2014.

A contradição existente na escrita das palavras “estender” e “extensão”, e citada no primeiro parágrafo do texto, justifica-se pelo fato de as palavras

- a) aceitarem ora uma ortografia, ora outra.
- b) apresentarem significados antagônicos, mas com ortografias semelhantes.
- c) deixarem dúvidas quanto à escrita ortograficamente correta.
- d) serem classificadas, respectivamente, como verbo e substantivo.
- e) fazerem parte do mesmo grupo semântico, mas com grafias divergentes.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Unicamp-SP

C8-H27

Sobre a Caligrafia

Caligrafia

Arte do desenho manual das letras e palavras.

Território híbrido entre os códigos verbal e visual.

A caligrafia está para a escrita como a voz está para a fala.

A cor, o comprimento e espessura das linhas, a disposição espacial, a velocidade dos traços da escrita correspondem a timbre, ritmo, tom, cadência, melodia do discurso falado.

Entonação gráfica.

Assim como a voz apresenta a efetivação física do discurso (o ar nos pulmões, a vibração das cordas vocais, os movimentos da língua), a caligrafia também está intimamente ligada ao corpo, pois carrega em si os sinais de maior força ou delicadeza, rapidez ou lentidão, brutalidade ou leveza do momento de sua feitura.

ANTUNES, Arnaldo. Sobre a caligrafia. Disponível em: <www.arnaldoantunes.com.br>. Acesso: 20 mar. 2002. Adaptado.

Em “Caligrafia”, o autor:

- a) estabelece uma relação de causa e efeito entre caligrafia e voz.
- b) sugere uma relação de oposição entre caligrafia e voz.
- c) projeta uma relação de gradação entre caligrafia e voz.
- d) apreende uma relação de analogia entre caligrafia e voz.

19. Unicamp-SP

C8-H27



Bora coisar as coisas?. *Signos Nordestinos*, set. 2018.

Do ponto de vista da norma culta, é correto afirmar que “coisar” é:

- a) uma palavra resultante da atribuição do sentido conotativo de um verbo qualquer ao substantivo “coisa”

- b) uma palavra resultante do processo de sufixação que transforma o substantivo “coisa” no verbo “coisar”.
- c) uma palavra que, graças a seu sentido universal, pode ser usada em substituição a todo e qualquer verbo não lembrado.
- d) uma palavra que resulta da transformação do substantivo “coisa” em verbo “coisar”, reiterando um esquecimento.

20. Enem (PPL) – Uma língua é um sistema social reconhecível em diferentes variedades e nos muitos usos que as pessoas fazem dela em múltiplas situações de comunicação. O texto que se apresenta na variedade padrão formal da língua é **C6-H18**

- a) Quando você quis eu não quis
Qdo eu quis você ã quis
Pensando mal quase q fui
Feliz
Cacaso
- b) – Aonde é que você vai, rapaz?
– Tá louco, bicho, vou cair fora!
– Mas qual é, rapaz?! Uma simples operação de apendicite!
Ziraldo
- c) Eu, hoje, acordei mais cedo
e, azul, tive uma ideia clara.
Só existe um segredo.
Tudo está na cara.
Paulo Leminski
- d) Com deus mi deito com deus mi levanto
comigo eu calo comigo eu canto
eu bato um papo eu bato um ponto
eu tomo um drink eu fico tonto
Chacal
- e) O tempo é um fio
por entre os dedos.
Escapa o fio,
Perdeu-se o tempo.
Henriqueta Lisboa

35

CONCORDÂNCIA NOMINAL

O fenômeno da concordância

A concordância é o fenômeno linguístico que permite ao falante buscar adequar ao máximo sua fala à realidade que descreve, utilizando para isso, sobretudo, mecanismos gramaticais como a flexão, a cópula e a adequação sintática, a partir das categorias de número, pessoa e gênero gramatical.

- O fenômeno da concordância
- Concordância nominal

HABILIDADES

- Reconhecer a importância da concordância nominal para a construção de textos claros e coesos, alinhados à norma culta da língua;
- Identificar a regra geral e as regras específicas que normatizam o emprego de adjetivos, adjuntos adnominais e demais elementos sintáticos que garantem concordância nominal aos textos;
- Diferenciar as situações específicas em que os termos da oração devem concordar com o substantivo, de acordo com a língua padrão.



LAERTE. *Hugo para principiantes*. São Paulo: Devir, 2005. p. 57.

Na tirinha, ocorre concordância entre as palavras “senhora” e “veio”; uma vez que “senhora” é um pronome de 3ª pessoa com a do singular e o verbo *vir* está flexionado na 3ª pessoa do singular. Já com a estrutura “o dedo mindinho mergulhado”, ocorre o mesmo processo, com mudança de categorias, já que o núcleo “dedo” é nominal, apresentando assim gênero gramatical masculino e número singular, sendo determinado pela palavra “o” e classificado pelas palavras “mindinho” e “mergulhado”: essa relação se dá pelo fato de o determinante e os classificadores replicarem as categorias de número e gênero do núcleo, consolidando na fala a referência à realidade de mundo descrita, principal função do processo de concordância.

LEITURA COMPLEMENTAR



VJAY PATEL/ISTOCK

Segundo a autora, estudos sobre a concordância comprovam que há fatores linguísticos e extralinguísticos interferindo nas possibilidades de realização da concordância.

A concordância de número e a indicação de pluralidade

A concordância de número realiza-se de duas formas: verbal – ocorrendo entre sujeito e verbo – e nominal – ocorrendo entre os elementos flexionáveis da estrutura nominal da

▶ sentença ou entre o sujeito e o predicativo. Segundo a gramática tradicional brasileira a concordância é uma regra de natureza obrigatória, com base explícita ou implícita, na escrita ou na fala de pessoas cultas num registro formal ou coloquial tenso. O mecanismo da concordância não constitui necessidade lógica das línguas, pois uma marca formal ou semântica de plural em algum ponto da sentença é suficiente para se transmitir a informação desejada.

Nesse sentido, cada elemento da estrutura nominal da sentença constitui um dado de análise, cuja marca formal é caracterizada pelo acréscimo do morfema plural /S/ que se realiza de diferentes formas: [s], [z], [h], dependendo dos contextos linguísticos específicos em função de características regionais dos falantes.

Os estudos sobre a concordância comprovam que há fatores linguísticos e extralinguísticos interferindo nas possibilidades de realizações desta variável em questão, o que deixa dúvidas e se a “pluralização” se trata de uma variação estável ou há uma mudança em curso, pois todos os estudos feitos até então analisam a concordância de número de forma sincrônica (que é também o nosso caso), faltando estudos diacrônicos para comprovar tal procedimento.

Apesar de não apresentar marcas de plural, casos como muita mulher casada são formas aceita pela gramática tradicional brasileira. O que fazer então com casos como muitas mulheres casada; muitas mulher casada, em que há pelo menos uma marca formal indicando pluralidade? E casos que não apresentam nenhuma marca formal de plural como dois risco verde? Seria mais conveniente falar em indicação de pluralidade e não concordância, pois concordância gramatical implica harmonia formal em pelo menos dois elementos de uma dada construção.

FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na região Sul*. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Santa Catarina. Adaptado.

A concordância nominal

Pode-se definir a concordância nominal como a relação harmoniosa entre o nome (substantivo) e os elementos que o modificam (artigo, pronome, numeral e adjetivo). Trata-se de colocar em concordância de gênero e número todos os componentes de um texto, conferindo-lhe clareza e exatidão a partir da coesão textual.



FERNANDO GONSALES

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, 21 out. 2004.

Ao longo da tirinha, ocorrem diferentes casos de concordância nominal: “uma” e “romântica” concordam com “coisa”, determinando e classificando-a; “meu” classifica “amor”, que é predicado pela estrutura “uma caravana de rosas...”; em que “uma” determina “caravana” e da mesma forma “[n]um” e “inefável” determinam e classificam “deserto”.

Como se percebe na tirinha, os núcleos nominais que contam com adjuntos – “coisa”, “amor”, “caravana” e “deserto” – impõem a essas estruturas suas categorias de número (singular ou plural) e gênero (masculino ou feminino), os traços explícitos do fenômeno da concordância, que passa a ser classificada como nominal por conta da função sintática desse núcleo.

CASO GERAL

A norma geral da concordância nominal é: os termos que acompanham o substantivo (artigo, pronome, numeral e adjetivo) devem sempre concordar em gênero e número com o núcleo a que estejam relacionados.

Como os núcleos nominais apenas podem ser flexionados em gênero e número, essas categorias são irradiadas para os adjuntos adnominais.

Núcleo de gênero gramatical feminino				
	Artigo	Substantivo	Adjetivo	
Prefiro	a	maçã	madura.	Singular
Prefiro	as	maças	maduras.	Plural
Núcleo de gênero gramatical masculino				
	Artigo	Substantivo	Adjetivo	
Comprei	o	fruto	maduro.	Singular
Comprei	os	frutos	maduros.	Plural

No poema

Quando eu morrer quero ficar,
 Não contem aos meus inimigos,
 Sepultado em minha cidade,
 Saudade.

ANDRADE, Mário. Lira paulistana. In: *Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.

a estrutura “Quando eu morrer quero ficar / [...] Sepultado em minha cidade,” apresenta concordância entre “eu” (implícito) e “sepultado”, como se observa pela flexão em gênero e número do classificador:

Quando **eu** morrer quero ficar / [...] **Sepultado...**

→ Núcleo nominal

Gênero **masculino**
 Número **singular**

→ Adjunto adnominal predicativo

Gênero **masculino**
 Número **singular**

A partir da análise das estruturas destacadas, percebe-se que de fato a concordância é uma ferramenta de adequação da fala com a realidade descrita, uma vez que, mesmo não sendo morfologicamente marcado pela flexão de gênero, o núcleo nominal “eu” impõe a seu predicativo “sepultado” a categoria de gênero do falante, ainda que estejam em estruturas sintáticas distintas dentro da sentença.

EMBAS/ISTOCK



CASOS ESPECIAIS

Além da norma básica, que sistematiza a radiação de gênero e número do núcleo para os adjuntos, há casos especiais de concordância nominal, para os quais é preciso atenção especial.

Adjuntos adnominais de dois (ou mais) núcleos

ANTEPOSTO

Quando o adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal, estiver anteposto a dois ou mais substantivos (núcleos), deverá concordar com o mais próximo a ele.

A exposição mostrava **perfeitos sons** e cores.

A exposição mostrava **perfeitas cores** e sons.

POSPOSTO

Quando o adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal, estiver posposto a dois ou mais substantivos (núcleos), poderá concordar com o mais próximo ou com ambos.

A exposição mostrava sons e **cores perfeitas**.

A exposição mostrava **sons e cores perfeitos**.

Dois ou mais adjuntos nominais para um único núcleo

São possíveis dois empregos igualmente corretos.

Ouçõ a **música clássica** e a **popular**.

Ouçõ as **músicas clássica** e **popular**.

Predicativo do sujeito (ou objeto) composto

ANTEPOSTO

Quando há o emprego do predicativo anteposto aos núcleos, o adjetivo poderá concordar com os dois núcleos ou apenas com o mais próximo.

São **delicadas** as **rosas** e os **lírios**.

São **delicados** as **rosas** e os **lírios**.

POSPOSTO

Quando o predicativo é posposto aos núcleos e há elementos de gênero masculino e feminino, a concordância do predicativo se dá no masculino plural.

Os **lírios** e a **rosa** são **delicados**.

Adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, ocorre variação apenas no segundo elemento.

As duas **companhias** são **anglo-americanas**.

Compramos duas **camisetas verde-claras**.

A única exceção para flexão no plural é o adjetivo composto surdo-mudo.

A **escola** admite alunos **surdos-mudos**.

Expressões e palavras especiais

As palavras *mesmo*, *próprio*, *quite*, *incluso*, *anexo* e *obrigado* devem concordar em gênero e número com o substantivo.

Ela mesma inaugurou a cerimônia.

O **senhor** está **quite** com as prestações?

Ele próprio fez o discurso.

Os **documentos** seguem **anexos** ao pedido inicial.

As **despesas** já estão **inclusas** em sua próxima fatura.

A palavra *mesmo* fica invariável quando apresentar sentido de “realmente, de fato”, por se tratar de um advérbio.

As **crianças** foram ao parque **mesmo**?

Já as palavras *bastante*, *meio* e *só* apresentam ou não concordância de acordo com a função sintática da palavra.

Ao exercerem função de adjetivo, concordam com o substantivo.

Há **bastantes canetas** para todos na sala.

Eles estavam **sós** na praia.

Ao exercerem a função de advérbio, permanecem invariáveis.

As **atletas** treinaram **bastante**.

Os **diretores** pareciam **meio** preocupados com a situação.

Elas só querem saber quando será a festa.

As palavras *menos* e *alerta* são invariáveis em função de advérbio.

Apesar dos recentes avanços, há **menos mulheres** na política.

Os **cães** de guarda estavam **alerta**, após o sinal.

Sujeito com determinante

Quando o sujeito for acompanhado por artigo, pronome ou numeral, a concordância ocorrerá normalmente.

É **proibida a entrada** com câmera fotográfica.

A corrida pela manhã é **boa** para ativação da circulação sanguínea.

Sujeito sem determinante

Quando o sujeito não for acompanhado por artigo, pronome ou numeral, não ocorre flexão de concordância nominal.

É **proibido** fotografar.

Corrida é **bom** para o sistema cardiovascular.



ROTEIRO DE AULA

CONCORDÂNCIA NOMINAL

A concordância é

o fenômeno linguístico que permite ao falante buscar adequar ao máximo sua fala à realidade que descreve,

utilizando, para isso, mecanismos gramaticais como

flexão.

cópula.

adequação sintática.

a partir das categorias gramaticais como

gênero.

número.

peessoa.

Quanto à natureza do núcleo sintático, a concordância pode ser

verbal.

nominal.

que ocorre quando um substantivo tem como adjunto adnominal

um artigo.

um adjetivo.

um pronome.

um numeral.

e irradia para esses adjuntos as categorias gramaticais de

gênero.

número.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. EEAR-SP – Assinale a alternativa que não apresenta falha na concordância nominal.

- a) Ainda que sobre menas coisas para nós, devemos ir.
- b) As peças não eram bastante para a montagem do veículo.
- c) Os formulários estão, conforme solicitado, anexo à mensagem.

d) Neste contexto de provas em que vocês se encontram, está proibida a tentativa de cola.

Para as demais alternativas, as seguintes alterações seriam necessárias:

- a) Ainda que sobre menos coisas para nós, devemos ir.
- b) As peças não eram bastantes para a montagem do veículo.
- c) Os formulários estão, conforme solicitado, anexos à mensagem.

2. Unicentro-PR – Sobre as regras gramaticais de concordância, assinale o que estiver incorreto.

- a) Contiveram-se o rapaz e seus familiares durante o tumulto.
- b) A maioria dos clientes optaram por retirar o prêmio em dinheiro.
- c) Naquele dia, fizemos bastantes exercícios de fixação.
- d) Mesmo com todo trabalho, estávamos menos cansados que no dia anterior.

e) As condições dos pacientes pioraram muito, o que deixou os médicos bastantes preocupados.

O termo “bastante” é empregado como advérbio na alternativa E, o que exige sua grafia no singular e não no plural, como está escrito. Note que na alternativa C, o termo “bastante” é empregado como adjetivo para o substantivo “exercícios de fixação”, o que permite que ele seja flexionado no plural.

3. UFRGS-RS

Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas” pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as **políticas linguísticas** também podem ser menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, desapegada da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí fora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles

próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

GARCEZ, Pedro de Moraes; SCHULZ, Lia. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

Se a segunda ocorrência da expressão “políticas linguísticas”, em destaque no texto, fosse para o singular, quantas outras alterações seriam necessárias no período para manter-se a concordância?

- a) 1.
- b) 2.
- c) 3.**
- d) 4.
- e) 5.

No período em que a expressão aparece (“De fato, há leis sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas”), caso ela fosse para o singular, haveria 3 outras alterações, a saber: De fato, há leis sobre línguas, mas a política linguística também pode ser menos formal – e nem passar por leis propriamente ditas. O artigo anterior ao substantivo seria afetado, assim como o verbo e o adjetivo.

4. UFSC – Marque a única frase em que a concordância nominal aparece de maneira inadequada.

- a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
- b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
- c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.**
- d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.
- e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

A regra de concordância nominal diz que quando o predicativo é **posto** aos núcleos, o adjetivo deverá concordar com um dos núcleos. Caso haja elementos de gênero masculino (o exercício) e feminino (a evolução), prevalece o masculino no plural. Por isso, a alternativa C está escrita em desacordo com a norma culta.

5. Unesp – A questão abaixo focaliza um trecho do Código de Defesa do Consumidor (Lei n.º 8.078 de 11 de setembro de 1990).

Art. 6.º São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

V – a modificação das cláusulas contratuais que estabelecem prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais: coletivos ou difusos, assegurada a proteção Juríd - dica, administrativa e técnica aos necessitados;

VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;

IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7.º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

SENADO FEDERAL. *Código de defesa do consumidor e normas correlatas*. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

Nos trechos “**asseguradas** a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” (inciso II) e “**assegurada** a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados” (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

- a) apenas a primeira ocorrência está correta.
- b) apenas a segunda ocorrência está correta.
- c) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.
- d) as duas ocorrências estão incorretas.
- e) as duas ocorrências estão corretas.

As duas concordâncias estão corretas, pois o primeiro termo está no plural por concordar com o sujeito composto (a liberdade de escolha e a igualdade das contratações) e o segundo fica no singular para concordar com o elemento mais próximo. Assim, é correta a alternativa E.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. ExPCEx (Aman)-SP (adaptada) – Assinale a alternativa em que há o correto emprego da palavra sublinhada, de acordo com as regras da concordância nominal.

- a) Tens recursos bastantes para as obras?
- b) Nesta escola, formam-se alunos melhores preparados.
- c) Nas ocasiões difíceis é onde sobressai o verdadeiro líder.
- d) O homem foi atendido mais bem do que esperava.
- e) Ainda não tinha visto redação mais mal escrita.

8. Acafe-SC – Assinale a frase que está de acordo com as normas da língua padrão.

- a) Tudo sonogado, as construtoras constroem seus edifícios com água via gatos, talvez energia idem, quem deveria fiscalizar os governos que são ricos, então fica assim, para os ricos tudo, para nós aumentos, água vem aí 13%.
- b) Propomos, considerando ser de interesse das partes, a formalização do posicionamento quanto a matéria para, quando for o momento de sintetizar o encaminhamento da reivindicação ao prefeito, já tenhamos essas visões sedimentadas.
- c) Gente da espécie, não raro, incapazes de formular e defender ideias e pensamentos razoáveis, se limitam a acometer impropérios contra aqueles que ousaram

6. Unifor-CE (adaptada)

C8-H27

sem ~~180~~ erros de português

Meio-dia e meia ou Meio-dia e meio?

12h30 significa meio dia e mais meia hora.

Aprenda com o exemplo:
Nosso almoço será ao meio-dia e meia.

www.educarparacrescer.com.br

Como no exemplo acima, em qual das alternativas abaixo foram observadas adequadamente as regras de concordância?

- a) Ficaram muitos felizes com o casamento.
- b) Quero menos tristeza.
- c) Ainda meio cansada com a entrevista, ela afirmou não ser mulher de meias-palavras.
- d) Não se poupou esforços para mudar de vida.
- e) Eles estão alertas no quartel.

A palavra “meio” no sentido de um pouco, empregado como advérbio (modificador de verbo ou adjetivo) não varia: “meio cansada”. “Meio” varia, quando modifica substantivo, pois neste caso tem natureza de adjetivo em uma palavra composta: “meias-palavras”.

divergir ou desmascarar seus intentos insustentáveis os quais pretensamente objetivavam subtrair imerecidos méritos.

- d) Ocorre que não existe um plano de previsão de áreas para novos estacionamentos e, sob a égide da democracia de liberar o acesso a todos, esqueceu-se de garantir o mínimo àqueles que, de fato, realizam as atividades institucionais na Secretaria de Transporte.

9. Udesc (adaptada)

A vida de geladeira me lembrava a infância quando nos prendiam no quarto com uma daquelas doenças inevitáveis: sarampo, caxumba, catapora. Ali ainda era possível olhar pela janela a chuva fininha caindo nas ruas de Minas, a tropa de burros transportando carvão, a cara do carvoeiro manchada de negro nas bochechas. Os adultos apareciam de tarde e de manhã, colocavam o termômetro não sem balançá-lo energicamente antes. Quando tiravam o termômetro e se aproximavam da claridade, discutiam em voz baixa. Trinta e sete e meio, normal; não, trinta e sete e meio ainda é febre. Não sabíamos o que significavam realmente aqueles números e nem aquela coisa fria debaixo do braço. Mas a palavra febre era definitiva. Com febre você não pode sair; enquanto você tiver febre você terá de ficar dentro do quarto. De manhã

you tinha menos febre, de tarde as coisas pioravam. E isto era todo dia. Por que não enfiar aquele termômetro só de manhã?

Aquela altura os jornais já haviam publicado reportagens relativamente extensas e exatas sobre o sequestro do Embaixador americano. O Rio de Janeiro estava ainda fora de propósito. Para onde ir? As coisas estavam nesse pé: iríamos para algum lugar que não fosse o Rio de Janeiro, dentro de algum tempo. Não sei se o leitor/a já se meteu nessas complicações onde há muitas variáveis desconhecidas. Minha técnica é de abandonar algumas e me fixar na mais viável. Não me perguntava tanto quando sairia e sim para onde sairia. O problema do quando se resolveria depois.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?*. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

Assinale a alternativa incorreta em relação à obra *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira.

- a) Em relação ao estilo, a obra de Gabeira é pontuada por frases curtas e tom informal, características também do discurso jornalístico.
- b) Nos sintagmas “quando nos prendiam no quarto com uma daquelas doenças inevitáveis” e “Quando tiravam o termômetro” as palavras destacadas remetem à ideia de temporalidade.
- c) Da leitura da obra, depreende-se que a expressão “A vida de geladeira” remete à ideia de confinamento retratada no período da ditadura.
- d) O período “Não sei se o leitor/a já se meteu nessas complicações onde há muitas variáveis desconhecidas. Minha técnica é de abandonar algumas e me fixar na mais viável. Não me perguntava tanto quando sairia e sim para onde sairia” justifica que a narração em primeira pessoa explicita as vivências do autor em um mundo real, tornando a sua ficção mais verossímil.
- e) Na estrutura linguística “a cara do carvoeiro manchada de negro nas bochechas”, no que se refere à concordância nominal, há um desvio às normas exigidas pela gramática normativa.

10. ESPM-SP – Na frase

Analfabetismo, saneamento básico e pobreza **combinados**, explicam 62% a taxa de mortalidade das crianças com até cinco anos no Brasil

MAIA, Lucas de Abreu; TOLEDO, José Roberto de; BURGARELLI, Rodrigo. Mortalidade infantil está diretamente associada à falta de estudo dos pais. *O Estado de S. Paulo*, 26 ago. 2013.

, o termo em negrito:

- a) transgredir as normas de concordância nominal.
- b) concorda em gênero e número com o elemento mais próximo.
- c) faz uma concordância ideológica, num caso de silepse de número.
- d) poderia ser substituído pelo termo “combinadas”.
- e) concorda com todos os termos a que se refere, prevalecendo o masculino plural.

11. Uneb-BA – Assinale a alternativa em que, pluralizando-se a frase, as palavras destacadas permanecem invariáveis:

- a) Este é o **meio** mais exato para você resolver o problema: estude **só**.

- b) **Meia** palavra, **meio** tom – índice de sua sensatez.
- c) Estava **só** naquela ocasião; acreditei, pois em sua **meia** promessa.
- d) Passei muito inverno **só**.
- e) **Só** estudei o elementar, o que me deixa **meio** apreensivo.

12. UFRGS-RS (adaptada)

Havia naquele cemitério uma sepultura em torno _____ a imaginação popular tecera lendas. Ficava ao lado da capela, perto dos grandes jazigos, e consistia numa lápide cinzenta, com a inscrição já _____ apagada por baixo duma cruz em alto-relevo. Seus devotos acreditavam que a alma cujo corpo ali jazia tinha o dom de obrar milagres como os de Santo Antônio. Floriano leu a inscrição: Antônia Weber – Toni – 1895-1915. Talvez ali estivesse o ponto de partida de seu próximo romance...

Um jovem novelista visita o cemitério de sua terra e fica particularmente interessado numa sepultura singela a que a superstição popular atribui poderes milagrosos. Vem-lhe então o desejo de, através da magia da ficção, trazer de volta à vida aquela morta obscura. Sai à procura de habitantes mais antigos e a eles pergunta: “Quem foi Antônia Weber?” Alguns nada sabem. Outros contam o pouco de que se lembram. Um teuto-brasileiro sessentão (Floriano já começava a visualizar as personagens, a inventar a intriga), ao ouvir o nome da defunta, fica perturbado e fecha-se num mutismo ressentido. “Aqui há drama”, diz o escritor para si próprio. E conclui: “Este homem talvez tenha amado Antônia Weber...”. Ao cabo de várias tentativas, consegue arrancar dele uma história fragmentada, cheia de reticências que, entretanto, o novelista vai preenchendo com trechos de depoimentos de terceiros. Por fim, de posse de várias peças do quebra-cabeça, põe-se a armá-lo e o resultado é o romance duma tal Antônia Weber, natural de Hannover e que emigrou com os pais para o Brasil e estabeleceu-se em Santa Fé, onde...

Mas qual! – exclamou Floriano, parando à sombra dum plátano e passando o lenço pela testa úmida. Ia cair de novo nos alçapões que seu temperamento lhe armava. Os críticos não negavam mérito a seus romances, mas afirmavam que em suas histórias _____ o cheiro do suor humano e da terra: achavam que, quanto à forma, eram tecnicamente bem escritas; quanto ao conteúdo, porém, tendiam mais para o artifício que para a arte, fugindo sempre ao drama essencial. Pouco lhe importaria o que outros pensassem se ele próprio não estivesse de acordo com essas restrições. Chegara à conclusão de que, embora a perícia não devesse ser menosprezada, para fazer bom vinho era necessário antes de mais nada ter uvas, e uvas de boa qualidade. No caso do romance a uva era o tema – o tema legítimo, isto é, algo que o autor pelo menos tivesse sentido, se não propriamente vivido.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento: o retrato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto respectivamente.

- a) do qual – meia – faltavam
- b) da qual – meio – faltava
- c) da qual – meio – faltavam
- d) do qual – meio – faltavam
- e) da qual – meia – faltava

13. EsPCEEx (Aman)-SP – Assinale a alternativa em que a palavra *bastante(s)* está empregada corretamente, de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

- a) Os rapazes eram bastantes fortes e carregaram a caixa.
- b) Há provas bastante para condenar o réu.
- c) Havia alunos bastantes para completar duas salas.
- d) Temos tido bastante motivos para confiar no chefe.
- e) Todos os professores estavam bastante confiantes.

14. Urca-CE

É aí que o escritor encontra a sua singularidade. (...) retorna, por exemplo, a um dos arquétipos mais antigos da tragédia: a de que o mal surge no seio da própria família, que, ao fim, é encaminhada para a extinção. Em Redemunho, um dos melhores contos do livro, isso surge exemplarmente no confronto entre filho e mãe, os últimos remanescentes de uma família aristocrática: ele, traído pelo irmão; ela, cúmplice do crime. Em Inácia Leandro, o embate se dá entre irmão e irmã; em Cícera Candoia, entre filha contra a mãe, numa família marcada pelo parricídio. Mesmo em Faca, Mentira de Amor e A Escolha, em que os crimes envolvem, em circunstâncias as mais diversas, marido e mulher, as razões nunca são passionais no sentido habitual: há algo mais perverso – como um destino que não pode ser evitado.

FREITAS, Almir de. *BRAVO!*. São Paulo: Abril, abr. 2003.

Das palavras em destaque, marque a alternativa em que se pode usar como antecedente o artigo feminino.

- a) ... **diabetes** é uma doença bastante comum.
- b) Ninguém trouxe ... **cal** que pedi.
- c) Ela é ... **caixa** mais eficiente do banco.
- d) Melissa é ... **guia** da turma.
- e) Se você está com ... **moral** elevado, tudo bem.

15. UFRGS-RS

O menino sentado à minha frente é meu irmão, assim me disseram; e bem pode ser verdade, ele regula pelos dezessete anos, justamente o tempo em que estive solto no mundo, sem contato nem notícia.

A princípio quero tratá-lo como intruso, mostrar-lhe a minha hostilidade, não abertamente para não chocá-lo, mas de maneira a não lhe deixar dúvida, como se lhe perguntasse com todas as letras: que direito tem você de estar aqui na intimidade de minha família, entrando nos nossos segredos mais íntimos, dormindo na cama onde eu dormi, lendo meus velhos livros, talvez sorrindo das minhas anotações à margem, tratando meu pai com intimidade, talvez discutindo a minha conduta, talvez até criticando-a? Mas depois vou notando que ele não é totalmente estranho. De repente fere-me a ideia de que o intruso talvez seja eu, que ele tenha mais direito de hostilizar-me do que eu a ele, que vive nesta casa há dezessete anos. O intruso sou eu, não ele.

Ao pensar nisso vem-me o desejo urgente de entendê-lo e de ficar amigo. Faço-lhe **perguntas** e noto a sua avidez em respondê-las, mas logo vejo a inutilidade de prosseguir nesse caminho, **as perguntas** parecem-me formais e **as respostas** forçadas e complacentes.

Tenho tanta coisa a dizer, mas não sei como começar, até a minha voz parece ter perdido a naturalidade. Ele me olha, e vejo que está me examinando, procurando decidir se devo ser tratado como irmão ou como estranho, e imagino que as suas dificuldades não devem ser menores do que as minhas.

Ele me pergunta se eu moro em uma casa grande, com muitos quartos, e antes de responder procuro descobrir o motivo da pergunta. Por que falar em casa? E qual a importância de muitos quartos? Causarei inveja nele se responder que sim? Não, não tenho casa, há muitos anos que tenho morado em hotel. Ele me olha, parece que fascinado, diz que deve ser bom viver em hotel, e conta que, toda vez que faz reparos à comida, mamãe diz que ele deve ir para um hotel, onde pode reclamar e exigir. De repente o fascínio se transforma em alarme, e ele observa que se eu vivo em hotel não posso ter um cão em minha companhia, o jornal disse uma vez que um homem foi processado por ter um cão em um quarto de hotel. Confirmo a proibição. Ele suspira e diz que então não viveria em um hotel nem de graça.

VEIGA, José J. Entre irmãos. In: MORICONI, Ítalo M. *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Se as expressões “perguntas”, “as perguntas” e “as respostas”, destacadas no terceiro parágrafo do texto, fossem substituídas, respectivamente, por “uma pergunta”, “a pergunta” e “a resposta”, quantas outras alterações seriam necessárias no texto, para fins de concordância?

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) 5

16. Escola Naval-RJ

Minha amiga me pergunta: por que você fala sempre nas coisas que acontecem a primeira vez e, sobretudo, as comparar com a primeira vez que você viu o mar? Me lembro dessa cena: um adolescente chegando ao Rio e o irmão lhe prevenindo: “Amanhã vou te apresentar o mar.” Isto soava assim: amanhã vou te levar ao outro lado do mundo, amanhã te ofereço a Lua. Amanhã você já não será o mesmo homem.

E a cena continuou: resguardado pelo irmão mais velho, que se assentou no banco do calçadão, o adolescente, ousado e indefeso, caminha na areia para o primeiro encontro com o mar. Ele não pisava na areia. Era um oásis a caminhar. Ele não estava mais em Minas, mas andava num campo de tulipas na Holanda. O mar a primeira vez não é um rito que deixe um homem impune. Algo nele vai-se aprofundar.

E o irmão lá atrás, respeitoso, era a sentinela, o sacerdote que deixa o iniciante no limiar do sagrado, sabendo que dali para a frente o outro terá que, sozinho, enfrentar o dragão. E o dragão lá vinha soltando pelas narinas as ondas verdes de verão. E o pequeno cavaleiro, destemido e intimidado, tomou de uma espada ou pedaço de pau qualquer para enfrentar a hidra que ondeava mil cabeças, e convertendo a arma em caneta ou lápis começou a escrever na areia um texto que não terminará jamais. Que é assim o ato de escrever: mais que um modo de se postar diante do mar, é uma forma de domar as vagas do presente convertendo-o num cristal passado.

Não, não enchi a garrafinha de água salgada para mostrar aos vizinhos tímidos retidos nas montanhas, e fiz mal, porque muitos morreram sem jamais terem visto o mar que eu lhes trazia. Mas levei as conchas, é verdade, que na mesa interior marulhavam lembranças de um luminoso encontro de amor com o mar.

Certa vez, adolescente ainda nas montanhas, li uma crônica onde um leitor de Goiás pedia à cronista que lhe explicasse, enfim, o que era o mar. Fiquei perplexo. Não sabia que o mar fosse algo que se explicasse. Nem me lembro da descrição. Me lembro apenas da pergunta. Evidentemente eu não estava pronto para a resposta. A resposta era o mar. E o mar

eu conheci, quando pela primeira vez aprendi que a vida não é a arte de responder, mas a possibilidade de perguntar.

Os cariocas vão achar estranho, mas eu devo lhes revelar: o carioca, com esse modo natural de ir à praia, desvaloriza o mar. Ele vai ao mar com a sem-cerimônia que o mineiro vai ao quintal. E o mar é mais que horta e quintal. É quando atrás do verde-azul do instante o desejo se alucina num cardume de flores no jardim. O mar é isso: é quando os vagalhões da noite se arrebatam na aurora do sim.

Ver o mar a primeira vez, lhes digo, é quando Guimarães Rosa pela vez primeira, por nós, viu o sertão. Ver o mar a primeira vez é quase abrir o primeiro consultório, fazer a primeira operação. Ver o mar a primeira vez é comprar pela primeira vez uma casa nas montanhas: que surpresas ondearão entre a lareira e a mesa de vinhos e queijos!

O mar é o mestre da primeira vez e não para de ondear suas lições. Nenhuma onda é a mesma onda. Nenhum peixe o mesmo peixe. Nenhuma tarde a mesma tarde. O mar é um morrer sucessivo e um viver permanente. Ele se desfolha em ondas e não para de brotar. A contemplá-lo ao mesmo tempo sou jovem e envelheço.

O mar é recomoço.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. O mar, a primeira vez.
In: _____. *Fizemos bem em resistir*: crônicas selecionadas.
Rio de Janeiro: Rocco, 1994. Adaptado.

Que opção obedece, plenamente, à modalidade padrão da língua portuguesa?

- Para muitas pessoas, o barulho das ondas do mar ao mesmo tempo fascinam e assustam.
- Os jovens e os sonhadores, costumam, escrever seus nomes nas areias da praia, indelevelmente.
- É extraordinário a alegria e o medo de uma criança, ao lembrar da primeira vez que viu o mar.
- As pessoas urbanas e apressadas não vêm nada demais nas paisagens marítimas.
- Prudência é necessário quando se entra ao mar, transmutado pela ressaca.

17. Insper-SP

Texto I

sic – Em latim, significa *assim*. Expressão usada entre colchetes ou parênteses no meio ou no final de uma declaração entre aspas, ou na transcrição de um documento, para indicar que é assim mesmo, por estranho ou errado que possa ser ou parecer.

FOLHA – UOL. *Novo Manual da Redação* – 1996.

Texto II

A ministra da Cultura, Ana de Hollanda, recebeu um grupo de 50 manifestantes, que foram de ônibus a Brasília reclamar sobre a demora para receber os recursos do governo federal. (...) Em nota divulgada ontem no site do Ministério da Cultura, Ana de Hollanda disse que o ministério “reconhece, valoriza e tem claro [sic] a necessidade da continuidade” do trabalho dos Pontos de Cultura. A nota, no entanto, não aponta quando o problema deve ser resolvido.

Folha de S. Paulo, 23 fev. 2011.

Considerando-se as informações apresentadas nos textos, é correto afirmar que o motivo da inclusão do “sic”, no Texto II, é apontar uma falha de

- concordância nominal, já que o adjetivo “claro” deveria estar no feminino para concordar com o substantivo “necessidade”.
- regência nominal, pois o “a”, antes do substantivo “necessidade”, deveria receber acento grave para indicar a ocorrência de crase.
- pontuação, uma vez que se omitiu a vírgula obrigatória para separar as orações coordenadas presentes nesse período.
- acentuação gráfica, já que o verbo “ter”, presente na expressão “tem claro”, deveria receber acento circunflexo.
- coesão textual, pois, nessa construção, é obrigatória a inclusão do conectivo “que” para ligar a oração principal à oração subordinada.

ESTUDO PARA O ENEM

18. UFRGS-RS (adaptada)

C8-H27

Pede-se a quem souber
do paradeiro de Luísa Porto
avise sua residência à Rua Santos Óleos, 48.

Previna urgente
solitária mãe enferma
entrevada há longos anos
erma de seus cuidados.

Pede-se a quem avistar Luísa Porto, 37 anos,
que apareça, que escreva, que mande dizer
onde está.

Suplica-se ao repórter-amador,
ao caixeiro, ao mata-mosquitos,
ao transeunte,

a qualquer do povo e da classe média,
até mesmo aos senhores ricos,
que tenham pena de mãe aflita

e lhe restituam a filha volatilizada
ou pelo menos dêem informações.

É alta, magra, morena;

rosto penugento, dentes alvos,

sinal de nascença junto ao olho esquerdo,

levemente estrábica.

Vestidinho simples. Óculos.

Sumida há três meses.

Mãe entrevada chamando.

Foi fazer compras na feira da praça.

Não voltou.

(...)

ANDRADE, Carlos Drummond de. Desaparecimento de Luísa Porto.
In: *Novos Poemas*, de Carlos Drummond de Andrade: Nova Reunião –
19 Livros de Poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

Considere as propostas de reescrita abaixo para o seguinte trecho do texto (versos 01-03)

Pede-se a quem souber
do paradeiro de Luísa Porto

Avise sua residência à Rua Santos Óleos, 48.

- 1) Na mensagem, pedia-se, às pessoas que soubessem do paradeiro de Luísa Porto, que avisassem a residência dela, situada à Rua Santos Óleos, 48.
- 2) Na mensagem, pediu-se que as pessoas que sabiam do paradeiro de Luísa Porto avisem a residência dela, situada à Rua Santos Óleos, 48.
- 3) Na mensagem, fazia-se um pedido a quem tivesse conhecimento do paradeiro de Luísa Porto, que desse aviso à residência dela, situada à Rua Santos Óleos, 48.

Quais propostas manteriam a correção gramatical e o sentido do referido trecho?

- a) apenas a opção 2
- b) apenas a opção 3
- c) apenas as opções 1 e 2
- d) apenas as opções 1 e 3
- e) as opções 1, 2 e 3

19. Insuper-SP (adaptada)

C6-H18

Futebol de rua

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. (I) Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. (II) Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que eu estou falando. (III) Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora. Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua. Elas seriam mais ou menos assim:

DA BOLA – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa. (...)

DAS GOLEIRAS – As goleiras podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão. Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor, e até o seu irmão menor, apesar dos seus protestos. (IV) Quando o jogo é importante, recomenda-se o uso de latas de lixo. Cheias, para aguentarem o impacto. (...)

DO CAMPO – O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua.

DA DURAÇÃO DO JOGO – (V) Até a mãe chamar ou escurecer, o que vier primeiro. Nos jogos noturnos, até alguém da vizinhança ameaçar chamar a polícia.

DO JUIZ – Não tem juiz.

(...)

DAS SUBSTITUIÇÕES – Só são permitidas substituições:

- a) No caso de um jogador ser carregado para casa pela orelha para fazer a lição.

- b) Em caso de atropelamento.

DO INTERVALO PARA DESCANSO – Você deve estar brincando.

DA TÁTICA – Joga-se o futebol de rua mais ou menos como o Futebol de Verdade (que é como, na rua, com reverência, chamam a pelada), mas com algumas importantes variações. O goleiro só é intocável dentro da sua casa, para onde fugiu gritando por socorro. É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi. Se a bola dobrar a esquina é córner*.

DAS PENALIDADES – A única falta prevista nas regras do futebol de rua é atirar um adversário dentro do bueiro. É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto.

DA JUSTIÇA ESPORTIVA – Os casos de litígio serão resolvidos no tapa.

*córner = escanteio

VERISSIMO. Luis Fernando. Futebol de rua. *Para Gostar de Ler*. v.7. Cônicas. São Paulo: Ática, 1981.

As proposições abaixo tratam das regras de concordância nominal. Analisando frases do texto, observe:

- I. A concordância no período “É considerada atitude antiesportiva e punida com tiro indireto” está correta, pois o adjetivo “considerada” concorda com o substantivo “atitude”.
- II. O enunciado “É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi” está correto, pois o adjetivo “permitido” fica invariável quando o sentido é vago, genérico.
- III. O erro em “Só são permitidas substituições (...)” está no adjetivo “permitidas”, que deveria ficar no masculino devido à ausência de artigo ou de outro determinante antes de “substituições”.
- IV. O enunciado “É permitido entrar na área adversária tabelando com uma Kombi” deveria ser substituído por “É permitida a entrada na área adversária tabelando com uma Kombi” para se adequar à norma-padrão.
- V. O período “Só são permitidas substituições (...)” está correto, pois o adjetivo “permitidas” deve concordar com “substituições” que está no feminino plural, mesmo sem a presença do determinante.

Estão corretas, apenas:

- a) I, II e V
- b) I, III e IV
- c) IV e V
- d) I e II
- e) II e III

20. Insuper-SP

C8-H27

Quem ri por último ri Millôr

Eu tinha 15 anos, havia tomado bomba, era virgem e não via, diante da minha incompetência para com o sexo oposto, a mais remota possibilidade de reverter a situação. Em algum momento entre a oitava série e o primeiro colegial, todos os meus colegas haviam adotado roupas diferentes, gírias, trejeitos ao falar e ao gesticular, mas eu continuava igual era como se houvesse faltado na aula em que os estílos foram distribuídos e estivesse condenado a viver para sempre numa espécie de limbo social, feito de incertezas, celibato e moletom.

O mundo, antes um lugar com regras claras e uma razoável meritocracia, havia perdido o sentido: os bons meninos não ganhavam uma coroa de louros nem ao menos, vá lá, uma loura coroa, era preciso acordar às 6h15 para estudar química orgânica e os adultos ainda queriam me convencer de que aquela era a melhor fase da vida.

Claro, observando-os, era óbvia a razão da nostalgia: seres de calças bege e pager no cinto, que gastavam seus dias em papinhos de elevador, sem ambições maiores do que um carro novo, um requieirão com menos colesterol, o nome na moldura de funcionário do mês e ingressos para o Holiday on Ice no fim de semana. Em busca de algum consolo, me esforçava para bater o recorde jamaicano de consumo de maconha, mas, em vez de ter abertas as portas da percepção ou o que quer que fizesse com que meus amigos se divertissem e passassem meia hora rachando o bico, sei lá, de um amendoim, só via ainda mais escancaradas as portas da minha inadequação.

Foi então, meus caros, que eu vi a luz e a luz veio na forma de um livro; *Trenta anos de mim mesmo*, do Millôr Fernandes. A primeira página que eu abri trazia um quadrado em branco, com a seguinte legenda: Uma gaiivota branca, trepada sobre um iglu branco, em cima de um monte branco. No céu, nuvens brancas esvoaçam e à direita aparecem duas árvores brancas com as flores brancas da primavera. Logo adiante estava O abridor de latas, pela primeira vez no Brasil um conto inteiramente em câmara lenta narrando um piquenique de tartarugas que durava uns anos. Mais pra frente, esta quadra: Essa pressa leviana/ Demonstra o incompetente/ Por que fazer o mundo em sete dias/ Se tinha a eternidade pela frente?.

Lendo aquelas páginas, que reuniam o trabalho jornalístico do Millôr entre 1943 e 1973, compreendi que não estava sozinho em meu estranhamento: a vida era mesmo absurda, mas a resposta mais lógica para a falta de sentido não era o desespero, e sim o riso. Percebi, como se não bastasse, que se agregasse alguma graça aos meus resmungos poderia fazer daquele incômodo uma profissão. Dos 19 anos até hoje, jamais paguei uma conta de luz de outra forma.

Uma pena nunca ter conhecido o Millôr pessoalmente, não ter podido apertar sua mão e agradecer-lhe por haver me sussurrado ao ouvido, quando eu mais precisava escutar, a única verdade que há debaixo do céu: se Deus não existe, então tudo é divertido.

PRATA, Antonio. *Folha de S.Paulo*, 04 abr. 2012.

Embora se utilize de um registro linguístico coloquial na passagem “*se divertissem e passassem meia hora rachando o bico*”, o cronista estabelece, no termo destacado, a concordância nominal de acordo com as regras gramaticais.

Assinale a alternativa em que o uso da palavra *meia* ou *meio* não está de acordo com a norma culta da língua.

- a) É meio-dia e meia.
- b) Eu estou meia cansada.
- c) As frutas estão meio caras.
- d) Acolheu-me com palavras meio ríspidas.
- e) Não me venha com meias palavras.

MATERIAL DE USO EM SALA DE AULA
SISTEMA DE ENSINO

36

CONCORDÂNCIA VERBAL

- Concordância verbal
- Caso geral
- Casos especiais

HABILIDADES

- Reconhecer a importância da concordância verbal para a construção de textos claros e coesos, alinhados à norma culta da língua;
- Identificar a regra geral e as regras especiais que normatizam a flexão dos verbos e demais elementos sintáticos que garantem concordância verbal aos textos;
- Diferenciar as situações específicas em que o sujeito da oração exige a flexão do verbo, de acordo com a língua padrão.

Concordância

Como apresentado anteriormente, a concordância é o fenômeno linguístico que permite ao falante buscar adequar ao máximo sua fala à realidade que descreve, utilizando para isso, sobretudo, mecanismos gramaticais como a flexão, a cópula e a adequação sintática, a partir das categorias de número, pessoa e gênero gramatical.



BECK, Alexandre. *Armandinho*, 24 jul. 2017.

Como pode ser percebido no 1º quadrinho da tirinha, na oração “A gente procura por boas notícias...”, o sujeito “A gente...” concorda em número e pessoa com o verbo “... procura...”, flexionado em 3ª pessoa do singular, uma vez que núcleos verbais irradiam apenas categorias de pessoa e número para o sujeito, estrutura a que está relacionada quanto à flexão.

Concordância verbal

Pode-se afirmar que a concordância verbal é o ato de flexionar o verbo de modo adequado, para que haja relação com o sujeito da oração, de modo a estabelecer coesão entre a fala e a realidade descrita.

No crioulo de Cabo Verde [uma língua derivada do contato do português europeu com certa língua falada no arquipélago], quando há um determinante precedendo o núcleo nominal, só o determinante leva a marcação de plural, mas quando não há um determinante, o plural é realizado no primeiro elemento não determinante da estrutura nominal. Os seguintes exemplos captam essas características:

Plural só no determinante ou no possessivo

(7) *keş rapariga*

‘aquelas moças / as moças’

(8) *nhaş mininu*

‘minhas crianças’

[...]

Plural aparece no nome quando não há elemento pronominal

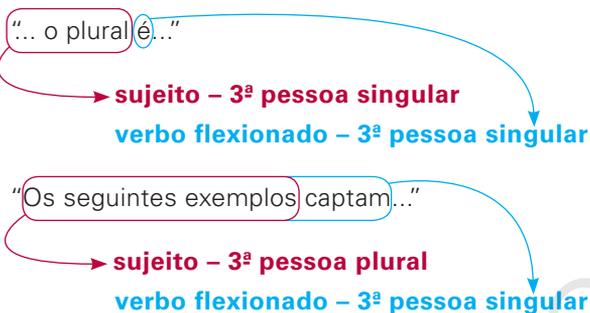
(11) *Raparigaş txega sedu*

‘as moças chegam cedo’

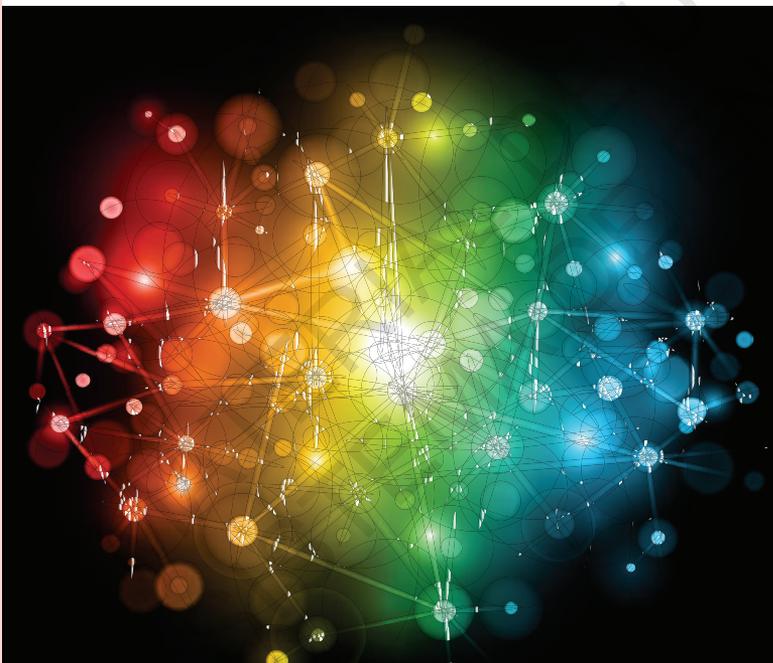
Nota-se, portanto, as duas principais restrições sobre a marcação de plural: a classe de palavra, e a sua posição [...]

BAXTER, Alan. A concordância de número. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. Adaptado.

Nesse excerto de uma obra que trata da influência de línguas africanas no português brasileiro, a análise dos excertos "... o plural é realizado no primeiro elemento não determinante da estrutura nominal." e "os seguintes exemplos captam essas características:" deixa claro que a norma-padrão da língua portuguesa, utilizada pelos autores do estudo, exige que haja concordância entre sujeito e núcleo verbal, de modo que as categorias de número e pessoa do verbo sejam replicadas no sujeito, como ocorre entre



CASO GERAL



De modo geral, o núcleo do sujeito concorda em número e pessoa com o verbo a que está relacionado.

A norma geral da concordância verbal é: o núcleo da estrutura que acompanham o verbo deve sempre concordar com o núcleo verbal, reforçando a relação entre essas partes da oração, de acordo com as categorias de número e pessoa.

Categorias	
Número	Pessoa da enunciação
Singular	1ª
	2ª
	3ª
Plural	1ª
	2ª
	3ª

Como os verbos apenas podem ser flexionados em número e pessoa, essas categorias são irradiadas para o(s) núcleo(s) da(s) estrutura(s) de sujeito, que as irradiam para as estruturas nominais que estão subordinando.

E, de fato, quando fez o pedido oficial, Armando virou-se para o amigo: "Eu e Lucila fazemos questão que tu sejas o nosso padrinho." Nessa altura dos acontecimentos, o pobre Armando perdera as dívidas anteriores. Acreditava-se apaixonado.

RODRIGUES, Nelson. O padrinho. In: *A vida como ela é*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de Bolso).

Eu e Lucila fazemos questão que **tu sejas** o nosso padrinho.

Como se observa nos trechos do excerto, conforme a norma geral, verbo singular, sujeito singular; verbo plural, sujeito plural.

CASOS ESPECIAIS

É necessário identificar qual o tipo de sujeito gramatical empregado na estrutura da oração, a fim de que o verbo seja adequadamente flexionado.

Segue lista de contextos que influenciam nessa definição, para que a flexão verbal corresponda ao que está sistematizado na norma-padrão da língua portuguesa contemporânea.

Núcleo do sujeito composto e anterior ao verbo

O verbo fica no plural.



Hanseníase, verminoses e tracoma têm cura.

Núcleo do sujeito composto e posterior ao verbo

O verbo fica no plural ou concorda com o núcleo mais próximo.

Caminharam o **instrutor** e o **aluno**.
Caminhou o **instrutor** e o **aluno**.

Núcleo do sujeito composto por diferentes pessoas gramaticais

O verbo fica no plural, na pessoa prevalente, sendo que
- 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e 3ª pessoa;
- 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª pessoa.

Os **diretores**, **tu** e **eu** **iniciaremos** a sessão.
os diretores (3ª pessoa plural)
tu (2ª pessoa singular)
eu (1ª pessoa singular)

Tu e **eles** **iniciareis** a sessão. (ou **iniciarás**)
tu (2ª pessoa singular)
eles (3ª pessoa plural)

Núcleo do sujeito composto e anterior ao verbo, com núcleos sinônimos ou semanticamente próximos

O verbo fica no singular ou no plural.

A **simplicidade** e a **sobriedade** **marcaram** o evento.
A **simplicidade** e a **sobriedade** **marcou** o evento.

Núcleo do sujeito composto, resumido por tudo, nada, alguém, cada um, ninguém

O verbo fica no singular.

As **músicas**, as **cores**, os **amigos**, **tudo** o **encantava**.

Do mar, ele tem certeza, **lhe** virá um dia qualquer coisa que ele não sabe o que é, mas que espera.

O que faltará ao negrinho Antônio Balduino que tem apenas quinze anos e já é imperador da cidade negra da Bahia? **Ele** não o sabe nem **ninguém** sabe. Mas falta alguma coisa, que para ele achar terá ou que cruzar o mar ou que esperar que o mar **lhe** traga, no bojo de um transatlântico, ou no porão de um saveiro, ou mesmo preso ao corpo de um naufrago.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Que como núcleo de sujeito de oração subordinada subjetiva

O verbo pode concordar com o termo antecedente.

Enfim um bolero, **n'est pas madame?** Fui eu **que** **surbornei** a orquestra. Agora podemos dançar juntos, [...]

VERISSIMO, Luis Fernando. Bolero. In: _____. *Os últimos quartetos de Beethoven e outros contos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Quem como núcleo de sujeito de oração subordinada subjetiva

O verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o termo antecedente.

Fui eu **quem** **preparou** o café.

Fui eu **quem** **preparei** o café.

Núcleo do sujeito é pronomes de tratamento

O verbo fica na 3ª pessoa do singular ou do plural.

Vossa Alteza **assinou** o decreto.
Vossas Excelências **receberam** as reclamações.

Núcleo do sujeito formado por alguns de nós, quais de vós, quantos de vós etc.

O verbo pode concordar com o pronome interrogativo/indefinido ou pessoal.

Quantos de vós me **acusarão?**

Qual de vós **ficará** ao meu lado?

Núcleo do sujeito ligado pelas palavras ou ou nem

- Sendo indicador de exclusão, o verbo fica no singular.

Mariana ou **Leila** **será** a nova diretora.

- Sendo indicador de inclusão, o verbo fica no plural.

Corrida ou **natação** **exigem** bom preparo físico.

Nem pedestres, **nem motoristas** **conseguiram** se entender.

Núcleo do sujeito formado por mais de um(a)

O verbo fica no singular.

Mais de uma pessoa **morava** naquele casebre.

Núcleo do sujeito formado por um(a) dos(as) que

O verbo fica preferencialmente no plural (embora aceite o singular).

Bento transpirava, arquejante, mas não dizia nada. Era como se aqueles muitos pares de olhos que estavam postos nele irradiassem calor, fazendo-o suar e dando-lhe um mal-estar insuportável.

— Está bem — disse, soturno. — Dou minha palavra de honra. — **Dirigiu-se para um dos que seguravam Rodrigo**. — Se esse homem me ferir ou me matar, podem deixar ele ir embora em paz. — Aproximou-se do vigário. — Padre, vosmecê fale com meu pai, explique a ele que empenhei minha palavra de honra.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento* [parte 1] – O Continente vol. 1. São Paulo: companhia das Letras, 2013.

Núcleo do sujeito formado por um(a) e outro(a) ou nem um(a) nem outro(a)

O verbo fica preferencialmente no singular (embora aceite o plural).

Nem uma **nem outra** obra **estava** exposta/**estavam** expostas.

Núcleo do sujeito formado por **como a maioria de ou a maior parte de**

O verbo fica no singular ou no plural.

A maioria dos países *aceitou/aceitaram*.

Núcleo do sujeito contém porcentagem

- O verbo concorda com a quantidade percentual.

Os resultados obtidos pelo IPAM indicam que **64%** dos gestores **conhecem** os critérios de repasse do ICMS Verde. Porém, apenas **26%** dos municípios entrevistados **possuem** legislação ou dispositivo legal que vincula recursos do ICMS Verde a um FMMA ou outro uso específico.

IPAM – Amzônia. O ICMS Verde como incentivo à conservação do meio ambiente em municípios paraenses. *Boletim Amazônia em Pauta*, n. 9, 23 nov. 2018. Disponível em: <<http://ipam.org.br>>. Acesso em: mar. 2019.

- ou com o elemento especificado pela porcentagem.

Aquele valor residual de 10% *deve ser* pago hoje. 40% da área *foi* reflorestada.

Núcleo do sujeito contém nomes próprios no plural

- Com emprego de artigo, o verbo fica no plural.

Os Emirados Árabes *são* um pequeno país do Oriente Médio.

- Sem emprego de artigo, o verbo fica no singular.

Emirados Árabes *é* onde fica a cidade de Dubai.

Núcleo do sujeito no coletivo

O verbo fica no singular, se for apenas o coletivo.

A caravana *seguiu* por outro caminho.

A assembleia *decidiu* pela absolvição.

O verbo fica no singular ou no plural, se o coletivo for seguido de substantivo plural.

Um bando de exploradores *conseguiu/conseguiram* entrar no barco.

Núcleo do sujeito na voz passiva sintética (com pronome apassivador **se**)

O verbo concorda com o sujeito no singular ou no plural.

***Vende-se* apartamento.**

***Desfez-se* o sonho.**

***Acabaram-se* as flores.**

***Alugam-se* casas.**

Núcleo do sujeito é indeterminado e seguido do pronome **se**

O verbo fica no singular.

***Vive-se* bem naquela cidade do interior.**

***Precisa-se* de especialistas em logística.**

***Confia-se* naqueles que sempre estiveram mais próximos.**

Núcleo do sujeito formado por verbos **dar, bater ou soar** (sentido de horas)

- O verbo concorda com o sujeito da oração.

O relógio *deu* três horas.

O sino *bateu* doze badaladas.

- ou com o numeral da oração.

***Deram* três horas no relógio.**

Os campanários *soaram* doze badaladas.

Oração sem sujeito

O verbo fica na 3ª pessoa do singular.



SOUSA, Mauricio de. *Cascão*. São Paulo: Globo, 2001.

Em "Por que chove?", o verbo *chover* fica na 3ª pessoa do singular por ser impessoal, logo, não concorda com um sujeito, por ser verbo de oração sem sujeito.

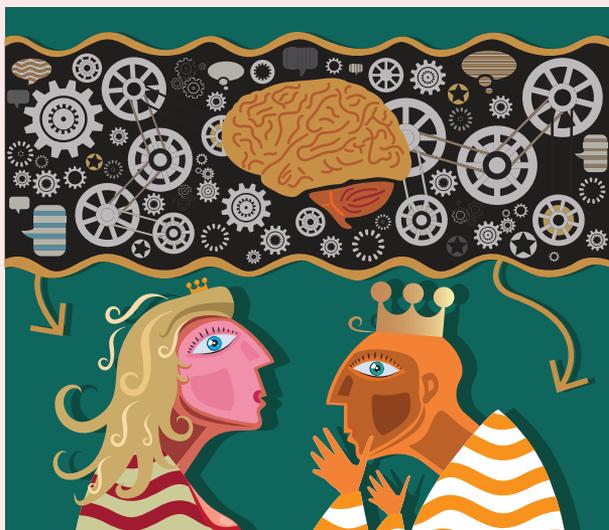
***Ventou* muito ontem à tarde.**

***Faz* duas horas que comecei a leitura.**

***Havia* muitas folhas no gramado.**

***Houve* muitos boatos a respeito da entrevista.**

LEITURA COMPLEMENTAR



NIHATDURSUNJISTOCK

Estariam os falantes contemporâneos privilegiando a expressão do sujeito como estratégia de compensação de apagamento de marcas de flexão número-pessoal dos verbos, tornando o português brasileiro uma língua de parâmetro negativo quanto à ocorrência de sujeito nulo?

Esvaziamento da concordância verbal e preenchimento da posição de sujeito: estaria o português brasileiro se tornando uma língua de parâmetro negativo quanto à ocorrência de sujeito nulo?

A pluralidade é, ao lado do gênero, uma das noções mais concretas veiculadas por categorias mórficas de flexão. Tanto é verdade que o estruturalismo descritivista, em seu afã taxonômico já bem conhecido, esmerou-se no desenvolvimento de tipologia morfológica em que diferencia categorias meramente classificatórias que nada veiculam, como vogais temáticas, de categorias flexionais, como número, que quantificam os referentes envolvidos no processo de comunicação. No Brasil, a questão da pluralidade tem recebido a atenção de vários pesquisadores seja no âmbito da concordância verbal, seja no da concordância nominal. As línguas podem empregar diferentes estratégias para indicar a pluralidade. Línguas como o inglês e o francês conservam a flexão de plural na estrutura de sujeito, enquanto o verbo veicula muito menos informação. Essa característica está vinculada a outro princípio estrutural que não permite categorias vazias em posição de sujeito, com a liberdade que línguas como espanhol e português permitem. Línguas como o inglês e o francês pertencem ao parâmetro das línguas sem sujeito nulo, ao contrário do português, do espanhol e do italiano, que pertencem ao parâmetro das línguas que apresentam sujeito nulo. A característica mais marcante dessa distinção tipológica consiste no fato de que nas línguas do parâmetro com sujeito nulo o pronome sujeito e a concordância verbal são redundantes, de modo que elas podem prescindir comumente do preenchimento da estrutura de sujeito. A teoria

da regência e da vinculação desenvolveu uma propriedade que explica por que nessas línguas o sujeito pode ser nulo. Essa propriedade é a própria flexão verbal, desdobrada em tempo e concordância (marcas de gênero, número e pessoa), que funciona como um regente apropriado para a posição de sujeito. Isso parece explicar por que o inglês e o francês conservam a flexão de plural no sujeito.

Idioma	<i>Chover</i> 3ª pessoa singular	Padrão sujeito nulo
Português	(SN) <i>Chove</i>	+
Espanhol	(SN) <i>Llueve</i>	+
Italiano	(SN) <i>Piove</i>	+
Francês	<i>Il pleut</i>	-
Inglês	<i>It rains</i>	-

O que pensar de línguas, como o português, que não necessitam da presença manifesta de um sujeito que, nesse caso, veicularia a marca de pluralidade, necessária para o processo de comunicação? O que pensar, sobretudo, se uma marca manifesta no verbo, a flexão relativa à 3ª pessoa, como em *levaram* e *devem*, por exemplo, inclui-se numa regra fonológica de simplificação e desnasalização de ditongo, na variedade não padrão? O que dizer, ainda, do parâmetro de sujeito nulo, se a ausência de marcação na forma verbal implicar a obrigatoriedade do sujeito? A supressão de marcas flexionais no verbo pode comprometer a informação de pluralidade na sentença.

Na variedade não padrão, há evidência de relação entre estratégias de pronominalização e concordância verbal, na direção de processo funcional de natureza compensatória. O esvaziamento da concordância verbal implica uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito, na modalidade falada não culta. Esse argumento pretende demonstrar que as funções gramaticais podem provocar diretamente uma mudança sonora para necessidades comunicativas.

A concordância verbal no português brasileiro inclui-se no conjunto dos fenômenos gramaticais sujeitos à variação. Ainda que pese significativamente a influência da tradição normativa na escola, é possível afirmar que, nem mesmo no âmbito da variedade culta, esse processo sintático pode ser considerado regra categórica, que se aplique invariavelmente, independentemente de outras restrições de natureza sintático-semântica ou discursiva. Que sofre injunções de ordem externa, derivadas da diversidade sociocultural, é uma realidade óbvia e indiscutível.

CAMACHO, Roberto Gomes. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. In: *Alfa*, São Paulo, 37: 101-116, 1993. Adaptado.

ROTEIRO DE AULA

CONCORDÂNCIA VERBAL

Já foi visto que, quanto à natureza do núcleo sintático, a concordância pode ser

nominal, _____

verbal, _____

que ocorre quando um substantivo tem como adjunto adnominal

que ocorre quando um verbo força seu argumento a

um artigo. _____

um numeral. _____

replicar suas categorias gramaticais de número e pessoa, _____

um adjetivo. _____

um pronome. _____

haja vista a natureza nominal do núcleo argumental que concorda com o verbo, sintaticamente conhecido como

e irradia para esses adjuntos as categorias gramaticais de

sujeito, _____

gênero. _____

número. _____

estrutura que, sendo preenchida por

um núcleo, _____

dois ou mais núcleos, _____

é classificada como

é classificada como

simples, _____

composta, _____

classificação essa que reflete paralelamente o modo como é flexionado em número e pessoa

o núcleo verbal. _____

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFSM-RS

Texto I

Faça uma dieta de leituras

Passar o dia inteiro nas redes sociais é tão saudável quanto viver à base de fast food

Houve um tempo em que os pessimistas diziam que passaríamos o dia inteiro assistindo à televisão e não leríamos mais nada. Estavam errados. Ironicamente, nunca lemos tanto quanto hoje, nos celulares, tablets e na tela do computador. E, infelizmente, nunca lemos tão mal.

Nutricionistas costumam organizar os tipos de alimentos numa pirâmide. Na base estão os cereais, verduras e frutas que precisamos comer várias vezes ao dia. O meio é reservado às carnes magras e derivados do leite, que devemos comer com moderação. No topo, tudo aquilo que devemos evitar no dia a dia, como doces e carnes gordurosas.

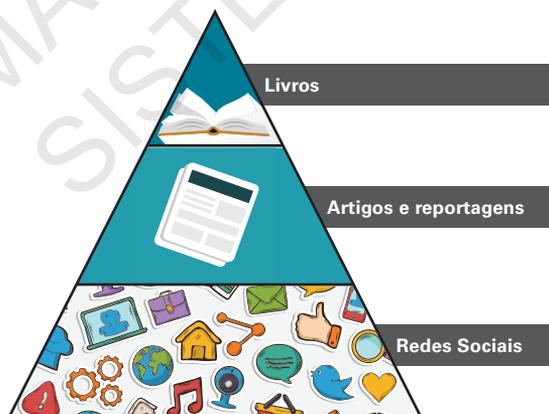
Poderíamos fazer um gráfico semelhante com as leituras. Na base estariam os livros. No topo, as discussões vazias nas redes sociais. No meio ficaríamos os artigos e as reportagens, *online* e *offline*. Alguns podem ser tão enriquecedores quanto um livro; outros, tão superficiais quanto uma foto de um gato no Facebook.

Não é preciso levar o exercício mental muito adiante para perceber que nossa dieta anda péssima. [...] Por acreditar que os livros exigem concentração e silêncio, preferimos nos distrair com textos irrelevantes o dia inteiro e deixar as leituras sérias para o dia seguinte ou para mais tarde, quando já estamos cansados de ler bobagens e mal aguentamos manter os olhos abertos. É como se tivéssemos um banquete à nossa disposição, mas nos entupíssemos de balas e cachorros-quentes antes de sentar à mesa.

O primeiro passo para mudar a nossa dieta de leituras é reconhecer que aproveitamos muito mal nosso tempo. Vale repetir a pergunta proposta pelo escritor suíço Rolf Dobelli em seu livro "A arte de pensar claramente": de todas as notícias e *posts* em redes sociais que você leu no último ano, quantos realmente fizeram a diferença na sua vida? Minha resposta foi alarmante: apenas dois ou três *posts* em *blogs* e, com sorte, meia dúzia de reportagens. Nenhum *post* em redes sociais. Nada que justifique as dezenas de horas que dedico a essas leituras semanalmente. Quanto aos livros, lembro de todos os que li durante o período. Mesmo os que não gostei de ler me ensinaram algo. Era hora de mudar meus hábitos.

VENTICINQUE, Danilo. *Época*. 11. fev. 2014. Adaptado.

Texto II



ALDANNAVEENABEN PATEL/ENIS AKSOY/ISTOCK

No fragmento destacado em negrito no primeiro parágrafo do Texto I, se a expressão "os pessimistas" fosse substituída por um pessimista, quantas outras palavras no fragmento deveriam passar para o singular, em respeito à norma-padrão?

- a) 1
- b) 2
- c) 3**
- d) 4
- e) 5

Houve um tempo em que o pessimista dizia que passaria o dia inteiro assistindo à televisão e não leria mais nada.

2. UFRGS-RS (adaptada)

À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, Chagas e Silva postava-se de palito à boca, como se tivesse descido do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa, que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. Longe disso! A Rua da Praia que o diga, ou melhor, que o dissesse. O faz de conta do inefável personagem ligava-se mais à importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. Ele, que tanto marcou a rua, tinha franco acesso às poltronas do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala sob o braço, barba curta, polainas e uns olhinhos apertados na tez bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar bastante, era o toque final dessa composição de pardavasco vindo das Alagoas. Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. Fixou-se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, carregando um ar de indecifrável importância, tão ao jeito dos grandes de então. **Os estudantes** tomaram conta dele. Improvisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas e consentia em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sonetos, que "trocava" por dinheiro. Não era de meu propósito ocupar-me do "doutor" Chagas e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antigamente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava. Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de especialidades, dispunha da melhor matéria-prima para as casas de pasto.

Essas casas punham ao alcance dos gourmets virtuosíssimos "secos e molhados" vindos de Portugal, da Itália, da França e da Alemanha.

Dá um longo e florescente período de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos que eram mais estômago que outra coisa.

Na arte de comer bem, talvez a dificuldade fosse a da escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, encontraria salões ornamentados, recintos maiores ou menores, tabernas ou simples tascas. A Cidade divertia-se também pela barriga.

RUSCHEL, Nilo. *Rua da Praia*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009.

Se a expressão "Os estudantes" fosse substituída por "Um estudante", quantas outras alterações seriam necessárias, para fins de concordância?

- a) 1
- b) 2**
- c) 3

d) 4

e) 5

A reescrita correta, com duas alterações de acordo com a norma culta para fins de concordância verbal, seria:

O estudante tomou conta dele. Improvisou comícios na praça, [25] carregando-o nos braços e fazendo-o discursar.

3. Unifesp

_____ dois meses, a jornalista britânica Rowenna Davis, 25 anos, foi furtada. Só que não levaram sua carteira ou seu carro, mas sua identidade virtual. Um *hacker* invadiu e tomou conta de seu *e-mail* e – além de bisbilhotar suas mensagens e ter acesso a seus dados bancários – passou a escrever aos mais de 5 mil contatos de Rowenna dizendo que ela teria sido assaltada em Madri e pedindo ajuda em dinheiro. Quando ela escreveu para seu endereço de *e-mail* pedindo ao *hacker* ao menos sua lista de contatos profissionais de volta, Rowenna teve como resposta a cobrança de R\$ 1,4 mil. Ela se negou a pagar, a polícia não fez nada. A jornalista só retomou o controle do *e-mail* porque um amigo conhecia um funcionário do provedor da conta, que desativou o processo de verificação de senha criado pelo invasor.

GALILEU, dezembro de 2011. Adaptado.

A lacuna do início do texto deve ser corretamente preenchida com:

a) À

b) Há cerca de

c) Fazem

d) Acerca de

e) A

No contexto, o verbo impessoal "haver" é usado para indicar tempo decorrido, podendo ser substituído por "fazer" na 3ª pessoa do singular, por se tratar também de um verbo impessoal: faz dois meses.

4. Escola Naval-RJ

O Português é, sem sombra de dúvida, uma das quatro grandes línguas de cultura do mundo, não obstante outras poderem ter mais falantes. Nessa língua se exprimem civilizações muito diferentes, da África a Timor, da América à Europa - sem contar com milhões de pessoas em diversas comunidades espalhadas pelo mundo.

Essa riqueza que nos é comum, que nos traz uma literatura com matizes derivados de influências culturais muito diversas, bem como sonoridades e musicalidades bem distintas, traz-nos também a responsabilidade de termos de cuidar da sua preservação e da sua promoção.

A Língua Portuguesa não é propriedade de nenhum país, é de quem nela se exprime. Não assenta hoje – nem assentará nunca – em normas fonéticas ou sintáticas únicas, da mesma maneira que as palavras usadas pelos falantes em cada país constituem um imenso e inesgotável manancial de termos, com origens muito diversas, **que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a serem conhecidos melhor por todos.**

Mas porque é importante que, no plano externo, a forma escrita do Português se possa mostrar, tanto quanto possível, uniforme, de modo a poder prestigiar-se como uma língua internacional de referência, têm vindo a ser feitas tentativas para que caminhemos na direção de uma ortografia comum.

Será isso possível? Provavelmente nunca chegaremos a uma Língua Portuguesa que seja escrita de um modo exatamente igual por todos quantos a falam de formas bem diferentes. Mas o Acordo Ortográfico que está em curso de aplicação pode ajudar muito a evitar que a grafia da Língua Portuguesa se vá afastando cada vez mais.

O Acordo Ortográfico entre os então "sete" países-membros da CPLP (Timor-Leste não era ainda independente, à época) foi assinado em 1990 e o próprio texto previa a sua entrada em vigor em 1º de janeiro de 1994, desde que todos esses "sete" o tivessem ratificado até então.

Quero aproveitar para sublinhar uma realidade muitas vezes escamoteada: Portugal foi o primeiro país a ratificar o Acordo Ortográfico, logo em 1991. Se todos os restantes Estados da CPLP tivessem procedido de forma idêntica, desde 1994 que a nossa escrita seria já bastante mais próxima.

Porque assim não aconteceu, foi necessário criar Protocolos Adicionais, o primeiro para eliminar a data de 1994, que a realidade ultrapassara, e o segundo para incluir Timor-Leste e para criar a possibilidade de implementar o Acordo apenas com três ratificações.

Na votação que o parlamento português fez, há escassos meses, desse segundo Protocolo, apenas três votos se expressaram contra. Isto prova bem que, no plano oficial, há em Portugal uma firme determinação de colocar o Acordo em vigor, não obstante existirem, na sociedade civil portuguesa - como, aliás, acontece em outros países, mesmo no Brasil -, vozes que o acham inadequado ou irrelevante.

O Governo português aprovou, recentemente, a criação de um fundo para a promoção da Língua Portuguesa, dotado com uma verba inicial de 30 milhões de euros e aberto à contribuição de outros países. Esperamos que esta medida, ligada às decisões comuns que agora saíram da Cúpula de Lisboa da CPLP, possa ajudar a dar início a um tempo novo para que o Português se firme cada vez mais no mundo, como instrumento de poder e de influência de quantos o utilizam.

A Língua Portuguesa é um bem precioso que une povos que o mar separa mas que a afetividade aproxima. Como escrevia o escritor lusitano Vergílio Ferreira:

Da minha língua vê-se o mar.

Da minha língua ouve-se o seu rumor,

como da de outros se ouvirá o da floresta

ou o silêncio do deserto.

Por isso a voz do mar

foi a da nossa inquietação.

COSTA, Francisco Seixas da. A língua do mar. *O Globo*, 28 jul. 2008. Texto adaptado.

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Em que opção a reescrita do trecho "(...) que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a serem conhecidos melhor por todos" mantém corretas as relações de concordância nominal e de sentido?

a) (...) que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a ser conhecido melhores por todos.

b) (...) que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a serem conhecidas melhores por todos.

- c)** (...) que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a ser conhecidos melhor por todos.
- d)** (...) que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a ser conhecida melhor por todos.
- e)** (...) que só o tempo e as trocas culturais podem ajudar a serem conhecidos melhor por todos.

O infinitivo do verbo “ser”, nesse caso, pode ou não ser flexionado. Em ambos os casos, as regras de concordância são respeitadas. Assim, na alternativa C, em que ocorre ausência da flexão, temos a alternativa que reescreve o trecho de maneira a manter corretas as relações de concordância e sentido.

“Conhecido”, por outro lado, deve manter-se no plural para preservar o sentido e a concordância. Dessa forma, as demais alternativas que transformam a flexão de gênero ou de número dessa palavra, estão incorretas.

5. CPS-PR – A concordância verbal está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

- a)** O peão e o agricultor, por motivo de força maior, plantará o milho aqui.
- b)** Falta setenta dias para começar a colheita do café nas encostas.
- c)** O engenheiro ou arquiteto visitará o loteamento amanhã.
- d)** São uma hora e quarenta e nove minutos precisamente.
- e)** Vende-se terras extensas naquelas regiões longínquas.

[A] incorreta: o sujeito do verbo “plantar” na verdade é plural: “O peão e o agricultor”. Dessa forma, a oração deveria ser: O peão e o agricultor, por motivo de força maior, plantaram o milho aqui.

[B] incorreta: o sujeito do verbo “faltar” é “setenta dias”, que está no plural (dias). Dessa forma a oração deveria ser: Faltam setenta dias para começar a colheita do café nas encostas.

[D] incorreta: o sujeito do verbo “ser” é “uma hora e quarenta e nove minutos”, que está no singular (uma). Dessa forma, a oração deveria ser: É uma hora e quarenta e nove minutos precisamente.

[E] incorreta: o verbo “vender” está na sua forma passiva. Passando-o para ativa tem-se: Terras extensas são vendidas. Dessa forma terras extensas é o sujeito do verbo vender e este então deve ser conjugado no plural: Vendem-se terras extensas naquelas regiões longínquas.

6. Colégio Naval-RJ

C8-H27

No que se refere à concordância verbal, observe as frases abaixo.

- I. Espera-se muitas novidades no campo da informática educacional este ano.
- II. Em todos os países, faz-se muitas promessas aos fabricantes de mídias digitais.
- III. Choveram reclamações sobre o novo celular disponibilizado nas lojas do ramo.
- IV. Houveram-se muito bem os expositores da Feira de Tecnologia no Anhembi.

Assinale a opção correta.

- a)** Apenas as afirmativas I, II e IV são verdadeiras.
- b)** Apenas as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.
- c)** Apenas as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
- d)** Apenas as afirmativas I e II são verdadeiras.
- e)** Apenas as afirmativas III e IV são verdadeiras.

Para ficarem de acordo com as regras de concordância, as alternativas I e II deveriam ser reescritas como:

[I] Esperam-se muitas novidades no campo da informática educacional este ano.

[II] Em todos os países, fazem-se muitas promessas aos fabricantes de mídias digitais.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unesp – Leia o trecho do livro *Em casa*, de Bill Bryson, para responder à questão.

Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos. O açúcar e outros ingredientes caros muitas vezes eram aumentados com gesso, areia e poeira. A manteiga tinha o volume aumentado com sebo e banha. Quem tomasse chá, segundo autoridades da época, poderia ingerir, sem querer, uma série de coisas, desde serragem até esterco de carneiro pulverizado. Um carregamento inspecionado, relata Judith Flanders, demonstrou conter apenas a metade de chá; o resto era composto de areia e sujeira. Acrescentava-se ácido sulfúrico ao vinagre para dar mais acidez; giz ao leite; **terebintina** ao gim. O arsenito de cobre era usado para tornar os vegetais mais verdes, ou para fazer a geleia brilhar. O cromato de chumbo dava um brilho dourado aos pães e também à mostarda. **O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante**, e o chumbo avermelhado deixava o queijo Gloucester, se não mais seguro para comer, mais belo para olhar.

Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo. Até as cerejas, como relata Tobias Smollett, ganhavam novo brilho depois de roladadas, delicadamente, na boca do vendedor antes de serem colocadas em exposição. Quantas damas inocentes, perguntava ele, tinham saboreado um

prato de deliciosas cerejas que haviam sido “umedecidas e roladadas entre os maxilares imundos e, talvez, ulcerados de um mascate de Saint Giles”?

O pão era particularmente atingido. Em seu romance de 1771, *The expedition of Humphry Clinker*, Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de “giz, **alume** e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição”; mas acusações assim já eram comuns na época. A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro chamado *Poison detected: or frightful truths*, escrito anonimamente em 1757, que revelou segundo “uma autoridade altamente confiável” que “sacos de ossos velhos são usados por alguns padeiros, não infreqüentemente”, e que “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos”.

BRYSON, Bill. *Em casa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Adaptado.

terebintina: resina extraída de uma planta e usada na fabricação de vernizes, diluição de tintas etc.

alume: designação dos sulfatos duplos de alumínio e metais alcalinos, com propriedades adstringentes, usado na fabricação de corantes, papel, porcelana, na purificação de água, na clarificação de açúcar etc.

O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante.

Preservando-se a correção gramatical e o seu sentido original, essa oração pode ser reescrita na forma:

- a) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante.
- b) Adiciona-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçantes.
- c) Eram adicionadas às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- d) Adicionam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
- e) Adicionavam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.

8. Acafe-SC – Assinale a frase em que o(s) verbo(s) concorda(m) com o sujeito em pessoa e número.

- a) Assim que se concluiu a apuração dos votos, verificou-se que 2/3 do eleitorado votaram em branco ou anularam o voto.
- b) Com toda certeza, algumas coisas erradas haviam, sobretudo diante de algumas indagações que se fazia diante dos resultados inesperados.
- c) Para diversas obras importantes em Santa Catarina destinou-se recursos no próximo orçamento, mas penso que os recursos não deve chegar a tempo de serem concluídas no até 2018.
- d) Não se faz mais brincadeiras como no meu tempo de guri; hoje em dia, o que mais se vê é crianças trancadas em casa brincando de *videogame*, acessando *smartphone* ou vendo TV.

9. ESPM-SP (adaptada) – Assinale a opção em que há uma transgressão às normas de concordância verbal:

- a) Já passava do meio-dia e meia, quando muitas competições já tinham sido iniciadas.
- b) Valor de bens de candidatos à Prefeitura da Capital superam o declarado à Justiça Eleitoral.
- c) Segundo a defesa, é necessário existência de crime de responsabilidade.
- d) Fizeram críticas meio exageradas ao desempenho da política externa.
- e) Após confrontos, uso de “burquíni”, mistura de burca com biquíni, é proibido em 12 cidades francesas.

10. Escola Naval-RJ

O dono do livro

Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto. Ele disse que certa vez chegou em casa no fim do dia, já havia anoitecido, quando um garoto humilde de 16 anos o esperava sentado no muro. O garoto estava com um dos braços para trás, o que perturbou o escritor, que imaginou que pudesse ser assaltado.

Mas logo o menino mostrou o que tinha em mãos: um livro do próprio Mia Couto. Esse livro é seu? perguntou o menino. Sim, respondeu o escritor. Vim devolver. O garoto explicou que horas antes estava na rua quando viu uma moça com aquele livro nas mãos, cuja capa trazia a foto do autor.

O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais. Então perguntou para a moça: Esse livro é do Mia Couto? Ela respondeu: É. E o garoto mais que ligeiro tirou o livro das mãos dela e correu para a casa do

escritor para fazer a boa ação de devolver a obra ao verdadeiro dono.

Uma história assim pode acontecer em qualquer país habitado por pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros - aqui no Brasil, inclusive. De quem é o livro? A resposta não é a mesma de quando se pergunta: “Quem escreveu o livro?”.

O autor é quem escreve, mas o livro é de quem lê, e isso de uma forma muito mais abrangente do que o conceito de propriedade privada - comprei, é meu. O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, mesmo que seja emprestado, mesmo que tenha sido encontrado num banco de praça.

O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo o que é transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É do leitor o livro.

Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve pra nada.

Aquele garoto de Moçambique não vê assim. Para ele, o livro é de quem traz o nome estampado na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse. Não tem ideia de como se dá o processo todo, possivelmente nunca entrou numa livraria, nem sabe o que é tiragem.

Mas, em seu desengano, teve a gentileza de tentar colocar as coisas em seu devido lugar, mesmo que para isso tenha roubado o livro de uma garota sem perceber.

Ela era a dona do livro. E deve ter ficado estupefata. Um fã do Mia Couto afanou seu exemplar. Não levou o celular, a carteira, só quis o livro. Um danado de um amante da literatura, deve ter pensado ela. Assim são as histórias escritas também pela vida, interpretadas a seu modo por cada dono.

MEDEIROS, Martha. *Zero Hora*, 06 nov. 2011.

Ao discutir a questão sobre “quem é o dono do livro”, no texto, o verbo *ser* fica em evidência. Assinale a opção em que a concordância da forma verbal destacada está correta, de acordo com a norma-padrão.

- a) Quem seria os donos deste livro?
- b) O que há de bom neste livro é as histórias.
- c) O mais é discussões infundadas sobre o autor.
- d) Tudo é leituras, para quaisquer tipos de textos.
- e) A leitura de três livros, em um dia,... não serão demais?!

11. EsPCEX (Aman)-SP – Assinale a alternativa que apresenta uma oração correta quanto à concordância.

- a) Sobre os palestrantes tem chovido elogios.
- b) Só um ou outro menino usava sapatos.
- c) Mais de um ator criticaram o espetáculo.
- d) Vossa Excelência agistes com moderação.
- e) Mais de um deles se entreolharam com espanto.

12. ESPM-SP – Em uma das opções abaixo, o verbo *haver* é impessoal e, por isso, não deveria estar no plural. Assinale-a:

- a) Traficantes da Favela do Alemão **havam** ordenado o fechamento do comércio local, como represália à morte de um deles.
- b) Por **haverem** patrimônio ilegal, muitos políticos foram indiciados na investigação da Operação Lava Jato.
- c) Até aqueles que estiveram envolvidos em tráfico de influência se **haverão** com a Polícia Federal.
- d) Em início de temporada, times grandes da Capital não se **houveram** bem nos jogos da última rodada.
- e) Em São Paulo e no Rio, **houveram** casos de policiais espancados por jovens mascarados nos protestos de rua.

13. EsPCEX (Aman)-SP – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo “haver”:

- a) Eu não sei, doutor, mas devem haver leis.
- b) Também a mim me não ferido.
- c) Haviam tantas folhas pelas calçadas.
- d) Faziam oito dias que não via Guma.
- e) Não haverão umas sem as outras.

14. Acafe-SC (adaptada) – Sobre concordância verbal, assinale a alternativa correta.

- a) Salvo melhor juízo, não foi levada em consideração as disposições estabelecidas pelo regimento do curso.
- b) Listam-se, em anexo, todas as disciplinas do segundo semestre, entre as quais encaixam-se, no meu plano de formação, as duas primeiras.
- c) Nesse caso, lista-se primeiramente os 11 princípios de Goebbels conforme consta nas páginas mais recente do Guilherme Afif Domingos.
- d) Como cumpro todos os requisitos previstos no Art. 16, não fica claro os motivos pelos quais eu não recebi a bolsa.

15. UFRGS-RS

A variação linguística é uma realidade que, embora razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações sociais muito negativas.

O senso comum **tem** escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que **alberga** grande variação e **está** em mudança contínua. Por isso, **costuma** folclorizar a variação regional; **demoniza** a variação social e **tende** a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se **dá** bem com a variação linguística e **chega**, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente com o ensino de língua – um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas características no Brasil contemporâneo.

Parece claro hoje que o domínio dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas populares, parece que o que nos desafia é a construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos.

Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da variação linguística?

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). Apresentação. In: *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

Assinale a alternativa em que o sujeito das formas verbais tem o mesmo referente.

- a) tem, demoniza e tende.
- b) tem, está e costuma.
- c) alberga, está e costuma.
- d) alberga, dá e chega.
- e) está, dá e chega.

16. Escola Naval-RJ

Laivos de memória

“... e quando tiverem chegado, vitoriosamente, ao fim dessa primeira etapa, mais ainda se convencerão de que abraçaram uma carreira difícil, árdua, cheia de sacrifícios, mas útil, nobre e, sobretudo, bela.”

NOSSA VOGA, Escola Naval, Ilha de Villegagnon, 1964.

Há quase 50 anos, experimentei um misto de angústia, tristeza e ansiedade que meu jovem coração de adolescente soube suportar com bravura.

Naquela ocasião, despedia-me dos amigos de infância e da família e deixava para trás bucólica cidadezinha da região serrana fluminense. A motivação que me levava a abandonar gentes e coisas tão caras era, naquele momento, suficientemente forte para respaldar a decisão tomada de dar novos rumos à minha vida. Meu mundo de então se tornara pequeno demais para as minhas aspirações. Meus desejos e sonhos projetavam horizontes que iam muito além das montanhas que circundam minha terra natal.

Como resistir à sedução e ao fascínio que a vida no mar desperta nos corações dos jovens?

Havia, portanto, uma convicção: aquelas despedidas, ainda que dolorosas - e despedidas são sempre dolorosas - não seriam certamente em vão. Não tinha dúvidas de que os sonhos que acalentavam meu coração pouco a pouco iriam se converter em realidade.

Em março de 1962, desembarcávamos do Aviso Rio das Contas na ponte de atracação do Colégio Naval, como integrantes de mais uma turma desse tradicional estabelecimento de ensino da Marinha do Brasil.

Ainda que a ansiedade persistisse oprimindo o peito dos novos e orgulhosos alunos do Colégio Naval, não posso negar que a tristeza, que antes havia ocupado espaço em nossos corações, era naquele momento substituída pelo contentamento peculiar dos vitoriosos. E o sentimento de perda, experimentado por ocasião das despedidas, provara-se equivocado: às nossas caras famílias de origem agregava-se uma nova, a Família Naval, composta pelos recém-chegados companheiros; e às respectivas cidades de nascimento, como a minha bucólica Bom Jardim, juntava-se, naquele instante, a bela e graciosa enseada Batista das Neves em Angra dos Reis, como mais tarde se agregaria a histórica Villegagnon em meio à sublime baía de Guanabara.

Ao todo foram seis anos de companheirismo e feliz convivência, tanto no Colégio como na Escola Naval. Seis anos de aprendizagem científica, humanística e, sobretudo, militar-naval. Seis anos entremeados de aulas, festivais de provas, práticas esportivas, remo, vela, cabo de guerra, navegação, marinharia, ordem-unida, atividades extraclasses, recreativas, culturais e sociais, que deixaram marcas indeléveis.

Estes e tantos outros símbolos, objetos e acontecimentos passados desfilam hoje, deliciosa e inexoravelmente distantes, em meio a saudosos devaneios.

Ainda como alunos do Colégio Naval, os contatos preliminares com a vida de bordo e as primeiras idas para o mar - a razão de ser da carreira naval.

Como aspirantes, derrotas mais longas e as primeiras descobertas: Santos, Salvador, Recife e Fortaleza!

Fechando o ciclo das Viagens de Instrução, o tão sonhado embarque no Navio-Escola. Viagem maravilhosa! Nós, da Turma Míguens, Guardas-Marinha de 1967, tivemos a oportunidade ímpar e rara de participar de um cruzeiro ao redor do mundo em 1968: a Quinta Circum-navegação da Marinha Brasileira.

Após o regresso, as platinas de segundo-tenente, o primeiro embarque efetivo e o verdadeiro início da vida profissional - no meu caso, a bordo do cruzador Tamandaré, o inesquecível C-12. Era a inevitável separação da Turma do CN-62/63 e da EN-64/67.

Novamente um misto de satisfação e ansiedade tomou conta do coração, agora do jovem tenente, ao se apresentar para servir a bordo de um navio de nossa Esquadra. Após proveitosos, mas descontraídos estágios de instrução como aspirante e guarda-marinha, quando as responsabilidades eram restritas a compromissos curriculares, as platinas de oficial começariam, finalmente, a pesar forte em nossos ombros. Sobre essa transição do *status* de guarda-marinha para tenente, o notável escritor-marinheiro Gastão Penalva escrevera com muita propriedade: "...é a fase inesquecível de nosso ofício. Coincide exatamente com a adolescência, primavera da vida. **Tudo são flores e ilusões...** Depois começam a des-pontar as responsabilidades, as agruras de novos cargos, o acúmulo de deveres novos".

E esses novos cargos e deveres novos, que foram se multiplicando a bordo de velhos e saudosos navios, deixariam agradáveis e duradouras lembranças em nossa memória. Com o passar dos tempos, inúmeros conveses e praça d'armas, hoje saudosas, foram se incorporando ao acervo profissional-afetivo de cada um dos integrantes daquela Turma de Guardas-Marinha de 1967.

Ah ! Como é gratificante, ainda que melancólico, repassar tantas lembranças, tantos termos expressivos, tanta gíria maruja, tantas tradições, fainas e eventos tão intensamente vividos a bordo de inesquecíveis e saudosos navios...

E as viagens foram se multiplicando ao longo de bem aproveitados anos de embarque, de centenas de dias de mar e de milhares de milhas navegadas em alto-mar, singrando as extensas massas líquidas que formam os grandes oceanos, ou ao longo das águas costeiras que banham os recortados litorais, com passagens, visitas e arribadas em um sem-número de enseadas, baías, barras, angras, estreitos, furos e canais espalhados pelos quatro cantos do mundo, percorridos nem sempre com mares bonançosos e ventos tranquilos e favoráveis.

Inúmeros foram também os portos e cidades visitadas, não só no Brasil como no exterior, o que sempre nos proporciona inestimáveis e valiosos conhecimentos, principalmente graças ao contato com povos diferentes e até mesmo de culturas exóticas e hábitos às vezes totalmente diversos dos nossos, como os ribeirinhos amazonenses ou os criadores de serpentes da antiga Taprobana, ex-Ceilão e hoje Siri Lanka.

Como foi fascinante e delicioso navegar por todos esses cantos. Cada novo mar percorrido, cada nova enseada, estreito ou porto visitado tinha sempre um gosto especial de descoberta... Sim, pois, como dizia Câmara Cascudo, "o mar não guarda os vestígios das quilhas que o atravessam. Cada marinheiro tem a ilusão cordial do descobrimento".

CÉSAR, CMG (RMI) William Carmo. Laivos de memória.
In: *Revista de Villegagnon*, Ano IV, n. 4, 2009.

Assinale a opção em que a concordância do verbo ser justifica-se pela mesma regra observada em: "[...] Tudo são flores e ilusões [...]"

- a) Dez anos velejando sempre será muito tempo de viagem.
- b) O que aconteceu de importante na viagem foram os desafios.
- c) O navio já atracou, o mais seriam especulações sem sentido.
- d) Eram quase vinte horas quando os tripulantes desembarcaram.
- e) Durante uma perigosa travessia, todo ele é olhos e ouvidos.

17. EsPCEx (Aman)-SP – Assinale a alternativa cujo período está de acordo com a norma culta da língua.

- a) Precisa-se vendedores.
- b) Cercou-se as cidades.
- c) Corrigiu-se o decreto.
- d) Dominou-se muitos.
- e) Aclamaram-se a rainha.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Fuvest-SP

C8-H27

Tornando da malograda espera do tigre, **alcançou o capanga um casal de velhinhos**, que **seguiram diante dele o mesmo caminho**, e conversavam acerca de seus negócios particulares. Das poucas palavras que apanhara, percebeu João Fera **que destinavam eles uns cinquenta mil-réis**, tudo quanto possuíam, à compra de mantimentos, a fim de fazer um moquirão*, com que pretendiam abrir uma boa roça.

– Mas chegará, homem? Perguntou à velha.

– Há de se espichar bem, mulher!

Uma voz os interrompeu:

– Por este preço dou eu conta da roça!

– Ah! É nhô João! Conheciam os velhinhos o capanga, a quem tinham por homem de palavra, e de fazer o que prometia. Aceitaram sem mais hesitação; e foram mostrar o lugar que estava destinado para o roçado. Acompanhou os João Fera; porém, mal seus olhos descobriram entre os utensílios a enxada, a qual ele esquecera um momento no afã de ganhar a soma precisa, que sem mais deu costas ao par de velhinhos e foi se deixando os embasbacados.

ALENCAR, José de. *Til*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

* moquirão = mutirão (mobilização coletiva para auxílio mútuo, de caráter gratuito).

Considere os seguintes comentários sobre diferentes elementos linguísticos presentes no texto:

- I. Em “alcançou o capanga um casal de velhinhos”, o contexto permite identificar qual é o sujeito, mesmo este estando posposto.
- II. O verbo sublinhado no trecho “que seguiram diante dele o mesmo caminho” poderia estar no singular sem prejuízo para a correção gramatical.
- III. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis”, pode-se apontar um uso informal do pronome pessoal reto “eles”, como na frase “Você tem visto eles por aí?”

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

19. Unifesp

C8-H27

A palavra falada é um fenômeno natural: a palavra escrita é um fenômeno cultural. O homem natural pode viver perfeitamente sem ler nem escrever. Não o pode o homem a que chamamos civilizado: por isso, como disse, a palavra escrita é um fenômeno cultural, não da natureza, mas da civilização, da qual a cultura é a essência e o esteio.

Pertencendo, pois, a mundos (mentais) essencialmente diferentes, os dois tipos de palavra obedecem forçosamente a leis ou regras essencialmente diferentes. A palavra falada é um caso, por assim dizer, democrático. Ao falar, temos que obedecer à lei do maior número, sob pena de ou não sermos compreendidos ou sermos inutilmente ridículos. Se a maioria pronuncia mal uma palavra, temos que a pronunciar mal. Se a maioria usa de uma construção gramatical errada, da mesma construção teremos que

usar. Se a maioria caiu em usar estrangeirismos ou outras irregularidades verbais, assim temos que fazer. Os termos ou expressões que na linguagem escrita são justos, e até obrigatórios, tornam-se em estupidez e pedantaria, se deles fazemos uso no trato verbal. Tornam-se até em má-criação, pois o preceito fundamental da civilidade é que nos conformemos o mais possível com as maneiras, os hábitos, e a educação da pessoa com quem falamos, ainda que nisso faltemos às boas maneiras ou à etiqueta, que são a cultura exterior.

PESSOA, Fernando. *A língua portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Adaptado.

Assinale a alternativa cujo enunciado atende à norma-padrão da língua portuguesa.

- a) Durante a leitura do livro, surgiram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.
- b) Durante a leitura do livro, ficou várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- c) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- d) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causou muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.
- e) Durante a leitura do livro, houveram várias dúvidas. O enredo e a temática abordada, que causou muita polêmica, mostrou a atualidade da obra. Vislumbrou-se vieses interessantes na construção das personagens.

20. UFRGS-RS

C8-H27

Viagens, cofres mágicos com promessas sonhadoras, não mais **revelareis vossos** tesouros intactos! Hoje, quando ilhas polinésias afogadas em concreto se transformam em porta-aviões ancorados nos mares do Sul, quando as favelas corroem a África, quando a aviação avilta a floresta americana antes mesmo de poder **destruir-lhe** a virgindade, de que modo poderia a pretensa evasão da viagem conseguir outra coisa que não confrontar-nos com as formas mais miseráveis de nossa existência histórica?

Ainda assim, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. Elas criam a ilusão daquilo que não existe mais, mas que ainda deveria existir. Trariam nossos modernos Marcos Polos, das mesmas terras distantes, desta vez em forma de fotografias e relatos, as especiarias morais que nossa sociedade experimenta uma necessidade aguda ao se sentir soçobrar no tédio?

É assim que me identifico, viajante procurando em vão reconstituir o exotismo com o auxílio de fragmentos e de destroços. Então, insidiosamente, a ilusão começa a tecer suas armadilhas. Gostaria de ter vivido no tempo das verdadeiras viagens, quando um espetáculo ainda não estragado, contaminado e maldito se oferecia em todo o seu esplendor. Uma vez encetado, o jogo de conjecturas

não tem mais fim: quando se deveria visitar a Índia, em que época o estudo dos selvagens brasileiros poderia levar a conhecê-los na forma menos alterada? Teria sido melhor chegar ao Rio no século XVIII? Cada década para trás permite salvar um costume, ganhar uma festa, partilhar uma crença suplementar.

Mas conheço bem demais os textos do passado para não saber que, me privando de um século, renuncio a perguntas dignas de enriquecer minha reflexão. E eis, diante de mim, o círculo intransponível: quanto menos as culturas tinham condições de se comunicar entre si, menos também os emissários **respectivos** eram capazes de perceber a riqueza e o significado da diversidade. No final das contas, sou prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo, confrontado com um prodigioso espetáculo do qual quase tudo lhe escapava – ainda pior, inspirava troça ou desprezo –, ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida. Nessas duas situações, sou perdedor, pois eu, que me lamento diante das sombras, talvez seja impermeável ao verdadeiro espetáculo que está tomando forma neste instante, mas cuja observação meu grau de humanidade ainda carece da sensibilidade necessária.

Dentro de alguma centena de anos, neste mesmo lugar, outro viajante pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Considere as seguintes afirmações sobre a substituição de segmentos do texto.

- I. A substituição de **revelareis** por *revelarás* exigiria que o pronome **vossos** fosse ajustado para teus.
- II. A substituição de **destruir-lhe** por *destruir a sua* preservaria a correção e o sentido da frase original.
- III. O adjetivo **respectivos** poderia ser substituído, naquele contexto, por *mútuos*, preservando a correção e o sentido da frase original.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I
- b) Apenas II
- c) Apenas III
- d) Apenas I e II
- e) I, II e III

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

Nos trechos destacados do excerto, ocorrem as principais regências sistematizadas pela gramática normativa: a regência nominal, "... uma região objeto de constante **disputa entre Rússia e Romênia**," e a regência verbal, "O rapaz **gostava de ler**..." Isso ocorre porque tanto a palavra *disputa* quanto a palavra *gostava* "exigem" a ocorrência de complementos que compõem seus sentidos, uma vez que descrevem realidades de mundo em que ocorrem elementos externos à própria realização; esses elementos, portanto, precisam ser enunciados, a fim de que a situação seja plenamente referenciada.

LEITURA COMPLEMENTAR



CHANTERLAN/ISTOCK

O conceito de regência estabelecido pelos gramáticos tradicionais é caracterizado como sendo eminentemente sintático.

O conceito de regência na gramática tradicional

A explicitação da noção de regência vinculada determinantemente à noção de complementação é uma constante na tradição gramatical brasileira. Facilmente se percebe que esse campo tem dupla inserção – na sintaxe e na semântica –, entretanto a tradição gramatical se rendeu mais à explicitação feita por via das significações, por outro lado alocando essa explicitação no compartimento nomeado como de sintaxe.

Eduardo Carlos Pereira fala em "dependência", mas a definição se faz apenas por via de uma noção de "sentido", embora o tratamento do tema "regência" (que se coloca no "grupo lógico" da subordinação) venha com uma subespecificação que acentua sua ligação com a gramática ("regência gramatical"): "Regência gramatical é a propriedade de terem certas palavras outras palavras sob sua dependência, para lhes completar ou limitar o sentido"; ou: "[...] outras palavras sob sua dependência, que lhes explanam o sentido". Completa o gramático, logo a seguir: "Donde se vê que as palavras regidas são

complementos das regentes, estas se dizem subordinantes, e aquelas subordinadas". A subordinação, ou regência, se expressa pela preposição, e, por sua vez, a preposição rege o substantivo, que é, por isso, o seu complemento.

Nos estudos de Mario Pereira de Souza Lima, pode-se encontrar uma definição de regência que, embora fincada na interpretação semântica do verbo, também se marca fortemente pela indicação da relação subordinativa: regência é "a relação entre um complemento e a palavra à qual se subordina, completando-lhe o sentido". Do ponto de vista sintático, essas relações de regência são explicitadas pelo gramático, segundo a marcação feita pelos nexos sintáticos ou pela não necessidade deles: pelas preposições, ligando palavras, e pelas conjunções subordinativas, ligando proposições, mas, também, sem essa marcação de conectivo exterior, pela simples posição, ordem ou colocação de certos termos.

Domingos Paschoal Cegalla foge de uma vinculação maior com o significado quando define regência como "o modo pelo qual um termo rege outro que o complementa", mas não quando define os "termos regentes ou subordinantes" como aqueles que "reclamam outros (termos regidos ou subordinados) que lhes completem o sentido". Celso Cunha, por seu lado, prende-se apenas à complementação na sua definição de regência como aquela "relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra".

Celso Pedro Luft oferece um exemplo acabado de definição puramente sintática de regência, embora ele seja aquele que soube reconhecer que "a semântica dita a regência": "Regência é a função subordinativa de termos principais (regentes) sobre termos dependentes (regidos)". E assim ele arremata: "É este o princípio que governa a estrutura da frase, lhe dá conexão, equilíbrio e perspectiva". Nessa visão de regência firmemente ligada à organização predicativa, o autor especifica os estabelecadores principais da regência: a concordância dos termos regidos com os regentes; as preposições; as conjunções subordinativas; os pronomes relativos; a posição dos termos na oração.

Menção especial deve ser feita a Jerônimo Soares Barbosa, que, no início do século XIX, limita a indicação de "transitivos" aos verbos já classificados como "ativos", com isso legitimando a indicação de que esses verbos "requerem depois de si um objeto em que passe a sua ação".

[...]

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma avaliação do conceito de regência e transitividade na tradição gramatical do português. *Todas as letras W*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 34-47, maio 2014.

REGÊNCIA NOMINAL

Quando se fala em regência nominal, deve-se ter em mente que se trata da relação estabelecida entre um **termo regente** (pertencente à classe dos substantivos, dos adjetivos ou dos advérbios) cujo sentido precisa ser complementado por um **termo regido**, normativamente definido como complemento.



BECK, Alexandre. *Armandinho*. 12 jul. 2017.

A regência nominal é a necessidade de enunciação de complemento dos núcleos de natureza não verbal ou de cópula, ocorrendo especificamente nas classes de substantivo, adjetivo ou advérbio.

Na tirinha, a frase “O senhor **ganhou uma reforma na sua casa!**” ocorrem tanto a regência verbal, do verbo *ganhar* em relação a seu complemento, “... uma reforma...”; quanto a regência nominal, do substantivo “... reforma...” em relação a seu complemento nominal “... na sua casa!”.

O senhor **ganhou** **uma reforma** na sua casa



O senhor ganhou uma **reforma** **na sua casa**



Como se percebe, estruturalmente, pode ou não ocorrer uma preposição como elemento de cópula entre o termo regente e o termo regido. A diferença é que no caso da regência nominal, sempre haverá preposição, ao passo que, na regência verbal, tal ocorrência está diretamente relacionada com a transitividade do verbo: sendo o verbo transitivo direto, a cópula se dá sem ocorrência de preposição; sendo o verbo transitivo indireto, é necessário que a cópula ocorra com o auxílio de uma preposição, assim como nos casos de regência nominal.

Saindo de casa animado, Lino começou a mudar de espírito à medida que se aproximava da Serra. Era um homem de estatura média, entroncado e grosso, de barba cerrada mas raspada, com o bigode quase quadrado crescido na cara morena. Era caolho: procurando extrair, certa vez, um prego mal cravado num “brabo” de miolo de aroeira, quebrara-se a faca de ponta, e a ponta de ferro, zunindo no ar com grande violência, *cravara-se no seu olho direito*, vazando-o. Por causa desse olho cego, Lino *ganhara o apelido* de “Meia-Luz”, que o deixava furibundo.

Preferia os versos proféticos e assombradores, talvez porque, desde menino, era *sujeito a visagens*, o que se agravou depois que eu, descobrindo a receita completa do “Vinho Encantado da Pedra do Reino”, passei a fornecer-lhe “erva-moura”, para mascar e fumar, e vinho, para beber.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d’A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

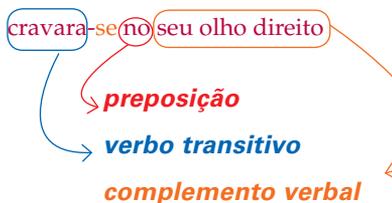
Nos trechos destacados do excerto, há casos de regência nominal,



verbal, sem ocorrência de preposição,



e verbal, com emprego de preposição



Nomes regentes e suas respectivas preposições

Regente	Preposição	Regente	Preposição	Regente	Preposição
acessível	a	constituído	com, de, por	impossibilidade	de, em
acostumado	a, com	contemporâneo	a, de	incapaz	de, para
adesão	a	contente	com, de, em, por	inerente	a
afável	com, para	cruel	com, para	junto	a, de
afeiçoado	a, por	curioso	de	leal	a
aflito	com, por	desfavorável	a	natural	de
alheio	a, de	desgostoso	com, de	necessário	a
ambicioso	de	desprezo	a, de, por	odioso	a, para
amizade	a, por, com	devoção	a, por, para, com	posterior	a, por
amor	a, por	devoto	a, de	preferível	a
ansioso	de, para, por	dúvida	em, sobre, acerca de	propenso	a, para
apaixonado	de, por	empenho	de, em, por	próprio	de, para
apto	a, para	estranho	a	próximo	a, de
atencioso	com, para	essencial	para	relação	a, com, de, por, para com
aversão	a, por	facilidade	de, em, para	relacionado	com
ávido	de, por	falta	a, com, para	respeito	a, com, de, por, para
benéfico	a	falho	de, em	sensível	a
benefício	a	habitado	a	situado	a, em, entre
capaz	de	hostil	a, contra, para com	último	a, de, em
certeza	de	imbuído	de, em	único	a, em, entre, sobre
coerente	com	imune	a, de	útil	a, para
conforme	a	inclinação	a, para, por	vazio	de
constante	de, em	incompatível	com	visível	a

E o advérbio?

Os advérbios terminados em “-mente” exigem a mesma preposição que seu adjetivo formador.

Paralelo a (adjetivo) – Paralelamente a (advérbio)

*A chanceler confirmou que fará uma reunião bilateral com o embaixador, **paralelamente à Cúpula**.*

Já os advérbios **longe** e **perto**, exigem a preposição **de**

*Os cientistas estavam muito **perto de descobrir** a resposta para a questão.*

ROTEIRO DE AULA

REGÊNCIA NOMINAL

A regência

é um fenômeno linguístico caracterizado pelas relações de comando, vinculação e dependência entre as estruturas gramaticais

é classificada como

nominal,

verbal,

quando um

quando um

nome

verbo

exige complemento que preencha seu sentido, podendo ser o termo regente pertencente à categoria de

exige complemento que preencha seu sentido.

substantivo,

adjetivo,

advérbio.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. IFPE

Economia comportamental leva o Nobel

Norte-americano Richard H. Thaler diz que *‘para fazer uma boa análise em economia deve-se ter em mente que as pessoas são humanas’*

Richard H. Thaler recebeu o Prêmio Nobel de Economia pelas suas contribuições no campo da economia comportamental. O professor Thaler, nascido em 1945, em East Orange, New Jersey (EUA), trabalha na Faculdade de Administração da Universidade Booth de Chicago. Segundo o comitê do Nobel, ao anunciar o prêmio em Estocolmo, Thaler é pioneiro na aplicação da psicologia ao comportamento em economia e em explicar como as pessoas tomam decisões econômicas, às vezes, rejeitando a racionalidade.

Sua pesquisa, disse o comitê, levou o campo comportamental em economia, de um papel secundário, para a corrente principal da pesquisa acadêmica e mostrou que o fator tinha importantes implicações para a política econômica.

Thaler disse, nesta segunda-feira, 9, que a premissa básica de suas teorias é a seguinte: “Para fazer uma boa análise em economia deve-se ter em mente que as pessoas são humanas”. Quando lhe perguntaram como gastaria o dinheiro (cerca de US\$ 1,1 milhão) do prêmio, respondeu: “Esta é uma pergunta bem divertida”. E acrescentou: “Tentarei gastá-lo da forma mais irracional possível”

O prêmio de Economia foi criado em 1968 em memória de Alfred Nobel e é concedido pela Academia Real de Ciências da Suécia.

As linhas principais de estudos econômicos em grande parte do século 20 basearam-se na hipótese simplificada de que as pessoas se comportavam racionalmente. Os economistas entendiam que isso não era literalmente real, mas argumentaram que estava bem próximo disso.

O professor Thaler desempenhou um papel central ao se distanciar desse pressuposto. Ele não só defendeu que os seres humanos são irracionais, o que é algo óbvio, mas também de pouca ajuda. Em vez disso, ele mostrou que as pessoas saem da racionalidade de maneiras coerentes, portanto seu comportamento ainda pode ser antecipado.

O comitê do Nobel descreveu como a teoria de Thaler sobre “contabilidade mental” explica de que forma as pessoas simplificam as decisões financeiras, concentrando-se no impacto limitado de cada decisão e não no seu efeito mais geral. Ele também mostrou como a aversão a uma perda pode explicar por que as pessoas valorizam muito mais o mesmo item quando são proprietárias do que quando não o são, fenômeno chamado “efeito de doação”.

As teorias de Thaler explicam, ainda, porque as resoluções de ano-novo podem ser difíceis de se manter e analisam a tensão entre o planejamento de longo prazo e a ação no curto prazo. Sucumbir à tentação de curto prazo é uma razão importante pela qual muitas pessoas fracassam em seus planos de poupar para quando forem idosas, ou fazer escolhas de estilo de vida mais saudáveis, de acordo com a pesquisa de Thaler. Ele também demonstrou o quanto mudanças aparentemente pequenas na forma como os sistemas funcionam, ou como um

“empurrãozinho” (“nudging”) – termo que ele inventou – pode ajudar as pessoas a exercer melhor o autocontrole quando, por exemplo, estão economizando para a aposentadoria.

O professor Thaler teve uma rápida participação no filme *A Grande Aposto*, ao lado da atriz e cantora Selena Gomez, no qual ele usou a economia comportamental para ajudar a explicar as causas da crise financeira. Quando perguntaram a ele sobre sua “curta carreira em Hollywood”, brincou se dizendo desapontado pelo fato de suas façanhas como ator não terem sido mencionadas no resumo de suas realizações quando o prêmio foi anunciado.

Por que o trabalho de Thaler foi importante? Seu trabalho forçou os economistas a lidarem com as limitações da análise tradicional com base no pressuposto de que as pessoas são atores racionais. Ele também tem sido excepcionalmente bem-sucedido ao influenciar diretamente políticas públicas. Uma das contribuições mais importantes é a sua influência sobre a mudança dos planos de aposentadoria nos quais os funcionários se inscrevem automaticamente e nas apólices que oferecem aos funcionários a opção de aumentar as contribuições ao longo do tempo. Ambos refletem a visão de Thaler de que a inércia pode ser usada para moldar resultados benéficos sem impor limites à escolha humana.

APPELBAUM, Binyamin. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br>>. Acesso em: 11 out. 2017. Adaptado.

Releia o trecho:

Segundo o comitê do Nobel, ao anunciar o prêmio em Estocolmo, Thaler é pioneiro na aplicação da psicologia ao comportamento em economia **e em explicar como as pessoas tomam decisões** econômicas [...].

Agora, analise as seguintes assertivas:

- I. O segmento destacado em negrito expressa uma relação de adição, acrescentando mais um aspecto do pioneirismo de Thaler.
- II. Nesse contexto, a palavra “pioneiro” pode ser substituída, sem alteração de sentido, por “precursor”.
- III. No segmento destacado, o autor utiliza de modo equivocado a preposição “em”, visto que a palavra “pioneiro” não rege complemento indireto com essa preposição.
- IV. O segmento em negrito introduz, por meio do conector “e”, uma reformulação do que foi dito anteriormente, porém com outras palavras.
- V. A expressão “Segundo o comitê do Nobel” registra, em discurso indireto, a fala do comitê que anunciou o prêmio em Estocolmo.

Estão corretas, apenas, as assertivas

- a) I e III.
- b) I e V.
- c) II, IV e V.
- d) II, III e IV.
- e) I, II e V.**

[III] Incorreta: a palavra “pioneiro” rege complemento indireto com a preposição “em”: quem é pioneiro é pioneiro em algo.

[IV] Incorreta: o segmento em negrito acrescenta uma informação nova, trazendo mais um aspecto do pioneirismo de Thaler.

2. IME-RJ

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo. Estou pensando.”.

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos _____ espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski.

_____ desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para _____ compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: “Até tu, Brutus?”.

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais _____ pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. *Jornal do Brasil*, 12 set. 1970.

Marque a opção que completa corretamente as lacunas do texto, abaixo destacados:

I. Os espertos estão sempre tão atentos _____ espertezas alheias;

II. _____ desvantagem, obviamente;

III. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para _____ compra de um ar refrigerado de segunda mão;

IV. Há lugares que facilitam mais _____ pessoas serem bobas.

- a) às – Há – à – às
- b) as – A – às – as
- c) às – Há – a – as**
- d) às – A – às – às
- e) as – Há – à – às

Na primeira ocorrência, o acento grave indica a crase da preposição “a”, exigida pela regência do adjetivo “atentos”, com o artigo definido “as” que precede o substantivo “espertezas”. Na segunda lacuna, deve ocorrer o verbo *haver*, flexionado na 3ª pessoa do singular, uma vez que indica existência, ocorrência. Na sequência, apenas o artigo “a” que antecede o substantivo “compra” deve ser usado, pois a presença da preposição “para” já eliminaria a possibilidade de ocorrência de qualquer outra. Finalmente, na última frase, o termo “pessoas” constitui o sujeito da oração reduzida de infinitivo, “as pessoas serem bobas”, não admitindo, portanto, preposição.

3. IFSP – De acordo com a norma-padrão da píngua portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, quanto à regência nominal, assinale a alternativa incorreta.

- a) A opinião pública se encheu de cólera contra a corte.
- b) A hospedagem aos congressistas ficou a cargo do reitor.
- c) Eliana é atenciosa com os colegas.
- d) Lucas deixou o cachorro atado por um poste.**
- e) Antônio é leigo em astrofísica.

“Atado” é regido pela preposição “a” e não pela preposição “por”. Assim, o adequado seria “Lucas deixou o cachorro atado a um poste”.

4. Colégio Naval-RJ – Em que opção todas as preposições em destaque estão de acordo com a regência do nome?

- a) Por ter sido transferido, o marinheiro foi morar à Rua Martinez, local próximo ao quartel.
- b) Em nosso país, temos ojeriza por guerra, mas temos capacidade para lutar sem medo.**
- c) Os alunos oriundos de outros Estados ficam curiosos para conhecer Angra dos Reis.
- d) Desejoso pela aprovação, este candidato demonstra capacidade para qualquer faina.
- e) É preferível não se alimentar do que alimentar-se com produtos nocivos ao organismo.

Adequando as frases de acordo com a regência do nome à norma-padrão, tem-se:

- a) Por ter sido transferido, o marinheiro foi morar na Rua Martinez, local próximo ao quartel.
- c) Os alunos oriundos de outros Estados ficam curiosos de conhecer Angra dos Reis.
- d) Desejoso da aprovação, este candidato demonstra capacidade para qualquer faina.
- e) É preferível não se alimentar a alimentar-se com produtos nocivos ao organismo.

5. IFSul-RS

A doença do amor

Existe de fato amor romântico? Esta é uma pergunta que ouço quando, em sala de aula, estamos a discutir questões como literatura romântica dos séculos 18 e 19. Quando o público é composto de pessoas mais maduras, a tendência é um certo ceticismo, muitas vezes elegante, apesar de trazer nele a marca eterna do desencanto.

Quando o público é mais jovem há uma tendência maior de crença no amor romântico. Alguns diriam que essa crença é típica da idade jovem e inexperiente, assim como crianças creem em Papai Noel.

Mas, em matéria de amor romântico, melhor ainda do que ir em busca da literatura dos séculos 18 e 19 é ir à fonte primária: a literatura europeia medieval, verdadeira fonte do amor romântico. A literatura conhecida como amor cortês.

Especialistas no assunto, como o suíço Denis de Rougemont, suspeitavam que a literatura medieval criou uma verdadeira expectativa neurótica no Ocidente sobre o que seria o amor romântico em nossas vidas concretas, fazendo com que sonhássemos com algo que, na verdade, nunca existiu como experiência universal. Dos castelos da Provence francesa do século 12 ao cinema de Hollywood, teríamos perdido o verdadeiro sentido do amor medieval, que seria uma doença da qual devemos fugir como o diabo da cruz.

Para além dos céticos e crentes, a literatura medieval de amor cortês é marcante pela sua descrição do que seria esse *pathos* amoroso. Uma doença, uma verdadeira desgraça para quem fosse atingindo em seu coração por tamanha tristeza. André Capelão, autor da época (*Tratado do Amor Cortês*, ed. Martins Fontes), sintetiza esse amor como sendo uma “doença do pensamento”. Doença essa que podemos descrever como uma forma de **obsessão em saber** o que ela está pensando, o que ela está fazendo nessa exata hora em que penso nela, com o que ela sonha à noite, como é seu corpo por baixo da roupa que a veste, o desejo incontrolável de ouvir sua voz, de sentir seu perfume. Mas a doença avança: sentir o gosto da sua boca, beijá-la por horas a fio.

Mas, quando em público, jamais deixe ninguém saber que se amam. Capelão chega a supor que desmaios femininos poderiam ser indicativos de que a infeliz estaria em presença de seu desgraçado objeto de amor inconfessável. A inveja dos outros pelos amantes, apesar de **condenados a tristeza** pela interdição sempre presente nas narrativas (casados com outras pessoas, detentores de responsabilidades públicas e privadas), se dá pelo fato que se trata de uma doença encantadora quando correspondida.

Nada é mais forte do que o desejo de estar com alguém a quem você se sente ligado, mesmo que a milhares de quilômetros de distância, sem poder trocar um único olhar ou toque com ela.

O erro dos modernos românticos teria sido a ilusão de que esses medievais imaginariam o amor romântico numa escala universal e capaz de conviver com um apartamento de dois quartos, pago em cem anos.

Não, o amor cortês seria algo que deveríamos temer justamente por seu caráter intempestivo e avassalador. Sempre fora do casamento, teria contra ele a condenação da norma social ou religiosa que, aos poucos, levaria as suas vítimas à destruição, psicológica ou física.

Para os medievais, um homem **arrebato** por esse amor tomaria decisões que destruiriam seu patrimônio. A mulher perderia sua reputação. Ambos viriam, necessariamente, a morrer por conta desse amor, fosse ele em batalha, por obrigação de guerreiro, fosse fugindo do horror de trair seu melhor amigo com sua até então fiel esposa. Ela morreria eventualmente de tristeza, vergonha e solidão num convento, buscando a paz de espírito há muito perdida. A

distância física, social ou moral, proibindo a realização plena desse desejo incessante como tortura cotidiana.

O poeta mexicano Octavio Paz, que dedicou alguns textos ao tema, entendia que a literatura medieval descrevia o embate entre virtude e desejo, sendo a desgraça dos apaixonados a maldição de ter que ¹⁶“pôr medida nesse desejo (nesse amor fora do lugar), em meio à insuportável **culpa** de estar doente de amor.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Folha de S.Paulo*, 16 de maio de 2016.

Em relação à regência nominal, é correto afirmar que

- A expressão “obsessão em saber” poderia ser substituída por “obsessão a saber”, sem prejuízo da norma culta.
- O adjetivo “arrebato” rege o complemento nominal “em”. Dessa forma, o texto deveria ser assim reescrito: “[...] um homem arrebatado nesse amor [...]”
- Diante da palavra *tristeza* deveria haver crase, uma vez que o termo *condenados* exige a preposição “a” para introduzir o complemento nominal.
- Após o substantivo “culpa” não deve ser empregada nenhuma preposição, de acordo com a norma geral de regência nominal.

a) Quem tem obsessão a tem **por** algo ou **em** alguma coisa. Dessa forma, estaria inadequado o emprego da preposição “a”.

b) Se o homem é “arrebato **por** esse amor”, isto é, arrancado de seu lugar de forma impetuosa, ele o foi por alguma razão, o que não permite o emprego de “**em**”.

d) Essa norma não se aplica ao tópico de regência nominal. Para ter seu sentido completo, o substantivo “culpa” rege o complemento “de” ou “em”, pois quem tem culpa **de** algo ou **em** algum ato.

6. IFPE – Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir. **C8-H27**

Estresse: causas e prevenção

O estresse é uma reação a diversos estímulos físicos, mentais ou emocionais. Esse comportamento acontece porque certas situações fazem o nível de tensão ficar muito elevado ou prolongado. Apesar de algumas pessoas apresentarem bom desempenho sob estresse, a maioria delas consegue suportar situações de tensão apenas até certo ponto, a partir do qual podem começar a ter problemas físicos.

Os níveis dos hormônios do estresse caem, normalmente, logo que ele passa, quando podemos relaxar. Mas esses níveis podem continuar altos se a situação causadora do estresse se mantiver ou surgir com frequência, ou se, em geral, reagirmos intensamente a qualquer tipo de perturbação, ainda que de menor importância.

Grande parte das doenças que acometem os indivíduos está relacionada com o estresse. Entre essas enfermidades estão hipertensão, ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais (derrames), depressão, ansiedade, síndromes de fadiga crônica, distúrbios digestivos, obesidade, enxaquecas e alguns problemas respiratórios.

Além disso, longos períodos de estresse comprometem o sistema imunológico, tornando-nos mais propensos a infecções, câncer e doenças autoimunes, em que o sistema imunológico ataca células do organismo. São exemplos a artrite reumatoide, o lúpus, as doenças da tireoide, certos tipos de anemia e alguns problemas de fertilidade. Fumar, comer demais e outras formas de dependência também estão, muitas vezes, relacionados ao estresse. Além desses fatores, as causas mais comuns do estresse prolongado são: morte de pessoa próxima, problemas nas

relações afetivas, preocupações monetárias, desemprego, má gestão do tempo, descanso e lazer insuficientes, tédio, doença, entre outras.

Nem sempre é possível evitar as situações que causam estresse, mas podemos alterar as nossas reações aos estímulos. Aprender estratégias de controle do estresse pode ser útil a quem sofre desse mal, pois isso permitirá que os níveis de hormônios do estresse baixem de modo que possamos enfrentar, sem muita angústia, o que a vida vai trazendo.

Autor não informado. Estresse: causas e prevenção.
Revista Seleções. Adaptado.

Sobre os aspectos gramaticais referentes à regência e à concordância, analise as proposições a seguir:

- I. No fragmento “a maioria delas consegue suportar situações de tensão (...)” (1º parágrafo), a forma verbal destacada deveria ter sido grafada no plural, concordando com o pronome que a antecede.
- II. Em “reagir intensamente a qualquer tipo de perturbação (...)” (2º parágrafo), o advérbio destacado rege o complemento nominal que o sucede.
- III. No trecho “pode ser útil a quem sofre desse mal (...)” (5º parágrafo), a preposição destacada poderia ser substituída por qualquer outra e não haveria alteração de sentido.

IV. Em “Grande parte das doenças que acometem os indivíduos está relacionada com o estresse (...)” (3º parágrafo), a expressão em destaque poderia ser pluralizada sem comprometer a correção gramatical do trecho.

V. No trecho “Aprender estratégias de controle do estresse pode ser útil (...)” (5º parágrafo), a expressão destacada deveria ser substituída por “podem ser úteis”, concordando com o termo “estratégias” e garantindo a adequação gramatical do trecho.

Estão corretas apenas as afirmações constantes nos itens

- a) IV e V.
- b) I e II.
- c) III e IV.
- d) II e IV.**
- e) I e V.

[I] Incorreta: a forma em destaque concorda com o termo “maioria”, que também está no singular.

[III] Incorreta: “útil” é regido pela preposição “a” (algo que é útil, é útil a alguém) e, portanto, não é possível alterar a preposição.

[V] Incorreta: o termo em destaque está concordando com todo o sintagma “aprender estratégias de controle de estresse” e, assim, fica no singular.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Escola Naval-RJ

O dono do livro

Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto. Ele disse que certa vez chegou em casa no fim do dia, já havia anoitecido, quando um garoto humilde de 16 anos o esperava sentado no muro. O garoto estava com um dos braços para trás, o que perturbou o escritor, que imaginou que pudesse ser assaltado.

Mas logo o menino mostrou o que tinha em mãos: um livro do próprio Mia Couto. Esse livro é seu? Perguntou o menino. Sim, respondeu o escritor. Vim devolver. O garoto explicou que horas antes estava na rua quando viu uma moça com aquele livro nas mãos, cuja capa trazia a foto do autor.

O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais. Então perguntou para a moça: Esse livro é do Mia Couto? Ela respondeu: É. E o garoto mais que ligeiro tirou o livro das mãos dela e correu para a casa do escritor para fazer a boa ação de devolver a obra ao verdadeiro dono.

Uma história assim pode acontecer em qualquer país habitado por pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros – aqui no Brasil, inclusive. De quem é o livro? A resposta não é a mesma de quando se pergunta: “Quem escreveu o livro?”.

O autor é quem escreve, mas o livro é quem lê, e isso de uma forma muito mais abrangente do que o conceito de propriedade privada – comprei, é meu. O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, mesmo que seja emprestado, mesmo que tenha sido encontrado num banco de praça.

O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo que é transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É o leitor o livro.

Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve para nada.

Aquele garoto de Moçambique não vê assim. Para ele, o livro é de quem traz o nome estampado na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse. Não tem ideia de como se dá o processo todo, possivelmente nunca entrou numa livraria, nem sabe o que é tiragem.

Mas, em seu desengano, teve a gentileza de tentar colocar as coisas em seu devido lugar, mesmo que para isso tenha roubado o livro de uma garota sem perceber.

Ela era a dona do livro. E deve ter ficado estupefata. Um fã do Mia Couto afanou seu exemplar. Não levou o celular, a carteira, só quis o livro. Um danado de uma amante da literatura, deve ter pensado ela. Assim são as histórias escritas também pela vida, interpretadas a seu modo por cada dono.

MEDEIROS, Martha. O dono do livro. *Zero Hora*, 6 nov. 2011.

Assinale a opção em que a troca da palavra sublinhada pela que está em destaque mantém corretas as relações de sentido e a regência nominal.

crianças e dos adolescentes; deveriam dispor de equipes multiprofissionais atualizadas e capacitadas a avaliar periodicamente os alunos. Urgente é incorporar os ministérios do Esporte e da Cultura às iniciativas da educação, com atividades em larga escala e simples, baratas, facilmente replicáveis e adaptáveis em todo o território nacional. (...)

(...) Com relação à idade mínima para a maioridade penal, deve permanecer em 18 anos, prevista pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e conforme orientações da ONU. Mas o tempo máximo de três anos de reclusão em regime fechado, quando a criança ou o adolescente comete crime hediondo, mesmo em locais apropriados e com tratamento multiprofissional, que urgentemente precisam ser disponibilizados, deve ser revisto. Três anos, em muitos casos, podem ser absolutamente insuficientes para tratar e preparar os adolescentes com graves distúrbios para a convivência cidadã. (...)

NEUMANN, Zilda Arns. *Folha de S.Paulo*, 26 nov. 2003.

Assinale a alternativa em que as expressões exemplificam casos de regência nominal.

- a) 1º parágrafo.
Notícias sobre crimes hediondos... / ... violência por meio das estratégias...
- b) 2º parágrafo.
... maioria da população... / ... de mais importante à nação...
- c) 3º parágrafo.
... realizada de maneira sincronizada... / ... participação das famílias...
- d) 6º parágrafo.
Em relação às crianças... (4º parágrafo) / ... a solidariedade junto às famílias...
- e) 6º parágrafo.
... mais de 1,2 milhões... / ... comunidades de 3 696 municípios...

12. **Fatec-SP** – Leia o texto para responder à questão.

Literatura e Matemática

Letras e números costumam ser vistos como símbolos opostos, correspondentes a sistemas de pensamento e linguagens completamente diferentes e, muitas vezes, incommunicáveis. Essa perspectiva, no entanto, foi muitas vezes recusada pela própria literatura, que em diversas ocasiões valeu-se de elementos e pensamentos matemáticos como forma de melhor explorar sua potencialidade e de amplificar suas possibilidades criativas.

[...]

A utilização da matemática no campo literário se dá por meio das diversas estruturas e rigores, mas também através da apresentação, reflexão e transformação em matéria narrativa de problemas de ordem lógica. Nenhuma leitura é única: o texto, por si só, não diz nada; ele só vai produzir sentido no momento em que há a recepção por parte do leitor. A matemática pode, também, potencializar o texto, tornando ainda mais amplo o seu campo de leituras possíveis a partir de regras ou restrições.

Muitas passagens de *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll, estão repletas de enigmas e problemas que até os dias de hoje permitem aos leitores múltiplas interpretações. Edgar Allan Poe é

outro escritor a construir personagens que utilizam exaustivamente a lógica matemática como instrumento para a resolução dos enigmas propostos.

Explorar as relações entre literatura e matemática é resgatar o romantismo grego da possibilidade do encontro de todas as ciências. É fazer uma viagem pelo mundo das letras e dos números, da literatura comparada e das ficções e romances de diversos autores que beberam (e continuarão bebendo) de diversas e potenciais fontes científicas, poéticas e matemáticas.

FUX, Jacques. *Literatura e Matemática. Revista Cult*, jun. 2016.

No trecho “correspondentes a sistemas de pensamento e linguagens”, a palavra destacada é

- a) um artigo definido feminino que concorda com o substantivo sistemas.
- b) um pronome possessivo referente ao substantivo pensamento.
- c) uma conjugação no presente do indicativo para o verbo haver.
- d) uma preposição regida pelo adjetivo correspondentes.
- e) um adjetivo para destacar o advérbio linguagens.

13. UEMG

No início de 2015, um questionário com 36 perguntas e quatro minutos ininterruptos de contato visual ficou conhecido _____ causa de um artigo da escritora Mandy Len Catron, publicado no jornal norte-americano *The New York Times*. No texto, ela conta a história de como se apaixonou pelo marido com a ajuda _____ um método usado para criar intimidade romântica em laboratório, experimento criado há mais de 20 anos pelo professor de psicologia social Arthur Aron, da Universidade de Stony Brooks, nos Estados Unidos.

Em nove dias, o texto foi lido por mais de 5 milhões de pessoas e compartilhado 270 mil vezes no Facebook (inclusive por Mark Zuckerberg). “Criamos esse questionário a fim de ter um método para ser usado em laboratório e estudar os efeitos da intimidade na vida social de uma pessoa. Esse método já foi utilizado _____ centenas de estudos”, disse Aron à reportagem.

Quando foi criado, o estudo tinha regras bem rígidas: um homem e uma mulher heterossexuais entram em um laboratório por portas separadas. Eles se sentam frente a frente e respondem às perguntas, que têm um teor cada vez mais pessoal. Essa fase leva cerca de 45 minutos e, em seguida, é preciso encarar o outro nos olhos durante quatro minutos, sem desviar o foco. Na experiência conduzida pelo professor Aron, dois participantes do teste se casaram depois de seis meses e chamaram os funcionários do laboratório para a cerimônia.

LOUREIRO, Gabriela. *Quer encontrar o amor? A ciência e a tecnologia podem te ajudar. Revista Galileu*, 26 mar. 2015.

Com relação à regência nominal dos trechos em destaque, assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

- a) de, pelo, através
- b) por, de, em
- c) com, por, em
- d) por, de, pelos

14. Unifesp – Para responder à questão a seguir, leia o poema.

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que ¹aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio _____ quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pausa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia ²carreia consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Dissolução. In: *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹ aprouver: causar ou sentir prazer; contentar(-se).

² carrear: carregar.

Personificação: recurso expressivo que **consiste** _____ atribuir propriedades humanas a uma coisa, a um ser inanimado ou abstrato.

COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio e. *Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa 2009 – Acordo Ortográfico*. Porto: Porto Editora, 2008.

A alternativa que contém os termos mais adequados para garantir a regência nominal dos termos em destaque é:

- a) de, em
- b) com, de
- c) pelo, com
- d) de, por

15. Sistema Dom Bosco – Leia o texto para responder à questão.

Encontrando base em argumentos supostamente científicos, o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres. Na história do Brasil, exatamente na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se os esforços para impedir a participação da mulher no campo das práticas esportivas. As desconfianças **em relação** _____ presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço físico intenso. Em relação ao futebol feminino, o mito do sexo frágil atuou como obstáculo ao consolidar a crença de que o esforço físico seria **inapropriado** _____ proteger a feminilidade da mulher “normal”. Tal mito sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como prática esportiva feminina. Leis e propagandas buscaram desacreditar o futebol, considerando-o **inadequado** _____ delicadeza. Na verdade, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades do “esporte-rei”.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitana de Oliveira. *Preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática*. Porto Alegre: Movimento. n. 1, 2013. Adaptado.

Os termos regidos pelos nomes em destaque estão corretamente descritos na alternativa:

- a) para, por, da
- b) à, com, da
- c) para, de, a
- d) à, para, à
- e) à, em, com

16. Sistema Dom Bosco

C8-H27

Texto I



Disponível em: <www.apoesp.org.br/>. Acesso em: fev. 2019.

Texto II

Imaginemos um cidadão, residente na periferia de um grande centro urbano, que diariamente acorda às 5h para trabalhar, enfrenta em média 2 horas de transporte público, em geral lotado, para chegar às 8h ao trabalho. Termina o expediente às 17h e chega em casa às 19h para, aí sim, cuidar dos afazeres domésticos, dos filhos etc. Como dizer

a essa pessoa que ela deve praticar exercícios, pois é importante para sua saúde? Como ela irá entender a mensagem da importância do exercício físico? A **probabilidade** de essa pessoa praticar exercícios regularmente é significativamente menor que a de pessoas da classe média/alta que vivem outra realidade. Nesse caso, a abordagem individual do problema tende a fazer com que a pessoa se sinta impotente em não conseguir praticar exercícios e, conseqüentemente, culpada _____ fato de ser ou estar sedentária.

FERREIRA, M. S. *Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque*. RBCE, n. 2, jan. 2001. Adaptado.

Selecione a alternativa correta em relação à regência nominal:

- a) No Texto I, o termo regente “obrigado(a)” pode ter seu complemento substituído, sem prejuízo da norma culta, por “à”.
- b) No Texto II, a lacuna deve ser preenchida com o termo “pelo” para estar de acordo com a regência nominal.
- c) Em ambos os textos, os termos regentes (“obrigado(a)” no Texto I e “culpada” no Texto II) podem receber o termo “do” como complemento.
- d) No Texto II, o complemento nominal “probabilidade” deve ser “com”.
- e) No Texto I, a palavra “unidade” exige complemento por ser derivada de *unificar*.

17. Sistema Dom Bosco – Leia o texto para responder à questão.

E aqui, antes de continuar este espetáculo, é necessário que façamos uma advertência _____ todos e a cada um. Neste momento, achamos fundamental que cada um tome uma posição definida. Sem que cada um tome uma posição definida, não é possível continuarmos. É fundamental que cada um tome uma posição, seja para a esquerda, seja para a direita. Admitimos mesmo que alguns tomem uma posição neutra, fiquem de braços cruzados. Mas é preciso que cada um, uma vez tomada sua posição, fique nela! Porque senão, companheiros, as cadeiras do teatro rangem muito e ninguém ouve nada.

FERNANDES, Millôr; RANGEL, Flávio. *Liberdade, liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Escolha a alternativa com o termo adequado para complementar o texto, em harmonia com as regras de regência nominal:

- a) por
- b) a
- c) com
- d) até
- e) a qual

ESTUDO PARA O ENEM

18. UFRGS-RS

C8-H27

Hoje os conhecimentos se estruturam de modo fragmentado, separado, compartimentado nas disciplinas. Essa situação impede uma visão global, uma visão fundamental e uma visão complexa. “Complexidade” vem da palavra latina *complexus*, que significa a compreensão _____ elementos no seu conjunto.

As disciplinas costumam excluir tudo o que se encontra fora do seu campo de especialização. A literatura, no entanto, é uma área que se situa na inclusão de todas as dimensões humanas. Nada do humano lhe é estranho, estrangeiro.

A literatura e o teatro são desenvolvidos como meios de expressão, meios de conhecimento, meios de compreensão da complexidade humana. Assim, podemos ver o primeiro modo de inclusão da literatura: a inclusão da complexidade humana. E vamos ver ainda outras inclusões: a inclusão da personalidade humana, a inclusão da subjetividade humana e, também, muito importante, a inclusão do estrangeiro, do marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos e desprezamos na vida cotidiana.

A inclusão da complexidade humana é necessária porque recebemos uma visão mutilada do humano. Essa visão, a de *homo sapiens*, é uma definição do homem pela razão; de *homo faber*, do homem como trabalhador; de *homo economicus*, movido por lucros econômicos. Em resumo, trata-se de uma visão prosaica, mutilada, que esquece o principal: a relação do sapiens/demens, da razão com a demência, com a loucura.

Na literatura, encontra-se a inclusão _____ problemas humanos mais terríveis, coisas insuportáveis que nela se tornam suportáveis. Harold Bloom escreve: “Todas as grandes obras revelam a universalidade humana através

_____ destinos singulares, de situações singulares, de épocas singulares”. É essa a razão por que as obras-primas atravessam séculos, sociedades e nações.

Agora chegamos à parte mais humana da inclusão: a inclusão do outro para a compreensão humana. A compreensão nos torna mais generosos com relação ao outro, e o criminoso não é unicamente mais visto como criminoso, como o Raskolnikov de Dostoiévsky, como o Padrinho de Copolla.

A literatura, o teatro e o cinema são os melhores meios de compreensão e de inclusão do outro. Mas a compreensão se torna provisória, esquecemo-nos depois da leitura, da peça e do filme. Então essa compreensão é que deveria ser introduzida e desenvolvida em nossa vida pessoal e social, porque serviria para melhorar as relações humanas, para melhorar a vida social.

MORIN, Edgar. *A inclusão: verdade da literatura*. In: RÖSING, Tânia et al. *Edgar Morin: religando fronteiras*. Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18.

A regência nominal é sempre mediada por uma preposição, a fim de garantir a total compreensão regida pelo substantivo ou adjetivo empregado na oração. Sendo assim, escolha a alternativa que emprega adequadamente as preposições, de acordo com a norma culta:

- a) com, à, pelo
- b) dos, como, dos
- c) dos, como, com
- d) com, como, pelo

19. ESPM-SP (adaptada)

C8-H27

Observe os termos destacados das opções que se seguem e identifique a alternativa que apresenta a classificação correta da função sintática.

- Sempre esteve acostumada **ao luxo**.
 - Naquela época ainda obedecia **aos pais**.
 - Esta roupa não está adequada **à ocasião**.
 - Os velhos soldadinhos **de chumbo** foram esquecidos.
- a) complemento nominal – complemento nominal – objeto indireto – complemento nominal.
- b) objeto indireto – objeto indireto – objeto indireto – complemento nominal.
- c) objeto indireto – complemento nominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
- d) complemento nominal – objeto indireto – complemento nominal – adjunto adnominal.
- e) adjunto adnominal – objeto indireto – complemento nominal – adjunto adnominal.

20. Unesp – A questão a seguir toma por base a crônica de Luis Fernando Verissimo. **C8-H27**

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel _____ livro e _____ palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para

presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o *mouse*, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescente-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, 31 maio 2015.

Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel _____ livro e _____ palavra impressa.

No excerto retirado do texto, há duas lacunas que precisam ser preenchidas para garantir a compreensão da mensagem do texto. Escolha a alternativa adequada.

- a) com, para
- b) no, à
- c) ao, à
- d) ao, para

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMESTICO

38

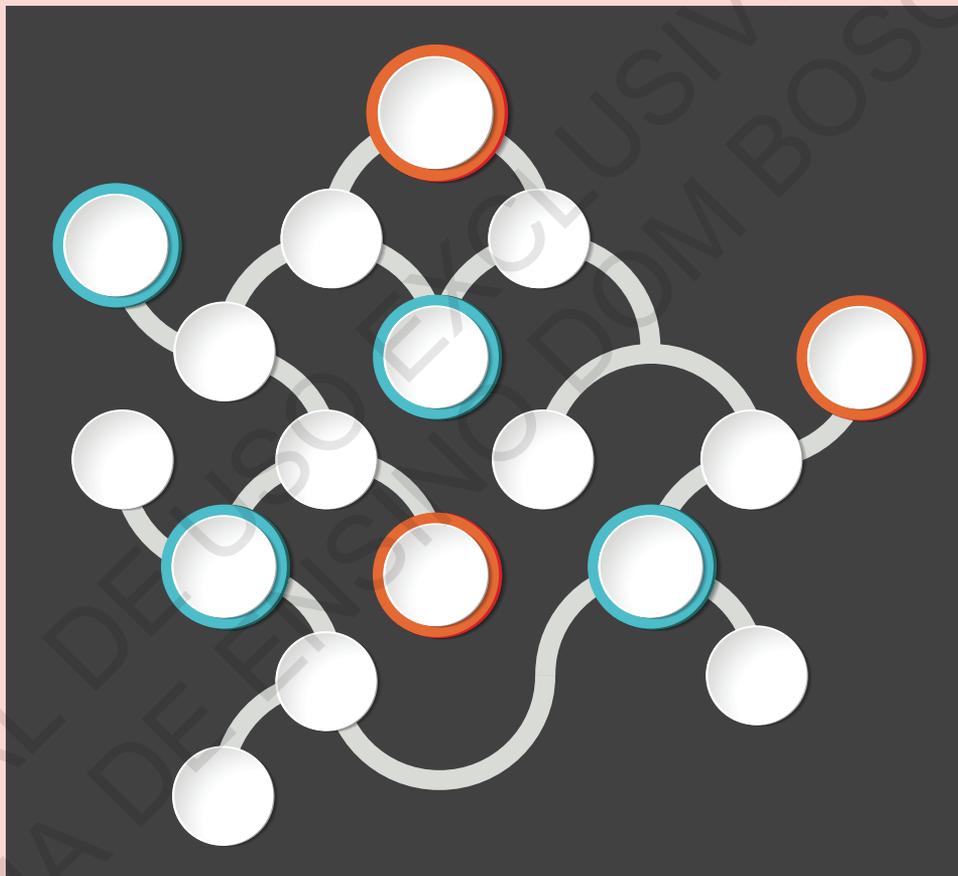
REGÊNCIA VERBAL

- Regência
- Regência verbal
- Transitividade verbal
- Verbo intransitivo
- Verbo transitivo

HABILIDADES

- Reconhecer a importância da regência verbal como um processo que estabelece a relação entre o verbo e seus respectivos complementos;
- Identificar os conceitos de transitividade verbal, verbos transitivos diretos e indiretos, e a regência dos pronomes oblíquos e relativos;
- Diferenciar o objeto direto e objeto indireto, bem como os verbos de ligação.

A regência



A regência é um fenômeno que incide tanto sobre a categoria dos nomes – regência nominal – quanto sobre a categoria dos verbos – regência verbal.

Como visto anteriormente, a regência é um fenômeno linguístico caracterizado pelas relações de comando, vinculação e dependência entre as estruturas gramaticais, uma vez que estas precisam estar vinculadas para que as sentenças possam ser formadas.

[...] **Andei pensando** nesses extremos da paixão, quando te amo tanto e tão além do meu ego que — se você não me **ama**: eu enlouqueço [...]. Me veio um fundo **desprezo** pela minha/nossa dor mediana, pela minha/nossa rejeição amorosa desempenhando papéis tipo sou-forte-seguro-essa-sou-mais-eu. Que imensa miséria o grande amor — depois do não, depois do fim — reduzir-se a duas ou três frases frias ou sarcásticas. Num bar qualquer, numa esquina da vida.

ABREU, Caio Fernando. Extremos da paixão. In: _____. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

No excerto apresentado, foram destacados alguns trechos em que se pode observar a influência do fenômeno da regência, seja nominal:

“...desprezo pela minha/nossa dor...”

nome regente
preposição
complemento nominal

seja verbal, com verbo intransitivo, em que o verbo não exige complemento interno:

...eu enlouqueço...

sujeito
verbo intransitivo

seja verbal, com verbo transitivo direto, em que o complemento verbal não é regido por preposição:

você não me ama

sujeito
complemento verbal
verbo transitivo direto

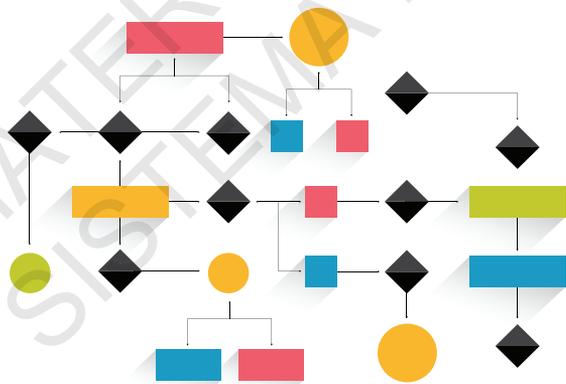
seja verbal, com verbo transitivo indireto, em que o complemento verbal é ligado por preposição ao verbo:

Andei pensando nesses extremos

locução de verbo transitivo indireto
contração de preposição + pronome
complemento verbal

Em todos esses casos, inclusive a não regência do verbo intransitivo, a relação entre os elementos das sentenças é permeada por relações de comando, vinculação e dependência, como se pode constatar.

Regência verbal



A regência verbal estabelece relação de dependência hierárquica entre o verbo e seus complementos, realizando-se, sobretudo, pelo fenômeno da transitividade verbal.

Quando a relação de dependência entre os termos de uma oração ou entre mais de uma oração em um período diz respeito a um verbo, trata-se de regência verbal.

Trata-se da relação estabelecida entre o verbo, que é o termo regente, e seu complemento, que é o termo regido. É a regência que determina a necessidade do emprego ou não de uma preposição para ligar o verbo ao seu complemento.

Graças à regência, um verbo tem seu sentido complementado de maneira total, alcançando plena referência em relação à situação descrita.

A voz dele era cúmplice, o convite também o era. Aproveitava-se do momento de confusão, introduzia-se no nosso duo, adquiria direitos. Raul, pela primeira vez naquela tarde, olhou com simpatia, e eu tive ódio aos dois, ódio a ela, ódio a mim. Mas vi as horas no relógio de pulso, concordei, **disse a Raul que talvez não passasse no dia seguinte**. Maria José não viera encontrar-se comigo, como prometera, podia amanhã fazer a mesma coisa. Ele se curvou, polidamente. Não sei se a dona entendeu a desculpa.

QUEIRÓS, Rachel de. *As três Marias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

Pode-se constatar a dinâmica da regência verbal a partir da análise do verbo *dizer*, destacado no excerto apresentado:

...(eu) disse a Raul que talvez não passasse no dia seguinte.

verbo transitivo direto e indireto
complemento verbal (objeto indireto)
preposição
complemento verbal (objeto direto)

Como pode ser percebido, trata-se de um verbo que exige complemento direto e complemento indireto, uma vez que *dizer* pressupõe que *algo* seja dito a *alguém*. Logo, o sentido do verbo apenas é plenamente alcançado com a enunciação de ambos os complementos, direto e indireto – este regido por preposição.

Muito por essa dinâmica da relação entre verbos e complementos, a sistematização normativa da regência verbal está diretamente atrelada à transitividade dos verbos.

A transitividade verbal



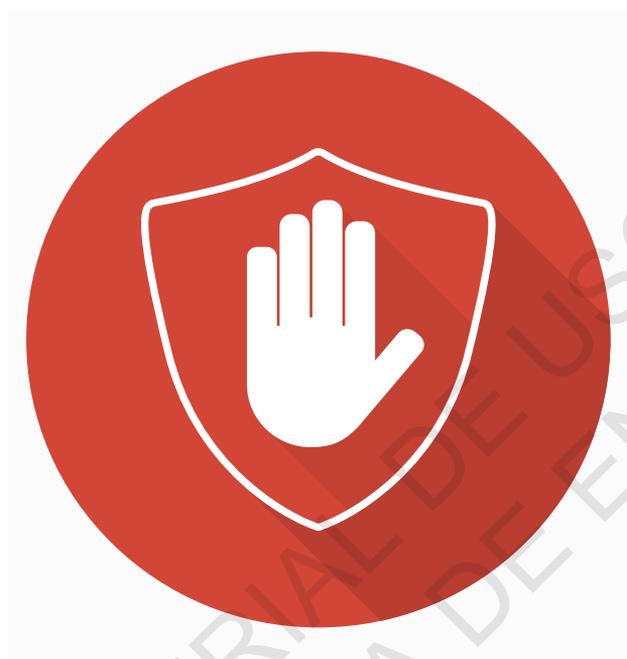
A transitividade verbal é o registro linguístico do impacto da ação de um ser sobre outro durante a ocorrência de um evento.

Podemos afirmar que a transitividade verbal o registro da passagem, da transmissão, do trânsito da ação que um ser agente (animado ou inanimado) exerce sobre outro ser (animado ou inanimado), durante a ocorrência de um evento. Os verbos, então, exigindo ou não a ocorrência de complementos, de modo que seu sentido seja completado, garantem a enunciação mais objetiva dessas ocorrências.

É a transitividade que determina a relação entre o verbo e os seus complementos. Identifica-se como predicação verbal o estabelecimento dessas relações entre o sujeito da ação, o verbo e seus complementos.

Quanto à predicação, os verbos podem ser classificados como intransitivos (entre os quais são classificados os verbos de ligação) e transitivos.

VERBOS INTRANSITIVOS



Os verbos intransitivos são aqueles que não exigem complementos internos.

Os verbos intransitivos possuem sentido completo e não requerem nenhum complemento que lhes confira significado. Grosso modo, são palavras que descrevem eventos em que não ocorre ação de um ser sobre outro.

A criança **chorou**.

O avião **decolou**.

A mulher **sorriu**.

Note que nos três exemplos acima, o próprio significado dos verbos, *chorar*, *decolar* e *sorrir*, garante que seja compreendido o sentido da oração sem a necessidade de nenhum complemento.

Verbos de ligação



Apesar de intransitivos, os verbos de ligação permitem que qualidades sejam atribuídas aos sujeitos das sentenças.

Possuem a função de ligar o sujeito da oração a seus predicativos (características) e, por isso, são também chamados de verbos copulativos. Não expressam a ação do verbo, mas o estado do sujeito da oração.

Tia Bila segue ao meu lado um longo trecho na areia. A manhã perdeu sua beleza. Bila, Bilinha. Nasceu quando a mãe tinha quarenta anos, e *vivia* totalmente *reclusa*.

LUFT, Lya. *As parceiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Apesar de não estar explícito, o sujeito do verbo “vivia” é “Tia Bila”. Empregado dessa forma e com esse sentido, o verbo “viver” se torna um verbo de ligação, pois liga o predicativo (característica) “reclusa” ao sujeito “Tia Bila”, subentendido.

Um dia, sexta-feira santa, no meio da tarde fiz um sanduíche na cozinha. Presunto. Na hora não lembrei o jejum, a abstinência, que para minha tia eram questão de vida ou morte. Quando eu comia no quarto, ela entrou, sem bater, como de costume.

— Você só se alimenta de sanduíche e refrigerante. Olha as migalhas na cama, a casa *anda cheia* de barata. Hoje nem é só abstinência, é jejum. — O rosto pontudo *avançava*, censurava. — Não se come fora de hora.

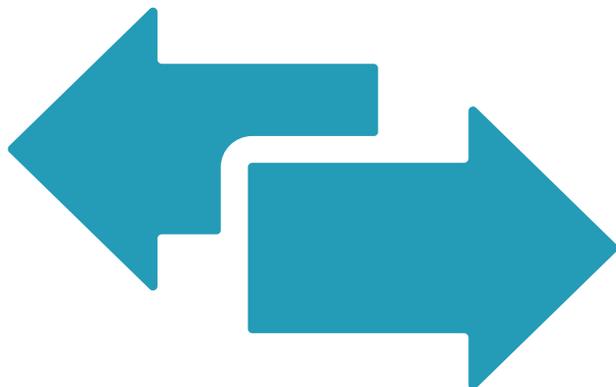
LUFT, Lya. *As parceiras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Empregado com esse sentido, o verbo “andar” permite que o estado do sujeito, “a casa”, seja expresso, o fato de estar “cheia de barata”, o que nos permite dizer que, nesse contexto, o verbo *andar* é um verbo de ligação.

Os verbos de ligação mais recorrentes são *andar*, *continuar*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *permanecer*, *ser*, *tornar-se*, *virar* e *viver*.

VERBOS TRANSITIVOS

BDCREATIONS/ISTOCK



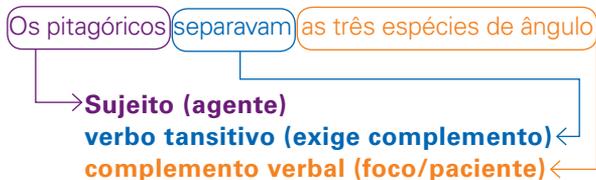
Verbos transitivos são aqueles que enunciam eventos de que participam um agente e um foco da ação descrita no verbo.

São incompletos e não possuem significado sem que haja o trânsito de sua ação verbal para outros termos que o complementem. Os complementos que garantem a transitividade são o objeto direto e o objeto indireto.

Os tipos de ângulo formados pelo encontro de duas retas podem ser classificados conforme os mesmos princípios enumerados na doutrina das duas colunas. Os pitagóricos **separavam as três espécies de ângulo** (reto, agudo e obtuso), e o primeiro tipo era superior aos demais, pois o ângulo reto é caracterizado pela igualdade e semelhança, ao passo que os outros dois são identificados de acordo com critérios de grandeza e pequenez relativos ao ângulo reto, definindo-se, portanto, por sua desigualdade e diferença. Tudo aquilo que pode ser definido a partir de limites claros é superior ao que depende de critérios relativos de mais e de menos, uma vez que o limite é a fonte da autoidentidade e da definibilidade de todas as coisas, ao menos na interpretação de Aristóteles da doutrina pitagórica.

ROQUE, Tatiana. *História da Matemática* – uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

No excerto apresentado, o trecho destacado apresenta verbo transitivo, uma vez que é necessária a apresentação do complemento de "... separavam ..."; pois trata-se de uma realidade de mundo que envolve agente e foco da ação, logo, para a enunciação plena, o foco, complemento, precisa ser apresentado. Essa exigência caracteriza a regência do verbo, sua transitividade, como esquematizado a seguir:



É possível subdividir essa categoria de verbos em transitivos diretos e transitivos indiretos.

Transitivos diretos

Transmitem a ação verbal ao complemento de forma direta, ou seja, sem necessidade de preposição. Diz-se que o termo da oração que recebe a ação do verbo e o complementa é um objeto direto.

Ele **comprou as bicicletas**.

Eu **ouvi a música**.

O cachorro **come a ração**.

O aluno **perdeu a hora da prova**.

O cigarro **causa diversos malefícios**.

Os verbos empregados nas orações acima (*comprar, ouvir, comer, perder e causar*) são exemplos de transitivos diretos, pois as frases não estariam com sentido completo sem que houvesse um complemento. Além disso, a transmissão da ação do verbo se dá sem o emprego de preposição, indicando que esse complemento é um objeto direto.

Transitivos indiretos

A transmissão da ação do verbo ocorre por meio de uma preposição. Por conta dessa relação indireta é que o complemento verbal recebe o nome de objeto indireto.

Meu filho **gosta de doces**.

Lembrei-me de ligar para o consultório.

A palestrante **respondeu às perguntas**.

A testemunha **não compareceu ao julgamento**.

Os candidatos **obedeceram às regras**.

Quem gosta, gosta de algo ou alguém, assim como quem se lembra, se lembra de algo ou alguém, regendo o emprego da preposição "de".

Da mesma forma, quem responde, comparece ou obedece, o faz a algo ou a alguém, o que exige a preposição "a".

Portanto, todos os complementos verbais dos exemplos acima são considerados objetos indiretos.

Há ainda uma categoria de verbo que reúne as duas características apresentadas. São chamados de transitivos diretos e indiretos.

Transitivos diretos e indiretos

Transmitem a ação do verbo para dois termos (ou complementos verbais) dentro de uma mesma oração, em que um deles exige o emprego de preposição (objeto indireto) e o outro termo não o requer (objeto direto).

Aquele médico **dedica** seu tempo aos que mais necessitam.

dedicar: verbo transitivo
seu tempo: objeto direto
aos que mais necessitam: objeto indireto

A aluna **mostrou** o desenho às suas colegas.

mostrar: verbo transitivo
o desenho: objeto direto
às suas colegas: objeto indireto

A artista **expôs** seus quadros ao público.

expor: verbo transitivo
seus quadros: objeto direto
ao público: objeto indireto

O diretor **concedeu** a palavra aos membros honorários.

conceder: verbo transitivo
a palavra: objeto direto
aos membros honorários: objeto indireto



Dependendo do significado que o verbo apresenta em uma determinada oração, ele pode ser classificado como transitivo direto, indireto ou até mesmo como verbo intransitivo.

Assim, compreender o contexto em que está sendo empregado o verbo é fundamental para a correta classificação de transitividade.

Agradar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	quando significa <i>cativar, complacer</i> .	<i>Inventava as melhores brincadeiras para agradar os filhos.</i>
Transitivo indireto	quando significa <i>ser agradável ou satisfazer</i> .	<i>A palestra agradou aos presentes no teatro.</i>

Ansiar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	quando significa <i>angustiar, provocar mal-estar</i> .	<i>Ansiava-o a leitura da carta.</i>
Transitivo indireto	quando significa <i>desejar</i> , regido pela preposição "por".	<i>Ansiava por notícias positivas.</i>

Casar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Intransitivo	quando apresenta sentido completo.	<i>Eles casaram na igreja do Bonfim.</i>
Transitivo indireto	ao solicitar um complemento verbal regido por preposição.	<i>Ela se casou com o primeiro namorado.</i>
Transitivo direto e indireto	quando há dois complementos na oração, um deles preposicionado e o outro sem preposição.	<i>Antônio casou o filho com a filha da vizinha.</i>

Esquecer

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	sem pronome oblíquo.	<i>Esqueci a chave de casa.</i>
Transitivo indireto	com pronome oblíquo.	<i>Esqueci-me de pegar a chave de casa.</i>

Interessar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo indireto	regido pelas preposições "em" e "por".	<i>Interessava-se por assuntos cabalísticos.</i>

Namorar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	quando significa <i>desejo</i> ou <i>relacionamento afetivo</i> .	<i>João namorava Ana há pouco mais de um mês.</i> (relacionamento afetivo) <i>Ele namorava os carros na vitrine da concessionária.</i> (desejo intenso)
Transitivo indireto	quando significa <i>paquerar, flertar</i> .	<i>Ele começou a namorar aos 13 anos de idade.</i>

Pagar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	ao referir-se a um objeto, algo.	<i>Pagaram a conta do bar.</i>
Transitivo indireto	ao referir-se a pessoas.	<i>Pagou ao proprietário.</i>
Transitivo direto e indireto	referindo a ambos (objetos e pessoas).	<i>Pagou a dívida aos credores.</i>

Prevenir

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	quando significa <i>evitar um dano</i> .	<i>Dirigir com cautela evita acidentes indesejados.</i>
Transitivo direto e indireto	quando significa <i>anteceder um fato</i> .	<i>Preveniu o acidente ao realizar uma boa revisão no carro.</i>

Proceder

Transitividade	Sentido	Exemplo
Intransitivo	quando significa <i>ter fundamento</i> .	<i>As acusações feitas não procedem.</i>
Transitivo indireto	quando significa <i>realizar, providar, derivar, dar origem</i> ou ainda <i>iniciar, principiar</i> .	<i>O síndico procedeu ao início da assembleia.</i> (iniciar) <i>Os produtos apreendidos procedem da China.</i> (origem)

Suceder

Transitividade	Sentido	Exemplo
Intransitivo	quando significa <i>acontecer, ocorrer</i> .	<i>Sucederam contratemplos climáticos.</i>
Transitivo indireto	quando significa <i>acontecimento posterior</i> .	<i>Tentávamos saber o que sucedeu a ele durante a sabatina.</i>

Visar

Transitividade	Sentido	Exemplo
Transitivo direto	quando significa <i>mirar, visar, rubricar</i> .	<i>Mirava o centro do alvo.</i>
Transitivo indireto	quando significa <i>pretender, almejar</i> .	<i>As reivindicações visavam à melhoria das condições de trabalho.</i>

A regência e os pronomes oblíquos

CREATIVE-TOUCH/ISTOCK



Os pronomes oblíquos são assim classificados por ocuparem eminentemente a posição de complemento dos verbos transitivos, sejam diretos ou indiretos.

Os pronomes oblíquos (*me, te, o, nos, vos, os* etc.) também podem ser empregados como complemento verbal.

Confira a sistematização geral para essa aplicação.

Quando há emprego de objeto direto

- Para verbos terminados em **-r**, **-s** ou **-z**: usa-se os pronomes oblíquos **o(s)**, **a(s)**, **lo(s)**, **la(s)**.

*Li **o livro** para meus filhos.*

*Li-**o** para meus filhos.*

O pronome oblíquo “o” refere-se a “o livro” (objeto direto).

- Para verbos com conjugação terminada em **-m**: usa-se os pronomes **no(s)** e **na(s)**.

*Mudaram **a escada** de lugar.*

*Mudaram-**na** de lugar.*

O pronome oblíquo “na” refere-se a “a escada” (objeto direto).

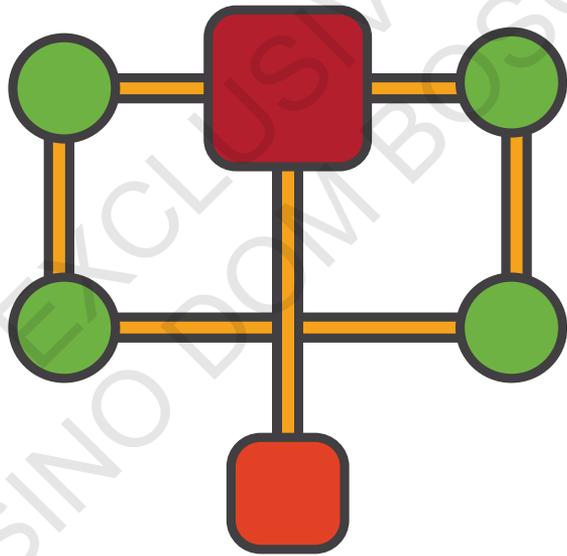
Quando há emprego de objeto indireto, usa-se o pronome oblíquo *lhe(s)*:

*O fiscal de prova lembrou **aos candidatos** o horário final da prova.*

*O fiscal de prova lembrou-**lhes** o horário final da prova.*

O pronome “lhes” refere-se a “aos candidatos”.

A regência e os pronomes relativos



BESTVECTORSTOCK/ISTOCK

Por compor uma estrutura subordinada, a função dos pronomes relativos como complemento verbal deve levar em conta sua função em relação ao verbo da oração subordinada.

Os pronomes relativos (*que, quem, o qual, quanto, cujo, quando, como*) são elementos importantes no processo de coesão textual, pois permitem que evitemos a repetição de determinadas palavras ou termos quando realizamos a cópula de duas orações.

Para adequada análise de regência verbal, deve-se identificar se o verbo empregado na oração subordinada exige preposição, em caso afirmativo, esta deverá ser colocada antes do pronome relativo.

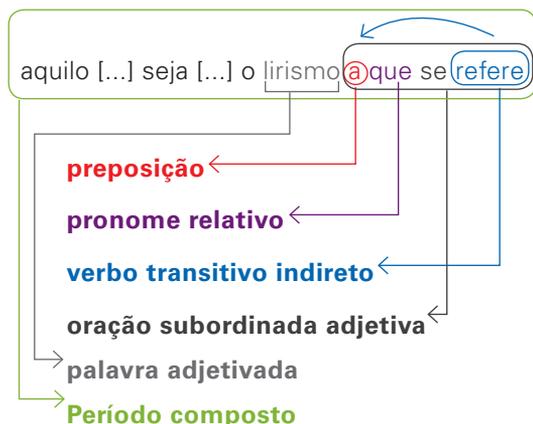
QUE

[...] Talvez porque aquilo que se tenta definir como poesia seja de fato o lirismo a que se refere o poeta brasileiro, uma sensação tão larga e difusa que extravasa os limites da literatura.[...]

TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia*: Bakhtin e o formalismo russo. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

O verbo *referir*, como pronominal, exige complemento indireto, a que pode ser copulado pela preposição *a*.

A predicação verbal influencia diretamente na estruturação da sentença, sendo considerada sua condição de subordinada.



QUEM

Para Potebnia na poesia se encontra o ideal da linguagem: a emancipação da palavra da "tirania da ideia". Essa é uma visão que, em alguma medida, coincide com a palavra futurista "transracional", mas não se marcou nenhuma filiação ou reconhecimento desta ponte; Potebnia foi, isso sim, o mentor do Simbolismo russo, **contra quem** os formalistas **dispararão** seus primeiros torpedos. O conceito, de longa vida, de que a palavra poética contém uma polissemia intrínseca que a distingue da palavra "comum" (a do "pensamento", nos termos dele) já fora articulada com nitidez por Potebnia.

TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

O verbo *disparar*, além de complemento direto, exige complemento indireto, a que pode ser copulado pela preposição *contra*.

Da mesma forma, a predicação verbal influencia diretamente na estruturação da sentença, sendo considerada sua condição de subordinada.



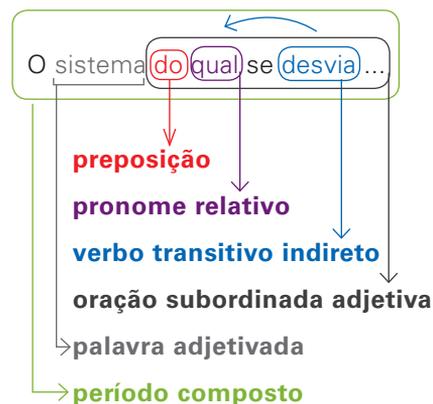
QUAL

Todos os elementos da obra (estilo, assunto, ritmo, sintaxe ...) estão em correlação mútua; nenhum fenômeno literário pode ser considerado fora de suas correlações sistemáticas. O sistema supõe elementos "dominantes", e a deformação de outros: daí entra a categoria do "desvio": "Quanto mais o desvio com uma ou outra série literária é nítido", diz Tinianov, "mais o sistema **do qual se desvia** é posto em evidência. Assim, o verso livre sublinhou o carácter poético dos traços extramétricos e o romance de Sterne acentua o carácter romanesco dos traços que não dizem respeito à fábula".

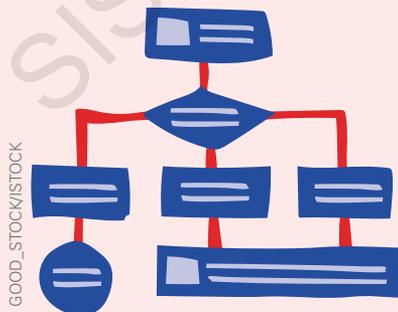
TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

O verbo *desviar* exige complemento indireto, a que pode ser copulado pela preposição *de*.

Nesse caso, também, a predicação verbal influencia diretamente na estruturação da sentença, sendo considerada sua condição de subordinada.



LEITURA COMPLEMENTAR



Se adotados critérios semânticos e sintáticos, a classificação tradicional dos verbos, quanto à complementação, deve ir além da sistematização de verbos intransitivos, de ligação e transitivos.

Os elementos envolvidos na regência verbal

O verbo

A classificação dos verbos em relação à regência – transitivos e intransitivos – é a mesma classificação que se aplica às próprias orações, embora na tradição gramatical preferentemente os verbos venham recebendo essas denominações.

A propriedade de (in)transitividade, inerente ao funcionamento predicativo, por isso mesmo inerentemente ligada

ao funcionamento verbal, constitui “um fenômeno complexo que envolve componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos” que “pode ser definido em termos desses três principais traços”. Acrescenta o autor que “cada um desses traços tem foco nas propriedades ou do sujeito, ou do objeto, ou do verbo da oração”, e, “tomados juntos, os três definem o protótipo do semanticamente transitivo”. Assim definido, o protótipo da oração transitiva teria:

1. semanticamente, agentividade (um agente deliberadamente ativo), afetabilidade (um paciente concreto, visível) e perfectividade (evento limitado, terminado, *fast-changing*; que se dá em tempo real);
2. sintaticamente, um verbo com objeto direto.

Também merece apreciação, hoje, a proposta sobre o modo como as orações transitivas se codificam sintagmaticamente (sintaxe) segundo as propriedades de um agente e de um participante afetado (semântica), e até de como a transitividade depende da função da oração no todo do discurso, por exemplo em ligação com o fluxo de informação (pragmática).

Não seria necessário dizer, porém, que esse não é o modo de avaliação tradicional, a qual, embora percebendo uma natureza sintático-semântica no processo, não conduz a explicitação de modo que esses dois componentes sejam sequer suspeitados. Frequentemente se conduz a questão sobre base puramente semântica, embora intrigantemente inserida em compartimentos abertos e rotulados como pertencentes ao campo da sintaxe (conforme já indicado no final da segunda subseção da primeira seção). Nesse particular merece nova menção “a noção de que a semântica dita a sintaxe [...] é fundamental para compreender mudanças e variações de regência verbal”.

[...] quanto à propriedade da (in)transitividade, os gramáticos tradicionais geralmente optam, para o(s) verbo(s), por uma definição assentada nos significados. Volte-se apenas a uma definição de verbo transitivo como “aquele cuja ação se projeta do sujeito para o objeto, que é, portanto, o seu ponto de descarga”, e de verbo intransitivo como “aquele cuja ação não passa além do sujeito”, aquele “que por si só exprime sentido completo”.

Alguns pesquisadores fazem intervir fortemente a significação na definição de verbo intransitivo, mas não por via do recurso à noção de ação: intransitivo “é o verbo que não precisa de complemento para integrar seu sentido, isto é, o verbo que basta a si mesmo; por outro lado, na definição de verbo transitivo, o recurso à noção de integração deixa o campo das significações para fixar-se apenas no processo de predicação: transitivo “é o verbo que necessita de complemento que integre a sua predicação”. Entretanto, essas duas categorias de verbo não são contempladas nomeadamente para estudo, ou nem mesmo são consideradas, já que o que se afirma é que “um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente”; guiada pela noção de estrutura argumental, a lição indica que os verbos

que necessitam de “delimitadores semânticos” (“que se chamam argumentos ou complementos verbais”) são os que “recebem o nome de transitivos”.

A visão histórica nos mostra que há verbos (os verbos “pessoais”, ou seja, os que têm número e pessoa) que podem, ou não, passar a sua “ação” a outra “coisa”. “Os que passam chamam-lhe os latinos transitivos. Que quer dizer passadores: como, eu amo a ciência, a ação do qual verbo, amo, passa na ciência”.

Para a explicitação desses diversos “regimentos”, as indicações, segundo o que era comum na época, vêm absolutamente decalcadas da gramática latina, ou seja, dirigidas pela noção de função sintática dos verbos “passadores”, pois

[...] *têm diversos regimentos, porque uns regem adjuntos adnominais, outros objetos indiretos, outros objetos diretos, outros objetos diretos e indiretos [...]. Os verbos que regem objetos diretos propriamente são os transitivos: como amo a virtude, aborreo o vício, leio os livros, aprendo ciência, ouço gramática e ganho honra [...].*

Dos verbos impessoais (que são os que não têm números e pessoas e se conjugam pelas terceiras), quanto ao “regimento”, “têm natureza que querem objetos indiretos, e depois de si um verbo do modo infinito: o qual rege a função sintática de seu verbo por semelhante exemplo, A mim coube dar doutrina [...]”.

Merece observação a posição de que, apesar da definição de regência por via de uma explicitação semântica e apesar de se falar em “significação” transitiva e “significação” intransitiva dos verbos, quando se trata da classe verbal chamada “neutra” (a dos verbos intransitivos, que, “não tendo objeto direto que seja o paciente da ação, não são propriamente ativos nem passivos”), ressalta-se que

[...] *a ação e a paixão gramaticais nada têm que ver com o significado, mas sim com a construção dos verbos. Há-os, pois, que significam verdadeiras ações e apesar disso são neutros, como pelejar, e há-os que denotam verdadeira paixão e apesar disso são ativos, como padecer.*

Afinal, cabe observar que, apesar de a transitividade verbal resolver-se apenas nos seus dois polos (positivo e negativo), a classificação tradicional mais geral dos verbos, quanto à complementação, é tripartite, porque aos verbos transitivos e intransitivos se acrescentam os de ligação. Uma classificação que contempla mais especificamente ainda os diferentes tipos de complementação deve considerar a ocorrência de “transitivo”, “intransitivo”, “relativo”, “transitivo-relativo” e “de ligação”, devendo-se observar, entretanto, que os verbos de ligação não devem entrar nessa classificação dos verbos “quanto ao complemento”, o que, na verdade, pode ser considerado mais exato.

ROTEIRO DE AULA

REGÊNCIA NOMINAL

A regência

é um fenômeno linguístico caracterizado pelas relações de comando, vinculação e dependência entre as estruturas gramaticais

é classificada como

nominal,

quando um

nome

exige complemento que complete seu sentido, podendo ser o termo regente pertencente à categoria

substantivo.

adjetivo.

advérbio.

verbal,

quando um

verbo

exige complemento que lhe complete o sentido. Um processo sintaticamente marcado pela

transitividade verbal:

cuja sistematização classifica os verbos como

intransitivos,

que não exigem complemento.

de ligação,

que permitem que qualidades sejam atribuídas aos sujeitos.

transitivos,

que são classificados quanto à ocorrência ou não de

preposição

como

diretos.

indiretos.

diretos e indiretos.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. **Unesp** – Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à questão.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho *levasse*. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

ASSIS, Machado de. *Contos* – uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.**
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”; e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”; e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

É correta a alternativa B, pois o termo “lho” resulta da aglutinação dos pronomes oblíquos que constituem o objeto direto, “o”, e o indireto, “lhe”, exigidos pela regência do termo verbal “levasse”.

2. UFRGS-RS

– Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra. – Na Europa mataram milhões de judeus.

Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos índios Jívaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem à metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (A essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)

Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor vinho do armazém –, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali.

Tipos esquisitos – aquilo me dava ideias. Por que não ir para Israel? Num país de gente tão estranha – e, ainda por cima, em guerra – eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas. **Aquela, sim, era a morte que eu almejava**, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num *kibutz*. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do *kibutz* terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Se a forma verbal *almejava* fosse substituída por **aspirava** em *Aquela, sim, era a morte que eu almejava*, qual das alternativas abaixo estaria gramaticalmente correta?

- a) Aquela, sim, era a morte a que eu aspirava.
 b) Aquela, sim, era a morte para a qual eu aspirava.
 c) Aquela, sim, era a morte que eu aspirava.
 d) Aquela, sim, era a morte de que eu aspirava.
 e) Aquela, sim, era a morte com a qual eu aspirava.

O verbo “aspirar”, sinônimo de “almejar”, é transitivo indireto, obrigando a ocorrência da preposição “a”; logo a substituição correta equivale a “Aquela, sim, era a morte a que eu aspirava”.

3. EEAR-SP – Leia:

I. Encontrei a pessoa certa.

II. Falei sobre os olhos dela.

Ao unir as duas orações, subordinando a II a I, mantendo o mesmo sentido que cada uma apresenta e usando adequadamente os pronomes relativos, tem-se:

- a) Encontrei a pessoa certa sobre cujos os olhos dela falei.
 b) Encontrei a pessoa certa sobre os olhos dela falei.
 c) Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos falei.
 d) Encontrei a pessoa certa cujos olhos falei.

O verbo “falar”, no sentido de “conversar”, é transitivo indireto e exige a preposição “sobre”. Para subordinar a oração [II] à [I], é necessário um pronome relativo que estabeleça a ideia de posse, para substituir “dela” (preposição “de” + pronome pessoal reto “ela”). Assim, o período correto é: “Encontrei a pessoa certa sobre cujos olhos falei”.

4. UFPR

A épic narrativa de nosso caminho até aqui

Quando viajamos para o exterior, muitas vezes passamos pela experiência de aprender mais sobre o nosso país. Ao nos depararmos com uma realidade diferente **daquela em que estamos imersos** cotidianamente, o estranhamento serve de alerta: deve haver uma razão, um motivo, para que as coisas funcionem em cada lugar de um jeito. Presentes diferentes só podem resultar de passados diferentes. Essa constatação pode ser um poderoso impulso para conhecer melhor a nossa história.

Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar. O florescimento da busca de planetas extrassolares – aqueles que orbitam em torno de outras estrelas – equivale a dar uma espiadinha no país vizinho, para ver como vivem “seus habitantes”. Os resultados são surpreendentes. Em certos sistemas, os planetas estão tão perto de suas estrelas que completam uma órbita em poucos dias. Muitos são gigantes feitos de gás, e alguns chegam a possuir mais de seis vezes a massa e quase sete vezes o raio de Júpiter, o grandalhão do nosso sistema. Já os nossos planetas rochosos, classe em que se enquadram Terra, Mercúrio, Vênus e Marte, parecem ser mais bem raros do que imaginávamos a princípio.

A constatação de que somos quase um ponto fora da curva (pelo menos no que tange ao nosso atual estágio de conhecimento de sistemas planetários) provocou os astrônomos a formular novas teorias para explicar como o Sistema Solar adquiriu sua atual configuração. Isso implica responder perguntas tais como quando se formaram os planetas gasosos, por que estão nas órbitas em que estão hoje, de que forma os planetas rochosos surgiram etc.

Nosso artigo de capa traz algumas das respostas que foram formuladas nos últimos 15 a 20 anos. Embora não sejam consensuais, teorias como o Grand Tack, o Grande Ataque e o Modelo de Nice têm desfrutado de grande prestígio na comunidade astronômica e oferecem uma fascinante narrativa da cadeia de eventos que pode ter permitido o surgimento da Terra e, em última instância, da vida por aqui. [...]

Paulo Nogueira, editorial de *Scientific American* – Brasil – n° 168, junho 2016.

Considere a estrutura “daquela em que estamos imersos” e compare-a com as seguintes:

- o espaço _____ que moramos...
- a organização _____ que confiamos...
- a cidade _____ que almejamos...
- os problemas _____ que constatamos nos relatórios...

Tendo em vista as normas da língua culta, a preposição “em” deveria preencher a lacuna em:

- a) 1 apenas. **d) 1, 3 e 4 apenas.**
b) 1 e 2 apenas. **e) 2, 3 e 4 apenas.**
 c) 2 e 3 apenas.

O emprego ou não de preposições nos períodos, segundo normas da língua culta, citados ocorre da seguinte forma:

- [1] “o espaço **em** que moramos...”; pois “morar”, verbo intransitivo, exige preposição “em”;
 [2] “a organização **em** que confiamos...”; pois “confiar”, verbo transitivo indireto, exige preposição “em”;
 [3] “a cidade **a** que almejamos...”; pois “almejar”, verbo transitivo indireto, exige preposição “a”;
 [4] “os problemas _____ que constatamos nos relatórios...”; pois “constatar”, verbo transitivo direto, não exige preposição.

5. UPE-PE

Bruxas não existem

Quando eu era garoto, acreditava em bruxas, mulheres malvadas que passavam o tempo todo maquinando coisas perversas. Os meus amigos também acreditavam nisso. A prova para nós era uma mulher muito velha, uma solteirona, que morava numa casinha caindo aos pedaços, no fim de nossa rua. Seu nome era Ana Custódio, mas nós só a chamávamos de “bruxa”.

Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido, ela tinha uma enorme verruga no queixo. E estava sempre falando sozinha. Nunca tínhamos entrado na casa, mas tínhamos a certeza de que, se fizéssemos isso, nós a encontraríamos preparando venenos num grande caldeirão.

Nossa diversão predileta era incomodá-la. Volta e meia invadíamos o pequeno pátio para dali roubar frutas e quando, por acaso, a velha saía à rua para fazer compras no pequeno armazém ali perto, corríamos atrás dela gritando “bruxa, bruxa!”.

Um dia encontramos, no meio da rua, um bode morto. A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos, mas logo descobrimos o que fazer com ele: jogá-lo na casa da bruxa. O que seria fácil. Ao contrário do que sempre acontecia, naquela manhã, e talvez por esquecimento, ela deixara aberta a janela da frente. Sob comando do João Pedro, que era o nosso líder, levantamos o bicho, que era grande e pesava bastante, e com muito esforço nós o levamos até a janela. Tentamos empurrá-lo para dentro, mas aí os chifres ficaram presos na cortina.

– Vamos logo – gritava o João Pedro –, antes que a bruxa apareça. E ela apareceu. No momento exato em que, finalmente, conseguíamos introduzir o bode pela janela, a porta se abriu e ali estava ela, a bruxa, empunhando um cabo de vassoura. Rindo, saímos correndo. Eu, gordinho, era o último.

E então aconteceu. De repente, enfiei o pé num buraco e caí. De imediato senti uma dor terrível na perna e não tive dúvida: estava quebrada. Gemendo, tentei me levantar,

mas não consegui. E a bruxa, caminhando com dificuldade, mas com o cabo de vassoura na mão, aproximava-se. Àquela altura a turma estava longe, ninguém poderia me ajudar. E a mulher sem dúvida descarregaria em mim sua fúria.

Em um momento, ela estava junto a mim, transtornada de raiva. Mas aí viu a minha perna, e instantaneamente mudou. Agachou-se junto a mim e começou a examiná-la com uma habilidade surpreendente.

– Está quebrada – disse por fim. – Mas podemos dar um jeito. Não se preocupe, sei fazer isso. Fui enfermeira muitos anos, trabalhei em hospital. Confie em mim.

Dividiu o cabo de vassoura em três pedaços e com eles, e com seu cinto de pano, improvisou uma tala, imobilizando-me a perna. A dor diminuiu muito e, amparado nela, fui até minha casa. “Chame uma ambulância”, disse a mulher à minha mãe. Sorriu.

Tudo ficou bem. Levaram-me para o hospital, o médico engessou minha perna e em poucas semanas eu estava recuperado. Desde então, deixei de acreditar em bruxas. E tornei-me grande amigo de uma senhora que morava em minha rua, uma senhora muito boa que se chamava Ana Custódio.

SCLIAR, Moacyr. Bruxas não existem. In: *Nova Escola*, seção Era uma vez. São Paulo: Abril, ago. 2004.

Considerando alguns dos aspectos formais do texto “Bruxas não existem”, analise as proposições a seguir.

- No enunciado: “os cabelos pareciam palha” (2º parágrafo), a inversão do sujeito exigiria a concordância com o predicativo: “Parecia palha, os cabelos.”
- Para o trecho: “A quem pertencera esse animal, nós não sabíamos” (4º parágrafo), a regência verbal também estaria correta na seguinte construção: “De quem fora esse animal, nós não sabíamos.”
- Para o trecho: “No momento exato em que conseguimos introduzir o bode” (5º parágrafo), a regência verbal também estaria correta em: “No momento exato pelo qual conseguimos introduzir o bode.”
- No trecho: “Não se preocupe, sei fazer isso.” (8º parágrafo), a presença da vírgula anula o sentido de explicação que existe entre as duas orações.
- A concordância verbal está em conformidade com a norma-padrão vigente, no seguinte enunciado: “Eu não acredito que hajam bruxas, mas há quem acredite que elas existem.”

a) Incorreta. Mesmo com o sujeito posposto, a concordância no plural deve ser mantida.

b) Correta. O verbo “pertencer” implica preposição “a”; por sua vez, o verbo “ser”, no sentido de “pertencer”, implica preposição “de”.

c) Incorreta. O verbo “introduzir” implica preposição “em”; o uso de “por” não atende à norma culta.

d) Incorreta. As orações estabelecem relação de explicação, apesar de a conjunção não estar presente. A ocorrência de orações coordenadas assindéticas não anula a relação semântica entre elas.

e) Incorreta. No segmento “Eu não acredito que hajam bruxas, ...”, o verbo *haver* deveria estar flexionado no singular, pois se trata de verbo impessoal: “Eu não acredito que **haja** bruxas, ...”

6. UPE-PE

C8-H27

Compreender o Brasil é difícil, mas não impossível

Ouvimos muitos comentários de analistas sociais e também do senso comum (sobretudo) de que o grande mal do Brasil é o “jeitinho brasileiro”, que é atrelado à corrupção. Pois bem, a observação não é de todo errada, mas escondida

de outro truísmo aparente. Os males do Brasil enquanto nação e enquanto Estado assentam-se em dois pilares: o genocídio indígena e a escravidão africana.

Advém daí o machismo e a cultura do estupro: as índias foram as primeiras a serem violentadas pelo colonizador europeu, o que acabou naturalizando essa abominável prática de invasão do corpo do outro, tempos depois aplicando-se o mesmo “método” no corpo da mulher negra e da mulher branca. Os escravocratas, em uma sociedade patriarcal, tornaram legítima também a decisão sobre o corpo da mulher, inclusive da sua esposa: bela, recatada e do lar, e da sua ama de leite (a mãe preta), cujo leite afro acalentava seu filho branco.

Advém daí o racismo: o colonizador branco, com a chancela da religião cristã e da ciência, arrogou para si a superioridade racial branca, em detrimento do negro, do indígena e do asiático. Nem o questionável 13 de maio nem o estado democrático de direito superou isso. Isso é reproduzido hoje em nível societário. Quem mais morre nas periferias das cidades brasileiras são negros. Alguém cantou num passado recente “todo camburão tem um pouco de navio negreiro”.

Advém daí o paternalismo: transplantamos para nossas relações humanas as antigas relações típicas de senhor escravo, não na acepção nietzschiana (moral do senhor/moral do escravo), mas na acepção eugênica herdada do darwinismo social de Spencer, que hierarquizou as raças, estando essas associadas ao processo civilizatório de aculturação do indígena, método descrito de forma primorosa por Alfredo Bosi em “As flechas do Sagrado”. Os jesuítas arrogaram para si a responsabilidade por “cuidar do indígena”, inculcando no colonizado a dependência contínua na esteira da “benevolência” mal-intencionada. Mal sabiam os colonizadores que as etnias também negociavam, como enunciou Eduardo Viveiros de Castro em “A inconsistência da alma selvagem”: os tupinambás jamais abriram mão do que lhes era essencial, a guerra.

Advém daí o genocídio negro: desde 1982 até 2014 foram 1,2 milhões de negros mortos pela polícia nas periferias, dados da Anistia Internacional. O negro de hoje é o escravizado de ontem e o corpo reificado de anteontem. Na imprensa de hoje, a morte de um jovem branco de classe média suscita debates em torno da violência, ao passo que a morte de um negro é mais uma estatística. Do mesmo modo que a violência contra a mulher é naturalizada e contra a mulher negra duas vezes mais, pois aprendemos com a “globoleza” que o corpo negro feminino é o veículo do pecado e que o corpo feminino deve ser submetido à vontade do corpo masculino, estando apto desde sempre a servi-lo.

Advém daí o genocídio indígena, ainda em curso. Ruralistas e posseiros o fazem à luz do dia no Norte e Centro-Oeste do país. A imprensa fala pouco, o silêncio cemiterial em torno do tema é um crime confesso, típico de quem consente porque se cala.

Advém daí a corrupção, pois, no processo colonizatório, legitimou-se a prática de que tudo tem seu preço, quando até mesmo o corpo do outro poderia ser negociado, outrora o escravizado, tempos depois o trabalhador fabril, hoje qualquer alma vulnerável ao consumismo em busca de *status*.

Resumo da ópera: a corrupção é um subciclo de dois ciclos maiores: genocídio e escravidão. Por isso esses dois temas

interessam a todos os brasileiros. Enquanto não encararmos isso, não avançaremos como povo ou como nação.

MARTINS, Victor. Disponível em: <www.circulopalmarino.org.br>. Acesso em: 14/07/16. Adaptado.

No que se refere a alguns aspectos formais presentes no texto, analise as proposições a seguir.

- I. No trecho: "(...) e da sua ama de leite (a mãe preta), cujo leite afro acalentava seu filho branco." (2º parágrafo), a substituição da forma verbal 'acalentava' por 'nutria' acarretará a seguinte alteração na regência: '(...) e da sua ama de leite (a mãe preta), em cujo leite afro nutria seu filho branco.'
- II. No trecho: "Quem mais morre nas periferias das cidades brasileiras são negros." (3º parágrafo), a forma verbal destacada está no plural em concordância com o predicativo plural 'negros'.
- III. No trecho: "Ouvimos muitos comentários (...) de que o grande mal do Brasil é o 'jeitinho brasileiro', que é atrelado à corrupção." (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase é opcional, já que o verbo 'atrelar', no contexto em que se insere, pode também ser transitivo direto.

IV. O segmento destacado no trecho: "Ruralistas e posseiros o fazem à luz do dia no Norte e Centro-Oeste do país." (6º parágrafo) exemplifica um caso de próclise; a forma enclítica correspondente é 'fazem-no'.

Estão corretas:

- a) I e III, apenas.
- b) II e III, apenas.
- c) I, III e IV, apenas.
- d) I e IV, apenas.**
- e) I, II, III e IV.

I. Incorreta: não deve haver alteração na regência, assim, a frase permanece: "e da sua ama de leite (a mãe preta), cujo leite afro nutria seu filho branco".

III. Incorreta: o verbo "atrelar" é regido pela preposição "a". Como o substantivo "corrupção" é feminino e antecedido de artigo feminino "a"; temos um "à" com crase.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. FGV-RJ – Levando-se em conta a norma-padrão escrita da língua portuguesa, das frases abaixo, a única correta do ponto de vista da regência verbal é:

- a) A cidade tem características que a rendem, ao mesmo tempo, críticas e elogios.
- b) Para você evitar o estresse, é imprescindível seguir o estilo de vida que mais o interesse.
- c) É importante prezar não só a ordem mas também a liberdade.
- d) Sua distração acarretou em grandes prejuízos para todo o grupo.
- e) Alguém precisa se responsabilizar sobre a abertura do prédio na hora combinada.

8. FPP-PR

[...] Um exemplo da permanência de arcaísmos na fala atual é o uso de "aonde" e "donde" com sentido estático, isto é, significando "onde". [...] No Renascimento, mesmo clássicos como João de Barros empregavam as três formas como equivalentes, e isso não era considerado erro.

Mais tarde, com a normatização gramatical, decidiu-se que "aonde" só se emprega com verbos que rejam a preposição "a" e "donde" só com verbos que rejam "de". Por sinal, os brasileiros da atualidade usam preferentemente "de onde" a "donde", mas a confusão entre "onde" e "aonde" continua e, longe de ser mero indício de ignorância, é resquício de um uso ancestral, que na oralidade popular tem passado incólume pelas reformas gramaticais.

Revista Língua Portuguesa, n.º 114, p. 18, abril de 2015.

Considerando a exposição feita no texto anterior, é de uso eminentemente popular e contrário às normas gramaticais o período:

- a) Aonde eu devo levar as meninas amanhã?
- b) Onde moram aqueles funcionários?
- c) De onde provêm esses andarilhos?
- d) Aonde você quer chegar com essa argumentação?
- e) Onde você pensa que vai com esse vaso?

9. EPCAr (AFA)-MG

Favelário nacional

Quem sou eu para te cantar, favela,
Que cantas em mim e para ninguém
a noite inteira de sexta-feira
e a noite inteira de sábado
E nos desconheces, como igualmente não te
conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro:
Baixou em mim na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte... melhor, tua vida.

...

Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.

...

Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
Medo só de te sentir, encravada
Favela, erisipela, mal-do-monte
Na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revólver
nem de tua manha nem de teu olhar.
Medo de que sintas como sou culpado
e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
Custa ser irmão,
custa abandonar nossos privilégios
e traçar a planta
da justa igualdade.
Somos desiguais
e queremos ser

sempre desiguais.

E queremos ser

bonzinhos benévolos

comedidamente

sociologicamente

mui bem comportados.

Mas, favela, ciao,

que este nosso papo

está ficando tão desagradável.

vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

...

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

Em uma das opções abaixo, percebe-se que o verbo foi utilizado de forma coloquial, não seguindo a rigidez imposta pelas regras gramaticais. Assinale a opção em que há essa ocorrência.

- a) E nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?
- b) Custa ser irmão/ custa abandonar nossos privilégios
- c) vês que perdi o tom e a empáfia do começo?
- d) Aqui só vive gente, bicho nenhum/ tem essa coragem.

10. UFPR

Vontade de punir

Deu no Datafolha que 87% dos brasileiros querem baixar a maioria penal. Maiorias assim robustas, que já são raras em questões sociais, ficam ainda mais intrigantes quando se considera que, entre especialistas, o assunto é controverso. Como explicar o fenômeno?

Estamos aqui diante de um dos mais fascinantes aspectos da natureza. Se você pretende produzir seres sociais, precisa encontrar um modo de fazer com que eles colaborem uns com os outros e, ao mesmo tempo, se protejam dos indivíduos dispostos a explorá-los. A fórmula que a evolução encontrou para equacionar esse e outros dilemas foi embalar regras de conduta em instintos, emoções e sentimentos que provocam ações que funcionam em mais instâncias do que não funcionam.

Assim, para evitar a superexploração pelos semelhantes, desenvolvemos verdadeiro horror àquilo que percebemos como injustiças. Na prática, isso se traduz no impulso que temos de punir quem tenta levar vantagem indevida. Quando não podemos castigá-los diretamente, torcemos para que levem a pior, o que, além de garantir o sucesso de filmes de Hollywood, torna a justiça retributiva algo popular em nossa espécie.

Isso, porém, é só parte do problema. Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobreria. Se cada mínima ofensa exigisse imediata reparação e todos tivessem de ser tratados de forma rigorosamente idêntica, a vida comunitária seria impossível. A natureza resolve isso com sentimentos como amor e favoritismo, que permitem, entre outras coisas, que mães prefiram seus próprios filhos aos de desconhecidos.

Nas sociedades primitivas, bandos de 200 pessoas onde todos tinham algum grau de parentesco, o sistema funcionava razoavelmente bem. Os ímpetos da justiça retributiva eram modulados pela empatia familiar. Agora que

vivemos em grupos de milhões sem vínculos pessoais, a vontade de punir impera incontestemente.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Folha de S.Paulo*, em 24 jun. 2015.

Considere o verbo grifado na seguinte frase extraída do texto:

Uma sociedade pautada apenas pelo ideal de justiça soçobreria.

Um dos objetivos de um dicionário é esclarecer o significado das palavras, apresentando as acepções de um vocábulo indo do literal para o metafórico. No caso dos verbos, há também informações sobre a regência.

Entre as acepções para o verbo grifado acima, adaptadas do *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2001), assinale a que corresponde ao uso no texto.

- a) *t.d.* revolver de cima para baixo e vice-versa; inverter, revirar <o ciclone soçobrou o que encontrou no caminho>.
- b) *t.d/int.* emborcar, virar (geralmente uma embarcação) e ir a pique, naufragar ou fazer naufragar; afundar(-se), submergir (-se) <temiam que a tempestade os soçobrasse> <a embarcação soçobrou>.
- c) *t.d/int.* por metáfora: reduzir(-se) a nada; acabar (com), aniquilar(-se) <com tanta dissipação, sua fortuna soçobrara>.
- d) *t.d. e pron.* por metáfora: tornar-se desvairado; agitar-se, perturbar-se <soçobrou-se ante a negativa dela>.
- e) *pron.* por metáfora: perder a coragem, o ânimo; desanimar, esmorecer, acovardar-se <soçobrar-se não é próprio dele>.

11. Imed-RS

Adiante seguiu a Justiça

Durante séculos, ninguém titubeava em responder: família, só tem uma – a constituída pelos sagrados laços do matrimônio. Aos noivos era imposta a obrigação de se multiplicarem até a morte, mesmo na tristeza, na pobreza e na doença. Tanto que se falava em débito conjugal.

Esse modelito se manteve, ao menos na aparência, a expensas da integridade física e psíquica das mulheres, que se mantinham dentro de casamentos esfacelados, pois assim exigia a sociedade. Tanto que o casamento era indissolúvel. As pessoas até podiam se desquitar, mas não podiam se casar de novo. Caso encontrassem um par, **tornavam-se** concubinos e alvos de punições.

As mudanças foram muitas: vagarosas, mas significativas. As causas, incontáveis. No entanto, o resultado foi um só. O conceito de família mudou, se esgarçou. O casamento perdeu a sacralidade e permanecer dentro dele deixou de ser uma imposição social e uma obrigação legal.

Veio o divórcio. Antes, porém, o purgatório da separação, que exigia que se identificassem causas, **punindo-se** os culpados. A liberdade total de casar e descasar chegou somente no ano de 2006.

A lei regulamentava exclusivamente o casamento. Punia com o silêncio toda e qualquer modalidade de estruturas familiares que se afastasse do modelo “oficial”.

E foi assumindo a responsabilidade de julgar que os juízes começaram a alargar o conceito de família. As mudanças chegaram à Constituição Federal, que enlaçou no conceito de família, outorgando-lhes especial proteção, outras estruturas

de convívio. Além do casamento, trouxe, de forma exemplificativa, a união estável entre um homem e uma mulher e a chamada família parental: um dos pais e seus filhos.

Adiante ainda seguiu a Justiça. Reconheceu que o rol constitucional não é exaustivo, e continuou a reconhecer como família outras estruturas familiares. Assim as famílias anaparentais, constituídas somente pelos filhos, sem a presença dos pais; as famílias parentais, decorrentes do convívio de pessoas com vínculo de parentesco; bem como as famílias homoafetivas, que são as formadas por pessoas do mesmo sexo.

O reconhecimento da homoafetividade como união estável foi levado a efeito pelo Supremo Tribunal Federal no ano de 2011, em decisão unânime e histórica. Agora esta é a realidade: homossexuais casam, têm filhos, ou seja, podem constituir família.

Ativismo judicial? Não, interpretação da Carta Constitucional segundo um punhado de princípios fundamentais. É a Justiça cumprindo o seu papel de fazer justiça, mesmo diante da lacuna legal.

Da inércia, passou o Legislativo, dominado por autointitulados profetas religiosos, a reagir.

Não foi outro o intuito do Estatuto da Família, que acaba de ser aprovado pela comissão especial na Câmara dos Deputados (PL 6.583/2013). Tentar limitar o conceito de família à união entre um homem e uma mulher, além de **afrontar** todos os princípios fundantes do Estado, impõe um retrocesso social que irá retirar direitos de todos aqueles que não se encaixam neste conceito limitante e limitado.

Mas há mais. Proceder ao cadastramento das entidades familiares e criar Conselhos da Família é das formas mais perversas de excluir direito à saúde, à assistência psicossocial, à segurança pública, que são asseguradas somente às entidades familiares reconhecidas como tal. Limitar acesso à Defensoria Pública e à tramitação prioritária dos processos à entidade familiar definida na lei, às claras tem caráter punitivo.

O conceito de família mudou. E onde procurar a sua definição atual? Talvez na frase piegas de Saint-Exupéry: na responsabilidade decorrente do afeto.

DIAS, Maria Berenice. *Zero Hora*, Caderno PrOA, 27 set. 2015. Adaptado.

Considere as seguintes propostas de substituição de formas verbais do texto:

- I. Uso de *transformavam-se* em lugar de *tornavam-se*.
- II. Troca de *punindo-se* por *dando-se punição*.
- III. Substituição de *afrontar* por *confrontar*.

Quais provocariam necessidade de ajuste na estrutura do texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

12. Unisinos-SP

Famílias em transformação

O projeto de lei que cria o Estatuto da Família colocou na pauta do dia a discussão a respeito do conceito de família. Afinal, o que é família hoje? Alguém aí tem uma definição,

para a atualidade, que consiga **acolher** todos os grupos existentes que vivem em contextos familiares?

A Câmara dos Deputados tem a resposta que considera a certa: “Família é a união entre homem e mulher, por meio de casamento ou de união estável, ou a comunidade formada por qualquer um dos pais junto com os filhos”.

Essa é a definição aprovada pela Câmara para o projeto cuja finalidade é orientar as políticas públicas quanto aos direitos das famílias – essas que se encaixam na definição proposta –, principalmente nas áreas de segurança, saúde e educação. Vou deixar de lado a discussão a respeito das injustiças, preconceitos e exclusões que tal definição comporta, para conversar a respeito das famílias da atualidade.

Desde o início da segunda metade do século passado, o conceito de família entrou em crise, e uso a palavra “crise” no sentido mais positivo do termo: o que aponta para renovação e transição; mudança, enfim. Até então, tínhamos, na modernidade, uma configuração social hegemônica de família, que era pautada por um tipo de aliança – entre um homem e uma mulher – e por relações de consanguinidade. As mudanças **ocorridas** no mundo determinaram inúmeras alterações nas famílias, não apenas em seu desenho, mas, principalmente, em suas dinâmicas.

E é importante aceitar esta questão: não foram as famílias que **provocaram** mudanças na sociedade; esta é que determinou muitas mudanças nas famílias. Só assim vamos conseguir enxergar que a família não é um agente de perturbação da sociedade. É a sociedade que tem perturbado, e muito, o funcionamento familiar.

Um exemplo? Algumas mulheres **renunciam** ao direito de ficar com o filho recém-nascido durante todo o período da licença-maternidade determinado por lei, porque isso pode atrapalhar sua carreira profissional. Em outras palavras: elas entenderam que a sociedade prioriza o trabalho em detrimento da dedicação à família. É assim ou não é?

Se pudéssemos levantar um único quesito que seria fundamental para caracterizar a transformação de um agrupamento de pessoas em família, eu diria que é o vínculo, tanto horizontal quanto vertical. E, hoje, todo mundo conhece grupos de pessoas que vivem sob o mesmo teto ou que têm relação de parentesco e que não se constituem verdadeiramente em família, por absoluta falta de vínculo entre seus integrantes.

Os novos valores sociais têm norteado as pessoas para esse caminho. Vamos nos lembrar de valores decisivos para nossa sociedade: o consumo, que valoriza o trabalho exagerado, a ambição desmedida e o sucesso a qualquer custo; a juventude, que leva adultos, independentemente da idade, a adotarem um estilo de vida juvenil, que dá pouco espaço para o compromisso que os vínculos exigem; a busca da felicidade, identificada com satisfação imediata, que leva a trocas sucessivas nos relacionamentos amorosos, como amigos e par afetivo, só para citar alguns exemplos.

O vínculo afetivo tem relação com a vida pessoal. O vínculo social, com a cidadania. Ambos estão bem frágeis, não é?

SAYÃO, Rosely. *Folha de S. Paulo*, 29 set. 2015. Adaptado.

Considerando as regras de regência e de concordância da variante linguística culta, assinale V nas afirmações verdadeiras e F nas falsas.

- I. () A substituição do verbo “acolher” por “abrigar” seria adequada semanticamente e não exigiria mudança na relação entre o verbo e seu complemento.
- II. () A palavra “ocorridas” poderia ser substituída por “que houveram”, sem prejuízo ao sentido nem infração às regras de concordância.
- III. () A substituição do verbo “provocaram” por “acarretaram” seria adequada semântica e sintaticamente.
- IV. () Se o verbo “renunciam” fosse substituído por “recusam”, o complemento verbal não sofreria nenhuma alteração.

A sequência correta, de cima para baixo, é

- a) F – V – V – V
 b) V – F – V – F
 c) V – V – F – F
 d) V – F – F – V
 e) F – F – V – F

Leia o texto para responder às questões 13 e 14.

André Devinne procura cultivar a ingenuidade – uma defesa contra tudo **o que não entende**. Pressente: há alguma coisa irresolvida que **está** em parte alguma, mas os nervos sentem-_____. Quem sabe seja uma espécie de vergonha. Quem sabe o medo enigmático dos quarenta anos. Certamente não é a angústia de se ver lavando o carro numa tarde de sábado, um homem de sua posição. É até com delicadeza que se entrega ao sol das três da tarde, agachado, sem camisa, esfregando o pano sujo no pneu, num ritual disfarçado em que evita formular seu tranqüilo desespero. Assim: ele está numa guerra, mas por acaso; de onde está, submerso na ingenuidade, **à qual se agarra** sem saber, não consegue ver o inimigo. Talvez não haja nenhum.

— Filha, não fique aí no sol sem camisa.

A menina recuou até a sombra. Agachou-se, olhos negros no pai.

— Você vai pra praia hoje?

André Devinne contemplou o pneu lavado: um bom trabalho.

— Não sei. Falou com a mãe?

— Ela está pintando.

A filha tem o mesmo olhar da mãe, quando Laura, da janela do ateliê, observa o mar da Barra, transformando aquela estreita faixa de azul acima da Lagoa, numa outra faixa, de outra cor, mas igualmente suave, na tela em branco. Um olhar que investiga sem ferir – que parece, de fato, ver o que está lá.

Devinne espreguiçou-se esticando as pernas. Largou o pano imundo no balde, sentou-se e olhou o céu, o horizonte, as duas faixas de mar, o azul da Lagoa, vivendo momentaneamente o prazer de proprietário. Lembrou-se da lição de inglês – *It's a nice day, isn't it?* – e tentou _____ de imediato, mas era tarde: o corpo inteiro se povoou de lembrança e ansiedade, exigindo explicações. Estava indo bem, a professora era uma mulher competente, agradável, independente. Talvez justo por isso, ele tenha cometido aquela estupidez. Sem pensar, voltou a cabeça e acenou para Laura, que do janelão do ateliê respondeu _____ com um gesto. A filha insistiu:

— Pai, você vai pra praia?

Mudar todos os assuntos.

— Julinha, o que é, o que é? Vive casando e está sempre solteiro?

Ela riu.

— Ah, pai. Essa é fácil. O padre!

TEZZA, Cristovão. *O fantasma da infância*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

13. **UFRGS-RS** – Considere as seguintes afirmações sobre propostas de alteração de frases do texto.

- I. Se *não entende* fosse substituído por *desconfia*, seria necessário substituir *o que* por *que*.
- II. Se *está* fosse substituído por *ele não localiza*, nenhuma outra alteração seria necessária à frase.
- III. Se *se agarra* fosse substituído por *ele se protege*, seria necessário substituir *à qual* por *com a qual*.

Sem considerar alterações de sentido, quais afirmações mantêm a correção da frase?

- a) Apenas I.
 b) Apenas III.
 c) Apenas I e II.
 d) Apenas II e III.
 e) I, II e III.

14. **UFRGS-RS** – Assinale a alternativa que preenche corretamente a primeira, a segunda e a terceira lacuna, nessa ordem.

- a) lhe – esquecê-la – lhe
 b) na – esquecer-lhe – lhe
 c) na – esquecê-la – o
 d) lhe – esquecer-lhe – o
 e) na – esquecê-la – lhe

15. **EFOMM-RJ**

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saúde”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As renações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas do Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando-me mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas do Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada.

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adieei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*.

In: _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Assinale a passagem em que a autora, apesar do uso expressivo do termo, comete, de acordo com a norma culta, um desvio de regência.

- a) (...) era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.
- b) (...) continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.
- c) (...) e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo.
- d) Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo (...)
- e) (...) balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

16. Acafe-SC

Não lhe solto mais

Moreno não faça isso
 Deixe desse rebuliço
 Não mexa comigo não, viu
 Quero respeito comigo
 Já cortaram meu umbigo
 Não sou mais menina não, viu
 Você é duro, bem maduro
 E também muito seguro
 Ainda pode dar no couro
 E eu vou gostar
 Vou me apaixonar
 Vou cair no choro

Aí o couro come
 E pra mostrar que tu é home
 Como é que um home faz
 Dá uma rasteira
 Me castiga na esteira
 Não me solta mais
 Dou-lhe uma rasteira

Lhe castigo na esteira
 Não lhe solto mais
 Depois não adianta
 Se eu gemer
 Se eu gemer
 Se eu chorar
 A gente bebe água
 Quando sente sede
 Cabelo se assanha
 Quando o vento dá
 Olha moreno esse teu cheiro
 Se juntar com meu tempero
 Vai ser bom demais

Dou-lhe uma rasteira
 Lhe castigo na esteira
 Não lhe solto mais

BARROS, Antônio; Cecéu. Não lhe solto mais. In: *Clima de festa*.
 Intérprete: Jorge de Altinho. São Paulo: RCA Camden, 1986. 1 LP.

Na letra da canção de Antônio de Barros e Cecéu, um dos versos que representa uma forma não aceita pela norma-padrão é:

- a) Lhe castigo na esteira
- b) Você é duro, bem maduro
- c) Já cortaram meu umbigo
- d) Se juntar com o meu tempero

17. EFOMM-RJ

O homem deve reencontrar o Paraíso...

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha que é a vida da cidade. Todos os dias a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar! Um barco, o mar, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para se navegar. Puseram-se então a estudar cada um aquilo que teria de fazer no barco: manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse certo o poeta: Navegar é preciso, a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam *mais ou menos*. Assim, eles se tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento de grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os exóticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo quem quisesse navegar nas rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam.

De nada valiam, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar seu palpite, ficaram em silêncio. Os computadores não têm preferências – falta-lhes essa sutil capacidade de *gostar*, que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde se estava indo.

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação faz-se com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber como *as coisas funcionam*, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa preciosa. Disse certo poeta: Viver não é preciso. Primeiro vem o impreciso desejo. Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar.

Naus e navegação têm sido uma das mais poderosas imagens na mente dos poetas. Ezra Pound inicia seus *Cânticos* dizendo: *E pois com a nau no mar/ assestamos a quilho contra as vagas...* Cecília Meireles: *Foi, desde sempre, o mar! A solidez da terra, monótona/ parece-nos fraca ilusão! Queremos a ilusão do grande mar / multiplicada em suas malhas de perigo. E Nietzsche: Amareis a terra de vossos filhos, terra não descoberta, no mar mais distante. Que as vossas velas não se cansem de procurar esta terra! O nosso leme nos conduz para a terra dos nossos filhos...* Viver é navegar no grande mar!

Não só os poetas: C. Wright Mills, um sociólogo sábio, comparou a nossa civilização a uma galera que navega pelos mares. Nos porões estão os remadores. Remam com precisão cada vez maior. A cada novo dia recebem novos, mais perfeitos. O ritmo da remadas acelera. Sabem tudo sobre a ciência do remar. A galera navega cada vez mais rápido. Mas, perguntados sobre o porto do destino, respondem os remadores: *O porto não nos importa. O que importa é a velocidade* com que navegamos.

C. Wright Mills usou esta metáfora para descrever a nossa civilização por meio duma imagem plástica: multiplicam-se os meios técnicos e científicos ao nosso dispor, que fazem com que as mudanças sejam cada vez mais rápidas; mas não temos ideia alguma de para onde navegamos. *Para onde?* Somente um navegador louco ou perdido navegaria sem ter ideia do para onde. Em relação à vida da sociedade, ela contém a busca de uma utopia. Utopia, na linguagem comum, é usada como sonho impossível de ser realizado. Mas não é isso. Utopia é um ponto inatingível que indica uma direção.

Mário Quintana explicou a utopia com um verso: *Se as coisas são inatingíveis... ora!/ não é um motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora/ A mágica presença das estrelas!* Karl Mannheim, outro sociólogo sábio que poucos leem, já na década de 1920 diagnosticava a doença da nossa civilização: Não temos consciência de direções, não escolhemos direções. Faltam-nos estrelas que nos indiquem o destino.

Hoje, ele dizia, as únicas perguntas que são feitas, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é produzir o objeto) e pelo objetivismo da ciência (o importante é saber como funciona), são: *Como posso fazer tal coisa? Como posso resolver este problema concreto em particular?* E conclui: *E em todas essas perguntas sentimos o eco intimista: não preciso de me preocupar com o todo, ele tomará conta de si mesmo.*

Em nossas escolas é isso que se ensina: a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz e sem rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência, a fazer pesquisas sobre o seu parafuso, sua polia, sua vela, seu mastro.

Dizem que seu dever é produzir conhecimento. Se forem bem-sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se lhes pergunta: *Para onde seu barco está navegando?*, eles respondem: *Isso não é científico. Os sonhos não são objetos de conhecimento científico.*

E assim ficam os homens comuns abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhes poderiam mostrar o rumo. Não posso pensar a missão das escolas, começando com as crianças e continuando com os cientistas, como outra que não a da realização do dito poeta: Navegar é preciso. *Viver não é preciso.*

É necessário ensinar os precisos saberes da navegação enquanto ciência. Mas é necessário apontar com imprecisos sinais para os destinos da navegação: *A terra dos filhos dos meus filhos, no mar distante...* Na verdade, a ordem verdadeira é a inversa. Primeiro, os homens sonham com navegar. Depois aprendem a ciência da navegação. É inútil ensinar a ciência da navegação a quem mora nas montanhas.

O meu sonho para a educação foi dito por Bachelard: *O universo tem um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso.* O paraíso é o jardim, lugar de felicidade,

prazeres e alegrias para os homens e mulheres. Mas há um pesadelo que me atormenta: o deserto. Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado progresso. Está na bandeira nacional... *E, quilha contra as vagas*, a galera navega em direção ao progresso, a uma velocidade cada vez maior, e ninguém questiona a direção. E é assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgotos de fezes e veneno, o ar se enche de gases, os campos se cobrem de lixo – e tudo ficou feio e triste.

Sugiro aos educadores que pensem menos nas tecnologias do ensino – psicologias e quinquilharias – e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

ALVES, Rubem. O homem deve reencontrar o Paraíso... In: _____. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papyrus, 2004.

Mario Quintana explicou a utopia com um verso (...)

Analisando-se os fragmentos que se seguem, a regência da forma verbal que difere do exemplo acima aparece na alternativa

- Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver (...)
- Resolveram mudar de vida: um sonho louco: navegar!
- Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber.
- Houve um momento em que se viu, por entre as estrelas, um brilho chamado progresso.
- (...) e tratem de sonhar, com os seus alunos, sonhos de um Paraíso.

ESTUDO PARA O ENEM

18. UCPel-RS (adaptada)

C8-H27

Leia o texto, a seguir, atentando para responder à questão.

Médico debocha de paciente na internet e é demitido

Pacientes e internautas ficaram indignados com a postura do funcionário.

Um médico plantonista do hospital público Santa Rosa de Lima, administrado pela Santa Casa de Serra Negra, em São Paulo, foi afastado do trabalho após ter uma foto divulgada em seu Facebook em que debocha de um paciente que não falou corretamente as palavras “pneumonia” e “Raio-X” em uma consulta.

O médico em questão publicou em sua rede social a imagem de um receituário em que se lê: “Não existe peleumonia e nem raôxis”. A postagem foi comentada pelas funcionárias do hospital, que também foram demitidas.

O Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp) informou que vai instaurar uma sindicância para avaliar a postura do profissional.

O caso ganhou repercussão depois que a denúncia foi publicada na coluna “Comentando”, e outros pacientes e internautas ficaram indignados com a postura do clínico geral. A diretoria do Hospital Santa Rosa de Lima publicou uma nota em que repudia o comportamento dos ex-funcionários.

BAND. 29 jul. 2016. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

Nos enunciados:

O médico em questão publicou em sua rede social a imagem de um receituário...

e

A diretoria do Hospital Santa Rosa de Lima publicou uma nota...

, o verbo **publicar** é classificado respectivamente, segundo sua regência, como:

- transitivo indireto - transitivo direto
- transitivo indireto - transitivo indireto
- transitivo direto e indireto - transitivo direto
- transitivo direto - transitivo direto
- transitivo direto - transitivo bitransitivo

19. Escola Naval-RJ

C8-H27

O reinado do celular

De alto a baixo da pirâmide social, quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular. É realmente um grande quebra-galho. Quando estamos na rua e precisamos dar um recado, é só sacar o aparelhinho da bolsa e resolver a questão, caso não dê pra esperar chegar em casa. Pra isso – e só pra isso – serve o telefone móvel, na minha inocente opinião.

Ao contrário da maioria das mulheres, nunca fui fanática por telefone, incluindo o fixo. Uso com muito comedimento para resolver assuntos de trabalho, combinar encontros, cumprimentar alguém, essas coisas realmente rápidas. Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência. Por celular, muito menos. Considero-o um excelente resolvidor de pendências e nada mais.

Logo, você pode imaginar meu espanto ao constatar como essa engenhoca se transformou no símbolo da neurose urbana. Outro dia fui assistir a um *show*. Minutos antes de começar, o *lobby* do teatro estava repleto de pessoas falando ao celular. “Vou ter que desligar, o espetáculo vai começar agora”. Era como se todos estivessem se despedindo antes de embarcar para a lua. Ao término do *show*, as luzes do teatro mal tinham acendido quando todos voltaram a ligar seus celulares e instantaneamente se puseram a discar. Para quem? Para quê? Para contar sobre o *show* para os amigos, para saber o saldo no banco, para o tele-horóscopo?? Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância. Conversar entre si, com o sujeito ao lado, quase ninguém conversava.

O celular deixou de ser uma necessidade para virar uma ansiedade. E toda ânsia nos mantém reféns. Quando vejo alguém checando suas mensagens a todo minuto e fazendo ligações triviais em público, não imagino estar diante de uma pessoa ocupada e poderosa, e sim de uma pessoa rendida: alguém que não possui mais controle sobre seu tempo, alguém que não consegue mais ficar em silêncio e em privacidade. E deixar celular em cima de mesa de restaurante, só perdoou se o cara estiver com a mãe no leito de morte e for ligeiramente surdo.

Isso tudo me ocorreu enquanto lia o livro infantil *O menino que queria ser celular*, de Marcelo Pires, com ilustrações de Roberto Lautert. Conta a história de um garotinho que não suporta mais a falta de comunicação com o pai e a mãe, já que ambos não conseguem desligar o celular nem por um instante, nem no fim de semana – levam o celular até para o banheiro. O menino não tem vez. Aí a ideia: se ele fosse um celular, receberia muito mais atenção.

Não é história da carochinha, isso rola pra valer. Adultos e adolescentes estão virando dependentes de um aparelho telefônico e desenvolvendo uma nova fobia: medo de ser esquecido. E dá-lhe falar a toda hora, por qualquer motivo, numa esquizofrenia considerada, ora, ora, moderna.

Os celulares estão cada dia menores e mais fininhos. Mas são eles que estão botando muita gente na palma da mão.

MEDEIROS, Martha. O reinado do celular. In: _____. *Martha Medeiros: Montanha Russa; Coisas da vida; Feliz por nada*. Porto Alegre: L&PM, 2013. (Coleção 3 em 1)

Em que opção a reescritura do texto está incorreta, de acordo com a norma-padrão?

- a) (1º §) - ... quase todas as pessoas as quais conheço possuem celular.
[...] quase todas as pessoas que eu conheço possuem celular.
- b) (1º §) - ... caso não dê para esperar chegar a casa.
[...] caso não dê pra esperar chegar em casa.
- c) (2º §) – Fazer visita por telefone é algo para que não tenho a menor paciência.
Fazer visita por telefone é algo para o qual não tenho a menor paciência.
- d) (3º §) – Outro dia fui assistir um *show*.
Outro dia fui assistir a um show.
- e) (3º §) – Nunca vi tamanha urgência em se comunicar a distância.
Nunca vi tamanha urgência em se comunicar à distância.

20. FMP-RJ

C8-H27

A máquina extraviada

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina

imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou – não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas – quase não temos falado em outra coisa; e da maneira como o povo aqui se apaixonou até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado por causa dela, a não ser os políticos.

A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando ou acabando de jantar, e foi descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa ou o café e foi ver que algazarra era aquela. Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhes os pés e não pediam desculpa, jogavam as pontas de cordas sujas de graxa por cima deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar que saísse do caminho.

Descarregadas as várias partes da máquina, foram elas cobertas com encerados e os homens entraram num botequim do largo para comer e beber. Muita gente se amontoou na porta mas ninguém teve coragem de se aproximar dos estranhos porque um deles, percebendo essa intenção nos curiosos, de vez em quando enchia a boca de cerveja e esguichava na direção da porta. Atribuímos essa esquiva ao cansaço e à fome deles e deixamos as tentativas de aproximação para o dia seguinte; mas quando os procuramos de manhã cedo na pensão, soubemos que eles tinham montado mais ou menos a máquina durante a noite e viajado de madrugada.

A máquina ficou ao relento, sem que ninguém soubesse quem a encomendou nem para que servia. É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite era tão bom quanto outro.

As crianças, que não são de respeitar mistério, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina acima – até hoje ainda sobem, brincam de esconder entre os cilindros e colunas, embaraçam-se nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro dos diabos até que apareça alguém para soltá-las; não adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

Contrariando a opinião de certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria conta do metal, o interesse do povo ainda não diminuiu. Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. [...]

Ninguém sabe mesmo quem encomendou a máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum documento autorizando a transação. Mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina. [...]

VEIGA, José Jacintho Pereira. A máquina extraviada. In: MORICONI, Ítalo. In: MORICONI, I. *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

A sentença que mantém sua estrutura morfossintática, de acordo com a norma-padrão, com a substituição do verbo principal em “e a quem iam pedir?” é

- a) e a quem iam avisar?
- b) e a quem iam agir?
- c) e a quem iam depender?
- d) e a quem iam discutir?
- e) e a quem iam duvidar?

CRASE

39

A crase



ISTOCK/GM STOCK FILMS

Crise, do grego *κρᾶσις*, significa "fusão", "mistura". Gramaticalmente, o conceito reproduz o sentido grego da palavra, uma vez que identifica a fusão de sons.

A palavra *crase* é de origem grega (*κρᾶσις*) e significa "fusão", "mistura". Na língua portuguesa, é o nome que se dá à "junção" de duas vogais idênticas, marcada, na escrita, pelo sinal grave (').

Apesar de ser comumente relacionada à ocorrência do sinal grave, é importante saber que a crase é antes de tudo um fenômeno fonético, uma vez que há crase quando dois sons vocálicos idênticos ou semelhantes são fundidos em apenas um som, podendo ser graficamente representada essa fusão pela simples supressão de uma das vogais (o som átono é sempre aquele suprimido):

Latim	Português arcaico	Português contemporâneo
<i>pedem</i> →	<i>pee</i> →	pé
<i>dolorem</i> →	<i>door</i> →	dor
<i>nudum</i> →	<i>nuu</i> →	nu
<i>fidem</i> →	<i>fee</i> →	fé

ARAÚJO, Ruy Magalhães de. Metaplasmos: um paralelo diacrônico e sincrônico. In: *Anais II* – CLUERJ-SG, ano 2, n. 01, 2005.

Contemporaneamente, caso essa fusão ocorra entre dois sons "a", pode haver graficamente a representação dessa fusão por meio do sinal grave:



ALEXANDRE BECK

BECK, Alexandre. *Armandinho*, 24 jul. 2017.

- Crase
- Regra geral de uso da crase
- Casos específicos de uso da crase
- Casos em que a crase não é admitida

HABILIDADE

- Identificar, nas construções morfológicas, sintáticas e semânticas, a relação entre a preposição e os termos regentes.

No primeiro quadrinho da tirinha, ocorre sinal gráfico de crase em “.. às mulheres?”, indicando haver na fala fusão do som “a” da preposição com o som “as” do artigo definido feminino, flexionado no plural.

Apesar de ser comumente discutida como um processo gráfico, a crase está intimamente relacionada com a oralidade, por ser um fenômeno linguístico em que ocorre redução de som emitido na fala, um processo que registra um princípio linguístico definido como princípio da economia linguística.

LEITURA COMPLEMENTAR



Os fenômenos de redução fonológica, como a crase e a haplogia, são processos em que se percebe o princípio definido pelos linguistas como princípio da economia linguística, que tem por finalidade, sobretudo, a dinamização da comunicação.

Economia linguística

Economia linguística é um termo que recobre uma gama de processos que se caracterizam por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: (a) poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; (b) preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa.

As mudanças fônicas são lentas e graduais e têm sua origem num sujeito falante, num grupo social etc., at que se generalizam e se estendem a toda a comunidade, embora só se generalizem aquelas que são admitidas pela língua em sua exigência de intercomunicação. A língua se adapta às necessidades expressivas dos falantes e é a alteração da língua que lhe dá continuidade histórica.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Redução fonológica

A redução fonológica abarca vários processos que resultam na queda de um ou mais segmentos. Pode-se fazer

referência à elisão, que é a redução de um segmento fonológico. A elisão é um processo que resulta na perda de vogal em final da palavra, seguido por outra que se inicia também por vogal. A elisão é o termo utilizado pela fonética e fonologia para se referir à omissão de sons na oralidade. Alguns pesquisadores tratam como elisão o cancelamento de segmentos em limite de palavras no qual a primeira palavra termina e a segunda começa com vogal, sem mencionar o cancelamento da sílaba inteira. Outros tratam da elisão somente na palavra e afirmam que ela ocorre no início, no meio e no final de palavras, mas não trata do assunto na adjacência de palavras na frase.

(2.1) – fui na ca[de]la ontem = ‘fui na casa dela ontem’ e

(2.2) – ganhei um presen[de] Fernanda = ‘ganhei um presente de Fernanda’

Existem vários processos de redução fonológica que resultam na queda de segmentos. Essa redução é a erosão, isto é, a perda de substância fonológica. Esse processo causa a perda ou a neutralização de marcadores morfológicos e da variabilidade sintática e a frequência de uso pode propiciar a mudança linguística. Nesse sentido, na haplogia há o cancelamento de uma sílaba ou parte dela, e, simultaneamente, a união de duas palavras adjacentes, sem que elas percam sua função morfossintática. No exemplo ‘dentro de’ = den[de], o sintagma preposicional se reduziu, perdendo-se uma sílaba pelo fenômeno da haplogia, sem prejudicar a comunicação, pois a palavra resultante desse processo continua com o sentido das duas que a originaram.

A redução fonológica é “um processo de simplificação que afeta certos tipos de sequência de sons”. Pode-se associar essa citação ao fenômeno da haplogia porque em seu processo há a simplificação de sons iguais ou semelhantes adjacentes de uma mesma classe natural de segmentos, ou ainda, da sequência de segmentos átonos em fronteira de palavras.

O efeito da redução e o da conservação são, a princípio, incompatíveis, pois parecem condicionar resultados em oposição, sendo resolvidos pela frequência de uso que promove a mudança, bem como a sua resistência em estágios diferentes. Nessas condições, a redução fonológica é muito produtiva na oralidade, desempenhando papel central no processo de gramaticalização. Esse processo leva à perda da força expressiva no conteúdo falado. Ele começa com uma variante usada eventualmente e, à medida que o tempo passa, sua frequência aumenta, podendo ocorrer a substituição da forma antiga. Um exemplo disso é o que pode ocorrer com per[da] = ‘perto da’. As palavras que formam ‘perda’ poderão se gramaticalizar como advérbio ou preposição.

MENDES, Regina Maria Gonçalves. *A haplogia no português de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Adaptado.

CONTRAÇÃO DE PREPOSIÇÃO

Os artigos e as preposições podem, eventualmente, ser fundidos (contraídos), como ocorre, por exemplo, em:

De + ...		
de	+ o(a)	do(a)
de	+ ele(a)	dele(a)
de	+ este(a)	deste(a)
de	+ outro(a)	doutro(a)
de	+ aqui	daqui
Em + ...		
em	+ o(a)	no(a)
em	+ ele(a)	nele(a)
em	+ este(a)	neste(a)
em	+ outro(a)	noutro(a)
em	+ isso	nisso

Da mesma forma, a crase também pode ser configurada como um caso de contração de preposição + artigo definido (feminino) ou pronome, demonstrativo ou relativo:

A + ...		
a	+ a(s)	à(s)
a	+ aquele(a)	àquele(a)
a	+ aquilo	àquilo
a	+ a(s) qual(is)	às qual(is)

Como se percebe, os contextos de ocorrência da crase, representada graficamente pelo sinal grave, são:

- 1 a preposição **a** mais o artigo definido **a(s)**, sendo tal ocorrência representada por **à(s)**.

Fui **a a** França no ano passado. → Fui **à** França no ano passado.

(**a** preposição + **a** artigo)

- 2 a preposição **a** mais os pronomes demonstrativos **aquela(s)**, **aquele(s)** e **aquilo**, sendo tais ocorrências representadas por **àquela(s)**, **àquele(s)** e **àquilo**.

Pretendo voltar **a aquela** cidade. → Pretendo voltar **àquela** cidade.

(**a** preposição + **aquela** pronome demonstrativo)

- 3 a preposição **a** mais o pronome relativo **a qual(as quais)**, sendo tal ocorrência representada por **à qual(as quais)**.

Estava em reunião com a pessoa **a a** qual se reportava. → Estava em reunião com a pessoa **à** qual se reportava.

(**a** preposição + **a qual** pronome relativo)

É importante notar que, em geral, a crase está ligada à existência de um verbo transitivo indireto ou certas categorias nominais, posto que requerem complemento regido por uma preposição.



A crase, evidentemente, só ocorrerá se tal preposição for **a**.

A acentuação obedece **às** normas gramaticais. O verbo "obedecer", transitivo direto, exige ocorrência da preposição **a**.

Os condôminos foram avessos **à** proposta apresentada.

O adjetivo "avessos" exige ocorrência da preposição **a**.

USO PRÁTICO DA CRASE



Apesar de ser muito comentada certa dificuldade na indicação da ocorrência do sinal grave, que representa graficamente a crase, se observadas algumas dicas, esse emprego pode ser facilitado.

Há alguns processos práticos que facilitam o esclarecimento das dúvidas quanto ao uso da crase.

- 1 Substituir o termo feminino que sucede o "a" por um masculino. Se o resultado for "ao(s)" (preposição + artigo "o(s)"), há crase.

Refiro-me **à** aluna que chegou atrasada. (**à** aluna → → **ao** aluno → há crase)

Conheço **a** aluna que chegou atrasada. (**a** aluna → → **o** aluno → não há crase)

- 2 Substituir a suposta crase por “para a”. Se o resultado for possível, há crase.

Dê os parabéns à aniversariante. (à aniversariante → → **para a** aniversariante → há crase)

Cumprimente a aniversariante. (a aniversariante → → **a** [ela], pronome pessoal → não há crase)

- 3 Em caso de nomes de países, pode-se confirmar se a ocorrência da preposição **da** após o verbo voltar é necessária.

Vou à África do Sul. (Volto **da** África do Sul → há crase)

Quem vai **à** África do Sul volta **da** África do Sul.

Contudo, isso não se aplica a nomes de cidades, uma vez que não é comum a ocorrência de artigos determinando-os de cidades do gênero gramatical feminino:

Vou a Fortaleza. (Volto **de** Fortaleza → sem crase, mesmo Fortaleza sendo uma palavra de gênero gramatical feminino, já que, por padrão, não ocorre artigo definido antes dessa palavra)

Há crase sempre que o nome do lugar estiver especificado, mesmo sendo do gênero gramatical masculino.

Fui à Salvador de Jorge Amado.

A explicação para tal ocorrência é o fato de a palavra “cidade” estar implícita:

Fui à [cidade de] Salvador de Jorge Amado.



NOMAD-SOUL/ISTOCK

CASOS ESPECÍFICOS DE USO DA CRASE



JAGRUTIBEN PATEL/ISTOCK

Mesmo sendo basicamente aplicado em casos de regência da preposição **a** em relação a nomes femininos determinados por artigo definido feminino, foram convencionados usos para o emprego do sinal grave, indicando a ocorrência de crase.

Usa-se obrigatoriamente a crase

- 1 em locuções adverbiais femininas.

*A reunião será realizada **às** quinze horas.* (às quinze horas = circunstância de tempo)

*A criança deixou a casa **às** avessas.* (às avessas = circunstância de modo)

- 2 em locuções prepositivas e conjuntivas.

*O paciente melhorou **graças à** medicação.* (graças à = locução prepositiva)

*O paciente foi melhorando **à medida que** tomava os remédios.* (à medida que = locução conjuntiva)

Veja o quadro das locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas mais recorrentes, em que se usa o sinal gráfico de crase:

Locuções			
adverbiais		prepositivas	conjuntivas
às avessas	à noite	à beira de	à medida que
à beça	às ocultas	à exceção de	à proporção que
à chave	às ordens	à frente de	
às claras	às pressas	à imitação de	
à deriva	à procura	à moda de	
à direita	à revelia	à semelhança de	
à escuta	à tarde	à sombra de	
às escondidas	à toa	às custas de	
à esquerda	às turras	devido à (nome feminino)	
à força	às vezes	em frente à (nome feminino)	
à larga	à vontade	graças à (nome feminino)	
à luz		junto à (nome feminino)	

Com relação à palavra “distância”, a crase também pode ser usada para evitar ambiguidade.

*O professor foi contratado para ensinar **à** distância.* (à distância = de longe, remotamente)

*O professor apresentou **a** distância que separa a Terra da Lua.* (a distância = o espaço)



NOMAD-SOUL/ISTOCK

Usa-se facultativamente a crase

- 1 diante de nomes próprios femininos.

*Contei meu segredo **à** Maria.*

*Contei meu segredo **a** Maria.*

- 2 diante de pronome possessivo feminino.

*Dei um presente **à** minha mãe.*

*Dei um presente **a** minha mãe.*

- 3 depois da preposição até.

*A aula foi **até às** dezessete horas.*

*A aula foi **até as** dezessete horas.*

*Siga-a **até à** porta.*

*Siga-a **até a** porta.*

Não se usa crase

ALASHI/STOCK



Os casos em que deve haver emprego do sinal gráfico de crase reforçam por exclusão a convenção normativa básica desse tópico gramatical, que indica sua ocorrência em contextos de contração de preposição **a** + **artigo definido feminino**, além de **pronomes demonstrativos** e **relativos** específicos.

- 1 diante de palavras de gênero gramatical masculino.
*Não gosto de comprar **a** prazo.*
- 2 diante de pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoas, assim como pronomes pessoais.
*Não falarei nada **a** ela.*
*Vim **a** esta feira no domingo.*
- 3 diante de palavras no plural, quando não ocorrer artigo definido.
*A entrevista remeteu **a** ideias interessantes.*
- 4 diante de verbos.
*Fomos convidados **a** dar uma palestra.*
- 5 entre palavras repetidas.
*Gosto de conversar cara **a** cara.*
- 6 quando a palavra "terra" não fizer referência ao planeta ou a "cidade natal".
*O naufrago chegou **a** terra. (terra firme)*
- 7 diante da palavra "casa", quando não houver especificação.
*Voltei **a** casa no fim do dia.*

O sinal gráfico de crase é admitido se a palavra "casa" estiver especificada.

*Voltei **à** casa de Maria no fim do dia.*

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

CRASE

A crase é um

fenômeno linguístico em que dois sons semelhantes ou idênticos são, na fala,
fundidos em apenas um.

Em português contemporâneo é graficamente representado pelo

sinal grave (*),

que indica a fusão/contração de

grosso modo, preposição **a** + vogal **a** átona, iniciando outra palavra ou expressão de
gênero gramatical feminino.

Os contextos de representação gráfica da crase são

preposição **a** + artigo definido feminino **a**

preposição **a** + pronome demonstrativos de

3ª pessoa: **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo**.

preposição **a** + pronome relativo

a qual (as quais).

ROTEIRO DE AULA

Emprega-se a crase

obrigatoriamente

em locuções adverbiais de

gênero gramatical feminino.

em locuções conjuntivas de

gênero gramatical feminino.

em locuções prepositivas de

gênero gramatical feminino.

facultativamente

diante de nomes próprios

femininos.

após a preposição "até".

diante de pronomes

possessivos femininos de

gênero gramatical feminino.

É proibido o uso da crase

diante de palavras de gênero gramatical masculino.

diante da palavra "casa" não especificada.

diante de pronomes demonstrativos (1ª e 2ª pessoas) e

possuais.

quando a palavra "terra" não fizer referência ao planeta

ou a "cidade natal".

diante de palavras no plural, quando não ocorrer artigo

definido.

entre palavras repetidas

diante de verbos.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FCM-PB

Os desígnios e a caracterização da ciência aplicada

Se perguntássemos o que caracteriza efetivamente a ciência aplicada, eu diria que, essencialmente, sua condição intrínseca de observação dos fatos reais, de análise experimental em laboratório, ou em campos específicos e, posteriormente, pelo retorno às suas fontes originais de pesquisa, como forma de intervenção, em vista de melhorias sociais e de novas descobertas técnico-científicas. Esse desdobramento final depende muito mais de ações políticas e de interesses econômicos do que propriamente da vontade dos pesquisadores ou das comunidades científicas. É desnecessário dizer que nenhuma produção do conhecimento deveria ter um fim em si mesma, ou que se destina exclusivamente a grupos restritos. Sua finalidade é fazer que, cada vez mais, pessoas sejam beneficiadas.

Decorre, nesse sentido, a realidade consequencial de que o que a ciência pode fazer pela sociedade nada mais é do que um reflexo daquilo que a sociedade tem feito pela ciência. Porém, o que, em tese, parece ser uma obviedade não é tão evidente quanto julgamos, pois essa caracterização da ciência é permanentemente contestada por fatos que atentam diariamente contra o que é essencial na vida das pessoas como, por exemplo, as garantias e os direitos fundamentais que devem servir de regra básica em todos os países cujos regimes políticos se baseiam nos princípios de uma sociedade livre e democrática.

No que concerne ao Brasil, a Constituição Federal de 1988, no seu art. 5º, estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, o que nos leva a questionar sobre como ficam esses direitos e garantias fundamentais, quando nos deparamos com problemas relacionados à falta de infraestrutura sanitária para grande parte da população? Com a falta ou má qualidade da alimentação? A existência de doenças tropicais, cujos vetores já foram erradicados em todos os países desenvolvidos? As epidemias, de dengue, chikungunya e, mais recentemente, a contaminação causada pelo vírus zika? São perguntas para as quais não teremos respostas nos próximos 30 ou 40 anos.

Tais resoluções dependem de inovação tecnológica e pesquisas científicas, mas, sobretudo, dependem de mobilização social e nova consciência das lideranças políticas. Não nos abrandamos o fato de que, por ironia ou não, essa situação de ameaças epidêmicas não se limite aos países subdesenvolvidos.

Com muita propriedade escreveu J.L. Poersch, em 1972, no livro de síntese às teorias evolucionistas de Teilhard de Chardin, sob o título *Evolução e Antropologia no espaço e no tempo*, em que nos diz "... o centro coletor das energias cósmicas, o Homem está predestinado a crescer em valor e dignidade, em poder e grandeza, até submeter todas as potências do mundo ao seu completo domínio". É bem verdade que, de acordo com esse conceito de pleno domínio das energias cósmicas e potências mundiais, ora contrariando, ora confirmando o que foi escrito por J.L. Poersch, avanços já foram alcançados ao longo desses últimos 50 anos como, por exemplo, as descobertas no campo da medicina. O lado injusto de todo o progresso aqui mencionado é que ele é alcançado apenas por uma parcela bem pequena da população mundial.

Direcionando nosso discurso para o campo da saúde, observemos o relato do documento interministerial elaborado conjuntamente com os Ministérios da Saúde e da Educação em 2015: "Desigualdades geográficas na distribuição de médicos podem ser encontradas em vários países e regiões. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 50% da população mundial reside em áreas rurais remotas, mas essas áreas são servidas por menos de 25% da força de trabalho médico". Assim, fica claro que ainda há muito a ser feito para que os direitos e as garantias fundamentais sejam uma realidade extensiva a todos. [...]

LIMA, João Batista Gomes de. Os desígnios e a caracterização da Ciência Aplicada. *O mundo da saúde*. v. 39, n. 4. São Paulo: São Camilo, out. a dez. 2015.

O emprego do acento indicativo da crase está correto em:

- a) A pesquisa científica tem grande contribuição à dar para que se tenha uma vida melhor.
- b) São problemas que afetam à relação do homem com o seu meio.
- c) O projeto destina-se à crianças especiais.
- d) Essas decisões dizem respeito à redução da taxa de mortalidade infantil.
- e) Refiro-me à você cuja sugestão foi bastante elogiada.

A crase está correta no período "Essas decisões dizem respeito à redução da taxa de mortalidade infantil"; pois, se substituirmos a palavra "redução" por uma masculina, como "limite mínimo" temos "ao": "dizem respeito ao limite mínimo". Logo, há crase.

2. Fieb-SP

Museu do Café abre às segundas nas férias

O museu do Café, em Santos (litoral de SP), vai funcionar às segundas-feiras de dezembro até abril de 2017. O objetivo é atender os turistas que visitam a cidade durante as férias e a temporada de cruzeiros.

A exposição "Café, Patrimônio Cultural do Brasil: Ciência, História e Arte" é uma das opções para os visitantes, com atividades educativas e eventos culturais.

O museu fica na rua 15 de Novembro, 95, no centro histórico da cidade. De segunda a sábado, o horário de funcionamento é das 9h às 17h. Os ingressos custam R\$6. A visitação é gratuita aos sábados.

Site: <museudocafe.org.br>.

Caderno Turismo, *Folha de S.Paulo*, 27 out. 2016.

O uso da crase em "das 9h às 17h." justifica-se pela seguinte regra:

- a) O horário está grafado antes de palavra masculina – "funcionamento".
- b) horário está grafado antes de verbo – "é".
- c) Foi escrito entre números – "9 - 17".
- d) O artigo definido está no plural – "às".
- e) Os números fazem referência a hora.

O uso da crase é obrigatório quando os números fazem referência a hora. Assim, deve-se usar crase em "das 9h às 17h," por haver a palavra "hora" implícita. Se, entretanto, houvesse a palavra "até" o uso da crase seria facultativo: "das 9h até às 17h" ou "das 9h até as 17h".

3. IFCE – Assinale a alternativa que exemplifica o uso correto da crase.

- a) O jantar desta noite será um delicioso filé à Chatô.
- b) Voltarei daqui à uma hora.
- c) O fórum ocorrerá de 15 à 20 deste mês de janeiro.
- d) Nosso curso começará à partir da próxima semana.
- e) Irei à casa logo depois do treino.

“Filé à Chatô” quer dizer “Filé feito à moda de Chatô”.

4. Unitau-SP

Atualmente, muitos são os abusos e os crimes cometidos na internet, no que diz respeito aos cronistas, articulistas e escritores em geral. Os mais comuns são os textos atribuídos ou deformados que circulam por aí e que não podem ser desmentidos ou esclarecidos **caso a caso**.

CONY, Carlos Heitor. Ressentimento e covardia. *Folha de S.Paulo*, 16 maio 2006.

A expressão em destaque no texto não pode ser apresentada com o acento indicativo de crase. Isso porque

- a) a palavra “caso” é masculina, portanto repele o artigo feminino “a”.
- b) expressões compostas por repetição de palavras idênticas dispensam o uso do acento indicativo de crase, por apresentarem apenas preposição.
- c) expressões compostas por repetição de palavras idênticas dispensam o uso do acento indicativo de crase, por apresentarem apenas artigo definido.
- d) o termo que antecede a expressão é um verbo, não havendo, portanto, presença de preposição.
- e) o termo que antecede a expressão é um verbo, não havendo, portanto, presença de artigo.

A expressão é formada por dois substantivos masculino – o que não é suficiente para justificar a questão. Assim, a alternativa B, que traz a regra adequada, contempla a resposta.

5. UFRR – Leia os textos e em seguida responda.

I.

No crepúsculo em que habito, passeio ____ noite em amarelos, rosas em becos desconhecidos

II.

Minha poesia carrega em si uma cor que ____ vezes nem minha alma contém.

Eli Macuxi

III.

Cai o sol na terra de Makunaima
Boa Vista no céu, lua cheia de mel
sobe ____ serra de Pacaraima
eu sou de Roraima

Neuber Uchôa e Zeca Preto

IV.

Eu sou cavalo selvagem
Meu mundo é ____ imensidão

Eliakin Rufino

V.

Ele retira forças pra atravessar os desertos
que enfrentamos juntos
e para beber ____ estrelas e aos olhos
da mulher que amo e que não está comigo.

Roberto Mibielli

As lacunas são preenchidas corretamente pela sequência:

- a) a, a, a, à, a, as
- b) à, às, a, a, as
- c) a, às, à, à, às
- d) à, as, à, a, às
- e) à, às, a, a, às

Não se deve usar crase nos enunciados III, porque o verbo subir é transitivo direto, e IV, pois verbos de ligação são intransitivos, contextos em que não ocorre preposição.

6. Cefet-PR

C8-H27

O mito do tempo real

O descompasso entre a velocidade das máquinas e a capacidade de compreensão de seus usuários leva a um quadro de ansiedade social sem precedentes. Em *blogs*, redes sociais, *podcasts* e mensagens eletrônicas diversas todos pedem desculpas pela demora em responder às demandas de seus interlocutores, impacientes como nunca. *E-mails* que não sejam atendidos em algumas horas acabam encaminhados para outras redes, em um apelo público por uma resposta.

No desespero por contato instantâneo, telefones chamam repetidamente em horas impróprias, mensagens de texto são trocadas madrugada adentro, conversas multiplicam-se por comunicadores instantâneos e toda ocasião – do trânsito ao banheiro, do elevador à cama, da hora do almoço ao fim de semana – parece uma lacuna propícia para se resolver uma pendência.

[...]

A resposta imediata a uma requisição é chamada tecnicamente de “tempo real”, mesmo que não haja nada verdadeiramente real nem humano nessa velocidade. O tempo imediato, sem pausas nem espera, em que tudo acontece num estalar de dedos é uma ficção. Desejá-lo não aumenta a eficiência. Pelo contrário, pode ser extremamente prejudicial.

Muitos combatem a superficialidade nas relações digitais pelos motivos errados, questionando a validade dos “amigos” no Facebook ou “seguidores” no Twitter ao compará-los com seus equivalentes analógicos. O problema não está na tecnologia, mas na intensidade dispensada em cada interação. Seja qual for o meio em que ele se dê, o contato entre indivíduos demanda tempo, e nesse tempo não é só a informação pura e simples que se troca. Festas, conversas, leituras, relacionamentos, músicas e filmes de qualidade não podem ser acelerados ou resumidos a sinopses. Conversas, ao vivo ou mediadas por qualquer tecnologia, perdem boa parte de sua intensidade com a segmentação. O tempo empenhado em cada uma delas é muito valioso; não faz sentido economizá-lo, empilhá-lo ou segmentá-lo. O tempo humano (que talvez seja irreal, se o “outro” for provado real) é bem mais lento. Nossas vidas são marcadas tanto pela velocidade quanto pela lentidão.

[...]

Essa quebra da sequência histórica faz com que muitos processos pareçam herméticos ou misteriosos demais. Quando não há uma compreensão das etapas componentes de um processo, não há como intervir nelas, propondo correções, adaptações ou melhorias. Tal impotência leva a uma apatia, em que as condições impostas são aceitas por falta de alternativa. Escondidos seus processos industriais, os produtos adquirem uma aura quase divina, transfor-

mando seus usuários em consumidores vorazes, que se estapeiam em lojas à procura do último aparelho eletrônico que se proponha a preencher o vazio que sentem.

Incapazes de propor alternativas ou sugerir mudanças, os consumidores são estimulados pela publicidade a um gigantesco hedonismo e pragmatismo. A facilidade de acesso à abundância leva a uma passividade e a um pensamento pragmático que defende a ideia de “vamos aproveitar agora, pois quando acontecer um problema alguém terá descoberto a solução”, visível na forma com que se abordam problemas de saúde, obesidade, consumo, lixo eletrônico, esgotamento de recursos e poluição ambiental. Em alta velocidade há pouco espaço para a reflexão. Reduzidos a impulsos e reflexos, corremos o risco de deixar para trás tudo aquilo que nos diferencia das outras espécies.

RADFAHRER, Luli. O mito do tempo real. *Folha de S.Paulo*, 26 nov. 2012.

Analise o uso da crase no fragmento:

Escondidos seus processos industriais, os produtos adquirem uma aura quase divina, transformando seus usuários em consumidores vorazes, que se estapeiam em lojas à procura do último aparelho eletrônico.

Assinale a alternativa em que o emprego da crase se justifica pelo mesmo uso que no fragmento acima.

- a) Ela ficou parada à espera de uma oportunidade para dar sua opinião.
- b) Os imigrantes sírios voltaram à terra de seus antepassados.
- c) Todos os funcionários do jornal foram à Lapa inaugurar a gráfica.
- d) Dirigia-se àquela população como seu reduto eleitoral.
- e) A placa indicava que era proibido virar à esquerda nesta rua.

No fragmento, verifica-se a locução prepositiva “à procura de” que torna obrigatório o uso da crase. O mesmo fato se verifica no período “Ela ficou parada à espera de uma oportunidade para dar sua opinião”, já que “à espera de” também é uma locução prepositiva.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Ufam – Assinale a alternativa em que o acento indicativo de crase é obrigatório:

- a) Depois da palestra, iremos até a biblioteca do Instituto.
- b) Ainda escrevo minhas palestras a máquina.
- c) Fiz críticas aquela parte de que não gostei e disse isso a sua amiga.
- d) Os turistas desceram a terra para conhecer o teatro Amazonas.
- e) Por segurança, observamos o *show* pirotécnico a distância.

8. IFCE – De acordo com a norma culta da língua portuguesa, o acento grave indicativo de crase está usado inadequadamente, em

- a) Minha mãe só faz compras à vista.
- b) É importante ficar frente à frente com os fatos.
- c) Dirigiu-se apressado àquele parque.
- d) Ontem faltou energia no bairro da meia-noite à 1h.
- e) Ele cortou o cabelo à Neymar.

9. IFCE – A alternativa que apresenta o uso adequado do acento indicativo de crase é

- a) Eu não me referi à Sua Excelência.
- b) Ele caminhava à passo lento.
- c) Juliana percorreu a ilha de ponta à ponta.
- d) Estou disposto à falar com seus pais.
- e) Chegaremos às duas horas.

10. UEM-PR (adaptada)

Os adolescentes e a filosofia

Há poucos anos, o ensino de filosofia tornou-se matéria obrigatória para os alunos de ensino médio. Uma decisão acertada que leva em conta a necessidade de estudantes adolescentes desenvolverem habilidades críticas, além de compreenderem a complexidade da gênese de conceitos fundamentais para nossas formas de vida.

De fato, a filosofia, tal como a conhecemos hoje, é o discurso que **permite** à chamada “experiência do pensamento ocidental” criticar seus próprios valores morais, estéticos, normas sociais e evidências cognitivas. A cláusula restritiva relativa ao “ocidente” justifica-se pelo fato de conhecermos muito pouco a respeito dos sistemas não ocidentais de pensamento. Temos, em larga medida, uma visão estereotipada de que eles ainda seriam fortemente vinculados ao pensamento mítico e, por isso, não teriam algo parecido à nossa razão desencantada, que baseia seus princípios na confrontação das argumentações a partir da procura do melhor argumento. É provável que, em alguns anos, tenhamos de rever tal análise.

De toda forma, que adolescentes sejam apresentados à filosofia, eis algo que vale a pena conservar. A adolescência transformou-se entre nós em um momento de revisão profunda do sistema de valores e crenças, de abertura e de profunda insegurança. Em sociedades com tendências a criticar modelos de autoridade baseados no legado da tradição e na repetição de experiências passadas, sociedades que **incitam os indivíduos a tomar em seus ombros** a responsabilidade pela construção de seus estilos de vida, inclusive como estratégia para apagar os impasses propriamente sociais de nossos modelos de conduta e de julgamento, a adolescência será necessariamente vivenciada de forma mais angustiante. Nesse sentido, o contato com a filosofia encontra um terreno fértil de questionamento.

A avaliação dos livros e dos projetos pedagógicos normalmente direcionados a nossos alunos revela, no entanto, que deveríamos procurar outras estratégias de ensino. Nossos livros didáticos e paradidáticos são, na sua grande maioria, manuais de exposição da história da filosofia a partir de seus personagens principais. Os melhores se organizam a partir de temas específicos e do seu desdobramento nos últimos 2 mil anos (o que, convenhamos, não é pouco tempo). Nos dois casos, alcança-se, no máximo, uma visão geral da história das ideias. Normalmente muito bem ilustrada.

Melhor seria focar o ensino na leitura dirigida de textos maiores da tradição filosófica. Um adolescente tem todas as condições de ter uma primeira leitura produtiva de textos como *O Banquete* ou *A República*, de Platão, *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade*, de Rousseau, as *Meditações*, de Descartes, *Além do Bem e do Mal*, de Nietzsche, ou mesmo um texto como *O Que É o Esclarecimento?*, de Kant, entre tantos outros. São obras que abrem parte de suas questões diante de uma primeira leitura dirigida. Eles permitem ainda uma problematização sobre questões maiores como: o amor, a política, a autoidentidade, a injustiça social e as aspirações da razão.

Nesse sentido, ganharíamos mais se os cursos fossem direcionados, por um lado, **ao aprendizado sistemático** da leitura e da interpretação. Nossos alunos **chegam** à universidade sem uma real capacidade de compreensão e de problematização de textos. Os cursos de Filosofia poderiam colaborar em muito para mudar tal realidade.

Por outro lado, e sei que isso pode estranhar alguns, ganharíamos muito se uma parte dos cursos de Filosofia para os adolescentes fosse dedicada ao ensino da lógica. Nossos alunos **chegam** às universidades com dificuldades de escrita e de raciocínio que poderiam ser minoradas se eles tivessem cursos de lógica. Sei que esta é uma das disciplinas de que nossos alunos de filosofia menos gostam, mas eles ganhariam muito, em todas as áreas, se tivessem uma formação mais sistemática no campo da lógica e da teoria do conhecimento.

Neste momento em que a sociedade brasileira se dá conta da importância da luta pela qualidade do ensino, deveríamos parar de desqualificar a capacidade de raciocínio de nossos adolescentes. Eles merecem conhecer diretamente os textos e as ideias que constituíram nossa experiência social. Esta seria uma estratégia melhor do que lhes apresentar manuais.

SAFATLE, Vladimir. Os adolescentes e a filosofia. *Carta Capital*, 05 ago. 2013.

Assinale o que for correto quanto ao uso do acento grave, indicativo de crase, no texto.

- 01)** O acento indicativo de crase após verbo “chegar” no sexto e no sétimo parágrafos é inadequado, pois o verbo chegar é intransitivo.
- 02)** Em “incitam os indivíduos a tomar em seus ombros”, não há acento indicativo de crase no “a”; porque o termo posposto a ele é um verbo.
- 04)** No segundo parágrafo, o acento indicativo de crase é facultativo, pois o verbo “permitir” não requer complemento.
- 08)** Em “ao aprendizado sistemático”, se “aprendizado” for substituído por “aprendizagem”, ocorrerá acento indicativo de crase antes deste substantivo.
- 16)** O acento indicativo de crase em “vale a pena” e “a partir” é facultativo, segundo as regras gramaticais.

11. IFCE (adaptada)

O homem nu

Ao acordar, disse para a mulher:

– Escuta, minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

– Explique isso ao homem – ponderou a mulher.

– Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier, a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar – amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa, a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

– Maria! Abre aí, Maria. Sou eu – chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

– Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez, não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um *ballet* grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão.

Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

– Ah, isso é que não! – fez o homem nu, sobressaltado.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pelo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

– Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo, continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: “Emergência: parar”. Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela, desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

– Maria! Abre esta porta! – gritava, desta vez esmurcando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si.

Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

– Bom dia, minha senhora – disse ele, confuso. – Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltando um grito:

–Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

– Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

– É um tarado!

– Olha, que horror!

– Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

– Deve ser a polícia – disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

SABINO, Fernando. *O homem nu*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

O uso da crase se justifica na oração sublinhada:

Aterrorizado, precipitou-se até a campanha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor.

, porque se usa crase

- a) após verbos no pretérito perfeito.
- b) antes de verbo.
- c) quando se faz referências a tempo.
- d) nas locuções adverbiais que têm como base uma palavra feminina.
- e) entre dois verbos.

12. Acafe-SC – Assinale a alternativa correta quanto ao acento indicador de crase.

- a) Em tempos de doenças transmitidas à seres humanos pelo mosquito *Aedes Aegypti*, médicos de todo o país dirigem-se à Curitiba para estudar temas transversais relacionados a dengue, a chikungunya e ao zika.
- b) Convém não confundir a habitação voltada a moradia própria, mesmo que irregular, com a ação de especuladores, que, às vezes, invadem às áreas de preservação permanente e vendem até barracos prontos.
- c) Temos que aprender à punir com o voto todos os corruptores, da direita a esquerda, ano a ano, independentemente da cor partidária.
- d) Rosamária recebeu do Juizado Militar a opção da liberdade vigiada e pôde sair da cadeia, embora a liberação tivesse fortes limitações como proibição de deixar a cidade, de chegar a casa após as 22h e de trabalhar.

13. FGV-SP

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde-amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que

Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?

– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

Capitão Vitorino apareceu na casa do mestre José Amaro para falar-lhe do ataque ___ cidade do Pilar. Disse ao compadre que D. Inês ficou cara ___ cara com Quinca Napoleão, que queria saquear-lhe o cofre, mas ela não deu a chave ___ ele. O homem era uma ameaça ___ população.

As lacunas do trecho devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

- a) à ... a ... a ... à
- b) a ... à ... a ... à
- c) à ... à ... a ... a
- d) a ... à ... a ... a
- e) à ... à ... à ... à

14. UFRGS-RS

Viagens, cofres mágicos com promessas sonhadoras, não mais revelareis vossos tesouros intactos! Hoje, quando ilhas polinésias afogadas em concreto se transformam em porta-aviões ancorados nos mares do Sul, quando as favelas corroem a África, quando a aviação avilta a floresta americana antes mesmo de poder destruir-lhe a virgindade, de que modo poderia a pretensa evasão da viagem conseguir **outra coisa que não confrontar-nos com as formas** mais miseráveis de nossa existência histórica?

Ainda assim, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. **Elas criam a ilusão daquilo** que não existe mais, mas que ainda deveria existir. Trariam nossos modernos Marcos Polos, das mesmas terras distantes, desta vez em forma de fotografias e relatos, as especiarias morais de que nossa sociedade experimenta uma necessidade aguda ao se sentir soçobrar no tédio?

É assim que me identifico, viajante procurando em vão reconstituir o exotismo com o auxílio de fragmentos e de destroços. Então, insidiosamente, a ilusão começa a tecer suas armadilhas. Gostaria de ter vivido no tempo das verdadeiras viagens, quando um espetáculo ainda não esmagado, contaminado e maldito se oferecia em todo o seu esplendor. Uma vez encetado, o jogo de conjecturas não tem mais fim: quando se deveria visitar a Índia, em que época o estudo dos selvagens brasileiros poderia levar a conhecê-los na forma menos alterada? Teria sido melhor chegar ao Rio no século XVIII? Cada década para trás permite salvar um costume, ganhar uma festa, **partilhar uma crença suplementar**.

Mas conheço bem demais os textos do passado para não saber que, me privando de um século, renuncio a perguntas dignas de enriquecer minha reflexão. E eis, diante de mim, o círculo intransponível: quanto menos as culturas tinham condições de se comunicar entre si, menos também os emissários respectivos eram capazes de perceber a riqueza e o significado da diversidade. No final das contas, sou prisioneiro de uma alternativa: ora viajante antigo, confrontado com um prodigioso espetáculo do qual quase tudo lhe escapava – ainda pior, inspirava troça ou desprezo –, ora viajante moderno, correndo atrás dos vestígios de uma realidade desaparecida. Nessas duas situações, sou perdedor, pois eu, que me lamento diante das sombras, talvez seja impermeável ao verdadeiro espetáculo que está tomando forma neste instante, mas para cuja observação meu grau de humanidade ainda carece da sensibilidade necessária. Dentro de alguma centena de anos, neste mesmo lugar, outro viajante pranteará o desaparecimento do que eu poderia ter visto e que me escapou.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Adaptado.

Considere as seguintes afirmações sobre regência e emprego de crase.

- I. Caso a forma verbal “confrontar-nos”, em “outra coisa que não confrontar-nos com as formas”, fosse substituída por *colocar-nos diante*, seria necessário substituir a preposição *com* pelo emprego de crase nesse contexto.
- II. A substituição da forma verbal “criam”, em “elas cria a ilusão daquilo”, por *dão origem* tornaria obrigatório o emprego de crase nesse contexto.
- III. A substituição da forma verbal “partilhar”, em “partilhar uma crença suplementar”, pelo segmento *ter acesso* tornaria necessário o emprego de crase nesse contexto.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

15. FCM-PB

O remédio está na fé

Você está no consultório do cardiologista. Ele já perguntou sobre o seu estilo de vida e antecedentes de infarto na família, mediu a pressão, auscultou o peito, deu uma olhada no resultado dos exames. Parece que a investigação acabou e ele fará, enfim, as recomendações. Mas uma última questão vem à tona: “Você se considera espiritualizado ou religioso?” De acordo com a resposta, o médico vai investir alguns minutos para entender o papel da fé na sua vida.

Essa anamnese espiritual, por assim dizer, ganha cada vez mais espaço na prática clínica, não importa a especialidade. Também vem sendo incorporada a prontos-socorros, salas de cirurgia, UTIs... E há uma justificativa bastante pragmática para isso: já não faltam estudos demonstrando que a crença em algo transcendente – Deus ou um poder superior – interfere de forma positiva na capacidade de o corpo humano enfrentar doenças (ou até escapar delas).

“A medicina e a espiritualidade foram separadas no século passado, mas, nos últimos anos, a própria ciência está tratando de reuni-las”, contextualiza o psicólogo Esdras Vasconcelos, professor da Universidade de São Paulo.

Há evidências de que pessoas espiritualizadas são mais longevas, têm menos distúrbios psicológicos, sofrem menos infecções e... estão menos sujeitas a ataques cardíacos. Motivo suficiente para a Sociedade Brasileira de Cardiologia criar seu Grupo de Estudo em Espiritualidade e Medicina Cardiovascular (Gemca). “Já não temos dúvidas de que a fé contribui para a saúde. Queremos entender melhor agora até onde vão seus efeitos e de que forma ela os propicia”, diz o cardiologista Mário Borba, diretor científico do projeto.

Ser espiritualizado não significa necessariamente seguir uma religião. É, antes de mais nada, acreditar em alguma coisa intangível e que pode até estar dentro de você – como a esperança de que, fazendo o bem, a gente é naturalmente recompensado.

Nessa perspectiva, uma novíssima revisão de trabalhos científicos joga luz sobre o impacto de ter uma crença ou adotar hábitos religiosos sobre o sistema cardiovascular. Com base em mais de 3200 estudos, o cardiologista Fernando Lucchese, da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, e o professor de psiquiatria e ciências comportamentais Harold Koenig, da Universidade Duke, nos Estados Unidos, analisaram o assunto sob a ótica dos fatores de risco e de mecanismos fisiológicos envolvidos no infarto.

“Há uma relação direta entre espiritualidade e melhores índices de atividade física, alimentação equilibrada, tabagismo e consumo de bebidas alcoólicas”, conta Lucchese. Uma vida espiritualizada parece servir como um propulsor de bons hábitos. Segundo o artigo, pessoas religiosas ou que procuram autoconhecimento e força em algo maior estão menos expostas a praticamente todas as condições que ameaçam o peito, como colesterol alto, hipertensão e sedentarismo. “Os indivíduos que buscam o transcendente também estão mais protegidos diante do estresse e da depressão, importantes fatores de risco cardíaco”, reforça o cardiologista Ney Carter do Carmo Borges, da Universidade Estadual de Campinas, no interior paulista.

Da lista negra contemplada pela revisão, só houve uma exceção: a obesidade. Mas por que diabos pessoas de fé tendem a engordar? “Diversas religiões estimulam o convívio social em torno de banquetes calóricos e veem a gula de modo mais condescendente”, especula Koenig, considerado um dos papas em matéria de medicina e espiritualidade. Ora, a fé é uma das peças que compõem uma rotina saudável – mas não adianta rezar toda noite e viver entregue ao sofá e à comilança. Esses são pecados que o coração não perdoa.

SPONCHIATO, Diogo; MANARINI, Thaís; RUPRECHT, Theo. O remédio está na fé. *Saúde é vital*. Ed. Abril. n.º 371. Dez. 2013.

Leia o texto abaixo:

Dia ____ dia, comprova-se que uma rotina espiritualizada tem tudo ____ ver com uma melhor evolução do paciente que se submete ____ tratamento de doenças graves. Isso assume contornos especiais em relação ____ população brasileira, marcada não só pela religiosidade mas também pelo sincretismo.

Preenche corretamente as lacunas:

- a) a, a, a, a
- b) à, à, à, à
- c) à, à, a, a
- d) a, a, a, à
- e) a, a, à, à

16. IFCE

Apresentador Chris Rock fica à revelia de polêmica sobre racismo no Oscar

Quando Chris Rock, 51, apresentou o Oscar pela primeira vez, em 2005, 20% dos indicados às categorias de atuação eram negros. Naquele ano, foram lembrados Jamie Foxx, Don Cheadle, Morgan Freeman e Sophie Okonedo. As vitórias históricas de Halle Berry e Denzel Washington em 2002 – primeira e única vez em que as estatuetas de melhor ator e atriz foram para negros – também estavam frescas na memória.

Onze anos depois, a história é outra. O anúncio da volta de Rock como apresentador da 88ª edição do prêmio antecedeu o anúncio dos indicados e a constatação de que, pelo segundo ano consecutivo, não havia negros nas categorias de atuação. Muito se especulou que o comediante poderia abrir mão do cargo como forma de protesto, mas sua resposta foi um tuíte apontando o Oscar como o equivalente branco do BET (Black Entertainment Television), prêmio anual dedicado a artistas negros. Agora, recai sobre ele a responsabilidade de fazer coro às críticas de colegas como Spike Lee e o casal Will e Jada Pinkett Smith – que não irão à cerimônia em protesto –, mas só o suficiente para não espantar o público.

Há pressão do canal ABC sobre Rock para reverter a queda acentuada de audiência do ano passado (15%), ainda maior entre a população negra (20%), segundo a consultora especializada Nielsen. Segundo Reginald Hudlin, um dos produtores-executivos da transmissão da cerimônia – e também negro –, o espectador deve esperar piadas sobre a controvérsia. “A Academia espera que ele faça isso”, declarou ao programa de TV “Entertainment Tonight”. “Os membros estão animados com a possibilidade, porque sabem que é disso que precisam. Sabem que é o desejo do público.”

Além de Rock, a produção do Oscar já anunciou a participação de 11 negros na cerimônia, entre eles Whoopi Goldberg, Quincy Jones e Kerry Washington. A escolha reflete os recentes esforços da Academia, anunciados pela presidente, a afro-americana Cheryl Boone Isaacs, para se diversificar.

MOREIRA, Maria Clara. *Folha de S.Paulo*, 28 fev. 2016.

No título do texto, o uso do acento grave se justifica pela regra da crase

- obrigatória antes de pronomes pessoais.
- obrigatória antes de nomes masculinos.
- proibida antes de verbos.
- facultativa antes de pronomes possessivos femininos.
- obrigatória nas locuções prepositivas com palavra feminina.

17. FGV-SP (adaptada)

Havia já quatro anos que Eugênio se achava no seminário sem visitar sua família. Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes que permitissem que o menino viesse passar as férias em casa. Estes porém, já de posse dos segredos da consciência de Eugênio, receando que as seduções do mundo o arredassem do santo propósito em que ia tão bem encaminhado, opuseram-se formalmente, e responderam-lhe, fazendo ver que aquela interrupção na idade em que se achava o menino era extremamente perigosa, e podia ter péssimas consequências, desviando-o para sempre de sua natural vocação.

Uma ausência porém de quatro anos já era excessiva para um coração de mãe, e a de Eugênio, principalmente depois que seu filho andava mofino e adoentado, não pôde mais por modo nenhum conformar-se com a vontade dos padres. Estes portanto, muito de seu mau grado, não tiveram remédio senão deixá-lo partir.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. São Paulo: Ática, 1995.

Observe as reescritas dos trechos sublinhados no texto e responda conforme solicitado.

Seu pai já por vezes tinha escrito aos padres pedindo-lhes à permissão para que o menino viesse passar as férias em casa. [...] opuseram-se formalmente à ideia, e responderam de forma negativa inicialmente.

Justifique se os usos do acento indicativo da crase estão ou não de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa contemporânea.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Insuper-SP

Nada além

O amor bate à porta
e tudo é festa.

O amor bate a porta
e nada resta.

SANTOS, Cineas. *Pétalas* – Uma Antologia de bolso. Tesesina: Oficina da Palavra, 2010.

Em relação ao jogo de ideias presente no par “bate à porta” e “bate a porta” nos versos acima, é correto afirmar que o emprego do acento grave está associado a

- fatores sintáticos que determinam diferentes significados.
- opções estilísticas que conferem sonoridade e ritmo ao poema.
- elementos morfológicos que acarretam mudança de classe gramatical.
- mecanismos fonológicos que promovem a tonicidade das palavras.
- recursos argumentativos que explicitam efeitos de subjetividade nos textos.

C8-H27

19. IFCE

O anjo Rafael

Cansado da vida, descrente dos homens, desconfiado das mulheres e aborrecido dos credores, o dr. Antero da Silva determinou um dia despedir-se deste mundo.

Era pena. O dr. Antero contava trinta anos, tinha saúde, e podia, se quisesse, fazer uma bonita carreira. Verdade é que para isso fora necessário proceder a uma completa reforma dos seus costumes. Entendia, porém, o nosso herói que o defeito não estava em si, mas nos outros; cada pedido de um credor inspirava-lhe uma apóstrofe contra a sociedade; julgava conhecer os homens, por ter tratado até então com alguns bonecos sem consciência; pretendia conhecer as mulheres, quando apenas havia praticado com meia dúzia de regateiras do amor.

O caso é que o nosso herói determinou matar-se, e para isso foi à casa da viúva Laport, comprou uma pistola e entrou em casa, que era à rua da Misericórdia.

Davam então quatro horas da tarde.

O dr. Antero disse ao criado que pusesse o jantar na mesa.

C8-H27

– A viagem é longa, disse ele consigo, e eu não sei se há hotéis no caminho.

Jantou com efeito, tão tranquilo como se tivesse de ir dormir a sesta e não o último sono. O próprio criado reparou que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca. Conversaram alegremente durante todo o jantar. No fim dele, quando o criado lhe trouxe o café, Antero proferiu paternalmente as seguintes palavras:

– Pedro, tira de minha gaveta uns cinquenta mil-réis que lá estão, são teus. Vai passar a noite fora e não volte antes da madrugada.

– Obrigado, meu senhor, respondeu Pedro.

– Vai.

Pedro apressou-se a executar a ordem do amo.

O dr. Antero foi para a sala, estendeu-se no divã, abriu um volume do *Dicionário filosófico* e começou a ler.

Já então declinava a tarde e aproximava-se a noite. A leitura do dr. Antero não podia ser longa. Efetivamente daí a algum tempo levantou-se o nosso herói e fechou o livro.

Uma fresca brisa penetrava na sala e anunciava uma agradável noite. Corria então o inverno, aquele benigno inverno que os fluminenses têm a ventura de conhecer e agradecer ao céu.

O dr. Antero acendeu uma vela e sentou-se à mesa para escrever. Não tinha parentes, nem amigos a quem deixar carta; entretanto, não queria sair deste mundo sem dizer a respeito dele a sua última palavra. Travou da pena e escreveu as seguintes linhas:

Quando um homem, perdido no mato, vê-se cercado de animais ferozes e traiçoeiros, procura fugir se pode. De ordinário a fuga é impossível. Mas estes animais meus semelhantes tão traiçoeiros e ferozes como os outros, tiveram a inépcia de inventar uma arma, mediante a qual um transviado facilmente lhes escapa das unhas.

É justamente o que vou fazer.

Tenho ao pé de mim uma pistola, pólvora e bala; com estes três elementos reduzirei a minha vida ao nada. Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida e por ter certa curiosidade da morte.

Provavelmente, quando a polícia descobrir o meu cadáver, os jornais escreverão a notícia do acontecimento, e um ou outro fará a esse respeito considerações filosóficas. Importam-me bem pouco as tais considerações.

Se me é lícito ter uma última vontade, quero que estas linhas sejam publicadas no *Jornal do Commercio*. Os rimadores de ocasião encontrarão assunto para algumas estrofes.

O dr. Antero releu o que tinha escrito, corrigiu em alguns lugares a pontuação, fechou o papel em forma de carta, e pôs-lhe este sobrescrito: Ao mundo.

Depois carregou a arma; e, para rematar a vida com um traço de impiedade, a bucha que meteu no cano da pistola foi uma folha do Evangelho de S. João.

Era noite fechada. O dr. Antero chegou-se à janela, respirou um pouco, olhou para o céu, e disse às estrelas:

– Até já.

E saindo da janela acrescentou mentalmente:

– Pobres estrelas! Eu bem quisera lá ir, mas com certeza não de impedir-me os vermes da terra. Estou aqui,

e estou feito um punhado de pó. É bem possível que no futuro século sirva este meu invólucro para macadamizar a rua do Ouvidor. Antes disso; ao menos terei o prazer de ser pisado por alguns pés bonitos.

Ao mesmo tempo que fazia estas reflexões, lançava mão da pistola, e olhava para ela com certo orgulho.

– Aqui está a chave que me vai abrir a porta deste cárcere, disse ele.

Depois sentou-se numa cadeira de braços, pôs as pernas sobre a mesa, à americana, firmou os cotovelos, e segurando a pistola com ambas as mãos, meteu o cano entre os dentes.

Já ia disparar o tiro, quando ouviu três pancadinhas à porta. Involuntariamente levantou a cabeça. Depois de um curto silêncio repetiram-se as pancadinhas. O rapaz não esperava ninguém, e era-lhe indiferente falar a quem quer que fosse. Contudo, por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais.

O dr. Antero pôs a pistola sobre a mesa e foi abrir a porta.

ASSIS, Machado de. O Anjo Rafael. In: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo (Org.). *Machado de Assis: contos fantásticos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1998.

No fragmento

Depois sentou-se numa cadeira de braços, pôs as pernas sobre a mesa, **à americana**, firmou os cotovelos, e segurando a pistola com ambas as mãos, meteu o cano entre os dentes

, na expressão em negrito deve-se usar crase porque

- a cadeira era americana.
- o autor vê o protagonista como um astro de Hollywood.
- a mesa foi feita nos Estados Unidos.
- se subentende que o autor quer dizer à “moda” americana.
- o autor faz uma crítica à mania dos brasileiros de copiar tudo o que vem dos Estados Unidos.

20. IFSC

C8-H27

Esparadrapo

Aquele restaurante de bairro é do tipo simpatia/classe média. Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos. O dono senta-se à mesa da gente, para bater um papo leve, sem intimidades.

Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.

– Estou sem relógio.

– Então vou perguntar ao garçom.

Ele também está sem relógio.

– E o colega dele, que serve aquela mesa?

– Ninguém está com relógio nesta casa.

– Curioso. É moda nova?

– Antes de responder, e se o senhor permite, vou lhe fazer, não propriamente um pedido, mas uma sugestão.

– Pois não.

– Não precisa trazer relógio, quando vier jantar.

– Não entendo.

– Estamos sugerindo aos nossos fregueses que façam este pequeno sacrifício.

– Mas o senhor podia explicar...

– Sem querer meter o nariz no que não é da minha conta, gostaria também que trouxesse pouco dinheiro, ou antes, nenhum.

– Agora é que não estou pegando mesmo nada.

– Coma o que quiser, depois mandamos receber em sua casa.

– Bem, eu moro ali adiante, mas e outros, os que nem se sabe onde moram, ou estão de passagem na cidade?

– Dá-se um jeito.

– Quer dizer que nem relógio nem dinheiro?

– Nem joias. Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia. É o mais difícil, mas algumas estão atendendo.

– Hum, agora já sei.

– Pois é. Isso mesmo. O amigo compreende...

– Compreendo perfeitamente.

Desculpa ter custado um pouco a entrar na jogada. Sou meio obtuso quando estou com fome.

– Absolutamente. Até que o amigo compreendeu sem que eu precisasse dizer tudo.

Muito bem.

– Mas me diga uma coisa. Quando foi isso?

– Quarta-feira passada.

– E como foi, pode-se saber?

– Como podia ser? Como nos outros lugares, no mesmo figurino. Só que em ponto menor.

– Lógico, sua casa é pequena. Mas levaram o quê?

– O que havia na caixa, pouquinha coisa. Eram 9 da noite, dia meio parado.

– Que mais?

– Umás coisinhas, liquidificador, relógio de pulso, meu, dos empregados e dos fregueses.

– An. (Passei a mão no pulso, instintivamente.)

– O pior foi o cofre.

– Abriram o cofre?

– Reviraram tudo, à procura do cofre.

Ameaçaram, pintaram e bordaram. Foi muito desagradável.

– E afinal?

– Cansei de explicar a eles que não havia cofre, nunca houve, como é que eu podia inventar cofre naquela hora?

– Ficaram decepcionados, imagino.

– Não senhor. Disseram que tinha de haver cofre.

Eram cinco, inclusive a moça de bota e revólver, querendo me convencer que tinha cofre escondido na parede, no teto, embaixo do piso, sei lá.

– E o resultado?

– Este – e baixou a cabeça, onde, no cocuruto, alvejava a estrela de esparadrapo.

– Oh! Sinto muito. Não tinha notado. Felizmente escapou, é o que vale. Dê graças a Deus por estar ⁸⁹ vivo.

– Já sei. Sabe que mais? Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia. Agora estou me segurando à minha maneira, deixando as coisas lá em casa e convidando os fregueses a fazer o mesmo. E vou comprar um cofre. Cofre pequeno, mas cofre.

– Para que, se não vai guardar dinheiro nele?

– Para mostrar minha boa-fé, se eles voltarem.

Abro imediatamente o cofre, e verão que não estou escondendo nada. Que lhe parece?

– Que talvez o senhor precise manter um estoque de esparadrapo em seu restaurante.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *70 historinhas*. São Paulo: Companhia das Letras: 2016.

Observe o uso do acento grave para indicar crase nas seguintes frases do texto:

I.
O dono senta-se à mesa da gente.

II.
Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia.

III.
Reviraram tudo, à procura do cofre.

IV.
Agora estou me segurando à minha maneira.

Assinale a alternativa correta:

- a)** Em todas as frases, a ocorrência da crase explica-se pela regência dos verbos, porque temos sempre verbos intransitivos.
- b)** Na frase III, ainda haveria crase caso o substantivo *procura* fosse substituído pelo verbo procurar: *Reviraram tudo, à procurar pelo cofre*.
- c)** Na frase II, ainda haveria crase caso se inclísse o pronome indefinido todas: *Estamos pedindo à todas as senhoras que não venham de joia*.
- d)** Na frase I, a presença da crase revela uma linguagem popular, coloquial. Em linguagem formal, teríamos: *O dono senta-se na mesa com a gente*.
- e)** Na frase IV, o uso do acento grave é opcional, porque o artigo definido é opcional antes de pronome possessivo – pode-se dizer “a minha casa” ou “minha casa”, por exemplo.

TÓPICOS DE ORTOGRAFIA II

40

Homófonos

Na língua portuguesa, há palavras ou expressões que podem ter pronúncias iguais ou muito parecidas, mas que, além de serem escritas de formas diferentes, possuem significados diversos.

USO DOS PORQUÊS



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>>. Acesso em: out. 2018.

Na tirinha de Alexandre Beck, as personagens usam os “porquês” de quatro formas distintas: “por que”, “porque”, “por quê” e “porquê”. Entenda a razão:

Porque

Escrito junto e sem acento, “porque” é uma conjunção coordenativa explicativa ou uma conjunção subordinativa causal, podendo ser substituído por “pois” e “uma vez que” e também é utilizado em respostas. Exemplos:

*Há alguma promoção nessa loja, **porque** o movimento está enorme.*

(porque = explicação para o movimento enorme da loja)

*Estou com sono **porque** estudei matemática até muito tarde.*

(porque = estudar até muito tarde é a causa do meu cansaço)

Por que

Separado e sem acento, “por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas. Exemplos:

***Por que** você não foi à festa?*

(por que = qual o motivo de você não ter ido à festa?)

*Quero saber **por que** você não foi à festa.*

(por que = quero saber a razão pela qual você não foi à festa.)

Por quê

Escrito separado e com acento circunflexo, “por quê” é usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas ou, ainda, de maneira isolada. Exemplos:

*Não chegou cedo ao trabalho **por quê**?*

(por quê = interrogação direta no final da frase)

*Ele não chegou cedo e não sei **por quê**.*

(por quê = interrogação indireta no final da frase)

- Uso dos porquês
- Onde ou aonde
- Senão ou se não
- Mal ou mau
- A ou há
- A fim ou afim
- Ao invés de ou em vez de
- De o(a) ou do(a)
- Ao encontro de ou de encontro a
- Tampouco ou tão pouco

HABILIDADES

- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
- Aprimorar as práticas de leitura conforme a norma-padrão da língua portuguesa.

Se você sabe **por quê**, por favor, diga.
(por quê = interrogação indireta)

Ele nunca chega cedo. **Por quê?**
(por quê = interrogação isolada)

Porquê

Escrito junto e com acento circunflexo, “porquê” significa “o motivo” ou “a razão” e é substantivo, devendo, portanto, ser precedido de artigo, pronome, adjetivo ou numeral. Exemplos:

Não entendia o **porquê** de tanta rebeldia.
(o porquê = o motivo, a razão)

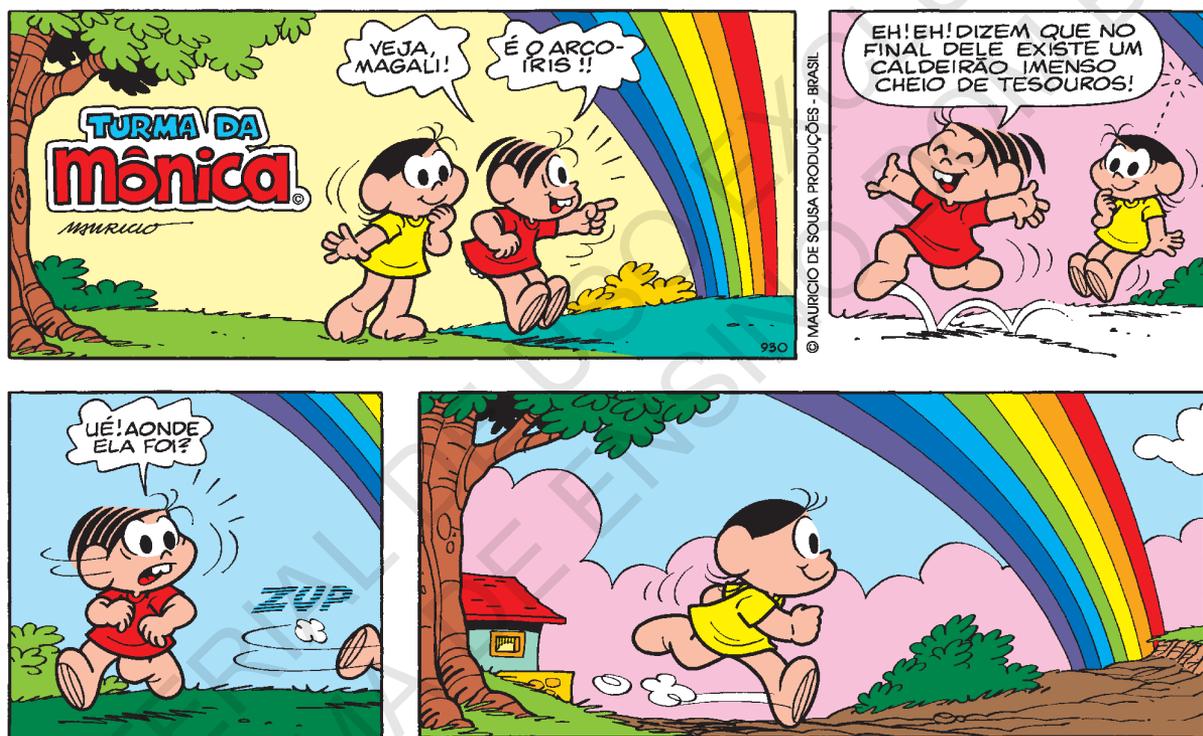
Todos sabem o **porquê** do seu regresso.
(o porquê = o motivo, a razão)

De volta à tirinha...

Lembra-se da tirinha de Alexandre Beck? Agora já é possível explicar os diferentes “porquês”:

- “**Por que** é separado?”
(por que = empregado no início da frase interrogativa)
- “**Porque** não é junto?”
(porque = é uma conjunção coordenada explicativa)
- “Mas **por quê?**”
(por quê = empregado no final a frase interrogativa)
- “O **porquê** eu não sei!”
(porquê = substantivo que significa “o motivo”; “a razão”)

ONDE OU AONDE?



SOUSA, Mauricio de. *Turma da Mônica*, 2003. (Adaptada).

“Onde” e “aonde” são advérbios indicativos de lugar, mas são empregados em situações diferentes. Confira.

Onde

Usa-se “onde” para indicar o lugar em que alguém ou algo está, ou seja, transmite a ideia de estado de permanência. Nesse caso, equivale à expressão “em que lugar”:

Onde está meu livro?
(onde = em que lugar)

Esqueci **onde** estacionei o carro.
(onde = em que lugar)

Aonde

Usa-se “aonde” para indicar movimento, aproximação, deslocamento. Nesse caso, equivale à expressão “a que lugar”:

Aonde você vai, menino?
(aonde = a que lugar)

Aonde devo levar essa encomenda?
(aonde = a que lugar)

SENÃO OU SE NÃO?

Apesar de semelhantes na pronúncia, as expressões “senão” e “se não” são grafadas de forma diferente conforme o sentido expresso.

LEITURA COMPLEMENTAR

Qual é a diferença entre “senão” e “se não”?

Entenda a diferença entre as duas expressões

Senão

É usado quando assume as seguintes funções no texto:

1. De conjunção alternativa, podendo ser substituída por “caso contrário” ou “a não ser que”.

Devemos trabalhar, senão [caso contrário] o contrato será cancelado.

2. De conjunção adversativa, sendo possível trocá-la por “mas”.

Vencemos a partida de futebol não por sorte, senão [mas] por competência.

3. De preposição, tendo o mesmo significado de “com exceção de” ou “exceto”.

A quem, senão [exceto] a ele, devo fazer referência durante a palestra?

4. E de substantivo masculino, significando “falha” ou “defeito”. Exemplo:

Minha namorada é quase perfeita. Ela só tem um senão [defeito].

Se não

Só deve ser usado quando o “se” é uma conjunção condicional (substituível por “caso”) ou integrante (quando toda a expressão pode ser trocada, com a oração que ela introduz, por “isso”, “isto” ou “aquilo”).

Se não chover [caso não chova], irei encontrar meus amigos.

Perguntei se não iriam chegar atrasados [perguntei isso].

LIMA, Eduardo; TREVISAN, Rita. *Nova Escola*, 1º maio 2011.

MAL OU MAU?



Embora a pronúncia seja semelhante, as palavras “mal” e “mau” são escritas de forma diferentes conforme o sentido expresso na frase.

Mal

“Mal” é advérbio de modo e significa “incorretamente”, “erradamente”. Nesse caso, trata-se de uma palavra invariável cujo antônimo é o advérbio “bem”.

A velhinha enxergava muito mal.

(mal = advérbio = contrário de “bem”)

Mau

“Mau” é adjetivo e significa “ruim”, “reprovável”. Nesse caso, trata-se de uma palavra variável cujo antônimo é o adjetivo “bom”.

Quando criança, meu tio era um mau aluno.

(mau = adjetivo = contrário de “bom”)

LEITURA COMPLEMENTAR

Mal-humorado ou mau humor, aprenda a usar o hífen

O humor de um jogador de futebol revela muito. É capaz de reverter o humor de sua equipe inteira. O mau humor então... é capaz de gerar expulsão, desestabilizar defesa, ataque, técnico, diretoria.

Com placar desfavorável, já é possível ver o time mal-humorado. Por parte do outro time, o adversário, entretanto, são outros humores: o riso largo, do Ronaldo; o passe certeiro do Réver. Como disseram aos repórteres: “Com bom humor, fica mais fácil!”

O técnico dos bem-humorados, “lelé da Cuca” por alegria, elogia sua equipe. Ratifica que atitudes alegres – novamente bem-humoradas – garantem qualquer vitória.

Piiiiiiii! Apita o árbitro! Convoca-se, a partir de agora, a “capitã” Grafia Oficial da nossa Língua Portuguesa para uma coletiva, sobre os termos determinantes da partida.

Não é novidade que a palavra MAU é oposta à palavra BOM. Como o time derrotado jogou com “mau humor”, o vitorioso jogou com “bom humor”. Sabe-se, também, que BEM opõe-se a MAL. Vejamos novamente a cena: o zagueiro Lúcio, “mal-humorado”, nada lúcido ficou com a expulsão; o artilheiro, com senso de oportunidade, “bem-humorado”, garantiu o belo gol.

As formações vocabulares com MAL- exigem hífen caso a palavra principal inicie-se por –vogal, -h, -l: mal-estar, mal-empregado, mal-humorado, mal-limpo.

Já as formações com BEM- exigem hífen caso a palavra principal inicie-se por –vogal, -h, -m e casos consolidados à parte: bem-estar, bem-humorado, bem-mandado, bem-vindo.

Bem, amigos! Ao final da coletiva, exaltando a vitória de sua equipe, surge a confirmação, no vestiário:

– Com time “bem-humorado”, surgem os gols necessários. Nada vence o “bom humor”! Com time “mal-humorado”, vêm as expulsões. A derrota está na vida com “mau humor”.

Todos gritam:

– Viva o “bom humor”!

ARRAIS, Diogo. Mal-humorado ou mau humor, aprenda a usar o hífen. *Você S/A*, Carreira, 7 maio 2013.

A OU HÁ?



BECK, Alexandre. *Armandinho*. 14 out. 2015.

As palavras “a” e “há”, como em “Há quem fuja da guerra, da fome...”, têm o mesmo som, mas apresentam grafia e indicação de tempos diferentes.

A

Usa-se a preposição “a” para transmitir a noção de distância ou de tempo futuro. Exemplos:

*Estamos **a** duas quadras de casa.*

*Minha mãe chega daqui **a** duas semanas.*

Há

Usa-se “há” (verbo “haver”) para transmitir a noção de tempo passado e como verbo impessoal. Exemplos:

*Meu pai procurava esse livro **há** anos.*

***Há** muitos anos não via meu amigo.*

A FIM OU AFIM?



EDITORA VIDA E CONSCIÊNCIA / 2013

A pronúncia é a mesma, mas os significados de “a fim” e “afim” são bastante diferentes.

A fim

Usa-se “a fim”, muitas vezes acompanhado pela preposição “de”, para indicar:

- finalidade
*Maria fez de tudo **a fim** de conquistar o emprego.*
- interesse
*Não estou **a fim** de ir à festa.*

Afim

“Afim” pode ser:

- adjetivo, significando “igual”, “semelhante”, “parecido”
*Português é uma língua **afim** com o espanhol.*
- substantivo, significando “pessoas que se aproximam por afinidade”, “aliados”
*Tínhamos algumas ideias **afins**.*

AO INVÉS DE OU EM VEZ DE?

CONDECA/GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

“Ao invés de” e “em vez de”, como ocorre em “... em vez de pagar o imposto de renda?”, são expressões análogas, mas têm aplicações diferentes.

Ao invés de

Usa-se “ao invés de” quando há exposição de ideias contrárias, significando “ao contrário”.

Ao invés de se queixar, trabalhe com afinco.

Em vez de

Usa-se “em vez de” quando houver a substituição de uma ideia por outra, diferente, significando “no lugar de”. Exemplo:

Em vez de trabalhar hoje à tarde, estude para a prova.

DE O(A) OU DO(A)?

Apesar de ser considerado quase um preciosismo, é importante conhecer os casos em que são usados “de o(a)” e “do(a)”.

De o(a)

Usa-se “de o(a)” quando a preposição “de” não fizer parte do sujeito.

*Está na hora **de o** passarinho voar alto.*

(sujeito = o passarinho, e a preposição “de” não faz parte do núcleo do sujeito).

Do(a)

Usa-se “do(a)” quando a preposição “de” se funde com os artigos “o”, “a”, “os”, “as” ou com os pronomes “ele”, “ela”, “eles”, “elas” para geralmente indicar posse ou origem, por exemplo.

*A sala **da** casa é ampla.*

(da = de + a)

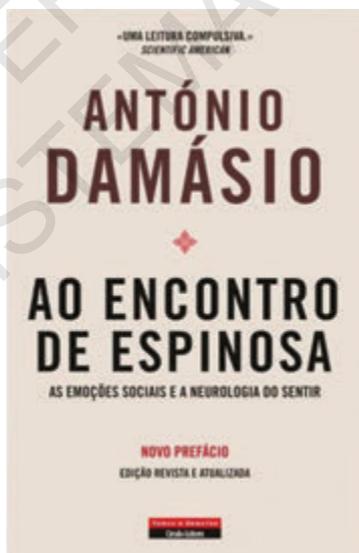
*A namorada **dele** está irritada.*

(dele = de + ele)

*Moro em São Paulo, mas sou **da** Colômbia.*

(da = de + a)

AO ENCONTRO DE OU DE ENCONTRO A?



TEMAS E DEBATES/2012

As expressões “de encontro a” e “ao encontro de”, como ocorre na capa da obra, devem ser utilizadas conforme exista convergência ou divergência de ideias sobre o que se pretende comunicar.

Ao encontro de

A expressão “ao encontro de” tem significado de “estar de acordo com”, “em direção a”, “favorável a”, “para junto de”. “em consonância”.

*Essa pesquisa veio **ao encontro do** que eu pensava.*
(ao encontro do = de acordo com o)

*A criança correu **ao encontro da** mãe.*
(ao encontro da = junto da)

*A sentença veio **ao encontro da** pretensão do autor.*
(ao encontro do = a favor do)

De encontro a

A expressão “de encontro a” tem significado de “contra”, “em oposição a”, “para chocar-se com”. Exemplos:

*Minhas ideias vão **de encontro às** de meu chefe.*
(de encontro = contra)

*A decisão do juiz foi **de encontro ao** pedido do autor.*
(de encontro = em oposição)

*O carro foi **de encontro ao** muro.*
(de encontro = chocar-se com)

TAMPOUCO OU TÃO POUCO?



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SANTO TIRRO, PORTUGAL

As expressões “tampouco” e “tão pouco”, como ocorre no cartaz de divulgação, devem ser utilizadas conforme o sentido que se pretende alcançar.

Tampouco

“Tampouco” é um advérbio usado para reforçar ou para repetir uma negação feita anteriormente, tendo

como sinônimos “também não”, “nem”, “sequer” e “muito menos”.

*Se seu irmão não pode ser, você **tampouco!***
(tampouco = também não, muito menos)

*Quem é inteligente não bebe **tampouco** fuma.*
(tampouco = nem, muito menos)

Tão pouco

O significado da expressão “tão pouco” é “muito pouco”, podendo ser utilizada para enfatizar a intensi-

dade de algo ou para indicar o grau comparativo de igualdade do adjetivo: “tão pouco como”. Exemplos:

*Às vezes, para alegrar uma criança é preciso **tão pouco!***
(tão pouco = muito pouco)

*Tenho **tão pouca** vontade de ir à festa...*
(tão pouca = muito pouca)

*Aquele menino gosta de futebol **tão pouco como** eu.*
(tão pouco como = comparativo de igualdade)

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

TÓPICOS DE ORTOGRAFIA II

Onde

indicando permanência

x

Aonde

indicando movimento

Tampouco

também não, nem, sequer, muito menos

x

Tão pouco

ênfase, intensidade, grau comparativo de igualdade do adjetivo

Senão

exceto, salvo, indicando defeito

x

Se não

caso não, quando não

Ao encontro de

de acordo com, em direção a, favorável a, para junto de

x

De encontro a

contra, em oposição a, para chocar-se com

Mal

advérbio de modo, contrário de "bem"

x

Mau

adjetivo, contrário de "bom"

De o(a)

a preposição introduz oração sem valor semântico de posse

x

Do(a)

a preposição pode introduzir oração com valor semântico de posse

A

indicando tempo futuro ou distância

x

Há

tempo passado

Ao invés de

ao contrário

x

Em vez de

no lugar de

A palavra porque pode ocorrer de 4 formas diferentes, dependendo do contexto sintático e semântico:

porque

em

início de respostas a frases interrogativas diretas ou indiretas.

por que

em

frases interrogativas diretas ou indiretas ou com o sentido de "motivo pelo qual"

porquê

como

substantivo, significando "o motivo", "a razão"

por quê

em

fim de frases interrogativas diretas ou indiretas.

A fim

finalidade, interesse

x

Afim

igual, proximidade por afinidade, estar aliado

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unisa-SP (adaptada) – Cheguei com 21 anos e já estou há 54 em São Paulo. Desde meus primeiros dias, vivo um problema que existe até hoje e compartilho com todo mundo. Não dirijo. Ando de táxi, ônibus, metrô e caminho muito. Sou pedestre e, como tal, conheço a tragédia das calçadas. Quem caminha torce o pé em buracos, tropeça em desníveis, precisa olhar para baixo o tempo inteiro. Não há calçadas uniformes, planas, planejadas, cuidadas. Cada dono constrói seu trecho segundo sua fantasia. Há gosto, bom gosto e muito mau gosto, breguice, *kitsch*. A variedade não contribui para uma cidade criativa e original. Ao contrário, é um *mix* desordenado de excrescência.

Problemas pequenos? Some aos outros, por exemplo, as agruras de quem toma ônibus, de quem toma metrô, de manhã ou à tarde. Tente viajar nos horários de pico. Ah! Aí, sim, se vê por que é uma selva. Algum coordenador de transportes tentou fazer uma viagem num coletivo cheio, em dia de calor, janelas fechadas? Algum já viajou esmagado, prensado, sufocado, o ar faltando aos pulmões?

Sonho com utopias. A São Paulo ideal teria calçadas largas contendo uma ciclovia e árvores. E bueiros que deem vazão às águas das chuvas. E um povo que não varra as folhas para dentro dos bueiros. E que tenha recipientes para se depositar o lixo. A São Paulo ideal teria prédios de no máximo oito andares e praças e jardins e parques. E principalmente projetos e planos diretores que olhassem o futuro, e não o presente imediato e eleitoral. E administradores que olhassem com carinho para a cidade.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O Estado de S. Paulo*, 01 jul. 2012. Adaptado.

Quanto à grafia das palavras, está correta a alternativa:

- a) Com a reurbanização das favelas, a estruturação cicloviária, a capacidade dos governantes em discernir o que é prioridade, São Paulo seria uma selva porquê?
- b)** Com a reurbanização das favelas, a estruturação cicloviária, a capacidade dos governantes em discernir o que é prioridade, São Paulo seria uma selva por quê?
- c) Com a reurbanização das favelas, a estruturação cicloviária, a capacidade dos governantes em discernir o que é prioridade, São Paulo seria uma selva porque?
- d) Com a reurbanização das favelas, a estruturação cicloviária, a capacidade dos governantes em discernir o que é prioridade, São Paulo seria uma selva por que?

“Por quê” é usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas.

2. PUC-PR – Observe:

Não imagino _____ ele está demorando tanto.

Talvez _____ o carro tenha enguiçado.

Se você sabe _____, diga-me.

Os espaços nas frases acima ficam corretamente preenchidos com:

- a) por que, porque, por que.
- b) por que, por que, por que.
- c) porque, porque, por quê.
- d) porque, por que, porquê.
- e)** por que, porque, por quê.

“Não imagino por quê ele está demorando tanto”: “por quê” é usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas. “Talvez porque o carro tenha enguiçado”: “porque”, neste caso, é uma conjunção subordinativa causal, podendo ser substituído por “pois”, “para que” e “uma vez que”. “Se você sabe por quê, diga-me”: “por quê” é usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas.

3. FEI-SP (adaptada) – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I. Estamos chegando. São Paulo fica _____ apenas 50 quilômetros daqui.

II. _____ que você chegou tão tarde?

III. João é muito _____ educado.

- a)** a – por que – mal
- b) há – porque – mau
- c) há – por quê – mau
- d) a – por quê – mal
- e) a – porque – mau

I) “Estamos chegando. São Paulo fica a apenas 50 quilômetros daqui”: a preposição “a” para transmitir a noção de tempo futuro. II) “Por que você chegou tão tarde?”: “por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas. III) “João é muito mal educado”: “mal” é advérbio e antônimo de “bem”, porque o que está em jogo é o jeito como João foi educado. Ou seja, ou o educaram bem ou educaram mal.

4. Unifor-CE (adaptada)

_____ você prefere água a refrigerante?

Prefiro água, _____ estou com muita sede.

Preenchendo as lacunas, teremos, respectivamente:

- a) Por que – por quê;
- b) Porque – porquê;
- c) Por quê – porque;
- d)** Por que – porque;
- e) Porque – por que.

“Por que você prefere água a refrigerante?”: “por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas. “Prefiro água, porque estou com muita sede”: “porque”, neste caso, é uma conjunção coordenativa explicativa, podendo ser substituído por “pois”, “para que” e “uma vez que”.

5. UFSM-RS – Analise o emprego do segmento destacado em

[...] não há **por que** se espantar com Angel e similares [...]

Em que outra alternativa esse segmento está corretamente grafado?

- a) Por quê se espantar com Angel e similares?
- b) Não vejo o porque de espantar-se com Angel e similares.
- c) Espantar-se com Angel e similares, por que?
- d)** Não sei por que se espantar com Angel e similares.
- e) Espantar-se com Angel e similares. Porquê?

“Por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas.

6. Ibmecc-SP – Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases a seguir. **C8-H27**

Ignoramos _____ o governo não alterou a tabela do imposto de renda.

O time teve um _____ desempenho.

Conheci o apartamento _____ aconteceu aquela tragédia.

- a) por que, mau, onde
 b) porque, mal, onde
 c) porquê, mal, aonde
 d) por que, mau, aonde
 e) porque, mau, aonde

"Ignoramos por que o governo não alterou a tabela do imposto de renda": "por que" é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas e pode ser aqui substituído por "a razão pela qual". "O time teve um mau desempenho": "mau" é adjetivo e antônimo de "bom". "Conheci o apartamento onde aconteceu aquela tragédia": "onde" indica o lugar em que alguém ou alguma coisa está, ou seja, transmite a ideia de estado de permanência → "em que lugar", "lugar em que".

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Udesc (adaptada) – Verifique, nas proposições a seguir, se os termos em destaque estão corretamente empregados.

- I. A alegria do menino aumentava tanto que ele **mal** se continha.
 II. Há muito comércio perto de **onde** moro.
 III. Não concordo com sua opinião, pois o que você acha a respeito de riqueza vem **ao encontro do** que eu penso.
 IV. Não aceito nada que venha **de encontro aos** meus princípios morais.
 V. O professor não estava a par dos fatos da semana **porquê** não se manifestou durante a reunião com os colegas.

Assinale a alternativa que contenha a seleção de sentenças com o emprego correto dos termos.

- a) I, III, IV
 b) II, III, IV
 c) II, IV, V
 d) I, II, IV
 e) III, IV, V

8. Uece (adaptada) – Está corretamente empregada a forma destacada de:

- a) a aluna tirou nota baixa **por que** não estudou.
 b) ame bonito, **se não** você sofrerá.
 c) conheci o apartamento **aonde** o meu amor morava.
 d) os apaixonados não morrerão, **tampouco** o amor se acabará.

9. UFC-CE – Marque as alternativas em que os porquês estão grafados corretamente.

- 01) A casa materna dá saudade **por que** sempre inspirou amor.
 02) Toda mãe sabe o **porquê** de sua casa ser tão querida.
 04) Gostaria de saber **por que** a casa materna dá tanta saudade!
 08) **Por que** a casa materna é o espelho de outras?

10. IME-RJ (adaptada) – Na frase a seguir há erro ou impropriedade. Reescreva-a e justifique a correção.

Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou.

11. Uece – A expressão em destaque está corretamente usada em:

- a) **Porquê** estava cansado, o namorado dormiu.
 b) Não sabemos o **porque** da sua dúvida.

c) Você me evita não sei **por quê**.

d) Não sei **por quê** você me evita.

12. IME-RJ (adaptada) – Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

- a) Você não fez a lição **porquê**?
 b) O mau das pesquisas é que não são feitas por meio de perguntas realmente adequadas.

13. Udesc – Assinale a alternativa que completa adequadamente os espaços, levando em conta as normas da escrita padrão.

– Não sei _____ me mandaram para a sepultura dentro deste *smoking* ridículo e bolorento!"

– Pois então, amigos e romanos, desçamos sobre Antares convidá o advogado.

– _____? – protesta o sapateiro. _____ é rica?

– Não. _____ é uma dama."

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Globo, 1995.

- a) por que – Porque – Por que – Porquê
 b) porque – Porquê – Por quê – Porque
 c) por quê – Por que – Porque – Por quê
 d) por quê – Por quê – Porquê – Porque
 e) por que – Por quê – Porque – Porque

14. UEPG-PR (adaptada)

A mulher das cavernas

Como foi que o homem chegou à América? Para a maior parte dos cientistas, essa é uma pergunta simples: a porta de entrada foi o Alasca, por onde passaram os nômades asiáticos que há cerca de 17 mil anos atravessaram uma grande geleira onde hoje está o estreito de Bering. Desde os anos 50 essa é a hipótese oficial. Mas não a única. Outra ideia é defendida por Niéde Guidon, uma das mais ativas arqueólogas brasileiras, e certamente a mais polêmica. Até há pouco tempo, Niéde dizia que o homem estava na América há 57 mil anos – por isso era menosprezada pela comunidade científica. Agora, ele atualizou seus estudos, com base em análises da Universidade do Texas. E mudou de ideia. "O homem primitivo vive no continente há muito mais tempo; 100 mil anos", diz.

Essa análise foi baseada nas mesmas amostras que antes eram datadas em 57 mil anos: lascas de fogueira encontradas por Niéde no Boqueirão da Pedra Furada, no Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí –

que sempre foram objeto de descrença por arqueólogos norte-americanos. A comprovação e o aumento da idade desses artefatos são um trunfo que Niède pretende utilizar para que cientistas do mundo todo debatam uma nova hipótese para a ocupação das Américas. “O homem primitivo também pode ter vindo para a América do Sul diretamente da África. Com isso, seriam africanos, e não asiáticos, os verdadeiros ancestrais do continente. Eles teriam chegado até aqui navegando numa época em que o Atlântico tinha nível mais baixo e era repleto de ilhas, o que tornava a travessia bem mais fácil, diz a arqueóloga.

Para reforçar suas ideias, Niède cita recentes descobertas no México e na costa leste americana, todas com mais de trinta mil anos – e bem longe do Alasca. Além disso, existem correntes marítimas no oceano Atlântico que passam pela costa africana e vêm direto para o nordeste do Brasil e ilhas caribenhas. Recentemente, pescadores africanos perderam suas velas numa tempestade e chegaram 3 dias depois ao Brasil, trazidos pelo mar. Famintos e com sede. Mas vivos.

MEIGUINS, Alessandro. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ago. 2005, p. 22.

Assinale as alternativas em que os vocábulos sublinhados estão empregados em sua forma correta.

- 01)** Os pescadores africanos chegaram ao Brasil há 3 dias.
- 02)** Do Brasil a África é realmente uma distância considerável.
- 04)** A ilha fica a vinte quilômetros da costa.
- 08)** Há, certamente, muita verdade nas palavras da arqueóloga.

15. Ibmec-SP

Grunhido eletrônico

Ouvi dizer que é cada vez maior o número de pessoas que se conhecem pela Internet e acabam casando ou vivendo juntas uma semana depois. As conversas por computador são, necessariamente, sucintas e práticas, e não permitem namoros longos, ou qualquer tipo de aproximação por etapas. Estamos longe, por exemplo, do tempo em que as pessoas se viam numa quermesse de igreja e se mandavam recados pelo alto-falante.

Como as quermesses eram anuais, elas só se falavam uma vez por ano, e sempre pelo alto-falante. Quando finalmente se aproximavam, eram mais dois anos de namoro e um de noivado, e só na noite de núpcias, imagino, ficavam íntimos, e mesmo assim acho que o vovô dizia: “Com licença.” Na geração seguinte, o homem pedia a mulher em namoro, depois pedia em noivado, depois pedia em casamento, e, quando finalmente podia dormir com ela, era como chegar no guichê certo depois de preencher todas as formalidades, reconhecer todas as firmas e esperar que chamassem a sua senha. Durante o namoro, ele mandava poemas, o que sempre funcionava, e muitas mulheres de uma certa época, para serem justas, deveriam ter casado com Vinícius de Moraes.

As pessoas dizem que houve uma revolução sexual. O que houve foi o fechamento de um ciclo, uma involução. No tempo das cavernas, o macho abordava a fêmea, grunhia alguma coisa e a levava para a cama, ou para o mato. Com o tempo, desenvolveram-se a corte, a etiqueta da conquis-

ta, todo o ritual de aproximação que chegou a exageros de regras e restrições, e depois foi se abreviando aos poucos até voltarmos, hoje, ao grunhido básico, só que eletrônico. Fechou-se o ciclo.

A corte, claro, tinha sua justificativa. Dava à mulher a oportunidade de cumprir seu papel na evolução, selecionando para procriação aqueles machos que, durante a aproximação, mostravam ter aptidões que favoreceriam a espécie, como potência física ou econômica, ou até um gosto por Vinícius de Moraes. Isso quando podiam selecionar e a escolha não era feita por elas. No futuro, quando todo namoro for pela Internet, todo sexo for virtual e as mulheres ou os homens, nunca se sabe, só derem à luz *bytes*, o único critério para seleção será ter um computador com *modem* e um bom provedor de linha.

Talvez toda a comunicação futura seja por computador. Até dentro de casa. Será como se os nossos namorados da quermesse levassem os alto-falantes para dentro de casa. Na mesa do café, marido e mulher, em vez de falar, digitarão seus diálogos, cada um no seu terminal. E, quando sentirem falta de palavra falada e do calor da voz, quando decidirem que só frases soltas numa tela não bastam e quiserem se comunicar mesmo, como no passado, cada um pegará seu celular.

Não sei o que será da espécie. Tenho uma visão do futuro em que viveremos todos no ciberespaço, volatizados. Só nossos corpos ficarão na Terra porque alguém tem que manejar o teclado e o *mouse* e pagar a conta da luz.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo On-line*, 12 out. 1997.

No último parágrafo do texto, na frase

Só nossos corpos ficarão na terra porque alguém tem que manejar o teclado e o *mouse* e pagar a conta da luz,

o conectivo **porque** está usado corretamente.

Em qual das alternativas abaixo esse conectivo está sendo usado de forma incorreta?

- a)** Se pago, quero saber porque pago.
- b)** Temos de procurar saber por que as novelas prendem tanto os telespectadores.
- c)** O diretor não compareceu à reunião e nunca soubemos por quê.
- d)** Não entendo o porquê da rejeição.
- e)** Sabes por que ela não veio?

16. Fuvest-SP – A frase em que todos os vocábulos grifados estão corretamente empregados é:

- a)** Descobriu-se, **há** instantes, a verdadeira razão **por que** a criança se recusava **a** frequentar a escola.
- b)** Não se sabe, de fato, **porquê** o engenheiro preferiu destruir o pátio **a** adaptá-lo **às** novas normas.
- c)** Disse-nos, já **a** várias semanas, que explicaria o **porque** da decisão tomada **às** pressas naquela reunião.
- d)** Chegava tarde, **porque** precisava percorrer **a** pé uma distância de dois **a** três quilômetros.
- e)** Não prestou contas **a** associação de moradores, não compareceu **a** audiência e até hoje não disse **por quê**.

17. Sistema Dom Bosco – Leia a tirinha



GALVÃO, Jean. Porque. 11 ago. 2014. Disponível em: <<https://tiroletas.wordpress.com>>. Acesso em: fev. 2019.

As lacunas da tirinha devem ser preenchidas, respectivamente, com

- Porquê, Porque, Por que
- Por quê, Porque, Por que
- Por quê, Por que, Por que
- Porquê, Porque, Porque
- Por quê, Por que, Porque

ESTUDO PARA O ENEM

18. UFMS

A casualidade

C8-H27

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

LOPES, Carlos Herculano. In: *Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir...* Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto, jun. 2005.

Considerando a oração “sabe-se lá **por que**”, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- Dependendo do sentido em que é empregada, a palavra *porque* apresenta diferentes grafias: por que (como na oração citada), porque, porquê, por quê.
- A palavra em destaque acima equivale a “por qual razão”, “por qual motivo”.
- Na construção de uma frase interrogativa que encontre resposta na oração do texto, grafa-se *porque*.
- Preserva-se a mesma equivalência significativa ao se substituir “por que” por “o porquê”.
- Por sua significação na frase, a palavra *por que* pode ser pluralizada.

19. FGV-SP (adaptada) – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia. C8-H27

- Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
- Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimateia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
- Você não me respondeu minha carta por quê?
- Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
- Paulo não é um mal menino, mas dá muito trabalho aos pais.

20. Udesc (adaptada) – Por meio das falas e rubricas apresentadas na peça *O pagador de promessas*, Dias Gomes procurou evidenciar alguns problemas socio-culturais da vida brasileira. C8-H27

Analise o diálogo abaixo e escolha os operadores que o completam de acordo com as recomendações da língua escrita.

Sacristão: Também _____ a senhora vem logo na missa das seis? _____ não vem mais tarde?

Beata: _____ quero. _____ não é da sua conta. (Aponta para a cruz.)

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Assinale a alternativa que completa **corretamente** os espaços, de cima para baixo.

- porque – Por que – Por que – Porque.
- porque – Porque – Porquê – Por que.
- por que – Porquê – Porque – Porque.
- por que – Por que – Por que – Porquê.
- por que – Por que – Porque – Porque.

41

ACENTUAÇÃO

- Prosódia
- Monossílabos tônicos
- Oxítonas
- Paroxítonas
- Proparoxítonas
- Hiato
- Ditongo
- Acento diferencial

HABILIDADES

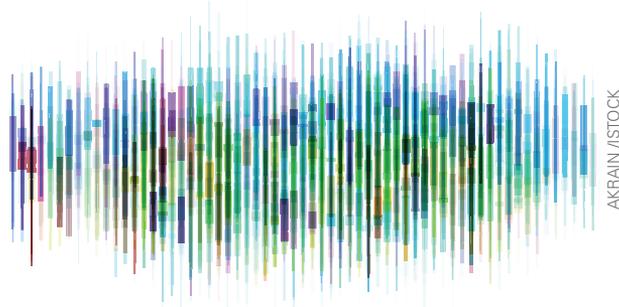
- Identificar a diversidade de sons em diferentes vocábulos e em vocábulos semelhantes.
- Identificar e utilizar, no processo de compreensão e interpretação do texto, as regras de acentuação básicas.
- Distinguir as diferentes pronúncias de um vocábulo, observando a fonética e o contexto.

Um pouco de prosódia...

Os estudos realizados sob o recorte da prosódia tratam de temas como acento, tom e duração das palavras.

Como visto anteriormente, prosódia é palavra herdada do latim *prōsōdīa* (*prosodia*: tom ou o acento de uma sílaba), esta derivada do grego *προσῳδία* (*prosoidia*: acento); atualmente a prosódia é uma área interessada na sistematização da exata acentuação tônica dos sons de acordo com a norma culta da língua, com recorte em elementos como acento, tom e duração.

ACENTO



O acento tônico é uma marca presente em todas as palavras que contenham duas ou mais sílabas.

Todas as palavras de duas ou mais sílabas possuem uma sílaba tônica, sobre a qual recai o acento prosódico, isto é, o acento da fala.

Ma-la
Co-**ra**-gem
Li-te-ra-**tu**-ra
U-ni-ver-si-**da**-de

Em um período, estão presentes tantos acentos prosódicos quantas forem as palavras com duas ou mais sílabas.

*Minha avó **gosta** de contar **histórias** no **começo** da **noite**.* (7 acentos)

Os **brasileiros costumam** ser **muito amistosos** e **acolhedores**. (5 acentos)

O acento prosódico, também chamado de tônico, é diferente do acento gráfico, pois, diferentemente daquele, este se relaciona à escrita das palavras.



Acento prosódico ou tônico → marca a intensidade dos fonemas na fala.

Acento gráfico → pode indicar graficamente a sílaba tônica da palavra.

Pode-se afirmar que os acentos gráficos existem para que características prosódicas sejam expressas graficamente, garantindo, pois, que a sílaba tônica seja representada na palavra escrita e atenuando o risco de alterações nos processos de enunciação.

Em dois dos exemplos anteriores, tem-se:

*Minha avó **gosta** de contar **histórias** no **começo** da **noite**.* (2 acentos gráficos)

Os **brasileiros costumam** ser **muito amistosos** e **acolhedores**. (nenhum acento gráfico)

Portanto, os acentos prosódicos ou tônicos são muito mais recorrentes que os acentos gráficos.

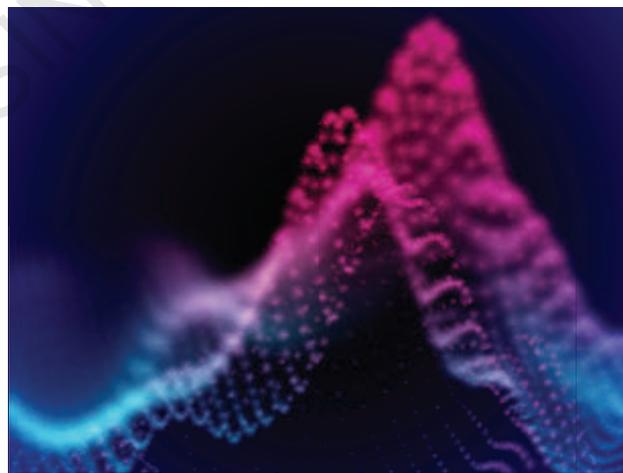
Na língua portuguesa, os acentos gráficos empregados são:

- **Acento agudo** (´): *chulé, saída, vintém, herói, bárbaro.*
- **Acento circunflexo** (^): *pivô, freguês, avô, bêbado.*
- **Acento grave** (`): *à, às, àquele, àquelas.*



O til (~) não é acento, mas apenas um sinal indicativo de nasalização, de forma que pode ser inserido em representação de sílaba átona (*sótão, órgão*) e aparecer várias vezes em uma mesma palavra (*pãozão, irmãozão*), além de não ser eliminado na troca de sílaba tônica causada pelo acréscimo de sufixo, como **-zinho**, por exemplo (*imã* → *imãzinho*).

TOM



O tom é a variação na altura dos sons emitidos durante a fala.

O tom diz respeito à variação da altura do som de determinado fonema ou sílaba emitido durante a fala.

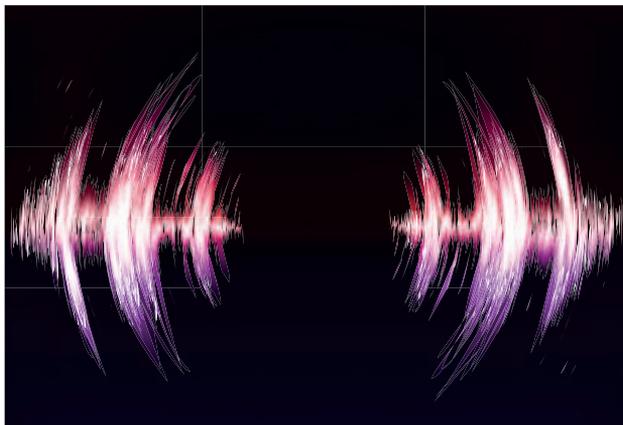
*Isso é muito **doído**.*

*Isso é muito **doído**.*

No primeiro caso, trata-se de alguém que perdeu completamente a razão ou não tem nenhum juízo, ao passo que, no segundo, diz respeito a algo que causa muita dor.

Como se pode constatar, a importância do acento gráfico é justamente a possibilidade de diferenciar tais sentidos, preservando os significados próprios da enunciação no texto escrito.

DURAÇÃO



VELERI/ISTOCK

Em algumas línguas, a duração é um item de valor semântico distinto bastante produtivo, fazendo que palavras de estrutura fonética semelhante façam referência a diferentes elementos, de acordo com a variação da duração de uma mesma vogal.

Duração é a quantidade de tempo que se leva para pronunciar uma sílaba, de modo a atribuir-lhe maior ou menor valor e peso conforme haja alongamento ou encurtamento dos segmentos.

Esse texto é imenso!

Nesse período, provavelmente a sílaba "-men-", da palavra "imenso", será pronunciada de forma alongada (i-meeeeeeeeen-so) para demonstrar o quanto é grande o texto.



NOMAD_SOU/ISTOCK

Em algumas línguas, a duração é um item de valor semântico distinto bastante produtivo, fazendo que palavras de estrutura fonética semelhante façam referência a diferentes elementos, de acordo com a variação da duração de uma mesma vogal.

Do latim clássico, podem ser apresentados esses exemplos:

Palavra com sílaba breve	Palavra com sílaba longa
<i>līber</i> (livre)	<i>līber</i> (livro)
<i>mālum</i> (mau)	<i>mālum</i> (maçã)
<i>sōlum</i> (solo)	<i>sōlum</i> (só)

Graficamente, a duração das sílabas é indicada por sinais sobre as vogais dessas sílabas, conhecidos como macro: ¯, para as sílabas longas, e braquia: ˇ, para as sílabas breves.

Regras de acentuação



JANE_KELLY/ISTOCK

A acentuação gráfica impede que o padrão prosódico das palavras seja alterado em decorrência da difusão de textos escritos.

MONOSSÍLABOS TÔNICOS

Monossílabos tônicos possuem autonomia fonética, sendo proferidos fortemente em uma frase onde aparecem.

*Existem crianças felizes neste **lar**.
Minhas primas **já** chegaram.*

De acordo com a norma-padrão, acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em:

- **-a(s)** → *lá, cá, já.*
- **-e(s)** → *pé, fé, mês.*
- **-o(s)** → *pó, nó, só.*

OXÍTONAS

Oxítonas são palavras que têm a última sílaba tônica. De acordo com a norma-padrão, são acentuadas as oxítonas terminadas em:

- **-a(s)** → *manacá/manacás, maracujá/maracujás, Paraná.*
- **-e(s)** → *purê/purês, café/cafés, Taubaté.*
- **-o(s)** → *paletó/paletós, metrô/metrôs, dominó/dominós.*
- **-em(-ens)** → *armazém/armazéns, refém/reféns, também.*

NOMAD_SOU/ISTOCK



Há verbos que, ao serem combinados com pronomes oblíquos, produzem formas oxítonas ou monossilábicas que se enquadram nas regras de acentuação das oxítonas.

Dar + a = dá-la (“dá” → monossílabo tônico terminado em **-a**).

Fez + o = fê-lo (“fê” → monossílabo tônico terminado em **-e**).

Beijar + a = beijá-la (“beijá” → oxítona terminada em **-a**).

Fazer + o = fazê-lo (“fazê” → oxítona terminada em **-e**).

PAROXÍTONAS

Paroxítonas são palavras que têm a penúltima sílaba tônica. De acordo com a norma-padrão, são acentuadas as paroxítonas terminadas em:

- **-l** → *fácil, túnel, réptil*.
- **-n** → *pólen, abdômen, hífen*.
- **-r** → *açúcar, fêmur, repórter*.
- **-ps** → *bíceps, fórceps, tríceps*.
- **-x** → *tórax, látex, córtex*.
- **-us** → *vírus, ônus, húmus*.
- **-i(s)** → *júri/júris, lápis, tênis*.
- **-um(-uns)** → *fórum/fórums, álbum/álbuns, médium/médiuns*.
- **-on (-ons)** → *elétron/elétrons, cânion/cânions, mórmon/mórmons*.
- **-ã(s)** → *órfã/órfãs, imã/imãs, dólmã/dólmãs*.
- **-ão(s)** → *órgão/órgãos, bênção/bênçãos, sótão/sótãos*.
- **Ditongo oral crescente seguido ou não de “-s”** → *orquídea/orquídeas, mágoa/mágoas, óleo/óleos, tréguat/tréguas, jóquei/jóqueis, calúnia/calúnias, tênue/tênues, série/séries, ingênuo/ingênuos, início/inícios*.

NOMAD_SOU/ISTOCK



1) As paroxítonas terminadas em **-n** são acentuadas, mas as que terminam em **-ens** não são.

hífen → *hífens*.

2) Não são acentuados os prefixos terminados em **-i** e **-r**.

semi, super.

PROPAROXÍTONAS

Proparoxítonas são palavras que têm a antepenúltima sílaba tônica. De acordo com a norma-padrão, todas as proparoxítonas são acentuadas.

álibi, árvore, patético, estratosférico, hermenêutica.

HIATO

De acordo com a norma-padrão, acentuam-se o **-i** e o **-u** quando são a segunda vogal tônica do hiato, ou seja, quando essas letras aparecem sozinhas (ou seguidas de **-s**) em uma sílaba.

saída, país, traído, saúde, baú, balaústre.

DITONGO

De acordo com a norma-padrão, devem ser acentuados os ditongos orais abertos orais e tônicos das palavras oxítonas e monossilábicas. Assim:

- **-éu** → *céu, véu, escarcéu*.
- **-éi** → *pastéis, anéis, tonéis*.
- **-ói** → *herói, faróis, anzóis*.

ACENTO DIFERENCIAL

Acentos diferenciais são aqueles que servem para marcar a diferença entre palavras homógrafas, ou seja, que são escritas da mesma forma.

Para utilizar ou não o acento, é imprescindível analisar o contexto de uso.

- **Por** (preposição) × **pôr** (verbo):
*Torço muito **por** sua vitória.*
*Quero **pôr** esse laço no cabelo.*
- **Tem** (3ª pessoa singular) × **têm** (3ª pessoa plural):
*Minha sobrinha **tem** um ano e meio.*
*Eles **têm** muita sorte.*

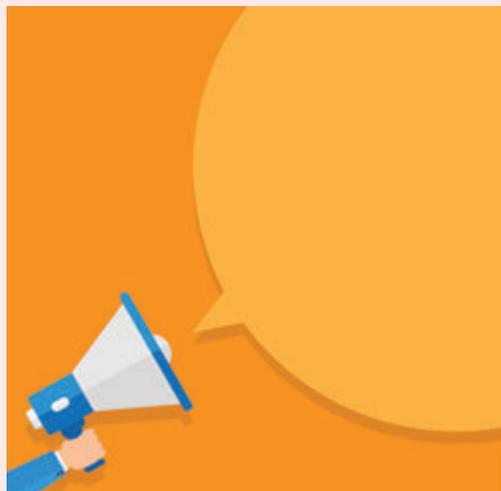
O paradigma vale para todos os verbos derivados de “ter”, como “manter”, “reter”, “obter”, “conter”, entre outros.

- **Vem** (3ª pessoa singular) × **vêm** (3ª pessoa plural):
*O estudante **vem** de muito longe todos os dias.*
*As meninas **vêm** dançar comigo hoje.*

O paradigma vale para todos os verbos derivados de “vir”, como “intervir”, “provir”, “advir”.

- **Pode** (presente) × **pôde** (pretérito):
*A moça não **pode** chegar atrasada ao compromisso hoje.*
*O rapaz não **pôde** estacionar o carro onde gostaria.*

LEITURA COMPLEMENTAR



OLENA HORBATIUK/ISTOCK

A lógica da acentuação gráfica em português

Mais de noventa e nove por cento das palavras da língua portuguesa se regem exclusivamente por uma regra lógica de acentuação gráfica, ficando menos de um por cento que se justifica por outros critérios: Acentuam-se graficamente as palavras que ferirem a natureza da língua, pois o acento gráfico foi criado para marcar o deslocamento da acentuação natural.

[...] basicamente, só se marcam graficamente as palavras que têm acentuação irregular, permanecendo sem acento gráfico as palavras de acentuação regular. Por isto, a acentuação gráfica tem duas funções na língua portuguesa: “função deslocadora de tonicidade e função diferenciadora de timbre.”

É lógico que para se perceber que a acentuação foi deslocada pelo acento gráfico é preciso saber qual é a acentuação “natural ou regular das palavras sem acento gráfico”.

Do confronto das palavras acentuadas graficamente com as não acentuadas, “verificou-se que 99,6% dos acentos

gráficos dos léxicos portugueses podem ser explicados com apenas uma regra”, tendo-se como pré-requisito único, dominar a acentuação natural das palavras sem acento gráfico.

[...]

A acentuação regular ou natural nos indica as palavras que não precisam de acento gráfico, contando-se as vogais da direita para a esquerda:

1 – Se a palavra termina nas vogais fracas (a, e, o, am, em, ens), o acento natural estará na penúltima vogal: “objetiva”, “proferidas”, “tonicidade”, “preliminares”, “sendo”, “apoiados”, “acentuam”, “cedem”, “jovens”;

2 – Se a palavra termina de outra forma (em qualquer uma das demais terminações não incluídas no rol acima), essa terminação será forte e o acento se fixará na última vogal: “parti”, “coatis”, “Bauru”, “urubus”, “beiral”, “papel”, “funil”, “paiol”, “azul”, “azar”, “lazer”, “rugir”, “horror”, “abajur”, “jasmim”, “marrom”, “algum”, “cartaz”, “refez”, “atriz”, “atroz”, “avestruz”, “jardins”, “neon”, “batons”, “alguns”, “canguru”, “Jesus”, “irmã”, “maças”.

3 – Quando pospostas a outras vogais, as letras “i” e “u” são normalmente semivogais, formando ditongos decrescentes, qualquer que seja a sua posição na palavra: vai, alcaide, mau, caule, cáustico, sei, seita, dêitico, seu, pleura, terapêutico, viu, foi, foice, sou, roupa.

Portanto, quando forem fortes, serão acentuadas graficamente, formando hiatos com as vogais anteriores: “ai”, “saída”, “ensaística”, “baú”, “balaústre”, “Jacarei”, “monoteísta”, “politeístico”, “pajeú”, “jacareúba”, “tapiú”, “teiú”, “socoí”, “amendoí”, “corroído”, “dou”, “tatuí”, “Luísa”, “concluíssemos”, “embuú”.

SILVA, José Pereira da. A acentuação gráfica em uma só regra – a lógica da acentuação gráfica em português. *Revista Philologus*, ano 13, n. 37. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2007.

MATERIAL DE ESTUDO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

REGRAS DE ACENTUAÇÃO

São acentuados os monossílabos tônicos terminados em

-a(s), -e(s), -o(s).

Devem ser acentuados os ditongos

orais abertos e tônicos das palavras oxítonas e monossilábicas.

São acentuadas as oxítonas terminadas em

-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens).

Acentuam-se o I e o U quando

são a segunda vogal tônica do hiato.

São acentuadas as paroxítonas terminadas em

-, -n, -r, -ps, -x, -us, -i(s), -um (-uns), -on (-ons), -ã(s), -ão(s),

ditongo oral crescente seguido ou não de "-s".

Todas as proparoxítonas

são acentuadas.

São usados acentos diferenciais para

marcar a diferença entre palavras homógrafas.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FCM-PB

Assinale a alternativa em que as palavras são acentuadas pela mesma razão:

- a) econômica, crônica, política
- b) saúde, países, vírus
- c) possível, além, etária
- d) vários, três, líderes
- e) médicos, âmbito, poderá

As palavras "econômica", "crônica" e "política" são proparoxítonas e, portanto, devem ser sempre acentuadas.

2. Unifor-CE

"Mediante o direcionamento da vontade, o espírito pode subverter sua relação com a alma, criando para si uma ilusão de domínio que, longe do benefício da partilha, isola-o em concupiscência e ignorância. Mas também pode escolher por direcionar essa sua vontade ao encontro colaborativo com a alma do mundo para tornar-se um ser capaz de responder a si e a seu entorno, ou seja, para tornar-se um ser responsável."

Carlos Velázquez

Marque o item correto que traz as palavras do texto que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

- a) Domínio, benefício, concupiscência.
- b) Benefício, concupiscência, espírito.
- c) Responsável, ignorância, espírito.
- d) Espírito, domínio, benefício.
- e) Responsável, espírito, benefício.

As palavras "domínio", "benefício" e "concupiscência" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente: "nio", "cio" e "cia", respectivamente.

3. FGV-SP

O administrador da repartição em que Pádua trabalhava teve de ir ao Norte, em comissão. Pádua, ou por ordem regulamentar, ou por especial designação, ficou substituindo o administrador com os respectivos honorários. Não se contentou de reformar a roupa e a copa, atirou-se às despesas supérfluas, deu joias à mulher, nos dias de festa matava um leitão, era visto em teatros, chegou aos sapatos de verniz. Viveu assim vinte e dois meses na suposição de uma eterna interinidade. Uma tarde entrou em nossa casa, aflito e esvairado, ia perder o lugar, porque chegara o efetivo naquela manhã. Pediu à minha mãe que velasse pelas infelizes que deixava; não podia sofrer a desgraça, matava-se. Minha mãe falou-lhe com bondade, mas ele não atendia a coisa nenhuma.

– Não, minha senhora, não consentirei em tal vergonha! Fazer descer a família, tornar atrás... Já disse, mato-me! Não hei de confessar à minha gente esta miséria. E os outros? Que dirão os vizinhos? E os amigos? E o público?

– Que público, Sr. Pádua? Deixe-se disso; seja homem.

Lembre-se que sua mulher não tem outra pessoa... e que há de fazer? Pois um homem... Seja homem, ande.

Pádua enxugou os olhos e foi para casa, onde viveu pros-trado alguns dias, mudo, fechado na alcova, – ou então no

quintal, ao pé do poço, como se a ideia da morte teimasse nele. D. Fortunata ralhava:

– Joãozinho, você é criança?

Mas, tanto lhe ouviu falar em morte que teve medo, e um dia correu a pedir à minha mãe que lhe fizesse o favor de ver se lhe salvava o marido que se queria matar. Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... Pádua obedeceu; confessou que acharia forças para cumprir a vontade de minha mãe.

– Vontade minha, não; é obrigação sua.

– Pois seja obrigação; não desconheço que é assim mesmo.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

As regras que justificam a acentuação das palavras "honorários", "atrás" e "público" também justificam, respectivamente, a acentuação das seguintes palavras, cujos acentos gráficos foram omitidos:

- a) frequência, ananas, ritmico.
- b) heroi, tenaz, frenesi.
- c) sumaria, guaranas, serio.
- d) perfumaria, perspicaz, etico.
- e) agraria, caibras, veneto.

As palavras "honorários" e "frequência" são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. "Atrás" e "ananas" recebem acento por serem oxítonas terminadas em "ás". As palavras "público" e "rítmico" são proparoxítonas e, portanto, devem ser sempre acentuadas.

4. IFRS

Na oração "O **láp**is ficou sobre a **cô**moda, pertinho da **saída**"; os três vocábulos destacados recebem acento gráfico, respectivamente, pela mesma regra que

- a) júri - árvore - faisca
- b) elétron - paralelepípedo - café
- c) bíceps - história - saúde
- d) biquíni - xícara - açúcar
- e) tráfego - sério - difícil

As palavras "láp

5. IFSC

Texto I

Livro

Eu me livro daquele garoto chato

Com um livro enfiado no meu nariz

Fingindo achar a história feliz.

KUASNE, Selma Maria. *Isso isso*. São Paulo: Peirópolis, 2010. s/p.

Texto II

QUINO/FOTARENA



QUINO. *Mafalda*. Tradução de Mônica S. M. da Silva. São Paulo: Matins Fontes, 1987.

Considerando a posição da sílaba tônica e as regras de acentuação das palavras, assinale a alternativa correta:

- As palavras “garoto”, “história”, “feliz” e “nariz”, do Texto I, são palavras proparoxítonas, e “livro”, “dicionário”, “terminar” e “nunca”, do Texto II, são palavras oxítonas.
- As palavras “história”, do Texto I, e “dicionário”, do Texto II, não deveriam estar acentuadas porque os acentos agudos não fazem mais parte do português brasileiro.
- A palavra “história”, do Texto I, é uma palavra paroxítona e está corretamente acentuada; e “você”, do Texto II, é uma palavra oxítona e deve ser acentuada da mesma forma que “café”, “dendê”.
- As palavras “história”, do Texto I, e “dicionário”, do Texto II, foram acentuadas corretamente, mas possuem regras de acentuação diferentes porque a primeira é considerada paroxítona e, a segunda, proparoxítona.
- As palavras “nariz” e “feliz”, do Texto I, deveriam estar acentuadas assim como as palavras “terminar”, “ler”, “grosso” e “nunca”, do Texto II, que deveriam receber acento circunflexo.

A palavra “história” é paroxítona terminada em ditongo crescente, devendo, pois, ser acentuada. As palavras “você”, “café” e “dendê” são acentuadas por serem oxítonas terminadas em “e”.

6. IFSP

C8-H27

Quantos seres humanos a Terra seria capaz de suportar?

O número ideal seria entre 1,5 a 3 bilhões de pessoas. Atualmente, porém, a população é de 7 bilhões. Ou seja, já somos mais do que o dobro do que a Terra conseguiria abrigar de forma sustentável. De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), três

fatores devem ser considerados para o cálculo: disponibilidade de comida, água e terra; padrão de consumo e capacidade do planeta de absorver a poluição; e número de pessoas. Para o pesquisador Alan Weisman, autor de “Contagem Regressiva - A Nossa Última e Melhor Esperança para um Futuro na Terra”, há um paradoxo. Não adianta aumentar a nossa capacidade de alimentar e manter bilhões de pessoas vivas se cada vez mais pessoas continuarem nascendo. “No início do século 20 éramos 2 bilhões e tínhamos vastas florestas, qualidade de vida, comida para todo mundo e pouca emissão de combustíveis fósseis. Ou seja, tínhamos um planeta saudável”, afirma Weisman.

SACO SEM FUNDO – Com o avanço da tecnologia e da medicina, mais gente vive por mais tempo. Também produzimos mais grãos utilizando o mesmo espaço - atualmente, nos EUA, cerca de 70% dos grãos alimentam gado (que geram alimento para o homem). Porém, quanto mais comida produzimos, mais pessoas surgem para serem alimentadas.

ALÍVIO TEMPORÁRIO – A taxa de natalidade mundial está diminuindo. Atualmente muitas pessoas vivem nas cidades e as famílias não precisam ter tantas crianças (antigamente, os filhos eram importante força de trabalho na lavoura). Além disso, os lares estão cada vez menores e o custo de vida maior. Por tudo isso, pessoas urbanas têm cada vez menos filhos.

SOMOS EXAGERADOS – Desenvolvimento também não é garantia de abundância. Se toda a população consumisse como os americanos, a Terra não suportaria - precisaríamos do triplo de recursos existentes atualmente. Mas nem precisamos ir tão longe: com o consumo médio atual, já exploramos pelo menos duas vezes mais do que o planeta oferece.

PLANEJAMENTO FAMILIAR – De acordo com Alan Weisman, podemos reduzir a quantidade de pessoas que vivem na Terra ao longo de três gerações sem tomar medidas extremas. “Há países que reduziram o número de habitantes apenas com distribuição de contraceptivos, educação e planejamento familiar, sem precisar obrigar as famílias a ter menos filhos”.

CRUZ, Felipe B. Quantos seres humanos a Terra seria capaz de suportar?. *Mundo estranho*, 31 jul 2015.

Considere o seguinte trecho: “Desenvolvimento também não é garantia de abundância.” A palavra grifada encontra-se acentuada porque:

- é uma palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
- é uma palavra paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal.
- é uma palavra oxítona terminada em a.
- é uma palavra em que há um hiato oral.
- é uma palavra oxítona terminada em hiato.

A palavra “abundância” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo oral crescente: “-cia”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFSC

Aula de português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo II*.
Rio de Janeiro: Record, 1999.

Tendo em vista a leitura do texto e considerando a posição da sílaba tônica das palavras, assinale a alternativa correta.

- a) As palavras acentuadas na primeira estrofe do poema são classificadas como paroxítonas.
- b) As palavras acentuadas na terceira estrofe do poema são classificadas como proparoxítonas.
- c) As palavras acentuadas na segunda estrofe do poema são classificadas como paroxítonas.
- d) As palavras acentuadas na quarta estrofe do poema são classificadas como oxítonas.
- e) As palavras acentuadas na segunda estrofe do poema são classificadas como proparoxítonas.

8. IFRS

Na era da informação, a maioria da população brasileira continua desinformada e manipulada. É até mais fácil ver o Brasil real nas telenovelas do que nos telejornais. Estes fisionomizam o país de acordo com os interesses das elites. Aquelas, num carnaval de imagens contraditórias, acabam por mostrar tudo, embora sem qualquer lógica ou efeito real de desnudamento das desigualdades nacionais.

SILVA, Juremir Machado da. *A miséria do jornalismo brasileiro: as (in)certezas da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 23.

Assinale a alternativa em que os pares de vocábulos retirados do texto não seguem a mesma regra da norma culta de acentuação gráfica.

- a) rádio – ausência
- b) mídia – eletrônica
- c) público – dúvida
- d) consciência – ausência
- e) rádio – mídia

9. FGV-SP

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe faziam a um tempo na **consciência**: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor **intrínseco**, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto **levá-lo-iam**, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Assinale a alternativa contendo as palavras acentuadas segundo a regra que determina a acentuação, respectivamente, de *consciência*, *intrínseco* e *levá-lo-iam*.

- a) Extraordinárias; própria; país.
- b) Parágrafo; porém; até.
- c) Ofício; dúvida; atrás.
- d) Vivência; tórax; virá.
- e) Cenógrafo; bíceps; contê-las.

10. Ifal

A natureza das coisas

Se avexe não...

Amanhã pode acontecer tudo

Inclusive nada.

Se avexe não...

A lagarta rasteja

Até o dia em que cria asas.

Se avexe não...

Que a burrinha da felicidade

Nunca se atrasa.

Se avexe não...

Amanhã ela para

Na porta da tua casa.

Se avexe não...
 Toda caminhada começa
 No primeiro passo.
 A natureza não tem pressa
 Segue o seu compasso.
 Inexoravelmente chega lá...
 Se avexe não...
 Observe quem vai
 Subindo a ladeira
 Seja princesa, seja lavadeira...
 Pra ir mais alto
 Vai ter que suar.

ACCIOLY NETO. A natureza das coisas. In: CALDEIRA, Irah. *Mistura Brasil*. CD+: Caucaia-CE, 1999.

Quanto à tonicidade, apenas uma das palavras destacadas nos versos abaixo não é oxítona. Qual?

- Amanhã pode **acontecer** tudo
- Até** o dia em que cria asas
- Amanhã** ela para
- Inexoravelmente chega **lá**...
- Vai ter que **suar**

11. IFSC



QUINO. *Toda Mafalda*. Tradução de Andrea Stahel M. da Silva et al.. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 71.

Com relação à acentuação gráfica das palavras no texto, é correto afirmar:

- A palavra **por** (quinto quadrinho) deveria ter recebido acento diferencial por se tratar de uma forma verbal.
- A palavra **parabéns** (terceiro quadrinho) recebe um acento diferencial porque está no plural.
- A palavra **ótima** (terceiro quadrinho) recebe acento por ser proparoxítona.
- A palavra **me** (primeiro quadrinho) deveria ter recebido acento, por ser monossílabo tônico terminado em **-e**.

- O acento na palavra **é** (terceiro quadrinho) pode ser classificado como diferencial, porque não há regra que justifique seu uso.

12. IFRS

O que significa orégano

Você eu não sei, mas eu estou preocupadíssimo com a revelação de que os americanos têm monitorado tudo que é dito e escrito no Brasil nos últimos anos. Ouvem nossos telefonemas, leem nossos *e-mails* e, provavelmente, examinem o nosso lixo, atrás de indícios da nossa periculosidade. O que me preocupa é que essa informação, depois de coletada e classificada, é analisada talvez pelas mesmas pessoas que nunca duvidaram que o Saddam Hussein tivesse armas de destruição em massa e nunca estranharam que os sequestradores daqueles aviões que derrubaram as torres, no onze de nove, não se interessassem pelas aulas de aterrissagem nos seus cursos de aviação. Quer dizer, que garantia nós temos que não se enganarão de novo, e verão ameaças à segurança americana nas nossas comunicações mais inocentes? Um simples telefonema entre namorados (“desliga você”, “não, desliga você”) pode ser interpretado como parte de um plano para sabotar centrais elétricas. Um pedido para troca de bujão de gás, uma evidente referência cifrada à explosão da Casa Branca. O fato é que tenho tentado recapitular todos os meus telefonemas e *e-mails* nos últimos anos, com medo de que um deles, mal interpretado, acabe provocando minha aniquilação por um drone.

Ou então me vejo chegando aos Estados Unidos, sendo barrado por um agente da imigração e levado para uma sala sem janelas, onde sou cercado por outros agentes, provavelmente da CIA, que me pedem explicações sobre um telefonema, obviamente em código, que fiz antes de viajar. Reconheço minha voz na gravação.

— O que quer dizer “à calabresa”, Mr. Veríssimo? — pergunta um dos agentes.

Estou confuso. Não consigo pensar. Calabresa, calabresa...

— Alguma referência à máfia? Uma ligação da organização terrorista à qual o senhor evidentemente pertence, como a camorra, visando a um atentado aqui nos Estados Unidos? O senhor veio se encontrar com a máfia americana para acertar os detalhes do complô. É isso, Mr. Veríssimo?

— Não, não. Eu...

— Notamos que, mais de uma vez na gravação, o senhor diz “sem orégano, sem orégano”. Deduzimos que há uma divergência dentro do complô entre vocês e a máfia, uns a favor de se usar “orégano” no atentado, outros contra. O que, exatamente, significa “orégano”?

Finalmente, me dou conta.

— Orégano significa orégano. Eu estava pedindo uma...

— Por favor, não faça pouco da nossa inteligência, Mr. Veríssimo. Não gastamos milhões de dólares para ouvir que orégano significa orégano.

VERISSIMO, Luis Fernando. O que significa orégano. In: *O Estado de S. Paulo*, 18 jul. 2013.

Assinale a alternativa que não justifica adequadamente o acento gráfico das palavras destacadas:

- Orégano**, **preocupadíssimo** e **código** são palavras que, por serem proparoxítonas, recebem acento gráfico.

- b) Índícios, máfia e inteligência** são palavras oxítonas que recebem acento gráfico por terminarem em ditongo.
- c)** Em **gás** e **há** o acento gráfico justifica-se porque ambas as palavras são monossílabas tônicas terminadas em **-a**, seguidas ou não de **-s**.
- d) Têm** recebe acento gráfico para marcar a terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ter**.
- e)** Em **você** e **complô**, o acento gráfico justifica-se porque as palavras são oxítonas terminadas em **-e** e **-o**, seguidas ou não de **-s**.

13. IFSP

Junho 1871

Leitor de bom senso, que abres curiosamente a primeira página deste livrinho, sabe, leitor celibatário ou casado, proprietário ou produtor, conservador ou revolucionário, velho patuleia ou legitimista hostil, que foi para ti que ele foi escrito – se tens bom senso! E a ideia de te dar assim todos os meses, enquanto quiseres, cem páginas irônicas, alegres e justas, nasceu no dia em que pudemos descobrir, através da ilusão das aparências, algumas realidades do nosso tempo.

Aproxima-te um pouco de nós, e vê. O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvendo-se e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnejada. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos em Coimbra vão abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas ideias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína econômica cresce, cresce, cresce... O comércio define, a indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo. Neste salve-se quem puder a burguesia proprietária de casas explora o aluguel. A agiotagem explora o juro. De resto a ignorância pesa sobre o povo como um nevoeiro. O número das escolas só por si é dramático. O professor tornou-se um empregado de eleições. A população dos campos, arruinada, vivendo em casebres ignóbeis, sustentando-se de sardinha e de ervas, trabalhando só para o imposto por meio de uma agricultura decadente, leva uma vida de misérias, entrecortada de penhoras. A intriga política alastra-se por sobre a sonolência enfatiada do País. Apenas a devoção perturba o silêncio da opinião, com padre-nossos maquinais. Não é uma existência, é uma expiação.

QUEIRÓS, Eça. Uma campanha alegre. In: *As farpas*. vol. 1. Porto: Lello & Irmão, 1980.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e em relação às regras de acentuação, assinale a alternativa em que os três vocábulos, transcritos do texto, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.

- a)** página/ públicos/ ruína
- b)** inércia/ princípio/ indústria
- c)** país/ há/ ação
- d)** café/ crê/ país
- e)** cidadão/ café/ através

14. Ifal

Uma tarde, em Buenos Aires...

Uma tarde em Buenos Aires eu estava meio triste – mas não bebi, não telefonei, não procurei nenhuma pessoa amiga. Fechado no meu capote e no meu silêncio pus-me a andar pela rua cheia de gente. As grandes luzes só se acendem às dez da noite e, desde muito cedo, no inverno, é escuro. Há um poder nessa multidão que desfila na penumbra como um rio grosso com seu murmúrio. Deixei-me ir pela Florida, dobrei talvez em Tucumán, subi até Suipacha, desemboquei em Corrientes, e eu era mais um homem de capote no seio da multidão, e a multidão me embalava e me fazia bem. E por ser impessoal e não ter pressa e não ter pressa nem rumo, por ter um capote e sapatos grossos e por andar entre meus desconhecidos irmãos, eu me senti mais livre. E cumpri os ritos da multidão, comprei meu jornal, tomei meu café, li o placar das últimas notícias, fiquei um instante distraído mirando os frangos que giravam se tostando numa rotisseria.

Quando voltava para o meu hotel, por Florida, me lembrei do primeiro verso de um soneto que li há muito tempo, parece que de Alfonsina Storni, "lo encontré en una esquina de la calle Florida..." Fiquei com esse verso na cabeça, pensando vagamente que esse homem sem nome que alguém encontrou em uma esquina de la calle Florida podia ser eu, como podia ser milhões de outros, e tirei disso não sei que vago e particular consolo.

Não foi em uma esquina, mas foi ainda na Florida que encontrei alguém: era um casal de amigos brasileiros em lua de mel. Os dois estavam felizes, alegres deles mesmos e de tudo o mais, falando do prazer das compras de lã e da carne soberba dos restaurantes. Estimei encontrá-los, e a felicidade do casal me fez bem, mas senti, com certa curiosidade, que no fundo de mim não havia a menor inveja. Ide-vos, noivos morenos, por Florida e Corrientes, ide-vos felizes por todos os caminhos da vida. Só vos invejarão os que também procuram ser felizes; minha longa tarefa é outra, é não ser infeliz e me proteger e guardar, ser forte dentro de mim, forte, quieto, sereno. Essa tarefa me distrai; e, vendo em vossos olhos a felicidade, eu descobri que em verdade já não a procuro mais. Já passei por esse caminho; sobre minha cabeça, quando ia por ele, mais de uma árvore deixou cair flores. Não choro esse tempo; simplesmente ele passou. Assim vai passando a multidão, e dentro dela caminho outra vez, lentamente, distraído e tranquilo como um boi.

BRAGA, Rubem. Uma tarde, em Buenos Aires...

In: *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

Identifique a alternativa cuja justificativa para a acentuação gráfica está incorreta.

- a)** *Silêncio, murmúrio e notícias* – acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em ditongo.
- b)** *Distraído* – acentuam-se o **-i** e o **-u** tônicos dos hiatos.

- c) *Alguém e também* – acentuam-se as oxítonas terminadas em **-em** e **-ens**.
- d) *Só, café e já* – acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em **-a**, **-e** e **-o**.
- e) *Árvore* – toda proparoxítona é acentuada.

15. UTFPR – Em qual alternativa todas as palavras em negrito devem ser acentuadas graficamente?

- a) **Atraves** de uma lei municipal, **varias** pessoas recebem ingressos **gratis** para o cinema.
- b) É **difficil** correr **atras** do **prejuizo** sozinho.
- c) **Aqui**, em Foz do **Iguaçu**, a **dengue** esta sendo um grande problema de **saude publica**.
- d) O **bisneto** riscou os **papeizinhos** com o **lapis**.
- e) O padrão **economico** do **juiz** é elevado.

16. UnirG-TO

O que é preservar?

De acordo com Michel Parent (1984, p. 112), a exigência relacionada à preservação não se restringe apenas a uma questão de antiguidade, como se definia em outros tempos. Essa necessidade, dentro dos conceitos atuais, tende a englobar tudo o que se relaciona a testemunhos culturais, aos estudos das mentalidades, aos modos de vida em todas as épocas, assim como aos vínculos do homem com a natureza, vistos de um modo amplo e global.

Assim, todo edifício ou conjunto arquitetônico de interesse histórico deve ser preservado, mesmo que sua ligação com a história não seja por meio de personalidades ou acontecimentos históricos relevantes. O fato de um determinado edifício apresentar características marcantes de um período de nosso desenvolvimento já é suficiente para que nos preocupemos com sua defesa. A apresentação de elementos decorativos ou de técnicas construtivas específicas, de caráter regional, é também motivo que justifica seu estudo e sua preservação.

Em 1933, o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (IV CIAM) apresentou como resultado de sua reunião, realizada na Grécia, um documento que entrou para a história do século XX com o nome de “Carta de Atenas”, dedicando interesse objetivo sobre questões relacionadas ao patrimônio histórico e à conservação e preservação, tanto de monumentos quanto no que se relaciona à cidade como um todo. Segundo esse documento,

“A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que dotaram-na de sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque alguns trazem em si uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que o detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta, para os séculos futuros, essa nobre herança” (Le Corbusier, 1993, p. 118).

E não há como transmitir para gerações futuras o conhecimento construído sobre o fazer urbano e arquitetônico,

a não ser com base na preservação dos monumentos e de considerável extensão da malha urbana, não interessando aí o período que tal monumento venha representar.

Sendo assim, os edifícios públicos de nossas cidades coloniais guardam características próprias que os diferenciam tanto das construções civis e religiosas de sua época como de seus congêneres de períodos posteriores. Também aqueles representativos do neoclássico e do ecletismo trazem, em suas estruturas, seus elementos decorativos e organização interna, importantes informações, tanto para o estudo do desenvolvimento da arquitetura como da forma como a sociedade se organizava em cada um desses períodos.

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D’Ayala. *Patrimônio cultural edificado*. Goiânia: UCG, 2001. p. 73-74.

No trecho “aqueles que o detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade...”, a presença do acento circunflexo é justificada

- a) pelo fato de a palavra “proteção” derivar do verbo “proteger”.
- b) pela concordância com o pronome “eles” presente na frase anterior.
- c) pela presença do sujeito no plural “aqueles”.
- d) pelo verbo “ser” flexionado na terceira pessoa.

17. UEPG-PR

A poesia de um B.O.

Não é de hoje que a Justiça apela para a literatura para arejar o discurso formal de seus documentos e protocolos, geralmente sisudos e eivados de linguagem técnica. Se juízes e advogados já praticaram a linguagem literária em horário de trabalho, agora foi a vez da polícia mineira arriscar nas rimas.

Na cidade de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, um policial se valeu de versos para contar a história de um pai que tentava tirar o filho do mundo do crime. O registro tratava da devolução de uma arma irregular, que foi descoberta pelo pai na casa do rapaz. Com medo de que o jovem fosse preso, o pai ligou para a polícia para indicar onde deixaria a arma. O policial assim descreveu a devolução: “Recolhemos a tal arma sem força ou resistência / O velho cumpriu o trato / Sem gastar uma insistência; / O velho nunca mais vi / Deve estar por aí”.

Segundo a assessoria de imprensa da PM mineira, o militar, que não teve o nome divulgado, desrespeitou a técnica de redação dos documentos militares, o que poderá lhe render uma punição.

METÁFORA, n. 16, p. 9, . fev. 2013.

No que diz respeito à acentuação, assinale o que for correto.

- 01) Quanto à posição da sílaba tônica, os vocábulos “literatura”, “juízes” e “assessoria” classificam-se como palavras proparoxítonas.
- 02) Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas, embora nem toda palavra acentuada seja necessariamente proparoxítona.
- 04) Os vocábulos “rapaz”, “policial” e “poderá” são oxítonas, mas só a última palavra é acentuada graficamente, pois é uma oxítona terminada em “-a”.
- 08) Os vocábulos “resistência” e “insistência” classificam-se como palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

18. USF-SP

C8-H27

Direitos humanos são violados – e o Brasil se omite

Das Nações Unidas à União Europeia, todos protestam contra a prisão arbitrária de Leopoldo López, que faz oposição a Nicolás Maduro na Venezuela. Todos – menos nós.

A Venezuela está no caminho inexorável para se tornar uma ditadura de fato. No último dia 10, em um arremedo de julgamento, a Justiça do país condenou o líder oposicionista Leopoldo López, dirigente do partido Vontade Popular, a 13 anos, nove meses, sete dias e 12 horas de prisão. López, um economista de 44 anos com mestrado em Harvard, foi um dos mais ferrenhos críticos de Hugo Chávez e o principal promotor da estratégia conhecida como “La Salida”, que pedia a saída do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro.

Entre fevereiro e maio de 2014, milhares de venezuelanos protestaram contra o governo pedindo o fim do chavismo. Os protestos, duramente reprimidos pela polícia de Maduro, causaram a morte de 43 pessoas. López e quatro opositores foram acusados de incitar os crimes. Depois de ficar um ano e meio preso sem julgamento, López foi condenado por “promover a perturbação da ordem pública”, “danos à propriedade”, e “associação criminosa”. O advogado de defesa, Carlos Gutiérrez, disse que o julgamento foi repleto de irregularidades, que refletem a “falta de independência” da Justiça venezuelana. López cumprirá a pena na prisão militar de Ramo Verde, em uma cela de 4 metros quadrados, sem luz e isolada na ala solitária do presídio. Diversos organismos internacionais protestaram contra o julgamento de López e manifestaram preocupação com a democracia e os direitos humanos na Venezuela. A subsecretária de Estado dos Estados Unidos, Roberta Jacobson, se mostrou “profundamente preocupada” com a pena. A União Europeia (UE) disse que o processo contra López não foi transparente. Na última Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington, em maio, o novo secretário-geral da instituição, o uruguaio Luís Almagro, pediu respeito à oposição de ideias no continente. O representante do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos, Zeid Ra’ad al Hussein, criticou as condições de encarceramento de manifestantes pacíficos pelo governo de Maduro.

Não bastassem as claras violações de direitos humanos na Venezuela, o presidente Nicolás Maduro parece cada dia mais afeito às típicas bravatas de regimes ditatoriais em busca de manobras diversionistas. Desde junho, Maduro mergulhou a Venezuela em conflitos bilaterais com vizinhos, como Colômbia e Guiana. Muitos enxergam nas manobras de Maduro um eco da política externa do general argentino Leopoldo Galtieri. Em 1982, Galtieri invadiu as Ilhas Malvinas com a clara intenção de desviar a atenção da gravíssima crise econômica em que a Argentina mergulhara.

A tensão entre Colômbia e Venezuela é cada vez maior. O governo Maduro aumentou o estado de exceção na fronteira entre os dois países. No total, 23 municípios (de 335) estão sob rigorosa vigilância militar. Estima-se que cerca de 20 mil colombianos tenham sido deportados ou abandonado a Venezuela, provocando uma crise humanitária que o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, não esperava encarar em seu segundo mandato. Apesar

da pressão de alguns países da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), não há data para uma reunião de emergência entre os presidentes do bloco para discutir o conflito. Santos se dispôs a encontrar Maduro, mas exigiu que os líderes da Unasul “tomem decisões e não apenas tirem fotos”. Tudo isso ocorre em plena campanha para as eleições legislativas na Venezuela, em dezembro. Nelas, a oposição ao chavismo seria franca favorita, se houvesse certeza de lisura no processo eleitoral. O que há, porém, é a violência do Estado por toda parte, com a prisão arbitrária de líderes oposicionistas e cidadãos que participam de manifestações; a coação do Legislativo e do Judiciário pelo Executivo; a proliferação das milícias bolivarianas; o controle dos meios de comunicação.

Enquanto Maduro envereda rumo ao radicalismo e a truculência do governo preocupa a comunidade internacional e organismos multilaterais, o Brasil silencia. Trata-se de um mutismo contumaz – e eloquente. Depois de mais de uma década de leniência com os atos tresloucados do regime bolivariano, o Brasil está de mãos atadas para servir como mediador na Venezuela. O governo brasileiro escolheu Nelson Jobim para ser o enviado especial às eleições venezuelanas. Ex-deputado e ex-presidente do Supremo, ele serviu como ministro dos governos Fernando Henrique, Lula e Dilma. Jobim esteve na linha de frente para contornar crises anteriores provocadas pelo chavismo. Mas, desta vez, a tarefa é inglória. Maduro rejeitou a criação de uma comissão de observadores eleitorais, inviabilizando os planos originais do governo brasileiro para tentar amainar os ânimos na Venezuela. Jobim, o Brasil e nenhuma instituição ou organismo internacional terão mandado para averiguar ou denunciar irregularidades nas eleições. Nesta altura, o Itamaraty teme que qualquer manifestação sua gere uma reação intempestiva de Maduro e até um rompimento de relações da Venezuela com o Brasil. O Brasil abdicou do papel de liderança regional. Hoje, não tem mais instrumentos para influenciar o comportamento do regime venezuelano – que, enquanto isso, prende inocentes.

Revista Época, ed. 903, 26 set. 2015, p. 37.

Considere o trecho a seguir.

O que há, porém, é a violência do Estado por toda parte, com a prisão arbitrária de líderes oposicionistas e cidadãos que participam de manifestações; a coação do Legislativo e do Judiciário pelo Executivo; a proliferação das milícias bolivarianas; o controle dos meios de comunicação.

Assinale a opção em que duas palavras desse trecho sejam acentuadas pelo mesmo motivo.

- a) há – porém.
- b) violência – Judiciário.
- c) milícias – líderes.
- d) porém – é.
- e) arbitrária – líderes.

19. IFSC

C8-H27

Orgânicos: definição, composto e como fazer a compostagem

Sua história

A matéria orgânica é definida biologicamente como matéria de origem animal ou vegetal e geologicamente como compostos de origem orgânica, encontrados sob

a superfície do solo. Os papéis, que são feitos com fibra vegetal, também são considerados matéria orgânica, porém, trataremos dele separadamente. Falaremos aqui do aproveitamento de restos de comida (cascas de frutas e verduras, folhas, talo, etc.) para a fertilização do solo, num processo conhecido como *compostagem*.

Compostagem: a reciclagem na natureza

A compostagem é um processo de transformação que pode ser executado com parte do nosso lixo doméstico resultando em um excelente adubo para ser utilizado em hortas, vasos de plantas, jardins ou algum terreno que você tenha disponível. Este é um dos métodos mais antigos de reciclagem no qual imitamos os processos da natureza para melhorarmos a terra. O conceito de resíduo na natureza passou a existir com a sua excessiva geração aliada à crescente produção e uso de materiais sintéticos que não se degradam facilmente, além da utilização de substâncias químicas perigosas, como tintas, solventes e metais pesados utilizados em baterias, entre outras (FIGUEIREDO, 1995).

Dos resíduos gerados no estado do Rio de Janeiro, cerca de 52% são orgânicos, contra 44% de recicláveis e 4% de rejeitos. Em 20 anos, a porcentagem de lixo orgânico aumentou 16%. (COMLURB, 2001). É importante ressaltar que nem todos os 52% podem ser compostados. O conceito de resíduo na natureza passou a existir com a sua excessiva geração aliada à crescente produção e uso de materiais sintéticos que não se degradam facilmente, além da utilização de substâncias químicas perigosas, como tintas, solventes e metais pesados utilizados em baterias, entre outras (FIGUEIREDO, 1995). Além disso, elementos químicos perigosos ao meio ambiente e à saúde contaminam o composto e comprometem a sua qualidade.

Segundo estudos feitos na Usina de Compostagem de Irajá, no Rio de Janeiro, existe cerca de 5% de metais pesados por kg de composto (AZEVEDO et al, 2003). Esse elevado percentual de metal pesado e de material orgânico não compostável em nosso lixo retrata o baixo percentual de resíduo orgânico que é transformado em composto, não só no Brasil, com somente 1%, mas em países que já fazem a separação prévia de seus materiais, como a Alemanha cujo índice chega a 5%. (BALERINI, 2000).

O que é composto e compostagem?

O composto é um material escuro usado como um tipo de adubo também chamado de terra preta ou húmus.

Compostagem é o processo de decomposição biológica da matéria orgânica contida em resíduos animais ou vegetais. É feita por muitas espécies de microorganismos e animais invertebrados que, em presença de umidade e oxigênio, se alimentam dessa matéria e propiciam que seus elementos químicos e nutrientes voltem a terra. Essa decomposição envolve processos físicos e químicos que ocorrem em matas, parques e quintais. Os processos físicos são realizados por invertebrados como ácaros, centopeias, besouros, minhocas, lesmas e caracóis que transformam os resíduos em pequenas partículas. Já os processos químicos, incluem a ação de bactérias, fungos e alguns protozoários que degradam os resíduos em partículas menores, dióxido de carbono e água. Essa técnica vem sendo utilizada há mais de cinco mil anos pelos chineses (FREIRE, 2003) e é uma prática utilizada em propriedades rurais.

Disponível em: <www.recicloteca.org.br>. Acesso em: 7 set. 2016. Adaptado.

O uso dos acentos é um recurso gráfico de que se dispõe para marcar a sílaba tônica de certas palavras. Sabe-se,

no entanto, que nem todas as palavras recebem acento e que seu emprego depende de algumas regras específicas, dentre elas, a posição da sílaba tônica.

Com base nessas informações e nos seus conhecimentos sobre as regras de acentuação gráfica na língua portuguesa, assinale a alternativa correta.

- a) As palavras “húmus”, “processos” e “adubo” são paroxítonas.
- b) Os vocábulos “há”, “você” e “já” são oxítonos.
- c) As palavras “química”, “compostável” e “orgânicos” recebem acento gráfico porque são proparoxítonas.
- d) As palavras “além”, “papéis” e “disponível” são acentuadas porque são oxítonas.
- e) As palavras “países”, “saúde”, “dióxido” e “água” são acentuadas com base na mesma regra de acentuação gráfica.

20. UEPG-PR

C8-H27

Passé livre?

Os turistas que chegam a Boston, nos Estados Unidos, têm uma agradável surpresa: uma viagem na *Silver Line*, o corredor de ônibus que liga o aeroporto ao centro da cidade, sai de graça. Mas a tarifa zero só vale para quem embarca no próprio aeroporto: passageiros regulares pagam US\$ 2,65. A ideia é dar uma espécie de “boas-vindas” aos visitantes. A 7,5 mil quilômetros de Boston, a cidade de Agudos, no interior de São Paulo, tem passe livre integral. Todo mês o prefeito aplica R\$ 120 mil na rede de 16 ônibus da cidade e só isso já garante o deslocamento de toda a população.

“Considero possível a tarifa zero em qualquer cidade. Mas trata-se de uma medida que demanda reestruturação tributária nos municípios”, diz Paulo Cesar Marques da Silva, especialista em mobilidade da Universidade de Brasília. A aplicação de impostos progressivos, cuja alíquota aumenta conforme a renda do contribuinte é uma possibilidade. Outra, segundo Paulo, é “a taxação pelo uso do automóvel, seja em estacionamentos públicos, seja pela circulação”. O pedágio urbano se tornou famoso após sua implantação em Londres: em dez anos, reduziu em 21% a presença de carros no centro da cidade.

“Precisamos de modelos de arrecadação. Caso contrário, a tarifa vai sempre subir e, no fim, muita gente deixa de usar o transporte”, afirma João Cucci Neto, professor de engenharia de tráfego da universidade Mackenzie. Além desses subsídios, a taxação da gasolina, a contribuição da indústria e outros empreendimentos que se beneficiem de um bom sistema de transporte são alguns modelos possíveis.

GALILEU, ed. 296, p. 30, mar. 2016. Adaptado.

Sobre a acentuação gráfica das palavras *agradável*, *automóvel* e *possível*, assinale o que for correto.

- 01) São acentuadas porque são paroxítonas terminadas em L.
- 02) Em razão de a letra L no final das palavras transferir a tonicidade para a última sílaba, é necessário que se marque graficamente a sílaba tônica das paroxítonas terminadas em L, se isso não fosse feito, poderiam ser lidas como palavras oxítonas.
- 04) São acentuadas porque são proparoxítonas terminadas em L.
- 08) São acentuadas porque são oxítonas terminadas em L.
- 16) São acentuadas porque terminam em ditongo fonético **-eu**.

42

PONTUAÇÃO

- Ponto
- Vírgula
- Ponto e vírgula
- Dois-pontos
- Interrogação
- Exclamação
- Reticências
- Aspas
- Parênteses
- Travessão

HABILIDADES

- Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações em diversas circunstâncias textuais.
- Justificar o efeito de sentido produzido nas diversas circunstâncias textuais pelo uso intencional de pontuação expressiva (interrogação, exclamação, reticências, aspas etc.).

Sinais de pontuação

SCIFILULLABY/SHUTTERSTOCK

Pontuação é um ramo da ortografia que permite expressar na língua escrita os ritmos e melodias característicos da língua falada, por meio de um conjunto sistematizado de sinais sintáticos, semânticos e pragmáticos: os sinais de pontuação.

Essas marcas gráficas servem para assinalar as pausas e as entonações próprias da linguagem falada e para compor a coesão e a coerência textual, esclarecendo sentidos e afastando ambiguidades.

O surgimento e a história do sistema de pontuação tem acompanhado o desenvolvimento da escrita. Na Grécia antiga, os textos eram redigidos em letra maiúscula e de forma contínua, sem espaços sequer entre os vocábulos. Com o passar do tempo, foram introduzidas ao texto marcas pontuacionais para fins retóricos, de forma que os oradores gregos se valessem desses recursos para, no ato da leitura e no momento adequado, introduzir pausas breves ou longas, elevar e entonar a voz.

A maioria dos sinais de pontuação conhecidos na atualidade surgiu entre os séculos XIV e XVII, graças ao nascimento da imprensa, pois, com ela, as marcações deixaram de ser dirigidas a quem escrevia e se voltaram para o leitor, visando facilitar a compreensão do texto.

LEITURA COMPLEMENTAR

A história da pontuação



ALEX.KHRIPUNOV/SHUTTERSTOCK

Rocha com signos do sistema de escrita grego clássica, no sítio arqueológico de Troia – ocupação estabelecida em meados do quarto milênio antes de Cristo –, na atual Turquia.

A história da pontuação passou por um longo trajeto, desde os primórdios da escrita, sem ponto e sem espaço entre as palavras, até chegar às regras atuais de pontuação.

Segundo o pesquisador Evanildo Bechara, os sinais de pontuação datam da época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõe como objeto de estudo e aprendizagem.

Para compreender a origem da pontuação faz-se necessário entender a evolução da escrita, pois uma envolve a outra. A escrita passou por três fases importantes: a pictórica, escrita através de desenhos ou pictogramas; a ideográfica, escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas; e a alfabética, que se caracteriza pelo uso de letras, mais ou menos como fazemos hoje.

Quando se popularizou a escrita alfabética, as palavras não eram separadas e não se utilizavam os sinais de pontuação. Os leitores, que eram raros, deviam fazer a pontuação na hora da leitura. Observe o exemplo do que seria um texto produzido nessa época:

BASILEOSELTHONTOSESELEPHANTINANPSAMMATICHOUTA

UTAEGRAPSAANTOISYNPSAMMATICHOTOITHEOKLEOEPLEON

HELTHONDEKERKIOSKATYPERTHENESOPOTAMOSANIEALLO

GLOSSOUSDHCHEPOTASIMTOAIGYTIIOUSDEAMASISEGRAPSE

DAMEARCHONAMOISBICHOUKAIPELEQOS OUDAMOUI.

Este exemplo demonstra o que seria uma produção textual para a época. A grande preocupação das pessoas se dava exclusivamente em fazer um registro da fala. Esse fato se deu até que monges medievais começaram a trabalhar na separação dessas palavras; porém, a separação das palavras só teve adesão a partir do século VII, e os sinais de pontuação a partir do século IX.

Separando e pontuando o texto anterior, tem-se:

BASILEÓS ELTHO'NTOS ES ELEPHANTI'NAN PSAMMATI'CHOU TAÛTA E'GRAPSAN TOÏ SY'N PSAMMATI'CHOI TOÏ THEOKLE'OS E'PLEON HE'LTHON DE KER'KIOS. KATYPERTHEN ES O POTAMÔ S ANI'E ALLOGLOSSOUS D'ÊCHE POTASIMTO'. AIGYPTI'OUS DÈ A'MASIS E'GRAPSE D'AMÈ A'RCHON AMOÍSBÍCHOU KAÌ PÈLEQOS OUDA'MOU.

Observe a tradução feita do texto acima:

Vindo a Elefantina o rei Psamético, estas coisas escreveram os que vinham com Psamético, filho de Teocles. Foram além de Kerkis tão longe quanto o rio permitiu. Potasimto comandava os estrangeiros; Amasis, os egípcios. São Arcaonte, filho de Amobicos e Pelecós, filho de Udamós, que escreveram nossos nomes.

Apesar de essas regras terem sido criadas a partir do século VII, somente no século XVII o uso dos sinais de pontuação e separação entre as palavras foi consolidado na escrita, demonstrando, assim, o difícil processo de adaptação das pessoas ao uso de sinais, que hoje são básicos na produção de qualquer texto escrito.

PERRONI, Priscila Braga Costa. *A origem e o uso da pontuação na gramática de língua portuguesa*. Porto Alegre, 2015. Monografia (Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa.) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PONTO



UKUSU/SHAI/STOCK

O ponto [.] deve ser empregado:

- no fim de frases declarativas e imperativas, indicando que o período está finalizado e tem sentido completo.

Marina e Clarice viajaram ontem mesmo, logo depois da festa.

Prestem atenção ao tempo necessário para escrever a redação do exame de vestibular.

- na escrita de palavras de forma abreviada, caso em que é chamado de ponto abreviativo.

Moro no 6º andar do Edifício Copan.

V. Ex.ª comparecerá à reunião em São Paulo.

LEITURA COMPLEMENTAR

Surgimento e uso do ponto

O ponto final, assim como os demais pontos, surgiu na Idade Média, e nem sempre teve a função de concluir uma ideia, como afirmam pesquisadores: “O ponto, por exemplo, nem sempre marcou a conclusão de uma ideia completa. Na Idade Média, ele era inserido antes do nome do herói ou de um personagem importante da narrativa, por questões de respeito ou só para que seu nome fosse enfatizado”.

PERRONI, Priscila Braga Costa. *A origem e o uso da pontuação na gramática de língua portuguesa*. Porto Alegre, 2015. Monografia (Especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa.) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VÍRGULA



A vírgula [,] é um sinal de pontuação que separa elementos dentro da oração e orações dentro de um período, devendo ser empregada para:

- separar elementos coordenados em enumerações com a mesma função sintática, desde que não haja as conjunções “e”, “ou” e “nem”:

Arthur, Ricardo e Felipe são muito amigos.

Manu comprou picanha, linguça e costela para o churrasco.

- isolar o aposto.

Carla, a melhor amiga de Cecília, está doente.

Angelina, filha do dr. Renato, pintou um belo quadro.

- isolar o vocativo.

Letícia, você pode me emprestar um lápis?

Prezados senhores, sejam bem-vindos!

- isolar os advérbios “sim” e “não”, quando iniciam a oração dando uma resposta.

Sim, você pode dormir mais tarde hoje.

Não, não posso emprestar mais dinheiro a você.

- isolar o nome do lugar ao realizar a datação.

São Paulo, 10 de outubro de 2018.

Curitiba, 20 de agosto de 2017.

- isolar um elemento pleonástico que aparece antes do verbo.

O bolo, minha mãe o fez ontem.

Os mais estudiosos, o professor os promoverá a monitores.

- isolar o adjunto adverbial no início ou no meio da oração.

No dia seguinte, Marília fez a prova e se saiu muito bem.

Simone, calma e discretamente, terminou a tarefa.

- isolar elementos repetidos.

Tenho muita, muita saudade de você!

Esse livro é meu, meu, meu e só meu.

- indicar a supressão de uma palavra, normalmente o verbo.

Comprei duas jaquetas; meu irmão, apenas uma.

Fiz uma receita de brigadeiro; minha mãe, duas.

- isolar expressões intercaladas na oração.

Devo comprar, por exemplo, vários livros de literatura brasileira.

As crianças, entretanto, assistiram a um filme.

- separar orações coordenadas assindéticas.

Meu pai faz artesanato, caminha todos os dia, é feliz.

Cozinheiro bem, como melhor ainda.

- separar orações coordenadas sindéticas.

Fiquei sozinho em casa, mas não tive medo.

Não quero sobremesa, porque já estou satisfeito.

- isolar orações intercaladas.

O essencial, disse meu amigo, é que você esteja sempre presente.

Minha mãe, refletiu a criança, é a melhor mãe do mundo.

- isolar orações subordinadas adjetivas explicativas.

Marina, que sempre foi ajuizada, bebeu muito na festa.

Meu avô, que gosta tanto de macarrão, não almoçou.

- separar orações subordinadas adverbiais antepostas.

Se ele chegasse tarde, não faria a prova.

Embora eu quisesse muito, não dormi até mais tarde.

- separar orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo que equivalem a orações adverbiais.

Fazendo sol, iremos ao clube.

Atendidos os pedidos, fecharemos o caixa.

NOMAD_SOU/ISTOCK



A vírgula pode ser usada antes da conjunção “e” quando:

- for empregada repetidamente:

A faxineira varreu, e passou pano, e tirou pó, e limpou o banheiro...

- as orações coordenadas possuírem sujeitos diferentes:

Carol cuidou das crianças, e Júlia passou a roupa.

- a conjunção “e” não transmitir noção de adição: *Minha amiga se esforçou muito, e mesmo assim não passou no concurso.*

PONTO E VÍRGULA



O ponto e vírgula [;] é um sinal de pontuação intermediário entre o ponto e a vírgula. É empregado para:

- separar itens enumerados.

Para ser inserido no cargo é preciso cumprir os seguintes requisitos:

- Ter nacionalidade brasileira;*
- Ter mais de dezoito anos;*
- Ter concluído o ensino médio;*
- Ter experiência na área.*

- separar orações extensas e relacionadas entre si.

Gosto de cozinhar; minha irmã, de dançar.

Das escritoras brasileiras, citaram Lygia Fagundes Telles; das portuguesas, Sophia de Mello Breyner Andresen.

- separar conjunções adversativas.

Fui à oficina; entretanto, o carro não estava pronto. Esperei-o o dia todo; porém, ele não apareceu.

- separar orações coordenadas sindéticas quando o verbo estiver antes da conjunção.

Sempre procurei minha família; esperava, portanto, encontrá-la.

Mário nunca foi bom aluno; esperava, no entanto, passar no vestibular.

DOIS-PONTOS



Os dois-pontos [:] compõem um sinal de pontuação que marca uma ligeira suspensão no ritmo e na entonação de uma frase não concluída, devendo ser empregado:

- antes do discurso direto.

Roberto então respondeu:

– Não gosto de fofoca!

- antes de uma enumeração.

Fui à feira e comprei: cenoura, batata, quiabo, alface, banana, laranja e melancia.

- antes de uma citação.

Como dizia minha avó: “Quem vê cara não vê coração.”

- antes de um esclarecimento, explicação, resumo, causa ou consequência.

Foi isso que aconteceu: elas se chatearam e caíram no choro.

- após palavras que indicam exemplos, observações, notas, informações.

Atenção: cada aluno será responsável pelo próprio material.

- antes de orações apositivas.

Contei a verdade aos meus pais: estava muito triste com a separação deles.

- após o vocativo inicial de cartas e comunicações.

Caro amigo:

Gostaria de convidá-lo para o concerto de que participarei no Teatro Municipal.

INTERROGAÇÃO



O ponto de interrogação [?] é um sinal de pontuação que indica uma pergunta direta.

Você gosta de filmes de terror?

Posso comprar um chocolate?

NOMAD_SOU/ISTOCK



Não se usa ponto de interrogação nas frases interrogativas indiretas.
O jardineiro perguntou quais árvores seriam podadas.

EXCLAMAÇÃO



UKUSHA/ISTOCK

O ponto de exclamação [!] é um sinal de pontuação que confere à frase uma entonação exclamativa, relacionado à função emotiva da linguagem e à transmissão de um sentimento. É empregado em:

- frases exclamativas, expressando sentimentos como admiração, desejo, alegria, raiva, espanto, entre outros.

Que luar maravilhoso!
Que cena mais triste foi aquela!

- frases imperativas, expressando ordem.

Pare já com essa birra!
Faça a lição agora!

- interjeições, expressando alegria, tristeza, espanto, dor, entre outros.

Ufa!
Oba!

- vocativos.

Janaína! Onde você está?
Não ande tão rápido, criatura!

RETICÊNCIAS



UKUSHA/ISTOCK

As reticências [...] são usadas para:

- indicar a suspensão ou interrupção de uma ideia ou pensamento.

Não gosto daquele filme, porque...
De vez em quando, fico pensando...

- indicar que uma ação ainda não acabou.

Os dias passam...
Estou procurando a bola...

- transmitir hesitações, dúvidas, surpresas, ironias, suspenses, tristezas.

Eu... não sei... talvez gostasse de cantar.
Não o quero encontrar... nem conversar com ele... não mais.

- indicar uma ideia que se prolonga.

Laura gosta de comer doces: brigadeiro, cocada, torta de morango, paçoca...
Vilma tinha dito tudo o que pensava, agora era só esperar...

- realçar uma palavra ou expressão.

Sua nota é... dez!
Faça o que estou mandando... agora!

- indicar uma interrupção nos diálogos. Exemplo:

– *Fui ao cinema e...*
 – *Assistiu à estreia do filme?*

- indicar que uma citação está incompleta.

"Há mais mistérios entre o céu e a terra [...]"

ASPAS



UKUSHA/ISTOCK

As aspas [" "] são empregadas:

- no início e no fim de citações.

Um país se faz com homens e com livros.

Monteiro Lobato

- no início e no fim de transcrições de outros textos.

Não se preocupe em entender, viver ultrapassa o entendimento.

Clarice Lispector

- no início e no fim de palavras e expressões que indiquem estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares.

Você pode me dar um "feedback" sobre o trabalho?
Aquele sujeito é um "mala".

- no início e no fim de palavras e expressões irônicas ou enfáticas.

Essa criança é um “anjo”! Conseguiu quebrar até a mesa!

Falei um sonoro “não” para meu filho.

- no início e no fim de títulos de obras literárias ou artísticas.

Acabei de ler *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Você tem ideia de quantas vezes o filme “A Lagoa Azul” foi exibido na Sessão da Tarde?

Atenção

As aspas simples [‘ ’] devem ser usadas quando a parte do texto que se quer destacar já se encontra dentro de um trecho destacado com aspas.

O anfitrião informou: “O ‘brunch’ logo será servido.”

PARÊNTESES



Os parênteses [()] são usados:

- na introdução de explicações, comentários, considerações e reflexões sobre algo mencionado na frase.

Aquela menina (chata) sentou no meu lugar.

- na separação de orações intercaladas com verbos declarativos.

Ela disse (mas ninguém acreditou) que faria o jantar.

- na introdução de dados biográficos, bibliográficos e indicações cênicas.

Jorge Amado (Itabuna, 1912 – Salvador, 2001) foi um grande escritor brasileiro.

Andrade (folheando o jornal) – Só tem notícia ruim nesse jornal!

- na indicação da possibilidade de ler uma palavra no gênero masculino ou feminino, no singular ou no plural.

Todos(as) os(as) funcionários(as) foram convocados(as) para a reunião.

TRAVESSÃO



O travessão [—] pode ser empregado:

- nos discursos diretos.

– Bia, você já está de férias?

– Ainda não, Caio, só no começo do próximo mês.

- nas orações intercaladas.

Ela disse – mas não acredito – que passará o Natal conosco.

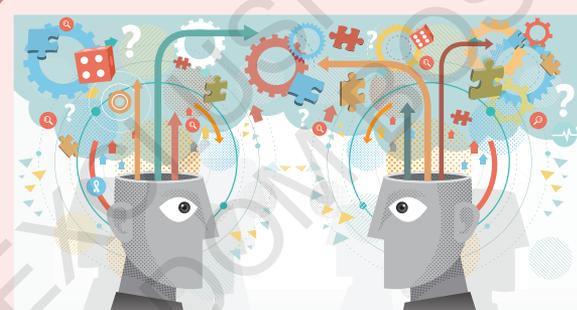
- para destacar alguma parte da frase.

Estou me esforçando muito para atingir meu objetivo – viajar para a Grécia.

- para destacar o aposto.

Minhas duas primas – Raquel e Teresa – passarão o fim de semana na fazenda.

LEITURA COMPLEMENTAR



As funções sintática, semântica e pragmática dos sinais de pontuação

[...] a pontuação desempenha, hoje, nas diversas línguas escritas contemporâneas um papel fundamental no processo da produção textual, assim como elemento facilitador e concatenador do ato da leitura e da interpretação de textos. Sua função alarga-se, ainda, como recurso estilístico na produção literária, em verso e prosa, de que diversos autores fazem uso, para a expressão de sua arte.

Uma ausência sistemática da pontuação (se é que isso seja perfeitamente possível, sem afetar em algum grau a inteligibilidade) em uma obra literária, ou um uso extremamente peculiar, poderiam ser, por exemplo, plausivelmente, interpretados como um reflexo da importância que se lhe possa, ora, atribuir.

[...]

Os sinais de pontuação, “uma vez que estão formulados em termos lógicos, são geralmente considerados como universais. Por conseguinte, não se esperam diferenças de pontuação de uma língua para outra”. Mas será, entretanto, a lógica universal? Não obstante, na ótica da linguística histórica, essas afirmações, obviamente, precisariam ser relativizadas, já que as línguas naturais estariam sempre reguladas por outros fatores que não os exclusivamente de ordem linguística.

Ademais, 46%, dos que se disponibilizaram a responder ao inquérito, consideraram ter a pontuação maior relação com o oral do que com a sintaxe. Enquanto 35% elegeram hegemonicamente a sintaxe, apenas 17% dos

entrevistados atribuíram uma relação tanto sintática quanto oral à pontuação.

São reconhecidos três tipos de função para os signos de pontuação: a de organização sintática — “união e separação das partes do discurso”; a de correspondência com o oral — “indicação das pausas, do ritmo, da linha melódica, da entonação”, entre outros aspectos suprasegmentais; e a de suplemento semântico — cujo teor de redundância, por ele expresso, fortalece as unidades da primeira articulação e que mais claramente se pode analisar nas estratégias estilísticas recorrentes na literatura.

Essas funções podem ser observáveis tanto no nível da palavra, quanto no nível da frase (que “é a mais rica e mais interessante”) ou do texto, chegando a permitir, em determinadas circunstâncias, que a pontuação assuma o papel de verdadeiro morfema, capaz de substituir a organização dos vocábulos na representação gráfica de até mesmo uma frase inteira.

Sua divisão de base funcional tripartida encontra correspondência nas ideias que também atribuem à pontuação, na frase, uma tripla função.

Na condição de signo sintático, comunicativo e semântico, a pontuação, “assim como os outros constituintes da frase, faz parte desses três mecanismos que unem seus esforços para garantir o processo de criatividade sintática”.

Cada um desses mecanismos, por sua vez, é observado, numa tentativa de indicar sistematicamente suas possibilidades de relações funcionais na frase. Então, da função sintática, em linhas gerais, podem-se depreender três condições fundamentais:

I) na relação da pontuação com a ordem das palavras na frase, como por exemplo no uso de um aposto, em que

a oposição de um membro sintático e um não sintático marca-se por um sinal;

II) pelos “objetivos paralelos” existentes entre esses sinais e os conectivos frasais, como as conjunções, nos casos de parataxe;

III) pela marcação da pontuação, no caso de uma elipse.

No tocante à sua função comunicativa, a pontuação, além de elemento atualizador da frase, “ajuda a ordem das palavras e o léxico a construírem a enunciação”.

No primeiro caso, exemplifica com a inserção de um elemento periférico no grupo sintático, como um epíteto ou outro complemento acessório; no segundo, a pontuação possibilitaria “a argumentação do valor comunicativo das palavras não autônomas”.

Por fim, à função semântica, estariam relacionados os signos de “demarcação”, de “regularização” e de “qualificação”.

Os primeiros estariam diretamente associados ao significado: os espaços brancos entre as palavras, como no caso de homófonas, em que um vocábulo apenas contrapõe-se a um correspondente fônico formado por dois ou mais vocábulos; os signos de “regularização” separariam ou uniriam os elementos da frase, fazendo com que a incidência da pontuação determinasse seu sentido estrito; por último, o valor modal dos signos de “qualificação” inserir-se-ia na atribuição do caráter interrogativo ou assertivo de uma sentença, por exemplo, ou até na identificação de sujeito, como no uso de aspas sobre alguns vocábulos, o que poderia remetê-los a uma diferente interpretação.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: EDUFBA, 2004.

ROTEIRO DE AULA

PONTUAÇÃO

São sinais de pontuação

o ponto,

cuja principal função é

indicar o fim de um período.

a exclamação,

cuja principal função é

conferir à frase entonação exclamativa.

a vírgula,

cuja principal função é

separar estruturas de mesmo valor sintático.

as reticências,

cuja principal função é

indicar suspensão ou interrupção de discurso.

o ponto e vírgula,

cuja principal função é

separar itens enumerados.

as aspas,

cuja principal função é

destacar citações.

os dois-pontos,

cuja principal função é

indicar explicação, enumeração, resumo etc.

os parênteses,

cuja principal função é

introduzir explicações.

a interrogação,

cuja principal função é

indicar frase interrogativa.

o travessão,

cuja principal função é

indicar discurso direto em texto dramático.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. ESPM-SP

A reivindicação do massacre na *Charlie Hebdo* pela facção da al-Qaeda na Península Arábica recoloca em primeiro plano um movimento afastado da mídia pelos sucessos militares da Organização do Estado Islâmico.

Le Monde Diplomatique Brasil, 04.02.2016.

Das afirmações abaixo sobre o uso da vírgula, assinale a única correta:

- a) o segmento “pela facção da al-Qaeda na Península Arábica” é um adjunto adnominal e deveria estar entre vírgulas.
- b) poderia haver uma vírgula após o sujeito “A reivindicação do massacre na *Charlie Hebdo*”.
- c) deveria haver uma vírgula após o objeto direto “um movimento afastado”.
- d) deveria haver uma vírgula após a forma verbal “recoloca”.
- e) o segmento “em primeiro plano” é um adjunto adverbial intercalado e poderia estar entre vírgulas.

A vírgula deve ser empregada para isolar o adjunto adverbial no início ou no meio da oração, função exercida por “em primeiro plano” em “A reivindicação do massacre na *Charlie Hebdo* pela facção da al-Qaeda na Península Arábica recoloca, em primeiro plano, um movimento afastado...”.

2. Fac. Albert Einstein-SP

Era digital desafia exercício profissional

“A medicina não sobreviverá ao velho método do médico de família, mas terá que se adaptar”. A afirmação é do desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), Diaulas Costa Ribeiro, proferida durante a mesa-redonda “Panorama atual das mídias sociais e aplicativos na medicina contemporânea”. Para ele, as novas tecnologias trazem desafios que precisam ser colocados em perspectiva para garantir a ética e o sigilo.

“Possivelmente vamos chegar a uma medicina sem gosto, distanciada, mas que também funciona. Talvez este não seja o fim, mas um recomeço”, ponderou Ribeiro. Segundo ele, antes de gerar um novo modelo de atendimento médico, o “dr. Google” – termo que utilizou para indicar as buscas por informações médicas na internet – gerou um novo tipo de paciente, que passou a conhecer mais sobre as doenças e, por isso, exige um novo relacionamento com seu médico.

O desembargador ainda reforçou a necessidade de se discutir questões como o uso da internet nessa relação médico-paciente e a segurança do sigilo médico neste cenário. “Precisamos refletir sobre algumas questões importantes. Quem guardará o sigilo? Ou não haverá sigilo? O sigilo médico será mantido ou valerá o direito público à informação? Os conflitos serão reinventados ou serão os mesmos? A solução para os problemas será a de sempre?”, indagou. Ética – Na perspectiva do médico legista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Malthus Galvão, embora acredite que algumas mudanças serão inevitáveis e necessárias, é preciso defender os princípios fundamentais instituídos pelo Código de Ética Médica (CEM).

“As novas mídias devem ser entendidas como um sistema de interação social, de compartilhamento e criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos e não podemos perder essa oportunidade”, destacou.

Ele lembra, por exemplo, que desde a Resolução CFM 1.643/2002, que define e disciplina a prestação de serviços através da telemedicina, alguns avanços colaborativos já foram possíveis.

Galvão apresentou ainda preceitos da Resolução CFM 1.974/2011 e também da Lei do Ato Médico (12.842/2013), chamando a atenção para alguns cuidados que o médico deve ter ao divulgar conteúdo de forma sensacionalista. “Segundo o CEM, é vedada a divulgação de informação sobre assunto médico de forma sensacionalista, promocional ou de conteúdo inverídico. A internet deve ser usada como um instrumento de promoção da saúde e orientação à população”, reforçou.

Editorial do *Jornal Medicina* – Publicação oficial do Conselho Federal de Medicina (CFM). Brasília, jul. 2017, p. 7.

No primeiro parágrafo do editorial do CFM, as aspas são empregadas, respectivamente, para demarcar

- a) críticas tanto ao Tribunal de Justiça quanto à mesa-redonda de Diaulas Costa Ribeiro.
- b) o dizer tal e qual foi proferido por Diaulas Costa Ribeiro e o título da mesa-redonda.
- c) o velho método do médico de família e o estado das mídias sociais na medicina atual.
- d) o uso de modernas tecnologias na medicina e a fala do desembargador do TJDFT.

No primeiro parágrafo, as aspas foram empregadas em duas ocasiões: na primeira, indica uma citação, ou seja, para reproduzir literalmente a afirmação de Diaulas Costa Ribeiro: “A medicina não sobreviverá ao velho método do médico de família, mas terá que se adaptar”; na segunda, introduz o título da mesa-redonda de que participou Diaulas Costa Ribeiro: “Panorama atual das mídias sociais e aplicativos na medicina contemporânea”.

3. Unesp – Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697).

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não puguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua for-

tuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espream os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão do bom ladrão. In: BOSI, Alfredo (Org.). *Padre Antônio Vieira – Essencial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Verifica-se o emprego de vírgula para indicar a elipse (supressão) do verbo em:

- a) Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?
- b) O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...].
- c) O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.
- d) Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.
- e) Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

A vírgula pode ser empregada para indicar uma elipse do verbo, como ocorre no período "O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco faz os piratas, o roubar com muito, [faz] os Alexandres". Há, pois, uma elipse do verbo "fazer" no final do período.

4. Unicesumar-PR

Vidas públicas, vidas privadas

Um dos valores da sociedade moderna é – ou deveria ser – o respeito pelo âmbito privado do indivíduo. Os interesses pessoais de cada um, sua forma de entender diversos aspectos da realidade e da existência, seus gostos e fobias individuais eram vistos como pertencentes arcanos que o contrato social deveria proteger, desde que essas preferências pessoais não se mostrassem lesivas ao restante dos cidadãos.

Em um país como Cuba, onde passei toda minha vida, os limites da vida privada muitas vezes foram permeados, por razões culturais – a tendência gregária do cubano – e até por decisões políticas que incluíssem desde a votação pública com o braço erguido até a intromissão nas preferências sexuais, as crenças religiosas, as opiniões políticas pessoais do indivíduo e que, submetidas a julgamento, podiam decidir, por exemplo, o destino profissional ou estudantil de um cidadão. A chamada "verificação", que poderia ser realizada a partir das opiniões de um vizinho, tinha o poder de expor assuntos

estritamente privados de uma pessoa que eram levados a público e influíam sobre o destino dos indivíduos, quando não eram considerados "apropriados" ou "admissíveis" segundo determinados códigos, entre os quais não figurava, é claro, o Código Penal nem qualquer outro escrito e referendado.

Essa experiência me tem levado a ser defensor decidido dos assuntos e espaços privados do cidadão. Apesar de meu ofício, que me obriga constantemente a me expor em público, a expressar ideias e opiniões, a ser entrevistado e criticado, tenho lutado para defender minha privacidade até onde tem sido possível.

Notícias como a das escutas telefônicas realizadas por órgãos de inteligência contra políticos de outros países ou partidos ou contra simples cidadãos, o *hacking* de computadores, a espionagem de *e-mails* – que todos sabemos que podem ser revistos por outros – me parecem especialmente lesivos daquele que considero ser um direito inalienável do cidadão.

Todos esses conceitos e realidades me deixam ainda mais empenhado em procurar preservar minha privacidade. Por isso, apesar de ser escritor e jornalista, nunca tive página na internet, a página de Facebook que aparece com meu nome na rede é apócrifa, e jamais mexi em uma conta no Twitter. Sou estritamente pré-informático nesses sentidos. Sou um bicho raro, um anacrônico.

Assim, minha condição me faz reagir visceralmente quando fico sabendo como hoje as pessoas voluntária e festivamente divulgam coisas que alguém como eu considera privadas.

Pouco tempo atrás, graças a uma amiga, pude ver a página no Facebook de um antigo colega da universidade com quem eu tinha perdido contato. Pude ver e ler, com assombro, como ele relatava cada acontecimento corrente de sua vida – encontros, visitas, experiências –, como narrava parte de sua história familiar e até revelava detalhes de sua vida sentimental e sexual! Na realidade, bi e homossexual (se a conjunção é possível). Que mecanismos podem levar um homem de 60 anos a participar dessa demolição do privado? Por que um encontro com uma pessoa determinada precisa adquirir o caráter de notícia?

Sei perfeitamente que hoje as redes sociais são um espaço privilegiado para a transmissão de informação, para as relações interpessoais, para a busca por cumplicidades. Sei que muitos jovens e adolescentes cresceram e vivem dentro dessa rede de exibicionismo que os atrai como uma droga. Sei, também, como alguns utilizam esses meios para denegrir, espionar e atacar a outros, escondendo-se atrás de covardes anonimatos e pseudônimos. Já li como toda essa informação que alguns oferecem alegremente é utilizada para criar seus perfis que não são precisamente os do Facebook, mas, sim, alguns mais tenebrosos e dominantes.

O que é normal, eu me pergunto: ter um perfil de Facebook ou uma conta no Twitter, ou a decisão de não tê-la? Quem é mais sociável e moderno, meu ex-companheiro de estudos ou eu? A verdade é que a estas alturas, não sei. O que creio que continuo a saber é que o direito à privacidade é um bem de grande valor, que os poderes e os indivíduos devem respeitar, a começar por eles próprios, com relação à sua própria vida. O resto, como reza o velho ditado, o resto é selva.

PADURA, Leonardo. *Folha de S.Paulo*, 27 ago. 2016.

Ao longo de todo o texto, são empregados os travessões com a finalidade de

- a) destacar esclarecimentos.
- b) enunciar ideias dispensáveis.
- c) expressar dúvidas.
- d) amenizar questionamentos.
- e) confrontar ideias.

Os travessões foram empregados, no texto, para destacar esclarecimentos: em “Um dos valores da sociedade moderna é – ou deveria ser – o respeito pelo âmbito privado do indivíduo”, esclarece qual é um dos valores da sociedade moderna; em “os limites da vida privada muitas vezes foram permeados, por razões culturais – a tendência gregária do cubano – e até por decisões políticas”, esclarece o que são as razões culturais dos cubanos; em “a espionagem de e-mails – que todos sabemos que podem ser revistos por outros – me parecem especialmente lesivos”, esclarece que os e-mails estão sujeitos à espionagem.

5. Uni-FACEF-SP – Leia o poema de Ferreira Gullar.

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

FERREIRA GULLAR. *Toda poesia* (1950-1980). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980.

No último verso do poema, a vírgula, além de marcar uma pausa que convida à reflexão,

- a) une duas palavras de mesma classe gramatical.
- b) explicita uma relação de causa e consequência.
- c) pode ser substituída pela forma verbal “seja”.

d) atenua o valor concessivo de “mesmo que”.

e) enfatiza o sentido pejorativo de “liberdade”.

No último verso, há uma elipse do verbo “ser”, de modo que a vírgula pode ser substituída por “seja”: “mesmo que o pão seja caro/ e a liberdade [seja] pequena”.

6. Fuvest-SP – Considere a imagem abaixo, extraída da apresentação do filme *A Amazônia*, que faz parte da campanha “A natureza está falando”.

C8-H27



CONSERVATION INTERNATIONAL

No áudio desse filme, a atriz Camila Pitanga interpreta o seguinte texto:

Eu sou a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo. Eu mando chuva quando vocês precisam. Eu mantenho seu clima estável. Em minhas florestas, existem plantas que curam suas doenças. Muitas delas vocês ainda nem descobriram. Mas vocês estão tirando tudo de mim. A cada segundo, vocês cortam uma das minhas árvores, enchem de sujeira os meus rios, colocam fogo, e eu não posso mais proteger as pessoas que vivem aqui. Quanto mais vocês tiram, menos eu tenho para oferecer. Menos água, menos curas, menos oxigênio. Se eu morrer, vocês também morrem, mas eu crescerei de novo...

<anaturezaestafalando.org.br>

No referido áudio, é possível perceber, no final da locução da atriz, uma entonação especial, representada na transcrição por meio de reticências. Tendo em vista que uma das funções desse sinal de pontuação é sugerir uma ideia não expressa que cabe ao leitor inferir, identifique a ideia sugerida, neste caso.

As reticências são empregadas para suspender o pensamento e, nesse caso, têm a função de deixar subentendida a ideia de que o ser humano não sobreviverá sem a natureza. Ela, porém, tem a capacidade de se recuperar.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unirg-TO – Observe o fragmento de *A sereníssima republica*, um conto de Machado de Assis: “A aranha [...] apanha as moscas, nossas inimigas, fia, tece, trabalha e morre”. Marque a alternativa que justifica o emprego das duas primeiras vírgulas.

- a) destacam o adjunto adnominal de “moscas”;
- b) evidenciam o adjunto adverbial de companhia.
- c) separam o complemento nominal de “moscas”;
- d) indicam um aposto, expressão explicativa sobre “moscas”.

8. IFPE

Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submetido a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se

tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana.

Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma série de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção têxtil.

No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a órgãos governamentais ou organizações da sociedade civil para denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava.

Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

SUZUKI, Natalia; CASTELL, Thiago. Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil. Disponível em: <www.cartaeducacao.com.br> Acesso: 19 mar. 2017. Adaptado.

Assinale a alternativa na qual a vírgula é empregada pela mesma razão que em

Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados [...]

- a) [...] as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens.
- b) O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil.
- c) [...] que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas.
- d) No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens.
- e) [...] o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

9. IFPE

Um doador universal

Tomo um táxi e mando tocar para o hospital do Ipase. Vou visitar um amigo que foi operado. O motorista volta-se para mim:

O senhor não está doente e agora não é hora de visita. Por acaso é médico? Ultimamente ando sentindo um negócio esquisito aqui no lombo...

— Não sou médico.

Ele deu uma risadinha.

— Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor? É isso mesmo, deixa para lá. Para dizer a verdade, não tem cara de médico. Vai doar sangue.

— Quem, eu?

— O senhor mesmo, quem havia de ser? Não tem mais ninguém aqui.

— Tenho cara de quem vai doar sangue?

— Para doar sangue não precisa ter cara, basta ter sangue. O senhor veja o meu caso, por exemplo. Sempre tive vontade de doar sangue. E doar mesmo de graça, ali no duro. Deus me livre de vender meu próprio sangue: não paguei nada por ele. Escuta aqui uma coisa, quer saber o que mais, vou doar meu sangue e é já.

Deteve o táxi à porta do hospital, saltou ao mesmo tempo que eu, foi entrando:

— E é já. Esse negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se. Antes que seja tarde: acabo desperdiçando esse sangue meu por aí, em algum desastre. Ou então morro e ninguém aproveita. Já imaginou quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?

— E nos que não morrem? — limitei-me a acrescentar.

— Isso mesmo. E nos que não morrem! Essa eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto. Olhe aqui uma coisa, não precisa pagar a corrida.

Deixei-me ficar, perplexo, na portaria (e ele tinha razão, não era hora de visitas) enquanto uma senhora reclamava seus serviços:

— Meu marido está saindo do hospital, não pode andar direito...

— Que é que tem seu marido, minha senhora?

— Quebrou a perna.

— Então como é que a senhora queria que ele andasse direito?

— Eu não queria. Isto é, queria... Por isso é que estou dizendo - confundiu-se a mulher. — O seu táxi não está livre?

— O táxi está livre, eu é que não estou. A senhora vai me desculpar, mas vou doar sangue. Ou hoje ou nunca.

E gritou para um enfermeiro que ia passando e que nem o ouviu:

— Você aí, ô, branquinho, onde é que se doa sangue?

Procurei intervir:

— Atenda a freguesa... O marido dela...

— Já sei: quebrou a perna e não pode andar direito.

— Teve alta hoje. — acudiu a mulher, pressentindo simpatia.

— Não custa nada — insisti. — Ele precisa de táxi. A esta hora...

— Eu queria doar sangue — vacilou ele. — A gente não pode nem fazer uma caridade, poxa!

— Deixa de fazer uma e faz outra, dá na mesma.

Pensou um pouco, acabou concordando:

— Está bem. Mas então faço o serviço completo: vai de graça. Vamos embora. Cadê o capenga?

Afastou-se com a mulher, e em pouco passava de novo por mim, ajudando-a a amparar o marido, que se arrastava, capengando.

—Vamos, velhinho: te aguenta aí. Cada uma!

Ainda acenou para mim, de longe, se despedindo.

SABINO, Fernando. Um doador universal. *O tempo*, 23 mar. 2007.

Releia os excertos seguintes, extraídos do texto:

I. Não sou médico.

II. Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor?

III. Para dizer a verdade, não tem cara de médico.

IV. Para doar sangue não precisa ter cara.

V. Ele tinha razão, não era hora de visitas.

Atentando para o uso da vírgula, assinale a única alternativa que preserva o sentido original expresso pela frase no texto.

a) Ele tinha razão, não, era hora de visitas.

b) Ou, não, quer dar uma consulta de graça, hein, doutor?

c) Para dizer a verdade, não, tem cara de médico.

d) Para doar sangue, não, precisa ter cara.

e) Sou médico, não.

10. Unitaú-SP

É hora de proclamar: a internet deixou de ser divertida. Vivemos sob espionagem, incapazes de manter a concentração, não estamos presentes, não conseguimos dormir – não podemos sequer atravessar mais a rua, porque estamos sempre olhando para o celular. Muito embora (assim como em tantos relacionamentos abusivos), ela nos deixe exauridos, não conseguimos largá-la. O pior é que sabemos disso tudo. Já diagnosticamos o problema, mas, para uma geração que se orgulha de ser “antenada”, estamos confusos para apresentar uma solução à questão mais universalmente disseminada de nosso tempo. Mas a continuidade dessa decadência não é inevitável. Afinal, os *smartphones* têm apenas uma década, e a rede mundial, apenas 25. A tecnologia, é claro, molda o futuro, mas é também totalmente concebível que haja uma luta para redefinir o papel que ela desempenha em nossa vida.

“Não estou no Facebook” costumava ser coisa de *hipster* — mas torna-se, cada vez mais, uma preocupação geral. Em 2013, o número de adultos que disseram ter se afastado do Facebook, ao menos temporariamente, chegou a 61%. É totalmente plausível, se não lógico, imaginar que o abandono das mídias sociais pode se transformar numa contracultura. Há algo transgressor em ser uma pessoa jovem em 2017 e voltar as costas ao celular. Isso remete a um debate longo e urgente que ainda não tivemos, adequadamente, em nossa sociedade – para a qual cultivar um relacionamento saudável com seu celular é tão importante quanto usar camisinha ou comer verduras. Para isso, é necessário que as pessoas comecem a pensar sobre o uso da tecnologia como questão de saúde pública. Em alguns países, já há campanhas para tornar saúde mental um tema obrigatório nas escolas; o controle do uso compulsivo das mídias sociais é uma extensão lógica disso. Richard Graham é um psiquiatra de crianças e adolescentes. Há cerca de doze anos, começou a lidar com casos sem precedentes de jovens sofrendo de problemas de saúde mental em razão do uso excessivo de tecnologia. Em 2010, lançou o primeiro serviço especializado do Reino Unido para adição em tecnologia, e desde então se tornou uma referência em dependência e reabilitação. Diz concordar que nossa relação com a tecnologia é problemática, mas tem menos certeza de que estamos chegando ao ponto de virada. “Não acho que saibamos quais os nossos limites, ainda”, explica. “O momento em que vivemos é mais ou menos aquele em que o vegeta-

rianismo encontrava-se há uma ou duas gerações”. Especialistas começavam a nos dizer que carne faz mal à saúde e ao ambiente, mas éramos tão carnívoros que se tornava difícil enxergar a vida sem proteína animal. Aos poucos, com cada produto feito de tofu, e a cada documentário revelador, o vegetarianismo tornou-se uma contracultura. Ou então, veja o que ocorreu com o tabaco. Há apenas uma geração, era possível fumar num restaurante. Agora, é improvável que muita gente fume em seus próprios carros. Passamos por um lento processo de educação e persuasão, mas finalmente nossa cultura mudou. Não se trata de pensar que pessoas irão um dia levantar-se da cama e jogar fora seus celulares. A reação provavelmente não se expressará na depredação de lojas da *Apple* por estudantes politizados, ou por cultos livres de tecnologia estabelecendo-se fora das cidades. Na verdade, ela pode simplesmente não acontecer. Apesar disso, parece razoável acreditar que, quanto mais essas ideias crescem no consciente coletivo – quanto mais pessoas se dão conta do quanto sacrificam em troca de conveniência –, mais provavelmente se entregarão aos ecos de uma revolta popular para assumir o controle novamente.

HARRISON, Angus. Tradução de Inês Castilho. É hora de sair do Facebook e da internet?. Publicado originalmente em *Vice UK*, 16 maio 2017. Disponível em: <<http://outraspalavras.net>>. Acesso em: maio 2017. Adaptado.

Observe o uso das aspas no seguinte trecho retirado do texto:

Já diagnosticamos o problema, mas, para uma geração que se orgulha de ser “**antenada**” estamos confusos para apresentar uma solução à questão mais universalmente disseminada de nosso tempo.

Sobre esse uso das aspas, é correto afirmar que marcam

- a) discurso direto.
- b) neologismo.
- c) ironia.
- d) discurso indireto.
- e) estrangeirismo.

11. Unifor-CE – O uso inadequado da vírgula pode causar algumas confusões, atribuir duplo sentido ou, até mesmo, interferir no sentido da frase.

Leia os períodos das alternativas abaixo e assinale aquela em que a segunda frase, pontuada de forma diferente da primeira, tem o sentido alterado.

- a) “...às vezes faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis...” / às vezes, faziam com as mãos arabescos tão compreensíveis.
- b) Era um tempo de estiagem e o jardim parecia morto. / Era um tempo de estiagem, e o jardim parecia morto.
- c) Atualmente, as pessoas se falam mais nas redes sociais. / Atualmente as pessoas se falam mais nas redes sociais.
- d) Encontrei minha prima, querida. / Encontrei minha prima querida.
- e) Todos entenderam, finalmente, a situação. / todos entenderam finalmente a situação.

12. FGV-SP

A notícia da morte de Domingos Montagner, o protagonista de *Velho Chico*, pegou todos de surpresa. Em um de seus melhores trabalhos na televisão, o ator encerrou uma carreira curta, porém com êxito no veículo.

Tão logo surgiu em seu primeiro papel de destaque, Capição Herculano, de *Cordel Encantado* (2011), Montagner foi alçado ao posto de galã.

Em 2015, Montagner viveu um de seus principais papéis nas telenovelas. Mais uma vez, não decepcionou. Cativou o público e foi um dos pontos de destaque do sucesso de *Sete Vidas*.

Montagner foi escalado para o principal papel da história *Velho Chico*, de Benedito Ruy Barbosa. Como Santo, vivia seu melhor momento na carreira: bem dirigida, sua interpretação estava irretocável. O nordestino era a alma da novela, que perde completamente o sentido com a morte do ator.

A estupidez da morte de Domingos Montagner abrevia uma carreira no auge e que tinha tudo para seguir em crescimento. Sem dúvida alguma, as artes brasileiras perdem um magnífico ator. *Velho Chico*, a razão de ser.

SCIRE, Raphael. *Notícias da TV*. Disponível em: <<http://bit.ly/2eQMcW3>>. Acesso em: 15 set. 2019. Adaptado.

Assinale a alternativa em que uma das vírgulas está sinalizando a elipse de um termo da frase.

- a) A notícia da morte de Domingos Montagner, o protagonista de *Velho Chico*, pegou todos de surpresa.
- b) Em um de seus melhores trabalhos na televisão, o ator encerrou uma carreira curta, porém com êxito no veículo.
- c) Em 2015, Montagner viveu um de seus principais papéis nas telenovelas. Mais uma vez, não decepcionou.
- d) Como Santo, vivia seu melhor momento na carreira: bem dirigida, sua interpretação estava irretocável.
- e) Sem dúvida alguma, as artes brasileiras perdem um magnífico ator. *Velho Chico*, a razão de ser.

13. UFJF-MG

Desapego é o não apego, ou seja, é desligar-se de algo ou alguém. Abrir mão de objetos e bens materiais é um desprendimento sadio e demonstra evolução espiritual. Mas ao se cultivar o desapego sentimental (“não vou demonstrar a minha afeição para não parecer fraco”, “se ele não me procura, também não irei procurá-lo”, “não preciso de ninguém” e “vou demorar para responder a mensagem para deixá-lo esperando”), criam-se, desde o início de qualquer relação afetiva, laços sentimentais frágeis.

Nesse parágrafo do texto, a autora usou aspas para:

- a) destacar exemplos de falas daqueles que cultuam o desapego sentimental.
- b) criticar comportamentos comumente ridicularizados em relações afetivas.
- c) argumentar em favor daqueles que praticam o desapego sentimental.
- d) sugerir modos de se expressar ao praticar o desapego sentimental.
- e) relatar como é difícil manter relações afetivas no século XXI.

14. Fac. Santo Agostinho-MG

Sobre praças e parques

Qual é a diferença entre um parque e uma praça? O que faz com que um local seja chamado de um jeito ou de outro? Há lugar que já foi parque e hoje é praça; e vice-versa. Tem praça verde, praça seca, parque com grade, parque sem grade. A questão não é nome, mas o que esses lugares

oferecem como espaço público.

Público? Pensemos sobre uma metrópole como São Paulo. O novo prefeito quer privatizar e a sociedade cada vez mais exige áreas de uso comum de qualidade. Zonas de livre acesso, das quais todos possam usufruir, onde o convívio entre diferentes seja possível: crianças, idosos, skatistas, bebês, mendigos, o simples passante que para com a intenção de descansar ou o grupo de adolescentes saindo da escola.

A questão principal é que ainda precisamos aprender a partilhar esses ambientes – é o que vai fazer com que eles se qualifiquem. Logo, a apropriação por parte dos usuários é a única possibilidade.

Se a gestão vai ser do governo ou privada, já é outra discussão. Se essa administração deixar o acesso liberado, não segregar ninguém e mantiver tudo muito bem cuidado, por que não dividir as contas? Não se trata de vender espaço público. Até porque, se a iniciativa particular não cuidar direito, a prefeitura passa para outro candidato. Um bom exemplo? O *High Line*, em Nova York, tão divulgado no mundo inteiro, é privado – e, além de sua qualidade excepcional, foi capaz ainda de gerar recursos para a prefeitura. Tudo depende da regulação, a qual deve ser bem definida. Caso contrário, o encarregado pode atuar conforme o seu interesse e isso, definitivamente, não será em favor de todos.

Estamos tão carentes de áreas abertas que acabamos ocupando pontos sem mínimas virtudes para o lazer. Pobres de nós, que precisamos brigar para utilizar uma pista elevada de asfalto, sem sombra, sem mobiliário urbano adequado e achar que está tudo bem. Não, não está!

OKSMAN, Sílvio. *Arquitetura e construção*, jan. 2017, p. 98.

Na frase

Tem praça verde, praça seca, parque com grade, parque sem grade

, as vírgulas separam

- a) adjuntos adverbiais deslocados.
- b) vocativos.
- c) termos enumerados.
- d) apostos explicativos.

15. Unifesp – Focalize a passagem da comédia *O juiz de paz da roça*, do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (assentando-se): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher”.

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, se não, cadeia.

PENA, Martins. *Martins Pena: Comédias*. 3v. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- b) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- c) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- d) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- e) deve ser interpretado em chave irônica.

16. FGV-SP

Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num puxado que tinham feito no rancho.

Em 85 uma nuvem de gafanhotos desceu sobre a lavoura deitando a perder toda a colheita. Em 86, quando Pedrinho se aproximava dos oito anos, uma peste atacou o gado e um raio matou um dos escravos.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália? Bom. A verdade era que a criança tinha nascido pouco mais de um ano após o casamento. Dona Henriqueta cortara-lhe o cordão umbilical com a mesma tesoura de podar com que separara Pedrinho da mãe.

E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que dona Henriqueta fora para a cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo o que engolia, gemendo e suando de frio.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento* [parte 1] – O Continente vol. 1. São Paulo: companhia das Letras, 2013.

Observe o emprego da vírgula nas passagens destacadas a seguir e responda ao que se pede.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália?

[...]

E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

- a) O que justifica o emprego da vírgula na passagem do 3º parágrafo?
- b) Que diferença há nas duas construções do 4º parágrafo para explicar o emprego das vírgulas?

17. FGV-SP – Leia o texto e, em seguida, atenda ao que se pede.

Espigas cheias ou chochas

Este é o momento de cair na real. Não há muita saída para o drama da hora, senão consertar o que está quebrado.

A economia vive de ciclos, curtos e longos. Disso já se sabia desde José do Egito, filho de Jacó, que avisou o faraó de que sete anos de vacas magras e de espigas chochas sucederiam a sete anos de vacas gordas e espigas cheias.

Para enfrentar caprichos do setor produtivo desse tipo é que a humanidade aprendeu a fazer estoques, a empilhar reservas e criar fundos de segurança, também desde José

do Egito ou desde o escravo grego Esopo, o autor da fábula da cigarra e da formiga.

Um dos grandes problemas da economia brasileira é o de que enfrenta agora brutal crise fiscal sem que administradores previdentes tenham previsto a tragédia nem se preparado para enfrentá-la.

MING, Celso. *O Estado de S. Paulo*, 04 maio 2016.

Entendido em seu sentido literal, o trecho “sem que administradores previdentes tenham previsto” contém uma incoerência. O emprego de *aspas* em uma das palavras desse trecho, conferindo a ela um sentido especial, eliminaria a incoerência? Justifique.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Fac. Santo Agostinho-MG

C8-H27

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 23.

Eta vida besta, meu Deus.

Nesse verso, a vírgula é utilizada para

- a) separar um termo deslocado e é facultativa.
- b) separar um aposto e é obrigatória.
- c) isolar um vocativo e é obrigatória.
- d) indicar um sujeito posposto e é facultativa.

19. Enem

C8-H27

Quem procura a essência de um conto no espaço que fica entre a obra e seu autor comete um erro: é muito melhor procurar não no terreno que fica entre o escritor e sua obra, mas justamente no terreno que fica entre o texto e seu leitor.

OZ, Amós. *De amor e trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

A progressão temática de um texto pode ser estruturada por meio de diferentes recursos coesivos, entre os quais se destaca a pontuação. Nesse texto, o emprego dos dois-pontos caracteriza uma operação textual realizada com a finalidade de

- a) comparar elementos opostos.
- b) relacionar informações gradativas.
- c) intensificar um problema conceitual.
- d) introduzir um argumento esclarecedor.
- e) assinalar uma consequência hipotética.

20. Enem

C8-H27

L.J.C.

— 5 tiros?

— É.

— Brincando de pegador?

— É. O PM pensou que...

— Hoje?

— Cedinho.

COELHO, Marcelo. In: FREIRE, Marcelino. (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

- a) uma fala hesitante.
- b) uma informação implícita.
- c) uma situação incoerente.
- d) a eliminação de uma ideia.
- e) a interrupção de uma ação.

43

FIGURAS DE LINGUAGEM

- Figuras de linguagem
- Figuras de som
- Figuras de palavras
- Figuras de sintaxe
- Figuras de pensamento

HABILIDADES

- Identificar as intenções comunicativas presentes no texto com base na sua seleção lexical.
- Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de figuras do campo fonético (aliteração, assonância, onomatopeia e paronomásia).
- Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de figuras de construção e estrutura da oração (hipérbato, elipse, zeugma, pleonasma, polissíndeto, assíndeto, anacoluto, anáfora, silepse).
- Demonstrar que, embora predominante na arte, a conotação e as figuras de linguagem podem ocorrer em contextos não relacionados à linguagem artística, como na gíria, no repertório de expressões populares, nos provérbios, nos cartuns, nas charges, na dança, nos jogos etc.
- Inferir aspectos denotativos e conotativos em diferentes tipos de textos, garantindo a eficiência da leitura das realidades codificadas pela linguagem.
- Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

Figuras de linguagem

MYKYTA DOLMATOV/ISTOCK

As figuras de linguagem são recursos usados na fala ou na escrita para tornar mais expressiva a mensagem transmitida.

Figuras de linguagem são recursos usados na fala ou na escrita para tornar mais expressiva a mensagem transmitida.

A compreensão das figuras de linguagem capacita o interlocutor ou o leitor a interpretar melhor os diferentes tipos de textos e, conseqüentemente, a compreender a linguagem como um fenômeno social.

Dependendo da função que exercem, as figuras de linguagem podem ser: de som, de palavras, de sintaxe ou de pensamento.

FIGURAS DE SOM

Há momentos em que as palavras não são suficientes para transmitir o sentido desejado pelo locutor, que, então, utiliza a linguagem de forma criativa para realçar os sons e, assim, transmitir uma mensagem. Em tais casos, as figuras de linguagem são chamadas de figuras de som (ou sonoras), uma vez que se associam à sonoridade das palavras. São: onomatopeia, aliteração, assonância e paronomásia.

Onomatopeia

Onomatopeia é o processo de formação de palavras ou fonemas com o objetivo de tentar imitar o barulho de um som, quando são pronunciadas. Há onomatopeia cada vez que uma palavra escrita reproduz um ruído, um barulho ou qualquer tipo de som.

Toca à campainha. Em vez de dlim-dlão, ou trrim-trrim, ou mesmo ding-dong, ouvem-se as primeiras notas de uma canção de Natal.

SALDANHA, Ana. *O Pai Natal preguiçoso e a rena Rodolfa*. Alfragide: Leya, 2004.

No exemplo, as palavras “dlim-dlão”, “trrim-trrim” e “ding-dong” imitam o som da campainha e são, portanto, onomatopáicas.

No quadro a seguir, confira algumas onomatopéias empregadas de forma recorrente.

Origem	Onomatopéia
Acender a luz	Clic!
Arroto	Burp!
Balido (carneiro)	Mé! Mé!
Batida à porta	Toc! Toc!
Batida do coração	Tum tum!
Beijo	Smack!
Buzina	Bip bip! Fom fom!
Choro	Buáá!
Cocoricar (galo)	Cocoricó!
Espirro	Atchim!
Estranhamento	Hã? Hein?
Fome	Ronc! Ronc!
Frio	Brrrr!
Gemido	Ai! Ui!
Latido (cachorro)	Au! Au!
Mergulho	Tchibum!
Miado (gato)	Miau!
Mordida	Nhac!
Mugido (vaca)	Muuu!
Nojo	Argh!
Pio (pássaro)	Piu-piu!
Quebrar algo	Crack! Crash!
Raiva	Grrrr!
Relógio	Tic-tac!
Risos	Há! Há!
Surpresa	Oooops!
Suspiro	Chuif! Snif!
Telefone	Trimmm!
Tiro	Bam! Bang!
Tosse	Cof! Cof!
Vaia	Uuuuu!
Zunido (abelha)	Bzzzz!

LEITURA COMPLEMENTAR



TOMACCO/ISTOCK

As onomatopéias são um procedimento bastante explorado pelo narrador do texto oral, por suas representações imitativas de fatos sonoros com a intenção de traduzir, em voz humana, ruídos e sons da natureza, bem como ações humanas ou não.

O poder sugestivo da onomatopéia

No conto popular “A Moura Torta”, a personagem que lhe dá título, num ato de desabafo, ao atribuir como sua a sombra de uma bela princesa refletida nas águas da fonte em que ela apanhava água, diz:

— Ah! Mas eu tão bonita, carregando água pra minha Sinhá! Aí tocava era o cardeirão: pem—pem—pem! (EBR - 245.4)

tentando arrebentar, no lajedo, o caldeirão em que levaria água para a patroa. Os ruídos provocados pela batida do recipiente na pedra são imagens auditivas que se transformam em imagens verbais no discurso narrativo. O narrador, através de uma sequência fônica imitativa, conseguiu transmitir, de maneira vigorosa, expressiva e convincente, a carga emotiva que estava por trás do gesto da personagem. Essa sequência fônica se constitui uma onomatopéia. Essa figura é definida como grupos de sons ouvidos conjuntamente para formação de complexos fônicos que, pela repetição associada à coisa ou ao gesto, adquirem valor simbólico. O contorno do mundo se manifesta ao nosso espírito por meio de imagens visuais e auditivas. O olhar nos permite a exata percepção das coisas que se enfeixam dentro do nosso horizonte, mas o ouvido também nos revela a existência e o suceder das coisas circundantes. É mais ou menos o que, em outras circunstâncias, diz Octávio Paz: “Jogos de ecos e correspondências entre tempo e espaço”. Como as onomatopéias quase sempre são representações imitativas de fatos sonoros com a intenção de traduzir, em voz humana, ruídos e sons da natureza, bem como ações humanas ou não, é um procedimento bastante explorado pelo narrador do texto oral. Por meio dessa figura de construção, criada a partir de sugestões recebidas do mundo sonoro, o narrador de histórias orais consegue passar para a sua plateia, de modo realista e sugestivo, as emoções vivenciadas pelos personagens, utilizando-se do potencial fonético da língua para representá-las.

Assim, esses fatos sonoros, aparentemente desprovidos de significado, se agrupam, se aliteram em correspondências imitativas bastante expressivas, ganhando certa autonomia vocabular, reforçando, por vezes, como significante, significados suplementares ao signo poético. Com isso, a linguagem se apoia no valor acústico, na sonoridade que as coisas têm. “O nome participa da natureza do ser — é o próprio ser manifestando-se em um equivalente sonoro”. Os sons, como atributos dos seres, despertam em nós uma ressonância psíquica correspondente, possibilitando ao ouvido exercitado encontrar, nas vibrações sonoras do mundo circundante, estímulos das sensações e das impressões emotivas, através de associações de ideias.

É Saussure quem nos diz que “O caráter psíquico das nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos a nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema”. Na teoria saussureana, o signo linguístico é arbitrário, isto é, imotivado, mas muitas das onomatopeias são criações espontâneas de momento, motivadas por associações sonoras imitativas, buscando certa aproximação com o significado. No texto vocalizado, uma mensagem específica é enunciada transformando em “ícone” o signo simbólico libertado pela linguagem.

Quanto mais criativo e talentoso, mais o poeta inventa e explora o manancial sonoro da língua, suplementando dessa maneira a informação do discurso narrativo. É como procede Guimarães Rosa, em *Uma estória de amor*, quando descreve a dramática perseguição de valentes, famosos e corajosos vaqueiros ao Boi Bonito. Lançando mão de seqüências sonoras imitativas, cria vocábulos, ou refuncionaliza os já existentes no léxico da língua, acrescentando à sua prosa poética um maior poder sugestivo de expressão realista e de grande tensão dramática. É como se o leitor estivesse presente à cena, participando ao vivo da desafiante corrida:

Se esparramaram em despenque, morro a fundo, por todo lado: qualequal, qual e qual, qual-e-qual, qual-e-qual, qual-e-qual, qual, qual, qual, qual, qual, qual ... Sobaixo de tantas patas, a terra sotrateava. (ROSA, Guimarães. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Ecos e ressonâncias: a onomatopeia na literatura oral. *Revista Estudos de Literatura Oral*, n. 2, Centro de Estudos Ataíde Oliveira. Universidade do Algarve, 1996.

Aliteração

Aliteração é a repetição de sons de consoantes iguais ou semelhantes. Ocorre, geralmente, no início das palavras, que compõem versos ou frases, mas pode estar também no meio ou no fim. Exemplo:

Crucifixo fixo, fixo,
Cristo roxo da paixão,
Transpassado, transfixado,
Chegado, esbofeteado,
Escarrado; abandonado
Pelo Pai de compaixão,[...].

MENDES, Murilo. Crucifixo de Ouro Preto. In: *Contemplação de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1954.

Assonância

Assonância é a repetição harmônica de sons vocálicos. Ocorre predominantemente na poesia, podendo ocorrer também em pequenas frases na prosa.

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O sol, celestial girassol, esmorece...

CASTRO, Eugênio de. Um sonho. *Oaristos*. Coimbra: Livraria Portuguesa e Estrangeira de Manuel d'Almeida Cabral, 1890. Adaptado.

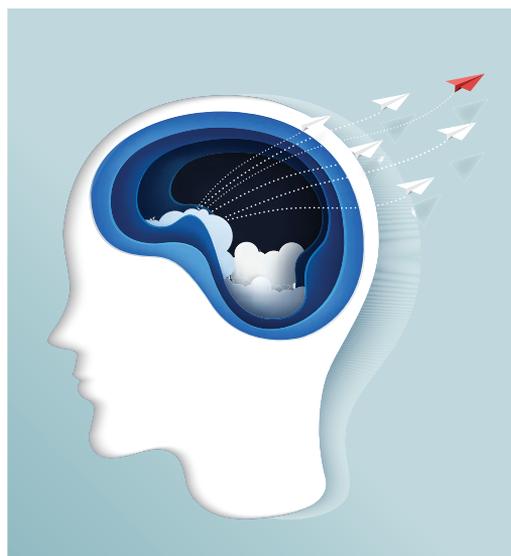
Paronomásia

Paronomásia é a utilização de palavras parônimas, ou seja, palavras com significados diferentes que se escrevem e se pronunciam de forma parecida. A paronomásia é popularmente conhecida como “trocadilho”, sendo comum em provérbios e nos meios publicitário e humorístico.

a onda anda
aonde anda
a onda? [...]

BANDEIRA, Manuel. A onda. *Estrela da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.

FIGURAS DE PALAVRAS



MAN ASTHEP/ISTOCK

As figuras de palavras são caracterizadas, sobretudo, pelo emprego figurativo das palavras, quando são

empregadas fora de seu sentido denotativo, de forma figurada. São: metáfora, comparação, metonímia, antonomásia, sinédoque, catacrese e sinestesia.

Metáfora

Metáfora é uma figura de palavra que transporta a palavra (ou a expressão) do seu sentido literal para o sentido figurado. Trata-se de uma comparação que é expressa sem os termos que caracterizam uma comparação. Na metáfora, utiliza-se uma palavra com a intenção de que um sentido implícito nela se destaque e conduza a interpretação do que está sendo dito.

Meu coração é um anjo de pedra com a asa quebrada.

ABREU, Caio Fernando. Na terra do coração. In: *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

Comparação

Comparação é o estabelecimento de uma relação comparativa explícita entre palavras ou expressões, marcada pela presença de termos análogos a “como, assim como, tal como, igual a, que nem”, entre muitos outros. A comparação também pode ser feita a partir de verbos, como “parecer” e “assemelhar-se”.

Ela enchia-me de carícias. E quando o meu pai chegava, nas suas crises, exasperado como um pé de vento, eu via-a chorar e pronta a esquecer todas as intemperanças verbais do seu marido.

REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

Metonímia

Metonímia é a substituição de palavras que guardam uma relação de sentido entre si. Esta figura de palavra acontece de diversas formas, destacando-se a substituição do(a):

• AUTOR PELA OBRA

Eu lia Machado de Assis, lia os nossos autores, o Erico Verissimo, o Mário Quintana, que é uma das minhas paixões, inclusive tive a oportunidade de dizer isso mais de uma vez a ele.

GOLIN, Cida. *Memórias de vida e criação*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1999.

Na verdade, o narrador lia as obras de Machado de Assis, de Erico Verissimo e de Mário Quintana.

• INVENTOR PELO INVENTO

Santos Dumont fez o pó da terra voar, sair do mundo, desprender-se dos horizontes estreitos.

JORGE, Fernando. *As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont*. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2018.

Na verdade, o que “fez o pó da terra voar” foi o avião, invenção de Santos Dumont.

• SÍMBOLO PELO OBJETO SIMBOLIZADO

Fui beneficiado, regularizei meus documentos e pronto. Mas nunca deixei de ter meu coração verde-e-amarelo.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BELLINO, Ricardo R. *O estado dos emigrantes: o 28º estado brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

O coração verde e amarelo está ligado ao sentimento de identidade, de pertença ao Brasil.

• LUGAR PELO PRODUTO

O parmesão é um dos tipos de queijo mais consumidos, principalmente na forma de queijo ralado. Teve sua origem na região italiana do vale do Pó, por volta de 1200.

SILVA, Fernando Teixeira. *Queijo parmesão*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005.

Como o texto explica, parmesão é o nome do local de origem do queijo, que, por ter origem controlada, passou a definir especificamente esse tipo de queijo.

• EFEITO PELA CAUSA

Respeitem ao menos meus cabelos brancos.

MARTINS, Herivelto; PINTO, Marino. *Cabelos brancos*. In: *O melhor de Herivelto Martins*: melodias e letras cifradas para guitarra, violão e teclados. São Paulo: Irmãos Vitale, 2000.

Nesse caso, o locutor pede que seja respeitado em razão de sua idade avançada, por ser idoso.

• CAUSA PELO EFEITO

Tinha me formado em filosofia, dava aula, mas não comia do meu trabalho.

KATZ, Chaim. “Chaim Katz, Correntezas” por psicanalistas que falam. *Psicanalistas pela democracia*, 5 nov. 2016. Disponível em: <<http://psicanalisedemocracia.com.br>>. Acesso em: nov. 2018.

Com essa fala, Chaim Katz quis dizer que não se sustentava com o salário advindo do seu trabalho.

• CONTINENTE PELO CONTEÚDO

Só comi um saco de biscoitos de arroz ontem.

HALLE, Karina. *Se nada der certo até os 30, você se casa comigo?* Tradução de Elisa Nazarian. São Paulo: Única, 2017.

Na verdade, o narrador quer dizer que consumiu todo o conteúdo de um pacote de biscoito.

• PARTE PELO TODO

O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas.

Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poema de sete faces*. In: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

Na verdade, o sujeito poético quer dizer que o bonde está cheio de pessoas.

• GÊNERO PELA ESPÉCIE

Li em algum lugar que os mortais viciados em bananas livram-se da depressão.

HATOUM, Milton. *Celebridades, personagens e bananas. In: Um solitário à espreita: crônicas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Nesse caso, os mortais são os seres humanos.

• SINGULAR PELO PLURAL

Em todas as sociedades impera a violência contra a mulher.

NASCIMENTO, Luciana; LOBO, Andrea Maria Favilha. *Mosaicos da cultura brasileira.* Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

Na verdade, a violência é contra as mulheres.

• MARCA PELO PRODUTO

Nos idos d'antanho, as antenas eram Plasmatic, tinham a forma triangular e um bombril na ponta.

BARBARA, Vanessa. No meu tempo: In: *O louco de palestra e outras crônicas urbanas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Plasmatic é a marca das antenas.

• ESPÉCIE PELO INDIVÍDUO

Foi no dia 20 de julho de 1969 que o Homem chegou à Lua.

LETRIA, José Jorge. *Quem assim falou – grandes frases de todos os tempos.* Alfragide: Leya, 2012.

Na verdade, quem chegou à Lua foram apenas alguns astronautas, mas eles representavam todos os seres humanos.

Antonomásia

Antonomásia é a substituição de um nome próprio (de uma pessoa, povo, cidade ou país, ser real ou ficcional) por um nome comum e vice-versa, de modo que ambos os nomes utilizados tenham uma relação lógica e inconfundível entre si. Na linguagem coloquial, geralmente o uso de apelidos representa o emprego da antonomásia.

O que a gente queria mesmo era só falar das alegrias vividas juntos aqui em Sampa.

VIEIRA, Emanuel Medeiros. *Cerrado desterro: memórias.* Brasília: Thesaurus, 2008.

“Sampa”, no fragmento, refere-se à cidade de São Paulo.

Sinédoque

Sinédoque é considerada um dos casos de metonímia, já que consiste em exprimir o todo pela parte ou a parte pelo todo.

Precisava “ter um teto”, como dizia D. Eufrosina, nos planos que juntos faziam, em seus primeiros anos de casados.

SALES, Herberto. *O automóvel. In: Melhores contos.* São Paulo: Global, 2015.

Evidentemente, o que D. Eufrosina desejava era uma casa.

Catacrese

Catacrese é o emprego de uma palavra com um sentido diferente do literal para suprir a falta de um termo adequado.

Paro, volto e sento no braço do sofá, olho para o pai e pergunto com o olhar o que é aquilo, afinal?

BRACHER, Beatriz. *Não falei.* São Paulo: Ed. 34, 2004.

Sinestesia

Sinestesia é a combinação de termos que remetem a diferentes sentidos do corpo humano.

Vem do juiz distrital um perfume muito doce, muito tímido, um perfume que, como o dono, tem medo de ser importuno, de ousar demais...

VERISSIMO, Erico. *Música ao longe.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FIGURAS DE SINTAXE



BAGOTAJ/ISTOCK

As figuras de sintaxe são caracterizadas, sobretudo, pelo emprego estilizado da estrutura das sentenças, tendo como referência a estrutura sintática fundamental da língua portuguesa, no caso. São: elipse, zeugma, anacoluto, anáfora, hipérbato, sínquise, assíndeto, polissíndeto, pleonasma e silepse.

Elipse

Elipse é a omissão de uma palavra ou expressão da sentença, mas que mesmo assim pode ser identificada. O termo fica subentendido e sua ausência na oração não prejudica a compreensão do que está sendo dito.

Chegamos tarde ao hotel, por volta das 20 horas, e preferimos não deixar para procurar transporte para Machu Picchu no dia seguinte.

PROVETTI, Rômulo. *A caminho do céu: uma viagem de moto pelo Altiplano Andino.* Blumenau: Nova Letra, 2013.

Pela desinência verbal, percebe-se que o termo subentendido é “nós”, que é um sujeito oculto.

Zeugma

Zeugma é a omissão de palavras ou expressões anteriormente expressas no período. A repetição do

termo fica subentendida, sem que isso prejudique a compreensão da sentença.

O colégio compareceu fardado; a diretoria, de casaca.

POMPELA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1996.

No fragmento, é possível recuperar facilmente o verbo “compareceu”, presente na primeira oração.

Anacoluto

Anacoluto ou “frase quebrada” é a interrupção da estrutura sintática de uma oração, de modo que um termo ou expressão que parecia ser essencial à sentença fica solto.

A velha hipocrisia recordo-me hoje dela com vergonha.

BRANCO, Camilo Castelo. *Um homem de brios*. Minho: Edições Vercial, 2017.

Anáfora

Anáfora é a repetição de uma ou mais palavras no início de orações, períodos ou versos sucessivos. É um recurso bastante utilizado em poemas e canções.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é, [...]

PESSOA, Fernando. Não sei quantas almas tenho. *Novas poesias inéditas*. Lisboa: Ática, 1973.

Hipérbato

Hipérbato é uma inversão brusca da ordem dos termos de uma oração.

Mas, como o dele, batia

Dela o coração também.

BANDEIRA, Manuel. Cartas de meu avô. In: *Manuel Bandeira*: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1970.

Síntese

Síntese é uma radical inversão da ordem direta dos termos da oração, de modo que, numa primeira leitura, torna-se difícil a compreensão do enunciado. A síntese privilegia o lado rítmico e artístico da frase, preterindo a clareza e fluidez da mensagem, que pode se tornar obscura e ininteligível.

**Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico o brado retumbante**

DUQUE-ESTRADA, Joaquim Osório. *Hino Nacional Brasileiro*. Disponível em: <http://www2.fab.mil.br>. Acesso em: nov. 2018.

Assíndeto

Assíndeto é a omissão dos conectivos entre palavras, expressões ou orações que compõem um período composto por orações coordenadas assindéticas. O assíndeto é usado como recurso estilístico para enfatizar os termos mais importantes de uma sentença, considerando-se a ideia que se deseja transmitir.

Vim, vi, venci.

CÉSAR, Júlio. In: Eduardo Vargas de Macedo Soares Filho (Org.). *Como pensam os humanos: frases célebres*. São Paulo: LEUD, 2016.

Polissíndeto

Polissíndeto é a repetição de um determinado conectivo entre palavras ou expressões, ou ainda entre orações sindéticas que constituem um período composto por coordenação.

Há dois dias meu telefone não fala, nem ouve, nem toca, nem tuge, nem muge.

BRAGA, Rubem. O telefone. In: *Rubem Braga: crônicas para jovens*. São Paulo: Global, 2015.

Pleonasmo

Pleonasmo é o emprego de palavras que produzem redundância, podendo ser de dois tipos: literário ou vicioso.

O pleonasmo literário consiste no uso de palavras redundantes com o objetivo de enfatizar o que está sendo dito. É chamado de literário porque é frequentemente empregado por escritores, poetas e compositores como recurso estilístico.

“Eis-me aqui”, diz ao índio prisioneiro;

“Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,

“As nossas matas devassaste ousado,

“Morrerás morte vil da mão de um forte.”

DIAS, Gonçalves. I-Juca Pirama. In: *Obras poéticas de A. Gonçalves Dias*. Manuel Bandeira (Org.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. v. I-II.

O pleonasmo vicioso ocorre quando palavras redundantes são utilizadas sem nenhuma função, já que o sentido completo da mensagem já foi expresso por outras palavras que vieram antes.

Isabel amarrou o barco ao submarino e subiu para cima dele.

SILVA, Nuno Nogueira. *A bailarina e o robot japonês*. Alfragide: Leya, 2013.

Silepse

Silepse é o estabelecimento da concordância não com as palavras que compõem a frase, mas com a ideia que se pretende transmitir ou com termos subentendidos. Assim, trata-se de uma concordância ideológica. Há três tipos de silepse: silepse de gênero, silepse de número e silepse de pessoa.

SILEPSE DE GÊNERO

Quando há uma discordância gramatical entre os gêneros dos artigos, substantivos, adjetivos, pronomes.

Sim, São Paulo é congestionada, complicada e poluída, mas o clima é excelente para atividades físicas.

XAVIER FILHO, Sérgio. *Boston: a mais longa das maratonas*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018. (Fragmento)

SILEPSE DE NÚMERO

Quando o sujeito é uma palavra no singular que transmite uma ideia de coletividade e há discordância gramatical entre este e o verbo.

A maioria das crianças precisam de um primeiro objeto de transição, como o primeiro urso de pelúcia que carregam para todo lugar. Mas todo o resto é uma necessidade gerada socialmente.

FURNISS, Joanne. *As crianças estão ganhando brinquedos demais?* In: *BBC News Brasil*, 25 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.bbc.com>>. Acesso em: nov. 2018.

SILEPSE DE PESSOA

Quando há discordância entre o sujeito e a pessoa verbal.

Todos somos assim.

MATOS, Sérgio Idelano Alves. *Somos todos velhas fotografias*. São Paulo: Biblioteca24horas, 2010.

FIGURAS DE PENSAMENTO



SASHA2538/STOCK

As figuras de pensamento são caracterizadas, sobretudo, pelo emprego figurativo de ideias, como estratégia discursiva do enunciador. São: ironia, hipérbole, eufemismo, prosopopeia, antítese, paradoxo, gradação e apóstrofe.

Ironia

Ironia é o emprego de uma palavra ou expressão de forma que ela tenha um sentido diferente do habitual e produza um humor sutil.

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 1981.

Nesse trecho, o narrador evidencia o fato de Marcela manter um relacionamento por interesse, já que perdurou enquanto houve dinheiro.

Hipérbole

Hipérbole é o exagero de uma ideia com o objetivo de expressar intensidade.

Da janela, as duas lindas moças quase morreram de rir.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Eufemismo

Eufemismo é a substituição de palavras ou expressões com o objetivo de suavizar a mensagem, torná-la menos chocante.

O que vale é que sei que "passou desta para melhor".

PINHEIRO, Fátima. *Rasante*. Lisboa: Chiado, 2014.

Prosopopeia

Prosopopeia ou personificação é a atribuição de características, ações e sentimentos próprios de seres humanos a seres inanimados e a seres irracionais.

E como hoje igualmente não-de bailar

As quatro estações à minha porta

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Quando. In: *Coral e outros poemas*. FERRAZ, Eucanaã. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Antítese

Antítese é a aproximação de palavras que expressam ideias opostas.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,

Depois da Luz se segue a noite escura,

Em tristes sombras morre a formosura,

Em contínuas tristezas a alegria.

GUERRA, Gregório de Matos. *Nasce o Sol, e não dura mais que um dia*. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

Paradoxo

Paradoxo é a associação de conceitos contraditórios na representação de uma só ideia. Embora esses conceitos contraditórios possam parecer ilógicos, acabam formando uma unidade semântica aceitável, passível de ser real.

O deputado [...] está politicamente morto, mas ainda pode fazer estragos gigantescos antes de virar réu [...] É, pois, um morto-vivo. E vivíssimo!

CANTANHÊDE, Eliane. *Morto-vivo vivíssimo*. *Estado de S. Paulo, Política*, 11 out. 2015.

Gradação

Gradação é o encadeamento de ideias que pode seguir uma ordem crescente ou uma ordem decrescente.

Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. (Prazer de ler. n. 7).

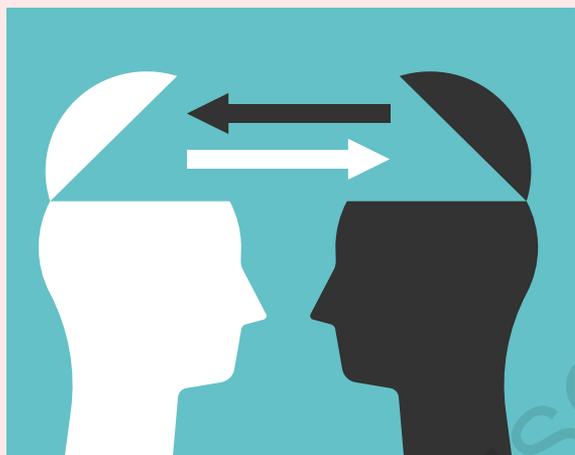
Apóstrofe

Apóstrofe é a invocação, interpelação ou chamamento de algo personificado ou de alguém, quer seja real ou imaginário, quer esteja presente ou ausente.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!

PESSOA, Fernando. Mar português. In: *Mensagem*. São Paulo: Poeteiro, 2014.

LEITURA COMPLEMENTAR



DMITRIL_GUZHANIN/ISTOCK

Segundo cientistas do discurso, as chamadas figuras de pensamento constituem um dos mecanismos empregados na estratégia de persuasão do enunciador pelo enunciário com a finalidade de fazê-lo crer.

Comunicação e manipulação

A comunicação não deve ser entendida apenas como um fazer informativo, mas também e principalmente como uma estrutura complexa de manipulação, em que o enunciador exerce um fazer persuasivo e o enunciário, um fazer interpretativo. O primeiro, dotado de um querer/saber/poder fazer-criar, faz o segundo crer em seu discurso. Se o ato comunicativo é, ao mesmo tempo, um fazer persuasivo e um fazer informativo, deve ser descrito como um programa narrativo complexo, que comporta um programa de base e programa(s) de uso.

Informar é transmitir um objeto cognitivo, um saber. Esse valor acha-se inscrito num enunciado. No entanto, para transmiti-lo, é necessário que o sujeito operador desse fazer o possua.

As chamadas figuras de pensamento constituem um dos mecanismos empregados na estratégia de persuasão do enunciador pelo enunciário com a finalidade de fazê-lo crer. O querer fazer-criar do enunciador determina a produção discursiva e impõe o estabelecimento de um dado contrato enunciativo.

Pode-se afirmar, portanto, que as figuras constituem desvios. Ao estudar os metalogismos (as chamadas figuras de pensamento), deve-se assumir que o critério para percebê-

-los é uma referência necessária a um dado extralinguístico, pois eles se fundam no espaço exterior que se estabelece entre a palavra e o referente. Só o conhecimento do referente permite apreendê-los. O metalogismo consiste numa “falsificação ostensiva” da correspondência entre o signo e o referente, “transgride a relação normal entre o conceito e a coisa significada”, “contesta a verdade dos fatos”. A norma em relação à qual o metalogismo é um desvio constitui a verdade do referente. Além disso, o metalogismo é sempre particular, está sempre ligado a um circunstancial egocêntrico e, por isso, nunca aparece dicionarizado.

É preciso admitir que os efeitos de sentido produzidos pelos chamados metalogismos são sempre circunstanciais e, portanto, nunca dicionarizados. Isso ocorre porque pertencem à performance discursiva, estando ligados, portanto, ao eu-aqui-agora da enunciação. Não alteram o conteúdo sêmico de uma figura do discurso, como a metáfora e a metonímia, mas se afirmam como uma maneira de construir o discurso.

O enunciador pode, em função de suas estratégias para fazer-criar, construir discursos em que haja um acordo entre enunciado e enunciação ou discursos em que haja um desacordo entre essas duas instâncias. A discordância entre enunciado e enunciação não é um desacordo entre um conteúdo manifesto e uma intenção comunicativa infável, pois as únicas intenções do sujeito que se podem apreender são as inscritas no discurso.

Essas duas maneiras de construir o discurso impõem dois contratos enunciativos diferentes. No caso de acordo entre enunciado e enunciação, ele se explicita como “o enunciado X deve ser lido como X”; no caso oposto, como “o enunciado X deve ser interpretado como não X”. Esses contratos determinam a atribuição de estatutos veridictórios distintos aos dois tipos de discurso. Trata-se, com efeito, de um jogo que se estabelece entre o ser (dizer) e o parecer (dito)*. O enunciário atribuirá aos discursos em que haja acordo entre o enunciado e a enunciação o estatuto de *verdade* (/ser/ + /parecer/) ou de *falsidade* (/não-ser/ + /não-parecer/) e àqueles em que se manifeste um conflito o estatuto de *mentira* (/não-ser/ + /parecer/) ou de *segredo* (/ser/ + /não-parecer/). Esses

diferentes mecanismos discursivos fazem parte de distintas estratégias de persuasão, que visam a revelar um fato (verdade ou falsidade) ou a dissimulá-lo (mentira ou segredo), a desvelar um significado ou a velá-lo. Com esses mecanismos, o enunciador consegue dois efeitos de sentido distintos: a franqueza ou a dissimulação. Esta deve ser aqui entendida como a reunião de dois modos de ver um fato, como a maneira de mostrar a ambiguidade de alguma coisa e as múltiplas maneiras de interpretá-la.

Portanto, no seu fazer persuasivo, o destinatador procura criar efeitos de estranhamento com a finalidade de chamar a atenção do enunciatário para sua mensagem. Por isso, utiliza-se de recursos retóricos. Assim, o enunciatário, por meio de uma percepção inédita e inesperada, pode atentar melhor para certos elementos que estão sendo comunicados e aceitar mais facilmente o enunciado. Dizendo sem ter dito, simulando moderação para afirmar de maneira enfática, fingindo ênfase para dizer de maneira atenuada, apresentando uma nova combinação de figuras, o enunciador mostra outras maneiras de ver o mundo. Deixa de trabalhar no campo da verdade (/ser/ + /parecer/) ou da falsidade (/não-ser/ + /não-parecer/) enunciativas, para manipular o segredo ou a mentira. Com efeito, esses

procedimentos retóricos operam no âmbito da simulação (/parecer/ + /não-ser/) ou da dissimulação (/não-parecer/ + /ser/). Cabe ao enunciatário perceber o segredo ou a mentira no seu fazer interpretativo. A verdade e a falsidade no domínio da sintaxe e da semântica do discurso constituem o reino da competência, da previsibilidade, da certeza, da normalidade, da não contraditoriedade, enquanto o segredo e a mentira fundam a imprevisibilidade, a incerteza, a anormalidade, a labilidade, a contraditoriedade.

Desse ponto de vista, os mecanismos retóricos não são ornatos que se possam suprimir, mas constituem uma maneira insubstituível de dizer. Fazem parte dos recursos de persuasão do enunciatário pelo enunciador, pois, instaurando o segredo e a mentira no discurso, desvelam uma nova verdade, produzem um novo saber, descobrem significados, encobrimo-os. E a finalidade do ato comunicativo não é outra senão fazer que o enunciatário sobremodalize esse saber, essa verdade, esses significados com a certeza, que ele creia no enunciado produzido.

FIORIN, José Luiz. As figuras de pensamento – estratégia do enunciador para persuadir o enunciatário. *Alfa*, São Paulo, v. 32, 1988. p. 53-67. Adaptado.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS

ROTEIRO DE AULA

FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são

recursos que visam à maior expressividade da mensagem.

relacionadas com o enriquecimento da linguagem a partir do realce dos sons presentes na enunciação, estão as figuras de

sons,

classificadas como

onomatopeia,

cuja característica é

a tentativa de reprodução dos sons presentes na enunciação.

assonância,

cuja característica é

a repetição de sons vocálicos iguais ou semelhantes.

aliteração,

cuja característica é

a repetição de sons consonantais iguais ou semelhantes.

paronomásia,

cuja característica é

o emprego de parônimos: palavras com significados diferentes que se escrevem e se pronunciam de forma parecida

ROTEIRO DE AULA

relacionadas com o emprego figurativo das palavras, estão as figuras de

palavras,

classificadas como

metáfora,

cuja característica é

a transposição do sentido de uma palavra do literal para o figurado.

comparação,

cuja característica é

a comparação explícita entre palavras ou expressões.

antonomásia

cuja característica é

a substituição de um nome próprio por um comum, ou vice-versa.

sinestesia,

cuja característica é

a combinação de termos que remetem a diferentes sentidos.

catacrese,

cuja característica é

a supressão metafórica de um termo por fala de termo adequado.

metonímia

cuja característica é

a substituição de palavras sinônimas,

sinédoque, (um tipo de metonímia)

cuja característica é

a expressão do todo pela parte ou da parte pelo todo.

ROTEIRO DE AULA

podendo, de acordo com a natureza dessa substituição, ser definida como

autor pela obra.

espécie pelo indivíduo.

inventor pelo invento.

marca pelo produto.

símbolo pelo objeto.

singular pelo plural.

lugar pelo produto.

gênero pela espécie.

efeito pela causa.

parte pelo todo.

causa pelo efeito.

continente pelo conteúdo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

relacionadas com a estilização da organização estrutural das sentenças estão as figuras de

sintaxe,

classificadas como

elipse,

cuja característica é

a omissão de estrutura da sentença

zeugma,

cuja característica é

a omissão de estrutura anteriormente expressa na sentença.

anacoluto,

cuja característica é

a interrupção de estrutura da sentença, de modo que algum termo fique "solto".

anáfora,

cuja característica é

a repetição de uma ou mais estrutura no início da oração.

sinquise,

cuja característica é

radical inversão na ordem dos termos da oração.

assíndeto,

cuja característica é

omissão de conectivos entre estruturas de períodos compostos

polissíndeto,

cuja característica é

a repetição de determinado conectivo entre estruturas sintáticas

pleonasm,

cuja característica é

o emprego de palavras redundantes,

ROTEIRO DE AULA

podendo, de acordo com o gênero discursivo do texto em que ocorre, ser classificado como

literário.

vicioso.

hipérbato,

silepse,

cuja característica é

cuja característica é

a inversão brusca na ordem dos termos da oração.

a concordância ideológica, não sintática, entre as estruturas das sentenças,

podendo, de acordo com os elementos em concordância, ser classificada como

silepse de gênero.

silepse de pessoa.

silepse de número.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO BOSCO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

relacionadas com o emprego figurativo de ideias, estão as figuras de

pensamento,

classificadas como

ironia,

cuja característica é

o emprego intencional do sentido oposto de palavra
ou expressão.

apóstrofe,

cuja característica é

invocação, interpelação ou chamamento de algum
ser real ou imaginário.

hipérbole,

cuja característica é

o exagero de uma ideia, para expressar intensidade.

gradação,

cuja característica é

encadeamento de uma ideia em ordem crescente
ou decrescente.

eufemismo,

cuja característica é

a substituição de palavra ou expressão, a fim de suavizar a mensagem.

paradoxo,

cuja característica é

associação de conceitos contraditórios na apresentação de uma ideia.

prosopopeia,

cuja característica é

atribuição de características próprias de seres humanos a seres inanimados ou irracionais.

antítese,

cuja característica é

aproximação de palavras ou ideias que expressam sentidos opostos.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Fuvest-SP

Sarapalha

- Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!
- É um instantinho e passa... É só ter paciência....
- É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p'ros infernos!...
- Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...
- Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...
- O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...
- Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...
- O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele”...
- Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...
- Prima Luísa...
- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...
- Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!
- Não é mesmo não...
- Pois então?!
- Conta o resto da estória!...
- ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio...”

ROSA, Guimarães. Sarapalha. In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos)

No texto de *Sarapalha*, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- No rio ninguém não anda
- só a maleita é quem sobe e desce.
- O senhor já sabe as palavras todas de cabeça.
- e com a viola enfeitada de fitas.
- ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa.

Personificação ou prosopopeia é a atribuição de características, ações e sentimentos próprios de seres humanos a seres inanimados e a seres irracionais, como se verifica em “só a maleita é quem sobe e desce”.

2. Fatec-SP

Palavras: uma questão de estilo

A construção de um bom texto depende da criatividade de quem o escreve.

Veja como o uso das palavras exerce um papel importante nesse contexto.

João Ribeiro, eminente gramático e profundo conhecedor da língua portuguesa, disse certa vez, em entrevista que deu ao jornalista carioca João do Rio (*O Momento Literário*), que o estilo seria, antes de tudo, “a ideia precisa e exata na sua forma exata e precisa”. De fato, não são poucos os que acreditam que o estilo depende, basicamente, da conjugação precisa entre forma e fundo, ideia em si mesma legítima, embora se saiba que até mesmo o que se considera erro, lacuna, falha ou desvio pode ser, no limite, considerado... uma questão de estilo. Falar em estilo na língua portuguesa remete-nos, imediatamente, a certa escala de valores que não apenas as frases, as orações e os períodos contêm, mas que também as palavras, isoladamente ou não, possuem. Assim, da mesma maneira que temos, no que compete à gramática da língua, as categorias essenciais (substantivos, verbos, adjetivos), auxiliares (artigos, preposições) e determinantes (advérbios, numerais), nas quais os vocábulos se subdividem, em termos de estilo essas categorias são também fundamentais para que possamos apreender a língua não em sua estrutura morfossintática, mas em sua configuração estilística. Uma frase como “Aires não pensava nada, mas percebeu que os outros pensavam alguma coisa”, retirada do romance *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, é reveladora não apenas pelo sentido que ela tem para a economia do romance, mas também em razão do peso que os verbos possuem no período, ora pelo jogo de oposições entre singular e plural (pensava / pensavam); ora pela dicotomia entre afirmação e negação (pensava / não pensavam); ora pela mediação, entre os dois vocábulos, realizada pelo verbo percebeu (pensava / percebeu / pensavam); ora ainda pelo contraste entre dois tempos verbais, o pretérito imperfeito (pensava / pensavam) e o perfeito (percebeu). Tudo isso se torna significativo, literariamente falando, para a narrativa e, mais do que um traço morfossintático, é um traço estilístico marcante na escala de valores a que aqui nos referimos e que pode, ainda, ter uma natureza sinestésica, estando ligada a determinados sentidos humanos. Por exemplo, é muito comum associarmos determinadas palavras a determinados sentidos, criando assim – no âmbito da percepção estilística – imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas ou gustativas.

O texto faz referência à sinestesia, um recurso semântico capaz de tornar o texto mais expressivo.

Assinale a alternativa que apresenta um exemplo da figura de linguagem conhecida como sinestesia.

- O toque de suas mãos era frio como a neve.
- Suas palavras eram amargas e frias.
- Caía lá fora a neve fria.
- O inverno sem você é glacial.
- O frio contava as histórias de tempos passados.

Sinestesia é a combinação de termos que remetem a diferentes sentidos do corpo humano, como se verifica em “Suas palavras eram amargas e frias” → amargas = paladar; frias = tato.

3. Uece

Fita métrica do amor

Como se mede uma pessoa? Os tamanhos variam conforme o grau de envolvimento. Ela é enorme pra você quando fala do que leu e viveu, quando trata você com carinho e respeito, quando olha nos olhos e sorri destravado. É pe-

quena pra você quando só pensa em si mesmo, quando se comporta de uma maneira pouco gentil, quando fracassa justamente no momento em que teria que demonstrar o que há de mais importante entre duas pessoas: a amizade.

Uma pessoa é gigante pra você quando se interessa pela sua vida, quando busca alternativas para o seu crescimento, quando sonha junto. É pequena quando desvia do assunto. Uma pessoa é grande quando perdoa, quando compreende, quando se coloca no lugar do outro, quando age não de acordo com o que esperam dela, mas de acordo com o que espera de si mesma. Uma pessoa é pequena quando se deixa reger por comportamentos clichês.

Uma mesma pessoa pode aparentar grandeza ou miudeza dentro de um relacionamento, pode crescer ou decrescer num espaço de poucas semanas: será ela que mudou ou será que o amor é traiçoeiro nas suas medições? Uma decepção pode diminuir o tamanho de um amor que parecia ser grande. Uma ausência pode aumentar o tamanho de um amor que parecia ser ínfimo.

É difícil conviver com esta elasticidade: as pessoas se agigantam e se encolhem aos nossos olhos. Nosso julgamento é feito não através de centímetros e metros, mas de ações e reações, de expectativas e frustrações. Uma pessoa é única ao estender a mão, e ao recolhê-la inesperadamente, se¹⁷⁰ orna mais uma. O egoísmo unifica os insignificantes.

Não é a altura, nem o peso, nem os músculos que tornam uma pessoa grande. É a sua sensibilidade sem tamanho.

MEDEIROS, Martha. *Non-stop: crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: L&PM Editores. 2001.

Como figura de linguagem, a anáfora é caracterizada pela repetição de uma ou mais palavras no início de versos, orações ou períodos. Na crônica, a autora recorre à anáfora, nos três primeiros parágrafos do texto, pela repetição da conjunção “quando”, com o objetivo de

- ampliar a expressividade do conteúdo da mensagem, enfatizando o sentido do termo repetido consecutivamente.
- empregar a anáfora como um recurso estilístico indispensável a qualquer texto de cunho literário.
- respeitar as características da crônica, já que a anáfora é um recurso linguístico próprio deste tipo de gênero textual.
- fazer referência a uma informação previamente mencionada.

Anáfora é a repetição de uma ou mais palavras no início de orações, períodos ou versos sucessivos, como se verifica na conjunção “quando”, repetida para enfatizar e conferir expressividade ao conteúdo da mensagem: “Ela é enorme pra você **quando** fala do que leu e viveu, **quando** trata você com carinho e respeito, **quando** olha nos olhos e sorri destravado. É pequena pra você **quando** só pensa em si mesmo, **quando** se comporta de uma maneira pouco gentil, **quando** fracassa justamente no momento em que teria que demonstrar o que há de mais importante entre duas pessoas: a amizade. / Uma pessoa é gigante pra você **quando** se interessa pela sua vida, quando busca alternativas para o seu crescimento, **quando** sonha junto. É pequena **quando** desvia do assunto. Uma pessoa é grande quando perdoa, **quando** compreende, **quando** se coloca no lugar do outro, **quando** age não de acordo com o que esperam dela, mas de acordo com o que espera de si mesma. Uma pessoa é pequena **quando** se deixa reger por comportamentos clichês.”

4. Famema-SP – Leia o texto de Claudia Wallin.

Vossas excelências, ilustríssimos senhores e senhoras, trago notícias urgentes de um reino distante. É mister vos alertar, Vossas Excelências, que nesta estranha terra os habitantes criaram um país onde os mui digníssimos e respeitáveis representantes do povo são tratados, imaginem Vossas Senhorias, como o próprio povo. Insânia! Dirão que as histórias que aqui relato são meras alucinações de contos de fada, pois há neste rico reino, que chamam de Suécia, rei, rainha e princesas. Mas não se iludam! Os habitantes desta terra já tiraram todos os poderes do rei, em nome de uma democracia que proclama uma tal igualdade entre todos, e o que digo são coisas que tenho visto com os olhos que esta mesma terra um dia há de comer.

Nestas longínquas comarcas, os mui distintos parlamentares, ministros e prefeitos viajam de trem ou de ônibus para o trabalho, em sua labuta para adoçar as mazelas do povo. De ônibus, Eminências! E muitos castelos há pelos quatro cantos deste próspero reino, mas aos egrégios representantes do povo é oferecido abrigo apenas em pífias habitações de um cômodo, indignas dos ilustríssimos defensores dos direitos dos cidadãos e da democracia.

Este reino está cercado por outros ricos reinos, numa península chamada Escandinávia, onde também há príncipes e reis, e onde os representantes do povo vivem como sobrevive um súdito qualquer. E isto eu também vi, com os olhos que esta terra há de comer; em um dos povos vizinhos, conhecido como o reino dos noruegueses, os nobres representantes do povo chegam a almoçar sanduíches que trazem de casa, e que tiram dos bolsos dos paletós quando a fome aperta.

É preciso cautela, Vossas Excelências. Deste reino, que chamam de Suécia ainda pouco se ouve falar. Mas as notícias sobre o igualitário reino dos suecos se espalham.

Estocolmo, 6 de janeiro de 2013. WALLIN, Claudia. *Um país sem excelências e mordomias*, 2014. Adaptado.

Assinale a alternativa em que ocorre um pleonasma.

- Dirão que as histórias que aqui relato são meras alucinações de contos de fada
- em sua labuta para adoçar as mazelas do povo
- trago notícias urgentes de um reino distante
- o que digo são coisas que tenho visto com os olhos que esta mesma terra um dia há de comer
- Os habitantes desta terra já tiraram todos os poderes do rei

Pleonasma é o uso de palavras redundantes com o objetivo de enfatizar o que está sendo dito, como é o caso de “visto com os olhos”.

5. FBD-BA

Esperando aviões

Meus olhos te viram triste

Olhando pro infinito

Tentando ouvir o som do próprio grito

E o louco que ainda me resta

Só quis te levar pra festa

Você me amou de um jeito tão aflito

Que eu queria poder te dizer sem palavras

Eu queria poder te cantar sem canções

Eu queria viver morrendo em sua teia

Seu sangue correndo em minha veia
 Seu cheiro morando em meus pulmões
 Cada dia que passo sem sua presença
 Sou um presidiário cumprindo sentença
 Sou um velho diário perdido na areia
 Esperando que você me leia
 Sou pista vazia esperando aviões
 [...]
 Sou o lamento no canto da sereia
 Esperando o naufrágio das embarcações

LEE, Vander. Esperando aviões. In: *Ao vivo*.
 São Paulo: Indie Records, 2003.

O verso que expressa uma ideia paradoxal é o transcrito na alternativa

- a) Meus olhos te viram triste.
- b) Que eu queria poder te dizer sem palavras.**
- c) Seu cheiro morando em meus pulmões.
- d) Sou um velho diário perdido na areia.
- e) Sou o lamento no canto da sereia.

Paradoxo é a associação de conceitos contraditórios na representação de uma só ideia, como se verifica em “que eu queria poder te dizer sem palavras”.

6. Unesp – Leia o soneto de Raimundo Correia (1859-1911). **C6-H18**

Esbraseia o Ocidente na agonia
 O sol... Aves em bandos destacados,
 Por céus de ouro e de púrpura raiados,
 Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serrania
 Os vértices de chama aureolados,
 E em tudo, em torno, esbatem derramados
 Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
 Como uma informe nódoa, avulta e cresce
 A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
 Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
 Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

CORREIA, Raimundo. *Poesia Completa e Prosa*.
 Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

- a) Verifica-se na terceira estrofe a ocorrência de uma antítese. Que termos configuram essa antítese?
- b) Transcreva da primeira estrofe um exemplo de personificação. Justifique sua resposta.**

a) Há antítese no verso: “A sombra à proporção que a luz recua...”, em que os termos “sombra” e “luz” apresentam ideias opostas.

b) A expressão “Fecha-se a pálpebra do dia” atribui característica humana ao dia. Há personificação ou prosopopeia, figura de pensamento que consiste na atribuição de características humanas a seres e objetos.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unifesp – Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580).

Sete anos de pastor Jacob servia
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;
 mas não servia ao pai, servia a ela,
 e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
 passava, contentando-se com vê-la;
 porém o pai, usando de cautela,
 em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
 lhe fora assi negada a sua pastora,
 como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
 dizendo: “Mais servira, se não fora
 para tão longo amor tão curta a vida”.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Sonetos de Camões*.
 Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) mas não servia ao pai, servia a ela,
- b) passava, contentando-se com vê-la;
- c) para tão longo amor tão curta a vida.
- d) porém o pai, usando de cautela,**
- e) lhe fora assi negada a sua pastora,

8. IFCE

Pálida, à luz da lâmpada sombria.
 Sobre o leito de flores reclinada,
 Como a lua por noite embalsamada,
 Entre as nuvens do amor ela dormia!
 Era a virgem do mar! Na escuma fria
 Pela maré das águas embalada!
 Era um anjo entre nuvens d'alvorada
 Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! O seio palpitando...
 Negros olhos as pálpebras abrindo...
 Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
 Por ti – as noites eu veleei chorando,
 Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*.
 Porto Alegre: L& PM, 1998.

Levando em consideração as figuras de linguagem, encontramos no trecho “Como a lua por noite embal-samada” (verso 3) um exemplo de

- a) comparação.
- b) prosopopeia.
- c) metáfora.
- d) sinestesia.
- e) perífrase.

9. Uncisal – Considere o trecho da canção Ode aos Ratos, de Chico Buarque de Hollanda.

Rato de rua

Irrequieta criatura

Tribo em frenética proliferação

Lúbrico, libidinoso transeunte

Boca de estômago

Atrás do seu quinhão

BUARQUE, Chico; LOBO, Edu. Ode aos ratos.
In: *Carioca*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006..

O trabalho com os fonemas da língua pode se prestar à construção de recursos expressivos no texto, tanto no que diz respeito ao ritmo e à musicalidade quanto à sugestão de sentidos.

No excerto da canção, tal organização é verificada por meio da utilização da figura de linguagem denominada

- a) metáfora.
- b) anástrofe.
- c) aliteração.
- d) assíndeto.
- e) hipérbato.

10. Mack-SP

A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouviu ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, - um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: «Algum peralta da vizinhança». Em verdade, nunca pen-

sara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feito, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, - e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível mas certo.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

No trecho de *Dom Casmurro* destacado abaixo, qual figura de linguagem podemos encontrar?

A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo.

- a) Hipérbole, uma vez que no discurso há um evidente exagero, pautado num estilo demasiadamente enfático.
- b) Ironia, pois o trecho destacado contradiz o que se afirma no início do período.
- c) Catacrese, já que a palavra coração está empregada conotativamente.
- d) Onomatopeia, pois há referência ao som que o coração faz ao bater.
- e) Eufemismo, porque evidentemente o trecho destacado suaviza a emoção sentida pelo narrador.

11. Uerj

Pietro Brun, meu tetravô paterno, embarcou em um navio no final do século 19, como tantos italianos pobres, em busca de uma utopia que atendia pelo nome de América. Pietro queria terra, sim. Mas o que o movia era um território de outra ordem. Ele queria salvar seu nome, encarnado na figura de meu bisavô, Antônio. Pietro fora obrigado a servir o exército como soldado por anos demais (...). Havia chegado a hora de Antônio se alistar, e o pai decidiu que não perderia seu filho. Fugiu com ele e com a filha Luígia para o sul do Brasil. Como desertava, meu bisavô Antônio foi levado em um bote até o navio que já se afastava do porto de Gênova. Embarcou como clandestino.

Ao desembarcar no Brasil, em 10 de fevereiro de 1883, Pietro declarou o nome completo. O funcionário do Império, como aconteceu tantas e tantas vezes, registrou-o conforme ouviu. Tornando-o, no mundo novo, Brum – com “m”. Meu pai, Argemiro, filho de José, neto de Antônio e bisneto de Pietro, tomou para si a missão de resgatar essa história e documentá-la.

No início dos anos 1990 cogitamos reivindicar a cidadania italiana. Possuímos todos os documentos, organizados numa pasta. Mas entre nós existe essa diferença na letra. Antes de ingressar com a documentação, seria preciso corrigir o erro do burocrata do governo imperial que substituiu um “n” por um “m”. Um segundo ele deve ter demorado para nos transformar, e com certeza morreu sem saber. E, se soubesse, não teria se importado, porque era apenas o nome de mais um imigrante a bater nas costas do Brasil despertencido de tudo.

Cabia a mim levar essa empreitada adiante.

Há uma autonomia na forma como damos carne ao nosso nome com a vida que construímos – e não com a que her-

damos. (...) Eu escolho a memória. A desmemória assombra porque não a nomeamos, respira em nossos porões como monstros sem palavras. A memória, não. É uma escolha do que esquecer e do que lembrar – e uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. Pela memória nos colocamos não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto.

Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda.

(...)

Quando Pietro Brun atravessou o mar deixando mortos e vivos na margem que se distanciou, ele não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado. Ele tinha de ser outro, assim como nós, que resultamos dessa aventura desapercebida. Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum.

BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: LeYa, 2014.

Ao fugir para o Brasil, metade dos Brun ganhou uma perna a mais. O “n” virou “m”. Mas essa perna a mais era um membro fantasma, um ganho que revelava uma perda.

A autora associa a troca de letras no registro do sobrenome de seu tetravô à expressão um membro fantasma.

Essa associação constrói um exemplo da figura de linguagem denominada:

- a) antítese
- b) metáfora
- c) hipérbole
- d) eufemismo

12. Fac. Albert Einstein-SP

Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico

Nos últimos quatro anos, nenhum médico teve seu registro profissional cassado no Estado de São Paulo por quebra de sigilo médico.

Segundo o Cremesp (Conselho Médico Paulista), de 2012 a 2016, foram registrados 379 processos éticos por essa razão – 87 já julgados.

Desses, 39 foram inocentados e 48, julgados culpados. A maioria (26) recebeu penas confidenciais e 22, públicas.

As primeiras são advertências e censuras sigilosas (só o médico fica sabendo). Já as públicas envolvem publicação na imprensa oficial e a suspensão do exercício profissional por até 30 dias.

No mesmo período, 26 médicos foram cassados em primeira instância pelo Cremesp por diferentes motivos. Cabe recurso das decisões no Conselho Federal de Medicina.

Para Mauro Aranha, presidente do Cremesp, o fato de não ter havido nenhuma cassação por quebra de sigilo não significa que essa seja um infração menos grave.

“É uma infração ética muito importante. Mas a pena depende de uma série de contextos, por exemplo, o dano provocado ao paciente, se o médico cometeu o ato de forma proposital ou se foi negligente e do seu histórico ético no conselho”, explica.

Se a pessoa usar a quebra de sigilo para conseguir algum benefício (dinheiro, por exemplo), o ato é considerado gravíssimo. Aranha não comenta sobre as duas sindicâncias abertas para apurar o envolvimento de médicos na divulgação de dados de Marisa Letícia Lula da Silva e de mensagens de ódio em redes sociais (o processo é sigiloso).

Mas conforme apurou a *Folha* com conselheiros, a tendência é que os médicos acusados recebam, no mínimo, uma censura pública.

Na opinião de Aranha, é preciso que os médicos repensem seus papéis nas redes sociais. “Elas convidam a pessoa a responder de forma instantânea, intempestiva. O médico não tem que ser um santo, mas o ato médico exige prudência.”

COLUCCI, Cláudia. Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico. *Folha de S.Paulo*, 10 fev. 2017.

Na matéria “Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico”, tanto no início do terceiro parágrafo como no início do quarto, estão elípticas, respectivamente, as expressões

- a) registros profissionais; penas públicas.
- b) culpados; censuras sigilosas.
- c) processos éticos; penas confidenciais.
- d) procedimentos julgados; advertências sigilosas.

13. FDSBC-SP – O conto “Conversa de Bois”, integrante de *Sagarana*, apresenta uma linguagem rica de recursos poéticos e estilísticos, como os que seguem:

– Cristo! Cris-pim – cris-pim – cris-pim – crispim! ...

Um par de joãos-de-barro arruou no caminho, pouco que aos pés de Tiãozinho.

– Seriam bem dez horas, e, de repente, começou a chegar – nhein ... nheinnhein ...renheinnhein ... do caminho da esquerda, a cantiga de um carro-de-bois.

ROSA, Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

Assim, as figuras presentes nos trechos, são

- a) Pleonasmos, pela repetição dos mesmos vocábulos, o que torna a expressão redundante.
- b) Anáforas, pela constância repetitiva dos mesmos sons, por meio da decomposição estrutural da palavra.
- c) Onomatopeias, pela incorporação dos sons da natureza capazes de aproximar ou reproduzir dados da realidade.
- d) Comparações, pela aproximação entre sons e sentidos na reprodução e representação do canto da ave e do ruído das rodas do carro.

14. Unesp – Leia o excerto do conto “A cartomante”, de Machado de Assis.

Hamlet observa a Horácio que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

– Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que

eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

– Errou! interrompeu Camilo, rindo.

– Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

[...]

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e perverso, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rair as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: – a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e prodígio.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio.

ASSIS, Machado. A cartomante. In. *Contos* – Uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Há, no penúltimo parágrafo, o emprego de uma figura de retórica que consiste no alargamento semântico de termos que designam dois entes abstratos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano.

- a) Quais são os dois entes abstratos que passam por tal processo? Justifique sua resposta.
b) Como se denomina tal figura de retórica?

15. FGV-SP – Leia o texto.

(...) expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: —“Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de

um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2016.

Identifique uma expressão do texto por meio da qual o narrador manifesta sua ironia. Justifique.

16. Fuvest-SP – Considere a imagem abaixo, extraída da apresentação do filme *A Amazônia*, que faz parte da campanha “A natureza está falando”.



No áudio desse filme, a atriz Camila Pitanga interpreta o seguinte texto:

Eu sou a Amazônia, a maior floresta tropical do mundo. Eu mando chuva quando vocês precisam. Eu mantenho seu clima estável. Em minhas florestas, existem plantas que curam suas doenças. Muitas delas vocês ainda nem descobriram. Mas vocês estão tirando tudo de mim. A cada segundo, vocês cortam uma das minhas árvores, enchem de sujeira os meus rios, colocam fogo, e eu não posso mais proteger as pessoas que vivem aqui. Quanto mais vocês tiram, menos eu tenho para oferecer. Menos água, menos curas, menos oxigênio. Se eu morrer, vocês também morrem, mas eu crescerei de novo...

<anaturezaestafalando.org.br>

Por estar em primeira pessoa, o texto constitui exemplo de uma determinada figura de linguagem. Identifique essa figura e explique seu uso, tendo em vista o efeito que o filme visa alcançar.

17. Unicamp-SP

Os anos correm entre um século e outro, mas os problemas permanecem os mesmos para os kalungas*. Quilombolas** que há mais de 200 anos encontraram lar entre os muros de pedra da Chapada dos Veadeiros, na região norte do Estado de Goiás, os kalungas ainda vivem com pouca ou quase nenhuma infraestrutura. De todos os abusos sofridos até hoje, um em particular deixa essa comunidade em carne viva: os silenciosos casos

de violência sexual contra meninas. Entretanto, passado o afã das denúncias de abuso sexual que figuraram em grandes reportagens da imprensa nacional em abril do ano passado, a comunidade retornou ao seu curso natural. E assim os kalungas continuam a viver no esquecimento, no abandono e, principalmente, no medo. As vítimas não viram seus algozes punidos. O silêncio prevalece e grita alto naquelas que se arriscaram a mostrar suas feridas. O sentimento é o de ter se exposto em vão.

Adaptado de Jéssica Raphaela e Camila Silva. O silêncio atrás da serra. *Revista Azmina*. Disponível em: <<http://azmina.com.br>>. Acessado em: 3 out. 2016.

* Kalungas: habitantes da comunidade do quilombo Kalunga, maior território quilombola do país.

** Quilombolas: termo atribuído aos "remanescentes de quilombos". Atualmente, há no Brasil cerca de 2 600 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural dos Palmares.

No final do texto há uma figura de linguagem conhecida como paradoxo. Que termos são utilizados para se obter esse efeito de sentido?

ESTUDO PARA O ENEM

18. Bahiana-BA

C6-H18

A onda

a onda anda

aonde anda

a onda?

a onda ainda

ainda onda

ainda anda

aonde?

aonde?

a onda a onda

BANDEIRA, Manuel. A onda. In: *A Estrela da Tarde*. São Paulo: Global, 2016.

Objetivando imitar o movimento da onda, por meio de uma fluidez sonora, Manuel Bandeira utiliza-se de um recurso estilístico denominado

- pleonasma poético, enfatizando, a partir da redundância, a potência do fluxo fluvial ou marinho que se move no ambiente aquático.
- assonância, valendo-se da repetição da mesma vogal tônica com a intenção de provocar um efeito de estilo associado à força das ondas.
- eco, por meio da seleção de termos com terminação idêntica, para sugerir um percurso impreciso do volume de água que segue seu destino.
- onomatopeia, mediante o uso de vocábulos, procurando imitar o rumor produzido pelo deslocamento da massa líquida de inestimável valor para a continuidade da vida na Terra.
- paronomásia, na medida em que, buscando sugerir o movimento recorrente da vaga, traz um jogo de palavras que se assemelham na pronúncia, mas são diferentes do ponto de vista semântico, em função de um efeito poético.

19. Fac. Baiana de Direito-BA

C6-H18



Apadrinhe. Igual ao João, milhares de crianças também precisam de um melhor amigo. Seja o melhor amigo de uma criança.

Anúncio assinado pelo Fundo Cristão para Crianças CCF-Brasil. Revista *IstoÉ*. São Paulo: Três, a. 32 n. 2079, 16 set. 2009.

Essa campanha publicitária tem como finalidade persuadir a sociedade a adotar uma criança, para que receba os cuidados básicos de que necessita.

O objetivo da mensagem do texto, associado ao parâmetro traçado entre as conquistas do cão e a situação do menino, é construído por meio da figura de linguagem identificada como

- metáfora, uma vez que deixa implícita uma semelhança entre o animal e a criança.
- personificação, pela atribuição de condições humanas a um irracional, construindo, dessa forma, uma imagem analógica entre os dois elementos.
- antítese, na medida em que traz uma oposição entre os termos que definem a situação de dois seres que precisam tanto de amparo quanto de cuidados.
- eufemismo, pela atenuação das circunstâncias difíceis em que vivem os menores abandonados, ao suprimir outros dados informativos sobre o menino.

e) comparação, devido à presença de um termo comparativo, sinalizando a existência de outras crianças que precisam de um amigo, como é o caso de João, para obter, pelo menos, o que conseguiu Leco.

20. IFPE

C6-H18

O Grito

O destino cruzou o caminho de D. Pedro em situação de desconforto e nenhuma elegância. Ao se aproximar do riacho do Ipiranga, às 16h30 de 7 de setembro de 1822, o príncipe regente, futuro imperador do Brasil e rei de Portugal, estava com dor de barriga. A causa dos distúrbios intestinais é desconhecida.

Acredita-se que tenha sido algum alimento malconservado ingerido no dia anterior em Santos, no litoral paulista, ou a água contaminada das bicas e chafarizes que abasteciam as tropas de mula na serra do Mar. Testemunha dos acontecimentos, o coronel Manuel Marcondes de Oliveira Melo, subcomandante da guarda de honra e futuro barão de Pindamonhangaba, usou em suas memórias um eufemismo para descrever a situação do príncipe. Segundo ele, a intervalos regulares D. Pedro se via obrigado a apear do animal que o transportava para “prover-se” no denso matagal que cobria as margens da estrada.

A montaria usada por D. Pedro nem de longe lembrava o fogo alazão que, meio século mais tarde, o pintor Pedro Américo colocaria no quadro “Independência ou Morte”, também chamado de “O Grito do Ipiranga”, a mais conhecida cena do acontecimento. O coronel Marcondes se refere ao animal como uma “baia gateada”. Outra testemunha, o padre mineiro Belchior Pinheiro de Oliveira, cita uma “bela besta baia”. Em outras palavras, uma mula sem nenhum charme, porém forte e confiável. Era esta a forma correta e segura de subir a serra do Mar naquela época de caminhos íngremes, enlameados e esburacados.

Foi, portanto, como um simples tropeiro, coberto pela lama e pela poeira do caminho, às voltas com as dificuldades naturais do corpo e de seu tempo, que D. Pedro pro-

clamou a Independência do Brasil. A cena real é bucólica e prosaica, mais brasileira e menos épica do que a retratada no quadro de Pedro Américo. E, ainda assim, importantíssima. Ela marca o início da história do Brasil como nação independente.

GOMES, Laurentino. *1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram dom Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado*.

São Paulo: Globo, 2015. p. 27.

No excerto “Testemunha dos acontecimentos, o coronel Manuel Marcondes de Oliveira Melo, subcomandante da guarda de honra e futuro barão de Pindamonhangaba, usou em suas memórias um eufemismo para descrever a situação do príncipe. Segundo ele, a intervalos regulares D. Pedro se via obrigado a apear do animal que o transportava para ‘prover-se’ no denso matagal que cobria as margens da estrada” (2ª parágrafo), a palavra grifada foi utilizada pois é uma figura de linguagem através da qual o coronel

- a) atribui característica humana à dor de barriga de D. Pedro.
- b) expressa uma ideia de exagero de forma intencional.
- c) descreve a diarreia de D. Pedro de forma atenuada e menos chocante.
- d) insere ideias opostas, que se anulam, ao descrever uma situação.
- e) estabelece uma relação entre a parte: “prover-se”; e o todo: “diarreia”.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

44

Vícios de linguagem



Configura vício de linguagem o emprego de palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento.

Vícios de linguagem são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam ou dificultam a manifestação do pensamento, seja por desconhecimento da norma culta da língua portuguesa ou por descuido por parte do falante.

BARBARISMO

Barbarismo é o vício de linguagem que consiste no uso de uma palavra errada quanto à grafia, à significação, à flexão ou à formação.

Não consigo **advinhar** a charada. (adivinhar)

Peguei o maior **tráfico** para ir ao trabalho. (tráfego)

Quando ela **pôr** o véu, ficará uma noiva maravilhosa. (puser)

Estou organizando uma **filmeteca** na escola. (filmoteca)

SOLECISMO

Solecismo é o erro de concordância, regência ou colocação pronominal.

O pessoal **chegaram** muito tarde à festa. (chegou)

Meus filhos assistiram **o** filme dos heróis no cinema. (ao)

Me dá um pedaço de bolo? (Dá-me)

- Barbarismo
- Solecismo
- Pleonasma vicioso
- Ambiguidade
- Cacófato
- Eco
- Estrangeirismo
- Gerundismo
- Preciosismo
- Neologismo
- Arcaísmo

HABILIDADES

- Identificar as intenções comunicativas presentes no texto com base na sua seleção lexical.
- Reconhecer o efeito de sentido decorrente dos vícios de linguagem.
- Inferir aspectos denotativos e conotativos em diferentes tipos de textos, garantindo a eficiência da leitura das realidades codificadas pela linguagem.
- Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

PLEONASMO VICIOSO



LLEMUR/ISTOCK

Pleonasma vicioso é a repetição desnecessária de uma informação.

O pleonasma é classificado como vicioso quando há repetição desnecessária de uma informação.

*Entra logo **pra dentro**, menina!
Daqui a pouco vou **subir pra cima**, prometo.*



Não confundir pleonasma vicioso com pleonasma literário, pois, neste, as palavras redundantes são um recurso estilístico, cujo objetivo é enfatizar o que é dito.

E riu o riso mau de escárnio.

AMADO, Jorge. *Suor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AMBIGUIDADE

Ambiguidade (ou anfibologia) é o vício de linguagem que consiste em usar palavras ou estruturar sentenças de modo que haja duplo sentido na interpretação da mensagem.

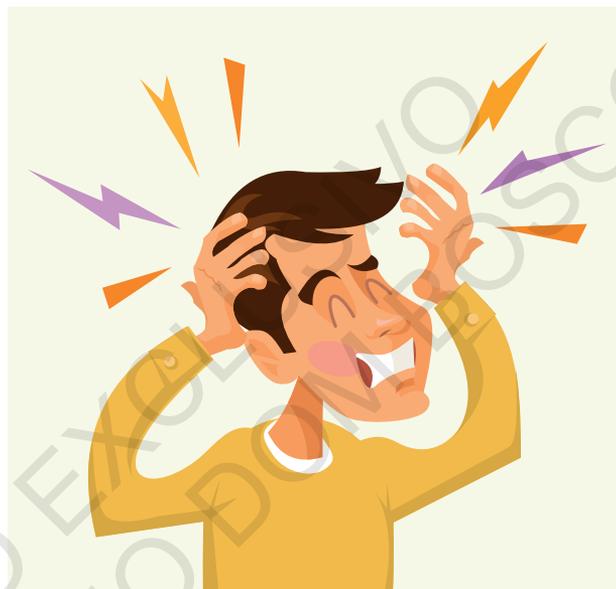
*Ana fez o churrasco na **sua** casa?*
(A casa é de Ana ou do interlocutor?)

O médico mal-humorado prescreveu o medicamento.
(O médico está mal-humorado ou é sempre mal-humorado?)

*Ajudei minha amiga **cansada** depois da aula.*
(Quem estava exausta: a amiga ou o enunciador?)

*A pedestre esbarrou no entregador **com a mochila**.*
(Quem estava com a mochila: a pedestre ou o entregador? A mochila foi o objeto do choque?)

CACÓFATO



PRETTYVECTORS/ISTOCK

O cacófato é o resultado desagradável ou inadequado da união de duas ou mais palavras.

Ocorre cacófato (ou cacofonia) quando a união de duas ou mais palavras em uma frase resulta em som desagradável ou inadequado.

*Maria me deu **uma mão** no trabalho. (mamão)
Ela tinha duas canetas vermelhas na bolsa. (latinha)*

ECO

Ocorre eco quando há sequência de sons vocálicos idênticos ou próximos.

*A **comoção** da população **não** provocou a **prorrogação** da **liquidação**.*

ESTRANGEIRISMO

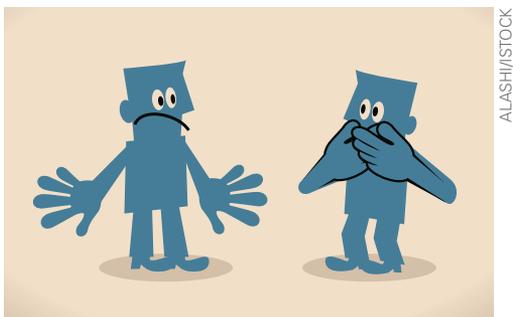
Estrangeirismo é o uso exagerado ou desnecessário de palavras de outros idiomas por falantes da língua portuguesa, quando há equivalentes na língua nativa.

*Gosto muito de **hot dog**.*
*Este ano o **réveillon** vai ocorrer em um fim de semana.*

Inteligência Artificial é efetiva no combate às fake news?

FERREIRA, Juliano. Disponível em: <www.bigdatabusiness.com.br>. Acesso em: fev. 2019.

GERUNDISMO



O gerundismo é o emprego desnecessário do gerúndio em contexto não adequado de enunciação de aspecto verbal durativo no tempo futuro.

O emprego desnecessário do gerúndio em contexto não adequado de enunciação de aspecto verbal durativo é classificado como um vício de linguagem conhecido como gerundismo.

Estruturalmente, ocorre gerúndio em locução de futuro, em que o verbo **ir** é auxiliar flexional de modo, tempo, número e pessoa, mais o verbo **estar** como auxiliar aspectual (quando em locução com gerúndio) mais o núcleo semântico flexionado na forma nominal gerúndio:

ir (futuro do presente) + **estar** (+ gerúndio — aspecto durativo) + núcleo (semântico) gerúndio.

Vou estar transferindo a ligação.
[= *vou transferir* ou *transferirei*]

O juiz **vai estar julgando** seu processo em breve.
[= *vai julgar* ou *julgará*]

LEITURA COMPLEMENTAR

Vamos estar considerando sobre o gerundismo

[...] Tem-se chamado de gerundismo a construções como *vou estar enviando meu trabalho*, *vamos estar providenciando seu cartão*, *vou estar dando aula*. O nome, evidentemente, se deve ao uso da forma verbal em **-ndo**, um gerúndio. Gerundismo seria a proliferação de uso (inadequado?) do gerúndio.

Considere-se primeiro a sintaxe da construção. A ordem dos verbos auxiliares é perfeitamente canônica. Sabe-se que eles vêm sempre antes do principal (como em *vou sair*). Se houver mais de um auxiliar na mesma construção, haverá ordens permitidas e outras proibidas (*tenho estado viajando*, mas não **estive tendo viajado*; *vou estar saindo*, mas não **estarei indo sair*).

Além disso, cada auxiliar pede que o verbo seguinte tenha uma forma específica, ou melhor, não aceita

qualquer forma do verbo seguinte. Assim, o verbo *ir* pede um infinitivo: *vou sair*, mas não **vou saído*. O verbo *estar* pede gerúndio (ou particípio): *estar dormindo*, *estar vestido*, mas não **estar dormir*.

Em resumo, a tal construção está em perfeito acordo com a sintaxe do português: sua ordem é *ir* + *estar* + *ndo*. Portanto, do ponto de vista estritamente sintático, não há nada demais com o chamado gerundismo. Sua estrutura é perfeitamente regular: cada verbo está na posição e na forma em que estaria se, ao invés de aparecer numa trinca, aparecesse numa dupla (*vou sair*, *vou estar*, *estou dormindo*, *estar dormindo*).

Vejamos agora o que a construção significa. Os que não gostam dela dizem que não serve para nada, que há outra melhor para expressar “a mesma coisa” (eles não são nada sutis). Ao invés de *vou estar mandando*, alegam, por que não dizer logo *vou mandar*, ou *mandarei*? Mas estão errados. Pode ser que nem todos os casos sejam claros, mas, geralmente, a forma com *estar* + *gerúndio* veicula um aspecto durativo, ou seja, expressa um evento que não é instantâneo.

Para que a menção de “aspecto durativo” não pareça estranha, lembre-se que o imperfeito do indicativo, uma forma bem conhecida, apresenta esse mesmo efeito de sentido: formas verbais como *amanhecia* e *pintava* referem-se a eventos ou ações que não são instantâneas, que têm alguma duração.

Ora, não só os morfemas (desinências) verbais indicam aspecto: às vezes, ele faz parte da semântica da própria palavra. Por exemplo, *dormir*, *estudar* (no sentido de ‘fazer um curso’, como em *estudar medicina*), *morar* (em uma cidade) são durativos. *Estar* também é durativo: é um verbo de estado, de estado transitório (lembre-se da famosa frase de Eduardo Portela: não sou ministro, estou ministro), mas de estado.

Nem todos os verbos são durativos, evidentemente: *enviar*, *providenciar*, *decidir*, entre centenas de outros, não o são (e nenhum dicionário informa...). Se não considerarmos o aspecto dos verbos, não entenderemos por que um caso de “gerundismo” pode ser normal e outro não.

É por causa do tal aspecto durativo que não é a mesma coisa dizer *vou dormir* e *vou estar dormindo*. A diferença está exatamente entre *ir* (que marca só futuro) e *ir* + *estar* (que marca futuro, por causa de *ir*, e “duração”, por causa de *estar*). Uma informação como *vou estar providenciando*, que ouvimos eventualmente da empresa de cujos serviços estamos reclamando, significa, entre outras coisas, que a providência não será instantânea...

Além disso, e essa é outra questão, o compromisso expresso em *vou providenciar* é mais incisivo do que em *vou estar providenciando*. Mais ou menos como é mais incisivo dizer *providenciarei* do que dizer *vou providenciar*. Apelo para a intuição do leitor: não é a mesma coisa dizer *haveremos de vencer* e *venceremos*, *venceremos* e *vamos vencer*; assim como não é a mesma coisa dizer *vamos vencer* e *vamos estar vencendo*.

Além desses dois, há outro efeito de sentido importante, agora de cunho pragmático ou interpessoal. A construção gerundiva conota gentileza, formalidade, deferência (se verdadeira ou simulada, não importa). Ou seja: bem ou mal, mesmo que se trate de postergar um serviço urgente, deve-se reconhecer que a recusa, pelo menos, é expressa de forma não grosseira (nem mesmo franca, de fato). Suponhamos que seja verdade que o fenômeno começou a se espalhar a partir do *telemarketing*. Isso só confirmaria a análise. A qual categoria interessa mais ser ou parecer gentil? De quebra, a fórmula é também menos comprometedora: se uma empresa diz que *entregará*, você pode esperar pelo produto; se disser que *vai entregar*, duvide um pouco; mas se disser que *vai estar entregando*, desista...

Além dos aspectos acima, seria certamente interessante investigar se a enorme aceitação desta nova locução não se deve a uma cultura da falta de compromisso, que, eu acho, caracteriza nossa sociedade atualmente. Não seria a primeira vez que se pode estabelecer uma relação estreita entre um aspecto da língua e um traço de cultura ou de ideologia.

Assim, pode-se pensar qualquer coisa desse tipo de expressão, exceto: a) que não serve para nada, já que expressa aspecto (da ação), é sinal de deferência, pois se trata de uma fórmula gentil, e talvez seja um indício revelador de um traço de nossa cultura atual; b) que é simples, que é bobo. De fato, como vimos, é algo bastante complexo. É necessária uma enorme sofisticação para dar conta da sintaxe da locução e para empregá-la na hora certa.

Os argumentos acima poderiam ser suficientes para calar a boca dos que simplesmente dizem que gerundismo não é português, que é de mau gosto etc. Mas há outras questões interessantes a serem consideradas, que mostram que aquelas afirmações são fruto de análises fajutas.

Considerando outros dados, pode-se mostrar que o problema não é, de fato, o gerúndio, ou seja, que o fenômeno nem deveria ser chamado de “gerundismo”, se houvesse maior precisão. O que causa reação é a construção que envolve o verbo *estar* seguindo outro verbo auxiliar (em geral, *ir*). Ou seja, para que

a construção seja renegada, é preciso que ela tenha a forma *ir + estar + gerúndio*. Observe-se que, em tese, nada obriga a chamar a isso de gerundismo.

Mas vejamos outros fatos. Tenho certeza de que ninguém reclamaria de construções como *está trabalhando*, *ficou viajando*, *andou descansando*, *continuou espionando*, nem mesmo de *diverte-se esquiando* ou *trabalha cantando*, apesar dos gerúndios. Assim, se os críticos quisessem ser mais exatos, deveriam chamar o fenômeno de “estatismo”...

Mas isso deveria significar que não há nada de estranho no dito gerundismo? Também não é assim. Há dois problemas, a meu ver. Um diz respeito a eventual incompatibilidade entre o sentido durativo do verbo *estar* e a ausência de tal sentido no verbo principal. Ou seja, se a construção *estar + gerúndio* incluir um verbo com o traço de duração ou de processo em seu sentido, ela será perfeitamente normal. É que, se *estar* é um verbo auxiliar durativo, só pode(ria) ocorrer com verbos durativos. Ocorrendo com outros, o resultado causa estranheza, é uma espécie de paradoxo. É por isso que *vou estar morando* em S. Paulo não é uma construção estranha, mas *vamos estar enviando seu novo cartão* é. A explicação é que *morar* é durativo e *enviar* não.

Essa parece uma análise mais adequada do fenômeno. Resumo: existem formas gerundivas não problemáticas. Elas incluem um traço de duração (do ponto de vista semântico) e um traço de gentileza (com efeitos sobre a qualidade da relação pretendida entre os interlocutores). O fenômeno, localizado, estende-se para os casos em que não há traço durativo, provavelmente como efeito da pretensão (não necessariamente consciente) ou da coerção profissional para falar gentilmente.

A outra razão para o gerundismo parecer um “vício” é que o número de ocorrências é realmente grande. A meu ver, mais do que ser correto ou não, o gerundismo é chato (e tem que ver, eu acho, com falta de compromisso).

É por isso que, acima, insisti na necessidade de distinguir o gosto em relação a uma construção do fato de ela ser ou não “correta”. Por exemplo, eu odeio *olá, galera!* e *é muita adrenalina!*, expressões que se ouvem centenas de vezes na mesma conversa ou no mesmo programa de TV. Mas não posso dizer que são construções erradas. Mas como são chatas, meu Deus!

POSSENTI, Sírio. Vamos estar considerando sobre o gerundismo. *Linguagem*, São Carlos: UFSCar, n. 4, jan. 2008. (Adaptado)

PRECIOSISMO



Ocorre preciosismo quando é empregada linguagem afetada ou artificial, a fim de demonstrar erudição desnecessária.

Preciosismo é o emprego de linguagem afetada, artificial, utilizada pelo emissor com o intuito de exibição ou de demonstração desnecessária de erudição.

De nada adianta exprimir pranto pela perda do segregado das glândulas mamárias da fêmea dos mamíferos.

BROGNOLI, Maciel. A utilidade do estresse. In: *Hoje vai morrer gente! e outras crônicas*. Timburi: Cia do eBook, 2018.

(Em linguagem informal, *pranto pela perda do segregado das glândulas mamárias* corresponde a *não adianta chorar pelo leite derramado*).

NEOLOGISMO

Neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou ainda na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente.

– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

[nonada = não é nada]

Fizeram um gato na rede elétrica.

[gato = ligação clandestina]

Meu namorado me deu um bolo hoje.

[dar um bolo = faltar ao encontro]

ARCAÍSMO



Ocorre arcaísmo quando são empregadas palavra, expressões ou estruturas antigas em desuso.

Arcaísmo é o emprego de palavras, expressões ou estruturas que deixaram de ser usadas ou passaram a ter emprego diverso.

Vossa Mercê não se preocupe: resolverei o problema.

[Vossa Mercê = você]

E eu lá daquela altura que amedronta,

Sem poder abalar, correr asinha,

Vingar com mão sanhosa a dura afronta!

[correr asinha = depressa]

JUNQUEIRO, Guerra. *Pátria*. Minho: Edições Vercial, 2014.

ROTEIRO DE AULA

VÍCIOS DE LINGUAGEM

são palavras ou construções que

dificultam a manifestação do pensamento, por desconhecimento da norma culta ou por descuido por parte do falante.

São classificadas como

barbarismo,

arcaísmo,

que pode ser definido como

o uso de palavra errada quanto à grafia, à significação, à flexão ou à formação.

que pode ser definido como

o emprego de palavras, expressões ou estruturas que deixaram de ser usadas ou que passaram a ter emprego diverso.

solecismo,

neologismo,

que pode ser definido como

erro de concordância, regência ou colocação pronominal.

que pode ser definido como

a criação de uma palavra ou expressão nova, ou ainda atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente.

pleonasma vicioso,

preciosismo,

que pode ser definido como

a repetição desnecessária de uma informação.

que pode ser definido como

o emprego de linguagem afetada, artificial, utilizada pelo emissor com o intuito de exibição ou de demonstração desnecessária de erudição.

ROTEIRO DE AULA

ambiguidade,

que pode ser definida como

a estruturação de palavras ou sentenças, gerando duplo sentido na interpretação da mensagem.

gerundismo,

que pode ser definido como

o emprego desnecessário do gerúndio em contexto não adequado de enunciação de aspecto verbal durativo.

cacófato,

que pode ser definido como

a criação de som desagradável ou inapropriado, resultante da união de duas ou mais palavras.

eco,

que pode ser definido como

a sequência de sons vocálicos idênticos ou próximos.

estrangeirismo,

que pode ser definido como

o uso exagerado ou desnecessário de palavras de outros idiomas por falantes da língua portuguesa.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. **IFMA** – Leia com atenção o texto da tirinha abaixo.



NIK. *Gaturro* 1. Cotia: Vergara & Riba Editoras, 2008. p. 39.

A palavra **office boy** é de origem estrangeira e já foi incorporada ao vocabulário da língua portuguesa. Que nome se dá ao processo de formação da palavra grifada?

- a) derivação
- b) empréstimo
- c) estrangeirismo**
- d) composição
- e) sigla

A palavra "office boy" é um estrangeirismo, pois se trata de um termo de língua inglesa utilizado desnecessariamente, já que poderia ser substituído por um da língua portuguesa.

2. UFMS

O ladrão entra numa joalheria e rouba todas as joias da loja. Guarda tudo numa mala e, para disfarçar, coloca roupas em cima. Sai correndo para um beco, onde encontra um amigo, que pergunta:

- E aí, tudo joia?
- Que nada! Metade é roupa..

Com relação ao texto acima, é correto afirmar:

- 01)** O efeito de humor do texto é causado pela ambiguidade da expressão "tudo joia".
- 02)** A expressão "tudo joia" pode ser classificada como um arcaísmo da língua portuguesa.
- 04)** A expressão "sai correndo" caracteriza um pleonismo da língua portuguesa.
- 08)** O ladrão, ao responder ao amigo, agiu de forma jocosa e sarcástica.
- 16)** O amigo sabia o que o ladrão carregava na mala.

01 é a única alternativa correta, pois a expressão "tudo joia" leva a uma ambiguidade, ou seja, ao duplo sentido da mensagem, já que a pergunta pode dizer respeito ao estado do interlocutor (nesse caso, o mesmo que perguntar "tudo bem?") ou se ele estava efetivamente carregando joias.

3. UFPel-RS – Leia os fragmentos dos textos de Luis Fernando Verissimo e Martha Medeiros a seguir.

Transboarding

Triste o país que tem vergonha da própria língua.

Fico pensando num corretor de imóveis tendo que mostrar, para compradores em potencial, um apartamento no edifício Golden Tower, ou similar, em algum lugar do Brasil.

— Isto é o que nos chamamos de *Entrance*.

— *Entrance*?

— Ou *Front door*.

Porta da frente.

— Ah.

— Aqui temos o *Living Room* e o *Dining Room* conjugados. Ou *conjugated*. Por aqui, a *gourmet kitchen*.

— *Kitchen* é...?

— Cozinha, mas nós não gostamos do termo. Isto aqui é interessante: é o que chamamos de *coffee corner*, onde a família pode tomar seu *breakfast* de manhã. A *gourmet kitchen* vem com todos os *appliances*, e o prédio tem uma *smart laundry* comunitária.

— O que é *smart laundry*?

— Não tenho a menor ideia, mas é o que está escrito no *flyer*. E passamos para o corredor que leva ao *master bedroom*, ou suíte, em português. As camas podem ser *King Size* ou *Queen Size*. Aqui temos o *closet*, que em português também é *closet*. E aqui temos esta *giant window* que dá para o *garden* do prédio, e o *playground*. Você tem *kids*?

— O quê?

— *Kids*. Crianças.

— Ah. Não.

— O *garden* também tem uma *green walk*, que é uma trilha para passear entre as *trees and tropical plants*, e um *infinity pool* que é uma piscina que parece que está sempre transbordando, ou *transbording*. Além disso, claro, existe um *indoor pool*, que faz parte do *fitness center*. Ah, e se comprarem o apartamento vocês automaticamente passam a fazer parte do *party club*, onde tem um *barbecue pit*.

— *Barbecue pit*?

— Churrasqueira. E podem usar o *working hub*, que eu também não sei o que é, mas com esse nome só pode ser coisa fina.

— E a segurança...?

— Garantida dia e noite, ou *twenty-four/seven*.

— Porteiro?

— Sim, mas não chamamos de porteiro. Ele é um *hall concierge*.

— Tudo ótimo, mas não sei se vamos comprar o apartamento.

— Por que não?

— Ter que mostrar o passaporte, sempre, para entrar em casa... Sei não.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, 21 maio. 2015.

Outros estrangeirismos

(...)“A absorção de palavras estrangeiras é algo natural em qualquer cultura, não há motivo para organizar uma resistência.

Claro que há certos exageros, principalmente no jargão empresarial, mas isso é questão de gosto: na minha opinião, de mau gosto. Me parece mais elegante apresentar um orçamento do que um *budget*, fazer uma reunião do que fazer um *meeting* e apresentar um relatório em vez de um *paper*, mas há quem se sinta um profissional mais competente falando assim. Afetação, só isso. De forma alguma coloca em risco nossa língua mãe.

Utilizar palavras em inglês, vez que outra, é apenas uma rendição ao que se consagrou como universal. Não mata ninguém. E não deixa de ser didático, afinal, o turismo tem aumentado no mundo e é bom que se saibam algumas palavras-chaves. De minha parte, acho preferível fazer um *happy hour* do que ter uma hora *felis* com os amigos, fazer um *checkin* no aeroporto do que uma *xecagem*, executar *downloads* do que *baichar* músicas. O uso eventual do inglês (ou do francês, do italiano, do latim) não compromete em nada o nosso idioma.”(...)

MEDEIROS, Martha. *Zero Hora*, 27 abr. 2011.

Das afirmações abaixo, a respeito dos textos dos cronistas gaúchos Verissimo e Martha Medeiros,

- I. Os textos têm em comum o mesmo assunto – estrangeirismos.
- II. Os dois textos mostram que algumas pessoas usam estrangeirismos com forma de *status*.
- III. Apenas o texto de Martha Medeiros tem características que o diferenciam de um conto ou de uma carta.
- IV. Os equívocos ortográficos que aparecem no último parágrafo do texto “Outros estrangeirismos” (*felis*, *xecagem*, *baichar*...) demonstram o desconhecimento da autora em relação à língua portuguesa.

Estão corretas

- a) apenas a IV.
- b) apenas a I e a II.
- c) apenas a II e a III.
- d) apenas a III e a IV.
- e) apenas a II.

A afirmação I está correta, pois o assunto das duas crônicas é o estrangeirismo, isto é, o uso exagerado e desnecessário de palavras em outros idiomas em lugar da língua portuguesa, como comprovam as passagens “Triste o país que tem vergonha da própria língua” e “A absorção de palavras estrangeiras é algo natural em qualquer cultura, não há motivo para organizar uma resistência. / Claro que há certos exageros, principalmente no jargão empresarial, mas isso é questão de gosto: na minha opinião, de mau gosto”. A afirmação II está correta, pois nas duas crônicas há o retrato de pessoas que usam estrangeirismos por *status*, como comprovam os trechos: “A *gourmet kitchen* vem com todos os *appliances*, e o prédio tem uma *smart laundry* comunitária” e “Me parece mais elegante apresentar um orçamento do que um *budget*, fazer uma reunião do que fazer um *meeting* e apresentar um relatório em vez de um *paper*, mas há quem se sinta um profissional mais competente falando assim”.

4. Unitau-SP

Coleira eletrônica

Não sou afeito a cães, embora reconheça o quanto são úteis. Guiam cegos, localizam pessoas perdidas em florestas e montanhas, vítimas de desabamentos e terremotos, farejam drogas, vigiam domicílios, fazem companhia a crianças, idosos e solitários.

A coleira é o que me dá pena nos cães. É necessária, em especial quando vão à rua, mas constringe. Inverte-se a posição. Seria horrível andar por aí de coleira no pescoço, os limites dos passos determinados por puxões e frouxidões [...].

Ora, mas não é de cães que as musas me impelem a tratar hoje. É de coleiras, as eletrônicas, conhecidas por telefones celulares. Hoje, somos 194 milhões de brasileiros. Portamos 246 milhões de celulares.

A coleira eletrônica é útil para pais acessarem filhos; namorados, namoradas; chefes, subalternos; amigos, amigas. Já não é preciso recorrer ao orelhão da esquina, enfiar um cartão (após o trabalho de obtê-lo) e suportar a cara enfezada do pessoal na fila, os mais próximos atentos à nossa conversa.

O celular é, sem dúvida, de enorme praticidade. Mas tem um grande inconveniente: vicia. Não é à toa que o segundo homem mais rico do mundo é o mexicano Carlos Slim, com fortuna de 72,1 bilhões de dólares (Bill Gates ocupa o 1º lugar, com 72,7 bilhões), dono das telefônicas America Movil e Telmex, aqui conhecidas como Claro, Embratel e Net.

O vício celular desperta nos usuários ansiedade permanente. Alunos, em plena sala de aula, aproveitam a distração do professor para conferir redes sociais. No teatro, o aparelho ligado no silencioso brilha na plateia escura quando o usuário se conecta. No trabalho, boa parcela de tempo é consumida no ato de pregar os olhos no retângulo eletrônico que traz notícias, mensagens, cotações financeiras etc.

[...] Para uma boa saúde mental e emocional é preciso dizer não ao celular algumas horas por dia. Quantos bons livros poderiam ser lidos! Outrora, na quaresma, a Igreja recomendava abstinência de carne bovina. Quem sabe uma boa penitência seria, agora, abster-se do celular por um dia ou uma tarde! Talvez pudéssemos recuperar a nossa densidade interior, livrar-nos dessa sensação de esgarçamento d'alma que o invasivo celular provoca. O intrigante é que nunca as pessoas, em todo o mundo, estiveram tão conectadas como agora. No entanto, nunca a comunicação entre elas foi tão difícil. Haja solidão. E haja gente, via celular, mendigando afeição.

BETTO, Frei. Coleira eletrônica. *Caros Amigos*. n. 196, ano XVII, jul. de 2013, p. 18. São Paulo: Editora Casa Amarela.

No trecho

O vício **celulário** desperta nos usuários ansiedade permanente

, o termo em destaque pode ser considerado

- a) neologismo.
- b) pleonasma.
- c) estrangeirismo.
- d) onomatopeia.
- e) cacofonia.

A palavra “celulário” é um neologismo, ou seja, é uma palavra nova, que, no caso, diz respeito ao vício que as pessoas têm por falar ou manusear o celular.

5. UFMS – Leia o texto que segue, em seguida, responda à questão.

Teriam sido nossos ancestrais primatas os inventores da mais antiga profissão do mundo?

O jornal publicou curiosa notícia com o título: CHIMPANZÉ FÊMEA TROCA CARNE POR SEXO. O que significa “trocar”? Dar uma coisa por outra, permutar. Convém relevar a deselegante **cacofonia** caca do “troca-carne” e ficar no significado. O título diz que a pobre fêmea oferece carne por um pouco de carinho e amor, pois não? Vai-se, porém, ao texto:

“Cientistas descobriram que trocar carne por sexo faz parte da vida social de um grupo de chimpanzés selvagens na Floresta Tai, na Costa do Marfim. A venezuelana Cristina Gomes, do Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, em Leipzig, Alemanha, explica que as fêmeas de chimpanzé, com dificuldades para conseguir carne sem ajuda, recorrem a essa forma primitiva de substituição para aumentar a sua ingestão de calorias sem o risco associado à caça. No estudo, da revista *PLoS One*, os cientistas explicam que, apesar de a promiscuidade ser uma característica tanto dos machos quanto das fêmeas de chimpanzé, eles conseguem copular mais se aceitarem compartilhar a carne com o sexo oposto”.

Desmentido

Pronto. O texto desmente o título. O redator não atentou para o sentido do verbo “trocar”. Não são as fêmeas que oferecem carne por sexo. Oferecem sexo por carne. Não é o mesmo. Menos mal será que o título anuncie, com cacófono e tudo: CHIMPANZÉ MACHO TROCA CARNE POR SEXO, se houver a certeza de que a iniciativa é dele. O que se quis foi realçar os vestígios de substituição primitiva. Melhor seria, com rigor e sem cacófono: CHIMPANZÉ FÊMEA TROCA SEXO POR CARNE. Ainda mais se há certeza de que as macacas é que se oferecem. Duvidoso, considerando a essência exploradora dos machos. Provavelmente os safados, conhecedores da fragilidade delas, é que têm a aleivosa iniciativa. Sabem que elas são mais sujeitas aos riscos da caça e tiram proveito. Coisa terrível. O título e as macaquices machas.

MACHADO, Josué. Revista *Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Segmento, n. 43, maio 2009.

No texto, a palavra *cacofonia* deve ser entendida como

- 01) união não harmônica de sons diversos.
- 02) sons que causam ambiguidade na oralidade.
- 04) sequência de sons com lexias idênticas.
- 08) recorrência de sons desagradáveis aos ouvidos.
- 16) sons estridentes e diversos.

As afirmações 01 e 08 estão corretas, pois *cacofonia* (ou *cacófono*) é o mau som resultante da união de duas ou mais palavras em uma frase, como em “**troca-carne**”: “Convém relevar a deselegante cacofonia caca do “troca-carne” e ficar no significado”.

6. Unaerp-SP

C8-H27

Algumas vezes encontramos dificuldades ao usar algumas expressões da “moda”, principalmente, por ouvirmos seu emprego de forma inadequada.

Assinale a opção que traz a expressão usada de forma adequada:

- a) Você pensa como eu, logo suas ações vão de encontro com as minhas.
- b) Vamos vender esse produto a nível de Brasil.
- c) Há dez anos atrás, eu o reencontrei.
- d) Referia-se ao livro cujo o autor acaba de morrer.
- e) Ao invés de falar o que sabia, calou-se.

Na alternativa e, “ao invés de” ocorre para marcar a oposição entre “falar” e “calar”, que são antônimos.

Na alternativa a, a forma adequada é: “vão ao encontro das minhas”, pois o verbo “ir” rege a preposição “a”, não “de”.

Na alternativa b, a forma adequada é: “em todo o Brasil”.

Na alternativa c, a forma adequada é: “Há dez anos”, uma vez que a forma verbal “Há” já indica passagem de tempo, o que faz que “atrás” caracterize pleonasma vicioso.

Na alternativa d, a forma adequada é: “cujo autor”, pois o pronome “cujo” já cumpre a função de determinante da palavra “autor”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Uniube-MG – Leia o fragmento que segue, retirado da crônica "Controle remoto", de Moacyr Scliar:

Mas talvez controle remoto de vídeo, então, permitindo dar-lhes um *stop* quando necessário, um *play* quando temos vontade, voltar para trás quando nos assalta a nostalgia. Sim, mas não suportaremos o *fast forward*, que nos projetará irremediavelmente em direção ao futuro em que eles, os filhos, serão pais, e nós, os pais, seremos – o quê? – nem é bom pensar.

FISCHER, Luís Augusto (Org.). *Melhores crônicas*: Moacyr Scliar. São Paulo: Global, 2004, p. 292.

Assinale a alternativa que representa o recurso de produção utilizado pelo autor, na escrita do parágrafo apresentado:

- a) Neologismo
- b) Intertextualidade
- c) Futurismo
- d) Estrangeirismo
- e) Nostalgia

8. Unifor-CE (adaptada)

Texto I



BILL WATTERSON

Texto II



LAERTE

As línguas estão em constante movimento de assimilação, uso e desuso de palavras, conforme mudanças temporais e espaciais, dentre outros fatores. As tirinhas apresentadas possuem exemplos de dois processos que ocorrem com as palavras:

- a) neologismo e estrangeirismo.
- b) estrangeiro e arcaísmo.
- c) derivação e estrangeirismo.
- d) arcaísmo e neologismo.
- e) neologismo e derivação.

9. UFOP-MG

Qual o vício de linguagem que se observa na frase:

“Eu não vi ele faz muito tempo.”

- a) solecismo
- b) cacófato
- c) arcaísmo
- d) barbarismo
- e) colisão

Vocabulário

Comissão: no texto, esse termo é empregado com o sentido de propina.

* Mia Couto é um escritor moçambicano com uma extensa produção literária, incluindo poemas, contos, romances e crônicas. Suas obras se encontram traduzidas em mais de vinte países.

Mia Couto emprega o neologismo “talvezeiro”. A respeito desse termo, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

- 01) No contexto, apresenta uma conotação pejorativa, tal como ocorre a expressão “interesseiro”.
- 02) Trata-se de uma palavra formada por um processo derivacional que, a partir do advérbio “talvez”, produz o substantivo “talvezeiro”.
- 04) O uso da expressão em inglês *May be man*, em vez da possível tradução “talvezeiro”, representa uma escolha aleatória do autor.
- 08) Na estrutura da palavra “talvezeiro”, o elemento que atribui o sentido de indecisão é o sufixo “-eiro”.
- 16) O emprego de “dever-se-ia”, no futuro do pretérito, denota que a expressão “talvezeiro” seguramente será utilizada pelas gerações futuras.

13. Uepa

Saímos do Facebook

Desde a semana passada, quando os governadores de São Paulo e Rio de Janeiro anunciaram o aumento de R\$ 0,20 na passagem de ônibus, a população brasileira vem desencadeando uma das maiores revoltas públicas que o país já viu em mais de duas décadas!

É claro que o aumento de tarifa foi apenas a gota d'água que fez toda essa revolta transbordar pela maioria das grandes cidades do país. E, na minha opinião, a população está corretíssima em protestar!

O Brasil tem hoje a 6ª maior economia do mundo, mas também é um dos países mais corruptos e burocráticos do mundo! A grande maioria das decisões que são tomadas pelos nossos governantes dificilmente favorece ou melhora a vida dos trabalhadores e cidadãos de bem.

Quase R\$ 30 bilhões de reais já foram gastos na preparação para a Copa do Mundo de 2014, segundo o governo federal, e por causa disso, a inflação só aumenta! Enquanto isso, o Brasil continua a investir pouco na educação e menos ainda na saúde pública. E, agora, querem enfiar “guelá abaixo” do povo brasileiro mais um aumento no valor de um transporte público extremamente precário e ineficiente.

Mas o que o Facebook e as redes sociais têm a ver com isso? Praticamente TUDO!

A maior parte da comunicação entre as pessoas que estão participando das manifestações está sendo feita *online* através do Facebook, bem como de outras redes sociais também, como o Twitter, YouTube e o Google+. Realmente nós podemos comprovar o poder que as redes sociais têm e o efeito que elas podem causar na vida das pessoas! Todos os *twitts* e compartilhamentos, que começaram nas redes sociais, se transformaram em uma grande multidão nas ruas protestando por melhorias em todo o país!

Um levantamento da agência digital Today mostrou que os protestos geraram 548 944 publicações nas principais redes sociais. O Twitter foi o meio mais utilizado pelas pessoas, com 88% (cerca de 483 839 *posts*). No Facebook foram 60 mil *postagens*. O Google+ e *blogs* correspondeu aos 2% restantes.

As *hashtags* mais utilizadas foram: #vempruarua; #ogiganteacordou; #protestosp; #mudabrazil; #semviolencia; #democracianaotemfronteiras; #changebrazil. Esses números correspondem apenas à segunda-feira dia 17/06/13, mas já podemos ter uma ideia de como essas manifestações estão mobilizando os brasileiros nas redes sociais.

Brasileiros de pelo menos 13 países se organizaram pelo Facebook para promover uma série de protestos em solidariedade aos manifestantes brasileiros. Foram realizados protestos em países como: França, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Itália, Portugal, Holanda, Irlanda, Bélgica, Estados Unidos, Canadá, Argentina e México. Pelo número de participantes confirmados no Facebook, os dois maiores protestos foram realizados na Alemanha e na Irlanda.

No Brasil, o grupo “Anonymous” assumiu um tipo de liderança ideológica no Facebook durante essas manifestações que acontecem pelo Brasil. Prova disso é a *fanpage* principal do grupo no Facebook que teve uma guinada explosiva nos últimos dias. O crescimento semanal de curtidas, segundo as estatísticas da própria página, pulou de 7000 por semana para cerca de 130 mil. Eram 400 mil fãs na semana passada e hoje já são quase 850 mil fãs. Eles englobam a manifestação pela redução da tarifa do transporte público, criticam a corrupção, os erros de governo e injustiças no país.

Manifestações organizadas pelas redes sociais ainda são algo muito novo no Brasil e com dinâmicas bem diferentes de qualquer outro tipo de manifestação que já aconteceu aqui. Os governantes que quiserem atuar de forma realmente democrática vão ter que estudar as redes para poder dar uma resposta à altura dessa nova realidade brasileira, em vez de ficarem só tentando “localizar as lideranças” do movimento. Enfim... é em momentos como esse que as relações entre as redes sociais e as ruas se estreitam. Milhares de pessoas estão nas ruas relatando, pelas redes sociais, o calor da mobilização social. Mas também há outras centenas de milhares de pessoas que estão nas redes interagindo, compartilhando e se posicionando a favor do movimento, o que aumenta ainda mais a mobilização social, para além das ruas!

E é nessa interação entre as redes sociais e as ruas que, principalmente, o Facebook ganha um papel de destaque.

Fonte: <www.felipe-moreira.com/manifestacoes-no-brasil-x-facebook/>

Sobre a linguagem do texto, é correto afirmar que:

- a) o uso de expressões estrangeiras pode ser baseado em critérios como renovação, precisão e necessidade dos usuários e do tipo de comunicação.
- b) o tipo de linguagem é composto de um vocabulário cuja vantagem está no uso de termos comuns, e por isso econômico.
- c) os termos usados apresentam certas desvantagens, pois os preferidos pelos usuários não são os mesmos usados em situações específicas de busca na rede.

- d) existem várias espécies de linguagens, sendo que todas elas consistem de um vocabulário e de um conjunto de símbolos inteligíveis a qualquer usuário da internet.
- e) a presença de termos estrangeiros evita a ambiguidade e aumenta a diversidade de terminologia, podendo ser usados em qualquer meio de comunicação.

14. UEG-GO

Nova elite caipira

No título do famoso filme *Tropa de elite*, o termo “elite” referia-se ao grupo de policiais especialmente treinados para operações muito complicadas. A “elite” que era a tropa tinha um significado de especialização, superioridade, hierarquia, entendidas tecnicamente. Na contramão, quem utiliza o termo em outros contextos refere-se, em geral, a: “donos do poder”, “classe dominante”, “oligarquia”, “dominação política”, “dominação econômica”, “classe dirigente”, “minorias privilegiadas”. “Elite” é termo usado para designar as vantagens petrificadas de “ricos” e “poderosos” que comandam massas.

Usado em oposição ao povo, à democracia, à cultura popular, o termo é empregado para designar grupos econômica, cultural e politicamente dominantes. Seu uso atual, no entanto, erra o alvo em relação à cultura, desde que vivemos uma curiosa inversão cultural.

Há dois tipos de caipira. Um que era o oposto da elite, como o simpático Jeca Tatu, e outro, que é a própria nova elite, o cantor da dupla sertaneja que, depois de um banho *fashion*, fica pronto para o ataque às massas, mesmo que seu estilo continue sendo o do chamado “jeca”. Refiro-me ao “caipira” ou “jeca” como figura genérica, mas poderia também falar da moça cantando seu *axé music*, seu *funk*, que, de repente, não é uma “artista do povo”, como quer fazer parecer a indústria que a sustenta, mas é a rica e poderosa estrela – e objeto – da indústria cultural.

Sem arriscar um julgamento quanto à qualidade estética dos produtos do mercado, é possível, no entanto, questionar sua qualidade cultural e política. Muitos defendem que “é disso que o povo gosta”, enquanto outros dirão que o povo experimenta uma baixa valorização de si ao aceitar o que lhe trazem os ricos e poderosos sem que condições de escolha livre tenham sido dadas, o que surgiria de uma educação consistente – e inexistente em nosso contexto. A injeção diária de morfina estética que o povo recebe não permite saber se o “gosto” é autóctone ou externamente produzido.

De qualquer modo, no mundo da nova elite, a regra é a adulação das massas. Qualquer denúncia ou manifestação de desgosto em relação ao que se oferece a elas é sumariamente constrangida.

TIBURI, Marcia. Nova elite caipira. *Revista Cult*, São Paulo, n. 181, p. 51, jul. 2013.

Ao utilizar as expressões “*fashion*”, “*axé music*” e “*funk*”, a autora adota, em relação ao uso da língua portuguesa, uma postura

- a) purista em relação ao vocabulário, pois usa muitos arcaísmos e evita estrangeirismos.
- b) contraditória, porque desrespeita a língua padrão e fere as convenções sociais de uso da língua.
- c) imperialista, pois utiliza termos de origem norte-americana em detrimento das formas aportuguesadas.

- d) aberta à inovação no uso do idioma, já que incorpora estrangeirismos em seu texto.

15. UFU-MG

O abandono do lugar me abraçou de com força.

E atingiu meu olhar para toda a vida.

Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.

Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.

A gente se inventava de caminhos com

[as novas palavras.

A gente era como pedaço de formiga no chão.

Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 463.

Verifica-se na obra de Manoel de Barros:

- a) a configuração de uma poesia do cotidiano, acessível a qualquer público, constituída, no texto acima, de palavras coloquiais, repetições, e sintaxe simples e direta.
- b) o projeto de uma poesia sentimental, emotiva e ingênua que pode ser notada, no texto acima, pela perspectiva pessimista e decadente do eu lírico e seus companheiros.
- c) a proposta de uma poesia inovadora, que, no poema acima é reiterada por meio do uso do neologismo, das “novas palavras” e das imagens inusitadas, e as subversões gramaticais.
- d) a concepção de uma poesia regionalista, que, no poema, sublinha a importância do local para o eu lírico, especialmente sua fauna e flora, descritas com precisão.

16. UEL-PR – Considere o trecho do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa.

– Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênciã, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 385.

- a) Explique o processo de criação da palavra “homênciã” e os sentidos que derivam da criação do termo, considerando a situação criada no conto.
- b) Discorra sobre como esse uso particular da língua constitui uma estética da criação em Guimarães Rosa.

17. Ufes

Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos tran-sabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

– Venham: papá teve um sonho!

E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas. Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

– Nem duvidem, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. p. 16.

Identifique, no fragmento, um neologismo e explique, do ponto de vista literário, a utilização dessa palavra.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C8-H27

Agora eu era herói
 E o meu cavalo só falava inglês.
 A noiva do *cowboy*
 Era você, além das outras três.
 Eu enfrentava os batalhões,
 Os alemães e seus canhões.
 Guardava o meu bodoque
 E ensaiava o *rock* para as matinês.

BUARQUE, Chico; SIVUCA, João e Maria. In: *Os meus amigos são um barato*. Intérprete: Nara Leão. Rio de Janeiro: Philips/Phonogram, 1977.

Nos terceiro e oitavo versos da letra da canção, constata-se que o emprego das palavras *cowboy* e *rock* expressa a influência de outra realidade cultural na língua portuguesa. Essas palavras constituem evidências de

- regionalismo, ao expressar a realidade sociocultural de habitantes de uma determinada região.
- neologismo, que se caracteriza pelo aportuguesamento de uma palavra oriunda de outra língua.
- jargão profissional, ao evocar a linguagem de uma área específica do conhecimento humano.
- arcaísmo, ao representar termos usados em outros períodos da história da língua.
- estraneirismo, que significa a inserção de termos de outras comunidades linguísticas no português.

19. Enem

C8-H27

Retrato do artista quando coisa

A menina apareceu grávida de um gavião.
 Veio falou para a mãe: o gavião me desmoçou.
 A mãe disse: Você vai parir uma árvore para a gente comer goiaba nela.
 E comeram goiaba.
 Naquele tempo de dantes não havia limites para ser.
 Se a gente encostava em ser ave ganhava o poder de alçar.
 Se a gente falasse a partir de um córrego a gente pegava murmúrios.
 Não havia comportamento de estar.
 Urubus conversavam sobre auroras.

Pessoas viravam árvore.
 Pedras viravam rouxinóis.
 Depois veio a ordem das coisas e as pedras têm que rolar seu destino de pedra para o resto dos tempos.
 Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas.
 As palavras continuam com seus deslimites.

BARROS, Manoel. *Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

No poema, observam-se os itens lexicais *desmoçou* e *deslimites*. O mecanismo linguístico que os originou corresponde ao processo de

- estraneirismo, que significa a inserção de palavras de outras comunidades idiomáticas no português.
- neologismo, que consiste na inovação lexical, usada para o refinamento estilístico do texto poético.
- arcaísmo, que expressa o emprego de termos produtivos em outros períodos históricos do português.
- brasileirismo, que significa a inserção de palavras específicas da realidade linguística do português.
- jargão, que evidencia o uso profissional de palavras específicas de uma área do léxico do português.

20. Enem

C8-H27

No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

CAMPANHA CONTRA A VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO ENTRA EM NOVA FASE

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:

- Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
- A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
- Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
- A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
- Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



WAVEBREAKMEDIA/ISTOCK

MATERIAL DE EXECUTIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

LITERATURA

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS



PARNASIANISMO

- Características do estilo parnasiano
- Olavo Bilac
- Alberto de Oliveira
- Raimundo Correia
- Vicente de Carvalho

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.



MANTEGNA, Andrea. *Le Parnasse*. 1497. Têmpera e ouro sobre tela, 159 cm × 192 cm.

A obra de Andrea Mantegna (1431-1506) incorpora valores e temas clássicos assim como a poesia parnasiana. Em *Le Parnasse*, o artista retrata não só os deuses da mitologia – Marte e Vênus estão no topo de um arco de pedra, Apolo toca uma lira no canto inferior esquerdo e Mercúrio está acompanhado de Pégaso no lado oposto –, mas também as nove Musas no centro da cena que ocorre próxima ao solo. Todos em um cenário igualmente mitológico: o monte Parnaso.

Surgido na França em 1866, a partir da publicação da revista *Le Parnasse contemporain* [O Parnaso contemporâneo], o Parnasianismo possui o nome em referência ao monte Parnaso, na Grécia, local onde, lendariamente, os poetas se isolavam do mundo para tomar maior contato com os deuses através da poesia. O nome escolhido, aliás, revela o interesse dos poetas do período pela cultura clássica, tomada como modelo de equilíbrio em oposição aos exageros sentimentais e fantasiosos do Romantismo.

No Brasil, o Parnasianismo é contemporâneo ao Realismo e ao Naturalismo, sendo cultivado por certos poetas entre os anos finais do século XIX e início do século XX. O marco inicial do movimento no país é a divulgação da obra *Fanfarras*, de Teófilo Dias, em 1882. Entre os poetas que desenvolveram obras seguindo essa estética destacam-se Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, além de Vicente de Carvalho, cuja obra flerta com o Romantismo e com aspectos do Simbolismo.

Características principais

O Parnasianismo apresenta-se como uma espécie de reação ao Romantismo na poesia. Enquanto a prosa realista ganhava as páginas de livros e jornais no país, nos anos finais do século XIX, a poesia se voltava para o modelo clássico de imitação da forma e se concentrava em torno de valores clássicos como a busca pela razão, pelo belo, pelo equilíbrio e pela perfeição formal.

Para os parnasianos, a poesia é fruto de um intenso trabalho do poeta em busca da perfeição formal que coloque a poesia a serviço do que é verdadeiramente belo. Esse trabalho opõe-se ao que os românticos consideravam ideal como poesia, isto é, como fruto da inspiração e dos sentimentos. Escrever poesia parnasiana implicava conhecer e aplicar técnicas de construção poética; disso deduz-se duas características principais: o racionalismo e a perfeição formal, fundamental para o estilo.

Do ponto de vista do uso da linguagem, o Parnasianismo pregava o afastamento da linguagem cotidiana, dando preferência para palavras pouco comuns e trabalhando a sintaxe de modo a obedecer às regras gramaticais e, assim, se adequar aos modelos consagrados de escrita literária. Além disso, a presença de rimas e a métrica marcam a poética parnasiana, com preferência para as chamadas rimas ricas (aquelas entre palavras

de classes gramaticais diferentes) e para métricas consagradas, como os versos decassílabos (10 sílabas poéticas) e alexandrinos (12 sílabas poéticas) organizados, sobretudo, em sonetos.

MUCHA FOUNDATION



O pôster projetado por Mucha é produto da chamada *Art Nouveau* francesa. Tal qual a poesia parnasiana, esse estilo decorativo amplamente aplicado na mobília e nas artes gráficas na passagem do século XIX para o XX é uma reação deliberada a um historicismo desenvolvido posteriormente nas artes romântica e realista.

Pôster de Alphonse Mucha para *Gismonda*, peça de Victorien Sardou, estrelada por Sarah Bernhardt, no Théâtre de la Renaissance (Paris, 1894).

Havia referência ao antropocentrismo e ao universalismo, influenciados pela presença de temas das culturas clássicas grega e latina. O desenvolvimento desses valores e temas pode ser percebido no intenso descritivismo da poesia parnasiana que, tendo na forma uma de suas principais preocupações, vale-se da descrição de objetos como vasos, estátuas e lugares como forma de perseguir a objetividade e o belo absoluto, relegando o subjetivismo romântico.

Todas essas características podem ser reunidas sob o lema que marca a geração parnasiana: o ideal de “arte pela arte”; com ele, evidencia-se a intenção dos poetas do período em construir uma arte voltada para si mesma, sem ligação com elementos exteriores. Trata-se de uma reação ao engajamento demonstrado por autores do Romantismo como Victor Hugo e, no Brasil, por Castro Alves. Segundo a concepção parnasiana, um possível engajamento da poesia em causas sociais tirava dessa forma de arte seu caráter nobre de distanciamento dos elementos cotidianos e vulgares.

OLAVO BILAC

Nascido no Rio de Janeiro (1865-1918), Olavo Bilac, consagrado como “Príncipe dos poetas brasileiros”, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Embora não tenha terminado os cursos de Medicina e de Direito, teve intensa participação na vida pública brasileira, defendendo valores ligados ao nacionalismo, como em prol da abolição e em favor da República, do serviço militar obrigatório e da educação primária. É autor do “Hino à Bandeira” e dedicou-se a temas variados: de cenas inspiradas na Antiguidade à sátira política, de versos amorosos e sensuais ao pensamento de caráter metafísico.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO



Olavo Bilac

Apesar de não ser o seguidor mais fiel da proposta formal parnasiana, na sua obra identificam-se elementos constituintes dessa estética. É autor de “Profissão de fé”, poema considerado como manifesto da arte parnasiana. Por outro lado, encontra-se, em Bilac, certa valorização dos sentimentos e uma poesia marcada pelo tom amoroso e sensual. O poema a seguir exemplifica esse caráter ambivalente da poesia do autor: nela, notam-se a forma clássica do soneto, a métrica em versos decassílabos e a construção consciente de rimas – ainda que, para manter a obediência à sintaxe valha-se do *enjambement* (ver

boxe a seguir); ao lado disso, discorre uma poesia de tom sentimental, que fala de amor e estabelece um diálogo imaginário com o leitor, sem, contudo, abandonar o caráter descritivo e pouco confessional.

Via Láctea

XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com ela? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *apud* HECKER FILHO, Paulo (Org.). *Antologia Poética de Olavo Bilac*. São Paulo: Editora L&PM, 1997.

LEITURA COMPLEMENTAR

Enjambement é um termo francês para um processo poético que consiste no desalinhamento da estrutura métrica e sintática de uma composição, onde os versos se sucedem entre si sem pausas no final de cada um. É normalmente traduzido para português por “encavalgamento”, por tradução direta do espanhol *encabalgamiento*. O processo de continuação do sentido de um verso no verso seguinte produz versos corridos, característica de muitas composições da nossa lírica galego-portuguesa (não significando que seja dela exclusivo, pois desde a poesia homérica que o *enjambement* pode ser identificado). Trata-se de uma alternativa ao paralelismo tradicional [...]. Embora largamente utilizado já pelos poetas renascentistas e maneiristas, só a partir da obra do francês André Chénier (1762-1794) o processo voltou a ganhar simpatia entre os poetas. Os poetas românticos utilizam-no com alguma frequência, mas só a partir da poesia modernista o processo de encadeamento dos versos se vulgarizou. Hoje são raras as composições que ainda obedecem a um alinhamento rigoroso dos versos e da sintaxe do poema.

CEIA, Carlos. *Enjambement*. *E-dicionário de termos literários*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/enjambement/>>. Acesso em: 31 jan. 2019. (Adaptado.)

É de sua autoria uma das declarações de amor à língua portuguesa mais conhecidas da literatura brasileira. No poema a seguir, um soneto de métrica precisa e rimas ricas, a Antiguidade romana é referenciada pela citação da região do Lácio, onde Roma foi fundada, e também o principal poeta da língua, Luís de Camões.

Língua portuguesa

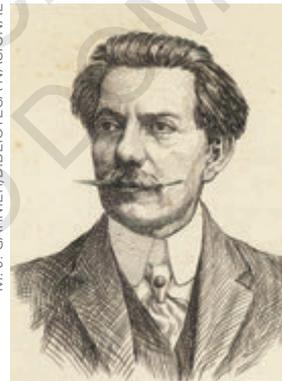
Última flor do Lácio, inculca e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

BILAC, Olavo. *Língua portuguesa*. In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 268.

ALBERTO DE OLIVEIRA



Alberto de Oliveira

Alberto de Oliveira (1857-1937) esteve à frente do movimento parnasiano e foi o poeta que melhor se adequou aos princípios da estética. Diante das disputas em torno da abolição e da proclamação da República, o autor declarava seu alheamento aos temas e defendia a “arte pela arte”. Suas principais obras são *Meridionais* (1884) e *Versos e rimas* (1895). No poema a seguir pode-se notar sua preocupação formal excessiva ao mesmo tempo em que há um vazio poético, marcado pelo descritivismo e pelo apuro vocabular.

Vaso grego

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que o suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinha,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas, o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1959. . (Coleção Nossos Clássicos).

RAIMUNDO CORREIA



M. J. GARNIER/BIBLIOTECA NACIONAL

Raimundo Correia

O poeta Raimundo Correia (1859-1911) é um dos que, juntamente a Bilac e Alberto de Oliveira, formam a “tríade parnasiana”. Foi magistrado de carreira e em sua poesia se identificam pelo menos três fases: romântica – com influência de Casimiro de Abreu e Fagundes Varela –, representada pelo livro *Primeiros sonhos* (1879); parnasiana, representada por *Sinfonias* (1883) e *Versos e versões* (1887) – é marcada por tom pessimista e reflexivo; pré-simbolista, fase em que o pessimismo procura refúgio na metafísica e na religião, além de apresentar linguagem musical e sinestésica. No poema a seguir nota-se o tom melancólico que marca a poesia do autor, aliado a qualidades técnicas de elaboração de sonetos.

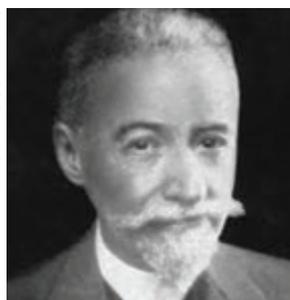
As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfi m dezenas
Das pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada.
E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo elas, serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...
Também dos corações onde abotoam
Os sonhos, um a um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;
No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais.

CORREIA, Raimundo. *Poesia – Sinfonias*. Rio de Janeiro, Agir, 1958. (Coleção Nossos Clássicos).

VICENTE DE CARVALHO

ARTISTA DESCONHECIDO



Vicente de Carvalho

Nascido em Santos (SP), Vicente Augusto de Carvalho (1866-1924) foi advogado, jornalista, político e magistrado, além de contista e poeta. Publicou muitos de seus versos em jornais, nos quais também foi um jornalista combativo. Desde cedo se identificou com o grupo de poetas parnasianos, tendo, contudo, mesclado o objetivismo da estética com certo sensacionismo emotivo. O poema apresentado a seguir mistura o tom emotivo com o descritivismo de elementos como a fonte e a rosa.

Cair das folhas

“Deixa-me, fonte!” Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.
“Deixa-me, deixa-me, fonte!”
Dizia a flor a chorar:
“Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar.”
E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.
“Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu;
Ai, claras gotas de orvalho
Caídas do azul do céu!...”
Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flor.
“Adeus, sombra das ramadas,
Cantigas do rouxinol;
Ai, festa das madrugadas,
Doçuras do pôr-do-sol;
Carícia das brisas leves
Que abrem rasgões de luar...
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!”
As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor...

CARVALHO, Vicente de. *Poemas e canções*. São Paulo: Saraiva, 1965.

ROTEIRO DE AULA

PARNASIANISMO

O Parnasianismo, desenvolvido nos anos finais do século XIX, é contemporâneo

ao Realismo e ao Naturalismo.

Com tais escolas literárias tem em comum somente a característica do:

tom racional.

Embora partilhem interesse pelas questões políticas da época, como a abolição e a proclamação da República,

os autores parnasianos não as abordavam nas obras literárias.

Para os ideais estéticos dessa geração, a literatura precisava

afastar-se de questões sociais.

O lema que sintetiza a estética parnasiana é

"arte pela arte"

Sua ideia principal é

elaborar uma arte afastada dos temas políticos e sociais e da linguagem cotidiana.

Os poetas dessa geração acreditavam que a poesia

deveria tratar do que é belo, além de ser uma exaltação da forma em busca da perfeição.

São comuns nesta poesia

o tom descritivo, a linguagem rebuscada (do ponto de vista vocabular e sintático), a impessoalidade e a objetividade da linguagem.

Os principais autores e suas obras são

Olavo Bilac: *Poesias* (1888); Alberto de Oliveira: *Meridionais* (1884) e *Versos e rimas* (1895); Raimundo Correia: *Primeiros Sonhos* (1879), *Sinfonias* (1883), *Versos e Versões* (1887), *Aleluias* (1891) e *Poesias* (1898); Vicente de Carvalho: *Rosa, rosa de amor* (1902) e *Poemas e canções* (1908).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Leia o texto a seguir e responda às questões 1 e 2.

Rio abaixo

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...
Quase noite. Ao sabor do curso lento
Da água, que as margens em redor alaga,
Seguimos. Curva os bambuais o vento.

Vivo há pouco, de púrpura sangrento,
Desmaia agora o ocaso. A noite apaga
A derradeira luz do firmamento...
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silêncio tristíssimo por tudo
Se espalha. Mas a lua lentamente
Surge na fimbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pálido, embebido
Como um gládio de prata na corrente,
Rasga o seio do rio adormecido.

BILAC, Olavo. *Poesias* – Sarças de fogo.
Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1978. (Coleção Prestígio).

1. Sistema Dom Bosco

– Identifique no poema duas características próprias do estilo parnasiano.

Sugestão de resposta – O poema “Rio abaixo” é um exemplo parnasiano de descritivismo. Embora haja uma adjetivação que beira ao subjetivo, trata-se majoritariamente de uma viagem de barco em que importa sobremaneira a descrição da natureza em volta. Além disso, trata-se da forma clássica do soneto, muito cultivada pelos poetas parnasianos.

2. Sistema Dom Bosco

– Indique exemplos de rimas ricas presentes no poema e explique a importância delas para o movimento do qual Olavo Bilac faz parte.

Sugestão de resposta – Os rimas ricas são compostas de palavras que pertencem a classes gramaticais distintas, como se nota nos pares: vaga/alaga (substantivo/verbo); tudo/mudo (pronome indefinido/adjetivo). Para os parnasianos, a forma do poema era uma das principais preocupações (senão a principal), de modo que a perfeição formal estaria associada à intensa pesquisa vocabular, à construção de rimas ricas e a métricas clássicas como o decassílabo e o soneto.

3. UFRGS-RS (adaptada)

– Com relação ao Parnasianismo, são feitas as seguintes afirmações.

- I. Pode ser considerado um movimento antirromântico pelo fato de retomar muitos aspectos do racionalismo clássico.
- II. Apresenta características que contrastam com o esteticismo e o culto à forma.
- III. Consolida-se, no Brasil, com o livro *Poesias*, de Olavo Bilac, publicado em 1888.

Quais estão corretas? O movimento parnasiano prega o racionalismo e os valores clássicos da poesia, de modo que seu caráter antirromântico é bastante claro, o que confirma a afirmação I. A afirmação III também está correta pois, embora a obra *Fanfarras* (1882) seja um marco do parnasianismo no país, é com *Poesias*, de Bilac, publicado em 1888, que se consolida a força do movimento parnasiano.

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

4. UFPB

– A propósito da poesia parnasiana, é correto afirmar que ela:

- a) caracteriza-se como forma de evocação de sentimentos e emoções.
- b) revela-se no emprego de palavras de grande valor conotativo e ricas em sugestões sensoriais.
- c) acentua a importância da forma, concebendo a atividade poética como a habilidade no manejo do verso.
- d) faz alusões a elementos evocadores de rituais religiosos, impregnando a poesia de misticismo e espiritualidade.

- e) explora intensamente a cadeia fônica da linguagem, procurando associar a poesia à música.

Trata-se da única alternativa que apresenta a forma como foco da atividade poética parnasiana. Nas outras alternativas, elementos como musicalidade, espiritualidade, sugestões sensoriais e sentimentos são comuns em outros estilos literários, sendo deixados de lado na maior parte das obras parnasianas.

5. FGV

Vila Rica

O ouro fulvo* do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos* de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre,
O último ouro de sol morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, ciciza, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Org. e introd. Alexei Bueno.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Glossário

ângelus: toque do sino que anuncia a Ave-Maria.

cerro: pequena elevação; colina.

cicizar: sussurrar.

fulvo: de cor alaranjada.

laivos: marcas; manchas; desenhos estreitos e coloridos nas pedras; restos ou vestígios.

planger: soar.

Das características abaixo, todas presentes no texto, a que ocorre mais raramente na poesia parnasiana é:

- a) o rigor formal na estruturação dos versos.
- b) o emprego de forma fixa, por exemplo, o soneto.
- c) a sujeição às normas da língua culta.
- d) o gosto pela rima rica (rima entre palavras de classes gramaticais diferentes).
- e) a visão subjetiva da realidade, embora desprovida de sentimentalismo.

Ainda que haja movimento oposto aos arroubos sentimentais da poesia romântica, muitos poetas parnasianos imprimem em suas obras alguma subjetividade - mas não, como diz a própria alternativa, de modo não exacerbado.

6. UEFS-BA

C5-H16

Uma característica do Parnasianismo encontrada no poema é:

- a) a crítica social estabelecida a partir de um ponto de vista religioso cristão.
- b) a focalização de cenários históricos com a finalidade de intervenção da arte na sociedade.
- c) a intervenção subjetiva na abordagem de temáticas sociais e históricas.
- d) a expressão intimista e passional de um eu lírico que vira as costas para a realidade objetiva.
- e) a descrição detalhada de objetos e cenários em linguagem e vocabulário rebuscados.

O poema de Olavo Bilac é representativo da estética parnasiana na medida em que explora a descrição do cenário (um pôr do sol em Ouro Preto, MG) com preciosismo vocabular e perfeição sintática.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Cefet-PA (adaptada)

Aparição nas águas

Vênus, a ideal pagã, que a velha Grécia um dia
Viu esplêndida erguer-se à branca flor da espuma,

Cisne do mar Iônio

Mais alvo do que a bruma!

Visão, filha, talvez da ardente fantasia

De um cérebro de deus:

Vênus, astro – no mar e lágrimas – nos céus;

Vênus, quando eu te vejo a resvalar tão pura

Do oceano à flor,

Das águas verde-azuis na úmida frescura:

Vem dos prístinos céus,

Vem da Grécia que é morta,

Abre do céu a misteriosa porta

E em ti revive, ó pérola do amor!

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1959. (Coleção Nossos Clássicos)

Assinale a alternativa que contém características parnasianas presentes no poema:

- busca de inspiração na Grécia Clássica, com nostalgia e subjetivismo.
 - versos impecáveis, misturando mitologia clássica com sentimentalismo amoroso.
 - revalorização das ideias iluministas e descrição do passado.
 - descrição minuciosa de um objeto e busca de um tema ligado à Grécia antiga.
 - vocabulário preciosista, de forte ardor sensual.
8. **Ufam** – Todas as características de estilo abaixo relacionadas pertencem ao Parnasianismo, exceto:
- O apuro quanto à parte formal.
 - A reserva nas efusões pessoais.
 - A procura de rimas ricas.
 - A imaginação criadora.
 - O uso de descrições.

Leia abaixo o poema de Olavo Bilac para responder às questões de 9 a 11.

Vanitas

Cego, em febre a cabeça, a mão nervosa e fria,
Trabalha. A alma lhe sai da pena, alucinada,
E enche-lhe, a palpitar, a estrofe iluminada
De gritos de triunfo e gritos de agonia.

Prende a ideia fugaz; doma a rima bravia,
Trabalha... E a obra, por fim, resplandece acabada:
"Mundo, que as minhas mãos arrancaram do nada!
Filha do meu trabalho! ergue-te à luz do dia!

Cheia da minha febre e da minha alma cheia,
Arranquei-te da vida ao ápice profundo,
Arranquei-te do amor à mina ampla e secreta!

Posso agora morrer, porque vives! "E o Poeta
Pensa que vai cair, exausto, ao pé de um mundo,
E cai – vaidade humana! – ao pé de um grão de areia...

BILAC, Olavo. *Poesias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1978.

9. **Sistema Dom Bosco** – Faça a escansão (divisão em sílabas poéticas) correta de um dos versos do soneto acima, indique seu sistema de rimas e relacione esses aspectos à escola literária a que se filia o autor Olavo Bilac.

10. **Sistema Dom Bosco** – Embora escrito por um parnasiano, o poema acima tematiza a busca pela expressão das emoções por meio das palavras. Considerando que *vanitas*, em latim, significa "vaidade", responda: ao fim do trabalho, o eu lírico vê-se bem-sucedido? Justifique.

11. **Sistema Dom Bosco** – Leia o comentário a seguir:

A busca da objetividade temática e o culto da forma são as mais importantes características do Parnasianismo. Os poetas parnasianos opunham-se ao individualismo, ao sentimentalismo e ao subjetivismo românticos, e procuraram voltar sua poesia para temas que consideravam mais universais, como a natureza, a história, o amor, os objetos inanimados, além da própria poesia. Essa poética da impessoalidade era reforçada pelo gosto da descrição e do rigor formal. O ideal da "arte pela arte" resultou em acentuada preocupação com a versificação e a metrificação, pois se acreditava que a Beleza residia também na forma.

PARNASIANISMO. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de arte cultura brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12159/parnasianismo>>. Acesso em: jan. 2019.

Explique de que maneira o poema "Vanitas" é representativo do ideal de "arte pela arte", conforme explica o comentário acima.

Texto para as questões 12 e 13.

As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...

Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas

De pombas vão-se dos pombais, apenas

Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada

Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,

Ruflando as asas, sacudindo as penas,

Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,

Os sonhos, um por um, **céleres** voam,

Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,

Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,

E eles aos corações não voltam mais...

CORREIA, Raimundo. *Poesia* – Sinfonias. Rio de Janeiro, Agir, 1958. (Coleção Nossos Clássicos).

Glossário

céleres: velozes.

nortada: vento frio e/ou áspero que sopra do norte.

revoada: bando de aves que revoam.

ruflar: agitar as asas para voar.

12. Sistema Dom Bosco - Os poetas parnasianos tinham como um de seus preceitos básicos o culto à forma. Por essa razão, cultivavam o soneto: composição poética de 14 versos distribuídos em dois quartetos e dois tercetos, apresentando métrica – normalmente versos alexandrinos (12 sílabas poéticas) e decassílabos (10 sílabas poéticas) - e rima. Sobre o poema “As pombas”, assinale a alternativa correta:

- a) É um soneto de versos alexandrinos, com as rimas ABBA (nos quartetos) e CCD/EED (nos tercetos).
- b) É um soneto de versos decassílabos, com as rimas ABBA (nos quartetos) e CCD/EED (nos tercetos).
- c) É um soneto de versos alexandrinos, com as rimas ABBA (nos quartetos) e CCD (nos tercetos).
- d) É um soneto de versos decassílabos, com as rimas ABBA (nos quartetos) e CCD (nos tercetos).
- e) É um soneto de versos alexandrinos, com as rimas ABBA (nos quartetos) e CDE/CDE (nos tercetos).

13. Sistema Dom Bosco – Dá-se Dá-se o nome de rima rica à combinação de rimas entre palavras de classes gramaticais diferentes. No poema “As pombas”, temos um exemplo de rima rica em:

- a) soltam/voltam
- b) abotoam/voam
- c) pombais/mais
- d) nortada/revoada
- e) madrugada/revoada

14. UFRGS-RS

É na convergência de ideais antirromânticos, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que se situa a poética do Parnasianismo. O nome da escola vinha de Paris e remontava a antologias publicadas [...] sob o título de *Parnasse Contemporain*, que incluíam poemas de Gautier, Banville e Leconte de Lisle. Seus traços de relevo: o gosto da descrição nítida, concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal de impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015. p. 245.

Com base no texto acima, referente ao Parnasianismo brasileiro, são feitas as seguintes inferências:

- I. Parnasianismo opôs-se a princípios românticos como a subjetividade e a relativa liberdade do verso.
- II. Tendo seu nome calcado num termo criado na França, o Parnasianismo brasileiro seguiu um caminho estético próprio, independente e original.
- III. Parnasianismo e Realismo são correntes literárias com ideais e princípios estéticos totalmente diferenciados.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

15. PUC-RS – Alberto de Oliveira é considerado o mais característico poeta parnasiano, pois suas obras evidenciam:

- a) erudição linguística, descrição subjetiva e alusão à mitologia greco-latina.
- b) culto à forma, descritivismo e retorno aos motivos clássicos.
- c) preciosismo linguístico, recuperação dos moldes clássicos e devaneio sentimentalista.
- d) lirismo comedido, sentimento nacionalista e apuro vocabular.
- e) descrição pormenorizada, ruptura com os motivos clássicos e busca da palavra exata.

16. UnB-DF

Vaso grego

Esta, de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia
Então e, ora repleta ora esvazada,
A taça amiga aos dedos seus tinha
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça admira,
Toca-a, e, do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa a voz de Anacreonte fosse.

OLIVEIRA, Alberto de. *Poesias completas*. Edição crítica de Marco Aurélio de Melo Reis. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1979, p. 144.

Acerca do soneto “Vaso grego”, de Alberto de Oliveira, assinale a opção correta:

- a) A recorrência a temas mitológicos atraía o leitor comum e amenizava os efeitos de distanciamento impostos a ele pelo rebuscamento da linguagem parnasiana.
- b) Os mitos antigos são atualizados na poesia parnasiana e recebem um significado poético novo, que promove a ruptura efetiva com o passado e a tradição mítica.
- c) O tratamento estético dos mitos gregos na poesia parnasiana aproxima o antigo mundo mitológico dos problemas imediatos e concretos da vida social brasileira.
- d) A presença de elementos da arte e da mitologia gregas no soneto apresentado está de acordo com uma máxima do Parnasianismo: a arte pela arte.

17. Sistema Dom Bosco

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa

De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimigo do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

BILAC, Olavo. Língua portuguesa. In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 268.

Segundo o ponto de vista do eu lírico de “A um poeta”, em que consiste a arte de fazer boa poesia?

ESTUDO PARA O ENEM

18. ITA-SP

C5-H17

A questão a seguir refere-se ao texto “Língua”, de Caetano Veloso, exposto abaixo.

Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os portugueses morrerem à míngua
“Minha pátria é minha língua”
Fala, Mangueira!
Flor do Lácio, Sambódromo
Lusamérica, latim em pó.
O que quer
O que pode
Esta língua?
(...)

VELOSO, Caetano. *Velô*. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1984. 1 LP.

A expressão “Flor do Lácio” também faz parte de um famoso poema da Literatura Brasileira, intitulado “Língua Portuguesa”, produzido na segunda metade do século XIX. Assinale a alternativa que apresenta características pertencentes ao estilo da época em que foi produzido esse poema.

- a) Subjetivismo, culto da forma, arte pela arte.
- b) Culto da forma, misticismo, retorno aos motivos clássicos.
- c) Arte pela arte, culto da forma, retorno aos motivos clássicos.
- d) Culto da forma, subjetivismo, misticismo.
- e) Subjetivismo, misticismo, arte pela arte.

19. Enem

C5-H16

Mal secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N’alma, e destrói cada ilusão que nasce,

Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;
Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!
Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

CORREIA, Raimundo. In: *PATRIOTA*, Margarida. *Para compreender Raimundo Correia*. Brasília: Alhambra, 1995.

Coerente com a proposta parnasiana de cuidado formal e racionalidade na condução temática, o soneto de Raimundo Correia reflete sobre a forma como as emoções do indivíduo são julgadas em sociedade. Na concepção do eu lírico, esse julgamento revela que:

- a) a necessidade de ser socialmente aceito leva o indivíduo a agir de forma dissimulada.
- b) o sofrimento íntimo torna-se mais ameno quando compartilhado por um grupo social.
- c) a capacidade de perdoar e aceitar as diferenças neutraliza o sentimento de inveja.
- d) o instinto de solidariedade conduz o indivíduo a apiedar-se do próximo.
- e) a transfiguração da angústia em alegria é um artifício nocivo ao convívio social.

20. Vunesp

C5-H16

Os parnasianos brasileiros se distinguem dos românticos pela atenuação da subjetividade e do sentimentalismo, pela ausência quase completa de interesse político no contexto da obra e pelo cuidado da escrita, aspirando a uma expressão de tipo plástico.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. (Adaptado.)

A referida “atenuação da subjetividade e do sentimentalismo” está bem exemplificada na seguinte estrofe do poeta parnasiano Alberto de Oliveira (1859-1937):

a) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.

b) Erguido em negro mármore lúcido,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.

c) Eu vi-a e minha alma antes de vê-la
Sonhara-a linda como agora a vi;
Nos puros olhos e na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

d) Longe da pátria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
– Ave sem ninho que suspira à tarde.

e) Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cisne de outrora... que gemendo
Entre os hinos de amor se enternecia.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

18

SIMBOLISMO

- Características do Simbolismo em literatura
- Simbolismo em Portugal
- António Nobre
- Camilo Pessanha
- Simbolismo no Brasil
- Cruz e Sousa
- Alphonsus de Guimaraens

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.



CHAGALL, Marc. Le cirque. Litografia colorida, 33,4 × 25,2 cm. In: CHAGALL, Marc. *Cirque*. Paris: Tériade, 1967. Rahr-West Art Museum, Manitowoc, Wisconsin, Estados Unidos.

Nesta obra de Chagall, os elementos estão distorcidos e parecem envoltos em uma névoa, remetendo ao onírico. Além disso, as cores e as formas trabalham mais com a sugestão do que com a representação fiel da realidade. Nota-se, ainda, a sugestão de movimento e musicalidade, duas características de que o simbolismo se vale para fugir da representação estática do mundo.

Os anos finais do século XIX, marcados pela prosa realista/naturalista e pela poesia parnasiana, não se restringiram a essas manifestações artísticas. Uma outra estética, que questionava o positivismo e a capacidade absoluta da ciência de explicar os fenômenos humanos e gerar progresso social, ganhou força com a adesão de alguns artistas e intelectuais. Acreditava-se que tanto a ciência quanto a linguagem eram limitadas: aquela para descrever a complexidade humana, e esta para representar a realidade. Dessa maneira, para esse grupo de artistas, a arte não poderia se preocupar com a descrição objetiva e real do mundo, mas apenas sugerir aquilo a que se referem. Trata-se da arte Simbolista.

O grande nome do Simbolismo é o poeta francês Charles Baudelaire, considerado não apenas o introdutor da arte simbolista, mas também o precursor da poesia moderna. A publicação de *As flores do mal* (1857), na França, é um marco do início do Simbolismo. No Brasil, essa estética teve alguns significativos representantes, mas foi superada pelo Parnasianismo, que dominou a cena artística até as primeiras décadas do século XX por ser identificada pela elite intelectual, incluídos nesse grupo os fundadores da Academia Brasileira de Letras, como a forma oficial de se fazer literatura; já em Portugal e na Europa de maneira geral, o Simbolismo representou um avanço que culminaria na arte moderna produzida ao longo do século XX.

Contexto histórico

É importante notar também que, no Brasil, o contexto histórico é o mesmo reconstituído nos capítulos anteriores: final do século XIX foi conturbado tanto para a política quanto para a economia do país, que viu crescer o movimento pró-abolição,

além de testemunhar marcos como a assinatura da Lei Áurea e a proclamação da República. A poesia brasileira do período, como já dito, foi marcada pelo gosto parnasiano, mas isso não impediu a produção de poesia simbolista, bastante relevante no país.

Em Portugal, por sua vez, havia uma crise diplomática gerada pela tentativa do governo português de unificar dois de seus territórios colonizados no continente africano – tentativa fracassada após pressões da Inglaterra, que culminaram com o Ultimato de 1890. Além disso, o país viu aumentar a instabilidade interna após uma insurreição malsucedida de instaurar o republicanismo no país, em 1891. A crise segue até 1910, com a instauração da República. O período, marcado por frustração e pessimismo do povo português, coincide com um momento de decadentismo filosófico e artístico europeu.

Características principais

O Simbolismo representa um momento de crise do mundo burguês. Opondo-se à lógica, os escritores consideram-se decadentes e refugiam-se em experiências metafísicas e espirituais, em um universo imaginário no qual podem tratar do aniquilamento, do ceticismo, do vazio que a vida burguesa representaria. Nesse sentido, há a predileção dos artistas pelo subjetivismo, além de um gosto pelo mistério e pelo macabro, características que os simbolistas partilham com os românticos que os antecederam.

COLEÇÃO PARTICULAR



Girl with Red Poppies [Garota com papoulas vermelhas], Odilon Redon
As papoulas saltam ao primeiro plano enquanto a menina quase que se dissolve na paisagem, muito mais sugerindo sua presença do que marcando-a de fato.

REDON, Odilon. *Girl with Red Poppies*, óleo sobre tela, 1898.

Como forma de reação ao racionalismo positivista, a estética simbolista opta por uma linguagem ao mesmo tempo vaga e fluida, que busca *sugerir* em vez de descrever. Nesse sentido, abundam metáforas, comparações e sinestésias, além de aliterações e assonâncias que ajudam a construir musicalidade nas composições, com preferência por sonetos, além de outras formas poéticas. Outra forma de fugir da realidade decepcionante se configura por meio do misticismo e da religiosidade, que acompanham sentimentos de dor e pessimismo e tons mais contemplativos acerca dos mistérios da vida e da morte. Importante notar, ainda, que os simbolistas buscam imagens do inconsciente para corresponder às descrições sugestivas que faziam.

Simbolismo em Portugal

Em Portugal, o Simbolismo inicia-se com a publicação da obra *Oaristos*, de Eugênio de Castro, em 1890. A palavra “oaristo” tem origem grega e significa “diálogo íntimo”. Essa obra traz uma espécie de tratado da estética simbolista em seu prefácio, baseado nas ideias de Jean Moréas, poeta francês. O Simbolismo em Portugal se estende até 1915, em meio à Primeira Guerra Mundial.

ANTÓNIO NOBRE

Conhecido como um poeta *crepuscular*, António Pereira Nobre (Porto, 1867-1900) teve uma vida curta, e sua poesia voltou-se para o passado e para a infância, como uma espécie de paraíso mítico. Sua linguagem voltada para o registro coloquial e seu gosto pelas horas íntimas e crepusculares são marcas de sua produção, a partir da qual havia tentativa de aproximação com o povo. Tais características aproximam-no de uma espécie de neo-romantismo aliado à admiração que mantinha por Almeida Garrett. Suas obras têm caráter autobiográfico e são compostas pelos volumes *Primeiros versos*, *Só* e *Despedidas*.



António Nobre

THE PICTURE ART COLLECTION / ALAMY STOCK PHOTO

Soneto

Virgens que passais, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz onnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!

Cantai! Cantai as límpidas cantigas!
Das ruínas do meu Lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!

NOBRE, Antonio. *Só*. Porto: Tavares Martins, 1955.

CAMILO PESSANHA

INSTITUTO CAMÕES



Camilo Pessanha

Nascido em Coimbra, em 1867, e morto em Macau, em 1926, Camilo de Almeida Pessanha é considerado o maior nome do Simbolismo português, e seu trabalho influenciou os modernistas posteriores. Sua obra tem como característica forte musicalidade e apresenta uma visão de mundo pessimista, marcada pela dor e pela ilusão, tomadas como representações de um “eu” exilado do mundo, além de antecipar, na sua poesia, o princípio modernista da fragmentação.

Em sua poesia destaca-se, ainda, a presença de elipses, sinestésias, metáforas, símbolos, ambiguidades, a já tratada fragmentação e uma riqueza de imagens auditivas e visuais. Sua principal obra é o volume *Clepsidra*, de 1922, que reúne diversos escritos dispersos em jornais e revistas.

Crepuscular

Há no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amor, d’ais comprimidos...

Uma ternura esparsa de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madressilvas murcham nos silvados
E o aroma que exalam pelo espaço,
Tem delíquios de gozo e de cansaço
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se espasmos, agonias d’ave,
Inapreensíveis, mínimas, serenas...
— Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas.
O meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d’anemia...
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
— É este enlanguescer da natureza,
Este vago sofrer do fim do dia.

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Edição Crítica de Paulo Franchetti. Relógio D’água, Lisboa, 1995.

Simbolismo no Brasil

No Brasil, a publicação de *Missal e Broquéis*, obras do catarinense João da Cruz e Sousa, em 1893, marca o início do Simbolismo, que segue aproximadamente a trajetória do pré-modernismo, coexistindo com outras expressões literárias até 1922. São identificadas duas linhas de força na literatura simbolista desenvolvida no país: uma de orientação humanístico-social, preocupada com problemas transcendentais do ser humano – linha adotada por Cruz e Sousa; e outra linha de orientação místico-religiosa, ocupadas com temas religiosos, adotada pelo poeta Alphonsus de Guimaraens.

CRUZ E SOUSA



ARTISTA DESCONHECIDO

Cruz e Sousa

Nascido em Desterro (atual Florianópolis), em 1861, e morto em Sítio (MG), em 1898, nasceu escravizado e recebeu educação refinada dos senhores de seus pais, a família do Marechal Guilherme Xavier de Sousa. Aprendeu francês, latim e grego e, desde cedo, desenvolveu gosto pela literatura. Trabalhou como cronista na imprensa catarinense e destacou-se por sua luta em prol da causa abolicionista – destaque-se, aqui, que o autor era negro e mais de uma vez fora vítima de preconceito racial.

Estabeleceu-se no Rio de Janeiro, em 1886, onde publicou as obras *Missal e Broquéis*, marcos do Simbolismo brasileiro. Casou-se e teve quatro filhos, mas sua esposa manifestou problemas mentais, e somente dois dos filhos sobreviveram. Aos 36 anos, Cruz e Sousa morre vítima da tuberculose. Seu reconhecimento veio postumamente, e, hoje, depois de ser incluído pelo estudioso francês Roger Bastide entre os maiores poetas simbolistas do mundo, é tido como o mais importante simbolista brasileiro e um dos maiores poetas de língua portuguesa. Sua poética, ao lado de Antero de Quental e Augusto dos Anjos, apresenta grande profundidade, tendo em conta a investigação filosófica e a angústia metafísica que marcam os três autores.

Suas composições aliam certa herança romântica, como o gosto pela noite, pessimismo e morte, a aspectos mais parnasianos, como o vocabulário requintado, a preocupação formal e o gosto pelo soneto. Do ponto de vista do conteúdo, é importante ressaltar a influência das ideias de Schopenhauer, filósofo alemão

que tematiza o pessimismo e marca o fim do século XIX, bem como uma questão autobiográfica que parece perpassar toda sua obra: o drama racial e pessoal vivido pelo autor, além do sentimento de opressão vivido na sociedade capitalista, partilhado pelos autores do Simbolismo e do qual procuravam escapar. Além das duas obras publicadas em 1893, publicou *Evocações*, em 1898, e postumamente os volumes *Faróis* (1900) e *Últimos sonetos* (1905).

Cavador do infinito

Com a lâmpada do Sonho desce aflito
E sobe aos mundos mais imponderáveis,
Vai abafando as queixas implacáveis,
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo, escrito
Sente, em redor, nos astros inefáveis.
Cava nas fundas eras insondáveis
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho.
E como seu vulto pálido e tristonho
Cava os abismos das eternas ânsias!

CRUZ E SOUSA, João da. *Últimos sonetos*.
Paris: Aillaud & Cia., 1905. Adaptado.

LEITURA COMPLEMENTAR

Cruz e Sousa e a trajetória do negro na literatura brasileira

[...] Negro, filho de escravos alforriados, com nome, sobrenome e educação esmerada ganhos dos senhores de seus pais, tendo sofrido amargamente a violência do preconceito que o impediu, entre outras discriminações, de assumir o cargo de promotor público em Laguna, [Cruz e Sousa] deixa entrever na sua obra as marcas do conflito em que se dilacerava. No plano da ação, assume a luta contra a opressão racial e, entre outras atividades, dirige o jornalzinho *O Moleque*, significativo desde o título, e deixa nove poemas e dois textos em prosa comprometidos com a causa abolicionista. Sua obra literária, entretanto, evidencia uma posição dividida e conflitada. A confissão de “O emparedado” não deixa margem a dúvidas, como se pode perceber nas seguintes passagens, entre outras:

O temperamento entortava muito para o lado da África: – era necessário fazê-lo endireitar inteiramente para o lado Regra, até que o temperamento regulasse certo como um termômetro!

[...]

Num impulso sonâmbulo para fora do círculo sistemático das fórmulas preestabelecidas, deixei-me pairar, em espiritual essência, em brilhos inatingíveis, através dos nevados, gelados e peregrinos caminhos da Via-Láctea...

E é por isso que eu ouço, no adormecimento de certas horas, nas moles quebreiras de vagos torpores enervantes, na bruma crepuscular de certas melancolias na contemplatividade de certos poentes agonizantes, uma voz ignota, que parece vir do fundo da Imaginação ou do fundo do mucilaginosos do Mar ou dos mistérios da Noite – talvez acordes da grande Lira noturna do Inferno e das harpas remotas de velhos céus esquecidos, murmurar-me:

– Tu és de Cam, maldito, réprobo, anatematizado! Falas em Abstrações, em Formas, em espiritualidades, em Requiets, em Sonhos! Como se tu fosses das raças de ouro e da aurora, se viesses de arianos, depurados por todas as civilizações, célula por célula, tecido por tecido, cristalizado o teu ser num verdadeiro cadinho de idéias, de sentimentos – direito, perfeito, das perfeições oficiais dos meios convencionalmente ilustres! [...]

Artista! Podes lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara, devorada insaciavelmente pelo deserto, tumultuada de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas, torvamente amamentada com o leite amargo e venenoso da Angústia!

CRUZ E SOUSA, João da. *Evocações*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 651 e 662-663.

Filho dessa África que ele chama ainda de “gemente, criação colorosa e sanguinolenta de Satãs rebeldes”, “grotesca e triste, melancólica gênese assombrosa de gemidos”, “África de Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizado pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas”, que lhe resta? ele mesmo responde, com a saída pela evasão: deixar-se “para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho” (Idem, p. 664).

E na sua poesia, essa visão negativa se corrobora, sobretudo quando associa à cor branca as qualidades do ideal e ao negro os mesmos aspectos dolorosos e viciosos que vincula à África de origem. Autoconvertido em vítima da fatalidade de sua cor, o poeta lamenta a sua condição de emparedado e procura, como assinala Alfredo Bosi, a solução pela sublimação. Vale acrescentar, ainda nas palavras do mesmo crítico em percuciente ensaio, que

Compondo a prosa poética do “Emparedado”, que fecha o livro das *Evocações*, foi possível a Cruz e Sousa lançar o seu protesto contra os argumentos da ideologia dominante no discurso antropológico. Trata-se de um fenômeno notável de

resistência cultural pelo qual o drama de uma existência, que é sobretudo subjetivo e público ao mesmo tempo, sobe ao nível da consciência inconformada e se faz discurso, entrando, assim, de pleno direito, na história objetiva da cultura.

BOSI, Alfredo. Poesia versus racismo. In: _____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 168.

Em síntese, [...] notadamente em relação à produção literária [do século XIX e do início do século XX], predomina o estereótipo. O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heroico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranquilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações. Zumbi e a saga quilombola não habitam destaques nesse espaço.

Por outro lado, os protagonistas de romances e de muitos poemas, quando escravos, são originariamente, como destaca Antonio Candido [no seu livro *Formação da Literatura Brasileira*], mulatos, a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos, e, deste modo, encaixá-los nos padrões da sensibilidade branca.

Essa poetização da figura do negro, mais configurada nas manifestações literárias do século XIX, culminou por tornar-se, segundo penso, uma faca de dois gumes: se, como quer ainda o mesmo Antonio Candido, conseguiu impor a dignidade humana do negro, por outro lado passou a ser uma via de saída confortável para o preconceito presente na realidade brasileira, na medida em que acabou escoando na aceitação do negro e do mestiço de negro reconhecido como tal enquanto emocionalmente e socialmente bem comportados, dóceis, resignados e que, como Isaura, sabem reconhecer o lugar que socialmente lhes foi imposto.

Tal imagem, entretanto, vem-se diluindo desde as duas décadas finais do século passado, diante dos posicionamentos daqueles que seguem empenhando na luta pela afirmação cultural e pela legítima e devida integração do negro à sociedade brasileira, para além dos estereótipos e das distorções.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, Abr. 2004. Adaptado.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS



Alphonsus de Guimaraens

Afonso Henriques da Costa Guimaraens nasceu em Ouro Preto, em 1870, e passou parte da vida em Mariana, onde morreu em 1921. Estudou Direito em São Paulo e foi juiz na cidade de Mariana por muitos anos. Sua juventude é marcada pela morte de uma prima que amava, e, embora tenha casado e tido muitos filhos posteriormente, sua poética desenvolve o tema da morte da mulher amada, com outros temas que acabam se relacionando a este primeiro: natureza, arte, religião, entre outros.

Sua relação com a temática da morte relaciona sua obra a toda uma tradição gótica e ultrarromântica, além de abrir caminho para a exploração de uma atmosfera mística e litúrgica que atravessam sua obra, com referências ao corpo morto, às orações, ao sepultamento e às cores associadas à tristeza e morte, como o roxo e o preto. Conhecido como “o solitário de Mariana”, suas principais obras são *Setenário das dores de Nossa Senhora e Câmara Ardente* (1899), *Dona Mística* (1899),

Kyriale (1902) e *Pauvre Lyre* (1921).

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhrou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...

Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...

Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Rufaram de par em par...

Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

GUIMARAENS, Alphonsus. *Obra completa*. Alphonsus de Guimaraens Filho (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

ROTEIRO DE AULA

SIMBOLISMO

O Simbolismo, tal qual o Parnasianismo, é contemporâneo do

Realismo e do Naturalismo.

Desenvolvido nos anos finais do século XIX, relaciona-se com o contexto em que se desenvolve de maneira antitética. Enquanto a arte naturalista valia-se de valores

positivistas para analisar racionalmente a sociedade e explicá-la a partir do ponto de vista científico,

o Simbolismo questiona esses valores e propõe uma forma

menos racional de lidar com a realidade, retomando e aprofundando conceitos trabalhados por antecessores, como os românticos.

O Simbolismo, de maneira geral, parece funcionar como uma resposta à opressão capitalista e à leitura positivista do mundo, de modo que os autores do período vão buscar menos objetividade e menos análise, preferindo

a subjetividade, a sugestão, os símbolos e os meios menos científicos e racionais de se tratar os temas, encontrando saídas possíveis na religião, na metafísica e em questionamentos de cunho filosófico-existencial.

Sobre as características desse período, ainda, podem-se considerar a

preocupação formal da maior parte dos autores, o amplo uso de figuras de linguagem e a exploração musical e visual (em se tratando de cores e formas sugeridas pelo conteúdo) da poesia.

Em Portugal, os principais autores e obras são

Antônio Nobre, autor de *Primeiros versos*, *Só e Despedidas*; Camilo Pessanha e seu livro *Clepsidra*.

Já no Brasil, são

Cruz e Sousa, autor de *Missal*, *Broquéis*, *Evocações*, *Faróis* e *Últimos sonetos*; Alphonsus de Guimaraens com *Setenário das dores de Nossa Senhora*, *Dona Mística*, *Câmara Ardente*, *Kyriale* e *Pauvre Lyre*.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Uesc

Ah! lilásis de Ângelus harmoniosos,
Neblinas vesperais, crepusculares,
Guslas gememas, bandolins saudosos,
Plangências magoadíssimas dos ares...

Serenidades etereais d'incensos,
De salmos evangélicos, sagrados,
Saltérios, harpas dos Azuis imensos,
Névoas de céus espiritualizados.

[...]

É nas horas dos Ângelus, nas horas
Do claro-escuro emocional aéreo,
Que surges, Flor do Sol, entre as sonoras
Ondulações e brumas do Mistério.

[...]

Apareces por sonhos neblinantes
Com requintes de graça e nervosismos,
fulgores flavos de festins flamantes,
como a Estrela Polar dos Simbolismos.

CRUZ e SOUSA, João da. Broquéis. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 90.

Marque V ou F, conforme sejam as afirmativas verdadeiras ou falsas. Os versos de Cruz e Sousa traduzem a estética simbolista, pois apresentam:

- descrição sintética do mundo imediato.
- uso de recursos estilísticos criando imagens sensoriais.
- enfoque de uma realidade transfigurada pelo transcendente.
- apreensão de um dado da realidade sugestivamente ambígua.
- imagens poéticas que tematizam o amor em sua dimensão física.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) F, V, V, V, F
- b) V, F, F, V, F
- c) V, F, V, V, F
- d) V, F, V, F, F
- e) V, F, V, F, V

Os poemas simbolistas pouco tangenciam a realidade concreta; assim, não há uma descrição do mundo imediato nem a tematização do amor físico.

2. UFMT

Entre o final do século XIX e o alvorecer do século XX, conviveram no Brasil três estilos de época: Realismo (1881-1902), Parnasianismo (1882-1902) e Simbolismo (1893-1902). Em relação ao assunto, assinale V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- A prosa realista representou uma reação contra a literatura sentimental e extremamente subjetiva dos românticos.
- A poesia do final do século XIX significou a reafirmação da linguagem declamatória e coloquial do Romantismo.

Em poemas parnasianos, o empobrecimento do conteúdo quando somado à supervvalorização da linguagem preciosa constitui imperfeição.

O poeta simbolista, confiante no poder da linguagem, procura descrever objetivamente a realidade.

Assinale a sequência correta.

- a) V, V, F, F
- b) F, V, V, F
- c) F, F, V, V
- d) V, F, F, V
- e) V, F, V, F

Ao contrário do que dizem, a segunda e a quarta afirmações, a poesia do final do século XIX não reafirma a linguagem romântica nem os simbolistas descrevem objetivamente a realidade.

3. Fuvest-SP

“E fria, fluente, frouxa claridade
flutua como as brumas de um letargo”

Nestes versos de Cruz e Sousa encontra-se um dos traços característicos do estilo simbolista:

- a) utilização do valor sugestivo da música e da cor.
- b) rima aproximativa: uso de aliterações.
- c) presença de onomatopeia.
- d) uso de antinomia.
- e) emprego de expressões arcaicas.

A partir da leitura do trecho, nota-se a presença da aliteração na repetição do fonema /f/ e de combinações dos fonemas /r/ e /l/ com outros fonemas, como o próprio /f/, além de /c/ e /b/.

4. Mack-SP

Chorai, arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas
Pontes aladas
De pesadelo...

Trêmulos astros...
Soidões lacustres...
– Lemes e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e outros poemas*. Lisboa: Ática, 1969.

Glossário

Soidões = solidões

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- a) Destaca a expressão egocêntrica do sofrimento amoroso, de nítida influência romântica.
- b) Recupera da lírica trovadoresca a redondilha maior, a estrutura paralelística e os versos brancos.
- c) A influência do Futurismo italiano é comprovada pela presença de frases nominais curtas e temática onírica.
- d) A linguagem grandiloquente, as metáforas cósmicas e o pessimismo exacerbado comprovam o estilo condoreiro.
- e) A valorização de recursos estilísticos relacionados ao ritmo e à sonoridade é índice do estilo simbolista.

Uma das características marcantes do Simbolismo é a aproximação entre música e poesia. No caso desse poema, o poeta português Camilo Pessanha explora esse recurso por meio do uso de assonâncias e aliterações.

5. ITA – Leia os seguintes versos:

Mais claro e fino do que as finas pratas
 O som da tua voz deliciava...
 Na dolência velada das sonatas
 Como um perfume a tudo perfumava.
 Era um som feito luz, eram volatas
 Em lânguida espiral que iluminava,
 Brancas sonoridades de cascatas...
 Tanta harmonia melancolizava.

CRUZ e SOUSA, João da. Cristais. In: *Obras completas*.
 Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 86.

Assinale a alternativa que reúne as características simbolistas presentes no texto:

- a) Sinestesia, aliteração, sugestão.
- b) Clareza, perfeição formal, objetividade.
- c) Aliteração, objetividade, ritmo constante.
- d) Perfeição formal, clareza, sinestesia.
- e) Perfeição formal, objetividade, sinestesia.

É clara a construção de sinestésias ao longo do poema, como se constata em “Era um som feito luz, eram volatas”. Além disso, há aliteração dos sons fricativos /f/ e /v/, além de o poema todo ser uma construção que sugere ao invés de descrever.

6. Enem**C5-H15****Vida obscura**

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro
 ó ser humilde entre os humildes seres,
 embriagado, tonto de prazeres,
 o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro
 a vida presa a trágicos deveres
 e chegaste ao saber de altos saberes
 tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sofrimento inquieto,
 magoado, oculto e aterrador, secreto,
 que o coração te apunhalou no mundo,

Mas eu que sempre te segui os passos
 sei que a cruz infernal prendeu-te os braços
 e o teu suspiro como foi profundo!

CRUZ e SOUSA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro:
 Nova Aguilar, 1961.

Com uma obra densa e expressiva no Simbolismo brasileiro, Cruz e Sousa transpôs para seu lirismo uma sensibilidade em conflito com a realidade vivenciada. No soneto, essa percepção traduz-se em:

- a) sofrimento tácito diante dos limites impostos pela discriminação.
- b) tendência latente ao vício como resposta ao isolamento social.
- c) extenuação condicionada a uma rotina de tarefas degradantes.
- d) frustração amorosa canalizada para as atividades intelectuais.
- e) vocação religiosa manifesta na aproximação com a fé cristã.

Em sua obra, Cruz e Sousa aborda o sofrimento e a discriminação de sua condição humana, sobretudo por ser negro e ter sofrido com o preconceito racial, dada a conjuntura do país pós-abolição, confirmando a letra A. No poema, não há a apresentação de nenhum tipo de vício do eu lírico ou a queixa de uma rotina de tarefas, mas, sim, a denúncia social, o que torna as alternativas B e C incorretas. Além disso, é importante saber que o sofrimento declarado na obra não faz referência ao sentimentalismo amoroso, mas à discriminação racial, o que torna a alternativa D incorreta, bem como a letra E, uma vez que não há, nesse poema traços de religiosidade.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS**7. Enem PPL****C5-H15****Violoncelo**

[...]
 Chorai, arcadas
 Do violoncelo!
 Convulsionadas
 Pontes aladas
 De pesadelo...
 [...]
 De que esvoaçam,
 Brancos, os arcos...
 Por baixo passam,
 Se despedaçam,
 No rio, os barcos.

PESSANHA, Camilo. *Clepsidra e outros poemas*.
 Lisboa: Ática, 1969.

Os poetas simbolistas valorizaram as possibilidades expressivas da língua e sua musicalidade. Aprofundaram a expressão individual até o nível do subconsciente. Desse esforço resultou, quase sempre, uma visão desencantada e pessimista do mundo.

Nas estrofes destacadas do poema “Violoncelo”, as características do Simbolismo revelam-se na:

- a) expressão do sofrimento diante da brevidade da vida.
- b) combinação das rimas que funde estados de alma opostos.
- c) pureza da alma feminina, representada pelo ritmo musical do poema.
- d) relação entre sonoridade e sentimento explorada nos versos musicais.
- e) temática do texto, retomada da vertente sentimentalista do Romantismo.

8. Sistema Dom Bosco

Nomear um objeto é suprimir três quartos do prazer do poema, que consiste em ir adivinhando pouco a pouco: sugerir, eis o sonho. É a perfeita utilização desse mistério que constitui o símbolo: evocar pouco a pouco um objeto para mostrar um estado de alma, ou inversamente, escolher um objeto e extrair dele um estado de alma, através de uma série de adivinhas.

MALLARMÉ, Stéphane. Poesia e sugestão. In: GOMES, Álvaro Cardoso (Org.). *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 98.

Tendo como base o excerto acima, caracterize o Simbolismo entre as tendências poéticas do final do século XIX.

9. UFRJ

Leia o fragmento a seguir do poema “Evocações” de Alphonsus de Guimaraens:

Na primavera que era a derradeira,
Mãos estendidas a pedir esmola
Da estrada fui postar-me à beira.
Brilhava o sol e o arco-íris era a estola
Maravilhosamente no ar suspensa

GUIMARAENS, Alphonsus. *Pastoral aos crentes do amor e da morte*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1923. Adaptado.

Como se sabe, Alphonsus de Guimaraens é tido como um dos mais importantes representantes do Simbolismo no Brasil. No fragmento pode-se destacar a seguinte característica da escola à qual pertence:

- a) bucolismo, que se caracteriza pela participação ativa da natureza nas ações narradas.
- b) intensa movimentação e alta tensão dramática.
- c) concretismo e realismo nas descrições.
- d) foco no instante, na cena particular e na impressão que causa.
- e) tom poético melancólico, apresentando a natureza como cúmplice na tristeza.

10. Sistema Dom Bosco – Leia estes versos de Alphonsus de Guimaraens:

Nem luz de astro nem luz de flor somente: um misro
Nasce a manhã, a luz tem cheiro... Ei-la que assoma
Pelo ar sutil... Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
Oh sonora audição colorida do aroma!

GUIMARAENS, Alphonsus. *Melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens*. Alphonsus de Guimaraens Filho (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.

Neles, observa-se um procedimento típico do Simbolismo. De que procedimento se trata? Explique.

Leia, a seguir, o poema para responder às questões 11 e 12.

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.
Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
Que chaveiro do Céu possui as chaves
Para abrir-vos as portas do Mistério?!

CRUZ e SOUSA, João da. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993.

11. Ufla – De acordo com o poema lido, é correto dizer que:

- a) o corpo é uma via ideal de entendimento do mundo.
- b) as almas podem compreender a vida através do corpo.

- c) o corpo é um obstáculo para a compreensão do mundo.
- d) as almas nunca possuem o poder de entendimento da vida.

12. Ufla – O poema é representativo da estética Simbolista segundo a qual é correto observar:

- a) Uma conjugação harmônica entre matéria e espírito.
- b) Uma valorização do eu, traduzido muitas vezes pelo espírito.
- c) Uma negação da subjetividade e do espaço infinito do sonho.
- d) Uma exaltação da objetividade nos moldes naturalista e parnasiano.

13. Fundação Cecierj-RJ

Leia o poema “Siderações”, de Cruz e Sousa.

Para as estrelas de cristais gelados
As ânsias e os desejos vão subindo,
Galgando azuis e siderais noivados,
De nuvens brancas a amplidão vestindo...

Num cortejo de cânticos alados
Os arcanjos, as cítaras ferindo,
Passam, das vestes nos troféus prateados,
As asas de ouro finamente abrindo...

Dos etéreos turíbulos de neve
Claro incenso aromal, límpido e leve,
Ondas nevoentas de visões levanta...

E as ânsias e desejos infinitos
Vão com os arcanjos formulando ritos
Da eternidade que nos astros canta...

CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

A respeito do poema, é correto afirmar que:

- a) o poeta idealiza seus desejos, projetando-os para uma instância inatingível.
- b) o poema emprega descrições nítidas que garantem uma compreensão exata dos versos.
- c) o poeta expõe a sua avaliação sobre a realidade objetiva, utilizando imagens da natureza em linguagem precisa e direta.
- d) o poema, em forma de epigrama, traduz uma visão materialista do amor e da sensualidade.
- e) se trata da descrição de fantasias e alucinações apresentadas nos moldes de ficção científica.

14. Fundação Cecierj-RJ – Sobre o Simbolismo brasileiro, é correto afirmar que:

- a) reelabora a fala popular carioca em curtos poemas de temática urbana repletos de elipses e trocadilhos bilíngues.
- b) retoma a temática romântica com ânimo satírico e polêmico, inclusive parodiando trechos de romances do século XIX.
- c) explora a mitologia greco-latina e episódios da história antiga da Europa em sonetos descritivos com chave de ouro.
- d) explora a sugestividade dos sons da língua em poemas que reportam sensações indefinidas e sentimentos vagos.
- e) reelabora a musicalidade dos vocábulos com experiências em que as palavras são segmentadas e a frase parte-se em fragmentos.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H15

Cárcere das almas

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
Que chaveiro do Céu possui as chaves
Para abrir-vos as portas do Mistério?!

CRUZ e SOUSA, João da. *Poesia completa*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura/Fundação Banco do Brasil, 1993.

Os elementos formais e temáticos relacionados ao contexto cultural do Simbolismo encontrados no poema "Cárcere das almas", de Cruz e Sousa, são:

- a) a opção pela abordagem, em linguagem simples e direta, de temas filosóficos.
- b) a prevalência do lirismo amoroso e intimista em relação à temática nacionalista.
- c) o refinamento estético da forma poética e o tratamento metafísico de temas universais.
- d) a evidente preocupação do eu lírico com a realidade social expressa em imagens poéticas inovadoras.
- e) a liberdade formal da estrutura poética que dispensa a rima e a métrica tradicionais em favor de temas do cotidiano.

19. Enem

C5-H15

Sorriso interior

O ser que é ser e que jamais vacila
Nas guerras imortais entra sem susto,
Leva consigo esse brasão augusto
Do grande amor, da nobre fé tranquila.

Os abismos carnis da triste argila
Ele os vence sem ânsias e sem custo...
Fica sereno, num sorriso justo,
Enquanto tudo em derredor oscila.
Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe essa glória em frente à Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironizar as próprias dores
Canta por entre as águas do Dilúvio!

CRUZ e SOUSA, João da. *Sorriso interior*. *Últimos sonetos*. Rio de Janeiro: UFSC/Fundação Casa de Rui Barbosa/FCC, 1984.

O poema representa a estética do Simbolismo, nascido como uma reação ao Parnasianismo por volta de 1885. O Simbolismo tem como característica, entre outras, a visão do poeta inspirado e capaz de mostrar à humanidade, pela poesia, o que esta não percebe.

O trecho do poema de Cruz e Sousa que melhor exemplifica o fazer poético, de acordo com as características dos simbolistas, é:

- a) "Leva consigo esse brasão augusto"
- b) "Fica sereno, num sorriso justo,/Enquanto tudo em derredor oscila"
- c) "O ser que é ser e que jamais vacila/Nas guerras imortais entra sem susto"
- d) "Os abismos carnis da triste argila/Ele os vence sem ânsias e sem custo..."
- e) "O ser que é ser transforma tudo em flores.../E para ironizar as próprias dores/Canta por entre as águas do Dilúvio!"

20. Unifesp

C5-H16

O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1988. Adaptado.

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- a) É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.
- b) Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.
- c) Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.
- d) Sobre um trono de mármore sombrio,
Num templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silêncio e inda mais frio,
Um ídolo de gesso está sentado.
- e) Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

PRÉ-MODERNISMO

19



Avenida Central, atual avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, em 1913. A paisagem urbana começa a se transformar com o surgimento de veículos motorizados.

O período que compreende os anos finais do século XIX e início do século XX corresponde, no Brasil, à *Belle Époque*, marcada por uma intensa urbanização da capital da recém-proclamada República, o Rio de Janeiro, e também por uma crescente industrialização de São Paulo, além da consolidação da produção cafeeira, colocando o estado como centro econômico e político, sede da burguesia cafeeira e um dos protagonistas da aliança café com leite, que alternava no poder políticos de São Paulo e Minas Gerais.

Consequência da urbanização, lojas, confeitarias, salões, teatros e cafés se tornam centro da vida social onde se reúnem artistas, boêmios e estudantes. Nesse contexto, marcado ainda pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as diferentes manifestações artísticas não tinham uma "linha mestra". A esse período, conveniou-se chamar Pré-Modernismo; note que o caráter transitório aparece desde o nome, em que se nota o prefixo "pré". Trata-se, portanto, de um momento em que a Literatura e as Artes, diferentemente do Realismo/Naturalismo ou depois o

AUGUSTO MALTA

- Literatura brasileira na passagem entre os séculos XIX e XX
- Euclides da Cunha
- Lima Barreto
- Monteiro Lobato
- Augusto dos Anjos

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Modernismo, não estavam todas reunidas em torno de uma escola literária.

Nesse período, são agrupados alguns dos importantes nomes da literatura brasileira, sem possuir um viés único. Em 1902, a publicação do romance *Canaã*, de Graça Aranha, e de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, marcam no Brasil o desenvolvimento de novos olhares sobre temáticas literárias. Trata-se de uma literatura voltada para o presente e muito preocupada com aspectos socioculturais. Tais aspectos são encontrados também nas obras de Lima Barreto e Monteiro Lobato, destacado sobretudo por sua produção infantojuvenil. Ao lado desses, há também Augusto dos Anjos, poeta que, como os demais, se voltava para questões sociais, mas se ocupou em grande parte do tempo a elaborar uma poesia "científica". Sem grandes inovações em termos formais, as diferentes abordagens dos autores marcam as especificidades de estilo do período.

Euclides da Cunha

FOTÓGRAFO DESCONHECIDO



Retrato de Euclides da Cunha.

Atuante na política, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (Cantagalo, RJ, 1866 – Rio de Janeiro, 1909) foi militar, engenheiro e jornalista. Com a eclosão do conflito de Canudos (BA), em 1886, Euclides da Cunha escreveu dois artigos sobre o assunto para o jornal *O Estado de S. Paulo* e, em 1887, foi à região do conflito como correspondente. De sua experiência em Canudos e da reunião de material jornalístico nasceu sua principal obra *Os sertões*, publicada em 1902, que o consagraria no panorama cultural brasileiro. Ao longo da vida, participou de diferentes ações governamentais no interior do país.

Esse livro vai além de um relato da Guerra de Canudos; trata-se de uma análise sociocultural que expõe a miséria do povo do sertão, desconhecida pela maioria dos brasileiros da época, e o desamparado pelas instituições governamentais. A obra é dotada de rigor científico, característica partilhada pela literatura cientificista do final do século XIX, na qual se analisa o homem em sua relação com o meio em que vive. Entretanto, a linguagem do livro é trabalhada de modo a exprimir "a alma do sertanejo" captada no conflito, sua lealdade e sua prontidão vibrante ao combate.

Divide-se em três partes: a terra, o homem e a luta. Na primeira parte, descreve-se os aspectos geológicos e topográficos que caracterizam o sertão, com destaque para o clima semiárido e os ciclos de seca, os quais o autor entende serem consequência de anos da prática de uma agricultura primitiva. Na segunda parte, a análise da formação racial do Brasil – seguindo o viés cientificista e determinista – indica que a mistura de raças forma entre nós o *mestiço* (mulato, mameluco, cafuzo), que, se vive entre elementos étnicos superiores, degrada-se, mas, no sertão, como vive entre elementos inferiores, sobressai-se, daí a força do sertanejo.

Por fim, a terceira parte do livro analisa as quatro expedições do Exército contra "jagunços" e "cangaceiros"; terminando com a exterminação de todos os "inimigos da República" e com a destruição de todas as casas do Arraial de Canudos. Segundo Walnice Nogueira Galvão, "*Os sertões* é uma obra de arte literária que aborda o avesso da modernização capitalista".



Registro da prisão de centenas de mulheres e crianças em Canudos. Fotografia de Flávio de Barros.

FLÁVIO BARROS/MUSEU DA REPÚBLICA/BRASÍLIA

[Da segunda parte d'Os sertões, "O homem"]

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

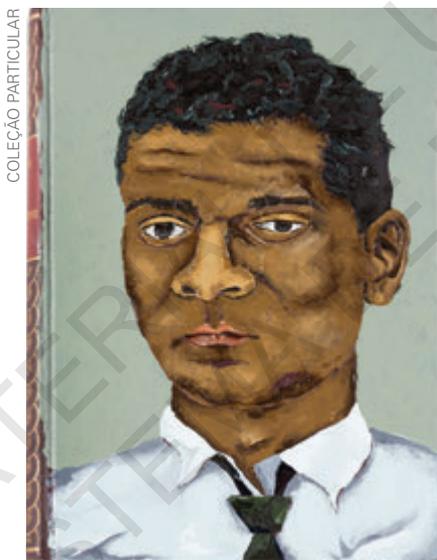
A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gíngante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. [...]

É o homem permanentemente fatigado.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001. p. 207-208. Adaptado.

Lima Barreto



Retrato de Lima Barreto pelo artista Dalton Paula. Óleo sobre livro, 22 x 15 cm.

Disponível em: <<https://daltonpaula.com/retratos/>>. Acesso em: mar. 2019.

Afonso Henriques de Lima Barreto (Rio de Janeiro, 1881-1922) trabalhou como assistente na Secretaria de Guerra em 1903 e, a partir de 1905, ingressou no jornalismo no *Correio da Manhã*, além de participar da vida política do país. Em 1909 publicou seu primeiro livro, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Cronista, ensaísta, contista e romancista, sua obra de ficção é um

contundente retrato do Rio de Janeiro urbano e suburbano, descrito de forma dúbia com sarcasmo e melancolia. Além do cenário urbano carioca, outro forte elemento em suas obras é o povo brasileiro, descrito, de forma crítica, em suas diferentes atribuições: funcionalismo público, classe média, meio político e jornalístico.

Sua principal obra é *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), seguida por *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1948). Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado primeiro em folhetim, em 1911, e depois em livro, em 1915, temos o relato do major Quaresma, subsecretário do Arsenal de Guerra, um nacionalista exaltado que acreditava ter condições de lutar por reformas radicais no país, contudo é cercado por pessoas mediócras. A principal proposta de Quaresma é a emancipação do povo brasileiro, surgida do seu gosto pelas tradições folclóricas e pelo modo de vida dos índios tupinambás.

Passa a ser visto como louco e perigoso ao sugerir ao Congresso Nacional a adoção do tupi como idioma oficial (o português, para ele, era uma língua importada), e acaba sendo suspenso do trabalho quando traduz um ofício para a língua indígena. É internado num hospício e apenas dois amigos próximos acreditam nas palavras dele. Ao sair da internação, começa a lutar por uma reforma na agricultura brasileira e seu sítio se transforma em um quartel em defesa da reforma agrária. Com a eclosão da Revolta da Armada, passa a defender o marechal Floriano Peixoto, a quem admira, mas por quem é futuramente desprezado. Em defesa dos presos da revolta, Quaresma redige um manifesto e é preso; já doente, é fuzilado injustamente. No trecho a seguir, note-se o desencanto de Quaresma com Floriano Peixoto:

Na verdade o major tinha um espinho na alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperavam nem o seu entusiasmo e sinceridade nem tampouco a ideia que ele fazia do ditador. Saíra ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas cousas de governo como se não o fosse!... Era, pois, para sustentar tal homem que deixara o sossego de sua casa e se arriscava nas trincheiras? Era, pois, por esse homem que tanta gente morria? Que direito tinha ele de vida e de morte sobre os seus concidadãos, se não se interessava pela sorte deles, pela sua vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso de sua lavoura e o bem-estar de sua população rural? Pensando assim, havia instantes que lhe vinha um mortal desespero, uma raiva de si mesmo; mas em seguida considerava: o homem está atrapalhado, não pode agora; mais tarde com certeza ele fará a coisa...

Vivia nessa alternativa dolorosa e era ela que lhe trazia apreensões, desânimo e desesperança, notados por sua afilhada na sua fisionomia já um pouco acobrunhada.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

LEITURA COMPLEMENTAR

O negro como sujeito: a atitude compromissada

A literatura do negro surge com as obras de alguns pioneiros, como o irônico Luís Gama (1850-1882), filho de africana com fidalgo baiano e o primeiro a falar em versos do amor por uma negra. É também destacado pelas estrofes satíricas da “Bodarrada” (“Quem sou eu?”), de que [transcreve-se] [...] um fragmento:

Eu bem sei que sou qual Grilo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
desta arenga receosos,
hão de chamar-me tarelo,
bode, negro, Mongibe.

Porém eu, que não me abalo,
vou tangendo o meu badalo
com repique impertinente,
pondo a trote muita gente.
Se negro sou, se sou bode,
pouco importa. O que isto pode?

Bodes há de toda a casta,
pois que a espécie é muito vasta...
Há cinzentos, há rajados,
baios, pampas e malhados,
bodes negros, bodes brancos,
e, sejamos todos francos,
uns plebeus e outros nobres,

bodes ricos, bodes pobres,
bodes sábios, importantes,
e também alguns tratantes...
Aqui, nesta boa terra,
marram todos, tudo berra.

GAMA, Luís. *apud* CAMARGO, Oswaldo de (Org.).
A razão da chama. São Paulo: GRD, 1986. p. 14.

Outro exemplo é o mulato Lima Barreto (1881-1922), o excepcional ficcionista em cuja obra, vinculada à realidade social urbana e suburbana do Rio de Janeiro, se destaca, a propósito, o romance *Clara dos Anjos*, escrito em 1922 (1948, ed. póstuma), a história de uma mulata, filha de um carreteiro de subúrbio, iludida, traída e sofrida por causa de sua cor. Um texto denunciador do preconceito, portanto, em que a fala final da personagem, impotente diante da injustiça, impacta pelo tom desesperançado: “– Nós não somos nada nesta vida”. A dilaceração também se revela com realismo carregado de vivência pessoal nas *Recordações de Isaías Caminha*.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, Abr. 2004. Adaptado.

Monteiro Lobato

Retrato de Monteiro Lobato.

HISTORIC COLLECTION/JALAMY STOCK PHOTO

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté (SP) em 1882, e morreu em São Paulo, em 1948. Passou a infância entre o Vale do Paraíba e a “cidade grande”; cultivou desde criança o amor pelos livros influenciado por seu avô, o visconde de Tremembé. Em 1918 publicou os contos *Urupês*, em que trata das cidades do Vale do Paraíba, obra que o popularizou. Ativo na vida pública e intelectual do país, participou de grupos, movimentos e jornais literários. Em 1917 publicou o artigo “Paranoia ou mistificação?” no qual fez duras críticas a uma exposição de arte da pintora Anita Malfatti, publicação que causou polêmica entre Lobato e o grupo modernista.

Sua escrita, com linguagem forte e bem trabalhada, além de seu notável trabalho com a literatura infantil, faz de Lobato um dos nomes mais expressivos da literatura brasileira. A habilidade na representação do real, com ênfase no caboclo como um “tipo social”, além da originalidade e do toque pitoresco, dá força e sentido humano às suas obras, cujos principais títulos são: *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919), *Ideias de Jeca Tatu* (1919), *Negrinha* (1920), *O presidente negro* (1926), *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *Emília no país da gramática* (1934).

Negrinha

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

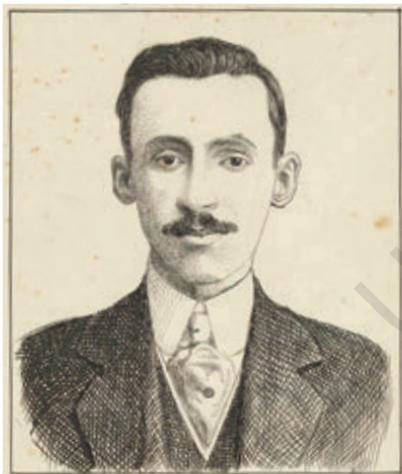
Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminoso abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

LOBATO, Monteiro. Negrinha. In: _____. *Contos completos*. São Paulo: Globo, 2014.

Augusto dos Anjos



Retrato de Augusto dos Anjos.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no engenheiro do "Pau D'Arco", na Paraíba, em 1884, e morreu em Leopoldina, MG, em 1914. Formado em Direito, atuou a maior parte da vida na área da educação, sobretudo como professor. Publicou durante toda a vida poemas em jornais e periódicos, tendo reunido em 1912 poemas no volume *Eu*, único livro publicado em vida. Tal obra causou espanto na crítica literária da época pela temática da morte e o vocabulário grotesco, muitas vezes com origem científica, traduzindo a doença e a dor associadas à desilusão de viver. Pesou contra o autor, na época, o predomínio do gosto parnasiano, ao qual sua poesia parecia se opor tanto nos temas quanto na linguagem.

Nota-se em sua obra certa influência genérica simbolista, observada no encontro entre interior e exterior, com referência a Antero de Quental, Baudelaire, Cesário Verde e Cruz e Sousa. Entretanto se trata de uma poesia de difícil classificação dada a originalidade, verificada em uma visão trágica da vida e também na fusão entre o mau gosto e o requinte, o particular e o universal; valendo-se de vocabulário científico e filo-

sófico, um materialismo e transcendência. Apresenta ainda a vida e a morte através de imagens concretas e de fundo expressionista, com menções à decomposição de forma a chocar.

Pode ser visto como um expressionista que alia elementos simbolistas e parnasianos, sobretudo no que diz respeito à forma parnasiana, apesar de os temas serem avessos ao programa dos seguidores de Bilac, pois Augusto os utiliza em contextos chocantes e de "mau gosto", que horrorizariam os herdeiros do parnasianismo. Note nos poemas a seguir a presença de vocabulário estranho à poesia, sobretudo ao ideal pregado pelo parnasianismo; além disso, é significativa a universalidade dos temas tratados.

Versos íntimos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de sua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. São Paulo: Hedra, 2012.

O morcego

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
Na bruta ardência orgânica da sede,
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho

"Vou mandar levantar outra parede..."
- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre minha rede!

Pego de um pau. Esforço faço. Chego
A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. São Paulo: Hedra, 2012.

ROTEIRO DE AULA

PRÉ-MODERNISMO

É como ficou conhecido o período compreendido entre

os anos finais do século XIX até 1922, quando a Semana de Arte Moderna dita novos rumos para a arte brasileira.

No período, destaca-se a chamada *Belle Époque* brasileira em que ocorreu

a urbanização do Rio de Janeiro e a consolidação do poder econômico de São Paulo com a burguesia cafeeira, além da política café com leite que alternava no poder políticos de São Paulo e Minas Gerais.

No plano internacional,

a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) sacode a Europa, e os imigrantes, no Brasil, ajudam a formar novas lutas sociais como greves operárias; destaque-se ainda a Guerra de Canudos, tema de uma das obras mais importantes do período.

Embora seja um período de transição e abranja manifestações artísticas diversas, é possível notar certos pontos de convergência, a saber: ênfase no real e presente,

com viés crítico a questões nacionais;

um olhar para classes e regiões

menos favorecidas;

e uma abordagem menos otimista

não só de elementos nacionais, mas de questionamentos humanos que, algumas vezes, transcendem o local em direção ao universal.

ROTEIRO DE AULA

Nota-se, ainda, nas diferentes produções, elementos que caracterizam períodos literários anteriores, aliados a inovações que

ajudarão a compor o modernismo posterior.

Os principais autores e suas respectivas obras são

Euclides da Cunha, Os sertões (1902); Lima Barreto, Recordações do escrivão Isaías Caminha, (1909), Triste fim de Policarpo Quaresma (1915), Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá (1919) e Clara dos Anjos (1948); Monteiro Lobato, Urupês (1918), Cidades mortas (1919), Ideias de Jeca Tatu (1919), Negrinha (1920), O presidente negro (1926), Reinações de Narizinho (1931), Caçadas de Pedrinho (1933) e Emília no país da gramática (1934); além de Augusto dos Anjos, Eu (1912).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Sistema Dom Bosco

Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

Quais aspectos da obra de Euclides da Cunha colaboraram para a construção de seu caráter científico?

Euclides da Cunha divide *Os sertões* em três partes e, em duas delas, analisa uma relação de causa e consequência entre o meio – “A terra” – e seus habitantes – “O homem” –, valendo-se do cientificismo muito em voga nos anos finais do século XIX, sobretudo o determinismo do meio, quando se desenrolam os eventos de Canudos. Por fim, a terceira parte – “A luta” – é um relato do embate entre as forças lideradas por Antônio Conselheiro e o Exército republicano. O caráter científico da obra, portanto, além da análise determinista das duas primeiras partes, é construído pelo teor descritivo e por sua capacidade analítica de observação da realidade retratada.

Texto para as questões de 2 a 4.

[...] os umbuzeiros alevantam dous metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos. É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto — e veio descaindo, pouco a pouco, [...] modificando-se à feição do meio, desinvoluindo, até se preparar para a resistência e reagindo, por fim, desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas, das reservas guardadas em grande cópia nas raízes. E reparte-as com o homem. [...]

Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de propósito feitos para a armação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os frutos de sabor esquisito para o preparo da umbuzada tradicional.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001. p. 128-129. Adaptado.

dous: dois.

descair: tomar uma posição arqueada, curvar-se, vergar-se.

mercê da: graças à.

cópia: abundância, quantidade.

mitigar: aliviar.

bamboante: que balança.

2. UEA-AM

Nesse trecho, o umbuzeiro é descrito como:

- concorrente do sertanejo pelos nutrientes do solo.
- obstáculo natural a ser superado pelo sertanejo.
- símbolo da amargura e da desolação do sertanejo.
- fonte importante de subsistência do sertanejo.
- sinal da infertilidade da terra cultivada pelo sertanejo.

No trecho “reservas guardadas em grande cópia nas raízes. E reparte-as com o homem. [...] Alimenta-o e mitiga-lhe a sede,” fica evidente a importância do umbuzeiro para a subsistência do sertanejo, confirmando a alternativa D.

3. UEA-AM

Ao apresentar o umbuzeiro como “exemplo de adaptação da flora sertaneja”, o autor dá destaque

- ao fato de que as árvores do sertão vivem mais quando estão unidas, formando uma mata fechada.
- à estratégia adotada pela árvore de poupar energia em épocas mais amenas para ser usada no período de seca.
- à astúcia do sertanejo, que substituiu as árvores nativas por uma espécie mais resistente e de fácil plantio.
- ao modo como basta haver luz solar em abundância para que a árvore se expanda com facilidade.
- à maneira como a árvore foi se tornando mais resistente ao clima seco à medida que ganhava em altura e espessura.

Relacionando a árvore ao meio em que ela floresce, o autor destaca a inteligência do ser vivo em fazer reserva de energia para usar quando necessário.

4. UEA-AM

Leia a canção “Umbuzeiro da saudade”, de Luís Gonzaga e João Silva, para responder à questão.

Umbuzeiro veio
 Veio amigo quem diria
 Que tuas folhas caídas
 Tuas galhas ressequidas
 lam me servir um dia
 Foi naquela manhãzinha
 Quando o sol nos acordou
 Que a nossa felicidade
 Machucou tanta saudade
 Que me endoideceu de amor
 Indiscreto passarinho
 Solitário cantador
 Descobriu nosso segredo
 Acabou com nosso enredo
 Bateu asas e voou
 Hoje vivo pelo mundo
 Tal qual o vem-vem
 Sobiando o dia inteiro
 Quando vejo um umbuzeiro
 Me lembro de ti meu bem

GONZAGA, Luís; SILVA, João. Umbuzeiro da saudade. *Dengo maior*. [s./l]: RCA, 1978.

veio: variante popular de “velho”, cuja pronúncia é “véio”.

vem-vem: pássaro de cauda curta e bico curto e grosso.

sobiar: assobiar.

Comparando-se o trecho de *Os sertões* com a canção “Umbuzeiro da saudade”, verifica-se que:

- a) em *Os sertões*, a árvore está vinculada a uma circunstância de trabalho; em “Umbuzeiro da saudade”, a árvore funciona como pano de fundo para uma história de amor bem-sucedida.
- b) em *Os sertões*, a árvore é apresentada como um símbolo do sertão; em “Umbuzeiro da saudade”, a árvore compõe um cenário característico da cidade grande.
- c) em *Os sertões*, a árvore serve de consolo para os sertanejos; em “Umbuzeiro da saudade”, a árvore ocasiona a discórdia entre os amantes.
- d) em *Os sertões*, a árvore é descrita como se fosse uma pessoa; em “Umbuzeiro da saudade”, a árvore representa a seca que fez o eu lírico abandonar sua cidade natal.
- e) em *Os sertões*, a árvore está relacionada à caracterização da vida árdua do sertanejo; em “Umbuzeiro da saudade”, a árvore está associada à lembrança do ser amado.

Nas obras que abordam o contexto sertanejo, o tratamento dado ao umbuzeiro é distinto em cada uma delas, uma vez que na obra de Euclides da Cunha a árvore representa as agruras da vida do sertanejo, enquanto na canção de Gonzaga e Silva a árvore é o símbolo da saudade do ser amado.

5. FGV-SP

Em um dos seus primeiros artigos, no qual foi criada a personagem Jeca Tatu, Monteiro Lobato escreveu:

Esboroou-se o balsâmico indianismo de Alencar ao advento dos Rondons. [...]

Não morreu, todavia.

Evoluiu.

O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “caboclismo”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; [...] Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras.

A comparação de “caboclismo” com “indianismo”, feita por Lobato no trecho citado, objetivava criticar, nessas correntes literárias, uma visão do índio e do caboclo que se caracterizava pela

- a) animalização.
- b) ridicularização.
- c) marginalização.
- d) socialização.
- e) idealização.

A idealização das figuras constituintes da paisagem nacional como o índio e o caboclo passa, a partir do Pré-Modernismo, por uma espécie de revisão, observada no trecho e na obra de Lobato como um todo.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Sistema Dom Bosco – Considerando seus conhecimentos acerca do Romantismo, explique qual é a principal diferença entre a abordagem da paisagem nacional dada pela primeira geração romântica e aquela dada por Euclides da Cunha, considerando o contexto de publicação de *Os sertões*.

Texto para as questões 8 e 9.

6. Unifesp

C5-H16

Apóstrofe à carne

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
Pressinto o fim da orgânica batalha:
– Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.

E o Homem – negro e heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha,
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

No soneto de Augusto dos Anjos, é evidente

- a) a visão pessimista de um “eu” cindido, que desiste de conhecer-se, pelo medo de constatar o já sabido de sua condição humana transitória.
- b) o transcendentalismo, uma vez que o “eu” desintegrado objetiva alçar voos e romper com um projeto de vida marcado pelo pessimismo e pela tortura existencial.
- c) a recorrência a ideias deterministas que impulsionam o “eu” a superar seus conflitos, rompendo um ciclo que naturalmente lhe é imposto.
- d) a vontade de se conhecer e mudar o mundo em que se vive, o que só pode ser alcançado quando se abandona a desintegração psíquica e se parte para o equilíbrio do “eu”.
- e) o uso de conceitos advindos do cientificismo do século XIX, por meio dos quais o poeta mergulha no “eu”, buscando assim explorar seu ser biológico e metafísico.

Ao usar expressões como “carnes do meu rosto” e “diafragmas, decompondo-se ao sol posto”, Augusto dos Anjos explicita a herança cientificista com a qual trabalha. Além disso, é característico de sua poesia a exploração do caráter dubio do ser: biológico e metafísico, aspecto visível ao ligar seu ser biológico à psiquê e à herança que deixa aos filhos.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

Um homem de consciência

“Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o depercimento visível de sua Itaoca.

Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...

João Teodoro entrou a incubar a ideia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mais conserto ou arranjo possível.

— É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui.

Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada...

Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado — e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!...

João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-os num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.

— Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?

— Vou-me embora, respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.

— Mas, como? Agora que você está delegado?

— Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro. Adeus.

E sumiu."

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 26. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. p. 167-168.

8. Ibmecc-SP

Este texto de Lobato é legítimo representante do Pré-Modernismo brasileiro por:

- ir ao encontro das idéias parnasianas, principalmente no que se refere à estrutura formal e temática, daí trechos descritivos tão intensos e a busca por um vocabulário rebuscado que se afastasse da linguagem cotidiana.
- trazer, nas entrelinhas, a denúncia do escândalo do petróleo junto às cidades do norte do Vale do Paraíba, de modo que se insere na linhagem de autores pré-modernistas que trataram da mesma questão.
- trabalhar uma linguagem subjetiva, carregada de figuras estilísticas que forcem a interpretação do leitor em busca das mensagens subliminares, de maneira a conversar com o simbolismo, em voga na época.
- ser uma denúncia da realidade brasileira e do desca-so das autoridades em relação às cidades do norte paulista do Vale do Paraíba que o autor assim caracteriza: "onde tudo foi e nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito. [...]"

- apresentar diálogos objetivos que obedecem à norma culta da língua portuguesa e reforçam a criação de tipos humanos marginalizados — já que João Teodoro, mudando de cidade, passa a ser Jeca Tatu.

9. Ibmecc-SP

O fato de João Teodoro decidir mudar-se de Itaoca, segundo o texto, revela que:

- ele tinha plena consciência de que não poderia ser delegado naquela cidade porque lhe faltavam algumas habilidades essenciais.
- o Tenório tinha mais capacidade para exercer a função para a qual ele, João Teodoro, estava sendo nomeado.
- ele, João Teodoro, apesar de toda a descrença em si próprio, ainda prestava, tinha algum valor.
- depois da crise cafeeira, nenhuma cidade tinha esperança de crescimento ou de autossuficiência econômica.
- o governo houvera abandonado as pequenas cidades porque elas já não eram mais lucrativas e só trariam despesas aos cofres públicos.

Leia o trecho de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, para responder às questões de 10 a 12.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios.

[...]

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora com seus dedos rosados abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afínco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupi-niquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade do seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, consertou o seu pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

amanuenses: escreventes.

doestos: injúrias.

10. Unifesp

Examine a frase:

"Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani."

No conjunto da obra, que relação há entre nacionalismo e o estudo de tupi-guarani?

11. Unifesp

Analise a frase:

“.. deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara.”

Supondo-se que houvesse uma explicação de natureza literária para o apelido, a que obra estariam os empregados da repartição fazendo referência? Por quê?

12. Unifesp

Explique em que consiste a discriminação sofrida por Policarpo Quaresma, tomando como referência o apelido e a resposta dada por ele a Azevedo.

13. Cesmac-AL

Engenheiro e ensaísta social, Euclides da Cunha (1866-1909) é autor de uma das obras clássicas da interpretação social do Brasil: *Os sertões* (1902). Sobre essa obra é correto afirmar o que segue.

- Os sertões* encerra uma prosa coloquial, clara e denotativa.
- Os sertões* aborda a Guerra de Canudos, na Bahia.
- Os sertões* trata da Guerra do Contestado, em Alagoas.
- Os sertões* narra a vida do Conselheiro e de Lampião.
- Os sertões* é um livro que faz a defesa veemente da Monarquia.

14. Sistema Dom Bosco

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. São Paulo: Hedra, 2012.

Qual a figura de linguagem presente no verso “Monstro de escuridão e rutilância”?

- Metonímia.
- Personificação.
- Ironia.
- Antítese.
- Sinestesia.

15. Sistema Dom Bosco



Almeida Júnior. *O Violero*. 1899. Óleo sobre tela, 141 cm x 172 cm.

É possível relacionar a imagem acima com o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, pois ambos retratam:

- as cenas da vida de indivíduos de classe baixa a média.
- o cotidiano de pessoas de nível social elevado.
- os cenários urbanos e densamente povoados.
- o Brasil num momento de grande crescimento econômico.
- os problemas socioeconômicos do nordeste brasileiro.

16. Cesupa-PA

O seu ideal na vida não era adquirir uma personalidade, não era ser ela, mesmo ao lado do pai ou do futuro marido. Era constituir função do pai, enquanto solteira, e do marido, quando casada. Não imaginava as catástrofes imprevistas da vida, que nos empurram, às vezes, para onde nunca sonhamos ter de passar. Não via que, adquirida uma pequena profissão honesta e digna de seu sexo, auxiliaria seus pais e seu marido, quando casada fosse.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Em *Clara dos Anjos*, a personagem protagonista – mulher pobre, mulata, moradora da periferia –, incorpora o papel que a sociedade da época, início do século XX, espera da mulher. Nesse sentido, o narrador critica o(a)

- obrigatoriedade do casamento como forma de garantir à mulher não só o sustento, mas o próprio *status* social que somente as casadas possuíam.
- falta de autonomia financeira da mulher, passando da proteção do pai para a proteção do marido, sem refletir sobre a necessidade de ter uma profissão.
- algunha recebida pelas mulheres de “rainhas do lar” e a representação masculina de só serem dignas para casar se virgens, recatadas, submissas e do lar.
- romantismo do qual as mulheres se cercavam, fazendo com que fossem facilmente iludidas por um conquistador que só queria seduzi-las e desonrá-las.

17. Sistema Dom Bosco

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,

Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas

Come e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. São Paulo: Hedra, 2012.

Aponte um verso em que Augusto dos Anjos contraria totalmente um princípio parnasiano de versificação, segundo o qual devem ser evitadas, por serem anti-poéticas, palavras muito longas, como os advérbios com sufixo **-mente**.

ESTUDO PARA O ENEM

18. PUC-RS

C5-H15

Leia o fragmento do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

[...]

E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

– “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

– “Como era boa para um cocre!...”

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2008.

Considerando o fragmento anterior, é correto afirmar:

- a) Em “Negrinha”, conto-título de livro de Monteiro Lobato, editado em 1920, o autor apresenta, de forma crítica e mordaz, o tratamento cruel a que é submetida a pequena escrava, maltratada até a morte.
- b) Para o pré-modernista Monteiro Lobato, a infância é um período a ser celebrado pela alegria e vontade de viver, tema que anima o conto “Negrinha”.
- c) Como escritor romântico, Monteiro Lobato cria a personagem Negrinha como aquela que dá alegrias a Dona Inácia, sua patroa, por estar sempre a seu lado.
- d) Negrinha é uma das personagens mais marcantes da literatura infantil de Monteiro Lobato, o autor que inaugurou o gênero no Brasil.
- e) No conto “Negrinha”, Monteiro Lobato relembra uma pequena companheira de infância, vizinha das terras de seu avô.

19. UFRRJ

C5-H15

Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. [...] o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro de Brasil. [...] Não se sabia bem onde nascera, mas não

fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

Este fragmento de *Triste fim de Policarpo Quaresma* ilustra uma das características mais marcantes do Pré-Modernismo que é o:

- a) desejo de compreender a complexa realidade nacional.
- b) nacionalismo ufanista e exagerado, herdado do Romantismo.
- c) resgate de padrões estéticos e metafísicos do Simbolismo.
- d) nacionalismo utópico e exagerado, herdado do Parnasianismo.
- e) subjetivismo poético, tão bem representado pelo protagonista.

20. Unicamp-SP

C5-H17

Além de escrever *Dom Quixote das crianças*, Monteiro Lobato também leva o “cavaleiro errante” para o Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Lá na varanda Dom Quixote conversava com Dona Benta sobre as aventuras, e muito admirado ficou de saber que sua história andava a correr mundo; escrita por um tal de Cervantes. Nem quis acreditar; foi preciso que Narizinho lhe trouxesse a edição de luxo ilustrada por Gustavo Doré.

O fidalgo folheou o livro muito atento às gravuras, que achou ótimas, porém falsas – Isso não passa duma mistificação! – protestou ele. – Esta cena aqui, por exemplo. Está errada. Eu não espetei este frade, como o desenhista pintou – espetei aquele lá.

– Isto é inevitável – disse Dona Benta. – Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles; por isto a História não passa de histórias.

LOBATO, Monteiro. *O Pica-pau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 18. Adaptado.

Na cena narrada,

- a) Dona Benta mostra a Dom Quixote que a história dele não é, de forma alguma, uma mistificação.
- b) Dona Benta convence Dom Quixote de que as gravuras não refletem a História dos fatos.
- c) Dona Benta concorda com Dom Quixote e critica o fato de a História ser fruto de interesses.
- d) Dona Benta opõe-se a Dom Quixote e critica a forma como a história dele é narrada nos livros.
- e) Dona Benta concorda com Dom Quixote, no entanto argumenta em defesa dos historiadores.

MODERNISMO EM PORTUGAL

20

TOPICAL PRESS AGENCY/GETTY IMAGES



O avião do conde Charles de Lambert sobrevoa entorno da torre Eiffel, em Paris. Nos primeiros anos do século XX, meios de transporte modernos como o avião e o trem conviviam com meios cuja tração era feita por animais – o progresso inicia sua ampliação.

O início do século XX no contexto europeu foi marcado por espetaculares invenções que têm influência direta sobre o modo de ver a realidade: o automóvel, o cinema, as máquinas voadoras, entre outras, inauguraram a era da velocidade e incentivaram uma disputa entre as potências mundiais por poder.

A Primeira Guerra Mundial coloca em evidência a crise da sociedade liberal-burguesa e se estende de 1914 a 1918; as enormes proporções do conflito impelem transformações, e a sociedade vê nascer e se consolidar correntes ideológicas como o nazismo, o fascismo e o comunismo, incentivadas por um nacionalismo exacerbado que, em seu conjunto, muda o mundo ao longo do século XX. Nessa situação de instabilidade, os valores do século XIX vão progressivamente sendo deixados para trás e dão lugar a movimentos artísticos em consonância com o contexto histórico, destacando-se, desse período, as vanguardas artísticas europeias.

As vanguardas europeias

Vanguarda é o termo pelo qual ficaram conhecidos alguns movimentos artístico-ideológicos surgidos na Europa no início do século XX. A expressão é originária do francês *avant-garde*, significando “estar à frente, à dianteira de um movimento”; nesse sentido, refere-se a grupos de pessoas precursoras ou pioneiras em determinado movimento cultural, artístico, científico etc. No contexto aqui referido, desenvolvem-se o Futurismo, o Cubismo, o Expressionismo, o Dadaísmo e o Surrealismo.

- Contexto histórico e social para o surgimento das vanguardas artísticas na Europa
- Futurismo
- Expressionismo
- Cubismo
- Dadaísmo
- Surrealismo
- Modernismo em Portugal
- Orfismo
- Presencismo
- Mário de Sá-Carneiro
- Fernando Pessoa e seus heterônimos

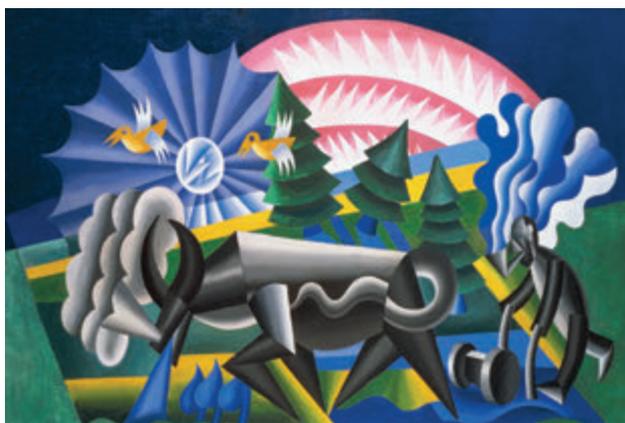
HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

FUTURISMO

Conforme se depreende de sua denominação, o futurismo propunha um rompimento com o passado, substituindo-o por novidades e reformulações de técnicas e temas da arte. O movimento foi liderado por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), um poeta ítalo-francês que, em 1909, publicou em Paris o primeiro manifesto dessa vanguarda. No contexto de guerra, o Futurismo se valia de uma linguagem dinâmica e formas de arte que estivessem ligadas à velocidade e ao progresso do mundo moderno.

DE AGOSTINI PICTURE LIBRARY/
BRIDGEMAN IMAGES/FOTORENA



DEPERO, Fortunato. *Ploughing*. 1909. Óleo sobre tela, 87 cm x 143 cm.

CUBISMO

O movimento cubista surge em 1907 com o quadro *Les demoiselles d'Avignon*, do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973), figura em torno da qual se reúnem artistas que cultivam as técnicas cubistas. Picasso lidera o movimento com o poeta francês Guillaume Apollinaire (1880-1918). A proposta do Cubismo é opor-se à objetividade e à linearidade da arte clássica, sugerindo experiências com a perspectiva, decompondo os objetos representados a partir de diferentes ângulos geométricos, em espaços múltiplos; além disso, a colagem é uma das principais técnicas do movimento e consiste em compor uma obra a partir de diferentes materiais.

STATE MUSEUM OF NEW WESTERN ART



PICASSO, Pablo. *Horta de Ebro*. 1909. Óleo sobre tela, 50,7 cm x 60,2 cm.

Na literatura, tais técnicas pictóricas se convertem na fragmentação da realidade, na superposição de planos (mistura de assuntos, espaços e tempos). Apollinaire realiza experiências com a disposição gráfica do poema, despertando grande interesse, inclusive no Brasil, onde, anos mais tarde, influenciaria o surgimento do Concretismo.

EXPRESSIONISMO

No início do século XX, um grupo de pintores chamados *expressionistas* ou *fauvistas* se reúne com o objetivo de combater o Impressionismo, tendência artística da qual eles provinham. Enquanto o Impressionismo valorizava a impressão, a subjetividade e a sensorialidade – de modo que a realidade era captada e trabalhada a partir das impressões do artista, num movimento de fora para dentro –, no Expressionismo o caminho contrário era proposto: o artista sentia-se livre para expressar a partir de seu mundo interior a sua arte, num movimento de dentro para fora, dando vazão às próprias sensações.

Tanto o Impressionismo quanto o Expressionismo têm em alta conta a realidade, mas trabalham com ela de diferentes maneiras, num retrato que procura se aproximar dela a partir das impressões do receptor – no primeiro caso – e, de outro ponto, a realidade que se dá a ver a partir das ações, técnicas e expressões do artista – no segundo caso. São nomes de destaque do movimento Wassily Kandinski (1866-1944), Marc Chagall (1887-1985) e Edvard Munch (1863-1944), todos no campo da pintura. Na literatura, o Expressionismo apresenta, em geral, uma fragmentação da linguagem, uma despreocupação formal com o texto e um conteúdo combativo aos valores do mundo burguês.



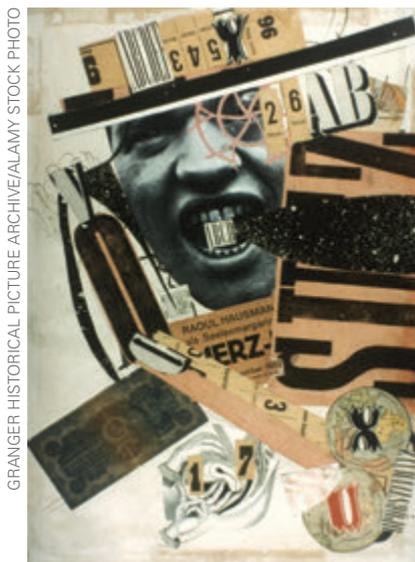
KANDINSKY, Wassily. *Paisagem de inverno*. 1909. Óleo sobre tela, 75 cm x 97 cm.

COLEÇÃO PARTICULAR

DADAÍSMO

Conhecido com o *antiarte*, o Dadaísmo surge na Suíça, país que se manteve neutro durante a Primeira Guerra Mundial e onde se abrigaram diversos artistas e intelectuais fugidos da guerra. Seu caráter contrário à arte partia da ideia dos adeptos do movimento de que a arte em meio à guerra era uma abstração hipócrita ou uma presunção. Funcionando como resposta

à decadência da civilização representada pelo conflito, o Dadaísmo assume postura irreverente, debochada e agressiva, fugindo à lógica de textos e manifestações, deixando o público confuso e perdido.



HAUSMANN, Raoul.
ABCD (retrato
do artista). 1923.
Colagem.

Do movimento destaca-se a técnica do *ready-made*, que consistia em retirar um objeto de seu uso banal e, com pouca ou nenhuma alteração, atribuir-lhe valor, artifício muito usado por Marcel Duchamp (1887-1968). Na literatura, o Dadaísmo se fez ver pela desordem e pela oposição a qualquer tentativa de racionalização e equilíbrio, pregando, entre outras técnicas, a livre associação de palavras e a exploração exclusiva do valor sonoro das palavras, muitas vezes inventadas para provento apenas de seu significante. Sem um programa de arte que orientasse a criação dadaísta, bem como com o fim da guerra, o movimento não teve longa duração.

SURREALISMO

Em 1924, o poeta francês André Breton (1896-1966) publicou na França o *Manifesto do Surrealismo*, movimento considerado um dos mais importantes da Europa no século XX. Aliando arte e psicanálise, o Surrealismo propunha experiências criadoras automáticas e a exploração do campo imaginário do sonho. Os pressupostos dessa arte vinham de Sigmund Freud (1856-1939), pai da psicanálise, e de Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês; ambos propunham a importância do mundo interior do ser humano e de zonas pouco conhecidas ou acessíveis da mente humana – daí a valorização do inconsciente, do subconsciente e da intuição como fonte de conhecimento.

A partir da criação automática, sem o filtro da razão ou do pensamento, bem como a partir do sonho, a arte surrealista desenvolve-se com *ilogismo*, *devaneio*, *sonho*, *loucura*, *imagens surpreendentes*, impulsos livres etc. A influência do movimento atingiu várias expressões artísticas; na literatura, o destaque foi para Breton; nas artes plásticas, para os espanhóis Salvador Dalí (1904-1989) e Joan Miró (1893-1983); no cinema, sobressai a obra de Luis Buñuel (1900-1983). Com a

adesão de vários dos artistas surrealistas às ideias socialistas e também com o fim da Segunda Guerra, o movimento se desarticula e perde força, mas ainda hoje encontra ecos nas diferentes expressões artísticas, mostrando a força e a atualidade de suas ideias.



DALÍ, Salvador. *A metamorfose de Narciso*, 1937. Óleo sobre tela.

O Modernismo português

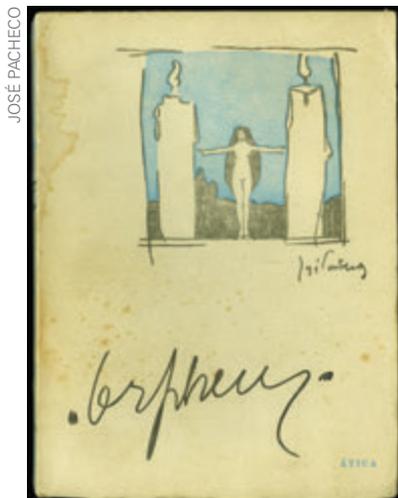


HIERONYMUS UKKEL/SHUTTERSTOCK

Estátua de
Fernando Pessoa
no Largo do
Chiado, em Lisboa,
Portugal.

Em 1910, após o assassinato do rei D. Carlos e de seu filho, proclama-se a República em Portugal. A crise política tem fortes reflexos na cultura e no povo português; já em 1910 é criada *A águia*, revista mensal de arte, literatura, ciência, filosofia e crítica social. Seus diretores eram o poeta Teixeira de Pascoaes e o intelectual Jaime Cortesão, e o periódico contou com a ajuda de dois grandes nomes do Modernismo português: Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. Em perspectiva histórica, cabe ressaltar dois pontos: o primeiro é que firmou-se em Portugal uma disputa entre republicanos e antirrepublicanos – estes reunidos sob o movimento do Integralismo português –, que teria consequências diretas na cultura, de modo que o nacionalismo tanto de um lado quanto de outro fomentaria uma busca do passado português, das glórias esquecidas, das navegações e do sebastianismo; o outro ponto é a disputa que

o país travaria em defesa de suas colônias africanas, a influenciar questões políticas, econômicas e culturais.



Revista *Orpheu*, 1915.

Em meio às crises de identidade do povo português, inicia-se o Modernismo, cujo primeiro momento fica conhecido como **Orfismo**. A denominação é oriunda da revista *Orpheu*, publicação de apenas dois números – com o primeiro saindo em março de 1915 –, mas com forte impacto na arte portuguesa. O periódico foi idealizado por Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Luís de Montalvor, Almada Negreiros e pelo brasileiro Ronald de Carvalho, entre outros, e buscava agregar os artistas e intelectuais interessados em uma renovação futurista da arte e da cultura portuguesa – e brasileira, conforme se verá.

Orpheu causou escândalo, trazendo conteúdo irreverente e alucinado a fim de irritar o mundo burguês. Agregou-se, em seus dois números, diversas tendências artísticas, sobretudo ecos do simbolismo e do decadentismo revisto sob a ótica do Futurismo e do Cubismo, em alta na Europa. Além da *Orpheu*, diversas outras revistas surgiram e, em torno delas, orbitou o Modernismo português.

Uma dessas publicações foi a revista *Presença*, em torno da qual se consolidou uma vertente do Modernismo luso conhecida por **Presencismo**. Fundada em 1927, a revista pregava ideias intimistas e enfoque subjetivo da realidade, afastando-se dos ideais vanguardistas e ideológicos da geração de *Orpheu*. *Presença* foi fundamental para a consolidação do Modernismo em Portugal, sobretudo por seu êxito de publicação – que contou com 54 números, até ser extinta em 1940.

A partir da década de 1940, ganhou força em Portugal um movimento conhecido como Neorrealismo, que contestava a tendência intimista e psicologizante do Presencismo, propondo uma literatura combativa, de inspiração marxista. O movimento neorrealista conversa com um momento histórico bastante conturbado, de crise econômica na Europa, tensão pela Segunda Guerra Mundial e pelos regimes totalitários que, em Portugal, se identifica com a figura de Salazar, que em 1928 assume o governo do país e dá início a uma ditadura que se estende até 1974. O Neorrealismo português teve forte influência do romance regionalista do

Modernismo Brasileiro da década de 1930, sobretudo das obras de Graciliano Ramos e Jorge Amado.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO



Retrato de Mário de Sá-Carneiro.

Nascido em Lisboa, em 1890, Mário de Sá-Carneiro era uma personalidade complexa por ser muito introvertido e solitário, além de sofrer vários episódios depressivos – que o levaram ao suicídio aos 26 anos, em Paris, onde vivia desde os 21. Seu confidente próximo e regular, Fernando Pessoa reuniu os escritos inéditos do amigo e publicou-os após sua morte, entre eles cartas, poesias, narrativa e teatro.

Destaca-se, de sua obra, grande questionamento existencial, além de uma tendência para o autorretrato impiedoso e uma constante evasão. Foi um dos fundadores da revista *Orpheu* e é associado à geração que a compôs, apesar de sua morte precoce um ano após a publicação do periódico a marcar o Modernismo português.

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesia*. Organização de Fernando Paixão. São Paulo: Iluminuras, 1995.

Fim

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos berros e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que meu caixão vá sobre um burro
Ajazado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
Eu quero por força ir de burro.

SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesia*. Organização de Fernando Paixão. São Paulo: Iluminuras, 1995.

FERNANDO PESSOA



Retrato de Fernando Pessoa estampado em uma cédula portuguesa.

Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em Lisboa em 1888 e falecido na mesma cidade em 1935, é considerado um dos maiores poetas em língua portuguesa de todos os tempos. Liderou o grupo da revista *Orpheu* e nela publicou escritos que escandalizaram a sociedade portuguesa da época. Cultivou tanto a poesia quanto a prosa, além de textos com estrutura dramática, mas muito afastados do teatro tradicional; escreveu também alguns ensaios sobre arte e crítica literária.

Tamanha era sua genialidade, que Fernando Pessoa criou outros escritores, por meio de sua imaginação. Ao todo, são mais de 70 “entidades poéticas”; isto é, escritores com personalidade própria e biografias distintas, além de profissão, ideologia e estilo próprios. São os heterônimos, um grande feito do poeta português do qual se destacam alguns nomes.

Alberto Caeiro

Nascido em Lisboa em 16 de abril de 1889, Alberto Caeiro é considerado por Fernando Pessoa seu mestre e também dos outros heterônimos. Tendo crescido no campo, é defensor da simplicidade e das sensações (dos cinco sentidos do corpo) como fonte de conhecimento, que não deve ter a mediação do pensamento e de abstrações filosóficas. É muito objetivo, e, para ele, o mundo é tudo aquilo que conseguimos perceber pelos cinco sentidos – e só. Morreu tuberculoso em 1915.

II - O Meu Olhar

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...

E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender ...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Ricardo Reis

Ricardo Reis é representante clássico da obra de Pessoa. Nasceu no Porto em 1887, estudou medicina e autoexilou-se no Brasil por ser monarquista e discordar da Proclamação da República Portuguesa. Estudou latim, grego e mitologia, sendo profundo admirador da cultura clássica. Trata-se de um neoclássico e cultiva o intelectualismo e convencionalismo, além de ter estilo elevado e tom grave, buscar a perfeição e o equilíbrio. Aproxima-se de Caeiro na medida em que prefere o campo e a simplicidade das coisas, mas do mestre afasta-se ao se enxergar como fruto de uma civilização decadente.

Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa
Se é para nós que cessa. Aquele arbusto
Fenece, e vai com ele
Parte da minha vida.
Em tudo quanto olhei fiquei em parte.
Com tudo quanto vi, se passa, passo,
Nem distingue a memória
Do que vi do que fui.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Ricardo Reis*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Álvaro de Campos

O mais modernista dos heterônimos de Pessoa é Álvaro de Campos, nascido em Tavira, no sul de Portugal, em 15 de outubro de 1890; engenheiro de formação, não exerce a profissão por ser incapaz de ficar confinado em um escritório. Sua identificação com os ideais futuristas faz dele um homem do *presente*, em cuja obra se identificam valores modernos como a máquina, a velocidade e as multidões, os quais ele alia a um caráter sensacionista, como o de Caeiro, mas, diferente deste, as sensações de Campos advém da vida urbana e industrial.

Ah, onde estou onde passo, ou onde não estou nem passo,

A banalidade devorante das caras de toda a gente!

Ah, a angústia insuportável de gente!

O cansaço inconvertível de ver e ouvir!

(Murmúrio outrora de regatos próprios, de arvoredo meu.)

Quería vomitar o que vi, só da náusea de o ter visto,

Estômago da alma alvorotado de eu ser...

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Fernando Pessoa, ele-mesmo

Dono de certos traços característicos, identificam-se no ortônimo Fernando Pessoa o saudosismo e o nacionalismo, também presentes no homem Fernando Pessoa, mas sem que haja uma certeza de que não se trata de mais um heterônimo. A grande obra do ortônimo é *Mensagem*, iniciada em 1913 e publicada em 1934; trata-se de um conjunto de poemas organizados para compor uma epopeia fragmentada em que se tecem louvores ao passado português, narrando sua trajetória histórica e retomando o mito messiânico sebastianista.

Com o ortônimo se confunde o chamado semi-heterônimo Bernardo Soares, que, por não apresentar uma biografia e por muitos de seus traços se confundirem com os do próprio Fernando Pessoa, não é lido pela crítica especializada da mesma maneira que os demais heterônimos. É assinado por Bernardo Soares um dos principais livros da obra pessoana, o *Livro do desassossego*.

Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem acabei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem;

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo

Como páginas, meu ser.

O que segue não prevendo,

O que passou a esquecer.

Noto à margem do que li

O que julguei que senti.

Releio e digo: "Fui eu?"

Deus sabe, porque o escreveu.

PESSOA, Fernando. *Poesia 1918-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEITURA COMPLEMENTAR

O pensamento estético de Fernando Pessoa

1. A base de toda a arte é a sensação.

2. Para passar de mera emoção sem sentido à emoção artística, ou susceptível de se tornar artística, essa sensação tem de ser intelectualizada. Uma sensação intelectualizada segue dois processos sucessivos: é primeiro a consciência dessa sensação, e esse facto de haver consciência de uma sensação transforma-a já numa sensação de ordem diferente; é, depois, uma consciência dessa consciência, isto é: depois de uma sensação ser concebida como tal — o que dá a emoção artística — essa sensação passa a ser concebida como intelectualizada, o que dá o poder de ela ser expressa. Temos, pois:

(1) A sensação, puramente tal.

(2) A consciência da sensação, que dá a essa sensação um valor, e, portanto, um cunho estético.

(3) A consciência dessa consciência da sensação, de onde resulta uma intelectualização de uma intelectualização, isto é, o poder de expressão.

3. Ora toda a sensação é complexa, isto é, toda a sensação é composta de mais do que o elemento simples de que parece consistir. É composta dos seguintes elementos: a) a sensação do objecto sentido; b) a recordação de objectos análogos e outros que inevitável e espontaneamente se juntam a essa sensação; c) a vaga sensação do estado de alma em que tal sensação se sente; d) a sensação primitiva da personalidade da pessoa que sente. A mais simples das sensações inclui, sem que se sinta, estes elementos todos.

4. Mas, quando a sensação passa a ser intelectualizada, resulta que se decompõe. Porque — o que é uma sensação intelectualizada? Uma de três coisas: a) uma sensação decomposta pela análise instintiva ou dirigida, nos seus elementos componentes; b) uma sensação a que se acrescenta conscientemente qualquer outro elemento que nela, mesmo indistintamente, não existe; c) uma sensação que de propósito se falseia para dela tirar um efeito definido, que nela não existe primitivamente.

São estas as três possibilidades da intelectualização da sensação.

1916?

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966. p. 192.

ROTEIRO DE AULA

MODERNISMO EM PORTUGAL

O movimento modernista em Portugal se desenvolve em consonância com o que acontece na Europa

no início do século XX.

Diversas invenções, como

os automóveis, o cinema e as máquinas voadoras transformam os modos de vida,

ao mesmo tempo em que a Primeira Guerra Mundial

destrói vários lugares e mergulha parte dos países em uma profunda crise econômica.

Em meio à euforia e caos surgem em diferentes lugares da Europa as vanguardas artísticas:

projetos, ideologias e manifestos em torno dos quais artistas e intelectuais organizaram sua produção.

A expressão "vanguarda" significa

aquilo que vem à frente, e assim os movimentos vanguardistas propunham novas formas e concepções de arte - ou até mesmo sua completa transformação.

As vanguardas europeias do início do século XX que ressignificaram a arte europeia - e ocidental por influência - são:

Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo, Futurismo e Surrealismo.

ROTEIRO DE AULA

Enquanto isso, Portugal vivia suas particularidades:

após o assassinato do rei, em 1910, e a forçada Proclamação da República.

A crise de identidade que assola o país reúne artistas e intelectuais em torno de projetos

artístico-ideológicos que, ecoando os abalos vanguardistas,

concretizam-se sobretudo em revistas, mas também em projetos artísticos: é o caso da geração

de *Orpheu*, da geração de *Presença* e do Neorrealismo.

O Modernismo é marcado pelas

Vanguardas Europeias e delas partem parâmetros e ideais a serem seguidos pelos artistas.

Assim sendo, o Futurismo

valorizava a velocidade, a máquina e a violência, traduzida numa linguagem ágil e dinâmica, muitas vezes reproduzindo os sons dos

ambientes urbanos e industriais;

o Expressionismo, por sua vez, propunha a

livre criação artística a partir dos sentimentos dos próprios autores, num movimento em que a obra era uma tradução do que o sujeito

sentia e não uma percepção acerca da realidade, como propunha o Impressionismo;

ROTEIRO DE AULA

o Cubismo propunha

o retrato dos temas a partir de diferentes perspectivas colocadas em simultaneidade, da técnica da colagem e da sobreposição, do trabalho dos conteúdos a partir de formas geométricas, de quadros sobrepostos e, muitas vezes, beirava a falta de lógica, tanto em textos quanto em obras de artes plásticas;

o Dadaísmo pregava a

antiarte: um movimento que não via sentido na arte diante da guerra a menos que ela fosse fortemente combativa e anti-burguesa/elitista; suas proposições indicavam o trabalho com elementos do cotidiano que ganhariam o status de arte e também a realização de manifestações que, sem o filtro lógico, escandalizavam e confundiam o público;

o Surrealismo, movimento mais tardio e um dos mais importantes, ligava a arte

à psicanálise, trabalhando com a realização automática de ações artísticas, como a escrita ou a pintura, sem o filtro do pensamento, além de valorizar também o campo do sonho e das áreas pouco acessadas do cérebro.

Em Portugal, o Modernismo bebe nas vanguardas sem deixar de

dialogar fortemente com o contexto nacional;

por isso, convivem nos autores do Modernismo português

as inovações formais e conteudistas ao lado de um olhar que varia do nacionalismo saudosista à literatura de crítica social.

Os principais autores são Mário de Sá-Carneiro que escreveu

Princípio (1912), *A confissão de Lúcio* (1914) e *Dispersão* (1914).

e Fernando Pessoa, que, além da poesia

ortônima

representada pela obra

Mensagem, publicada em 1934

legou à literatura portuguesa os heterônimos

Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Sistema Dom Bosco – Nos Leia o texto a seguir e responda ao que se pede:

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último modelo!

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

Nos versos de Álvaro de Campos, a máquina é tomada como modelo, uma vez que ela produz a totalidade que faltava ao homem moderno. Essa visão se aproxima de um dos movimentos de vanguarda. De qual movimento se trata? Justifique a relação com o movimento a partir da forma do texto.

Sugestão de resposta – Nos versos de Álvaro de Campos identifica-se o Futurismo, que é percebido em termos formais pela adoção do verso livre e pela elocução – cuja indicação é o emprego de sinais de exclamação no final de cada verso.

2. Sistema Dom Bosco – As rupturas propostas pelas vanguardas artísticas tiveram início em Portugal através de uma publicação. De que publicação se trata e quem eram os principais artistas envolvidos na sua concepção?

Sugestão de resposta – As vanguardas artísticas são iniciadas em Portugal pela publicação da revista *Orpheu*, um marco do Modernismo português do qual participaram, entre outros, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Ronald de Carvalho.

3. ESPM -SP

Centrando-se, assim, no moderno, [...] faziam apologia da velocidade, da máquina, do automóvel (“um automóvel é mais belo que a Vitória de Samotrácia”, dizia Marinetti no seu primeiro manifesto), da agressividade, do esporte, da guerra, do patriotismo, do militarismo, das fábricas, das estações ferroviárias, das multidões, das locomotivas, dos aviões, enfim, de tudo quanto exprimisse o moderno nas suas formas avançadas e imprevisíveis.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 234.

O texto define um dos primeiros “ismos” das vanguardas artísticas europeias que sacudiram o século XX. Trata-se do:

- a) Cubismo
b) Futurismo
c) Surrealismo
d) Dadaísmo
e) Impressionismo

A menção a Marinetti e à ideia de movimento alude diretamente ao Futurismo, além da valorização das máquinas, do ambiente fabril e da modernidade proposta por esse contexto.

Texto para as questões 4 a 6.



WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. v. 2. São Paulo: Best News, 1996.

4. Uerj

Tudo começou quando Calvin participou de um pequeno debate com o seu pai! Logo Calvin podia ver os dois lados da questão! Então o pobre Calvin começou a ver os dois lados de tudo!

No trecho citado, a opção do personagem pelo foco na 3ª pessoa – ainda que para referir-se a si mesmo – tem como principal justificativa:

- a) Seu desejo de ser uma pessoa realista
- b) Seu medo de tornar o discurso subjetivo
- c) Sua vontade de se identificar com a fala paterna
- d) Sua incapacidade de lidar com a situação narrada**

A opção de Calvin pelo discurso indireto é reflexo da sua incapacidade de lidar com o que houve: a sua descoberta de que diferentes pontos de vista podem incidir sobre uma mesma questão.

5. Uerj

Existe uma associação entre a situação em que se insere o personagem principal da história e a estética cubista, que reivindicou a possibilidade de visão de um objeto por vários ângulos simultaneamente.

Na história, essa associação é melhor evidenciada pela seguinte estratégia:

- a) Utilização de balões com formatos distintos
- b) Foco em construções de caráter exclamativo
- c) Emprego de frases com estrutura incompleta
- d) Montagem do cenário em planos geométricos**

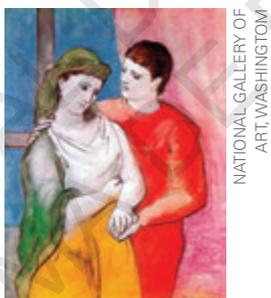
A estética cubista é referenciada na tira através não só do discurso de Calvin, mas principalmente pela composição das imagens através de formas geométricas, estratégia da estética em questão.

6. Enem (adaptado)

C4-H13

O autor da tira utilizou os princípios de composição de um conhecido movimento artístico para representar a necessidade de um mesmo observador aprender a considerar, simultaneamente, diferentes pontos de vista. Das obras reproduzidas, todas de autoria do pintor espanhol Pablo Picasso, aquela em cuja composição foi adotado um procedimento semelhante é:

- a) *Os amantes*



PICASSO, Pablo. *Os amantes*. 1923. Óleo sobre tela, 130,2 × 97,2 cm.

A tira descreve a característica básica do Cubismo – pintar um objeto decomposto, como que visto por vários ângulos ao mesmo tempo, e a pintura de Picasso reproduzida na letra (E) adota tal procedimento.

- b) *Retrato de Françoise*



PICASSO MUSEUM, BARCELONA, ESPANHA

PICASSO, Pablo. *Retrato de Françoise*. 1953. Grafite.

- c) *Os pobres na praia*



NATIONAL GALLERY OF ART, WASHINGTON

PICASSO, Pablo. *Pobres na praia*. 1903. Óleo sobre tela, 105 cm × 69 cm.

- d) *Os dois saltimbancos*



MUSEU POUCHKINE

PICASSO, Pablo. *Os dois saltimbancos*. 1901. Óleo sobre tela, 73 × 60 cm. Museu Pouchkine, Moscou (Rússia).

- e) *Marie-Thérèse apoiada no cotovelo***



COLEÇÃO PARTICULAR

PICASSO, Pablo. *Marie-Thérèse apoiada no cotovelo*. 1939. Óleo sobre tela, Coleção Particular.

Competência de área 4 - Compreender a Arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H12 - Reconhecer diferentes funções da Arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fuvest-SP

A leitura de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, permite a identificação de certas linhas de força que guiam e, até certo ponto, singularizam o espírito do homem português, dando-lhe marca muito especial. Dentre as alternativas, a seguir, em qual se enquadraria melhor essa ideia?

- a) Preocupação com os destinos de Portugal do século vinte.
- b) Preocupação com a história político-social de Portugal.
- c) Recorrência de certas constantes culturais portuguesas, como o messianismo.
- d) Reordenação da história portuguesa desde Dom Sebastião.**

- e) A marca da religião católica na alma portuguesa como força determinante.

8. UFRGS

Leia o texto a seguir.

XL - Passa uma Borboleta

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

A leitura do texto nos permite concluir que Fernando Pessoa fala pela voz de

- a) Ricardo Reis, por remeter a temas e formas da poética clássica.
b) Alberto Caeiro, pelo tratamento simples da natureza com a qual se sente intimamente ligado.
c) Álvaro de Campos, que representa o mundo moderno e a vanguarda futurista.
d) Pessoa, ele-mesmo, por expressar traços mercantes da poesia do século XX.
e) Bernardo Soares, por adotar uma atitude intimista.

Textos para as questões 9 e 10:

Texto I

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, Fernando. *Poesia 1931-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Texto II

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Poesia 1931-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

9. **Sistema Dom Bosco** – Qual a semelhança temática entre os dois poemas?

10. **Sistema Dom Bosco** – Explique por que podemos afirmar que os dois textos são representativos da poética de Fernando Pessoa.

11. **Sistema Dom Bosco** – Leia o poema e responda.

Ode triunfal

[...]
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!
[...]

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

Explique com elementos do texto por que podemos atribuí-lo a Álvaro de Campos e filiá-lo ao Futurismo.

12. **Uespi**

Mário de Sá-Carneiro, ao lado de Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Tomás de Almeida, entre outros, fundaram em 1915, em Portugal, a revista *Orpheu*. Além de ser uma revista de princípios estetizantes e esotéricos, qual outro traço programático se pode reconhecer nela?

- a) Os colaboradores da revista *Orpheu* perseguiram uma poesia realista e de cunho social.
b) A busca por uma poesia científica terminou por caracterizar toda a produção poética da geração *Orpheu*.
c) Há visivelmente nessa geração influências do humanismo e do racionalismo renascentista.
d) A poesia veiculada pela revista *Orpheu* é alucinada, chocante e irreverente.
e) A geração *Orpheu* exalta o progresso de Portugal e defende apaixonadamente o seu regime monárquico.

13. **Unicamp-SP**

Leia o poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa.

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
 Quantos filhos em vão rezaram!
 Quantas noivas ficaram por casar
 Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
 Se a alma não é pequena.
 Quem quer passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
 Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

No poema, a apóstrofe, uma figura de linguagem, indica que o enunciador

- convoca o mar a refletir sobre a história das navegações portuguesas.
- apresenta o mar como responsável pelo sofrimento do povo português.
- revela ao mar sua crítica às ações portuguesas no período das navegações.
- projeta no mar sua tristeza com as consequências das conquistas de Portugal.

14. Ufam

Leia as afirmativas a seguir, referentes ao Modernismo em Portugal ou ao período histórico-literário em que ele aconteceu:

- A revista *Orpheu*, lançada em 1915, era porta-voz de jovens poetas identificados com as vanguardas europeias, como Fernando Pessoa e Sá-Carneiro.
- O assassinato do rei D. Carlos, em 1908, por um homem do povo, generaliza a desordem e a sanguinolência, o que propiciou a Proclamação da República.
- Fernando Pessoa, o principal poeta do Modernismo em Portugal, criou heterônimos ou outros “eus”: Alberto Caeiro, Almada Negreiros, Ricardo Reis.
- Antes dos poetas de *Orpheu*, merece destaque o nome de Teixeira de Pascoaes, figura central do Saudosismo, que dirigiu a revista *A águia*.

Assinale a alternativa correta:

- Somente as afirmativas, I, II e III estão corretas.
- Somente as afirmativas I, II e IV estão corretas.
- Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- Todas as afirmativas estão corretas.

Texto para as questões 15 e 16:

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
 Age como um deus doente, mas como um deus.
 Porque embora afirme que existe o que não existe
 Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,
 Sabe que existir existe e não se explica,
 Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
 Sabe que ser é estar em um ponto
 Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

15. Unifesp

O teólogo Leonardo Boff, em entrevista à revista *Filosofia*, diz:

Eu me lembro agora, sábado, de um menino de oito anos, que veio e me disse: “Vô, por que as coisas existem?”. A filosofia começa com isso. Respondi que elas existem porque existem. E aí até citei um poeta, Angelus Silesius: “A flor floresce por florescer / Não pergunta se a olham / E sorri pro universo. A rosa é sem porquê”. E ele disse: “E eu? O que eu faço aqui neste mundo?”. Oito anos de idade e já colocou as questões da metafísica fundamentais.

BOFF, Leonardo. *Filosofia – Ciência & Vida*, Ano 1, n. 05. São Paulo: Escala, 2006.

No poema de Caeiro, o ponto de vista de Silesius, com o qual concorda Boff, é

- confirmado, pois o eu lírico entende que a existência está ligada a um deus.
- negado, pois o eu lírico entende que se deve evitar o questionamento da metafísica.
- negado, pois o eu lírico entende que a existência é uma grande falta de razão.
- confirmado, pois o eu lírico entende que o existir por si só já basta.
- negado, pois o eu lírico entende que não se apreende a realidade senão por intermédio de um deus.

16. Unifesp

Nos versos do poema “A criança que pensa em fadas”, fica evidente o perfil do heterônimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, pois ele

- entende que o homem está atrelado a uma visão subjetiva da existência.
- volta-se para o mundo sensível que o rodeia como forma de conceber a existência.
- concebe a existência como apreensão dos elementos místicos e indefinidos.
- não acredita que a existência possa ser definida em termos de objetividade.
- busca na metafísica a base de uma concepção da existência subjetiva.

17. Sistema Dom Bosco

Ode triunfal

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
 Tenho febre e escrevo.
 Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
 Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.
 [...] Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
 Ser completo como uma máquina!
 Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
 Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
 Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
 A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
 Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Álvaro de Campos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

O Futurismo foi o movimento artístico identificado com as novidades da técnica e do progresso. Reagindo contra a tradição, seus seguidores exaltavam a velocidade e a mecanização. Quais versos do poema citado podem ser associados à estética Futurista?

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C4-H14



ACERVO MAE/USP

Máscara senufo, Mati. Madeira e fibra vegetal. Acervo do MAE/USP.

As formas plásticas nas produções africanas conduziram artistas modernos do início do século XX, como Pablo Picasso, a algumas proposições artísticas denominadas vanguardas. A máscara remete à:

- a) preservação da proporção.
- b) idealização do movimento.
- c) estruturação assimétrica.
- d) sintetização das formas.
- e) valorização estética.

19. Enem

C4-H13



Jornal Zero Hora, 2 mar. 2006.

Na criação do texto, o chargista lotti usa criativamente um intertexto: os traços reconstróem uma cena de Guernica, painel de Pablo Picasso que retrata os horrores e a destruição provocados pelo bombardeio a uma pequena cidade da Espanha. Na charge, publicada no período de carnaval, recebe destaque a figura do carro, elemento introduzido por lotti no intertexto. Além dessa figura, a linguagem verbal contribui para estabelecer um diálogo entre a obra de Picasso e a charge, ao explorar:

- a) uma referência ao contexto, "trânsito no feriadão", esclarecendo-se o referente tanto do texto de lotti quanto da obra de Picasso.

- b) uma referência ao tempo presente, com o emprego da forma verbal "é", evidenciando-se a atualidade do tema abordado tanto pelo pintor espanhol quanto pelo chargista brasileiro.
- c) um termo pejorativo, "trânsito", reforçando-se a imagem negativa de mundo caótico presente tanto em Guernica quanto na charge.
- d) uma referência temporal, "sempre", referindo-se à permanência de tragédias retratadas tanto em Guernica quanto na charge.
- e) uma expressão polissêmica, "quadro dramático", remetendo-se tanto à obra pictórica quanto ao contexto do trânsito brasileiro.

20. Enem

C5-H16

Isto

Dizem que finjo ou minto

Tudo que escrevo. Não.

Eu simplesmente sinto

Com a imaginação.

Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,

O que me falha ou finda,

É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.

Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio

Do que não está ao pé,

Livre do meu enleio,

Sério do que não é.

Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, Fernando. *Poesia 1931-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Fernando Pessoa é um dos poetas mais extraordinários do século XX. Sua obsessão pelo fazer poético não encontrou limites. Pessoa viveu mais no plano criativo do que no plano concreto, e criar foi a grande finalidade de sua vida. Poeta da "Geração de Orfeu", assumiu uma atitude irreverente. Com base no texto e na temática do poema "Isto", conclui-se que o autor:

- a) revela seu conflito emotivo em relação ao processo de escritura do texto.
- b) considera fundamental para a poesia a influência dos fatos sociais.
- c) associa o modo de composição do poema ao estado de alma do poeta.
- d) apresenta a concepção do romantismo quanto à expressão da voz do poeta.
- e) separa os sentimentos do poeta da voz que fala no texto, ou seja, do eu lírico.

PRIMEIRO MODERNISMO NO BRASIL

21

Primeira geração modernista no Brasil



ACERVO DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS - USP

Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna produzido por Di Cavalcanti.

O marco inicial do Modernismo no Brasil é a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922. No entanto, manifestações artísticas inspiradas por ideais modernistas já ocorriam desde 1910 no país, como a criação, em 1911, da revista de artes *O Pirralho*, dirigida por Oswald de Andrade e Emílio de Menezes; a exposição do pintor Lasar Segall, em 1913; a participação de Ronald de Carvalho na fundação da revista *Orpheu*, em Portugal; as publicações de *Há uma gota de sangue em cada poema*, de Mário de Andrade, e *A cinza das horas*, de Manuel Bandeira, em 1917, mesmo ano da mais importante dessas manifestações: a exposição da pintora Anita Malfatti. Houve, por parte de Monteiro Lobato, uma reação à exposição de Malfatti no formato de uma violenta crítica, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, sob o título "Paranoia ou mistificação?". O trecho a seguir encerra o texto de Lobato:

- Semana de Arte Moderna
- Características do primeiro Modernismo no Brasil
- Mário de Andrade
- Oswald de Andrade
- Manuel Bandeira

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Paranoia ou mistificação?

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos rimos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres.

Quem trilha por esta senda, se tem gênio, é Praxíteles na Grécia, é Rafael na Itália, é Rembrandt na Holanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Leubach na Alemanha, é Iorn na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Espanha. Se tem apenas talento vai engrossar a plêiade de satélites que gravitam em torno daqueles sóis imorredouros.

A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos de cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.

[...]

Não fosse profunda a simpatia que nos inspira o belo talento da senhora Malfatti, e não viríamos aqui com esta série de considerações desagradáveis. Há de ter essa artista ouvido numerosos elogios à sua nova atitude estética. Há de irritar-lhe os ouvidos, como descortês impertinência, esta voz sincera que vem quebrar a harmonia de um coro de lisonjas.

Entretanto, se refletir um bocado, verá que a lisonja mata e a sinceridade salva.

O verdadeiro amigo de um artista não é aquele que o entontece de louvores, e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam dele por detrás.

Os homens têm o vizo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes derem sempre amabilidades quando elas pedem opinião.

Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira água se não transviaram arrastados por maus caminhos pelo elogio incondicional e mentiroso? E tivéssemos na Sra. Malfatti apenas uma “moça que pinta”, como há centenas por aí, sem denunciar centelhas de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia dúzia desses adjetivos “bombons” que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças.

Julgamo-la, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sinceríssima, e valiosa pelo fato de ser o reflexo da opinião do público sensato, dos críticos, dos amadores, dos artistas seus colegas e... dos seus apologistas.

Dos seus apologistas sim, porque também eles pensam deste modo... por trás.

LOBATO, Monteiro. Paranoia ou mistificação? In: _____. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Globo, 2008.

Com a crítica que recebera, não só de Lobato, mas de outros intelectuais, além de pressões familiares e insegurança financeira, Anita Malfatti foi deixando de lado o caráter vanguardista de sua obra, preferindo adequar-se a características impressionistas e realistas. No entanto, a semente plantada ao longo da década de 1910 gerou frutos e, sem dúvida, Malfatti assumiu a vanguarda do Modernismo no Brasil, sendo responsável por renovar as artes plásticas no país.

A SEMANA DE ARTE MODERNA

Não se tem ao certo a autoria da ideia de realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo. No entanto, Oswald de Andrade, inspirado pelas vanguardas artísticas com que tivera contato na Europa, planejava uma ação artística que valorizasse o ano do centenário da independência do Brasil. Assim, em 1921, o grupo que idealizou a Semana já estava organizado e amadurecido para o evento, além de, no mesmo ano, receber um impulso final representado pelo retorno ao Brasil do já consagrado escritor Graça Aranha, membro da Academia Brasileira de Letras que, estando na Europa, entusiasmava-se com as vanguardas e apoia o grupo paulista.

Dessa maneira, entre 13 e 18 de fevereiro de 1922 realizou-se no Teatro Municipal de São Paulo a Semana de Arte Moderna, com exposições de artes plásticas abertas ao público durante todo esse período no saguão e, em três noites específicas, 13, 15 e 17, com saraus em que foram apresentadas conferências, leitura de poemas, dança e música. A abertura, na primeira noite, ficou por conta de Graça Aranha, que proferiu a conferência “A emoção estética na arte moderna” – em linguagem acadêmica, apoiava o movimento modernista. A segunda noite foi a mais conturbada de todas, e nela, após uma conferência de Menotti del Picchia, procedeu-se à leitura de poemas recebidos de forma muito agitada pela plateia, que oscilava entre aplausos, vaias e algazarras diversas.

Vista isoladamente, a Semana de Arte Moderna teve pouca repercussão na mídia da época e, enquanto acontecimento cultural, ficou bastante restrita a São Paulo; entretanto, sua proposta de rompimento com a tradição artística nacional encontrou eco em todo o país, de modo que se reuniram grupos artísticos em diversos estados/cidades, foram fundadas revistas literárias e artísticas e, ao longo da década de 1920, os desdobramentos ajudaram a renovar a arte brasileira, com influência sobre a década de 1930 e sobre as artes que ainda hoje se produzem no país.

AUTORES DO PRIMEIRO MODERNISMO

Conhecida como “fase heroica”, historicamente entende-se o período que se estende da Semana de Arte Moderna até o final da década de 1920 como a primeira geração modernista: os escritores do período trabalharam em busca da concretização dos ideais modernistas e procuraram uma renovação artística brasileira fundada na nacionalidade e na revisão da história e da cultura do país. Fruto do período, além da

implantação definitiva da estética modernista, a autonomização da literatura brasileira atinge a produção literária até nossos dias.

Em termos estéticos, a primeira geração modernista se caracteriza pela valorização do folclore brasileiro e da vida cotidiana. Para tal, a produção se apropria da linguagem coloquial e se afasta da literatura tradicional, que valorizava o padrão culto. Destaca-se do período a liberdade de criação, que não impunha regras nem tratamento unificado dos temas. Em suas obras, os modernistas expressam o nacionalismo, por meio da etnografia e do folclore, além de exaltar a civilização industrial, ressaltando: máquina, metrópole mecanizada, cinema e tudo o que está marcado pela velocidade, aspecto preponderante no modo de vida da nova sociedade e cuja realização artística está marcada pelas vanguardas. Evidencia-se, portanto, na poesia do período:

- ritmo, vocabulário e temas comuns à prosa;
- verso livre, isto é, sem metrificacão;
- registro do cotidiano;
- linguagem coloquial;
- humor, manifesto geralmente pelo uso de ironias.

Alguns movimentos fizeram parte da fase heroica:

- **Manifesto da Poesia Pau-Brasil** (1924). Lançado por Oswald de Andrade, recuperava o primeiro produto de exportação brasileiro, o pau-brasil, para propor uma poesia de exportação que se revoltasse contra a dominação cultural europeia e o academicismo da poesia, além de sugerir a revisão histórica e cultural do passado brasileiro.
- **Verde-amarelismo e Anta** (1924 e 1927). Funcionaram como uma reação ao tipo de nacionalismo defendido por Oswald. Constituído por Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, o movimento Verde-amarelo tinha tom ufanista e inclinação fascista. Em 1927 o grupo transformou-se em *Escola da Anta*.
- **Antropofagia** (1928). Foi uma resposta sarcástica de Oswald ao grupo da Anta e se consolidou como movimento mais radical do modernismo. Inspirado pela obra *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, os antropófagos se opunham à xenofobia da Anta e propunham não uma aceitação passiva, mas uma devoração assimiladora das qualidades da cultura estrangeira, aproveitando, desta, suas inovações artísticas, sem que houvesse prejuízo da identidade cultural brasileira.

Dessa primeira fase de nosso modernismo, participam vários escritores, como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Alcântara Machado, Menotti del Pichia, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho e Raul Bopp. Porém, por seu envolvimento na Semana e pelo destaque de sua produção, os principais a serem abordados a seguir serão os Andrade – Mário e Oswald – e Manuel Bandeira.

Oswald de Andrade



Oswald de Andrade.

José Oswald de Sousa Andrade (São Paulo, 1890-1954) era filho de uma família abastada. Em 1912, viajou pela Europa, onde teve contato com as ideias vanguardistas. Teve participação ativa na Semana de Arte Moderna, de 1922, sendo um de seus idealizadores. É autor do **Manifesto Pau-Brasil** (1924) e do **Manifesto Antropófago** (1928). Além disso, foi casado com Tarsila do Amaral e, posteriormente, com Patrícia Galvão.

Trata-se de um intelectual engajado na luta contra a importação de modelos estéticos para a arte brasileira. Sua personalidade polêmica refletiu-se em sua produção de caráter iconoclasta com paródias, linguagem coloquial, humor – produção essa que, como o próprio autor recomendava, deveria ser encarada com olhos livres. Em 1924, publicou *Memórias sentimentais de João Miramar*, romance que inaugura o que fica conhecido como “estética do fragmentário”, dado o caráter de montagem em blocos do romance cujo fio condutor é o personagem João Miramar, aproximando-se de estéticas vanguardistas como o Cubismo; é tido como o primeiro grande romance modernista brasileiro.

Ao lado de *Memórias sentimentais* está, entre as grandes produções do autor, a poesia pau-brasil, que traz um instinto de nacionalidade inovador para a produção literária brasileira e, posteriormente, a antropofagia, estética que se vale do estrangeiro para, junto à cultura nacional, compor uma autêntica arte brasileira. Note no trecho a seguir, extraído da história de João Miramar, a maneira ousada com que o autor combina as expressões adjetivas com seus substantivos respectivos e, assim, compõe frases que, pela força da expressão, associam-se à linguagem cinematográfica:

8. Fraque do Ateu

Saí de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.

Matricularam-me na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.

Professora magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame espetado no grande professor Seu Carvalho.

No silêncio tic tac da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.

Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.

ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 2004.

A seguir, há um exemplo do caráter iconoclasta de Oswald. O poeta retoma a tradicional “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, para compor sua homenagem às novas atribuições do país no início do século XX.

Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares
onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

LEITURA COMPLEMENTAR

A América Latina [...] não ficaria imune ao debate instaurado pelas vanguardas europeias, compartilhando de seu desprezo pelo antigo e de sua intenção de criar uma arte em sintonia com o próprio tempo. Jorge Schwartz [...] ressalta que, “analogamente ao que sucedeu na Europa na década de 10, a década de 20 dará lugar na América Latina a uma epidemia de manifestos, revistas e polêmicas locais produzidos pela importação direta ou indireta de modelos gerados pelos sucessivos movimentos de vanguarda europeus” (SCHWARTZ, Jorge. *Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20*: Oliverio Girondo e Oswald de Andrade. São Paulo: Perspectiva, 1983. p. 45.)

Na opinião de Schwartz, é possível estabelecer pontos comuns entre os movimentos de vanguarda, que se sucederam nesse período [no Brasil e na Argentina]

[...]. A seu ver, “produz-se na linguagem [dessas] novas poéticas um verdadeiro processo de carnavalização, com a subversão dos gêneros, com formas coloquiais da linguagem em convivência com o poético-tradicional, ao mesmo tempo em que se introduz a manifestação do cotidiano na arte” (Idem, *ibidem*, p. 53.). Todavia, ressalta o historiador, o caso brasileiro é particular, pois houve, aqui, uma marcada preocupação em “alcançar uma expressão nacional”.

Nesse contexto preciso, a figura de Oswald de Andrade merece ser realçada, pois desde muito cedo ele soube fazer “de seu conceito de antropofagia uma reflexão sobre o caráter original da cultura brasileira” (Idem). Jorge Schwartz é enfático ao afirmar que “a fórmula oswaldiana da antropofagia, que visa à assimilação do estrangeiro para a exportação do nacional, se configura como a ideia mais original da década nas vanguardas da América Latina” (Idem, *ibidem*, p. 88.).

COUTO, Maria de Fátima Morethy. A arte de vanguarda no Brasil e seus manifestos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 53, p. 89-106, 1 set. 2011.

Mário de Andrade



Mário de Andrade.

Mário Raul de Moraes Andrade (São Paulo, 1893-1945) foi um grande apaixonado pela cultura brasileira. Além de São Paulo, cidade onde passou a maior parte da vida e pela qual mantinha grande amor, dedicou-se a estudar profundamente o Brasil, que retratou a partir de observações que realizou em grandes viagens que fez por diferentes regiões do país. Fruto de uma grande personalidade artística, fundamental para a realização da Semana de Arte Moderna e para a consolidação do movimento modernista, sua obra é um grande legado para o Brasil. Na cidade de São Paulo, ainda, seu legado se estende à atuação política no Departamento de Cultura da Municipalidade Paulistana, – por ele criado nos anos 1930 –, posterior Secretaria Municipal de Cultura, responsável pela conservação e pela divulgação do patrimônio cultural e artístico de São Paulo e do Brasil.

Sua estreia literária veio com *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917, mas o sucesso acon-

teceu com *Pauliceia desvairada*, de 1922; atualmente considerada uma obra poética menor, foi responsável pela quebra de padrões literários vigentes, sobretudo parnasianos, e propôs uma nova linguagem literária, baseada no verso livre, na ruptura sintática, nos *flashes* muito próximos à linguagem cinematográfica, além de nos neologismos. O poema a seguir mostra a associação livre de ideias e os versos desconexos que ajudam a construir a imagem de “desvaria” e “polifonia” que o poeta associa a São Paulo:

São Paulo! Comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequina!... Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!...

São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Em 1926, Mário publica *Losango cáqui*, obra com poemas de orientação “desvairista”. Já em *Clã do jabuti* (1927) e *Remate de males* (1930), o autor reúne poemas escritos entre 1923 e 1930 que representam uma espécie de resultado de suas viagens empreendidas pelo Brasil; são obras que remetem a manifestações culturais, lendas, costumes e modos de falar regionais, além de ritmos e danças populares como o samba, a modinha e a toada. Nessa mesma linha, publica *Macunaíma* (1928), considerada sua obra-prima e a plena realização do nacionalismo proposto pela primeira geração modernista.

Baseado na obra do etnógrafo alemão Koch-Grünberg, Mário fez modificações a seu gosto, a partir da experiência de viagens pelo Brasil, e compôs o que chamou de rapsódia – atribuição que vem da música e representa uma composição que se vale de motivos populares –, e que também é lido como um romance: a história de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, sendo herói justamente por suas “desqualidades” de preguiçoso, mentiroso, malandro etc. Segundo Mário, o herói da obra é um retrato do brasileiro e do habitante da América Latina, não porque lhes falte caráter no sentido moral, mas porque não há para eles uma civilização própria ou uma consciência da tradição. Do ponto de vista da linguagem, a obra é composta a partir de uma miscelânea que reúne vocábulos africanos, indígenas, frases feitas, provérbios e gírias, em um estilo narrativo dinâmico de clara inspiração antropófaga.

— Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Bahia. Mas porém você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhãs por aí.

Macunaíma agradeceu e prometeu que sim jurando pela memória da mãe dele. Então Vei saiu com as três filhas pra fazer o dia no cerradão, ordenando mais uma vez que Macunaíma não saísse

da jangada pra não andar brincando com as outras cunhãs por aí. Macunaíma tornou a prometer, jurando outra vez pela mãe.

Nem bem Vei com as três filhas entraram no cerradão que Macunaíma ficou cheio de vontade de ir brincar com uma cunhã. Acendeu um cigarro e a vontade foi subindo. Lá por debaixo das árvores passavam muitas cunhãs cunhé cunhé se mexemendo com talento e formosura.

— Pois que fogo devore tudo! Macunaíma exclamou. Não sou frouxo agora pra mulher me fazer mal!

E uma luz vasta brilhou no cérebro dele. Se ergueu na jangada e com os braços oscilando por cima da pátria decretou solene:

— POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO!

Pulou da jangada no sufragante, foi fazer continência diante da imagem de Santo Antônio que era capitão de regimento e depois deu em cima de todas as cunhãs por aí. Logo topou com uma que fora varina lá na terrinha do compadre chegadinho-chegadinho e inda cheirava no-mais! um fartum bem de peixe. Macunaíma piscou pra ela e os dois vieram na jangada brincar. Fizeram. Bastante eles brincaram. Agora estão se rindo um pro outro.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter.
Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Além das obras citadas, há o romance *Amar, verbo intransitivo* (1927). A partir de 1930, o autor segue um caminho que toda a literatura brasileira pareceu seguir desde então: as conquistas modernistas estavam consolidadas e, por conta da Revolução de 1930, a produção literária assume um caráter de reflexão, análise e denúncia acerca dos problemas sociais do país; Mário segue ainda, em algumas de suas produções, uma linha introspectiva. Desse período são as obras poéticas *Poesia* (1942) e *O carro da miséria e Lira paulistana* (1946). Mário também cultivou contos e crônicas, além de produção crítica/ensaística.

Manuel Bandeira



Manuel Bandeira.

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira (Recife, 1886 – Rio de Janeiro, 1968) estudou arquitetura, mas não concluiu seus estudos na Escola Politécnica de São Paulo por conta da tuberculose, que contraiu cedo e o acompanhou durante toda a vida. Sua participação na Semana de Arte Moderna foi indireta: o poeta Ronald de Carvalho leu seu poema “Os sapos” sob vaias da plateia agitada do Teatro Municipal de São Paulo. Em 1940, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e, a partir de 1943, lecionou literatura hispano-americana na Faculdade Nacional de Filosofia. Trabalhou em diversas traduções, escreveu para jornais e rádios e produziu muito ao longo da vida. Aos 80 anos, em 1966, publicou *Estrela da vida inteira*.

Com Mário e Oswald, Bandeira compõe a tríade heroica da primeira geração modernista. É considerado o grande mestre do verso livre no Brasil, e sua obra, marcada pelo tom autobiográfico – e, como tal, pela permanência da doença –, apresenta temas como paixão pela vida, morte, amor, erotismo, solidão, angústia existencial, infância e cotidiano.

Em 1917 publica *A cinza das horas e*, em 1919, *Carnaval*, livros de influência pós-simbolista. Já em 1924, publica *O ritmo dissoluto*, espécie de obra de transição para o modernismo; a maturidade modernista vem com *Libertinagem*, em 1930.

Sua capacidade de trabalhar liricamente o cotidiano expandiu o horizonte poético brasileiro, pois se valeu de temas considerados “baixos” para criar uma poesia de tom elevado, aliando o que o crítico Davi Arrigucci Jr. chama de “o humilde e o sublime”. No entanto, a grandeza da obra de Bandeira não se restringe ao seu caráter puramente modernista, mas conta também com a capacidade do poeta de agregar a herança literária em língua portuguesa – sobretudo com influência de Camões e dos autores do Romantismo – à realidade que viveu.

São comuns em suas obras, por exemplo, o lirismo de inspiração camoniana e uma espécie de escapismo romântico, que se volta para a infância e para o paraíso sonhado que ele denomina de Pasárgada. Esse desejo de escapar da realidade e seu lirismo, contudo, não se aproximam de nenhum sentimentalismo clichê; pelo contrário, estão amparados em experiências vividas e concretas, não idealizadas que contrastam com o presente. Suas principais obras, além das já citadas, incluem os volumes de poesia *Estrela da manhã* (1936), *Lira dos cinqüent’anos* (1940), *Belo, belo* (1948), *Estrela da tarde* (1960) e a prosa de *Itinerário de Pasárgada* (1954).

EXERCÍCIO RESOLVIDO

Enem

Camelôs

Abençoado seja o camelô dos brinquedos de tostão:

O que vende balõeszinhos de cor

O macaquinho que trepa no coqueiro

O cachorrinho que bate com o rabo

Os homenzinhos que jogam boxe

A perereca verde que de repente dá um pulo

[que engraçado

E as canetinhas-tinteiro que jamais escreverão

[coisa alguma.

Alegria das calçadas

Uns falam pelos cotovelos:

—“O cavalheiro chega em casa e diz:

[Meu filho, vai buscar um pedaço de banana

[para eu acender o charuto. Naturalmente

[o menino pensará: Papai está malu ...”

Outros, coitados, têm a língua atada.

Todos porém sabem mexer nos cordéis

[como o tino ingênuo de demiurgos de inutilidades.

E ensinam no tumulto das ruas

[os mitos heroicos da meninice...

E dão aos homens que passam preocupados

[ou tristes uma lição de infância.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

C4-H15

Uma das diretrizes do Modernismo foi a percepção de elementos do cotidiano como matéria de inspiração poética. O poema de Manuel Bandeira exemplifica essa tendência e alcança expressividade porque

- realiza um inventário dos elementos lúdicos tradicionais da criança brasileira.
- promove uma reflexão sobre a realidade de pobreza dos centros urbanos.
- traduz em linguagem lírica o mosaico de elementos de significação corriqueira.
- introduz a interlocução como mecanismo de construção de uma poética nova.
- constata a condição melancólica dos homens distantes da simplicidade infantil.

Resolução

Uma das principais características da poética de Manuel Bandeira, que dialoga muito bem com a linguagem modernista, é o emprego de temas cotidianos em suas poesias, como ocorre no poema em questão, que registra, além da linguagem coloquial empregada nessas situações, uma cena com um elemento, ao que tudo indica, já comum nas grandes cidades brasileiras no início do século XX: os vendedores ambulantes. E ainda que pudesse à época dos primeiros modernistas não ser considerado um tema “poético”, “lírico”, Bandeira alcança essa expressividade ao retratar a beleza da troca de saberes entre vendedores e transeuntes.

Portanto, a alternativa cujo texto completa mais adequadamente o enunciado é a C.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

ROTEIRO DE AULA

PRIMEIRO MODERNISMO NO BRASIL

O primeiro Modernismo brasileiro foi um movimento artístico inspirado

pelas vanguardas artísticas europeias, e sobretudo pelo protagonismo paulista, motivado pelo progresso da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, com o desenvolvimento de uma civilização industrial e com grande influência imigrante que ajudam a formar a cidade arlequina, como caracteriza Mário de Andrade.

O Modernismo brasileiro, em sua primeira manifestação, identifica-se pelo caráter iconoclasta da produção. Conhecido como

"fase heroica", o movimento busca uma renovação da arte nacional, com a intenção de criar uma identidade verdadeiramente brasileira.

Parte do projeto modernista se vale de uma revisão crítica

do passado nacional e da redescoberta da cultura, através da valorização do folclore nacional, da linguagem coloquial e dos temas do cotidiano.

Afastaram-se, assim, dos padrões

parnasianos, dominantes à época, o que causou estranheza e crítica às suas práticas artísticas, como o texto "Paranoia ou mistificação", de Lobato, inspirado pela exposição de Anita Malfatti realizada em 1917, ou, ainda, como a reação do público paulista à realização da Semana de Arte Moderna, marco do período, em fevereiro de 1922.

ROTEIRO DE AULA

Ao longo da década de 1920, os modernistas intensificam e difundem suas propostas através de

manifestos, revistas, viagens e publicações que ajudam a consolidar, até o fim da década, as propostas do movimento.

Entre os principais autores e obras estão:

Oswald de Andrade

Memórias sentimentais de João Miramar (1924), *Pau-Brasil* (1925) e *O rei da vela* (1937), além do Manifesto Pau-Brasil (1924) e Manifesto Antropófago (1928).

Mário de Andrade

Há uma gota de sangue em cada poema (1917), *Pauliceia desvairada* (1922), *Losango cáqui* (1926), *Clã do jabuti* (1927), *Remate de males* (1930), *Amar, verbo intransitivo* (1927), *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) e *Lira paulistana* (1946).

Manuel Bandeira

A cinza das horas (1917), *Carnaval* (1919), *O ritmo dissoluto* (1924), *Libertinagem* (1930), *Estrela da manhã* (1936), *Lira dos cinquent'anos* (1940), *Belo, belo* (1948), *Estrela da tarde* (1960), *Estrela da vida inteira* (1966) e a prosa de *Itinerário de Pasárgada* (1954).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FGV-SP – Ao retornar da Europa, em 1912, entusiasmado com as ideias do _____, em especial naquilo que se refere à Arte e à Literatura, _____ passa a preconizar que ambas devem adequar-se à era da velocidade das locomotivas, dos aeroplanos, dos automóveis, à era das máquinas, enfim, ao desenvolvimento tecnológico e que, para isso, era necessário romper com o passado, com a tradição. Mais tarde, entra em contato com outras propostas vanguardistas europeias, de que surgiram outros movimentos por ele liderados, como o Movimento _____.

Preenche corretamente as lacunas a alternativa:

- a) Dadaísmo – Plínio Salgado – Verde-amarelo.
- b) Concretismo – Manuel Bandeira – Regionalista.
- c) Futurismo – Oswald de Andrade – Antropofágico.**
- d) Cubismo – Ronald de Carvalho – Construtivista.
- e) Surrealismo – Mário de Andrade – Nativista.

Pela caracterização da vanguarda, deduz-se que seja o Futurismo; assim como a informação do início do texto que cita a viagem de Oswald à Europa em 1912.

2. Enem

C5-H17

O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...

As primaveras do sarcasmo

intermitentemente no meu coração arlequinal...

Intermitentemente...

Outras vezes é um doente, um frio

na minha alma doente como um longo som redondo...

Cantabona! Cantabona!

Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, Mário de. In: MANFIO, Dileia Zanotto. (Org.) *Poesias completas de Mário de Andrade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade. Em O trovador, esse aspecto é

- a) abordado subliminarmente, por meio de expressões como "coração arlequinal" que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.
- b) verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.
- c) lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como "Sentimentos em mim do asperamente" (v. 1), "frio" (v. 6), "alma doente" (v. 7), como pelo som triste do alaúde "Dlorom" (v. 9).
- d) problematizado na oposição tupi (selvagem) x alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.**
- e) exaltado pelo eu lírico, que evoca os "sentimentos dos homens das primeiras eras" para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

A alternativa contempla um dos impasses do primeiro Modernismo brasileiro que reconhece a multiplicidade de matrizes na composição da sociedade brasileira. A oposição exposta sintetiza a aparente contradição entre o autóctone e o estrangeiro, o selvagem e o erudito.

Leia o poema de Oswald de Andrade e responda às questões 3 e 4.

Senhor feudal

Se Pedro Segundo

Vier aqui

Com história

Eu boto ele na cadeia.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

3. Unifesp – Considere as seguintes características do Modernismo brasileiro:

- I. Busca de uma língua brasileira;
- II. Versos livres;
- III. Ironia e humor.

Nos versos de Oswald de Andrade,

- a) Apenas I está presente.
- b) Apenas III está presente.
- c) Apenas I e II estão presentes.
- d) Apenas I e III estão presentes.
- e) I, II e III estão presentes.**

A característica I pode ser percebida, por exemplo, no uso do coloquialismo no verbo "botar" e no pronome reto em posição de objeto em "boto ele"; os versos livres são marca desse pequeno poema em que não há métrica específica; já a ironia e o humor estão presentes tanto no trocadilho em "vier aqui com história" quanto na maneira de se referir ao monarca.

4. Unifesp – Considerando os pressupostos do Modernismo e da poética oswaldiana, é correto afirmar que a alusão a D. Pedro II, figura da Corte portuguesa, sugere

- a) A reafirmação da base literária brasileira, decalque dos valores europeus.
- b) A negação do valor da literatura portuguesa e apresenta a brasileira como insuperável.
- c) A sátira ao referencial artístico português e, por extensão, crítica à importação de valores literários europeus.**
- d) confronto entre a arte literária brasileira e a portuguesa, elucidando a inevitável influência desta para a formação daquela.
- e) A pouca influência recebida da arte literária portuguesa, o que confere autenticidade à literatura brasileira.

A referência ao monarca luso-brasileiro no contexto da poesia oswaldiana se adequa à alternativa (C), uma vez que não há a negação da influência estrangeira – por isso a referência –, mas há uma revisão crítica, característica da poética de Oswald de Andrade.

5. Furg-RS – Leia o texto seguinte, de autoria de Manuel Bandeira, e assinale a afirmativa correta.

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
 — Respire.
 — O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
 — Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
 — Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.
 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- a)** O poema tem como marcas o coloquialismo e a ironia, elementos característicos da produção poética de Manuel Bandeira.
b) O poema apresenta uma métrica e um ritmo regulares que revelam a influência que Manuel Bandeira sofreu do Parnasianismo.
c) O texto de Manuel Bandeira apresenta uma linguagem rara, característica de sua poesia.
d) O poema reveste-se de um caráter musical, revelando a vinculação que a poesia de Manuel Bandeira mantém com o Simbolismo.
e) O poema apresenta versos de estrutura sintática complexa, denunciando a influência que o poeta sofreu da experiência concretista.

O clássico poema de Manuel Bandeira não se preocupa com o vocabulário requintado e elevado, como pregava o Parnasianismo. A referência à doença e aos males dela decorrentes colaboram com o coloquialismo e ajudam a construir, no final, a ironia maior do poema: nada pode ser feito contra a doença que aflige o eu lírico.

- 6. Enem** – “Poética”, de Manuel Bandeira, é quase um manifesto do movimento modernista brasileiro de 1922. No poema, o autor elabora críticas e propostas que

representam o pensamento estético predominante na época. **C5-H16**

Poética

Estou farto do lirismo comedido
 Do lirismo bem comportado
 Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
 protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
 Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário
 o cunho vernáculo de um vocábulo.
 Abaixo os puristas
 [...]
 Quero antes o lirismo dos loucos
 O lirismo dos bêbedos
 O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
 O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*.
 Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974.

Com base na leitura do poema, podemos afirmar corretamente que o poeta:

- a)** Critica o lirismo louco do movimento modernista.
b) Critica todo e qualquer lirismo na literatura.
c) Propõe o retorno ao lirismo do movimento clássico.
d) Propõe o retorno do movimento romântico.
e) Propõe a criação de um novo lirismo.

A proposta do poema não é o fim da poesia ou do lirismo nem a cópia de algum movimento anterior, mas a criação de uma nova estética, um novo lirismo ou, como propõe o título, uma nova “poética”, tarefa encarnada pelo Modernismo.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Considere o texto a seguir para responder às questões 7 e 8.

Uma linha de coerência se esboça através dos ziguezagues de sua vida. Ora espiritualista, ora marxista, criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia, primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira, solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos, Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa que inspirava quando fauve modernista de 1922.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Fala, amendoeira*.
 São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

- 7. Unifesp** – Carlos Drummond de Andrade identifica, no texto transcrito, uma linha de coerência na vida de Oswald de Andrade. Essa coerência se verifica, segundo o texto,
- a)** nos aspectos ideológicos e políticos.
b) na criação poética.
c) na obra de ficção narrativa.
d) na defesa dos valores burgueses.
e) na personalidade forte e agressiva.

- 8. Unifesp** – Carlos Drummond de Andrade, ao opinar sobre Oswald de Andrade, vale-se da ironia, que fica evidente numa das observações que relaciona o lado político e ideológico, a personalidade e o comportamento em termos de classe social. A ironia de Drummond se manifesta com clareza no segmento:

- a)** Uma linha de coerência se esboça através dos ziguezagues de sua vida.
b) [...] criando um dia o Pau-Brasil, e logo buscando universalizá-lo em antropofagia.
c) [...] primitivo e civilizado a um tempo, como observou Manuel Bandeira.
d) [...] solapando o edifício burguês sem renunciar à habitação em seus andares mais altos.
e) [...] Oswald manteve sempre intata sua personalidade, de sorte a provocar, ainda em seus últimos dias, a irritação ou a mágoa.

- 9. Enem** – Após estudar na Europa, Anita Malfatti retornou ao Brasil com uma mostra que abalou a cultura nacional do início do século XX. Elogiada por seus mestres na Europa, Anita se considerava pronta para mostrar seu trabalho no Brasil, mas enfrentou as duras críticas de Monteiro Lobato. Com a intenção de criar uma arte que

valorizasse a cultura brasileira, Anita Malfatti e outros artistas modernistas **C4-H12**

- a) buscaram libertar a arte brasileira das normas acadêmicas europeias, valorizando as cores, a originalidade e os temas nacionais.
- b) defenderam a liberdade limitada de uso da cor, até então utilizada de forma irrestrita, afetando a criação artística nacional.
- c) representaram a ideia de que a arte deveria copiar fielmente a natureza, tendo como finalidade a prática educativa.
- d) mantiveram de forma fiel a realidade nas figuras retratadas, defendendo uma liberdade artística ligada a tradição acadêmica.
- e) buscaram a liberdade na composição de suas figuras, respeitando limites de temas abordados.

10. UFPR

A ambição do grupo [modernista] era grande: educar o Brasil, curá-lo do analfabetismo letrado, e, sobretudo, pesquisar uma maneira nova de expressão, compatível com o tempo do cinema, do telégrafo sem fio, das travessias aéreas intercontinentais.

(BOAVENTURA, M. E. A Semana de Arte Moderna e a Crítica Contemporânea: vanguarda e modernidade nas artes brasileiras. Conferência - IEL-Unicamp, 2005, p.5-6. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguardia/artigos.html>).

Conforme o trecho acima e os conhecimentos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 e o modernismo brasileiro subsequente, é correto afirmar

- a) A Semana de 1922 somou-se ao regionalismo nordestino para mostrar as raízes da cultura brasileira, recusando qualquer interferência da arte estrangeira. Os modernistas fizeram, com isso, uma forte crítica à modernização e a alfabetização brasileira.
- b) A Semana foi o grande marco da arte moderna brasileira, caracterizando-se pela busca por uma imitação do surrealismo e do cubismo, realizada por acadêmicos em constante contato com os artistas europeus.
- c) A Semana de 1922 marcou o modernismo inspirado em vanguardas europeias, buscando uma nova arte com uma identidade brasileira experimental, miscigenada, antropofágica e cosmopolita. O movimento celebrava o progresso da nação, simbolizado pelo desenvolvimento da cidade de São Paulo.
- d) Monteiro Lobato e Mário de Andrade lideraram a Semana de 1922, que teve o intuito de aliar as produções mais recentes no campo da música, literatura e artes plásticas futuristas com as obras tradicionalistas da arte brasileira.
- e) Os modernistas passaram a se organizar, depois da Semana de 1922, para efetivar uma arte revolucionária nos moldes do realismo soviético, pois acreditavam na conscientização da população para uma mudança no poder.

11. Sistema Dom Bosco – Leia o texto.

No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo o Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era deparar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* – o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

Macunaíma, conforme o capítulo, é filho de uma índia, mas nasceu negro. No capítulo V da obra, ele fica branco. O que essa personagem pode simbolizar, tendo em conta tais fatos?

12. Unifor-CE

Relicário

No baile da Corte
Foi o Conde d'Eu quem disse
Pra Dona Benvinda
Que farinha de Suruí
Pinga de Parati
Fumo de Baependi
É comê bebê pitá e caí.

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

Nesse poema de Oswald de Andrade está presente a seguinte preocupação dos modernistas:

- a) imitar, com bom humor, o estilo típico dos poetas barrocos.
- b) ridicularizar os poetas que não dominavam as normas da versificação.
- c) documentar fatos marcantes da história recente do país.
- d) realçar a expressividade e a graça da linguagem oral.
- e) enaltecer o Brasil, recuperando a visão nacionalista dos primeiros românticos.

13. UFPR – Considere o seguinte poema, de Manuel Bandeira.

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
— Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.
A moça olhou de lado e esperou.
— Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada?
A moça se lembrava:
— A gente fica olhando...
A meninice brincou de novo nos olhos dela.
O rapaz prosseguiu com muita doçura:
— Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Sobre Manuel Bandeira e o poema citado, considere as seguintes afirmativas:

1. No poema “Namorados”, a poesia de Manuel Bandeira flerta com a prosa. Percebe-se um caráter narrativo, que permite a presença de mais de uma voz.
2. Embora o poema “Namorados” apresente um assunto comum à tradição da poesia – a relação e a declaração amorosas –, o tratamento dado a ele pelo poeta é surpreendentemente simples, até cômico, em registro oralizante, um exemplo do que fez a crítica chamá-lo de “poeta do cotidiano”.
3. A estranheza gerada pela comparação da moça à lagarta listrada é a chave da declaração do namorado, que pode ser lida ambigualmente: como uma mera estranheza e, portanto, uma imperfeição que combina com o verso que a descreve como louca; ou como uma estranheza atraente, sendo a loucura meramente uma forma moderna de expressar o “diferente”.
4. Um dos aspectos interessantes da obra de Manuel Bandeira é a nítida passagem que se faz do simbolismo ao modernismo nos seus primeiros livros. Além de refletir a nossa própria história literária, esse processo de mudança também revela como a obra do autor se modificou sem perder muitas de suas características iniciais, mantendo-se sempre ligada a algumas formas da tradição, misturando, por exemplo, o verso livre de alguns poemas às formas fixas de outros.

Assinale a alternativa correta.

- a) São verdadeiras apenas as afirmativas 1, 2 e 4.
- b) São verdadeiras apenas as afirmativas 3 e 4.
- c) São verdadeiras apenas as afirmativas 1, 3 e 4.
- d) São verdadeiras apenas as afirmativas 1, 2 e 3.
- e) São verdadeiras as afirmativas 1, 2, 3 e 4.

14. Unifor-CE

O Rondó dos Cavalinhos

Os cavalinhos correndo,

E nós, cavalões, comendo...

Tua beleza, Esmeralda,

Acabou me enlouquecendo.

Os cavalinhos correndo,

E nós, cavalões, comendo...

O sol tão claro lá fora

E em minh'alma — anoitecendo!

Os cavalinhos correndo,

E nós, cavalões, comendo...

Alfonso Reyes partindo,

E tanta gente ficando...

Os cavalinhos correndo,

E nós, cavalões, comendo...

A Itália falando grosso,

A Europa se avacalhando...

Os cavalinhos correndo,

E nós, cavalões, comendo...

O Brasil politicando,

Nossa! A poesia morrendo...

O sol tão claro lá fora,

O sol tão claro, Esmeralda,

E em minh'alma — anoitecendo!

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula – caderno de análise literária*.
São Paulo: Ática, 1989. p. 68.

Com relação ao ritmo, em uma leitura dos dois primeiros versos do poema centrada na pontuação, a exemplo das vírgulas no segundo verso, pode-se afirmar que

- a) a pausa obrigatória no segundo verso sugere um movimento galopante, enquanto no primeiro verso esse movimento é corredio, deslizante, anunciando a contradição presente em todo o texto.
- b) a presença das vírgulas no segundo verso obriga à leitura pausada, sugestiva de um ritmo suave, deslizante.
- c) as vírgulas, no segundo verso, no plano do significado do texto, apenas isolam o aposto “cavalões”.
- d) a ausência de pausa no primeiro verso sugere um movimento salteado dos cavalinhos.
- e) nesses versos a pontuação não tem nenhuma relevância para a interpretação do poema, constituindo-se apenas como construção formal do texto.

As questões de números 15 e 16 referem-se aos seguintes versos do poema “Elegia de verão”, de Manuel Bandeira:

O sol é grande. Mas, ó cigarras que zinis,

Não sois as mesmas que eu ouvi menino.

Sois outras, não me interessais,

Deem-me as cigarras que eu ouvi menino.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

15. Unifor-CE – Nesses versos, o poeta

- a) agradece por reencontrar intactos elementos queridos de sua infância.
- b) declara que nada há no passado que ainda guarde interesse para ele.
- c) deseja reviver exatamente uma experiência que viveu outrora.
- d) admite que a passagem do tempo em nada altera os elementos da natureza.
- e) demonstra que as sensações do presente são mais intensas que as do passado.

16. Unifor-CE – O tratamento verbal dado pelo poeta às cigarras

- a) é cerimonioso, sugerindo a distância e a importância das antigas cigarras.
- b) é exemplo da linguagem coloquial utilizada pelos modernistas.
- c) gera um efeito de humor, por se dirigir a insetos na segunda pessoa do plural.
- d) é típico desse poeta, que sempre cultivou a mais solene das linguagens.
- e) indica sua proximidade e afetividade em relação aos seres evocados.

17. Mack-SP (adaptada)

Texto I

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. [...] E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau [...]. E assim seguimos nosso caminho por este mar de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram vinte e um dias de abril, estando da dita ilha obra de 660 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho [...]. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos. Neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo [...]; ao monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal, e à terra, A Terra de Vera Cruz.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei D. Manuel, dando notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral*. 1500. Manuscrito. Brasil: Fundação Biblioteca Nacional. Adaptado.

Texto II

A descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

Considere as seguintes afirmações acerca do texto II:

- I. Constituído de citações do texto I, compõe uma unidade poética autônoma que atualiza o sentido da carta de Pero Vaz de Caminha.
- II. A ausência de elementos de coesão entre os versos resulta num conjunto fragmentado de frases nominais, traço de estilo que lembra a estética futurista.
- III. A ideia de renovação da tradição já está insinuada no trocadilho do título da coletânea: "Pero Vaz Caminha".

Assinale:

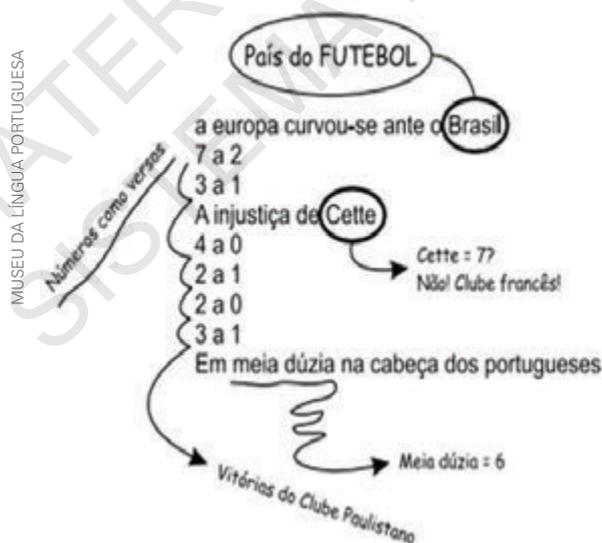
- a) se todas as afirmações estiverem corretas.
- b) se todas as afirmações estiverem incorretas.
- c) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
- d) se apenas as afirmações I, II e III estiverem corretas.
- e) se apenas as afirmações I, III e IV estiverem corretas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H15

brasilidade em construção



MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Oswald de Andrade: o culpado de tudo*. 27 set. 2011 a 29 jan. 2012. São Paulo: Prol Gráfica, 2012.

O poema de Oswald de Andrade remonta à ideia de que a brasilidade está relacionada ao futebol. Quanto à questão da identidade nacional, as anotações em torno dos versos constituem

- a) direcionamentos possíveis para uma leitura crítica de dados histórico-culturais.
- b) forma clássica da construção poética brasileira.
- c) rejeição à ideia do Brasil como o país do futebol.
- d) intervenções de um leitor estrangeiro no exercício de leitura poética.
- e) lembretes de palavras tipicamente brasileiras substitutivas das originais.

19. Enem

C4-H12



IEB/USP

AMARAL, Tarsila do. *O mamoeiro*. 1925. Óleo sobre tela, 65 cm x 70 cm.

O modernismo brasileiro teve forte influência das vanguardas europeias. A partir da Semana de Arte Moderna, esses conceitos passaram a fazer parte da arte brasileira definitivamente. Tomando como referência o quadro *O mamoeiro*, identifica-se que, nas artes plásticas, a

- a) imagem passa a valer mais que as formas vanguardistas.
- b) forma estética ganha linhas retas e valoriza o cotidiano.
- c) natureza passa a ser admirada como um espaço utópico.
- d) imagem privilegia uma ação moderna e industrializada.
- e) forma apresenta contornos e detalhes humanos.

20. Enem

C5-H15

O bonde abre a viagem,
No banco ninguém,
Estou só, stou sem.
Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.
O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.

O desenvolvimento das grandes cidades e a conseqüente concentração populacional nos centros urbanos geraram mudanças importantes no comportamento dos indivíduos em sociedade. No poema de Mário de Andrade, publicado na década de 1940, a vida na metrópole aparece representada pela contraposição entre

- a) a solidão e a multidão.
- b) a carência e a satisfação.
- c) a mobilidade e a lentidão.
- d) a amizade e a indiferença.
- e) a mudança e a estagnação.

SEGUNDO MODERNISMO NO BRASIL

22

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL



Estrada de Maranguape, interior do Ceará, em 1919.

No final da década de 1920 as conquistas do movimento modernista, iniciadas com a Semana de Arte Moderna, em 1922, já haviam sido consolidadas; obras como *Macunaíma* e *Memórias sentimentais de João Miramar* foram responsáveis, na prosa, por propor uma revolução na maneira de escrever a partir de técnicas inovadoras como a mistura de gêneros, sobreposição de planos, paródias e proximidade com a linguagem do cinema, conquistas estéticas que marcaram a primeira geração a partir de um caráter iconoclasta e experimental. A partir da década de 1930, as ideias modernistas se difundiram pelo Brasil e surgiram autores, sobretudo romancistas, que iriam aderir às inovações da escola modernista, mas apresentando ao país um retrato pouco conhecido dele mesmo; trata-se de uma vertente social e ideológica da literatura que toma corpo nessa fase.

O quadro social e histórico do país e do mundo nos anos 1930 é bastante turbado. O momento é marcado pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, e pela crise cafeeira, no Brasil, além de pela Revolução de 1930, pela Intentona Comunista de 1935 e pelo chamado Estado Novo, que iria durar de 1937 a 1945. Ainda, havia o contexto da ascensão do fascismo e do nazismo, e o combate ao socialismo, bem como a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esse cenário sedicioso exigiu posicionamento de artistas e intelectuais, que passaram a assumir uma postura ideológica frente aos acontecimentos e realidades sociais, gerando, assim, uma arte engajada, marcada por militância política, mas também por visões diversas, variando conforme os autores.

A principal marca da literatura do período é o *regionalismo*, sobretudo o nordestino, cuja existência remonta ao Romantismo brasileiro, mas que, nos anos 1930, ganha caráter de denúncia das mazelas que atingem a região Nordeste brasileira, como a seca, a migração, a miséria e a ignorância de um povo e uma região esquecidos pelos governantes brasileiros. A marca desse período é da prosa de ficção, e

- Romance de 1930
- Graciliano Ramos
- Rachel de Queiroz
- José Lins do Rego
- Jorge Amado
- Érico Veríssimo
- Poetas da geração de 1930
- Carlos Drummond de Andrade
- Cecília Meireles
- Vinícius de Moraes
- Murilo Mendes
- Jorge de Lima

HABILIDADES

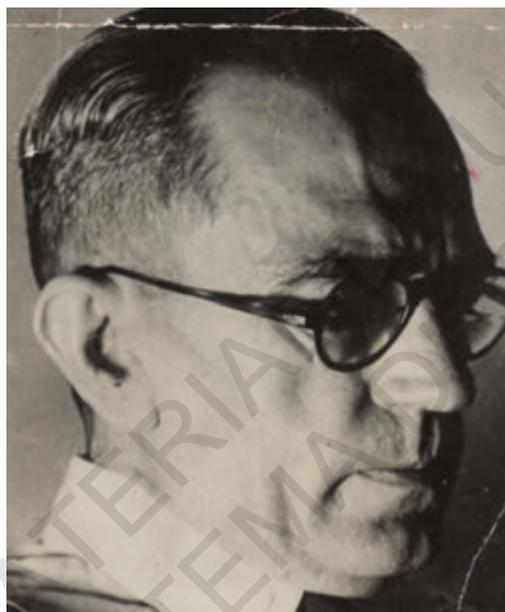
- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

considera-se a obra *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, publicada em 1928, como marco inicial desse período da literatura. Ele ganha força a partir da publicação de *O quinze*, de Rachel de Queiroz, em 1930. Outros autores exploraram essa vertente da prosa de ficção, como Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, além de Érico Veríssimo, que desenvolveu o regionalismo na região Sul do Brasil.

A linguagem das obras regionalistas é marcadamente crítica e seca, aproximando-se de um realismo transfigurado, chamado por alguns críticos de Neorealismo regionalista. A representação, em geral, dessas obras, inclui o homem dominado pelo trabalho opressor comandado por grandes proprietários de terra, bem como submetido às forças da natureza e sem interferência governamental. A linguagem das obras do período inclui, ainda, a aproximação ao vocabulário e ao modo de falar típico da região retratada.

Prosa da segunda geração modernista

GRACILIANO RAMOS



Graciliano Ramos.

Nascido em Quebrângulo (AL), em 1892, e falecido no Rio de Janeiro, em 1953, Graciliano Ramos é o principal romancista da Geração de 1930. Tendo vivido em várias cidades nordestinas, foi prefeito de Palmeira dos Índios em 1927. Desempenhou, além de atividades de romancista, outras ligadas ao jornalismo, à vida pública e à política. Durante o governo Vargas, foi preso acusado de subversão, tendo passado por diversas prisões até a da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, onde ficou dez meses recluso. Em 1945, ingressa no

Partido Comunista Brasileiro e, nos anos 1950, é reconhecido como principal romancista brasileiro depois de Machado de Assis.

Sua obra alcança raro equilíbrio entre análise social e psicológica. É responsável por um importante retrato do universo nordestino, com enfoque tanto no fazendeiro explorador quanto no homem simples, trabalhador, explorado e vítima de uma natureza impiedosa. Seu diferencial, contudo, está em usar o regionalismo de maneira a atingir o universalismo dos temas, como a exploração social do homem ou sua submissão às forças da natureza.

Sua primeira obra é *Caetés* (1933), seguida de *São Bernardo* (1934), considerada obra-prima da literatura brasileira. Esta última retrata o ambicioso Paulo Honório, narrador personagem que conta sua trajetória de vida desde os tempos de subempregos até sua situação de proprietário da fazenda São Bernardo. *Angústia* (1936) é um mergulho na análise psicológica e *Vidas secas* (1938), única obra narrada em 3ª pessoa, fixa no imaginário literário personagens subjugados pelas secas que atingem a região Nordeste do Brasil. Seus temas são a fome, o desespero, a opressão, a seca e a exploração, e seu estilo de escrita é muito direto e objetivo, com linguagem cortante.

Levantei-me há cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios.

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa.

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. Um sujeito chega, atenta, encolhendo os ombros ou estirando o beíço, naqueles desconhecidos que se amontoam por detrás dos vidros. Outro larga uma opinião à-toa. Basbaques escutam, saem. E os autores, resignados, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres na rua da Lama.

Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.

Impossível trabalhar. Dão-me um ofício, um relatório, para datilografar, na repartição. Até dez linhas vou bem. Daí em diante a cara balofa de Julião Tavares aparece em cima do original, e os meus dedos encontram no teclado uma resistência mole de carne gorda. E lá vem o erro. Tento vencer a obsessão, capricho em não usar a borracha. Concluo o trabalho, mas a rema de papel fica muito reduzida.

À noite fecho as portas, sento-me à mesa da sala de jantar, a munheca emperra, o pensamento vadio longe do artigo que me pediram para o jornal.

Vitória resmunga na cozinha, ratos famintos remexem latas e embrulhos no guarda-comidas, automóveis roncam na rua.

Em duas horas escrevo uma palavra: Marina. Depois, aproveitando letras deste nome, arranjo coisas absurdas: ar, mar, rima, arma, ira, amar. Uns vinte nomes. Quando não consigo formar combinações novas, traço rabiscos que representam uma espada, uma lira, uma cabeça de mulher e outros disparates. Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

RACHEL DE QUEIRÓS

EDER CHIODETTO/FOLHAPRESS



Rachel de Queirós.

A primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977, Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, em 1910, e faleceu em 2003, no Rio de Janeiro. Sua família fugiu da seca do Ceará imigrando para o Rio, mas algum tempo depois retornou à região Norte e finalmente ao Nordeste, onde se estabeleceram. A autora fez algumas incursões literárias desde nova e conciliou a atuação como professora primária com publicações de poemas e crônicas em jornais do estado do Ceará. Em 1930, com apenas 20 anos, tornou-se conhecida pela publicação de *O quinze*, romance de cunho político que agrega denúncia social/regional e experiência pessoal; trata-se de um retrato da impotência do nordestino diante dos problemas do Sertão. Publicou vasta obra que vai da crônica ao romance, passando pelo teatro e pela literatura infantil, com títulos como *João Miguel*, *As três marias* e *Memorial de Maria Moura*.

Em *O quinze*, apresenta-se a história de trabalhadores de Logradouro e Quixadá que migram para Fortaleza em busca de condições de sobrevivência até que o inverno (a estação das chuvas) retorne à sua região. Paralelamente,

desenvolve-se a história da professora Conceição, que não aceita a condição submissa da mulher e que ajuda os flagelados da seca, além de ter um caso de amor com o caboclo Vicente. No trecho a seguir, um grupo de retirantes que a família do também retirante Chico Bento encontra está disposto a comer a carne de um bicho morto por doença, ao que Chico Bento intervém:

— E vosmecês tem coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... [...]

Chico Bento alarou os braços, num gesto de fraternidade:

— Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre do mal, tendo um bocado no meu surrão! [...]

Realmente a vaca já fedia [...] E o bode sumiu-se todo... Cordulina assustou-se:

— Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:

— Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não houvera de deixar esses desgraçados roerem osso podre...

QUEIRÓS, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

LEITURA COMPLEMENTAR

Até o início do século XX as escritoras estiveram praticamente ausentes dos registros das consideradas grandes historiografias brasileiras. Nos compêndios de história literária, foram, em sua maioria, colocadas à margem pelos agentes que construíram o cânone. Apesar dessa lógica, surgiu na década de 1930 [a obra de Rachel de Queiroz], com uma visão [...] independente, com o senso crítico de intelectual [que nas palavras de] Heloísa Buarque de Hollanda:

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. In: _____. (Org.). *Melhores crônicas*: Rachel de Queiroz. São Paulo: Global, 2004.

As contribuições da autora cearense extrapolam o ambiente literário e a luta pelo reconhecimento da qualidade do trabalho feminino, e sua obra, nitidamente engajada na discussão de problemas cruciais da sociedade brasileira, pode ser considerada como um inventário das ideias que ela presenciou em quase um século da atividade intelectual.

Dedicou-se exclusivamente ao ofício de escrever, seja nas atividades de jornalista, seja como tradutora, ou como autora de obras literárias (cronista/romancista), Rachel adquiriu aquele “teto todo seu” explicitado [pela escritora inglesa] Virgínia Woolf demarcando não apenas seu espaço, mas novos caminhos para as obras de

autoria feminina, de forma que toda escritora que surgiu no Brasil depois dos anos 1930 pode ser considerada herdeira de Raquel em algum aspecto.

De acordo com Virgínia Woolf, a falta de condições materiais que garantissem um mínimo de bem estar e privacidade teria ocasionado a marginalização das escritoras no campo literário. Ao longo de suas reflexões, Virgínia identificou possíveis obstáculos, afirmando que a maior de todas as liberações seria a liberdade de pensar nas coisas em si, de classificar, selecionar, emitir opinião.

Se os homens escritores encontravam dificuldades para construir o seu projeto literário, para as mulheres essas dificuldades eram bem maiores, pois havia não apenas indiferença, mas também hostilidade. Para serem reconhecidas, as mulheres escritoras deveriam alterar os seus valores em deferência à autoridade externa, reproduzindo as normas ditadas pelo discurso masculino. De igual modo, outro obstáculo a ser superado, depois de conquistado o direito à escrita, era a ausência de uma tradição, ou uma tradição curta e parcial que pouco favorecia. As próprias formas literárias foram criadas pelos homens a partir de suas necessidades e para as suas aplicações. Todos os gêneros mais antigos de literatura já estavam consolidados à época em que as mulheres se tornaram escritoras, e apenas o romance era suficientemente novo para ser maleável a elas, [como pensa Woolf].

OLIVEIRA, Maria Eveuma; FREIRE, Manoel; CHAVES, Sérgio Wellington Freire. Rachel de Queiroz: uma mulher a frente do seu tempo. *Pontos de interrogação* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural Universidade do Estado da Bahia, Campus II – Alagoinhas. Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. Adaptado.

JOSÉ LINS DO REGO



José Lins do Rego.

Nascido na Paraíba, em 1901, e falecido no Rio de Janeiro, em 1957, José Lins do Rego ecoa em sua produção literária o momento de decadência dos latifúndios e engenhos da zona açucareira da Paraíba e de Pernambuco, momento associado à troca da mão de obra escrava pela assalariada e pela instalação das usinas no lugar dos velhos engenhos. Tais elementos caracterizam importante mudança social e econômica da região nordestina.

Tendo estudado Direito em Recife, tomou contato com o movimento modernista que ali se formava, sobretudo com Gilberto Freire e José Américo de Almeida.

Parte de sua obra tem inspiração nas próprias experiências do autor, que provinha de família rica, cujo avô era coronel, dono de uma fazenda em que parte da infância de José Lins foi vivida. *Menino de engenho*, sua primeira obra, de 1932, narra a vida de Carlos, menino que vai ser criado no engenho de seu avô após a tragédia familiar em que seu pai assassina sua mãe e depois é internado em um hospício. Nos romances seguintes de José Lins, acompanhamos mais episódios da vida de Carlos, como sua ida a um internato, seu retorno à fazenda do avô, em decadência, e a completa destruição de seu patrimônio. Entre 1932 e 1936, o autor publica cinco romances, quatro deles narrando a vida de Carlos: além de *Menino de engenho*, *Doíquinho* (1933), *Banguê* (1934) e *Usina* (1936).

O romance considerado obra-prima do autor é *Fogo morto* (1943), que, dividido em três partes, representa uma síntese dos romances que compõem o “ciclo da cana-de-açúcar”, formado pelas obras que se passam no ambiente dos engenhos e posteriores usinas de cana, iniciado em *Menino de engenho*. A primeira parte de *Fogo morto* enfoca a vida de José Amaro, que se orgulha de ter uma profissão passada de pai para filho. A narração, contudo, mostra o destino e o drama humano da personagem. A segunda parte enfoca o coronel Lula de Holanda, proprietário do decadente engenho Santa Fé; a personagem, mesmo tendo arruinado sua propriedade, mantém a prepotência dos tempos da escravidão. Por fim, a terceira parte do romance enfoca a personagem Capitão Vitorino, que, como uma espécie de D. Quixote, vaga pelos engenhos defendendo injustiçados e é motivo de chacota.

[...] Na casa-grande do engenho do capitão Tomás a tristeza e o desânimo haviam tomado conta até de d. Amélia. Não tinha coragem de sair de casa com aquela afronta, ali a dois passos, com um morador atrevido sem levar em conta as ordens do senhor de engenho. Todos na várzea se acovardavam com as ordens do cangaceiro. O governo mandava tropa que maltratava o povo, e a força do bandido não se abalava.

[...] Um dia apareceu um sujeito bem-montado, com arreios finos, e vestido de grande. Era um catingueiro de Caldeirão que soubera que o engenho estava à venda, e vinha saber das condições. Seu Lula quase que não ouvia o que o homem falava. D. Amélia apareceu, então, para conversar. Não havia engenho nenhum à venda. Foi quando o marido perguntou, como se tivesse acordado:

— Como? O que foi, hein, Amélia?

— Este senhor está aí porque soube que o Santa Fé estava à venda.

— Como! Quem lhe disse isto?

O homem desculpou-se, e continuou a falar. Tinha vontade de comprar terra na várzea. Aquilo é que era terra! E havia sabido que o Santa Fé estava quase sem safrejar e por isto se botara para falar do assunto. Pedia desculpa, e ia se retirar, quando seu Lula lhe falou em voz alta:

— Sim senhor, vou sair daqui para o cemitério, hein, pode dizer por toda parte.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JORGE AMADO

EDER CHIODETTO/FOLHAPRESS



O escritor baiano Jorge Amado e sua mulher, a também escritora, Zélia Gattai, fotografados em sua residência, em Salvador, em 1997.

Nascido em Itabuna (BA), em 1912, e falecido em Salvador, em 2001, Jorge Amado é um dos autores mais conhecidos da literatura brasileira internacionalmente. Foi trabalhador da imprensa e estudou Direito. Tornou-se conhecido com a publicação do romance *O país do Carnaval*, em 1931, mas foi com *Cacau* (1933) e *Suor* (1934) que o ganhou notoriedade. Importante destacar que o autor foi militante do Partido Comunista Brasileiro, sendo eleito deputado federal em 1945 e cassado em 1948; morou em Paris após a cassação de seu mandato e circulou pela União Soviética e por países das chamadas democracias populares. Voltou ao Brasil e, em 1961, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Dono de uma obra extensa e irregular, Jorge Amado divide opiniões, sobretudo da crítica literária, que durante muitos anos teve pouca consideração pela obra dele. O próprio autor acreditava haver dois grandes momentos de sua produção: um primeiro caracterizado pela narrativa de denúncia social e luta política, e um segundo que dá luz à narrativa de costumes. Suas obras foram traduzidas para mais de 55 países e, no Brasil, venderam 20 milhões de exemplares. Em 2012, por ocasião de seu centenário, foi tema de uma exposição no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

Entre suas obras, destaca-se, além das já citadas, *Jubiabá* (1935), *Capitães da areia* (1937), *Seara vermelha* (1946), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *A morte e*

a morte de Quincas Berro D'água (1961), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969), *O gato malhado e a andorinha sinhá* (1976), *Tieta do agreste* (1977).

O romance *Jubiabá*, de 1935, é uma de suas principais obras. Conta a história de Antônio Balduino, um garoto pobre e negro que é criado pela tia, que enlouquece, e depois passa a viver sob a guarda do Comendador Pereira. Vê-se obrigado a fugir da casa do comendador e passa a viver uma série de aventuras por toda a Bahia até tornar-se estivador e liderar uma greve geral; a partir de então, o herói é eternizado em cantigas populares como aquele que lutou pela libertação de seu povo. A importância do romance para a obra de Amado e para a literatura brasileira se dá por trazer um dos primeiros heróis negros da literatura, além de reunir temas caros para seu autor, como as contradições do mundo do trabalho, o conflito racial, a ideologia, bem como a cultura popular, o sincretismo religioso e a sensualidade, marcas presentes em sua produção.

[...] Mas aconteceu que no outro round o branco veio com raiva em cima do negro e o levou às cordas. A multidão não se importou muito esperando a reação do negro. Realmente Balduino quis acertar na cara sangrenta do alemão. Porém Ergin não lhe deu tempo e o soqueou com violência atingindo-o no rosto, fazendo do olho do negro uma posta de sangue. O alemão cresceu de repente e escondeu o preto que agora apanhava na cara, nos peitos, na barriga. Balduino foi novamente às cordas, se segurou nelas, e ficou passivamente sem reagir. Pensava unicamente em não cair e se atracava com força às cordas. Na sua frente o alemão parecia um diabo a lhe martelar a cara. O sangue corria do nariz de Balduino, o seu olho direito estava fechado, tinha um rasgão por baixo da orelha. Via confusamente o branco na sua frente, pulando, e ouvia muito longe os berros da assistência. Esta vaiava. Via o seu herói cair e gritava:

— Dá nele, negro!

Isso no princípio. Aos poucos a multidão foi ficando silenciosa, abatida, vendo o negro apanhar. E quando voltou a gritar foi para vaiar.

— Negro fêmea! Mulher com calça! Aí, loiro! Dá nele.

Estavam com raiva porque o negro apanhava. Eles haviam pago os três mil-réis da entrada para ver o campeão baiano dar naquele branco que se dizia “campeão da Europa Central”. E agora estavam assistindo era o negro apanhar. Não estavam satisfeitos, moviam-se inquietos e ora vivavam o branco, ora o vaiavam. E respiraram aliviados quando o gongo soou dando fim ao round.

Antônio Balduino veio para o canto do ringue se segurando nas cordas. Aí o homem magro, que moradia o cigarro inútil, cuspiu e gritou:

— Onde está o negro Antônio Balduino que derrubava brancos?

Aquilo Antônio Balduino ouviu. Bebeu um gole da garrafa de cachaça que o Gordo lhe oferecia e virou para a assistência procurando o dono daquela voz. Voz que voltou metálica:

— Quede o derrubador de brancos?

[...] Aquilo doeu em Balduino como uma chibatada. Não sentia nenhum dos socos do branco mas sentia aquela censura dos seus torcedores. Disse ao Gordo:

— Quando eu sair daqui dou uma surra neste sujeito. Marque ele...

E quando soou o sinal de recomeçar a luta o preto se atirou em cima de Ergin. Pôs um soco na boca do alemão e em seguida um no ventre. A multidão reconhecia novamente seu campeão e gritou:

— Aí, Antônio Balduino! Aí, Baldo! Derruba ele...

[...] O campeão da Europa Central descreveu uma curva com o corpo e caiu com todo o peso. A multidão, rouca, aplaudia em coro:

— bal-do... bal-do... bal-do...

O juiz contava:

[...] — nove... dez...

Suspendeu o braço de Balduino. A multidão berrava mas o negro só ouviu a voz metálica do homem do cigarro:

— Aí negro, você ainda derruba brancos...

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ÉRICO VERÍSSIMO



Érico Veríssimo.

Nascido em Cruz Alta (RS), em 1905, e falecido em 1975, em Porto Alegre, Érico Veríssimo é representante de uma vertente do regionalismo de 30 que, embora tenha menos destaque que a nordestina, constitui-se em uma obra de importante registro da região Sul do Brasil. Veríssimo teve carreira no jornalismo e também foi professor de literatura nos Estados Unidos. Sua primeira obra

literária é uma coletânea de contos reunidos sob o título *Fantoches*. Mas sua popularidade vem com a publicação de *Clarissa*, em 1933.

Entre a produção do autor, destaca-se *O tempo e o vento*, obra de tom épico que narra a formação política, social e econômica do Rio Grande do Sul, desde suas origens no século XVIII até a década de 1940. É constituída por três partes: “O continente”, “O retrato” e “O arquipélago”. A região de Santa Fé é o palco do desenrolar dos fatos, marcados pela disputa de poder entre duas famílias, os Amaral e os Terra Camará.

Já em *Caminhos cruzados*, romance de 1935, influenciado pela técnica de tramas entrelaçadas e pela ausência proposital de personagens principais da ficção de Aldous Huxley (1894-1963), o autor explora os meandros da frágil condição humana em meio à grandes transformações históricas com vivacidade.

Madrugada — a cerração empresta à Travessa das Acácias um mistério de cidade submersa. A ruazinha de subúrbio se desfigura. A luz dos combustores, que a névoa embaça, sugere vagos monstros submarinos. As árvores que debruam as calçadas são como blocos compactos de algas. Todas as formas parecem diluídas.

Cinco horas da manhã.

Que peixe estranho é aquele que lá vem?

A carroça do padeiro passa estrondando, fazendo tremer a quietude da cidade afundada; mas um instante depois o seu vulto e o seu ruído se dissolvem de novo na cerração. O silêncio torna a cair sobre o fundo do mar.

Agora nas fachadas escuras começam a brotar olhos quadrados e luminosos. D. Veva acendeu o lampião e vai acordar o marido, que tem de tomar o primeiro bonde. No mercadinho de frutas, Said Maluf abre a porta dos fundos para apanhar a garrafa do leite. Na casa do alfaiate espanhol chora o filho mais moço. Na meia-água vizinha, o cap. Mota toma chimarrão na varanda, em mangas de camisa (está fazendo frio, mas não se deve quebrar um hábito de vinte anos). Fiorello já abriu a sapataria e, enquanto ferve a água para o café, o italiano bate sola, bate sola, bate sola; na litogravura da folhinha, na parede, Mussolini, em cima do seu cavalo, berra marcialmente: “Camicie nere!”.

Um trem apita. Um galo canta.

Quase invisível dentro da névoa, um gato cinzento passeia sobre o telhado da casa da viúva Mendonça. Debaxo desse telhado fica o quarto do prof. Clarimundo. A umidade desenha figuras indecifráveis nas paredes caiadas. Em cima da mesa de pinho — de mistura com os restos da merenda da noite — vê-se um papel cheio dos rabiscos com que o professor tentou inutilmente meter na cabeça do sapateiro Fiorello noções da Relatividade de Einstein. Um despertador niquelado está dizendo tique-taque, tique-taque com a voz dura e regular. A cabeça descansando no travesseiro de fronha grosseira, o prof. Clarimundo Roxo dor-

me de ventre para o ar, ronca e bufa, procurando uma sincronia impossível com o tique-taque do relógio. A cada bufido, voam-lhe as falripas do bigode.

VERÍSSIMO, Érico. *Caminhos cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Poesia da segunda geração modernista

Os poetas da Geração de 30 demonstraram grande preocupação social, engajando-se em um processo de compreensão da realidade e da dinâmica entre o homem e o universo que ele habita. Além disso, essa geração incorpora as conquistas formais da primeira geração modernista, como o verso livre, o poema em prosa e a liberdade do autor de, inclusive, ser formal caso deseje.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

MANOEL PIRES/FOLHAPRESS



Carlos Drummond de Andrade.

Um dos maiores nomes da literatura no Brasil e um dos grandes poetas do século XX, nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1987. De família tradicional, basicamente de fazendeiros, em Minas, o autor formou-se em farmácia, mas nunca exerceu a profissão, tendo se dedicado ao jornalismo e depois ao funcionalismo público, em que passou a maior parte da vida.

Drummond foi poeta e prosador, destacando-se na crônica, mas foi sua poesia que lhe concedeu grande notoriedade. A crítica ressalta fases e faces em sua obra que permitem acompanhar e sistematizar seus temas, sua visão de mundo e seus traços estilísticos. Seus aproximadamente 56 anos de carreira poética ajudam a identificar ao menos quatro fases de produção: a chamada fase gauche, que, na década de 1930, tematiza o desajuste do sujeito com o mundo; a fase social, que, nos anos de 1940 a 1945, lida com questões de um mundo em guerra e um país sob estado de exceção; a fase do “não”;

entre as décadas de 1950 e 1960, que representa, entre outras coisas, uma guinada classicizante e um momento de reflexão filosófica de sua poesia; por último, a fase da memória, que compreende a produção das décadas de 1970 a 1980.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu
[coração].

Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CECÍLIA MEIRELES



Cecília Meireles.

Cecília Meireles (1901-1964) dedicou-se desde cedo à leitura, o que a levou ao magistério. Começa a lecionar na Escola Normal, em 1919, e concilia as atividades de professora com as de jornalista e escritora. Em 1919, publicou seu primeiro livro de poemas, *Espectros*, bem recebido pela crítica. Nos anos 30, já muito conhecida e respeitada, passou a lecionar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (na época, Distrito Federal) e viajou por vários países para dar cursos e conferências acerca da literatura e da cultura brasileiras. Sua produção ampla se estende até os anos 1960, e, além da poesia, sua principal produção, circula pelo conto, pela crônica e pela literatura infantil.

É preciso ressaltar, no entanto, que Cecília Meireles nunca esteve ligada a nenhum movimento literário em específico; sua produção se vincula à tradição da lírica em língua portuguesa. Suas primeiras publicações apresentam certa relação com o Simbolismo, e a autora participa da revista *Festa*, publicação carioca de orientação espiritualista e que defendia valores tradicionais da poesia. A crítica sugere um “neossimbolismo” na poesia dela, sobretudo pela presença de temas fluidos e etéreos recorrentes nos elementos abordados como o vento, a água, o mar, o ar, o tempo, o espaço, a solidão e a música.

Além disso, o espiritualismo e o orientalismo são temas presentes na obra da poetisa e valores prezados pelos simbolistas. Já sua linguagem é marcada por seleção vocabular cuidadosa e habilidade musical, recorrendo muitas vezes ao verso curto e a paralelismos muito comuns na poesia medieval portuguesa.

Seus escritos incluem *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto e outros poemas* (1945), *Doze noturnos de Holanda e O aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Solambra* (1963) e *Cânticos* (1981). Destaca-se ainda o livro *Ou isto ou aquilo* (1964), um dos mais lidos da literatura infantil e que reúne poemas acerca de sonhos, jogos, brincadeiras, animais, plantas, entre outros temas. O intimismo é marca da poesia de Meireles e poucas vezes a autora foge dele, o que acontece em *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953, definido pela autora como uma

“narrativa rimada”; trata-se de uma reconstrução – em que lenda e história se misturam aos acontecimentos da Inconfidência Mineira (1789), em Vila Rica.

[...]

Ó meio-dia confuso,
ó vinte-e-um de abril sinistro,
que intrigas de ouro e de sonho
houve em tua formação?
Quem ordena, julga e pune?
Quem é culpado e inocente?

Na mesma cova do tempo
cai o castigo e o perdão.
Morre a tinta das sentenças
e o sangue dos enforcados...
– líras, espadas e cruzes
pura cinza agora são.
Na mesma cova as palavras,
o secreto pensamento,
as coroas e os machados,
mentira e verdade estão.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 6.

VINICIUS DE MORAES



Vinicius de Moraes e o músico Baden Powell.

Vinicius de Moraes (1913-1980), conhecido como “Poetinha”, nasceu no Rio de Janeiro em uma família de intelectuais, formou-se em Letras, em 1929, e em Direito, em 1933. Suas primeiras composições musicais datam de 1928; seu primeiro livro de poemas publicado é de 1933, *O caminho para a distância*. Nos anos 1940, ingressa na carreira diplomática, que concilia com trabalhos de crítico de cinema e cronista no jornalismo brasileiro. Viveu muitos anos em Paris, Montevidéu e Los Angeles como diplomata.

Na década de 1950, interessa-se pela música de câmara e popular. Em 1956, publica *Orfeu da Conceição*,

peça teatral encenada com sucesso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com composições musicais de Vinícius e de Tom Jobim. À dupla, um tempo depois, junta-se João Gilberto, e dessa reunião de compositores nasce o movimento da Bossa Nova. A partir de 1964, estabelece-se definitivamente no Brasil e dedica-se à poesia e à música popular, realizando shows com importantes nomes da MPB, como Dorival Caymmi, Tom Jobim, Edu Lobo, Baden Powell, Toquinho e Chico Buarque.

Sua produção poética é muito variada tematicamente e inclui misticismo, confessionalismo sentimental e temas do cotidiano, dos quais se destacam a valorização e a idealização da mulher. Há, ainda, em alguns de seus poemas, uma preocupação social presente, como no poema "O operário em construção" e em outras composições.

Soneto do Amor Total

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

MORAES, Vinícius de. *Livro de sonetos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MURILO MENDES



Murilo Mendes e o crítico Mário da Silva Brito.

Nascido em Juiz de Fora (MG), em 1901, e falecido em Lisboa, em 1975, Murilo Monteiro Mendes estabeleceu-se no Rio de Janeiro, em 1920, onde trabalhou como funcionário público (Ministério da Fazenda, Banco Mercantil e cartórios). Em 1953, foi convidado a lecionar literatura brasileira em cidades da Europa, incluindo Lisboa, onde viveu até seu falecimento.

Sua obra é comumente vista como difícil, sobretudo pelo caráter fragmentário de sua produção poética, com imagens insólitas, visão messiânica do mundo e uma simbologia própria. O ponto de partida da poesia de Murilo Mendes é a concepção de mundo como um caos, e o autor busca a destruição das coisas estabelecidas para reconstruí-las a partir de leis particulares. É considerado o grande representante da poesia surrealista no Brasil, apesar de ter uma obra que foge de classificações e que abarca as diferentes experiências do autor: o Surrealismo, o Cristianismo, a poesia social, o Neobarroquismo e o experimentalismo linguístico.

Sua produção inicial é publicada nas revistas modernistas de São Paulo, na década de 1920; já a primeira publicação em livro é *Poemas*, de 1930. Constante em sua obra, o cotidiano é desarticulado, recriado e analisado do ponto de vista social; a obra *Tempo e eternidade*, escrita com Jorge de Lima, marca uma guinada religiosa após a conversão do autor ao cristianismo. No entanto, ele não deixa de lado nenhuma das posições anteriormente defendidas, como as contradições do eu, a preocupação social e o sobrenatural surrealista. Além das citadas, o autor publicou *Bumba-meu-poeta* (1930), *História do Brasil* (1933), *A poesia em pânico* (1937), *O visionário* (1941), *As metamorfoses* (1944), *O mundo enigma* (1945), *Poesia liberdade* (1947) e *Contemplação de Ouro Preto* (1954).

O Homem, a Luta e a Eternidade

Adivinho nos planos da consciência
dois arcanjos lutando com esferas e pensamentos
mundo de planetas em fogo
vertigem
desequilíbrio de forças,
matéria em convulsão ardendo pra se definir.
Ó alma que não conhece todas as suas possibilidades,
o mundo ainda é pequeno pra te encher.
Abala as colunas da realidade,
desperta os ritmos que estão dormindo.
À guerra! Olha os arcanjos se esfacelando!
Um dia a morte devolverá meu corpo,
minha cabeça devolverá meus pensamentos ruins
meus olhos verão a luz da perfeição
e não haverá mais tempo.

MENDES, Murilo. *Poemas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

JORGE DE LIMA



Jorge de Lima.

Nascido em União dos Palmares – AL, em 1893, e falecido no Rio de Janeiro, em 1953, Jorge Mateus de Lima foi médico, professor de Literatura, vereador e também deixou uma produção que inclui ensaística, fotografia, pintura, historiografia e biografias. É mais popular como poeta, apesar de ser autor de alguns contos, novelas e romances, até hoje pouco conhecidos.

Em 1914, publicou *XIV alexandrinos*, obra de inspiração parnasiana. Na década de 1920, aderiu às propostas modernistas e cultivou vários temas como o folclore, a paisagem nordestina, a miséria do povo, a consciência social e o reencontro com a infância. Dessa fase são as obras *O mundo do menino impossível* (1925), *Poemas* (1927) e *Poemas negros* (1937). É digno de nota acerca dessa produção, ainda, a presença do negro, com a denúncia de sua condição de exploração e marginalização e, ainda, com a captação de sua linguagem, cultura e modo de agir.

A partir de 1935, contudo, sua produção volta-se à defesa da causa cristã, com a conversão do autor ao cristianismo. Concentra-se, então, em imagens bíblicas e em um pessimismo em relação ao mundo, além de um sentimento de fraternidade com os oprimidos, tudo sob uma ótica mística e transcendente. Em 1935 publica, com Murilo Mendes, *Tempo e eternidade*. Por fim, a partir de *Livro de sonetos* (1949), o poeta retorna a temáticas do Nordeste e da infância, além de amenizar os excessos da atmosfera mística anteriormente trabalhada. Sua principal obra é *Invenção de Orfeu*, de 1952, uma epopeia modernista que, em dez cantos, procura reconstituir a aventura épica do homem em busca da plenitude sensível e espiritual.

Mulher Proletária

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.

Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas
salvar o teu proprietário.

LIMA, Jorge de. *Poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ROTEIRO DE AULA

SEGUNDO MODERNISMO NO BRASIL

O contexto que envolve a segunda geração modernista é marcado por importantes questões sociopolíticas, como

a quebra da Bolsa de Nova Iorque, a crise econômica por ela desencadeada, a ascensão do fascismo e do nazismo, na Europa, bem como a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945.

No Brasil, o contexto envolve

a Revolução de 1930, o governo Vargas e o Estado Novo, bem como é marcado pela crise cafeeira e da produção açucareira à maneira antiga.

O momento histórico, portanto, propiciou aos autores uma marcada atuação

social e, muitas vezes, política, algumas vezes ideológica, envolvendo atores da política nacional e se valendo da literatura como ferramenta de denúncia social.

A partir de 1930 (ou 1928, com a publicação de *A bagaceira*) os autores, valendo-se das conquistas formais anteriores passam a fazer uma literatura de cunho muito mais

engajado, usando o espaço dos livros, sobretudo do romance, como forma de denúncia social.

Na prosa, destaca-se o chamado Romance de 30, que apresenta uma geração de autores da região

Nordeste que, através de obras regionalistas, com linguagem realista e com formas que fogem ao clássico sem serem combativas como antes, denuncia as mazelas dos povos nordestinos assolados pelas secas intermitentes, pela decadência da produção açucareira e pelo desgoverno que, muitas vezes, delegava poder a figuras extraoficiais como o coronel fazendeiro ou o jagunço. Ao lado do romance nordestino, vê-se florescer certa prosa regionalista na região sul do país.

ROTEIRO DE AULA

A poesia, por sua vez, também deixa de lado o caráter iconoclasta sem abandonar as conquistas da geração anterior. Os poetas também se valem de suas produções como

forma de análise e denúncia da sociedade;

no entanto, diferente do romance que teve maior relevo regionalista, a poesia se volta para temas mais

universalizantes como o “eu” no mundo, as guerras e outros males que destroem vidas e provocam reflexão.

Entre os principais autores e obras estão

Graciliano Ramos

Caetés (1933); *São Bernardo* (1934); *Angústia* (1936); *Vidas secas* (1938).

Carlos Drummond de Andrade

Alguma poesia (1930); *Brejo das almas* (1934); *Sentimento do mundo* (1940); *José* (1942); *A rosa do povo* (1945); *Claro enigma* (1951); *Fazendeiro do ar* (1954); *Lição de coisas* (1962); *As impurezas do branco* (1973); *Boitempo* (1968, 1973, 1979).

Rachel de Queiroz

O quinze (1930); *João Miguel* (1932); *Caminho de Pedras* (1937); *As três Marias* (1939) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

Cecília Meirelles

Poesia: *Espectros* (1919); *Baladas para El-rei* (1925); *Viagem* (1939); *Vaga música* (1942); *Mar absoluto* (1945); *Retrato natural* (1949); *Romanceiro da Inconfidência* (1953); *Metal Rosicler* (1960); *Solambra* (1963); *Ou isto ou aquilo* (1964). Prosa: *Olhinhos de gato* (1939); *Giroflê, Giroflá* (1956); *Escolha seu sonho* (1964).

José Lins do Rego

Menino de engenho (1932); *Doidinho* (1933); *Banguê* (1934); *O moleque que Ricardo* (1935); *Usina* (1936); *Pureza* (1937); *Pedra Bonita* (1938); *Riacho Doce* (1939); *Fogo morto* (1943) e *Cangaceiros* (1953).

Murilo Mendes

Poemas (1930); *História do Brasil* (1932); *Tempo e eternidade* (1935 em colaboração com Jorge de Lima); *A poesia em pânico* (1938); *O visionário* (1941); *Janela do caos* (1948); *Contemplação de Ouro Preto* (1954).

Jorge Amado

O país do Carnaval (1931); *Cacau* (1933); *Suor* (1934); *Jubiabá* (1935); *Capitães da Areia* (1937); *Seara Vermelha* (1946); *Gabriela, cravo e canela* (1958); *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (1961); *Dona Flor e seus dois maridos* (1966); *Tenda dos milagres* (1969); *O gato malhado e a andorinha sinhá* (1976) e *Tieta do agreste* (1977).

Jorge de Lima

Poesia: *XIV alexandrinos* (1914); *O mundo do menino impossível* (1925); *Tempo e eternidade* (1935 em colaboração com Murilo Mendes); *A túnica inconsútil* (1938); *Poemas negros* (1947); *Invenção de Orfeu* (1952); Prosa: *Salomão e as mulheres* (1927); *O anjo* (1934); *Calunga* (1935).

Érico Veríssimo

Clarissa (1933); *Caminhos cruzados* (1935); *Música ao longe* (1936); *Olhai os lírios do campo* (1938); *O resto é silêncio* (1943); *O tempo e o vento*; (O continente — 1949, O retrato — 1951, O arquipélago — 1962); *O senhor embaixador* (1965) e *Incidente em Antares* (1971).

Vinicius de Moraes

O caminho para a distância (1933); *Forma e exegese* (1935); *Ariana, a mulher* (1936); *Livro de sonetos* (1957). Prosa: *Para viver um grande amor* (1962); *Para uma menina com uma flor* (1966); Teatro: *Orfeu da Conceição* (1954); *Procura-se uma rosa* (1962).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Leia o texto a seguir, trecho do capítulo “Contas”, de *Vidas Secas*, para responder às questões 1 e 2:

Tinha a obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia do seu lugar. Bem. Nasceria com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. [...] Era a sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látegos – aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importantes se ocuparem com semelhantes porcarias.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 103. ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. p. 97.

- 1. Unicamp-SP (adaptada)** – A partir do excerto, que visão podemos afirmar que Fabiano tem de sua própria condição? Justifique.

Sugestão de resposta – Fabiano apresenta uma visão extremamente alienada e conformista (“Conformava-se, não pretendia mais nada”), justificada, inclusive, por uma lógica determinista, isto é, Fabiano aceita a exploração e sua condição social miserável como se fossem naturais, produtos de uma sina (“Nasceria com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? [...] Era a sina.”), ou mesmo de uma herança genética, pois, segundo ele, o “pai vivera assim, o avô também [...] aquilo estava no sangue”.

- 2. Unicamp-SP (adaptada)** – Considerando o contexto da obra *Vidas Secas*, explique a referência que Fabiano faz, no excerto, aos “homens ricos”.

Sugestão de resposta – Os “homens ricos” aos quais Fabiano faz referência são os senhores de terras, exploradores, como o proprietário das terras em que Fabiano se instala com sua família. Como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, Fabiano precisava recorrer à feira para a compra de mantimentos. Para isso, negociava os poucos bezerros e cabritos que possuía com o proprietário das terras, que os comprava a preços baixíssimos. O valor que conseguia com os animais não era suficiente para se manter e precisava recorrer ao patrão, que lhe cobrava juros altíssimos pelos empréstimos. As contas do patrão nunca batiam com as de Sinhá Vitória, em virtude dos juros exorbitantes cobrados por tais empréstimos. Quando Fabiano reclamava, o patrão, irritado, mandava-o procurar outra fazenda. Fabiano, então, sem alternativa, calava-se e se submetia aos desmandos e à exploração do patrão.

- 3. UFT-TO** – Leia o texto.

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

- Mãezinha, cadê a janta?
— Cala a boca, menino! Já vem!
— Vem lá o quê!...

Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...

Lembrou-se da rede nova, grande e de listras que comprara em Quixadá por conta do vale de Vicente.

Tinha sido para a viagem. Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome.

Estavam já na estrada do Castro. E se arrancharam debaixo dum velho pau-branco seco, nu e retorcido, a bem dizer ao tempo, porque aqueles cepos apontados para o céu não tinham nada de abrigo.

O vaqueiro saiu com a rede, resoluto:

— Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito...

Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha:

— Tá aqui. O homem disse que a rede estava velha, só deu isso, e ainda por cima se fazendo de compadecido...

Faminta, a meninada avançou; e até Mocinha, sempre mais ou menos calada e indiferente, estendeu a mão com avidez.

QUEIRÓS, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979. p. 33.

O quinze, romance de estreia de Rachel de Queiroz, publicado em 1930, retrata a intensa seca que marcou o ano de 1915 no sertão cearense. Considerando o fragmento apresentado, é CORRETO afirmar.

- a) Ainda que publicado no início da década de 30, momento de intensas mudanças políticas e culturais no país, o romance liga-se estética e tematicamente às propostas literárias da primeira geração modernista.
- b) Na narrativa, estreitamente ligada às propostas de denúncia social dos regionalistas de 30, destacam-se o drama da seca, a miséria e a degradação humana, marcantes em cenas como a do fragmento citado.
- c) Apesar de se referir à seca que marcou o ano de 1915, o romance coloca em primeiro plano a violência e o desrespeito que marcam as relações sociais, independente das condições climáticas; exemplo disso é a relação de espoliação entre Chico Bento e o homem da bodega.
- d) A linguagem utilizada pela autora, para construir o romance, aproxima-se da oralidade, conforme se vê no fragmento. Tal recurso é utilizado para se contrapor à escrita extremamente rebuscada de alguns modernistas da primeira geração, como Oswald de Andrade.
- e) O fragmento apresenta um discurso moralizante, recorrente nos romances da segunda geração modernista, e destaca o drama vivido pela família de Chico Bento, diante das dificuldades de sobrevivência.

Característico da geração de 30, *O quinze*, de Rachel de Queiroz, denuncia as mazelas do sertão nordestino assolado pela seca e a força da natureza impiedosa diante da miséria humana retratada, no romance, pela família de Chico Bento.

- 4. Fuvest-SP** – Em determinada época, o romance brasileiro “procurou [...] enraizar fortemente as suas histórias e os seus personagens em espaços e tempos bem circunscritos, extraíndo de situações culturais típicas a sua visão do Brasil.” (Alfredo Bosi). Essa afirmação aplica-se a:

- a) *Vidas secas* e *Fogo morto*.
b) *Macunaíma* e *A hora da estrela*.
c) *A hora da estrela* e *Serafim ponte grande*.
d) *Fogo morto* e *Serafim ponte grande*.
e) *Vidas secas* e *Macunaíma*.

A letra (A) é a única alternativa que apresenta dois romances típicos da geração de 1930, obras representativas do regionalismo brasileiro da segunda geração modernista que retratam o Nordeste do país a partir de uma visão crítica e com objetivo de denúncia.

5. UERR-RO

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 20.

O texto é um trecho do romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, autor que se enquadra na escrita modernista da geração de 30. O roteiro de sua escrita norteou-se pela rejeição do contato do homem com a natureza, abordando com excelência e indignação o conflito entre a existência do ser e o que a sociedade apresentava para o homem.

Analisando o texto, que trata da descrição de personagem do romance *Vidas secas*, assinale o item que melhor analisa sua caracterização através da relação com o meio.

- a) O que está em foco nessa descrição é a incredulidade da personagem em relação aos níveis sociais de existência.
- b) Na descrição, é expressa a distância do personagem da estrutura familiar, pois não assume a posição paterna comum à sociedade da época.
- c) É fixada a tensão social como mola propulsora do comportamento do personagem.
- d) São acentuados os recursos linguísticos para abordar a humanização do personagem.
- e) O que se percebe é a desumanização do homem no sentido de reduzi-lo a condição semelhante do animal.

Ao afirmar que a linguagem usada pelo personagem era entendida pelo cavalo, chamado no trecho de “companheiro”, evidencia-se uma aproximação do homem com o animal, em termos da condição da existência desse homem desumanizado.

6. Enem

C6-H18

Carta ao Tom 74

Rua Nascimento Silva, cento e sete

Você ensinando pra Elizete

As canções de canção do amor demais

Lembra que tempo feliz

Ah, que saudade,

Ipanema era só felicidade

Era como se o amor doesse em paz

Nossa famosa garota nem sabia

A que ponto a cidade turvaria

Esse Rio de amor que se perdeu

Mesmo a tristeza da gente era mais bela

E além disso se via da janela

Um cantinho de céu e o Redentor

É, meu amigo, só resta uma certeza,

É preciso acabar com essa tristeza

É preciso inventar de novo o amor

MORAES, Vinicius.; TOQUINHO. *Bossa Nova, sua história, sua gente*. São Paulo: Universal/Philips, 1975.

O trecho da canção de Toquinho e Vinicius de Moraes apresenta marcas do gênero textual carta, possibilitando que o eu poético e o interlocutor:

- a) compartilhem uma visão realista sobre o amor em sintonia com o meio urbano.
- b) troquem notícias em tom nostálgico sobre as mudanças ocorridas na cidade.
- c) façam confidências, uma vez que não se encontram mais no Rio de Janeiro.
- d) tratem pragmaticamente sobre os destinos do amor e da vida cidadã.
- e) aceitem as transformações ocorridas em pontos turísticos específicos.

O gênero carta permite, nesse texto, que o eu lírico informe ao amigo sobre as mudanças do Rio de Janeiro, como mostra os versos “Nossa famosa garota nem sabia/a que ponto a cidade turvaria/esse Rio de amor que se perdeu”; o Rio de Janeiro e a melancolia amorosa são temas frequentes na poesia de Vinicius de Moraes.

Competência de área 6 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H18 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFSCar-SP

Reinvenção

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas ...

Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo ... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida
a vida só é possível
reinventada. [...]

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991.

Podemos dizer que, nesse trecho de um poema de Cecília Meireles, encontramos traços de seu estilo

- a) sempre marcado pelo momento histórico.
- b) ligado ao vanguardismo da geração de 22.
- c) inspirado em temas genuinamente brasileiros.
- d) vinculado à estética simbolista.
- e) de caráter épico, com inspiração camoniana.

8. UFPR – Sobre o livro *O romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, considere as afirmativas a seguir

- I. Os documentos históricos ligados a posteridade não esclarecem de fato certos episódios relacionados à Inconfidência Mineira. Em face dessa situação, Cecília Meireles optou por apresentar os acontecimentos e as personagens a partir de uma perspectiva lírica que prescinde de nitidez e definição.
- II. O poema contém partes de elaboração clássica, metrificadas em versos longos, e outras, mais próximas das composições populares, em versos curtos.
- III. Além das personagens diretamente envolvidas no movimento sedicioso do título, o poema também trata de outras, como Chica da Silva, que, embora não estejam diretamente envolvidas, ajudam a compor o ambiente histórico do texto.
- IV. Tiradentes, o alferes que a história transformou em herói, é apresentado na obra como indivíduo ambíguo e de moral discutível, numa clara contraposição literária à imagem apresentada pelos historiadores mais conservadores.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

Leia os excertos a seguir para responder às questões 9 e 10.

Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem-vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 82.

Sinhá Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano,

amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniça. Falou no passado, confundiu-se com o futuro. Não poderiam voltar a ser o que já tinham sido?

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 120.

9. Unicamp-SP – O contraste entre as preciosidades dos altares da igreja e das prateleiras das lojas, no primeiro excerto, e as árvores transformadas em garranchos, no segundo, caracteriza o conflito que perpassa toda a narrativa de *Vidas secas*. Em que consiste esse conflito?

10. Unicamp-SP – No primeiro excerto, encontra-se posta uma questão recorrente em *Vidas secas*: a relação entre linguagem e mundo. Explique em que consiste esta relação na passagem mencionada.

11. Unicamp-SP – Leia o texto.

Democracia

Punhos de rede embalarão o meu canto
para adoçar o meu país, ó Whitman.
Jenipapo coloriu o meu corpo contra os maus olhados,
catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes,
carumã me alimentou quando eu era criança,
Mãe-negra me contou histórias de bicho,
moleque me ensinou safadezas,
massoca, tapioca, pipoca, tudo comi,
bebi cachaça com caju para limpar-me,
tive maleita, catapora e ínguas,
bicho-de-pé, saudade, poesia;
fiquei aluado, mal-assombrado, tocando maracá,
dizendo coisas, brincando com as crioulas,
vendo espíritos, abusões, mães-d'água,
conversando com os malucos, conversando sozinho,
emprenhando tudo que encontrava,
abraçando as cobras pelos matos,
me misturando, me sumindo, me acabando,
para salvar a minha alma benzida
e meu corpo pintado de urucu,
tatuado de cruces, de corações, de mãos-ligadas,
de nomes de amor em todas as línguas de branco, de mouro ou de pagão.

LIMA, Jorge de. *Poesias completas*. v. I. Rio de Janeiro/Brasília: J. Aguilar/INL, 1974. p. 160, 164-165.

Na “Nota preliminar” escrita para a primeira edição do livro *Poemas negros*, de Jorge de Lima, o antropólogo Gilberto Freyre afirma que, graças à “interpretação de culturas, entre nós tão livre,” e graças ao “cruzamento de raças”, “o Brasil vai-se adoçando numa das comunidades mais genuinamente democráticas e cristãs do nosso tempo.”

a) A ideia de “adoçamento” social está presente tanto no poema de Jorge de Lima quanto no texto de Gilberto Freyre. Aponte dois episódios da formação do poeta, referidos no poema, que exemplificam essa interpretação. Justifique sua escolha.

b) Considerando elementos da composição do poema, explique de que maneira a ideia de “democracia”, presente no título, manifesta-se no texto.

12. Fuvest-SP

Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d’África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrera negro, morrera pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:

Ele é mesmo nosso pai

e é quem pode nos ajudar...

Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:

Ora, adeus, ó meus filhinhos,

Qu’eu vou e torno a vortá...

E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

***lazareto**: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas por determinadas doenças.

Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:

- I.** Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.
- II.** Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada, o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.
- III.** Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em:

- a)** I, somente.
- b)** II, somente.
- c)** I e II, somente.
- d)** II e III, somente.
- e)** I, II e III.

13. Enem

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.

Principalmente nasci em Itabira.

C5-H16

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,

é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.

Hoje sou funcionário público.

Itabira é apenas uma fotografia na parede.

Mas como dói!

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

Carlos Drummond de Andrade é um dos expoentes do movimento modernista brasileiro. Com seus poemas, penetrou fundo na alma do Brasil e trabalhou poeticamente as inquietudes e os dilemas humanos. Sua poesia é feita de uma relação tensa entre o universal e o particular, como se percebe claramente na construção do poema “Confidência do Itabirano”. Tendo em vista os procedimentos de construção do texto literário e as concepções artísticas modernistas, conclui-se que o poema acima

- a)** representa a fase heroica do modernismo, devido ao tom contestatório e à utilização de expressões e usos linguísticos típicos da oralidade.
- b)** apresenta uma característica importante do gênero lírico, que é a apresentação objetiva de fatos e dados históricos.
- c)** evidencia uma tensão histórica entre o “eu” e a sua comunidade, por intermédio de imagens que representam a forma como a sociedade e o mundo colaboram para a constituição do indivíduo.
- d)** critica, por meio de um discurso irônico, a posição de inutilidade do poeta e da poesia em comparação com as prendas resgatadas de Itabira.
- e)** apresenta influências românticas, uma vez que trata da individualidade, da saudade da infância e do amor pela terra natal, por meio de recursos retóricos pomposos.

14. Enem

C5-H16

A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho, portanto, um pouco de religião, embora

julgue que, em parte, ela é dispensável a um homem. Mas mulher sem religião é horrível.

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. "Palestras amenas e variadas." Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1981. p. 131.

Uma das características da prosa de Graciliano Ramos é ser bastante direta e enxuta. No romance *São Bernardo*, o autor faz a análise psicológica de personagens e expõe desigualdades sociais com base na relação entre patrão e empregado, além da relação conjugal. Nesse sentido, o texto revela

- um narrador-personagem que coloca no mesmo plano Deus e o diabo e defende o livre-arbítrio feminino no tocante à religião.
- um narrador onisciente que não participa da história, conhecedor profundo do caráter machista de Paulo Honório e da sua ideologia política.
- uma narração em terceira pessoa que explora o aspecto objetivo e claro da linguagem para associar o espaço interno do personagem ao espaço externo.
- um discurso em primeira pessoa que transmite o caráter ambíguo da religiosidade do personagem e sua convicção acerca da relação que a mulher deve ter com a religião.
- um narrador alheio às questões socioculturais e econômicas da sociedade capitalista e que defende a divisão dos bens e o trabalho coletivo como modo de organização social e política.

15. UFPE

Pus meu sonho num navio
e o navio em cima do mar
– depois abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1991.

Os versos citados fazem parte da poética de Cecília Meireles. Dessa autora, é incorreto dizer que:

- conservou os laços com o Simbolismo, o que se evidencia na sua visão de mundo, na sua linguagem e na sua estética.
- revelou predileção por imagens a partir da música, da água, do ar, do mar, do vento, do espaço.
- foi hábil na utilização de versos curtos, de grande musicalidade e apurada seleção vocabular.
- como uma de suas opções poéticas, sobressai a evasão pelo sonho.
- manteve uma atitude constante de distanciamento do tema em sua poesia lírica.

16. UFPE

O romance regional de 30 constituiu a Segunda Fase do Modernismo Brasileiro. Estabeleça a relação entre dois dos principais autores e as características de suas obras.

- Graciliano Ramos
- José Lins do Rego

() Como romancista, suas obras mais marcantes estão reunidas no ciclo da cana-de-açúcar, quando

escreveu sobre a vida nos engenhos de açúcar do Nordeste.

() Entre suas obras principais, estão *São Bernardo*, *Vidas secas* e o autobiográfico *Memórias do cárcere*. Escreve sobre o universo rural nordestino, sem qualquer traço de nostalgia.

() Em seus romances, o psicológico e o social se interrelacionam de forma tão contínua que é difícil estabelecer separações.

() Partindo de experiências autobiográficas, escreveu romances em que o memorialismo predominava sobre a pura ficção. Escreveu *Fogo morto*, sua obra-prima.

A sequência correta é:

- 1, 2, 1 e 2
- 2, 1, 2 e 1
- 1, 2, 2 e 1
- 2, 1, 1 e 2
- 1, 1, 2 e 2

17. Vunesp – Leia o texto.

Incidente em Antares

Fez-se um novo silêncio. De fora vinham vozes humanas. De vez em quando se ouvia o zumbido do elevador do hospital. Tombou uma pétala de uma das rosas. Quitéria soltou um suspiro. Zózimo agora parecia adormecido. Tibério pensou em Cleo com uma saudade tátil.

– Neste quarto, Tibé – disse Quitéria – dentro destas quatro paredes o Zózimo e eu temos falado em assuntos em que nunca tínhamos tocado antes. Nossa morte, por exemplo...

– Pois não lhes gabo o gosto – resmungou Tibério.

– Tibé, tens fama de valente. Vives contando bravatas, proezas em revoluções e duelos... patacoadas! No entanto tens medo de pensar na tua morte, tens horror a encarar a realidade. – Tirou os óculos, limpou-lhes as lentes com um lençinho, e depois prosseguiu: – Que esperas mais da vida? Os nossos filhos estão criados, não precisam mais de nós. Mais que isso: não querem saber de nós, de nossas ideias, de nossas manias, de nossa maneira de pensar e viver. Acho que todo homem vê sua cara todas as manhãs no espelho, na hora de se barbear. Que é que o espelho diz? Diz que o tempo passa sem parar. E que essas manchas que a gente tem no rosto (tu, eu, o Zózimo, todos os que chegam à nossa idade), essas manchas pardas são bilhetinhos que a Magra escreve na nossa pele. Eu leio todos os dias esses recados, mas tu, Tibé, tu és analfabeto ou então te fazes de desentendido.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. p. 104.

Um dos fatos mais terríveis para os seres humanos é a morte, que por essa razão se torna tema dominante nas artes de todos os tempos. Nas religiões, o tema da morte é também constante, pela busca de uma solução para o problema, por meio da afirmação da existência da alma e de divindades que acolheriam as almas após a morte do corpo. Partindo desse comentário, releia atentamente o fragmento de *Incidente em Antares* e estabeleça, interpretando o que diz Quitéria, a diferença entre o modo como ela considera a morte e o modo como, na opinião da própria Quitéria, Tibério reage à ideia da morte.

18. Enem**C5-H16****Cântico VI**

Tu tens um medo de
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno.

MEIRELES, Cecília. *Antologia poética*.
Rio de Janeiro: Record, 1963.

A poesia de Cecília Meireles revela concepções sobre o homem em seu aspecto existencial. Em "Cântico VI", o eu lírico exorta seu interlocutor a perceber, como inerente à condição humana,

- a) a sublimação espiritual graças ao poder de se emocionar.
- b) o desalento irremediável em face do cotidiano repetitivo.
- c) o questionamento cético sobre o rumo das atitudes humanas.
- d) a vontade inconsciente de perpetuar-se em estado adolescente.
- e) um receio ancestral de confrontar a imprevisibilidade das coisas.

19. Enem**C5-H17**

Ai, palavras, ai, palavras
que estranha potência a vossa!
Todo o sentido da vida
principia a vossa porta:
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria, derrota...
A liberdade das almas,
ai! Com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil, frágil, como o vidro
e mais que o aço poderosa!

Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

O fragmento destacado foi transcrito do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Centralizada no episódio histórico da Inconfidência Mineira, a obra, no entanto, elabora uma reflexão mais ampla sobre a seguinte relação entre o homem e a linguagem:

- a) A força e a resistência humanas superam os danos provocados pelo poder corrosivo das palavras.
- b) As relações humanas, em suas múltiplas esferas, têm seu equilíbrio vinculado ao significado das palavras.
- c) O significado dos nomes não expressa de forma justa e completa a grandeza da luta do homem pela vida.
- d) Renovando o significado das palavras, o tempo permite às gerações perpetuar seus valores e suas crenças.
- e) Como produto da criatividade humana, a linguagem tem seu alcance limitado pelas intenções e gestos.

20. Enem**C5-H17**

Érico Veríssimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

Lembro-me de que certa noite, eu teria uns quatorze anos, quando muito, encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam carneado. [...] Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? [...]

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tenho-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. Tomo I. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

Nesse texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Érico Veríssimo define como uma das funções do escritor e, por extensão, da literatura,

- a) criar a fantasia.
- b) permitir o sonho.
- c) denunciar o real.
- d) criar o belo.
- e) fugir da náusea.

EXERCÍCIOS INTERDISCIPLINARES

21. UEPG-PR

Já não me convém o título de homem.

Meu nome novo é coisa.

Eu sou a coisa, *coisamente*.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A palavra mágica*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Em relação ao texto e o termo ali destacado, assinale o que for correto.

- 01) *Coisamente*, assim como a palavra a partir da qual se origina é um substantivo.
- 02) Pode-se considerar aceitável para o contexto que ser *coisa* é menos particular que ser *homem*.
- 04) O uso do sufixo *-mente* junto à *coisa* forma um advérbio, embora esse processo seja típico com adjetivos e não com substantivos como *coisa*.
- 08) Após derivar de um substantivo, *coisamente* figura em uma nova classe gramatical.

22. UnB-DF

Porque há o direito ao grito.

Então eu grito.

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás — descobri eu agora — eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?

Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem. Agora me lembrei de que houve um tempo em que para me esquentar o espírito eu rezava: o movimento é espírito. A reza era um meio de mudamente e escondido de todos atingir-me a mim mesmo. Quando rezava, conseguia um oco de alma-e esse oco é o tudo que posso eu jamais ter. Mais do que isso, nada. Mas o vazio tem o valor e a semelhança do pleno. Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu — a meu mistério.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.13-4.

Tendo como referência o fragmento acima, da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, julgue os itens a seguir.

- 01) Conforme é possível perceber em diversos trechos do fragmento apresentado, a ironia é forte marca da escrita de Clarice Lispector.

02) Nos trechos “Esse quem será que existe?” e “esse oco é o tudo que posso eu jamais ter”, Clarice Lispector valeu-se do mesmo processo de formação de palavras nas expressões “Esse quem” e “o tudo”.

03) Nos romances de Clarice Lispector, a linguagem, conforme evidenciado no fragmento acima, é predominantemente objetiva, uma vez que a autora deseja aproximar o jornalismo da literatura.

04) Uma das funções da linguagem empregada no texto é a função poética, uma vez que o narrador trata, entre as linhas 6 e 9, do próprio ofício de escrever.

05) Depreende-se do texto que o narrador escolhe contar a história da moça nordestina porque com ela ocorreram fatos extraordinários, totalmente inco-muns na vida de pessoas como ela.

23. UnB-DF

Texto I

Dois e dois são quatro

Como dois e dois são quatro

Sei que a vida vale a pena

Embora o pão seja caro

E a liberdade, pequena

Como teus olhos são claros

E a tua pele, morena

Como é azul o oceano

E a lagoa, serena

Como um tempo de alegria

Por trás do terror me acena

E a noite carrega o dia

No seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro

sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro

e a liberdade, pequena.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

Texto II

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda.

Mas invento palavras

Que traduzem a ternura mais funda

E mais cotidiana.

Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.

Intransitivo:

Teadoro, Teodora

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Considerando os aspectos estruturais e os sentidos produzidos nos poemas acima, julgue os itens que se seguem.

01) Nos versos 4, 6 e 8 do poema I, o emprego da vírgula sinaliza a elipse do verbo de ligação.

02) As imagens poéticas e os recursos retóricos usados no poema I demonstram que o eu lírico não

tem esperança de transformação das condições em que vive.

- 03)** No poema II, o poeta cria um neologismo para expressar seu sentimento e, valendo-se da liberdade poética e da ironia, classifica como intransitivo o verbo criado, que, de fato, é seguido do complemento “Teodora”.
- 04)** O poema II pode ser considerado um exemplo da estética modernista brasileira porque apresenta as seguintes características: expressão de ideias de

forma sintética; subversão da concepção tradicional de lírica amorosa; linguagem simples, cotidiana.

- 05)** A natureza da relação sintética entre as orações dos versos de 1 a 4 do poema II permite a seguinte generalização: o eu lírico julga que as palavras manifestam mais ternura que os atos amorosos, como beijar, por exemplo.
- 06)** O poema I é construído em métrica regular de sete sílabas, conhecida como redondilha maior, muito popular na produção poética em língua portuguesa.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

GRAMÁTICA



APRESENTAÇÃO

GRAMÁTICA

As mudanças nos principais processos de seleção e no Enem têm mostrado que a preparação para o ingresso na universidade exige muito mais do que um bom material didático. Além de dominar competências trabalhadas no ensino médio, os alunos precisam conhecer a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver habilidades para obter autonomia e entender criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para o prosseguimento do estudo em nível superior. Os exames seletivos de muitas universidades do país avaliam também a associação entre competências e habilidades de diferentes áreas de conhecimento, a fim de confirmar se os candidatos as desenvolveram. Por isso, os estudantes que concluíram ou que estão em vias de concluir o ensino médio devem ser capazes de dominar linguagens, construir argumentações e elaborar respostas aos diversos questionamentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), orientadoras das avaliações do Enem, o encaminhamento pedagógico e metodológico para esse segmento deve envolver temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

Pensando nisso, foi elaborada esta coleção integrada para pré-vestibular extensivo e terceiro, abrangendo as áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças. O material contempla assim todos os conteúdos exigidos nos concursos vestibulares de todo o país e no Enem, enriquecidos com variada coletânea de questões, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo, com indicação das respectivas competências e habilidades da Matriz de Referência do Enem. Com propostas metodológicas de ensino voltadas à preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, a coleção abrange todos os conteúdos do ensino médio, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios que facilitam a aprendizagem. Os alunos também se deparam com organização e sistematização teóricas seguidas de exercícios em níveis gradativos de dificuldade, o que facilita a fixação dos conceitos e o desenvolvimento de habilidades específicas associadas ao conteúdo trabalhado. Como apoio ao professor, em cada módulo as questões do material estão resolvidas, com sugestões de leitura e de outros recursos de aprofundamento dos conteúdos.

CONTEÚDO

GRAMÁTICA

Volume	Módulo	Conteúdo
3	33	Orações reduzidas
	34	Tópicos de ortografia I
	35	Concordância nominal
	36	Concordância verbal
	37	Regência nominal
	38	Regência verbal
	39	Crase
	40	Tópicos de ortografia II
	41	Acentuação
	42	Pontuação
	43	Figuras de linguagem
	44	Vícios de linguagem

33 ORAÇÕES REDUZIDAS

Comentários sobre o módulo

O correto emprego e análise das orações reduzidas e desenvolvidas é um importante fator para produção de frases com clareza e coerência. Compreender sua aplicação dentro das orações subordinadas permite maior desenvoltura na criação de textos, evitando repetições de conjunções, principalmente a integrante “que”.

Para ir além

AMBAR, Manuela. Infinitives vs. Participles. In: TRENINHO & LEMA (eds). *Semantic issues in Romance Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 1999, p.1- 20.

ARSÊNIO, Maraisa Magalhães. *Gerúndio e Participio: estratégia em adjunção*. XXI Encontro Nacional da APL. Porto, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza. *O gerúndio no Português*. Estudo Histórico-Descritivo. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

DIAS, Nilza Barrozo; REIS, Andreia Rezende Garcia. As cláusulas relativas reduzidas de gerúndio no português escrito e falado do Brasil. *Veredas – Rev. Est. Ling., Juiz de Fora*, v.8, n.1 e n.2, p.121-135, jan./dez. 2004.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2007.

LEAL, António José Rodrigues. *O Valor temporal das Orações Gerundivas em Português*. Diss. Mestrado. Univ. Porto, 2001.

LOBO, Maria. Aspectos da Sintaxe das Orações Gerundivas Adjuntas do Português. *Actas do XVII Encontro Nacional da APL* (Lisboa, Outubro 2001). Lisboa, 2002, p. 247-265.

MÓIA, Telmo; VIOTTI, Evani de Carvalho. Para uma tipologia semântica das orações adverbiais gerundivas. *Actas do XX Encontro Nacional da APL* (Lisboa, Out. 2004), Lisboa, 2005.

Exercícios propostos

7. A

A oração em negrito tem o valor sintático de uma adjetiva restritiva em sua forma desenvolvida, pois complementa e restringe a boa notícia para um determinado tipo de público: os fãs de nataçã, vôlei de praia etc.

8. C

A única alternativa que desenvolve adequadamente as duas orações reduzidas de gerúndio é a

C, que as transforma em orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.

9. A

A oração “que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.” possui a função de adjunto adnominal do substantivo “detentos”; designando uma explicação acerca desse grupo. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada substantiva adjetiva explicativa desenvolvida.

10. C

No período “Ninguém sabe como ela aceitará a proposta”; a oração grifada é subordinada substantiva desenvolvida objetiva direta, pois é iniciada por conjunção integrante, desempenhando função de objeto direto relativamente à oração principal.

11. D

As orações subordinadas adjetivas explicativas reduzidas de gerúndio (“ferindo as almas, sob a aparência balsâmica, / queimando as almas, fogo celeste, ao visitá-las”) não estão incompletas, uma vez que se referem à oração principal (“é tua poesia”). Consequentemente, não há ausência de correlação sintática.

12. D

Ao retomar o período anterior ao trecho destacado (“Nelas, as forças navais podem se valer das características geográficas locais”), percebe-se que a oração é empregada para iniciar um exemplo relativo à situação apresentada; é possível reescrever a frase em sua forma desenvolvida da seguinte forma: (“Nelas, as forças navais podem se valer das características geográficas locais, a exemplo do que fez o comandante naval grego Temístocles”).

13. E

Uma vez que a oração principal (“O navio (...) tem a capacidade”) apresenta um substantivo abstrato (capacidade), cujo sentido requer complemento; tal função é desempenhada pela oração “de conduzir homens e armas até o cenário da guerra”.

14. E

A oração subordinada adjetiva “que se alimentam de carne” só pode ser desenvolvida restritiva, já que, além de não estar isolada por vírgulas, é iniciada pelo pronome relativo “que” e restringe a categoria dos animais: “somente os que comem carne é que são chamados de carnívoros”.

15. B

O sujeito de “abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual” é “a população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra”

Ao desenvolvê-la, tem-se: a população aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, a qual abre a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual..

16. E

No contexto original, ambos os verbos estão conjugados no gerúndio, tal ocorrência é simultânea.

17. C

A oração reduzida do gerúndio (**consistindo, sobretudo, em cério**) é subordinada adjetiva explicativa. Ela se refere ao sujeito da oração principal (**Esse “misch metal...”**), e desenvolvida assumiria a seguinte forma: **que consistia, sobretudo, em cério**.

Estudo para o Enem

18. B

A oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio, “passando de carro”, pode ser desenvolvida em “quando passa de carro” ou “enquanto passa de carro” ficando assim claro o seu sentido temporal. A outra oração reduzida de gerúndio, “achando que o ponto está liberado para vazadouro”, tem o seu sentido causal evidente se desenvolvida (“porque achou”) – ou mesmo transformada em reduzida de infinitivo (“por achar”).

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. E

A oração reduzida tem valor concessivo e a oração desenvolvida, de causa. O correto seria: “Embora tivesse tantos amigos, não achou quem o apoiasse”. As demais alternativas apresentam orações desenvolvidas com problemas de reformulação, principalmente na conjugação dos tempos verbais.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. B

O período destacado pelo enunciado é uma oração subordinada adjetiva causal reduzida de Infinitivo; a mesma relação de sentido está presente nas alternativas A, C, D e E; na elaboração proposta na alternativa B, o sentido foi alterado para relação de dependência.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

34 TÓPICOS DE ORTOGRAFIA I

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, discutimos a diferença entre ortoépia e prosódia, além de apresentar as principais regras de uso de J e G; do H; X e CH e S e Z.

Para ir além

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

Audioteca

VELOSO, Caetano. Língua. In: *Velô*. Rio de Janeiro: PolyGram / Philips, 1984

Nesta canção o compositor brinca com as possibilidades de prosódias da língua portuguesa.

Exercícios propostos

7. C

Em A: a grafia correta seria “perda”;

Em B: o plural de chapéu é chapéus;

Em D: a palavra enxergar se escreve com “x” e não com “ch”;

Em E: o plural de cidadão é cidadãos; a grafia correta é privilégio e não “previlégio”.

8. C

A palavra “funil” é a única entre as opções que não admite dupla pronúncia de acordo com a norma culta, portanto é incorreto sua grafia com acento agudo na primeira sílaba.

9. E

A grafia correta das palavras é: ignóbil; extinção; desestabilize.

10. C

O fonema (som) “zê” é representado por três letras diferentes na alternativa C: na palavra “presídio”, é representado pela letra “s”; na palavra “lazer”, pela letra “z”; já em execução, é representado pela letra “x”.

11. A

A alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas é a A.

12. D

A grafia correta dos substantivos da frase é: “aborígine”, “displícência” e “maré”. “Baixasse” é a

forma conjugada do verbo “baixar” na 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo, assim, está correta a terminação “asse”.

13. E

As palavras selecionadas são grafadas das seguintes maneiras: tez, florescente e recintos.

14. C

[A] Incorreta. A grafia correta seria: Ler um livro deveria ser uma conversa entre você e o autor, presumidamente. Ele sabe mais sobre o tema do que você.... Caso contrário você, provavelmente, não deveria se importar com o livro dele. Mas compreensão é uma estrada de mão dupla; o aprendiz tem que se questionar e questionar o professor, uma vez que ele entende o que o professor está dizendo. Marcar um livro é literalmente uma expressão de suas diferenças ou concordâncias com o autor. É o respeito mais alto que você pode prestar-lhe.

[B] Incorreta. A grafia correta seria: Qualquer coisa que você aprende se torna sua riqueza, uma riqueza que não pode ser tomada de você. Seja em um prédio chamado escola ou na escola da vida, aprender algo novo é um prazer sem fim e um tesouro valioso. E nem todas as coisas que você aprende são ensinadas a você, mas muitas coisas que aprende, você percebe ter ensinado a si mesmo.

[D] Incorreta. A grafia correta seria: Faça sua própria bíblia, selecione e colete todas as palavras e sentenças que, em toda sua leitura, tiveram um impacto tão grande quanto a explosão de uma trombeta de Shakespeare.

[E] Incorreta. A grafia correta seria: Eu leio um livro muito cuidadosamente, escrevendo, nas margens, tudo quanto é tipo de nota. Depois de algumas semanas, eu volto ao livro, transfiro meus rabiscos em cartões de nota, com cada cartão representando um tema importante no livro.

15. C

Apenas em C, os vocábulos “emigrado”, “encaçarem” e “exceções” obedecem ao padrão ortográfico da língua portuguesa.

16. C

As demais estariam de acordo com a norma-padrão se fossem assim reescritas:

a) Terminei minha pós-graduação há cerca de dez anos.

b) Nunca me entendi com meu padrasto.

d) Ao ouvir a sirene, o meliante ficou paralisado de medo.

e) Toda regra tem sua exceção.

17. E

É um caso de etimologia das palavras bastante curioso esse. Apesar de pertencerem ao mesmo grupo semântico (de significado), ao que tudo indica, os linguistas apontam que o verbo *estender* é de origem mais antiga, em Portugal do século XIII, em tempos de pouca observância das regras ortográficas. Já o substantivo *extensão* é mais recente, datando do século XVIII e oriundo das academias literárias, que o relacionaram à sua raiz etimológica latina *extensionis*.

Estudo para o Enem

18. D

No texto de Arnaldo Antunes, a escrita e a caligrafia possuem uma relação análoga à fala e à voz, pois as marcas ontológicas da voz, no discurso falado, podem ser comparadas aos sinais gráficos do texto escrito. A voz e a caligrafia, portanto, expressam a singularidade do ser.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. B

Segundo a norma culta, o verbo “coisar” é formado por processo de derivação sufixal do substantivo “coisa”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. E

A única alternativa que contempla todos os requisitos da norma culta é a estrofe de Henriqueta Lisboa, na alternativa E, uma vez que:

Na alternativa A: ocorrem abreviaturas próprias à linguagem empregada nos meios virtuais;

Na alternativa B: há gírias, como “bicho” e “cair fora”, e expressões de cunho popular, como “tá louco”;

Na alternativa C: “tudo está na cara” é uma expressão popular correspondente a algo explícito;

Na alternativa D: além de desvios relacionados à Ortografia, como “deus” e “mi”, o uso da pontuação não seguiu a norma culta.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

35 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Comentários sobre o módulo

É de fundamental importância o conhecimento das regras que norteiam a concordância nominal para a construção de textos claros e coerentes. Dessa forma, é necessário conhecer não apenas a regra geral de concordância entre substantivo (nome) e os termos que com ele se relacionam, como também identificar os casos especiais, para os quais há regras específicas.

Para ir além

BRAGA, Maria Luiza. *A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica.

_____.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *Encontro Nacional de Linguística*, 1, 1976. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 1976. p. 464-477.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Maria Clara Alvares Correia. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Brasília, 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, Mary e Ian Roberts (Eds.). *Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora de Campinas, 1993.

PINHEIRO, Lúcia Maria. A Concordância Nominal no Português do Brasil à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Sociolinguística Variacionista. *DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 10, n.N Especial, p. 173-212, 1994.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Rio de Janeiro, 1978. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 1988a. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Relação entre classe gramatical e posição na concordância nominal em português. *Seminário de Linguística do Gel*, 33, 1987. *Anais ...* Campinas, IEL-UNICAMP, 1988b. p.364-373.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, v.18, n. 5, p. 52-70, 1991.

_____. Sobre a leitura dos dados linguísticos. In: Antonio Carlos. (Ed.) *Letra. A crise da leitura*, v. 4, p. 125-136, 1993.

_____. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua*

Portuguesa (R1LP). Norma e Variação do Português, v.12, p. 37-49, 1994.

_____. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (No prelo).

Exercícios propostos

7. E

Nas demais alternativas, a concordância correta seria:

a) A palavra “bastante” é adjetivo (poderia ser substituída por “suficiente” e sofrer flexão de número. Para garantir concordância nominal, a frase também poderia ser reescrita assim: Tens recurso bastante para as obras?

b) O correto seria: “Nesta escola, formam-se alunos mais bem preparados”.

c) “Nas ocasiões difíceis, é que sobressai o verdadeiro líder.” A conjunção “onde” deve ser utilizada apenas para indicar lugar. A vírgula depois de “difíceis” é necessária em razão do adjunto adverbial anteposto.

d) “O homem foi mais bem atendido do que esperava.

A expressão “mais bem” deve ser empregada sempre antes do verbo no participio, não depois.

8. D

Está totalmente de acordo com as normas da língua escrita padrão, relativos à estrutura sintática (regência, concordância e colocação/ordem dos sintagmas). Também não há erros de flexão, de acentuação gráfica, ortografia, crase ou pontuação.

9. E

O período “Ali ainda era possível olhar pela janela a chuva fininha caindo nas ruas de Minas, a tropa de burros transportando carvão, a cara do carvoeiro manchada de negro nas bochechas” não apresenta desvios de concordância nominal. Na estrutura linguística em destaque, o adjetivo “manchada” concorda com o substantivo “cara”.

10. E

Conforme a gramática normativa, a concordância nominal pode se dar com o elemento mais

próximo ou com todos os termos relacionados e, caso haja diferença de gênero, prevalece o gênero masculino no plural.

11. E

Nessa frase, “Só” e “meio” não são adjetivos, mas advérbios, permanecendo invariáveis.

12. B

“Havia naquele cemitério uma sepultura em torno da qual a imaginação popular tecera lendas. Ficava ao lado da capela, perto dos grandes jazigos, e consistia numa lápide cinzenta, com a inscrição já meio apagada por baixo duma cruz em alto-relevo.

[...] Os críticos não negavam mérito a seus romances, mas afirmavam que em suas histórias faltava o cheiro do suor humano e da terra: achavam que, quanto à forma, eram tecnicamente bem escritas; quanto ao conteúdo, porém [...]”

13. C

A palavra “bastante”, dependendo do contexto, pode pertencer a três classes gramaticais diferentes: pode ser adjetivo, pronome ou advérbio. Nos dois primeiros casos, ela varia em número. Quando é advérbio, no entanto, é invariável, e não pode, portanto, ser flexionada no plural.

Na alternativa A, “bastante” é um advérbio, invariável, então está incorreto seu uso no plural; na alternativa B e D, respectivamente, é empregada como adjetivo e pronome indefinido, devendo ser flexionada no plural; na alternativa E é advérbio, por isso é equivocado o uso no plural. A única alternativa correta é a C, em que “bastante” é um adjetivo e está no plural.

14. B

A única palavra que admite artigo feminino, mantendo a concordância nominal, é *a cal*, porque a palavra *cal* é um substantivo feminino. Dizer *o cal* está errado. Devemos utilizar a palavra *cal* sempre que quisermos nos referir a uma substância branca de origem calcária, muito usada na construção civil, na cerâmica e em diversas indústrias.

15. E

Se fossem feitas as substituições solicitadas, o período deveria ser reescrito da seguinte forma para garantir a concordância dos elementos: “Faço-lhe uma pergunta e noto a sua avidez em respondê-la, mas logo vejo a inutilidade de prosseguir nesse caminho, a pergunta parece-me formal e a resposta forçada e complacente”. Ou seja, seriam necessárias 5 alterações, conforme a alternativa E.

16. E

[A] Incorreta: o certo seria “Para muitas pessoas, o barulho das ondas do mar ao mesmo tempo fascina e assusta”, concordando os verbos com “barulho”.

[B] Incorreta: o certo seria “Os jovens e os sonhadores costumam escrever seus nomes nas areias da praia, indelevelmente”, pois não pode haver vírgula entre o sujeito e o predicado.

[C] Incorreta: o certo seria: “É extraordinária a alegria e o medo de uma criança, ao se lembrar da primeira vez que viu o mar”, pois adjetivo anteposto concorda com o primeiro substantivo (“alegria”).

[D] Incorreta: o certo seria: “As pessoas urbanas e apressadas não veem nada demais nas paisagens marítimas”, pois não se trata do verbo “vir”, e sim “ver”.

17. A

A inclusão de “sic” no texto divulgado na *Folha de S. Paulo* remete a responsabilidade da falha gramatical à autora da nota divulgada no *site* do Ministério da Cultura e isenta o jornalista que reportou a notícia. Assim, o motivo do “sic” é apontar uma falha de concordância nominal, já que o adjetivo “claro” deveria estar no feminino para concordar com o substantivo “necessidade”, como se afirma na alternativa A.

Estudo para o Enem

18. B

Apenas na opção 3) ocorre explicação do trecho com manutenção da correção gramatical, uma vez que na opção 1) o objeto indireto está separado do verbo por vírgulas; já em 2) não ocorre paralelismo de tempos e modos verbais das formas “pediu-se” e “avisem”; assim como a regência do complemento verbal “a residência” ocorre sem a preposição “a”, exigida pelo verbo “avisar”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. E

As expressões “é considerado” e “é permitido” devem concordar obrigatoriamente com o substantivo a que se referem, quando este for precedido de artigo, caso contrário, são invariáveis. Assim é incorreta a afirmação I, pois o substantivo “atitude” não está acompanhado de artigo, o que obriga ao uso do masculino. Em IV existe erro de análise, pois ambas as frases estão cor-

retas, na medida em que o verbo no infinitivo exige o adjetivo masculino. (“É permitido entrar na área”) e a expressão “é permitida a entrada na área” também é possível, pois a palavra “entrada” está determinada pelo artigo. Da mesma forma, é incorreta a afirmação V, já que a frase “Só são permitidas substituições” deveria ser substituída por “só é permitido substituições” para estar de acordo com as regras da gramática normativa.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20.B

Na alternativa B, a frase “Eu estou meia cansada”; o termo “meia” não deveria concordar com

“cansada”; pois desempenha a função de advérbio, em que significa um tanto, um pouco, e é, portanto, invariável. Ao adequar a frase à norma culta, teríamos: “Eu estou meio cansada.”

Na frase “se divertissem e passassem meia hora rachando o bico”; o termo destacado é um adjetivo, relacionado com o substantivo “hora”. O mesmo acontece em A e E, com o adjetivo concordando com os substantivos “hora” (elíptico) e “palavras”; respectivamente. Em C e D, também são respeitadas as regras de concordância nominal, pois o termo “meio” exerce função de advérbio, relacionado com os adjetivos “caras” e “ríspidas”; portanto, deve permanecer invariável.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS

36 CONCORDÂNCIA VERBAL

Comentários sobre o módulo

Verbo é ação, é movimento, é a língua fazendo-se, criando-se. Por isso, é de importância fundamental compreender as regras da norma culta que norteiam o emprego do verbo, sobretudo na observância de sua relação com o sujeito da oração.

Para ir além

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro. In: *Papia* 22(1), São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: KATO, Mary; ROBERTS, Ian (Eds.). *Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora de Campinas, 1993.

MOURA, Danilo. O caráter variável da regra de concordância verbal no PB. In: *Revista de Letras*, n. 21, vol. 1/2. Ceará: UFC, jan./dez. 1999.

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Belo Horizonte, 1984. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

Exercícios propostos

7. A

Corrigindo as frases das alternativas de acordo com a norma-padrão, teríamos: b) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante; c) Era adicionado às bebidas, como adoçante, o acetato de chumbo; d) e e) Adicionava-se às bebidas, como adoçante, o acetato de chumbo.

8. A

As demais opções não obedecem às regras de concordância verbal, pois em:

b) o verbo “haver” no sentido de *existir*, é impessoal, por isso deve estar na 3ª pessoa do singular.

c) os termos verbais “destinou-se” e “deve chegar” deveriam concordar com seus respectivos sujeitos: “destinaram-se” e “devem chegar a tempo”.

d) o verbo “fazer” deve acompanhar o sujeito no plural “brincadeiras”, assim o correto seria “não se fazem mais brincadeiras”.

Portanto, apenas a alternativa A apresenta verbos que concordam com o sujeito em pessoa e número.

9. B

Na alternativa B, há uma transgressão às normas da concordância verbal. Posto que o verbo da oração “superam” deve concordar com o núcleo

do sujeito “valor”, ele deveria estar no singular “supera”. Assim, o correto seria: “Valor de bens de candidatos à Prefeitura da Capital **supera** o declarado à Justiça Eleitoral”.

10. D

a) forma verbal correta: “deveriam”;

b) forma verbal correta: “são”;

c) forma verbal correta: “são”;

e) forma verbal correta: “será”.

11. E

Apesar de o verbo ficar no singular quando ocorre a estrutura “mais de um”, há concordância do verbo com o pronome “(d)eles”, no plural.

12. E

Neste caso, o verbo “haver” é sinônimo de “acontecer”, e, portanto, impessoal. Assim, não deveria estar no plural.

a) Correta. O verbo “haver” é auxiliar na locução apresentada, logo concorda com o sujeito “traficantes da favela do alemão”.

b) Correta. O verbo “haver”, sinônimo de “recuperar”, concorda com o sujeito desinencial “eles”.

c) Correta. O verbo “haver”, sinônimo de “entrar em acordo”, concorda com o sujeito “que”, retomando “aqueles”.

d) Correta. O verbo “haver”, sinônimo de “desempenhar-se”, concorda com o sujeito “times grandes da Capital”.

13. B

Na alternativa B, ocorre locução verbal de pretérito perfeito do indicativo composto, em que o verbo haver está corretamente flexionado.

Nas demais, as expressões verbais deveriam ser substituídas por:

a) deve haver leis;

c) havia tantas folhas;

d) fazia oito dias;

e) não haverá.

14. B

Está correta porque o verbo “listar” está na voz passiva sintética. Por sua transitividade ser direta,

a concordância com o núcleo do sujeito (“disciplinas”) deve ser respeitada, o que ocorre nessa alternativa.

Nas demais, temos:

a) Incorreta – o núcleo do sujeito da oração (“disposições”) está no plural, portanto a locução verbal deveria concordar com ele. Sua forma correta é “não foram levadas”.

c) Incorreta – o verbo “listar” está na voz passiva sintética. Por sua transitividade ser direta, a concordância com o núcleo do sujeito (“princípios”) deve ser respeitada; sua forma correta é “listam-se”.

d) Incorreta – o núcleo do sujeito da oração (“motivos”) está no plural, portanto, o verbo e o predicativo do sujeito devem concordar com ele. Sua forma correta é “não ficam claros”.

15. A

O sujeito referente das formas verbais “tem”, “demonizar” e “tende” é “senso comum”.

16. B

Quando o verbo “ser” está acompanhado, ao mesmo tempo, por expressões flexionadas no singular e no plural, ele concordará com a expressão no plural. Por esse motivo, no período destacado, o verbo “ser” está conjugado no plural, apesar de o sujeito (“tudo”) se apresentar no singular.

A mesma situação ocorre na alternativa B, em que a concordância se dá no plural (“os desafios”), mesmo que o sujeito esteja no singular.

17. C

Nas demais, temos:

a) Precisa-se de vendedores.

O sujeito é indeterminado, por isso está correta a flexão do verbo no singular (“precisa”), porém “precisar” é verbo transitivo indireto, assim é necessária a preposição “de”.

b) Cercaram-se as cidades.

d) Dominaram-se muitos.

Nos dois casos, alternativas B e D, os verbos estão na voz passiva sintética, assim deve ser feita a concordância com o sujeito: “as cidades” e “muitos”.

e) Aclamou-se a rainha.

O verbo está na voz passiva sintética, assim deve ser feita a concordância com o sujeito “a rainha”.

Estudo para o Enem

18. D

I. Verdadeiro. Mesmo com o verbo conjugado no singular (“alcançou”) e duas expressões igualmente no singular (“o capanga” e “um casal de velhinhos”), a leitura do trecho indica que o sujeito da oração é “o capanga”; uma vez que se refere a uma ação de Jão Fera.

II. Verdadeiro. Em “que seguiam diante dele o mesmo caminho”, o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito, “um casal de velhinhos”.

III. Falso. No trecho “que destinavam eles uns cinquenta mil-réis”, o sujeito é posposto (eles), recurso bastante empregado por José de Alencar; no exemplo citado, pertinente ao registro coloquial da língua, “eles” desempenha função de objeto direto da locução “tem visto”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

Na alternativa A, ocorre concordância entre verbo e sujeito de acordo com o previsto na norma-padrão: “... **surgiram** várias dúvidas”; “... a temática abordada, que **causou**...”; “O enredo e a temática abordada [...] **mostraram**” e “**Vislumbraram-se** vieses...”.

Nas demais, a concordância verbal adequada seria a seguinte:

b) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

c) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

d) Durante a leitura do livro, ficaram várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que cau-

saram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

e) Durante a leitura do livro, houve várias dúvidas. O enredo e a temática abordados, que causaram muita polêmica, mostraram a atualidade da obra. Vislumbraram-se vieses interessantes na construção das personagens.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. A

I. Correta. Mantendo-se a concordância verbal, “revelareis” está conjugado na 2ª pessoa do plural, portanto, “não mais revelareis vossos tesouros intactos”; já “revelarás” está conjugado

na 2ª pessoa do singular, obrigando a alteração do pronome pessoal do caso oblíquo: “não mais revelarás teus tesouros intactos”.

II. Incorreta. Em “quando a aviação avilta a floresta americana antes mesmo de poder destruir-lhe a virgindade”, a substituição do pronome “lhe” por “a sua” leva à leitura ambígua; poderia tratar-se da destruição da virgindade da floresta americana ou da aviação.

III. Incorreta. O termo “respectivos” significa “correspondentes”, o qual não pode ser substituído por “mútuos” (cujo significado é “recíproco”) sem alteração de sentido.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMESTICO

37 REGÊNCIA NOMINAL

Comentários sobre o módulo

O estabelecimento de relações entre nomes (substantivos ou adjetivos) e seus complementos, como preposições e conjunções, é um importante elemento de construção de sentido e coerência na língua falada e escrita.

Percebemos, dessa forma, quanto essas regras já estão assimiladas em nosso cotidiano e são fundamentais para garantir clareza às ideias de um texto.

Para ir além

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CHOMSKY, Noam. *On Binding*. *Linguistic Inquiry*, v. 11, n. 1 (Winter, 1980). Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, p. 1-46.

GÓIS, Carlos. *Sintaxe de regência*. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Gráfica Sauer, 1943.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell, 1994.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo: Ática, 2008.

NASCENTES, Antenor. *O problema da regência: regência integral e viva*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1960.

SIMÕES, Sérgio Lourenço. *Regência nominal e verbal sem segredos*. São Paulo: Uninove, 2009. (Série Palavra final, v. 2)

Exercícios propostos

7. E

A palavra “direito” é regida tanto pela preposição “a” quanto “de”. Assim, quem tem direito tem direito **a** algo ou **de** algo.

8. D

O correto seria “Ele estava propenso **a** substituir o livro pela internet, mas foi convencido pelo professor a perseverar”.

9. D

A construção correta da alternativa, de acordo com a regência nominal seria: *Fizeram críticas meio exageradas ao desempenho **da** política externa*.

10. B

A única proposição em desacordo com a norma culta é a V, pois o termo “prestes” exige a preposição “a”: *A ponte estava prestes **a** desabar*.

11. D

A regência nominal caracteriza-se pela presença de uma preposição exigida pelo nome, conforme

ocorre na alternativa D, em que a preposição “a” (em situação de crase com o artigo “a” na palavra “à”) é exigida pelos substantivos “relação” e “solidariedade”.

12. D

A análise indica que “correspondentes” é um adjetivo relacionado ao substantivo “símbolos”; além disso, sua regência exige o emprego da preposição “a”.

13. B

Os termos em destaque regem as seguintes preposições: conhecido **por** ... ; com a ajuda **de** ... ; utilizado **em**.

14. A

Vazio **de** quanto amávamos [...] consiste **em** atribuir...

15. D

A expressão “em relação” exige a preposição “a”; como ocorre em seguida um substantivo definido por artigo feminino, a crase surge da fusão da preposição com o esse artigo feminino: “em relação **à**”.

O adjetivo “inapropriado” exige emprego de preposição, no caso, “para”: “inapropriado para proteger”.

O adjetivo “inadequado” exige a preposição “a”; como ocorre em seguida um substantivo definido por artigo feminino, a crase surge da fusão da preposição com o esse artigo feminino: “inadequado **à**”.

16. B

No Texto II, o termo regente “culpado” pode receber como cópula de complemento as preposições “de”, “em” e “por”; porque o termo regido tem gênero gramatical masculino, é definido pelo artigo “o”, que é contraído com a preposição “por”, o que resulta em “pelo”.

17. B

O termo regente “advertência” pode receber como cópula de complemento as preposições “a”, “contra”, “de”, “para” ou “sobre”.

Estudo para o Enem

18. B

O termo regente “compreensão” pode receber como cópula de complemento a preposição “de”; como o termo regido, “elementos” é substantivo

masculino, está determinado por artigo definido plural, contraído com a preposição, tem-se como resultado “compreensão dos”.

O termo regente “inclusão” pode receber como cópula de complemento a preposição “de”; como o termo regido, “problemas”, é substantivo masculino, está determinado por artigo definido plural, contraído com a preposição, tem-se como resultado “inclusão dos”.

O termo regente “através” pode receber como cópula de complemento a preposição “de”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. D

Como “acostumada” é um adjetivo, exigindo complemento, que está regido pela preposição “a”, “ao luxo” é complemento nominal de “acostumada”.

Sendo “obedecia” a forma flexionada do verbo “obedecer”, seu complemento é objeto indireto, por ser regido pela preposição “a”, “aos pais”, portanto, é objeto indireto.

Por “adequada” ser um adjetivo, exigindo complemento, regido pela preposição “a”, sendo “ocasião” um nome de gênero gramatical feminino, “à ocasião” é complemento nominal de “adequada”.

“Soldado”, palavra de que deriva “soldadinho”, não exige complemento, logo, “de chumbo” é adjunto adnominal.

Assim, é correta apenas a alternativa D.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. C

O adjetivo “fiel” exige a preposição **a** para ter seu sentido plenamente compreendido. Dessa forma, quem é fiel é fiel **a** alguém ou **a** algo. A preposição **a** se une ao artigo masculino “o” livro (...fiel **ao** livro...) e também ao artigo feminino “a” palavra impressa (... **à** palavra impressa.)

*“Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser **fiel ao livro e à palavra impressa.**”*

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

38 REGÊNCIA VERBAL

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, foram abordadas as características da regência verbal como transitividade verbal, objeto direto e indireto, predicação verbal e a regência de pronomes oblíquos e retos.

Para ir além

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PERINI, Mário; FULGÊNCIO, Lúcia. Notas sobre a transitividade verbal. In: KIRST, Marta Helena Barão; CLEMENTE, Elvo. *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 63-82.

SAID ALI, Manuel. Verbos transitivos e intransitivos. *Idioma*, Rio de Janeiro, n. 20, ano XVII, p. 71-83, 1998.

Exercícios propostos

7. C

a) Incorreta. O verbo render, no sentido de dispensar, é transitivo indireto, exigindo a preposição "a". A redação correta, portanto, é: "A cidade tem características que lhe rendem, ao mesmo tempo, críticas e elogios".

b) Incorreta. O verbo interessar é transitivo indireto, exigindo a preposição "a". A redação correta, portanto, é: "Para você evitar o estresse, é imprescindível seguir o estilo de vida que mais lhe interesse".

c) Correta. A transitividade do verbo prezar é direta, portanto seus complementos não são acompanhados por preposições, assim como a alternativa está redigida.

d) Incorreta. O verbo acarretar, no sentido de provocar ou causar, é transitivo direto. A redação correta, portanto, é: "Sua distração acarretou grandes prejuízos para todo o grupo".

e) Incorreta. O verbo responsabilizar-se é transitivo indireto, exigindo a preposição "por". A redação correta, portanto, é: "Alguém precisa se responsabilizar pela abertura do prédio na hora combinada".

8. E

O verbo *ir* obriga o emprego da preposição *a*, portanto a redação que atende às normas gramaticais é "Aonde você pensa que vai com esse vaso?".

9. B

De acordo com a norma culta da língua portuguesa, o verbo *custar*, no sentido de ser difícil ou doloroso, é verbo transitivo indireto, exigindo, portanto, um complemento – um objeto indireto.

10. C

De acordo com o texto, a ideia é que uma sociedade pautada exclusivamente no ideal de justiça acabaria, seria reduzida a nada, aniquilar-se-ia. Trata-se de um uso metafórico do verbo, que, na oração, é intransitivo.

11. C

I. Correta. O trecho "Caso encontrassem um par, tornavam-se concubinos e alvos de punições" precisaria de ajuste, uma vez que a substituição do verbo por "transformavam-se" obriga o emprego da preposição "em".

II. Correta. O trecho "punindo-se os culpados" precisaria de ajuste, uma vez que a substituição do verbo por "dando-se punição" obriga o emprego da preposição "a" em sua referência a pessoas.

III. Incorreta. Tanto "afrontar" como "confrontar" são sinônimos de "enfrentar" e apresentam a mesma transitividade; ajustes não seriam, portanto, necessários.

12. B

É falsa a segunda proposição. A palavra "ocorridas" não poderia ser substituída por "que houveram" sem infração às regras de concordância, pois, para que seja estabelecida a concordância verbal correta, o verbo "haver" deveria estar conjugado na 3ª pessoa do singular, pois apresenta o mesmo sentido de "existir". Assim, a substituição possível seria: "que houve".

Também não é verdadeira a quarta proposição. Se o verbo "renunciam" fosse substituído por "recusam"; o complemento verbal sofreria alteração. O verbo "renunciar"; no contexto, é transitivo indireto, pois exige como complemento a preposição "a" ("Algumas mulheres renunciam ao direito"). O verbo "recusar", com o sentido de "rejeitar, renunciar"; é transitivo direto, ou seja, não necessita de complemento. Desse modo, com a substituição, ficaria: "Algumas mulheres recusam o direito de ficar com o filho recém-nascido [...]".

13. D

A primeira afirmação é a única incorreta. Para ficar de acordo com a regência do verbo "desconfiar"; a substituição de "o que" deveria ser feita por "de que".

14. E

A alternativa A está incorreta quanto à lacuna 1.

O verbo “sentir” nesse caso demanda um objeto direto, que é o pronome “a”; em substituição à “coisa irresolvida”. Como o verbo termina em som nasal, o pronome assume a forma “na”.

Do mesmo modo está incorreta a alternativa B quanto à lacuna 2, pois o verbo “esquecer”, no contexto empregado, é verbo transitivo direto. Deve, portanto, ser acompanhado por um objeto direto, no caso, o pronome “a” no lugar de “lição de inglês”. Como termina em “r”, o pronome assume a forma “la”.

É falsa a alternativa C no que se refere ao preenchimento da lacuna 3, já que o verbo “responder” nesse caso é transitivo indireto. Assim, deve-se empregar o pronome “lhe” em vez de “o”.

Já a alternativa D está incorreta em todas as lacunas, conforme explicações das alternativas anteriores.

15. A

O verbo *dormir* é intransitivo; uma vez que *lhe* é acrescida uma circunstância de companhia, é imprescindível o emprego da preposição “com”: “dormindo com ele”. Vale ressaltar que essa opção, ainda que correta do ponto de vista gramatical, interferiria no paralelismo das orações.

16. A

A alternativa correta é a A, já que “Lhe castigo na esteira” apresenta uma próclise no início da frase, isto é, a frase é iniciada pelo pronome oblíquo átono “lhe”; o que está em desacordo com a norma-padrão. Além disso, por se tratar de um verbo transitivo direto, “castigar” deveria ser acompanhado pelo pronome “o” como objeto direto. A frase, ao contrário do que preconiza a norma-padrão, começa com um pronome oblíquo átono. Além disso, sendo transitivo direto o verbo “castigar”, o objeto direto não pode ser preenchido pelo pronome “lhe”, que deve ser substituído pelo pronome “o”.

17. C

No enunciado, o verbo destacado tem transitividade direta, uma vez que exige complemento sem o uso da preposição; situação idêntica ocorre nas alternativas A, B, D e E.

Já na alternativa C, o verbo é intransitivo; é preciso atentar para o fato de “sonhar” desempenhar função de sujeito posposto.

Estudo para o Enem

18. D

Em ambos os casos temos o verbo “publicar” como transitivo direto, já que exige um objeto

direto como complemento (quem publica, publica algo). Na primeira ocorrência, o objeto direto é “a imagem de um receituário”; já na segunda ocorrência o objeto direto é “uma nota”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. D

O verbo *assistir* com a função de ver algum filme ou espetáculo deve vir acompanhado de sua regência: a preposição *a*. No entanto, o verbo *assistir* sem a preposição tem sentido de dar assistência a alguém, algum enfermo, por exemplo. A omissão da regência obrigatória da preposição é um coloquialismo tipicamente brasileiro, ou seja, não corresponde aos padrões da norma culta.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. A

a) Correta. O verbo avisar exige regência com preposição *a*.

b) O verbo agir com o verbo ir na posição de auxiliar necessita da preposição *com*.

c) O verbo depender com o verbo ir na posição de auxiliar necessita da preposição *de*.

d) O verbo discutir com o verbo ir na posição de auxiliar necessita da preposição *com*.

e) O verbo duvidar com o verbo ir na posição de auxiliar necessita da preposição *de*.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, é abordado o uso da crase, com o objetivo de proporcionar ao aluno as condições de compreender as razões da aplicação daquela quando da interpretação e produção de textos. Para tanto, são explicados os casos obrigatórios, facultativos e proibidos de utilização da crase.

Para ir além

BORBA, Francisco da Silva. *Sistemas de preposições em português*. São Paulo. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DIÓRIO Jr., Eduardo. O uso das preposições dos séculos XIV a XVIII: Um estudo preliminar. In: *Anais do 4º Encontro do CELSUL*, p. 252-63, 2001.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Rúh Elisabeth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, Márcia Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 15-38, 1985, Universidade Federal de Uberlândia.

Exercícios propostos

7. E

As contrações de preposição + artigo definido feminino nas locuções adverbiais com palavras femininas (*à distância*) devem ser indicadas com sinal grave.

8. B

Não deve ser utilizada a crase se houver palavras repetidas, como é o caso de “frente a frente”.

9. E

O uso da crase é obrigatório quando os números fazem referência a hora, como em “Chegaremos às duas horas”.

10. $02 + 08 = 10$

02) está correta porque não se utiliza crase diante de verbos; logo, “incitam indivíduos a tomar”.

08) está correta porque, se o termo “aprendizado” for substituído pela palavra feminina “aprendizagem”, deve haver crase, pois houve a possibilidade de transposição do feminino para o masculino e vice-versa: “ganharíamos mais se os cursos fossem direcionados, por um lado, à aprendizagem sistemática da leitura e da interpretação”.

11. D

A crase deve ser empregada em locuções adverbiais femininas, como é o caso de “à espera”.

12. D

Como a palavra “casa” não está definida por algum qualificador, pode não ser empregada a crase indicando contração da preposição com o artigo feminino, pois este não foi necessário.

13. A

Na primeira lacuna, deve-se utilizar a crase em “ataque à cidade do Pilar”, já que a regência determina que a palavra “ataque” seja seguida de preposição; assim, verifica-se a fusão de “a” preposição + “a” artigo.

Na segunda lacuna, não deve ser utilizada a crase se houver palavras repetidas, como é o caso de “cara a cara”.

Na terceira lacuna, não deve ser empregada crase diante de pronome pessoal; logo, “não deu a chave a ele”.

Na quarta lacuna, deve-se utilizar a crase em “ameaça à população”, já que a regência determina que a palavra “ameaça” seja seguida de preposição; assim, verifica-se a fusão de “a” preposição + “a” artigo.

14. B

Se a forma verbal “criam” fosse substituída por “dão origem”, haveria crase: “Elas dão origem à ilusão”. A justificativa para tanto é que a regência determina que a palavra “origem” seja seguida de preposição; assim, verifica-se a fusão de “a” preposição + “a” artigo. Nos outros dois casos, seria usado “diante da” e “acesso a uma”.

15. D

Na primeira lacuna, não deve ser utilizada a crase se houver palavras repetidas, como é o caso de “dia a dia”.

Na segunda lacuna, não se usa crase diante de verbo, como é o caso de “tudo a ver”.

Na terceira lacuna, não se usa crase diante de palavra masculina, como ocorre em “submete a tratamento”.

Na quarta lacuna, deve-se utilizar a crase em “em relação à população brasileira”, já que a regência determina que a locução “em relação” seja seguida de preposição; assim, verifica-se a fusão de “a” preposição + “a” artigo.

16. E

No título “Apresentador Chris Rock fica à revelia de polêmica sobre racismo no Oscar”, a regra determina o uso obrigatório da crase porque se trata de uma locução prepositiva: “à revelia”.

17. Sugestão de resposta – Na primeira passagem, o sinal indicativo da crase não está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa contemporânea, pois não se trata de objeto indireto do verbo, mas sim de objeto direto. O objeto indireto está marcado no pronome “lhe”. Tem-se a ideia: pedir alguma coisa (objeto direto) a alguém (objeto indireto), que são na oração, respectivamente, “permissão” e “lhes”. No segundo caso, a crase está correta, pois o verbo “opor-se” rege objeto indireto iniciado pela preposição “a”, e este objeto, por sua vez, tem um nome feminino como núcleo, precedido pelo artigo “a”.

Estudo para o Enem

18. A

A crase, em “bate à porta”, indica que alguém dá batidas na porta com a intenção de chamar uma pessoa ou solicitar atendimento. Já a frase “bate a porta” indica que alguém dá uma pancada na porta para fechá-la. Assim, são fatores sintáticos que determinam diferentes significados no poema, porque eles estão diretamente relacionados à transitividade do

verbo. No uso com crase, bater é transitivo indireto, enquanto que sem crase é transitivo direto.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. D

Há crase diante da palavra “moda”, com o sentido de “à moda de”, mesmo que a palavra “moda” esteja subentendida, como é o caso de “mesa à [moda] americana”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. E

O emprego da crase é opcional diante de pronomes possessivos femininos, de modo que pode ser escrito “Agora estou me segurando à minha maneira” ou “Agora estou me segurando a minha maneira”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

40 TÓPICOS DE ORTOGRAFIA II

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, são apresentadas palavras e expressões que costumam causar dúvidas ou “tropeços” ao serem empregadas. Assim, este módulo visa proporcionar ao aluno ferramentas para interpretar adequadamente a norma-padrão da língua portuguesa.

Para ir além

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

Exercícios propostos

7. D

I. “A alegria do menino aumentava tanto que ele mal se continha”: “mal” é advérbio e antônimo de “bem”.

II. “Há muito comércio perto de onde moro”: “onde” indica o lugar em que alguém ou alguma coisa está, ou seja, transmite a ideia de estado de permanência.

IV. “Não aceito nada que venha de encontro aos meus princípios morais”: “de encontro a” significa “contra”, “em oposição a”, “para chocar-se com”.

8. D

Nesse período, “tampouco” é um advérbio usado para reforçar ou para repetir uma negação feita anteriormente, tendo como sinônimo “nem”, “se-quer” e “muito menos”.

9. 02 + 04 + 08 = 14.

02) “Porquê” significa “o motivo” ou “a razão” e é substantivo.

04) “Por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas.

08) “Por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas.

10. Sugestão de resposta – “Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou”. “Por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas; no caso, há preposição e pronome relativo = “pelo qual”.

11. C

“Por quê” é usado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas ou, ainda, de maneira isolada.

12. a) Sugestão de resposta – “Você não fez a lição por quê?”: usa-se “por quê” em perguntas no final da frase.

b) Sugestão de resposta – “O mal das pesquisas é que não são feitas por meio de perguntas realmente adequadas”: “mal” é antônimo de “bem”.

13. E

“Não sei por que me mandaram para a sepultura dentro deste *smoking* ridículo e bolorento!”: “por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas. “Por quê? – protesta o sapateiro”: usa-se “por quê” no final das frases interrogativas diretas ou indiretas ou, ainda, de maneira isolada. “Porque é rica?”: “porque” é usado em respostas e, neste caso, é uma conjunção coordenativa explicativa, podendo ser substituído por “pois” e “uma vez que”. “Porque é uma dama”: “porque” é usado em respostas e, neste caso, é uma conjunção coordenativa explicativa, podendo ser substituído por “pois” e “uma vez que”.

14. 01 + 04 + 08 = 13.

O correto na alternativa 02 seria “do Brasil à África”, com uso da crase, dada a flexão feminina do substantivo que se refere ao continente, ou “de Brasil a África”, sem flexão de gênero.

01) “Há” indica tempo passado.

04) “A”, nesse caso, indica distância.

08) “Há”, nesse caso, significa “existe”.

15. A

O correto é “Se pago, quero saber por que pago”, pois se utiliza “por que” no início das frases interrogativas diretas ou indiretas.

16. E

A regência do verbo “comparecer” é “a” (“comparecer a”); logo, trata-se da fusão da preposição “a” com o artigo “a”: “à”. Deve-se usar “por quê”, pois ele é utilizado no final das frases interrogativas diretas ou indiretas ou, ainda, de maneira isolada.

17. B

“Por quê” é usada em fim de perguntas e, como a própria personagem indica, “Porque” em respostas e “Por que” em início de perguntas.

Estudo para o Enem

18. 01 + 02 + 08 = 11.

01) De fato, há quatro formas de usar os “por-ques”: “porque”, “por que”, “porquê” e “por quê”.

02) Em “sabe-se lá por que”; “por que” pode ser substituído, sem alteração de sentido, por “por qual razão” ou “por qual motivo”.

08) É possível, em “sabe-se lá por que” por “sabe-se lá o porquê”; já que, neste caso, tem-se um substantivo que significa “motivo”; “razão”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. C

Usa-se “por quê” no final das frases interrogativas diretas ou indiretas ou, ainda, de maneira isolada.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. E

“Também por que a senhora vem logo na missa das seis?”: “por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas. “Por que não vem mais tarde?”: “por que” é empregado no início das frases interrogativas diretas ou indiretas. “Porque quero”: “porque” é usado em respostas e, neste caso, é uma conjunção coordenativa explicativa, podendo ser substituído por “pois” e “uma vez que”. “Porque não é da sua conta”: “porque” é usado em respostas e, neste caso, é uma conjunção coordenativa explicativa, podendo ser substituído por “pois” e “uma vez que”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO DO PROFESSOR
SISTEMA DE ENSINO DOMINANTE

41 ACENTUAÇÃO

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, são apresentados conceitos ligados à prosódia, como o acento prosódico ou tônico, o tom e a duração, para que o aluno possa compreender a importância da acentuação gráfica, cujas regras são apresentadas em seguida, com o intuito de promover a adequada interpretação textual e o emprego adequado da norma-padrão da língua portuguesa.

Para ir além

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

———; RODRIGUES, Antônio Basílio; FREITAS, Horácio Rolim de. (Org.). *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna; Liceu Literário Português, 2005, v. 7.

DEQUI, Francisco. *Português (fono-orto-morfo)*. 5. ed. Canoas: Centro de Estudos Sintagmáticos – IPUC, 2002.

FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

FERRAREZI Jr., Celso. *Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018.

Exercícios propostos

7. A

Na primeira estrofe, foram acentuadas as palavras “língua” e “fácil”, paroxítonas terminadas, respectivamente, em ditongo crescente e em “-l”.

8. B

A palavra “mídia” é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente, ao passo que “eletrônica” recebe acento por ser proparoxítona.

9. C

As palavras “consciência” e “ofício” são paroxítonas terminadas em ditongo crescente: “-ia”, “-io”. “Intrínseco” e “dúvida” são palavras proparoxítonas, devendo ser sempre acentuadas. As palavras “levá-lo-iam” e “atrás” são oxítonas terminadas em “-a(s)”, lembrando que, no caso da primeira, formada por verbo + pronome pessoal, considera-se apenas “levá-”.

10. D

“Lá” é um monossílabo tônico, acentuado por terminar em “-a”.

11. C

A palavra “ótima” é proparoxítona e, por isso, deve ser acentuada.

12. B

As palavras “indícios”, “máfia” e “inteligência” não são oxítonas, mas sim paroxítonas terminadas em ditongo crescente: “-ios”, “-ia”, “-ia”.

13. B

As palavras “inércia”, “princípio” e “indústria” são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente: “-ia”, “-io”, “-ia”.

14. D

As palavras “só” e “já” são acentuadas por serem monossílabos tônicos terminados, respectivamente, em “-o” e “-a”. Apenas “café” é acentuada por ser uma oxítona terminada em “-e”.

15. A

As palavras “Através”, “várias” e “grátis” são acentuadas, pois tem-se respectivamente oxítona terminada em -e, paroxítona terminada em ditongo crescente e paroxítona terminada em -is.

16. C

O acento circunflexo na 3ª pessoa do plural do verbo “ter” (e derivados) é chamado de acento diferencial, pois serve para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular. Assim, considerando que o sujeito é “aqueles”, os verbos devem ser conjugados na 3ª pessoa do plural: “detêm” e “têm”.

17. $01 + 02 + 04 + 08 = 15$.

01) As palavras “literatura”, “juízes” e “assessoria” são paroxítonas, já que têm a penúltima sílaba tônica.

02) Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas, mas, obviamente, há outras razões que justificam a acentuação das palavras.

04) Devem ser acentuadas as oxítonas terminadas em “a(s)”, “e(s)” e “o(s)”, de modo que, mesmo tendo a última sílaba tônica, as palavras “rapaz” e “policia” não recebem acento.

08) Devem ser acentuadas as paroxítonas terminadas em ditongo crescente, caso de “resistência” e “insistência”: “cia” e “cia”.

Estudo para o Enem

18. B

As palavras “violência” e “judiciário” são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente: “-ia” e “-io”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

As palavras “húmus”, “processos” e “adubo” são paroxítonas, pois têm a penúltima sílaba tônica. “Húmus” é acentuada por ser paroxítona terminada em “-us”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. 01 + 02 = 03.

01) As palavras “agradável”, “automóvel” e “possível” são acentuadas por serem paroxítonas, ou seja, por terem a penúltima sílaba terminada em “-l”:

02) A prosódia indica que as palavras terminadas em “-l” sejam lidas como oxítonas, como, por exemplo, “moral”; “farol”; “legal”; assim, para que a tonicidade seja concentrada na penúltima sílaba, “agradável”, “automóvel” e “possível” recebem acento.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINGOS

42 PONTUAÇÃO

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, são apresentados os sinais de pontuação e as respectivas regras para que sejam empregados de acordo com a norma-padrão. O objetivo é fazer com que o aluno distinga os diversos sentidos assumidos pelo texto conforme a pontuação empregada, favorecendo, assim, a adequada interpretação textual.

Para ir além

FERRAREZI Jr., Celso. *Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018.

LUKEMAN, Noah. *A arte da pontuação*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MORAES, Jorge Viana de. Sinais de pontuação: origem histórica dos sinais. *Pedagogia & Comunicação*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/sinais-de-pontuacao-origem-historicados-sinais.htm>>. Acesso em: fev. 2019.

SILVA, Joel João da. *Como pontuar em português*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

Exercícios propostos

7. D

As duas primeiras vírgulas separam o aposto “nos-sas inimigas”, que explica quem são as “moscas”.

8. D

A vírgula, em “Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados”, separa um adjunto adverbial deslocado, já que está no início da oração. Isso também se verifica na oração “No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens”.

9. E

Nas orações “Não sou médico” e “Sou médico, não”, o sentido é semelhante, já que diz respeito ao fato de o locutor não exercer a medicina.

10. B

No trecho em destaque, as aspas foram empregadas para indicar um neologismo, já que “antena-da” quer dizer que a geração procura estar bem informada sobre o que acontece ao seu redor.

11. D

Na oração “Encontrei minha prima, querida”, verifica-se a presença de um interlocutor, para quem o locutor afirma ter encontrado a prima. Na oração “Encontrei minha prima querida”, verifica-se apenas a fala do locutor, que considera a prima uma pessoa querida.

12. E

A vírgula revela uma elipse do verbo “perder” no trecho “Sem dúvida alguma, as artes brasileiras perdem um magnífico ator. Velho Chico [perde] a razão de ser”.

13. A

As aspas, no trecho, foram usadas para destacar falas das pessoas que cultuam o desapego sentimental: “não vou demonstrar a minha afeição para não parecer fraco”, “se ele não me procura, também não irei procurá-lo”, “não preciso de ninguém” e “vou demorar para responder a mensagem para deixá-lo esperando”.

14. C

Na frase, as vírgulas separam termos enumerados, que são: praça verde, praça seca, parque com grade, parque sem grande.

15. A

As aspas foram empregadas no interior da fala do escrivão para reproduzir literalmente a solicitação de Francisco Antônio: “Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher””.

16. a) Sugestão de resposta – A vírgula no trecho “nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália” marca o aposto explicativo de “Rosa”.

b) Sugestão de resposta – Em “o tempo se arrastava, o sol se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham”, as vírgulas delimitam as orações coordenadas assindéticas (sem conjunção), apenas a última é coordenada sindética aditiva em relação à anterior. No trecho “deixando suas marcas nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas”, trata-se de uma enumeração de adjuntos adverbiais de lugar.

17. Há uma incoerência no emprego das palavras “previdentes” e “previsto”, pois quem é previdente, prevê situações futuras. Se o autor tivesse usado aspas em “previdentes”, o leitor entenderia que o autor usou de ironia, já que os administradores foram imprevidentes, pois deveriam ter previsto a crise que se anunciava.

Estudo para o Enem

18. C

A vírgula deve ser empregada quando há vocativo, caso de “meu Deus” no verso “Eta vida besta, meu Deus”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. D

No texto, os dois-pontos foram empregados para introduzir um argumento esclarecedor para o erro cometido por aquele que “procura a essência de um conto no espaço que fica entre a obra e o autor”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. B

No miniconto, as reticências indicam uma informação implícita sobre a atitude do PM: ele atirou, provavelmente, por pensar que a pessoa baleada fosse um bandido.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

43 FIGURAS DE LINGUAGEM

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Para analisar os diversos matizes da linguagem textual, o conhecimento das figuras de linguagem é de fundamental importância, o que se verifica no presente módulo, por meio das figuras de som, de palavras, de sintaxe e de pensamento.

Para ir além

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística geral*. São Paulo, Nacional/USP, 1976.

BRUNO, Aníbal. *Interjeições e onomatopeias*. Recife: Tese de concurso, 1993.

CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em: fev. 2019.

GREIMAS, Algirdas Julius. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. São Paulo, Cultrix/USP, 1976.

_____. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix-USP, 1969.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Maria Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literária*. Madrid: Gredos, 1976. v. II.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

PIRES-DE-MELLO, José Geraldo. *Figuras de estilo*. São Paulo: Rideel; Brasília: UniCEUB, 2001.

VEREZA, Solange Coelho. Metáfora e argumentação: uma abordagem discursiva. In: *Linguagem e Discurso*. v. 23, 2007. p. 487-506.

_____. *Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem*. Niterói: Eduff, 2007.

VOLLI, Ugo. *Manual de Semiótica*. São Paulo: Loyola, 2007.

Exercícios propostos

7. C

Antítese é a aproximação de palavras que expressam ideias opostas, como as palavras “longo” e “curta” no verso “para tão longo amor tão curta a vida”

8. A

Comparação é o estabelecimento de uma relação comparativa explícita entre palavras ou expres-

sões, marcado, no caso, pela conjunção “como”: “Pálida [...] / Como a lua por noite embalsamada”

9. C

Aliteração é a repetição de sons de consoantes iguais ou semelhantes, o que se verifica na letra “r” na canção de Chico Buarque.

10. A

Hipérbole é o exagero de uma ideia com o objetivo de expressar intensidade, já que o “bater de coração” é “tão violento” que pode ser ouvido “ainda agora”.

11. B

Metáfora é uma figura de palavra que transporta a palavra (ou a expressão) do seu sentido literal para o sentido figurado, como se verifica em “essa perna a mais era um membro fantasma”.

12. C

Na matéria, as elipses ocorridas no início do terceiro e quarto parágrafos são, respectivamente, “processos éticos” e “penas confiáveis”. Para comprovar isso, é preciso resgatar o segundo parágrafo: “Segundo o Cremesp (Conselho Médico Paulista), de 2012 a 2016, foram registrados 379 processos éticos por essa razão – 87 já julgados. / Desses [379 processos éticos], 39 foram inocentados e 48, julgados culpados. A maioria (26) recebeu penas confidenciais e 22, públicas. / As primeiras [penas confidenciais] são advertências e censuras sigilosas (só o médico fica sabendo)”.

13. C

Onomatopeia é o processo de formação de palavras ou fonemas com o objetivo de tentar imitar o barulho de um som, quando são pronunciadas. Nos trechos, “Cris-pim – cris-pim – cris-pim – crispim!” e “nhein ... nheinnhein ... renheinnhein” imitam, respectivamente, o som dos joãos-de-barro e do carro de bois.

14. a) Sugestão de resposta – Trata-se das palavras “virtude” e “interesse”. O narrador, ao registrar o pensamento de Rita, atribui à virtude a característica humana da preguiça e da avareza; e ao “interesse”, a atividade e a prodigalidade.

b) Esse processo de atribuir características humanas a entes abstratos denomina-se prosopopeia ou personificação.

15. Sugestão de resposta – Nas passagens “onze amigos!” e “esta engenhosa ideia”, o narrador é irônico.

Em “onze amigos!”, há a frustração do defunto autor com o número reduzido de acompanhantes do enterro, revela-se o anticlímax. A expressão “esta engenhosa ideia” ironiza o discurso proferido à beira da cova, em que proliferam clichês, como a comparação do momento fúnebre com o dia sombrio e chuvoso. Há, portanto, imagens desgastadas.

- 16.** Sugestão de resposta – O texto em 1ª pessoa dá voz à Floresta Amazônica, o que configura personificação ou prosopopeia. Seu discurso visa a denunciar a destruição de seu ecossistema, sendo um expediente retórico que promove a empatia com o leitor, tentando persuadi-lo a posicionar-se a favor da proteção desse bioma.
- 17.** Sugestão de resposta – Paradoxo é a associação de conceitos contraditórios na representação de uma só ideia. No texto, os termos que produzem o efeito de paradoxo são: o “silêncio” e “grita”.

Estudo para o Enem

18. E

Paronomásia é a utilização de palavras parônimas, ou seja, palavras com significados diferentes que se escrevem e se pronunciam de forma parecida. Assim, no poema de Manuel Bandeira, há várias palavras parecidas, como “onda”, “anda”, “aonde” e “ainda”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. E

Comparação é o estabelecimento de uma relação comparativa explícita entre palavras ou expressões, o que se verifica com o emprego dos termos “igual” e “também”, no trecho “Apadrinhe. Igual ao João. Milhares de crianças também precisam de um melhor amigo”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. C

Eufemismo é a substituição de palavras ou expressões com o objetivo de suavizar a mensagem, como se verifica com o emprego do verbo “prover-se”, confirmando a informação contida no primeiro parágrafo de que “o príncipe regente, futuro imperador do Brasil e rei de Portugal, estava com dor de barriga”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

44 VÍCIOS DE LINGUAGEM

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Para analisar os diversos matizes da linguagem textual, o conhecimento dos vícios de linguagem é de fundamental importância.

Para ir além

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

LEDUR, Paulo Flávio; SAMPAIO (SAMPALUO), Paulo. *Os pecados da língua*: pequeno repertório de grandes erros de linguagem. Porto Alegre: AGE, 2000.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.

Exercícios propostos

7. D

As palavras “*stop*”, “*play*” e “*fast forward*” são estrangeirismos, ou seja, palavras de outro idioma usadas exageradamente em lugar de outras da língua portuguesa.

8. A

Na primeira tirinha, “sobremesiano” é um neologismo, ou seja, uma nova palavra criada para expressar, no contexto, a pessoa que come sobremesa. Na segunda tirinha, “*champagne com peppermint*” e “*print*” são estrangeirismos, ou seja, palavras de outros idiomas usadas sem necessidade, já que há termos equivalentes na língua portuguesa.

9. A

A norma-padrão orienta que pronomes retos não ocupem a posição de objeto, como ocorre em “... vi **ele**...”, em que devem constar pronomes oblíquos. O indicado seria: “... o vi...”.

10. E

As palavras “cigarrasse”, “vergonheira” e “homênciã” são neologismos, ou seja, palavras novas, criadas para indicar, respectivamente, “fumasse um cigarro”, “muita vergonha” e “qualidades masculinas”.

11. Sugestão de resposta – O neologismo verbal “divinam” provém do latim “*divinare*”, que significa adivinhar, descobrir, atribuindo ao sabiá uma sabedoria divina, uma vez que o neologismo remete ao adjetivo divino. Esse jogo de palavras criado pelo poeta (adivinhar, divinam, *divinare*) aponta um limite para os poderes da ciência.

12. As afirmações 01 e 02 estão corretas, pois a palavra “talvezeiro” tem uma conotação negativa, pois o sufixo “-eiro” costuma ter conotação pejorativa e, no caso, diz respeito à pessoa que não consegue tomar decisões, que procrastina ou que se “mantém em cima do muro para não se comprometer”.

13. A

O texto trata da importância das redes sociais para as manifestações populares e, considerando que se trata de um meio digital e, por isso, de configurações recentes, há forte presença de estrangeirismos, como se pode verificar, entre outras, nas seguintes passagens: “A maior parte da comunicação entre as pessoas que estão participando das manifestações está sendo feita *online* através do Facebook, bem como de outras redes sociais também, como o Twitter, YouTube e o Google+” e “No Brasil, o grupo “Anonymous” assumiu um tipo de liderança ideológica no Facebook durante essas manifestações que acontecem pelo Brasil. Prova disso é a *fanpage* principal do grupo no Facebook que teve uma guinada explosiva nos últimos dias”.

14. D

Em sua crônica, Marcia Tiburi se mostra aberta à inovação no uso do idioma, incluindo a incorporação dos estrangeirismos, como comprova o seguinte trecho: “Há dois tipos de caipira. Um que era o oposto da elite, como o simpático Jeca Tatu, e outro, que é a própria nova elite, o cantor da dupla sertaneja que, depois de um banho *fashion*, fica pronto para o ataque às massas, mesmo que seu estilo continue sendo o do chamado “*jeca*”. Refiro-me ao “caipira” ou “*jeca*” como figura genérica, mas poderia também falar da moça cantando seu axé *music*, seu *funk*”.

15. C

Em seu poema, Manoel de Barros se refere ao gosto pelo neologismo nos versos “A gente se inventava de caminhos com / as novas palavras”, já que aquele consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou ainda na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente.

16. a) Sugestão de resposta – A palavra “homênciã” é um neologismo, que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou ainda na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. A palavra em questão não está dicionarizada e é derivada de “homem”; contudo, seu sentido vai muito além daquele expresso pela palavra “homem”: como não existe sinonímia perfeita, a criação do novo termo

faz aparecer novos sentidos para o termo derivado. Assim, é preciso considerar que os sentidos nascem a partir das relações ou associações entre os signos que constituem o texto, de modo que os sentidos da palavra “homênciã” opõem-se a “desonrado”, “desmerecido”, “marcado a ferro feito rês”: “Homênciã”, no âmbito do fragmento apontado, aproxima-se semanticamente de “pessoa honrada, que se destaca pelo mérito de suas ações e que não se deixa submeter ao outro”.

b) Sugestão de resposta – Uma das características mais marcantes em Guimarães Rosa é a não se submeter à padronização linguística estabelecida pela Gramática Normativa. Em relação ao léxico, ele incorpora em seus contos marcas da linguagem regional, cria novos termos e recria novos sentidos para palavras já existentes na língua portuguesa. Ao criar o termo “homênciã”, no fragmento anterior, Rosa põe o leitor em uma postura ativa diante do texto, já que exige dele a reconstrução dos sentidos do neologismo. Com isso, para aferir o sentido de “homênciã”, será preciso resgatar, ao longo da narrativa, a imagem do homem sertanejo, que está profundamente ligado ao sertão. Assim, Rosa, ao criar a palavra “homênciã”, nesse fragmento, faz surgir um homem em conflito consigo mesmo, um homem cindido, caracterizado por dois mundos: o divino e o mundano. Dessa antítese, surge um homem fortemente marcado pela religiosidade, pela conduta moral, um homem modalizado por perturbações interiores (em relação à religião – no âmbito do fragmento). Rosa mostra, pois, um homem angustiado, marcado por preocupações metafísicas. Com isso, as questões regionais assumem proporções universais: “o sertão é dentro da gente”. O autor, opondo-se àquela literatura que via o sertanejo de maneira preconceituosa, valoriza a imagem dele.

- 17.** Sugestão de resposta – Há duas possibilidades de resposta, uma vez que o fragmento apresenta dois neologismos: “transabertos” e “estorinhador”. O uso desses neologismos intensifica e matiza a caracterização do personagem Taímo. Assim:

1) o adjetivo “transabertos” realça o olhar e, por metonímia, o estado ao mesmo tempo sonâmbulo, místico e transfigurado de Taímo em suposto contato com os mortos. Não se trata, portanto, de olhos comuns, mas de olhos abertos para o que está para além (trans-) do humano; 2) o substantivo “estorinhador” igualmente joga com os sentidos contrastantes de estória (ficção; narrativa popular e tradicional), história (ciência dos eventos passados), estoriador (contador de ficções, narrativas populares), historiador (cientista dos eventos passados), estorinha (ficção infantil; [historieta] narrativa curta de fato insignificante

ou jocoso). Neste sentido, estorinhador reúne paradoxalmente os aspectos fictícios, tradicionais, populares e reais das narrativas de Taímo, o que cria uma ambiguidade na recepção de suas “estórias” pelos filhos (e pelos leitores), dependendo das crenças que tenham.

Estudo para o Enem

18. E

Na letra da canção de Chico Buarque, as palavras “cowboy” e “rock” são estrangeirismos, ou seja, termos de outra língua empregados em lugar de palavras da língua portuguesa.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. B

As palavras “desmoçou” e “deslimites” são neologismos, ou seja, criações de palavras novas, que não estão dicionarizadas e derivam, respectivamente, de “moça” e “limite”: “desmoçar” seria o mesmo que “tirar a virgindade” e “deslimites” o mesmo que “sem limites”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

- 20.** A frase da manchete é sintaticamente ambígua por permitir que haja interpretação de que existe violência por parte do governo do Estado, que estaria sendo combatida. A ambiguidade é, assim, eliminada na frase “Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.”, uma vez que a palavra “violência” foi deslocada para um ponto da sentença em que não pode ser lida como comando da estrutura “do governo do Estado”.

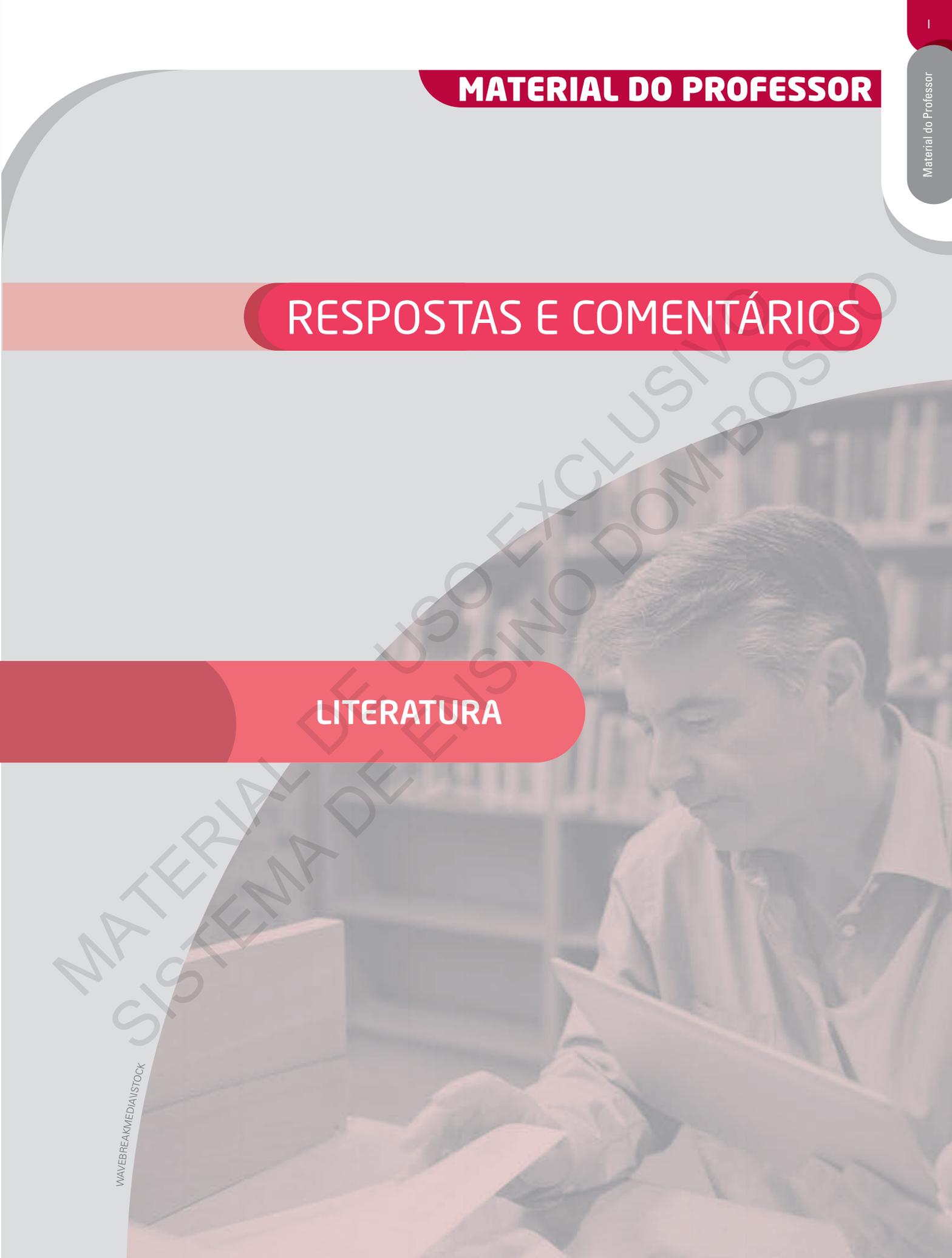
Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

LITERATURA

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



APRESENTAÇÃO

LITERATURA

As mudanças nos principais exames de vestibular e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) têm mostrado que a preparação para o ingresso na universidade exige muito mais do que um bom material didático. Além de dominar competências trabalhadas no Ensino Médio, os alunos precisam conhecer a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver habilidades para obter autonomia e entender criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para o prosseguimento do estudo em nível superior. Os exames seletivos de muitas universidades do país avaliam também a associação entre competências e habilidades de diferentes áreas de conhecimento, a fim de confirmar se os candidatos as desenvolveram. Por isso, os estudantes que concluíram ou que estão em vias de concluir o Ensino Médio devem ser capazes de dominar linguagens, construir argumentações e elaborar respostas aos diversos questionamentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), orientadoras das avaliações do Enem, o encaminhamento pedagógico e metodológico para esse segmento deve envolver temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

Pensando nisso, foi elaborada esta coleção integrada para pré-vestibular extensivo e terceiro, abrangendo as áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças. O material procura contemplar assim todos os conteúdos exigidos em exames de vestibular de todo o país e no Enem, enriquecidos com variada coletânea de questões, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo, com indicação das respectivas competências e habilidades da Matriz de Referência do Enem. Com propostas metodológicas de ensino voltadas à preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, a coleção abrange todos os conteúdos do Ensino Médio, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios que facilitam a aprendizagem. Os alunos também se deparam com organização e sistematização teóricas seguidas de exercícios em níveis gradativos de dificuldade, o que facilita a fixação dos conceitos e o desenvolvimento de habilidades específicas associadas ao conteúdo trabalhado. Como apoio ao professor, em cada módulo as questões do material estão resolvidas e também há sugestões de leitura e de outros recursos de aprofundamento dos conteúdos.

CONTEÚDO

LITERATURA

Volume	Módulo	Conteúdo
3	17	Parnasianismo
	18	Simbolismo
	19	Pré-modernismo
	20	Modernismo em Portugal
	21	Primeiro modernismo no Brasil
	22	Segundo modernismo no Brasil

17 PARNASIANISMO

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos a escola parnasiana a partir de sua inspiração francesa, definição de seus conceitos e apresentação das características principais: ideal de arte pela arte, oposição ao subjetivismo romântico e à literatura engajada; explicação do caráter impessoal, objetivo e descritivo da literatura parnasiana, seguido de exemplos dos principais autores e obras parnasianos: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho, além de considerações acerca da não ortodoxia de parte desses autores que, embora identificados com ideais parnasianos, flertaram com o subjetivismo e o sentimentalismo.

Para ir além

Livros

AZEVEDO, Sânzio de (Org.). *Parnasianismo*. São Paulo: Global, 2007. (Roteiro da poesia brasileira, 4).

_____. (Org.). *Alberto de Oliveira*. São Paulo: Global, 2007. (Melhores poemas)

BANDEIRA, Manuel. Parnasianos. In: _____. *Apresentação da poesia brasileira: seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. No coração do silêncio. In: _____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2018.

COHN, Sergio (Org.). *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. v. 4. (Pós-Romantismo).

FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HILL, Telenia (Org.). *Raimundo Correia*. São Paulo: Global, 2001. (Melhores poemas)

LAJOLO, Marisa (Org.). *Olavo Bilac*. São Paulo: Global, 2003. (Melhores poemas)

LEAL, Cláudio Murilo. (Org.). *Vicente de Carvalho*. São Paulo: Global, 2005. (Melhores poemas)

Filmes

AMÉLIA. Direção: Ana Carolina. Brasil: Crystal Cinematográfica e Rio Filme, 2000.

MOULIN Rouge – amor em vermelho. Direção de Baz Luhrmann. Estados Unidos: Twentieth Century Fox, 2001.

XANGÔ de Baker Street, O. Direção: Miguel Faria Jr. Brasil: Columbia TriStar Filmes do Brasil, 2001.

Links

Na página da Academia Brasileira de Letras, confira a bibliografia dos poetas parnasianos.

Olavo Bilac. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac>

Acesso em: jan. 2019.

Alberto de Oliveira. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/alberto-de-oliveira>

Acesso em: jan. 2019.

Raimundo Correia. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/raimundo-correia>

Acesso em: jan. 2019.

Vicente de Carvalho. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/vicente-de-carvalho>

Acesso em: jan. 2019.

Página com acervo da revista *Kósmos*, que circulou no Rio de Janeiro no início do século XX – bom exemplo das tendências artísticas e literárias da época. Disponível em:

<<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>>

Acesso em: jan. 2019.

Exercícios propostos

7. D

O trecho se refere a uma taça e mistura descrição minuciosa à temática clássica dos deuses que teriam manipulado tal objeto.

8. D

A imaginação criadora era característica própria do Romantismo. Ao retomar os valores clássicos, os parnasianos primavam pelo racionalismo e acreditavam que a poesia era fruto do trabalho árduo do poeta na construção dos versos.

9. Sugestão de resposta – Ce/go, em/ fe/bre a/ ca/ be/ça, a/ mão/ ner/vo/sa e/ fri/a,

Tra/ba/lha. A al/ma/ lhe/ sai/ da/ pe/na, a/lu/ci/na/da,

Sistema de rimas: ABBA-ABBA-CDE-EDC. A busca pela perfeição formal dos parnasianos refletiu-se no emprego que Olavo Bilac faz do verso alexandrino (dodecassílabo) e na forma do soneto; trata-se de métrica e forma clássicas que foram usadas pelos parnasianos como modelos de construção literária.

10. Sugestão de resposta – O eu lírico não se vê bem-sucedido, já que ele acredita criar algo maior do que realmente é; sua obra é ínfima (“um grão de areia”) em comparação à profusão de sentimentos ideais que lhe inspiram.

- 11.** Sugestão de resposta – O caráter metalinguístico do poema de Olavo Bilac já demonstra sua preocupação com a própria poesia, além do já evidente trabalho com a versificação e metrificacão. Ao construir a imagem edificante do trabalho do poeta, o poema “Vanitas” confirma a sua vocacão parnasiana de trabalhar com o tema da Beleza.
- 12.** D
Trata-se de um soneto em versos decassílabos com o esquema de rimas apresentado na alternativa D.
- 13.** C
Na alternativa C, encontra-se um exemplo de rima rica entre o substantivo plural “pombais” e o advérbio “mais”.
- 14.** A
Somente a afirmacão I está correta. A II está incorreta pois não se pode depreender do texto essa originalidade do movimento parnasiano brasileiro. Também a III está incorreta, uma vez que o crítico Alfredo Bosi afirma que o olhar objetivo e impessoal é característica comum ao Realismo e ao Parnasianismo.
- 15.** B
Alberto de Oliveira é considerado o poeta mais representativo do Parnasianismo; em suas obras são raros os devaneios subjetivos e sentimentais comuns a poetas como Bilac, por exemplo; sendo assim, o culto à forma, o descritivismo e os motivos clássicos são as constantes da poesia do autor.
- 16.** D
A presença de elementos artísticos da Antiguidade e da mitologia grega no soneto de Alberto de Oliveira representam a continuidade de uma tendência nada inédita na história da literatura. Longe de atualizar os mitos ou de relacioná-los aos problemas concretos da vida social brasileira, o uso dos temas do mundo antigo estão de acordo com a defesa da beleza em si mesma, da “arte pela arte”.
- 17.** Sugestão de resposta – Segundo o eu lírico, a arte de se fazer boa poesia consiste em um trabalho intenso, de muito esforço, e que resulte em aparente simplicidade.

Estudo para o Enem

- 18.** C
O poema citado no enunciado é o soneto “Língua Portuguesa”, de Olavo Bilac. Trata-se, portanto, de um poema parnasiano, movimento cujas características principais são apresentadas na alternativa C: arte pela arte, culto à forma e retorno aos motivos clássicos.
- Competência de área 5** – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- H17** – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.
- 19.** A
Apesar de corresponder às expectativas de uma obra parnasiana, pelo rigor formal e a racionalidade, o poema de Raimundo Correia trata da dissimulação a que são submetidos os indivíduos, para que possam ser mais bem aceitos socialmente.
- Competência de área 5** – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- H16** – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- 20.** B
A “atenuação da subjetividade e do sentimentalismo” está expressa na caracterização objetiva e materialista de um palácio, conforme se apresenta na alternativa B.
- Competência de área 5** – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- H16** – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

Comentários sobre o módulo

Módulo que apresenta a escola simbolista em sua relação com o contexto histórico de consolidação das ideias positivistas. O Simbolismo opõe-se à visão científica e racional do mundo, buscando dela fugir por meio de procedimentos estéticos que trabalham com a subjetividade, a sugestão e as imagens sensoriais. Tendo inspiração francesa, sobretudo em Baudelaire, a estética em Portugal se desenvolve sobretudo com Antônio Nobre e Camilo Pessanha; no Brasil, é ofuscada pelo sucesso parnasiano, mas tem dois representantes significativos: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

Para ir além

Livros

AGUIAR, Flávio (Org.). *Cruz e Souza*. São Paulo: Global, 1998. (Melhores Poemas)

AMORA, Antônio Soares (Org.). *Presença da Literatura Portuguesa – Simbolismo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

BALAKIAN, Anna. *O simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Stylus, 5)

BANDEIRA, Manuel. Simbolistas. In: _____. *Apresentação da poesia brasileira – seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

COHN, Sergio (Org.). *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. v. 4. (Pós-Romantismo).

COUTINHO, Afrânio (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Fortuna Crítica)

FERNANDES, Annie Gisele; GARMES, Helder (Orgs.); NOBRE, Antônio. *Só* (seguido de *Despedidas*). Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

FRANCHETTI, Paulo (Org.); PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

FRANCHETTI, Paulo. *As Aves que Aqui Gorjeiam: A Poesia Brasileira do Romantismo ao Simbolismo*. In: _____. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

GOMES, Álvaro Cardoso. *O Simbolismo*. São Paulo: Ática, 1994.

GUIMARAENS Filho, Alphonsus de (Org.). *Alphonsus de Guimaraens*. São Paulo: Global, 2001. (Melhores Poemas)

JUNKES, Lauro (Org.). *Simbolismo*. São Paulo: Global, 2007. (Roteiro da Poesia Brasileira, 5)

LEMINSKI, Paulo. *Vida – Cruz e Sousa, Bashô, Jesus, Trótski*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Inclui *Cruz e Sousa: o negro branco*, editado anteriormente na coleção *Encanto Radical*, ed. Brasiliense)

MOISÉS, Massaud. *O Simbolismo (1893-1902)*. São Paulo: Cultrix, 1969.

PRADINI, Paola. *Cruz e Sousa*. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Retratos do Brasil Negro)

RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2006.

Filmes

CRUZ e Sousa – o poeta do Desterro. Direção: Sylvio Back. Brasil, 1998.

SONHOS. Direção: Akira Kurosawa. EUA, Japão: Warner Home Video, 1990.

Sites

Página sobre Cruz e Sousa no portal Literafro, dedicado à literatura afro-brasileira, da UFMG. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro/autores/206-cruz-e-sousa>

Acesso em: jan. 2019.

Exercícios propostos

7. D

A objetividade realista e parnasiana é deixada de lado pelos simbolistas, que buscam apreender a realidade por meio de um olhar subjetivo, marcado por aspectos sensoriais que se traduzem em associações e imagens sugestivas na obra poética.

8. Sugestão de resposta – Enquanto os parnasianos acreditam que a palavra pode ser trabalhada de forma precisa para um resultado perfeito, os simbolistas duvidam dessa exatidão; essa postura os coloca em um outro caminho de produção poética. Para os simbolistas, a realidade não é apenas aquilo que se apresenta a nós como concreto, pois além do que os olhos nos revelam, há o mistério, a essência das coisas, que não pode ser compreendida – ou manifestada – racionalmente. Em termos técnicos, esses artistas lançam mão de sinestésias e de musicalidade para a composição poética – que se podem trabalhar, além da rima e do ritmo, pelas aliterações (repetição de sons consonantais) e assonâncias (repetição de sons vocálicos).

9. D

O eu lírico foca sua descrição num momento específico e usa imagens associadas aos sentidos, como as cores fortes do arco-íris e da luz solar, dando ênfase à impressão causada pela cena retratada.

10. Sugestão de resposta – Ao aproximar aspectos dos diferentes sentidos por meio das palavras “audição”, “colorida” e “aroma”, o verso constrói uma sinestesia, recurso muito utilizado pelos poetas simbolistas a fim de colaborar na descrição subjetiva e sugestiva de seus temas.

11. C

As afirmações I e II estão corretas, uma vez que analisam com precisão tanto o poema quanto sua inserção na estética simbolista. A afirmação III está correta no que diz respeito ao caráter de ma-

nifesto de “Antífona” para o Simbolismo brasileiro; no entanto o poema foi publicado no volume *Broquéis*, de Cruz e Sousa, sendo este um dos dois livros que o autor publica em 1893, marcando o início do movimento no Brasil.

12. B

A única alternativa que caracteriza corretamente o simbolismo brasileiro é a letra (D), que cita a musicalidade explorada pelos poetas da estética e remonta à característica inexatidão e vagueza das sensações e sentimentos.

13. A

A avaliação do poeta acerca das ânsias e dos desejos ocorre a partir de uma subjetividade que coloca esses desejos em lugares inatingíveis, não só pela distância a que são elevados, mas pela sua falta de concreitude, que é trabalhada por Cruz e Sousa nas imagens vagas típicas de sua poesia e do simbolismo de maneira geral.

14. D

O Simbolismo é a escola literária que explora a sugestividade dos elementos poéticos. A alternativa a) refere-se ao primeiro Modernismo; a b) está mais próxima do Realismo; a c) do Neoclassicismo; e a e) da poesia pós-moderna.

15. E

O soneto de Olavo Bilac pertence ao Parnasianismo; o de Cruz e Sousa, ao Simbolismo. Das duas tendências literárias apenas a primeira preocupa-se com o ideal da Arte pela Arte. Portanto, as duas primeiras afirmativas são falsas.

16. D

A aliteração de fonemas como /r/, /z/ e /t/ marcam a exploração da musicalidade por Cruz e Sousa que, além disso, recorre à força da imagem figurativa do palhaço que faz rir enquanto sofre para construir seu poema.

17. a) Sugestão de resposta - Há vários pressupostos do Simbolismo: musicalidade: “O vocábulo pode ser música”, “a sensação do som”; cromatismo: “gradações da luz”, “exatidão da cor”; sinestesia: “uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica”.

b) Sugestão de resposta - Para Cruz e Sousa, o escritor, como um “psicólogo”, interpreta o inconsciente; como um “miniaturista”, percebe os detalhes; e, como um “pintor”, imortaliza o que capta, criando gradações, tonalidades, para, mais que descrever, recriar ou sugerir “os longes da paisagem”. Em suma, o escritor interpreta a realidade, e a recria artisticamente.

Estudo para o Enem

18. C

No texto, Cruz e Sousa relaciona o estado das almas com o aprisionamento em um cárcere, evidenciando sua dor e pessimismo sobre a vida, além de haver uma aproximação com o plano metafísico do tema da dor humana, tema universal, confirmando a alternativa (C) como correta.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

19. E

A alternativa apresenta a estrofe metalinguística do soneto. Ao final do poema, o ser caracterizado é posto como uma espécie de autor que “transforma tudo em flores”, ironiza “as próprias dores” e, principalmente, “**canta** por entre as águas do Dilúvio”.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

20. E

Os versos da última estrofe apresentada exemplificam a sugestão do “culto do vago” abordado pelo crítico no texto sobre o Simbolismo. Enquanto os outros trechos materializam objetos concretos – “um velho paredão”, “um palácio [que] dorme”, “aquele vaso”, “um ídolo de gesso” – passíveis de descrição, nos versos da “Antífona” de Cruz e Sousa há mais aproximação do que certeza ao caracterizar tais “Formas” como “alvas, brancas, [...] claras/De luas, de neves, de neblinas” e ainda “vagas, fluidas, cristalinas”.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

19 PRÉ-MODERNISMO

Comentários sobre o módulo

Neste módulo estudamos o Pré-Modernismo, etapa literária de transição para o Modernismo que compreende. Compreende o período entre 1900 e 1922, com importantes obras e autores da literatura brasileira que não atendem a uma única linha temática ou formal. Por outro lado, apresenta algumas convergências, como o trabalho cuidadoso com a linguagem, a perspectiva crítica sobre a realidade nacional e certo tom cientificista herdado dos realistas/naturalistas. São apresentados, no módulo, os principais autores e obras: Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto e Augusto dos Anjos.

Para ir além

ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e interpretação de Os sertões*. 4. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O Pré-Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BUENO, Alexei (Org.). *Pré-Modernismo*. São Paulo: Global, 2007. (Roteiro da poesia brasileira, 6).

COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Org.). *Augusto dos Anjos: textos críticos*. Brasília: INL, 1973.

CUTI. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Retratos do Brasil negro).

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GULLAR, Ferreira (Org. e estudo crítico). *Toda poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LAJOLO, Marisa (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____; CECCANTINI, João Luís. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAES, José Paulo (Org.). *Augusto dos Anjos*. São Paulo: Global, 1994. (Melhores poemas).

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____; LAJOLO, Marisa. *Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Filmes

GUERRA de Canudos. Direção: Sérgio Rezende. Brasil, 1997.

POLICARPO Quaresma: herói do Brasil. Direção: Paulo Thiago. Brasil, 1988.

Sites

Página especial da Academia Brasileira de Letras sobre Euclides da Cunha. Disponível em:

<www.euclidesdacunha.org.br/>

Acesso em: fev. 2019.

Página sobre Lima Barreto no portal Literafro, dedicado à literatura afro-brasileira, da UFMG. Disponível em:

<www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/450-lima-barreto>

Acesso em: fev. 2019.

Página do Museu da República na qual é possível baixar uma cronologia resumida dos eventos da Guerra de Canudos.

<<http://museudarepublica.museus.gov.br/cronologia-resumida-da-guerra-de-canudos/>>

Acesso em: fev. 2019.

Exercícios propostos

7. Sugestão de resposta – A primeira geração romântica do Brasil valeu-se de idealizações da paisagem brasileira e dos habitantes da terra para compor uma identidade para o país recém-independente. Euclides da Cunha, por outro lado, diferenciou-se dos românticos pela ausência de idealização e presença de cientificismo, abordando a paisagem nacional a partir de sua observação analítica e propósito descritivo. Além disso, o pré-modernismo trouxe à luz diferentes olhares críticos acerca da realidade nacional, afastando os autores do período dos pioneiros da literatura do Brasil independente.

8. D

No texto de Lobato convivem a denúncia do atraso nacional e do descaso das autoridades em relação a essa situação degradada, aliados a uma visão crítica herdada do realismo/naturalismo.

9. A

A imagem que João Teodoro tem de si mesmo é a de um homem sem qualquer valor, sua conclusão de que Itaoca chegara “mesmo ao fim”, se dá por ele ter sido nomeado delegado. Segundo o próprio texto: “Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro.”

- 10.** Sugestão de resposta – Uma das ideias defendidas por Policarpo Quaresma era que no Brasil se deveria falar o tupi-guarani, a língua dos nativos. O português, para ele, era uma língua importada, estrangeira. Assim, o estudo do idioma indígena era uma expressão de seu nacionalismo xenofóbico.
- 11.** Sugestão de resposta – O apelido “Ubirajara” remete o leitor à obra indianista homônima, do escritor romântico José de Alencar. Tal título é o nome de um personagem indígena nativo das terras brasileiras.
- 12.** Sugestão de resposta – Quaresma acreditava que a dedicação ao estudo da língua indígena representava uma contribuição “para a grandeza e a emancipação da Pátria”, ou seja, tratava-se de um ato nacionalista, percebido pela resposta do personagem a Azevedo. Aos olhos dos colegas, contudo, tal comportamento era visto como excentricidade.
- 13.** B
A transfiguração do homem sertanejo diante de situações adversas contraria sua aparência de cansaço, ideia essa sintetizada no famoso trecho da obra inserido na alternativa (B).
- 14.** D
Há oposição entre escuridão e rutilância (= brilho).
- 15.** A
A relação entre a tela de Almeida Junior e a obra de Lima Barreto se dá pelo retrato de camadas médias e baixas da população brasileira; na pintura, a casa de material simples, as feições e o cotidiano representados pela viola e um pano ao redor do pescoço da imagem feminina corroboram com a ideia de que são indivíduos da classe baixa, bem como muitas das personagens criadas por Lima Barreto.
- 16.** B
No texto de Lima Barreto, a crítica é direcionada para o caráter machista da sociedade do início do século XX, que prendia a mulher ao pai e posteriormente ao marido, sem lhe conceder autonomia financeira.
- 17.** Sugestão de resposta – “Profundissimamente hipocodríaco”, verso composto de apenas duas palavras, sendo uma delas um advérbio em –mente no superlativo (-íssim-) e outra um termo que os parnasianos considerariam vulgar e de mau gosto. No entanto, Augusto dos Anjos obtém aí um “efeito especial” de intensidade e estranheza.

Estudo para o Enem

- 18.** A
Em “Negrinha”, Monteiro Lobato adota o ponto de vista crítico e carrega de ironia a narrativa dos maus-tratos da menina filha de escravizados adotada pela patroa. Nesse conto, a abordagem da infância difere de seus escritos ditos infantojuvenis, em que a infância é vista como momento de brincadeira e aprendizado.
- Competência de área 5** – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- H15** – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- 19.** A
A complexa identidade de Quaresma reflete uma temática do próprio pré-modernismo, qual seja: a busca por compreender a complexidade do Brasil.
- Competência de área 5** – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- H15** – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- 20.** C
O ponto de vista crítico de Monteiro Lobato pode ser entrevisto em seus personagens, como é o caso de Dona Benta que, ao criticar a abordagem da história de Dom Quixote, concordando com o personagem, afirma que “Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômodo para eles”, fazendo uma crítica ao modo como se conta a História.
- Competência de área 5** – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- H17** – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

20 MODERNISMO EM PORTUGAL

Comentários sobre o módulo

O módulo apresenta as vanguardas europeias do início do século XX - Expressionismo, Cubismo, Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo - antes de abordar o Modernismo português e seus principais autores. O contexto histórico contempla a instabilidade provocada pela Primeira Guerra Mundial e, em Portugal, pela proclamação da República. Neste cenário de transição política, aparecem a revista *Orpheu* e *Presença* e suas gerações de escritores. A ênfase é dada em Mário de Sá-Carneiro e na obra múltipla de Fernando Pessoa e seus principais heterônimos.

Para ir além

Livros

ÁVILA, Affonso (Org.). *O modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Stylus, 1)

BURGUER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Ubu, 2017.

FURNESS, R. S. *Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GUINSBURG, Jaime (Org.). *O expressionismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Stylus, 11)

GUINSBURG, Jaime; LEIRNER, Sheila (Orgs.). *O surrealismo*. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Stylus, 13)

GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão e Vanguarda e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. São Paulo: Leya, 2011.

MOISÉS, Massaud (Org.). *Presença da Literatura Portuguesa – Modernismo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

PAIS, Amélia Pinto. *Para compreender Fernando Pessoa*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas – polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EDUSP, 2010.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1972.

Filmes

GABINETE do Dr. Caligari, O. Direção: Robert Wiene. Alemanha, 1919.

NOSFERATU, Direção: Friedrich Wilhelm Murnau. Alemanha, 1922.

METRÓPOLIS, Direção: Fritz Lang. Alemanha, 1926.

CÃO andaluz, Um. Direção e roteiro: Luis Buñuel e Salvador Dalí. França, 1928.

IDADE do ouro, A. Direção: Luis Buñuel. Roteiro: Salvador Dalí. França, 1930.

AMORES de Picasso, Os. Direção: James Ivory. Estados Unidos, 1996.

Sites

Página do projeto Arquivo Pessoa, que reúne as obras do poeta português Fernando Pessoa. Disponível em:

<<http://arquivopessoa.net/>>

Acesso em: fev. 2019.

Exercícios propostos

7. C

Em *Mensagem*, Fernando Pessoa trabalha características caras ao ortônimo, como os arquétipos do imaginário português, e retoma Dom Sebastião e o messianismo em torno de sua figura.

8. B

Identifica-se no poema o heterônimo Alberto Caeiro, dada a simplicidade temática e a recusa à abstração, uma vez que a borboleta, segundo o eu-lírico, não tem cor nem movimento, a borboleta é apenas ela e a cor é que seria cor em suas asas.

9. Sugestão de resposta – Os dois poemas abordam a poesia como fingimento, isto é, como ficção.

10. Sugestão de resposta – Fernando Pessoa foi criador de poetas; seus heterônimos tão ricos e diversos partiam do mesmo criador, o “fingidor” Pessoa, de modo que se pode associar as ideias contidas em “Isto” e “Autopsicografia” com a própria trajetória poética do autor português.

11. Sugestão de resposta – A influência do Futurismo (que se observa na poesia de Álvaro de Campos) pode ser verificada na exaltação da máquina, símbolo de progresso, movimento e velocidade. Vejam-se as expressões “rodas”; “engrenagens”; “r-r-r-r-r-r eterno”; “maquinismos em fúria”; entre outros.

12. D

Além de divulgar uma estética, a revista *Orpheu*, grande ponto de introdução do Modernismo em Portugal, adotou procedimentos poéticos das vanguardas, como o choque, a irreverência e a alucinação, relacionadas ao momento europeu de inovação estética e caos social por conta da guerra.

13. A

A apóstrofe marca a interlocução do eu-lírico com o mar, convidando-o a refletir sobre os aspectos positivos e negativos das navegações portuguesas.

14. B

A afirmativa III está incorreta pois Almada-Negreiros não era um heterônimo de Fernando Pessoa, mas um poeta que, junto a Pessoa e Sá-Carneiro, entre outros, participou da revista *Orpheu*.

15. D

Para o eu-lírico de Caetano, a existência não precisa ser questionada ou explicada, concordando com a ideia do poeta Silesius, para quem a existência da flor não responde a nada externo, mas parte dela mesma.

16. B

Uma das características do heterônimo Alberto Caetano é adotar um ponto de vista objetivo e sensível para a percepção do mundo, o que se observa no poema através de uma recusa de questionamento da existência do que quer que seja, uma vez que as coisas apenas existem, sem abstrações.

17. Sugestão de resposta – A influência do Futurismo (que se observa na poesia de Álvaro de Campos de modo geral) pode ser vista nos seguintes versos: “À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica”, na menção à eletricidade e à fábrica como local de produção do poema; “Ser completo como uma máquina!”, em que se indica a ideia futurista de que a máquina viria para completar a incompletude humana; “Poder ir na vida triunfante / como um automóvel último-modelo!”, em que se valoriza o automóvel, invenção recente graças às novas tecnologias e que está associada à velocidade.

Estudo para o Enem

18. D

A máscara apresenta formas simples e, em certa medida, relacionadas às formas geométricas que

serviram de base e inspiração para o Cubismo cultivado por Pablo Picasso no início do século XX.

Competência de área 4 – Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H14 – Reconhecer o valor da diversidade artística e das inter-relações de elementos que se apresentam nas manifestações de vários grupos sociais e étnicos.

19. E

A caracterização do trânsito por meio da expressão “quadro dramático” tem mais de um sentido, pois se refere tanto ao cenário caótico da obra original, a *Guernica* de Picasso, com a qual dialoga quanto ao caos do congestionamento no fim do feriado.

Competência de área 4 – Compreender a Arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H13 – Analisar as diversas produções artísticas como meio de explicar diferentes culturas, padrões de beleza e preconceitos artísticos.

20. E

Fernando Pessoa deixa claro, no poema *Isto*, a separação entre seus sentimentos pessoais e os sentimentos expressos na poesia, que são atribuídos ao eu-lírico. Trata-se de tema caro a Fernando Pessoa, aparente em poemas como “Autopsicografia”.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

21 PRIMEIRO MODERNISMO NO BRASIL

Comentários sobre o módulo

Foi apresentado o Modernismo no Brasil a partir dos pressupostos da Semana de Arte Moderna, como a exposição de Anita Malfatti, em 1917. Ainda, foi abordada a realização da Semana e sua importância para a divulgação das ideias do grupo modernista de São Paulo, com a valorização da liberdade criadora, a oposição às formas clássicas de composição artística e a influência das vanguardas artísticas. A partir da Semana de Arte Moderna, destaca-se a obra de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira, a tríade fundamental da Semana em cujas obras, cada uma com um estilo muito próprio, se identificam os propósitos modernistas através dos quais, consolidaram-se no Brasil uma nova arte e uma nova estética.

Para ir além

Livros

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

BANDEIRA, Manuel. *Modernistas. Apresentação da poesia brasileira – seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil – 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. (Sabor Literário).

_____. *Vida e morte da Antropofagia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. (Sabor Literário).

CANDIDO, Antonio. *Carrssel. Na sala de aula – caderno de análise literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2018.

FONSECA, Maria Augusta. *Por que ler Mário de Andrade*. São Paulo: Globo, 2011.

_____. *Por que ler Oswald de Andrade*. São Paulo: Globo, 2014.

GALVÃO, Walnice Nogueira (Org.). *Modernismo*. São Paulo: Global, 2007. (Roteiro da Poesia Brasileira, 7).

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Por que ler Manuel Bandeira*. São Paulo: Globo, 2007.

HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986.

MORAES, Marcos Antonio de. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.

REZENDE, Neida. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 2007.

Filmes e seriado

MACUNAÍMA. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Brasil, 1969.

LIÇÃO de amor. Direção: Eduardo Escorel. Brasil, 1975.

PAGU. Direção: Norma Benguel. Brasil, 1987.

SÓ CORAÇÃO, Um. Direção: Carlos Manga. Escrita por Maria Adelaide Amaral. Brasil, 2004.

Exercícios propostos

7. E

Drummond identifica em Oswald de Andrade “intata personalidade”, que mantém a força e a agressividade dos arredores de 1922, momento explosivo do Modernismo, ainda “em seus últimos dias”.

8. D

A ironia figura na referência que Drummond faz ao ímpeto antiburguês de Oswald de Andrade sem abrir mão de sua condição burguesa – vale lembrar que o autor modernista era de uma família abastada de São Paulo –, o que lhe garantia lugar nos “andares mais altos”.

9. A

O advento modernista tinha como linha de força principal a ruptura com a repetição da arte tradicional europeia em uma realidade específica como a do Brasil. Assim, passam a ser valorizados temas e formas nacionais.

Competência de área 4 – Compreender a Arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H12 – Reconhecer diferentes funções da Arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.

10. C

Mais do que a ruptura com o velho continente, o modernismo rompe com formas artísticas tradicionais. Inspirou-se nas vanguardas do início do século, mas desenvolveu uma leitura particular das estéticas modernas.

11. Sugestão de resposta – O “herói sem nenhum caráter”, como ficou conhecido Macunaíma, segundo Mário de Andrade, é uma representação do brasileiro e do latino-americano em geral; essa população, sobretudo no Brasil, é fruto da miscigenação ocorrida pelo processo de colonização

em que três “raças” se misturaram e formaram a etnia brasileira, isto é, o índio, o negro e o branco. Ao ter as três raças em si, Macunaíma simboliza a formação e a identidade do povo brasileiro.

12. D

A referência à Corte é quase proposital para que haja a valorização da oralidade da língua, expressa na fala do Conde d’Eu retratado no poema de Oswald. Assim, o poema-piada do modernista realça a expressividade da oralidade.

13. E

As quatro afirmações estão corretas em se tratando da poesia de Manuel Bandeira. Em 1, o poema tem tom narrativo; em 2, podemos considerar a maneira como trata o relacionamento amoroso como bastante banal e cotidiano, uma característica de sua obra; em 3, a estranheza é imperfeição e ao mesmo tempo diferencial positivo; já em 4, não se pode dizer que haja, em “Namorados”, alguma forma fixa, mas, em se tratando de toda a obra de Manuel Bandeira, é possível encontrar métricas mais regulares em algumas composições, tornando a afirmativa correta.

14. A

A presença de vírgulas no segundo verso, em oposição à ausência delas no primeiro, marca uma diferença de sentido que opõe a fluidez do primeiro verso e o ritmo truncado do segundo.

15. C

Característico da poética de Manuel Bandeira, o seu escapismo se expressa, no poema, pelo desejo de retorno à infância a partir das experiências concretas que viveu – no caso, a escuta das cigarras.

16. A

A importância das antigas cigarras pode ser vista no tratamento de segunda pessoa do plural dado às cigarras atuais, interlocutoras do eu lírico.

17. C

O poema de Oswald de Andrade se assemelha a um cartão que informa o nascimento de um bebê, sobretudo pela linguagem utilizada, geralmente estereotipada nesse tipo de gênero. A partir do título, contudo, o poeta atribui tom filosófico e existencial à questão do nascimento de uma criança, associando tal fato à maturidade. O estranhamento que possivelmente causa no leitor (e nos alunos) é característico da técnica do ready-made. (Professor, caso necessário, recorde os alunos do Dadaísmo trabalhado no módulo anterior).

Estudo para o Enem

18. A

As anotações visam direcionar a leitura do que é apresentado no poema, como dados culturais e históricos – por exemplo, a indicação do Brasil como “país do futebol” ou, ainda, o hábito cultural de se referir ao número 6 como “meia dúzia”, comum no Brasil.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. B

A obra de Tarsila do Amaral é efetiva para a resposta da questão: no Modernismo, as obras buscavam temas mais cotidianos – e nativos –, além das cores e formas bem definidas, bem geométricas, como se vê em *O mamoeiro*.

Competência de área 4 – Compreender a Arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H12 – Reconhecer diferentes funções da Arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.

20. A

O poema composto por versos sintéticos e sem descrição detalhada das ações é característico do Modernismo da 1ª fase. A vida na metrópole é retratada, no poema, pelo paradoxo entre o bonde cheio de pessoas e a solidão do eu lírico, confirmando, assim, a alternativa (A).

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

22 SEGUNDO MODERNISMO NO BRASIL

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, foi apresentado o segundo momento do Modernismo no Brasil a partir dos anos 1930, quando o contexto mundial político e econômico gerou crises financeiras, ascensão de sistemas totalitários e a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, a crise cafeeira e da produção açucareira, bem como a Revolução de 1930, abalaram as estruturas sociais, e todo esse contexto abriu para os autores uma margem de trabalho que se caracterizou, sobretudo, por uma literatura assinalada pelo engajamento social. Assim, desenvolve-se o Romance de 30, marcado pelo regionalismo em sua maioria nordestino, mas também com representação no Sul do país. Na poesia, o engajamento dos autores demonstrou outros caminhos, absorvendo conquistas estéticas da geração anterior e trabalhando a seu modo ideias próximas ao Surrealismo e ao Simbolismo, mas também a denúncia social e certo tom espiritualista.

Para ir além

Livros

AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado, uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

BUNEO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP, 2015.

CANDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a cultura. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 0000.

_____. Pastor pianista/pianista pastor. In: _____. *Na sala de aula – caderno de análise literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2018.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil best seller de Jorge Amado – literatura e identidade nacional*. São Paulo: Senac, 2003.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira*. IMS: São Paulo. (Volumes dedicados a Rachel de Queirós, Jorge Amado, Erico Verissimo, Carlos Drummond de Andrade).

JUNQUEIRA, Ivan (Org.). *Anos 30*. São Paulo: Global, 2007. (Roteiro da Poesia Brasileira, 8).

MACHADO, Ana Maria. *Romântico, sedutor e anarquista – como e por que ler Jorge Amado hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano – retrato fragmentado*. São Paulo: Globo, 2011.

Filmes e série

VIDAS secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil, 1963.

MENINO de engenho. Direção: Walter Lima Júnior. Brasil, 1965.

SÃO Bernardo. Direção: Leon Hirzman. Brasil, 1972.

DONA Flor e seus dois maridos. Direção: Bruno Barreto. Brasil, 1976.

FOGO morto. Direção: Marcos Farias. Brasil, 1976.

GABRIELA. Direção: Bruno Barreto. Brasil, 1983.

MEMÓRIAS do cárcere. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil, 1984.

MEMORIAL de Maria Moura. Brasil, 1994. (Série de TV)

TIETA do Agreste. Direção: Cacá Carvalho. Brasil, 1996.

POETA de sete faces. Direção: Paulo Thiago. Brasil, 2002.

TEMPO e o vento, O. Direção: Paulo José. Adaptação: Doc Comparato. Brasil, 2005. (Série de TV)

VINÍCIUS. Direção: Miguel Faria Jr. Brasil, 2005.

ENGENHO de Zé Lins, O. Direção: Vladimir Carvalho. Brasil, 2006.

CAPITÃES da areia. Direção: Cecília Amado e Guy Gonçalves. Brasil, 2011.

Exercícios propostos

7. D

O desenvolvimento da musicalidade, a tematização da efemeridade da vida, bem como a presença de imagens transitórias associam esse poema – e a obra de Cecília Meireles – à estética simbolista, embora a autora se encontre cronológica e formalmente dentro do Modernismo, uma vez que incorpora em sua poesia as inovações estéticas propostas pela fase heroica.

8. A

O romanceiro da Inconfidência, Cecília Meireles retoma de forma lírica os acontecimentos do século XVIII, em Vila Rica, de modo que sua obra não constitui documento histórico, mas uma reconstrução dos fatos sob perspectiva literária e ficcional, valendo-se de uma narrativa em versos que mescla formas clássicas e populares, dialogando com a tradição da poesia em língua portuguesa, própria da autora.

9. Sugestão de resposta – O conflito consiste na oposição entre o sonho/utopia da fartura/plenitude e a realidade feita de carências. Para a família de Fabiano, a realidade é determinada pela seca e se concretiza na miséria; já as prateleiras e altares representam o mundo não determinado pela seca e pela miséria, cheia de objetos para os quais as personagens sequer tem representação linguística; opõem-se assim dois universos: a riqueza

que não faz parte do universo das personagens e a sua miséria determinada, entre outros pontos, pela seca.

10. Sugestão de resposta – A passagem exemplifica uma das maiores violências à qual as personagens do romance são submetidas: a privação da linguagem. Eles observam a quantidade de objetos que os cercam, sobretudo os irmãos, filhos de Fabiano, e não conseguem imaginar que haja palavras para nomear o volume de objetos que se dão a ver; aliás, a ausência da linguagem e, portanto, de vocabulário que os permita descobrir os objetos que veem torna tais elementos distantes, quase dotados de uma mística que não consegue ser desfeita, uma vez que a ausência da linguagem os impede até mesmo de imaginar: “Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas”.

11. Sugestões de respostas

a) Sugestão de resposta – A ideia de “adoçamento” social, apontada por Gilberto Freyre, consiste no convívio entre as diferentes etnias na/ para a formação da nação brasileira, que ameniza o choque cultural e político que essa formação trouxe consigo. No poema, podem-se detectar diferentes momentos em que o encontro de culturas faz parte da formação do eu lírico e que, sem problematização evidente, exemplificam o “adoçamento” citado por Freyre:

I – “Mãe-negra me contou histórias de bicho” (nota-se a influência da cultura negra, da ama que cuidava do filho do senhor de engenho);

II – “tocando maracá” (aqui há influência da cultura indígena, dado que o maracá é um instrumento musical de origem nativa);

III – “ brincando com as crioulas” (aponta a relação erótica do filho do senhor de engenho com as mulheres negras agregadas. O convívio sexual aparece também em “emprenhando tudo que encontrava”).

b) Sugestão de resposta – A “democracia” apresentada no título do poema se expressa ao longo dele por meio de um processo “sincretismo cultural”, em que as culturas negra, indígena e branco-europeia convivem e se misturam. As escolhas vocabulares do poema, bem como a referência dele a elementos das diferentes etnias em questão mostram uma mistura linguística e, ao fim e ao cabo, cultural, exaltando a miscigenação e o convívio nessa “democracia”; ideia encerrada nos últimos versos do trecho: “me misturando, me sumindo, me acabando, / para salvar a minha alma benzida / e meu corpo pintado de urucu, / tatuado de cruces, de corações, de mãos-ligadas, / de nomes de amor em todas as línguas de branco, de mouro ou de pagão”.

12. E

As afirmativas I, II e III retomam questões caras aos romancistas da Geração de 30 e ao próprio autor, Jorge Amado, que enxerga nas religiões africanas formas de resistência, inclusive ao descalço da administração pública em relação à doença que se alastra sobre o Nordeste, no excerto; além disso, as formas desiguais de modernização ficam evidenciadas no excerto e no contexto de *Capitães da areia*, sendo também herança do processo de colonização brasileiro.

13. C

O poema, publicado em *Sentimento do mundo*, é exemplo da segunda fase poética da obra do autor em que há maior reconhecimento da influência do mundo na formação do indivíduo. Itabira, cidade natal do poeta, é reconhecida como responsável por características do eu lírico forjadas no passado.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

14. D

Na sequência: *Terras do sem fim*, de Jorge Amado, trata de conflitos de terra para plantar cacau; *Fogo morto*, de José Lins do Rego, retrata a decadência dos engenhos de açúcar, no Nordeste; *O quinze*, de Rachel de Queiroz, tem no título a referência à grande seca de 1915, vivida pela escritora em sua infância; por fim, *São Bernardo*, de G. Ramos, narra os desmandos de Paulo Honório, proprietário rural.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

15. E

Dentre as alternativas, aquela que não pode ser associada à poética de Cecília Meireles é a letra (E), uma vez que a orientação intimista é uma constante da poesia da autora, poucas vezes deixada de lado, como em *Romanceiro da Inconfidência*.

16. E

José Lins do Rego é responsável pela construção de um quadro da decadência da produção cafeeira-

ra no Nordeste brasileiro e, em grande parte de suas obras, os fatos narrados têm origem nas experiências do autor. Já Graciliano Ramos foge de qualquer nostalgia ao descrever o ambiente rural, seja da fazenda, seja do sertão, assolado pela seca, unindo a denúncia social à profundidade de análise psicológica de seus personagens.

- 17.** Sugestão de resposta – Para Quitéria, a morte é algo próprio da existência humana, portanto é natural que deve ser encarado no cotidiano. Já, segundo a própria Quitéria, Tibério tem “medo de pensar na morte”, tendo uma postura diferente dela; portanto, Quitéria enfrenta a realidade da morte e Tibério foge do tema.

Estudo para o Enem

18. A

Ao longo do texto, o eu lírico convida seu interlocutor a transcender, deixando de lado o medo da morte e, assim, alcançando a eternidade. O poema segue a tendência intimista da poetisa e se aproxima da estética simbolista ao buscar aspectos reflexivos acerca da existência, com presença também do espiritualismo.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. B

Em *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles reflete que o equilíbrio das relações humanas – graças às suas múltiplas condições – se dá através do significado das palavras e, portanto, por meio da linguagem. Segundo o texto, “Todo o sentido da vida / principia” à porta das palavras.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H17 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

20. C

A lâmpada, ou a luz, enquanto metáfora, ganha o sentido de conhecimento, ou seja, é preciso conhecimento para enxergar as situações com clareza.

Nesse sentido, a literatura e o escritor podem ser o meio de munir o leitor de conhecimento iluminando a “escuridão” da ignorância e, portanto, denunciando aquilo que não se pode/deve ocultar.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H17 – Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

Exercícios interdisciplinares

- 21.** $02 + 04 + 08 = 14$.

A afirmação 02 está correta, pois o “homem” se reduz a “coisa” e tal transformação é representada pelo neológico advérbio de modo “coisamente”. A afirmação 04 está correta, pois o sufixo “-mente” transforma o substantivo “coisa” em advérbio de modo: “coisamente”. A afirmação 08 está correta, pois “coisamente” é advérbio de modo, ao passo que “coisa”, do qual deriva, é substantivo.

- 22.** $01 + 02 = 03$

A afirmação 01 está correta, pois, no fragmento, verifica-se a ironia, recurso marcante na escrita de Clarice Lispector, com relação à descrição da moça nordestina, como comprova o seguinte trecho: “Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém”. A afirmação 02 está correta, pois “quem” e “tudo” são palavras formadas pelo processo de derivação imprópria, já que passaram de pronome e adjetivo para substantivos: “esse quem” e “esse oco”.

- 23.** $01 + 04 + 06 = 11$

A afirmação 01 está correta, pois, de fato, nos versos 4, 6 e 8 do poema I, o emprego da vírgula sinaliza a elipse do verbo de ligação: “Embora o pão seja caro / E a liberdade, [seja] pequena / Como teus olhos são claros / E a tua pele, [é] morena / Como é azul o oceano / E a lagoa, [é] serena”. A afirmação 04 está correta, pois Manuel Bandeira fez parte do Modernismo e sua poesia era marcada pelo tema cotidiano, pela linguagem simples, pelos versos livres, pela concisão e pela subversão da concepção tradicional da lírica amorosa. A afirmação 06 está correta, pois o poema de Ferreira é construído em métrica regular de sete sílabas, ou seja, redondilhas maiores: “Co/mo/ dois/ e/ dois/ são/ qua/tro”, “Sei/ que a/ vi/da/ va/le a/ pe//na”.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

3

